

**Entre Corpos e Ecrãs – Identidades e Sexualidades
dos jovens nos novos *media***

Daniel dos Santos Cardoso

**Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação
(Volume de Anexos)**

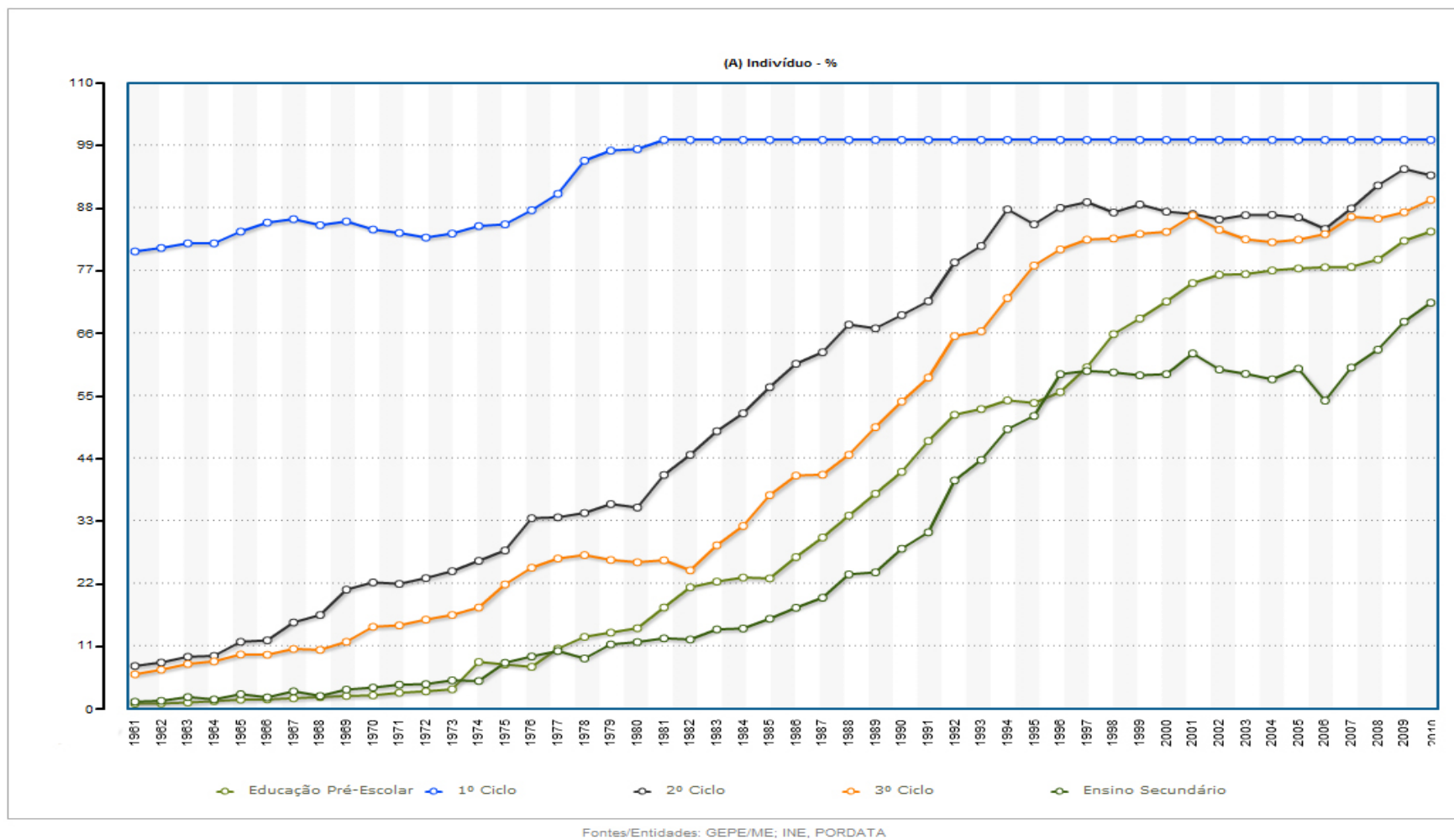
Janeiro, 2016

ÍNDICE

ANEXO 1	1
ANEXO 2	2
ANEXO 3	3
ANEXO 4	21
ANEXO 5	54
ANEXO 6	61
ANEXO 7	62
ANEXO 8	63
ANEXO 9	78
ANEXO 10	93
ANEXO 11	94
ANEXO 12.....	95
ANEXO 13	110
ANEXO 14	111
ANEXO 15	117
ANEXO 16	118
ANEXO 17	121
ANEXO 18	129
ANEXO 19	137
ANEXO 20	147
ANEXO 21	164
ANEXO 22	172
ANEXO 23	180
ANEXO 24	181
ANEXO 25	185

ANEXO 26	186
ANEXO 27	187
ANEXO 28	192
ANEXO 29	197
ANEXO 30	202
ANEXO 31	207
ANEXO 32	212
ANEXO 33	217
ANEXO 34	222
ANEXO 35	227
ANEXO 36	232
ANEXO 37	237
ANEXO 38	242
ANEXO 39	247
ANEXO 40	248
ANEXO 41	294
ANEXO 42	310
ANEXO 43	342
ANEXO 44	377
ANEXO 45	423
ANEXO 46	457
ANEXO 47	496
ANEXO 48	539
ANEXO 49	566
ANEXO 50	597

ANEXO 1



ANEXO 2

Quadro 1. Nível de escolaridade da população (25-64 anos) nos países da OCDE (%)

	1998			2008		
	Até ao 9º ano	Ensino secundário e pós-secundário	Ensino superior	Até ao 9º ano	Ensino secundário e pós-secundário	Ensino superior
Austrália	44	31	25	30	34	36
Áustria	26	61	14	19	63	18
Bélgica	43	31	25	30	37	32
Canadá	21	40	38	13	38	49
Chile	-	-	-	32	46	22
R. Checa	15	75	10	9	76	14
Dinamarca	21	53	25	25	42	32
Finlândia	31	39	30	19	44	37
França	39	40	21	30	43	27
Alemanha	16	61	23	15	60	25
Grécia	54	29	17	39	38	23
Hungria	37	50	13	20	61	19
Islândia	45	34	21	36	33	31
Irlanda	49	30	21	31	36	34
Itália	59	32	9	47	39	14
Japão	20	49	31	0	57	43
Coreia do Sul	34	44	22	21	43	37
Luxemburgo	-	-	-	32	40	28
México	72	15	13	66	18	16
Holanda	36	40	24	27	41	32
Nova Zelândia	39	34	28	28	32	40
Noruega	15	57	27	19	45	36
Polónia	22	67	11	13	68	20
Portugal	82	10	8	72	14	14
Eslováquia	20	70	10	10	75	15
Espanha	67	13	20	49	22	29
Suécia	24	48	28	15	53	32
Suíça	16	61	23	13	53	34
Turquia	78	14	7	70	18	12
R. Unido	40	36	24	30	37	33
Estados Unidos	14	52	35	11	48	41
Média OCDE	37	42	21	29	44	28

Fonte: Education at a Glance 2010 (OCDE).

Nota: Não há dados para o Chile e Luxemburgo referentes ao ano de 1998.

ANEXO 3

Entrevista de Associações/Grupos 2

Local: Setúbal

Data: 21 de Maio de 2013

Participantes:

Cátia, 27 anos, rede ex aequo

Transcrição

Daniel: Portanto, primeiro que tudo gostava que me dissesse como é que te chamas quantos anos tens a tua... área de formação [em simultâneo Cátia: hmhm] ou aquilo que estás a fazer profissionalmente e qual é o teu papel dentro da rede ex aequo.

Cátia: Eu sou a Cátia Gonçalves, tenho 27 anos ahm... tive a tirar licenciatura em Comunicação Social, embora não tenha terminado a licenciatura. Ahm... a nível de trabalho, trabalho na área de telecomunicações, mais propriamente na... na PT.... ahm... faço apoio ao cliente, agora estou mais numa parte administrativa... Dentro da associação já fiz, já tive vários, vários papéis... ahm... neste momento faço parte da direcção da, da rede ex aequo, sou um dos cinco elementos... e... pronto.... a nível de, de papéis temos vários... fazemos tudo... e mais alguma coisa. [rindo]

Daniel: [risos] Pois é, era mesmo isso que ia perguntar...ou seja...o... na, na, na tua perspectiva, quais é que são as funções principais da rede ex aequo.

Cátia: Ahm... Para já... e... o... um dos, dos, dos hmm grandes objectivos é... conseguirmos sempre angariar fundos e financiamentos para podermos manter a associação... no activo. Apesar de termos financiamentos por parte do IPDJ e doutras entidades, mas o... bolo maior é por parte do IPDJ, será conseguirmos através da realização de projectos aah... continuar a angariar fundos para manter a associação a funcionar uma vez que somos uma associação sem fins lucrativos....ahm... Depois a nível de outros projectos, que o objectivo, a rede ex aequo inicialmente criar através do projecto *descentrar* que tinha como público-alvo... ahm... ou como objectivo principal quebrar o isolamento, então na criação de pequenos grupos de trabalho por todo o

país... que tinham como objectivo, para além de quebrar o isolamento, ahm criar espaços de convívio e seguros ... ahm... onde se pudesse, onde pudesse haver pelo menos partilha e também... ahm... para... ahm para... dar informação sobre várias temáticas LGBT. E... e aí, através desse projecto que a rede ex aequo que tem como objectivo mesmo aah a quebra do isolamento entre os jovens e também daí termos vários meios *online* para ahm... comunicar com esses jovens que de forma presencial infelizmente não conseguimos ter grupos de trabalho criados por todo o país e então... a... base *online* é o principal forte da associação para comunicar com os membros e com os associados da, da associação. Depois temos outros projectos ligados a na área da educação por exemplo... ahm... mas ahm... mas os principais é mesmo... ajudar os jovens na, a... debater e a resolver algumas questões a nível da orientação sexual e da identidade de género.

Daniel: Hmhm... e... neste momento que projectos é que têm em andamento? Digamos assim.

Cátia: Neste momento em termos de projectos, temos projectos que são contínuos. Temos o projecto *educação* que é um projecto que visa em levar ahm... pessoas formadas, com formação, que são oradores, às escolas a pedido das mesmas para debater determinadas temáticas por exemplo o... no âmbito de algumas disciplinas ahm... algumas já não existem, formação cívica e assim, que pedem para debater determinadas questões, determinadas temáticas, fazem um pedido à rede, rede ex aequo, a rede ex aequo ahm... selecciona dois... pergunta que voluntários é que tem disponibilidade [*sic*] normalmente vai um rapaz e uma rapariga por causa da questão de paridade de género ahm... e vão fazer sessões de esclarecimento mediante as temáticas que a escola pede para abordar determinados assuntos. Temos também o observatório de educação que esta interligado ao projecto *educação*... que consiste no preenchimento do formulário *online*... Completamente anónimo ahm... que recolhe queixas de... actos de *bullying* homofóbico e transfóbico. Esses dados são trabalhados e são enviados depois para o ministério da, da educação, Ahm... fazer o... a relatar esses mesmos casos que se passam na escola. Depois temos vários projectos, também temos noutros locais que foi o inicial ahm... ahm... que seguiu do tal projecto *descentrar* que é o tal, a tal criação de grupos de jovens locais de trabalho que, de, do, de duas em duas semanas, criam, fazem reuniões onde são debatidas ahm... várias temáticas no âmbito da orientação sexual e da identidade de género. Ahm... e que consiste mesmo em... para

lá, para além de quebrar o isolamento, para ser melhor para os jovens, para eles verem que não são... não são... lá está... não são algo do além, que existem, que estas coisas acontecem, que não é só a eles. E depois temos também o projecto de *Inclusão*, que é semelhante ao da *educação*, se bem que o *inclusão* é virado para os profissionais mesmos [sic], por professores, aah psicólogos, ou seja... projecto educação tende a educar a... mais os... alunos e o ambiente escolar, o *inclusão* é mais mesmo o... os profissionais, os professores, psicólogos... aah... psicoterapeutas... Depois temos outros projectos, mas os base, os principais, são, são de facto, são estes. Temos o Fórum, o fórum *online*, que é... também do... já, já existe há 10 anos. Aah... e... que tem como principal objectivo, é um fórum completamente anónimo, qualquer pessoa pode participar, pode ou não registar-se, é opcional, aah... e que... tem lá... montes e montes de tópicos, seja lúdicos, seja a nível informativo, para que as pessoas possam não só conviver com outras pessoas mas também buscar informação de uma forma segura.

Daniel: Hmhm. Ahm... esses formadores que tu falaste [Cátia simultaneamente: sim?] que vão às escolas, como é que é feito o processo de recrutamento e de formação?

Cátia: Basicamente, se a pessoa tiver interesse, é feito no caso dos oradores do projecto educação, é feito... a divulgação de uma... de uma formação de oradores, há duas por ano, normalmente uma é entre Fevereiro e Março, e outra entre Outubro e Novembro, mais ou menos. Aah... é feita a divulgação dessa formação, aah... e recebemos candidaturas. Depois é feito uma entrevista presencial, com os interessados, fazemos algumas questões, mais ou menos simulação, do género: Então e se te perguntassem num ambiente escolar, isto assim, assim qual era a tua reacção, como é que respondias, o que é que tu achas? Dessa entrevista, se a pessoa for então seleccionada, se acharmos que tem perfil, vai à formação de oradores, onde... é uma formação intensiva, normalmente dois dias, dois dias e meio. Aaah.... onde se, falamos das temáticas principais, normalmente, transgenismo [sic], bissexualidade, ahm... as questões aah... também da escola... da... escola, escola – emprego, questões de bullying... aah... e depois no final é feito uma avaliação e se a pessoa tiver... correspondido ao perfil para orador entra numa *mailing list* de trabalho. Nós funcionamos muito com *mailing list*, porque é uma forma mais para agilizar a comunicação, e é uma forma prática de trabalhar, tendo em conta que temos voluntários espalhados por todos os paí [sic], por todo o país, e também aah... na, nas ilhas.

Aahm.... E sempre que há um pedido de uma escola, lançamos esse pedido para a *mailing* e dizemos dia X, nas horas Y, precisamos de voluntários, quem pode? E então é assim que vamos gerindo.

Daniel: Esse tipo de pedidos é frequente por parte das escolas?

Cátia: É. Há altura em que há mais, é mais, é mais frequente, lá está, na altura em que havia ahm... a disciplina de... eu acho que já não há formação cívica...

Daniel: Creio que já acabou.

Cátia: Pronto. Mas quando havia essas disciplinas havia ma... [sic] haviam mais pedidos, normalmente recebemos, aahm...ou de... ou de ensino superior ou mesmo do, de ensino secundário, vários pedidos.

Daniel: Então é mais raro receberem, por exemplo, pedidos de ensino básico?

Cátia: Sim, sim. É mais.

Daniel: Tens alguma noção, ou não sei se tens dados sobre isto ou não, mas tens alguma noção assim mais ou menos, da distribuição geográfica dos pedidos?

[simultaneamente] Cátia: Agora assim.... Daniel: Onde está mais concentrado...só assim por alto!

Cátia: Hmm.... Por alto! É assim... a nível... eu sou também... faço parte também do... apesar de ser da Direcção, faço parte também do projecto *Educação*... embora ainda não tenha tido disponibilidade, tive [incompreensível] há pouco tempo. Ainda não fui a nenhuma sessão. Mas os pedidos localizam-se mais, a, a Norte e... Centro.

Daniel: Hum...hum...

Cátia: Centro Sul...

Daniel: E... o fórum, como é que surgiu? O fórum...

Cátia: O fórum... surgiu... ahm...existe há 10 anos, ahm... se não estou em erro... se, se não estou em erro na data, desde dia cinco de Abril de 2003. Exactamente, cinco, quatro, três, cinco de Abril de 2003 [rindo], ahm... e surgiu... lá está... ahm... havendo a criação do... do grupos de jovens [sic], não é? Aah.. para poderem criar um, os tais, o tal ambiente seguro e de partilha, aahm... pensámos que uma boa forma de divulgar e de receber as pessoas, e também de q... de quebrar o isolamento, nem toda a

gente tem a possibilidade de se deslocar, seja por motivos económicos ou seja mesmo porque... nn... têm receio de explicar aos pais ou pronto...

Daniel: Hmmm

Cátia: ...não, não interessa. E então o fórum, ahm... foi criar mesmo quase porque para darmos oportunidade a todas as pessoas puderem participar.... Seja de uma forma activa ou não. Seja só de uma forma de consulta ou até mesmo de ajuda, ahm... para criar os momentos de partilha, para, porque têm, têm desde de... partes lúdicas, como pequenos jogos onde as pessoas... às vezes as pessoas escolhem só ir ao fórum por causa disso, para fazer jogos, mas não interessa! Aahm... a ideia não é fazer as pessoas participarem em tudo, mas fazer participar naquilo que... pronto, naquilo que... que... se sintam mais seguras e que lhes suscite mais interesse.

Daniel: Então a questão, por exemplo, do fórum estar aberto ao leitor sem ser preciso inscrição, foi mesmo uma coisa propositada?

Cátia: Sim, sim... por, mas nem todos os tópicos tão... tão disponíveis para... para leitura/ resposta, ahm... por exemplo, se tu quiseses seguir o perfil de alguém, ver as mensagens dessa pessoa, se fores como visitante aah... não te permite ir directamente consultar informações do perfil da pessoa, mas as mensagens em si... se fores entrando tópico a tópico, mensagem a mensagem, isso podes. E até mesmo se quiseses *postar* qualquer coisa... aahm... independentemente do tópico, podes fazê-lo como, enquanto visitante, sim.

Daniel: Tens alguma ideia de quais é que são... as áreas do fórum mais frequentadas?

Cátia: As áreas mais frequentadas.... O fórum já esteve mais frequentado, ahm... agora como... cada vez mais com o impacto das redes sociais as pessoas acabam mais por optar por Facebook's, *Hi5's e twitter's* e isso tudo, e acabam por descurar um pouco, não do Fórum, mas dos fóruns em geral. Pelo menos é a percepção que nós temos tido. Tentámos e tentamos debater de uma forma de puxar mais as pessoas novamente para o fórum, por exemplo... ahm... eu frequentava-o enquanto membro normal... aahm... em 2010 frequentava muito o fórum e todos os tópicos de um modo geral fosse... nos tópicos lúdicos, fosse nos tópicos de ajuda, aahm... ou nos tópicos ahm no geral que... onde vão ser, onde são colocados, por exemplo, pedidos de divulgação... Ahm... informações de actividades da associação. Ahm.. Era muito...

ahm.. de um modo geral era tudo muito frequentado, e aos poucos isso começou a descorar e apenas os tópicos lúdicos é que estavam a ser frequentados.

Daniel: Hmhm.

Cátia: Ou seja, as pessoas iam para lá para a “brincadeira” [entre aspas] e acabavam por descurar um pouco o resto. Por exemplo, antigamente... no tópico de ajuda, ahm... quando uma pessoa punha uma dúvida ou um desabafo, vinha sempre logo alguém comentar. E... às vezes eram muitas pessoas ao mesmo tempo a comentar a mesma coisa, e agora não é tão imediato, a própria resposta em si... ahm... acaba por demorar mais tempo. Ahm... mas de um modo geral, os que têm mais... mais, mais actividade é o... o ajuda e o... os lúdicos. E depois temos também os *sub-fóruns* onde estão os grupos locais, que neste momento estão no, em activo na associação, que é o grupo de Aveiro, Porto e Lisboa. E... e que aí é frequentado mais por pessoas daquela, daquela cidade, não de um âmbito geral mas mais localizado.

Daniel: Tens alguma ideia, ou... como disseste que já foste utilizadora normal [risos] do fórum tens alguma ideia de, do que é que as pessoas vão lá fazer? Ou seja, estavas a falar da questão, por exemplo, se era muito frequentada a parte lúdica... ahm... que importância é que os jovens que lá vão dão a esse espaço lúdico?

Cátia: O top... o... o... a parte lúdica é dividida por tópicos lúdicos e outras conversas, sendo que na, nos tópicos lúdicos são colocados lá alguns jogos, por exemplo, ahm... pões uma palavra e teres de começar a palavra a seguir com... o, a última letra da palavra por exemplo, coisas assim, jogos rápidos...

Daniel: Sim

Cátia: ... Que não requer muito tempo, não requer muita...

Daniel: Muito esforço.

Cátia: Muito esforço... ahm... mas depois também têm a divisão de outras conversas que têm tópicos que não são... que têm... ahm... tópicos que não são directamente direccionados a temática LGBT. Ahm.... por exemplo... ciências, ahm.... os *media*, séries... ou seja é mais... de um... é algo que se calhar está mais aberto a toda população, porque não está a referir uma temática em si. Ou seja cada um escolhe aquilo que quer falar. Ahm... e... eu por exemplo quando eu... quando eu conheci o

fórum, foi em 2004, o fórum e a Associação em si, ahm... eu fui, procurei no Google, como toda a gente [risos] praticamente.

Daniel: Claro!

Cátia: Ahmm, porque estava... estava... estava a descobrir a minha, a minha orientação sexual e... e procurei mais por uma questão de apoio. E fui, e conheci o fórum por uma questão de apoio. Só que lá está! Existem várias etapas, eu nessa altura precisava de apoio. Mais para a frente em 2010 já estava mais numa parte lúdica, e acabei por descurar a parte do... que estivesse virada para o apoio, até mesmo para a própria Associação em si, e andava mais nesse tópico. Mas eu acho que também tem a ver com as etapas da vida da pessoa. E... a Associação não, não quer que a pessoa esteja sempre presente porque precisa de ajuda! Nós queremos que a pessoa esteja presente quando precisa de ajuda, e se sentir à vontade para continuar presente, que... continue a frequentar outros tópicos.

Daniel: Estavas a falar da migração dos utilizadores para outras redes sociais...

Cátia: Sim.

Daniel: Sim? O que é que a rede ex aequo tem feito nesse... nesse campo?

Cátia: Temos tentado melhorar a... a nível de imagem do próprio fórum, para ser mais apelativo. Ahm... por exemplo, o que acontece muito nos fóruns é, ahm.... há tópicos muito interessantes que... à medida que vão sendo criando [sic] novos, acabam por... ir... não para arquivo, mas por ir mudando de página e de página, e a pessoa, ahm... numa situação normal não se vai pôr a ver todas as páginas, ou seja, vê aquilo que está à frente e não se dá ao trabalho de ir ver as outras. E então, por exemplo, agora foi feita uma reestruturação muito recentemente ao... à imagem do fórum, está mais limpo, e hmm... por exemplo, se entrases num tópico sobre... só sobre cinema, por exemplo, se houvessem tópicos que estejam relacionados, ele vai dar-te sugestões de tópicos relacionados. Que se calhar esses tópicos já nem estão visíveis logo ali na primeira página, já estão ali mais para trás, o que faz com que a informação, que se calhar é relevante e importante, que tu se calhar até pensas «Ah! Isto não existe, mas também não vou... não me vou dar ao trabalho de criar uma coisa nova». E então tens ali a informação e vais buscar. E... e acreditamos que isso possa também impulsionar mais o movimento e o [sic] utilização do próprio fórum em si.

Daniel: E no que toca, por exemplo, sei lá, terem uma página no Facebook e dinamizarem essa página também...

Cátia: Nós temos. Ahm... a Associação tem uma página no Facebook que usa mais a, a nível divulgativo ahm... por exemplo, tivemos agora o.... No dia 17 de Maio, foi o dia in... mundial contra a Homofobia, Transfobia e Bifobia, e... e foi feito, foi feito um evento na associação: os Abraços Grátis. Ahm... onde tivemos voluntários na Gare do Oriente a distribuir abraços e... com brindes contra, contra a Homofobia, Transfobia e Bifobia. E... e fizemos a divulgação a nível de imagem, a nível de pedidos de voluntários. Ahm... a nível de Facebook usamos muito o Facebook para... para fazer divulgação, seja de actividades dos nossos grupos locais, seja... por exemplo, no projecto *Educação* ahm... se a pessoa... se alguém quiser pode ser, pode apadrinhar o projecto, ou seja, fazendo um donativo de 20 euros à associação que as sessões têm um custo... a escola paga um valor de 20 euros à associação, pronto, se a escola quiser muito e não tiver possibilidade, ahm.... o facto de haver alguém a apadrinhar, ahm... as sessões faz com que possamos oferecer sessões a escolas que não tenham essa disponibilidade. E não vamos negar alguma sessão só porque a escola não pode pagar como é óbvio [Daniel simultaneamente: claro] porque não estamos a fazer aquilo para as escolas, estamos a fazer aquilo para o público da escola. Ahm... e usamos também para... para por exemplo fazer essas divulgações, para... chamar pessoas para apadrinhar sessões ou para outros projectos da associação. Mas temos uma página e a página tem sido cada vez mais movimentada, porque lá está, nós começámos a ver as pessoas a descurar um pouco do fórum e pensámos: Ok, redes sociais nós temos... nós próprios temos que dar o braço a torcer e... apostar mais no Facebook e temos apostado e tem tido uma grande adesão.

Daniel: E... não sei se têm algum grupo no Facebook? ... O... o... portanto, vá, há as páginas, não é?...

Cátia: Sim.

Daniel: ... e também há os grupos...

Cátia: Sim.

Daniel: ...de, de discussão e não sei quê, não sei se têm algum grupo de discussão no Facebook...

Cátia: Não. Não temos.

Daniel: Pensei que pudesse... sei lá, ser talvez uma técnica para... ir... porque os grupos no Facebook servem um bocado como o fórum...

Cátia: Hmhm

Daniel: Pensei que quisessem fazer... o cruzamento...

Cátia: O problema é que... nós no fórum, por exemplo, temos uma equipa de moderação. Porque lá está, nós não queremos criar um ambiente de convívio em que se possa.... Queremos criar um ambiente de convívio, mas queremos acima de tudo que esse ambiente seja seguro. E nós para isso temos que assegurar que conseguimos garantir essa segurança. E no Facebook... não sei... não sei se há possibilidade de fazer isso. Ahm... ter alguém... a moderar, ou... a bloquear determinadas coisas que possam ser ditas, mas... acho que... talvez por isso que não, não se tem ainda pensado nisso.

Daniel: Hmhm... ok.

Cátia: Mas era interessante.

Daniel: Ahm... pronto disseste-me que ainda não fizeste nenhuma sessão pessoalmente nas escolas, não sei se recebes *feedback* daquilo que os outros dinamizadores fazem...

Cátia: Sim, sim...

Daniel: Ahm... Tens alguma ideia, sobre se os jovens também fazem... os jovens nas escolas a quem vocês vão falar, se fazem alguma pergunta relacionada sobre, sobre... sei lá, por exemplo, questões sobre saúde sexual ou de privacidade, etc, relacionada, por exemplo, com o uso dos telemóveis, com o uso da internet. Ou seja, vocês abordam estes conteúdos ou... ou não?

Cátia: Ahm... é.... Foi como te disse, ou seja, a escola chama-nos e diz que quer uma sessão, ah.. que seja, ah... direccionada para X tema, e nós organizamos os... todo o material e fazemos um... fazemos a sessão com base no tema que a escola nos propõe. É claro que depois falamos de coisas mais num âmbito geral. Mas, ahm... o objectivo é ser sempre relacionado ao tema que a escola nos propõe, ao tema que certa disciplina que requer às vezes, por exemplo, a discriminação em si, às vezes há sessões que vão falar da discriminação no geral, não só na discriminação com base na orientação sexual e na identidade de género, mas por exemplo, discriminação com base na religião, ahm... crença, com crenças, ou seja o que for, e às vezes acabam por não ser só uma sessão da

rede ex aequo, mas com outras pessoas envolvidas e então nós temos que nos direccionar sempre ao tema, sinceramente, ahm... sei que há questões relacionadas com... com... sexualidade e com saúde, agora que implique questões a nível de, de, de telemóvel ou assim, não, isso não te sei dizer.

Daniel: Hm... ahm... achas que o fórum e de resto as vossas tentativas, *mailing list* e etc, foi uma parte fundamental de organizar activismo à volta da questão LGBT?

Cátia: Sem dúvida. Sem dúvida, porque, lá está, a internet é cada vez mais um impulsionador de comunicação, e... e as pessoas já nem os jornais pegam para ler, as pessoas vão ler o jornal à internet. E então, ah... o fórum tem tudo. Tem... nós temos o fórum e temos o *site*, a página da associação, e remete as pessoas para tudo aquilo que elas precisam de saber, pronto se calhar pode haver coisas que as pessoas querem saber que não estejam lá. Mas pronto, n...não somos perfeitos [risos]. Mas tentamos ter toda a informação disponível e de uma forma segura. Alias nós temos mesmo tópicos no, no fórum que são direccionados para questões de saúde. Ahm... e temos também uma lista de psicoterapeutas e psicólogos, ahm... recomendados pela a associação e também temos uma lista de hm.... Profissionais de saúde recomendados ou por membros, por exemplo, os ginecologistas ou enfermeiros que estejam mais abertos à questão da orientação sexual e que não, não... não discriminem, que infelizmente ainda a nível de saúde ainda há muita gente que o faz. E... e então ahm... tentamos sempre ter hm... um leque grande de informação para que os membros possam ter num sitio só acesso a toda a informação que possam precisar.

Daniel: Portanto por um lado compilar informação, por outro lado pôr pessoas em ligação...

Cátia: Exactamente!

Daniel: ... e o terceiro aspecto, talvez é passar do virtual... a... a coisas práticas, como por exemplo a formação das escolas.

Cátia: Exactamente, sim. Aliás a... a própria associação, ah... tem... cria bastantes actividades para que os jovens, ahm... e uma das coisas que nós pedimos sempre quando um jovem vai pela primeira vez a uma actividade da associação, seja num grupo local, ou seja por exemplo nesta questão dos abraços grátis seja por exemplo no ciclo de cinema que a rede ex aequo organiza ciclos de cinema, ahm... este ano foi feito em Lisboa e no Porto, vai ser feito em Setúbal também e será feito também em

Aveiro. Nós pedimos à pessoa para ir lá dar o testemunho porque às vezes as pessoas não vão porque pensam: Ai, é a minha primeira vez, e como é que aquilo é? E depois se aquilo não corre bem? Ou se depois estão lá pessoas e que vão olhar, e ou porque eu sou assim ou sou assado.” E nós pedimos às pessoas mesmo para irem lá dar o testemunho para incentivar outras pessoas a irem. E o fórum serve também para isso, ou seja, para a pessoa sentir que... não, que não é única, que não está sozinha, que existem mais pessoas assim. E que não têm que ter medo de ir a X, ahm... a X evento porque nunca foram a nenhum e é importante não só divulgar os eventos, mas sim ter as pessoas que foram, de preferência pessoas “normais” [risos], ou seja que não seja membros da Direcção, claro que nós vamos lá e vamos dizer que foi óptimo, que foi lindo, ou seja, pedimos mesmo aos membros. “Vá passem lá e digam qualquer coisa, incentivem-se uns aos outros”. E então é um meio de comunicação bastante importante, o fórum. Por isso é que também temos tentado investir mais, ou seja, não... não sendo só a nível da imagem, porque a imagem mudou este ano, ou no final do ano passado, que estava diferente. Ahm... por exemplo, por exemplo, colocamos, para tentar perceber também porque é que as pessoas deixaram de frequentar o fórum com tanta frequência. Ah... colocamos durante... acho que ainda lá está... ahm... há dois meses atrás colocamos um inquérito sobre o fórum, para as pessoas p... totalmente anónimo, para as pessoas darem a sua opinião, fazerem as críticas que quisessem, o que é que esta bem, o que é que esta mal, o que é que podia ter, o que é que não tem, o que é que... tudo aquilo que quisessem dizer. E... e esses dados ainda não os começamos a trabalhar, porque o fórum... o inquérito ainda lá está, por acaso vamos agora começar a trabalhá-los, para tentar perceber também de que forma nós poderemos melhorar, ou seja, o que é que os membros viam há uns tempos atrás que o fórum tinha e que de repente deixou de ter, ou que ainda tem mas que... falta qualquer coisa, que precisam de algo, que, que o... que estagnou. E...he... nós acreditamos que o fórum é... não é, não é a base, mas que é um impulsionador da associação.

Daniel: E achas que o fórum poderá servir também por exemplo, para algumas pessoas se conhecerem e iniciarem relacionamentos ou...

Cátia: Sim!

Daniel: Há histórias desse género? [Cátia simultaneamente: um...]

Cátia: Sim há! Ahm... Nós temos... o fórum tem um regulamento, ahm, de utilização. E uma das regras de utilização é que em tópicos não se pode marcar

encontros. Ou seja, tem mensagens pessoais, quem quiser marcar encontros com alguém, se por acaso andarem ali a trocar tópicos e que “olha esta pessoa até tem ideias parecidas às minhas”. Então tudo o que seja encontros, p... para ser feito ahm por, por mensagens pessoais. Mas sim, aconteceu. Aconteceu comigo e já aconteceu com muita gente certamente! [risos]

Daniel: Ah... Achas que isso também faz parte daquilo que é a vossa ideia de espaço seguro?

Cátia: Ahm... como... em que sentido?

Daniel: Ou seja, ahm, obviamente que... que a criação de um espaço seguro para as pessoas se sentirem bem e confortáveis, é aquilo que vocês pretendem com o fórum...

Cátia: Hmhm...

Daniel: ah... os relacionamentos pessoais que daí surgem... vocês vêm isso também como um... quase como uma espécie de missão, que é criar espaços onde as pessoas possam na prática mesmo [Cátia: Hmhm...] conhecer outras pessoas que sabem que [Cátia: Sim! A ideia...] têm segurança....

Cátia: Exactamente! A ideia, a ideia é essa, ou seja, as pessoas conhecerem-se umas às outras. Ahm.... não só, ahm, indo aos eventos da associação, claro que também é importante que estejam nos eventos, [risos] mas que possam combinar coisas entre elas. Porque é... olha, é mais ou menos o que nós dizemos nos grupos locais; há muito aquela coisa de “ah, e o grupo inicialmente tinha 20, 30 pessoas, agora tem 10. E o que é que aconteceu? Os membros desanimaram”. Os membros não desanimaram, os membros procuraram o grupo porque precisavam de apoio. E o nosso objectivo não é que os membros frequentem um grupo local a ouvir os mesmos temas e a ver as mesmas dinâmicas anos a fio. O nosso objectivo é, a pessoa precisa de ajuda, a pessoa vai, a pessoa já não precisa de ajuda nós cumprimos a nossa parte. Temos menos membros? Eu não vou pensar que é mau, vou pensar que é bom, vou pensar: nós cumprimos o nosso objectivo e a pessoa não precisa mais de nós.

Daniel: Hmhm.

Cátia: E... e no fundo o fórum é isso, ou seja a pessoa não tem que la ir só para coisa relacionadas à associação. A pessoa tem que ir acima de tudo ou a procurar

informação ou a procurar relações de amizade ou seja o que for. E o fórum também serve para isso.

Daniel: A... Vês, por exemplo, a questão do combate à homofobia, vá, a crescente aceitação a questões LGBT como uma razão para esse possível decréscimo de número de pessoas? Ou achas que é da questão tecnológica das redes sociais?

Cátia: Ahm.... lá está!

Daniel: Na tua opinião pessoal!

Cátia: [risos] Não existe, não existe nenhum estudo! [risos]

Daniel: Claro.

Cátia: Nós, ahm... várias pessoas ah... já comentaram lá que o fórum está mais morto e poderá ser... e muitas pessoas acham que é por causa das redes sociais. É claro que... ah... as pessoas que procuram o fórum fundamentalmente é porque precisam de ajuda e precisam de ajuda porquê? Porque a sociedade não os aceita. Eles não se sentem aceites pela sociedade. À medida que existe muito mais activismo, à medida que... por exemplos [sic], antigamente não era... o casamento não era possível, agora já é. Se o co...co... se o a co-adopção for para a frente a co-adopção vai ser possível também. Ou seja, a sociedade está a evoluir. E a sociedade ao evoluir faz com que as pessoas não se sintam tão reprimidas e se comecem a aceitar a elas mesmas. E ao se aceitarem a elas mesmas, não vão precisar de ajuda, porque é que elas vão ao fórum?

Daniel: Hmhm.

Cátia: Não é? Uma coisa é estares no fórum porque estás à procura de ajuda, e conheces pessoas e relacionas-te. Tu não vais ao fórum da rede ex aequo só lá com o propósito de conhecer pessoas. Se calhar também vais! Mas a... ou seja, é uma escala, tu comesças por isto e quando dás por ti vês as pessoas a darem-te apoio, crias relações de amizade. Depois também te identificas com... com a pessoa e... hmm...e....e mas, mas neste caso com a evolução da sociedade a pessoa deixa de ter essa necessidade de procurar o fórum. Por tu fazeres amigos ou por tu falares com os teus amigos tens as redes sociais. [sic] Tu não vais a uma rede social buscar ajuda.

Daniel: Hm...

Cátia: Eu acho que é também por aí. A culpa não é só das redes sociais. [risos]

Daniel, Cátia: [risos]

Cátia: Ou eu quero acreditar que não!

Daniel, Cátia: [risos]

Daniel: Portanto, e em relação a possíveis, chamemos-lhe assim, lacunas do conhecimento, ou seja, que coisas é que a rede ex aequo gostaria de saber mas não sabe, sobre questões que cruzem novas tecnologias com sexualidade e especificamente sobre as questões LGBT. Lembraste assim de alguma coisa?

Cátia: Hmm... mas a nível quê? Dos meios de comunicação?...

Daniel: A nível, tanto a nível dos meios de comunicação como por exemplo a investigação académica...

Cátia: Hmhm...

Daniel: ...etc. Coisas que vocês sintam que gostavam de perceber melhor ou de saber mais sobre para poderem ajudar melhor as pessoas e que acham que a informação não existe.

Cátia: É assim, ahm... nós recebemos muitos pedidos, por exemplo, de investigação... de investigação académica. Eu falo por mim, para mim alguns temas que são abordados ou que são falados que não eram... que não é do “ah isto existe!” era mais do “eu nunca pensado nisto!”.

Daniel: Hmhm...

Cátia: Isto é... ou seja isto é possível! Mas nunca nos tinha ocorrido! E eu acho, por isso é que eu te disse quando tu disseste que, quando estavas a agradecer, que nós é que agradecemos porque... são... às vezes o que falta é que tu tens, tu tens uma linha, e às vezes o que nos falta é ver uma perspectiva diferente, é... um pouco também a questão da psicologia com as ciências da comunicação, ou seja, se calhar se se unissem expandiam mais... ahm, ahm... pff a todas as áreas, a todos os níveis. E às vezes é o que eu acho que nós precisamos é de sair um pouco desta linha e abrir um pouco os horizontes para se calhar ver a mesma coisa, mas numa perspectiva diferente. E se calhar poderia ser também uma ajuda para a Associação, pronto, para poder investir não só nos meios de comunicação que temos disponíveis mas também para ajudar mais pessoas para chegar a mais pessoas, para ajudar... a aumentar por exemplo o numero de utilizadores no fórum ou seja o que for.

Daniel: Hmhm... Esse tipo de pedidos de colaboração que estás a falar: costuma haver uma prática de *feedback*? Ou seja, as pessoas chegam, fazem o pedido de colaboração e depois costumam partilhar os resultados convosco?

Cátia: Sim, nós pedimos sempre... ah.... Normalmente... nós temos no *site* o.... Os formulários, ali os formulários, ahm, para a pessoa preencher, ahm, normalmente a pessoa manda *email* e nós encaminhamos para o formulário, aquilo que nós pedimos sempre é; temos todo o interesse em ajudar e ajudamos sempre que, que nos é possível, fazemos a divulgação pelas *mailings*... pelas *mailings* e pedimos sempre à pessoa que nos dê, ahm, se fizer um... pronto, se o trabalho seguir para a frente, que nos dê uma cópia, se nos possa facultar uma cópia do trabalho e que nos, nos dê *feedback*! Nem que seja assim numa reunião presencial “então como é que correu, então como não correu”, mas pedimos sempre, sempre *feedback*, porque também é bom para a Associação, e porque para, para estudos futuros, ah, nós temos essa informação connosco poderá também ser nos útil a nós.

Daniel: Hmhm. Mas alguma vez foram, de certa forma, parceiros de uma investigação? Ou seja, participaram no processo de perceber o que é que se vai investigar, como é que se vai investigar, quais é que são as perguntas?

Cátia: Que eu tenha conhecimento, eu acho que não.

Daniel: Hm, ok. Ahm... E gostavam que isso, que isso acontecesse mais vezes?

Cátia: Eu acho que era interessante! Aliás, ah, a Associação, uma Associação não vive sem parcerias, ahm, se uma Associação se isola não... lá está, não evolui e... e as coisas só... só conseguem andar para a frente e chegar a mais pessoas com evolução e as parcerias é a melhor forma de, de isso acontecer. Porque... lá está! Duas cabeças pensam melhor que uma. [risos] E, mas eu acho que era, que era interessante.

Daniel: hmhm. E agora assim, eu sei que isto é um pouco súbito, mas [risos] se, se te perguntassem, ou neste caso perguntassem à rede ex aequo quais seriam as questões mais relevantes, ou mais interessantes para investigar neste momento com os jovens que vocês têm, ahm, que é que, que perguntas que acharias mais relevantes fazer?

Cátia: Mas a... num tema específico? Como assim?

Daniel: Não! Quer dizer, do ponto de vista da rede ex aequo, o que é que vocês gostariam de saber sobre os jovens que têm lá no fórum?

Cátia: Ah...Bem, a ideia principal é tentar perceber [risos] porque é que o número de utilizadores diminuiu. Ah... essa, assim de repente não me ocorre nada, foi muito súbito.

[risos]

Daniel: Claro, compreendo!

Cátia: Não, mas assim de repente, não me ocorre nada. Mas... é assim, uma das perguntas que nós fazemos sempre, ou que gostamos de saber é o que é que levou ahm... a pessoa a... recorrer à rede ex aequo, ou como é que a pessoa, ahm, chegou à rede ex aequo, aliás nos grupos locais, ah, quando uma pessoa vai pela primeira vez à, a uma reunião nós fazemos uma recepção ao novo membro, onde falamos dos projectos principais da, da rede ex aequo e uma das perguntas que nós fazemos é “Então como é que conheceste a Associação? Ah... foi através de amigos? Foi na escola? Foi na internet? Foi uma pesquisa? Como é que foi?”. Porque é importante também perceber de que forma, ahm... positiva é que a divulgação da Associação é feita e de que forma ou, ou qual o meio mais eficiente, e qual o meio então que, OK, nós vemos que é por aqui, então é por aqui que nós temos que, que investir ou tentar melhorar outros. Que se calhar nós pensávamos que eram importantes e afinal estão ali a cair no esquecimento. E... é uma preocupação também perceber como é que a pessoa chegou até nós, para tentarmos, lá está, ahm... melhorar, melhorar esse canal e, e, e chegar cada vez a mais, a mais pessoas. Porque às vezes as pessoas, ah, quando nós vamos fazer, ahm... Por exemplo, quando nós vamos às escolas e... e às vezes uns estão ali: “Ih! Isto existe? Eu não sabia que havia uma associação disto!”. Como é que é possível? Há Internet! [Daniel: risos] Não é? Ahm... e... normalmente quando tu... ahm... quando tu escreves «Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgéneros» ou seja o que for a rede ex aequo aparece logo nas primeiras ahm.... ou a pessoa nunca procurou ou a pessoa, tipo, viu ali um nome estranho, [rindo] pronto, rede ex aequo para muitas pessoas é estranho e tipo pensou: “Oh meu deus! Isto é Latim, é Chinês, não sei!”. E então as pessoas perguntam: “Eu não sabia que isto existia!”. E para nós é uma admiração ver que, isto.... Cada vez mais, e com a evolução da sociedade, a rede ex aequo aparece mais nas, nas notícias. Infelizmente nunca dizem bem o nome ou nunca escrevem bem o nome, mas está lá!

Está lá! E como é que as pessoas não sabem?! [risos] As pessoas não vêm televisão, as pessoas não vão à Internet! [risos]

Daniel: [risos] E roubando a pergunta que estavas a fazer, como de facto é que as pessoas normalmente chegam à rede ex aequo?

Cátia: Como é que chegam... Normalmente é através do Google! [risos] Ou então nas sessões que são feitas nas escolas, quem não conhece fica a conhecer. E, e muitas vezes... eu não sei porque nunca fui a nenhuma! Mas, os oradores que vão lá dizem que assim que põem num, num ecrã atrás o nome da Associação, põem sempre, põem o nome, o numero de telemóvel da... da Associação, o email, o site, o fórum e de repente vêm assim tipo, as pessoas, tipo assim do género.... Ou seja a pessoa vai ver quando chegar a casa.

Daniel: Hmhm.

Cátia: Se não conhece vai sair dali a conhecer. Então eu acho que a internet é mesmo o meio mais, mais, mais eficaz. Pronto, e isso é o que passa palavra que, mas isso já vem dos primórdios.

Daniel: [risos] Nessas sessões com jovens nas escolas, ah, qual é o *feedback* que normalmente a Associação tem depois. Da parte das escolas ou mesmo da parte dos oradores que lá vão?

Cátia: É assim, o *feedback* é sempre bastante positivo. Ah... aliás! Ahm... de um modo geral nós vemos se a sessão correu bem com, por duas maneiras: primeiro se há intervenção, muita intervenção da plateia, porque tentamos sempre que alguém nos faça uma pergunta em vez de estarmos a responder, jogar a pergunta ao publico para, para ver, para a comunicação expandir, ahm.... mas pronto é normal que às vezes as pessoas queiram fazer uma pergunta mas tenham vergonha, do género “Se eu perguntar isto vão pensar que eu sou, [sic] ou pensar que eu isto ou que aquilo”. E então nós para além de fazermos, de darmos a possibilidade de, de lançarem perguntas aos oradores fazemos depois no final um boião de perguntas, e.... há sempre um *feedback* muito positivo. As, ah, há sempre muitas perguntas e então isso leva-nos a crer que de facto o impacto é bastante positivo.

Daniel: Hmhm.

Cátia: E.... os oradores dizem que há pessoas que perdem a vergonha no fim e que vão falar, vão dizer “Ah! Gostei muito que tivesses aqui, e, e é bom saber que há pessoas assim! E não sei quê.”

Daniel: Hmhm. Ok. Pronto, tens mais alguma coisa a acrescentar? Que achasses que eu deve-se [sic] ter perguntado e não perguntei? Alguma informação extra?

Cátia: Ahm... Acho que não.

Daniel: Então pronto! Então...

ANEXO 4

Entrevista de Associações/Grupos 1

Local: APF Lisboa

Data: 15 de Maio de 2013

Participantes:

Laetitia, 35 anos, formação incompleta em bioquímica e actualmente em literatura; função na APF: Animação Comunitária no Projecto “TransPortas”

Inês, 34 anos, formação em Psicologia Clínica; função na APF: Projecto sobre gravidez adolescente em Marvila e Casal de Cambra

Sara, 33 anos, formação em Psicologia Social e das Organizações; função na APF: Projecto sobre Tráfico de Seres Humanos para Exploração Sexual

Sónia, 42 anos, formação em Psicologia Clínica; função na APF: Coordenadora da Delegação de Lisboa da APF

Beatriz, 27 anos, formação em Psicologia Clínica; função na APF: Departamento de Formação (gestão e implementação); dinamização de grupo de jovens voluntários da delegação de Lisboa; participação no projecto sobre gravidez adolescente

Transcrição

Daniel: Assim muito por alto, qual é que é a área de intervenção da APF, que tipo de projectos é que vocês desenvolvem?

Sónia: Queres falar tu?

[risos]

Inês: Começar é que é difícil...

Beatriz: Cada um de nós pode dizer...

Sónia: Sim, ah... não sei, não sei como é que é melhor... Se calhar, o que me apetecia dizer é que, hmm... assim, do ponto de vista mais oficial, ah... tem a ver com as questões médicas e com as questões do trabalho em torno do planeamento familiar.

Ah, mas eu acho que este mote tem-se vindo a desvanecer um bocadinho. Efectivamente, em termos depois das delegações, em termos da delegação de Lisboa, e da intervenção que nós fazemos, é provável que a nossa área maior de intervenção tem a ver com grupos com vulnerabilidade. ...E perdemos um bocadinho só a questão do planeamento familiar, abrangemos cada vez mais a ideia da sexualidade como coisa mais holística, mais abrangente, e acima de tudo ah... a parentalidade positiva, passou também a estar muito na agenda do nosso trabalho. Isto só para explicar, a própria missão da APF mudou recentemente, acrescentando a parentalidade positiva, seja via as escolhas, muito o tema das escolhas, muito o tema ligado ao planeamento familiar, sexualidade numa forma mais abrangente, e finalmente a parentalidade positiva.

Daniel: E que projectos é que têm neste momento em curso?

Sónia: Ah... Sim, se calhar... passar a vocês...

Laetitia: Estou num projecto para melhorar a qualidade de vida de trabalhadoras sexuais, sobretudo trans*; chama-se TransPorta e... não é só *out of the kindness of our hearts*, ahmm, tem, tem interesse com os ganhos em saúde pessoal, ahm... pretendemos obter ganhos em saúde pública. Esta população tem uma posição privilegiada para fazer pedagogia junto de clientes e para fazer educação de pares; fazer pedagogia entre trabalhadores e trabalhadoras sexuais. Isto implica que estejam disponíveis para o fazer, e portanto não podem estar ahm... as pessoas não podem estar preocupadas com a cama no fim do mês, ou a questão de acesso aos cuidados de saúde, ou... a situação do namoro que não está a correr bem, portanto, onde pudermos apoiar apoiamos precisamente para libertar estas pessoas e para as formarmos para desempenharem estas funções pedagógicas, obtendo assim ganhos em saúde pública, para além dos ganhos individuais em saúde de cada uma dessas pessoas.

Inês: O Projecto Traços, que é o projecto que tem a ver então com a parentalidade jovem, ah... portanto, nós muitas vezes usamos a expressão “adolescente”, embora nós apoiemos pessoas até aos 25 anos, pais e mães, ah.... De bairros onde se percebeu que havia esta necessidade, e trabalhamos nesta área desde 2001 e acabou por ser durante, ah... a primeira década de 2001, a área forte da APF Lisboa, foi a parentalidade juvenil...

Sónia: ...e ainda é...

Inês: ...e ainda é, ainda... acaba agora... ‘tamos a entrar mais nestes esquemas agora que a Laetitia acabou de dizer e depois a Sara vai falar, mas acaba por ser muito a área forte aqui da delegação de Lisboa. Ahm... e basicamente a nossa lógica será sempre em termos de intervenção comunitária, ou seja, trabalhar com instituições locais de bairros onde identificámos necessidade de fazer prevenção e apoio a estas situações, nomeadamente em Lisboa, na zona de Marvila, ah... que é uma zona que tem bastantes bairros sociais – pronto, de realojamento – e, hmm... na zona de Casal de Cambra, em Sintra, que é onde temos desenvolvido então a tal intervenção desde 2001 em Sintra; desde 2006 em Marvila e basicamente o que fazemos é muito o trabalho de prevenção, ou seja, trabalhar com os jovens também como a Beatriz depois vai explicar um bocadinho melhor, e depois directamente com os pais e mães, numa perspectiva mais de apoiar também naquilo que eles precisarem para conseguirem concretizar os seus projectos de vida. Um bocadinho na mesma lógica do que a Laetitia estava a dizer, ou seja, se as pessoas estiverem preocupadas porque não têm o que comer, ou como pagar a renda, etc., não conseguimos trabalhar com elas as questões de saúde, de promoção de, de, da parentalidade positiva, etc, portanto tentamos ajudar nestas necessidades mais prementes, ah, para poder ajudá-las a concretizar então o projecto de vida, basicamente... em traços muito gerais é isto.

Sara: Em termos de... do tráfico de seres humanos estamos agora a começar este projecto, que se chama SOS TSH Lisboa; um dos objectivos do projecto é criar uma rede também com as... as forças, as OPCs, as...

Laetitia: ...órgãos de polícia criminal...

Sara: ...órgãos de polícia criminal, e... e também com ONGs, com outras organizações, para se fazer uma rede de parceria, ahm... para trabalhar estas questões: a questão da sinalização, também, como é que pode ser trabalhada... Ahm..., e fazer também alguma formação a estes parceiros no sentido de saberem como agirem em caso de haver uma sinalização do tráfico de seres humanos. Este é assim o grande âmbito do projecto de tráfico.

Beatriz: Pronto, em relação à formação, a APF já teve projectos em que a formação era financiada, e, e, e que nós assim podíamos dar resposta às escolas e às outras associações. Contudo, neste momento não temos, ah... e, e há muitas escolas, e... associações juvenis, que nos pedem formação sobre educação sexual, destinadas a jovens, destinadas a pais, a professores, a auxiliares educativos, por exemplo, pronto, e

nesse sentido uma das respostas da APF, que foi das primeiras respostas, eu acho, desde sempre, é a formação na área da educação sexual. Ahm... em relação aos jovens, os jovens inicialmente, este grupo de jovens nasceu, o grupo de miúdos nasceu de um projecto, do primeiro projecto de prevenção de gravidez, ah, e parentalidade na adolescência, ah... com, e o objectivo, o primeiro objectivo era a prevenção de gravidez, portanto, era a parte da prevenção da gravidez adolescente. Ah... apesar de já não pertencer a este projecto, mas acaba por estar, intrinsecamente, acaba por estar ligado, o grupo de jovens é um grupo que funciona, portanto, temos reuniões semanais, ah, de formação, ah... mas também temos momentos formativos, como, ah, o acompanhamento dos técnicos às escolas, como as campanhas de rua, como alguns encontros nacionais que nós vamos tendo de jovens, e no fundo o objectivo é formá-los para eles depois tornarem-se mediadores na comunidade, mas também para, ah... às vezes até, ah... portanto, alguns já são capazes de até fazer algumas intervenções nas escolas, por exemplo, e daí... e daí esse, esse trabalho com eles.

Daniel: Como é que foi esse trabalho nas escolas, quando existiam de facto? Que moldes é que tinha?

Beatriz: Ah... O trabalho nas escolas em relação aos projectos quando... eu pertenci a um projecto, por exemplo, que era o projecto Cuida-te, que era financiado pelo IPDJ¹, que agora é o IPDJ, e que portanto, as escolas candidatavam-se,... mas isso é feito consoante cada projecto, é feito de diferentes formas... as escolas candidatavam-se ao projecto e o IPDJ, e nós, portanto, o IPDJ contratou a APF para fazer formação, e nós avaliávamos o que é que éramos capazes de fazer em cada escola, e, e e no fundo íamos a cada escola fazer X horas de formação. Pronto... Eu não sei como é que era na altura do Ministério...

Sónia: Sim, anterior a isso, foi após o primeiro referendo sobre a IVG, de facto, foi, foi recusado, não é?, o referendo, mas houve uma série de iniciativas, depois, relacionadas com a educação sexual, muito a achar-se “Okay, não se faz IVG, mas vai-se passar a fazer educação sexual, para não haver necessidade da IVG”, pronto... E é, e é quando começa a surgir algum empenho e algum financiamento, e por isso houve um protocolo estabelecido entre a APF e o Ministério da Educação, que nos permitia passar a ter técnicos que fizessem sessões nas escolas, e acções de sensibilização para todos os

¹ Instituto Português do Desporto e da Juventude.

professores... Pronto, começava sempre por acções de sensibilização, muito sempre na lógica da autonomização, ou seja, nunca colocarmos a APF como a... a... o serviço final que se iria prestar, mas muito capacitar os professores, para que eles tivessem formação, e eles passassem a assegurar a educação sexual em meio escolar. Pronto, e esse protocolo ainda durou seis anos, sete anos, e depois finalmente terminou. Houve uma fase que depois os movimentos anti-escolha também questionaram porque é que eles também não tinham oportunidade. Foram abrangidas também outras associações, a terem esse financiamento e a poderem ir às escolas, e finalmente depois esse processo termina e surgem novas medidas, como por exemplo ser obrigatório passar a ter educação sexual em meio escolar. Pronto... o que retirou à APF se calhar esta posição de sensibilização, e passámos a ter um recurso mais concreto em termos da formação dos professores.

Daniel: E agora esse trabalho com o grupo de jovens de que estavas a falar, como é que, como é que isso se processa? Ou seja, como é que recolhem esses jovens, onde é que os vão buscar, qual é que é o perfil deles, que trabalho é que é esperado, depois, deles?

Beatriz: Nós... normalmente as nossas sessões são feitas, ou melhor, normalmente não, são feitas de facto em Marvila, portanto, os nossos jovens num contexto específico, em relação à vulnerabilidade social, e à, e à... e às condições de Marvila, que as pessoas que estão em Marvila acabam por ter, e estas sessões primeiro... as primeiras actividades que foram feitas, e foram feitas no projecto Estado Esperança, ah... tenho ideia que foi um bocadinho aquilo que nós estamos a fazer agora, que nós estamos agora, novamente a recrutar mais jovens, porque sentimos que os nossos jovens, que já acompanhávamos há 4, 5 anos, estão a crescer, e já têm o seu trabalho, estão a estudar ao mesmo tempo, portanto têm muito pouca disponibilidade, para 'tar no grupo de jovens. Ahm... e agora neste momento estamos a fazer uma espécie de reciclagem, portanto, e isto veio também em paralelo, estas sessões são feitas no centro comunitário dos Loios, que é da Santa Casa da Misericórdia, e a Santa Casa também mostrou, ahm.. alguma preocupação, ah... e algum, e também pediu ajuda, literalmente, pediu ajuda à APF, porque tinha muitos miúdos novos, e precisava de agarrá-los nesta parte da sexualidade, ah... e, então neste momento criámos sessões semanais, à terça-feira, onde nós fazemos uma espécie de acções de sensibilização, mas um bocadinho contínuas, é quase uma formação nesta área, para possivelmente recrutar

estes jovens, para serem possíveis mediadores. À parte destas sessões, portanto, nós temos então neste momento as sessões de jovens à terça-feira, portanto, estas sessões para novos mediadores, temos as sessões normais de mediadores, à segunda-feira, e depois temos ainda as campanhas, quando às vezes nos pedem para ir a uma escola, por exemplo, ali em Marvila, D. Dinis, ou a escola Luís Vernai, os mediadores acompanham estas saídas... Ah... E pronto, acho que é isso...

Daniel: Eu reparei que têm um site, têm uma página no Facebook... Costumam usar isso para manter contacto e dinamizar coisas com os jovens?

Beatriz: O site, o site não, a página do Facebook dos jovens está um bocadinho mais parada, ah... Mas a página APF Lisboa acaba por fazer muito esta divulgação, acaba por ter coisas mesmo dos amigos, não é?

Laetitia: Sim... e a página da APF Lisboa... ahm... já serviu também como primeira, primeiro ponto de contacto com a delegação, pessoas que já tinham ouvido falar da APF através de mediadores comunitários, pessoas que já trabalharam com a APF e que vêm dos territórios, e ao invés de ligarem, procurarem o site e procurarem o número de telefone e ligarem ou mandarem email, o primeiro contacto foi através de chat de Facebook.

Daniel: E isso também costuma acontecer com jovens, ou seja, costumam ser contactados assim por...?

Laetitia: Estas... estas pessoas eram jovens.

Daniel: Okay, okay...

Sónia: Outra coisa importante é a questão do SMS. O SMS é de facto uma forma de comunicação muito acessível e, por exemplo, as convocações para todo o tipo de actividades que nós fazemos com os jovens são sempre lançadas por SMS. Até o lembrete de haver reuniões naquele dia, para activar, não é?, a participação. A partir daqui começámos, já exercitámos por exemplo, modelos, como por exemplo, haver semanalmente perguntas que são lançadas. Só porque o SMS e o contacto continua a ser sempre a ser exercitado, e que poderia haver respostas, pronto... Ahm... mas efectivamente foi um exercício que durante algum tempo experimentámos, e depois vai morrendo e nós não o conseguimos reabilitar. Esse mesmo exercício começámos a fazer através do Facebook, a ver... os jovens pensarem perguntas e eles colocavam e aceitavam as respostas, e fechavam os temas no final, dizendo qual é que era a resposta

à pergunta que tinha sido feita. E foi muito engraçado ver que não há, não houve muita participação, mas foi engraçado perceber que trazíamos pessoas que nem sequer tinham a ver com estes contextos, mas que estimulados pela pergunta, também tentavam perceber melhor o tema, pessoas que, por amigos, também interagiam connosco, para tentar esclarecer. Mas o... se calhar o que eu gostava de dizer é que nós vamos sentindo sempre, e não é de agora, que estas tecnologias, novos meios de comunicação, são muito importantes; criar acesso e perceber como é que funcionam. Eu acho é que ainda não temos resposta, e temos um grande percurso para fazer, para perceber o que é que pegamos, quais são os temas, como é que eles agarram nas temáticas, e tudo isso tem sido experiências que vamos, pelo menos percebendo como é que elas funcionam, mas efectivamente não temos respostas muito concretas, não é?

Daniel: Essa experiência de... dos SMS, que estavam a dizer: vocês enviavam SMSs para os jovens com quem trabalhavam e depois, ah... aguardavam retorno das perguntas – das respostas – deles, é isso?

Sónia: Hmm hmm...

Beatriz: Sim, e era sequencial, ahmm... uma semana lançávamos uma pergunta, lançávamos a resposta da semana passada, portanto... aliás, primeiro era a resposta da semana passada, depois lançávamos no dia a seguir uma nova pergunta. E depois assim consecutivamente.

Sónia: O que nós também percebemos é que o contacto privilegiado que eles fazem connosco é também por via de SMS, ou seja, se eles tiverem alguma situação que queiram resolver, alguma dúvida, alguma pergunta, normalmente não telefonam, é o SMS. O que nos dá pistas que de facto o SMS é uma, uma fonte muito importante de trabalhar, ainda que se calhar não sabemos dinamizar da melhor maneira, ou se calhar não existem ainda plataformas que permitam outras dinâmicas maiores, essa é outra realidade.

Daniel: Mas quando... quando um jovem lhes envia um SMS com uma pergunta, que seguimento normalmente é que dão a essas situações?

Beatriz: Normalmente nós respondemos ou por SMS ou então ligamos... depende depois também daquilo que nos está a ser perguntado, não é? Se nós percebemos... muitas vezes os jovens, ah... respondem por mensagens porque não têm dinheiro para ligar, não é? Portanto... tem muito a ver com o tipo de pergunta e o tipo

de ajuda que se ‘tá a fazer. Se nós percebermos que a pessoa ‘tá aflita, ou que precisa de alguma coisa mais urgente, se calhar o seguimento é mesmo por... por chamada, não é?... por telefonema. Se nós percebemos que é uma sequência de uma conversa, ou... ou algo que se enquadre num... numa combinação, então respondemos por SMS.

Daniel: E... costumam notar alguma diferença, por exemplo, entre o tipo de perguntas que vos chegam via SMS ou via Facebook, e depois as perguntas que os jovens fazem quando estão, pronto, nestas situações formativas, ou no trabalho das escolas; ou é basicamente a mesma coisa?

Sónia: Eu arriscaria que são um bocadinho diferentes. Eu acho que as que vêm mais por SMS são de... de coisas práticas e concretas que têm que resolver... não é?... De toma da pílula, de ir ao centro de saúde arranjar preservativos, de pedir ajuda para uma amiga que tem que ir... eu, eu penso que é um bocadinho, não sei se vocês confirmam...

Beatriz: É... eu acho que sim...

Inês: ...carácter mais urgente, ‘né?...

Sónia: ...quando nós ‘tamos no frente-a-frente, ah..., nós estimulamos a outros questionam... a questionar outras temáticas, e aí surgem outras perguntas, que são muito mais reflexivas, são muito mais de opinião, são muito mais de valores pessoais, não é?, de... de esclarecimento de dúvidas, são mais existenciais, diria, não é?...

Beatriz: ...são mais funcionais, não é? As por SMS são mais funcionais, não é?, de coisas que é preciso resposta...

Inês: ...como é que se faz, procedimentos, compra...

Beatriz: ...como é que se faz dia-a-dia.

Laetitia: Conta-me outra vez qual é o limite de idade para os jovens no contexto destas perguntas?...

Daniel: É assim, ah... os jovens que eu estou a estudar, estou a trabalhar na casa dos 16-19, mas eu não estou a fazer só perguntas só sobre essas idades necessariamente.

Laetitia: ...isto para te responder sobre as diferenças entre as perguntas colocadas. Portanto, no âmbito do TransPorta, jovens com quem contactamos, são jovens que... realizam trabalho sexual, prostitutivo, especificamente, e hmmm... não há,

ah, portanto, há contactos por Facebook, por mensagem, mas a maioria do, das questões que são colocadas são colocadas presencialmente, até porque é muito fácil colocá-las pelo menos duas vezes por mês há encontros com as pessoas, durante as distribuições de preservativos na rua. Quando não há encontros agendados especificamente para conversar, ou para uma entrega de preservativos em casa, que também dá sempre três dedinhos de conversa... ah... e as questões que são colocadas são sensivelmente as mesmas, ah... seja por Facebook, seja por, seja presencialmente. O que acontece é que há algumas questões mais relacionadas com a vida, com especificidades da vida pessoal de cada pessoa, que essas sim, são trabalhadas presencialmente só, e não Facebook. O Facebook são questões sobre acesso a consultas, a... ou, como resolver determinada burocracia relacionada com a mudança de sexo e de nome por exemplo, no Registo Civil, e presencialmente são coisas mais, ah... imediatas, questões de dívidas, questões de problemas de saúde imediatos, coisas desse género... relações, coisas desse género.

Sónia: Apanhas muito o aspecto relacional, não é, Laetitia? Tenho a sensação que surge sempre muito a questão de... da...

Laetitia: Surge muito nalgumas pessoas, noutras pessoas têm a questão relacional resolvidíssima, quanto mais não seja através de uma decisão que cumprem, ah...

Sónia: ...religiosamente...

Laetitia: ...religiosamente, [riso] entre aspas, de... evitar grandes envolvimento, porque têm, têm já alguns aspectos da sua vida planeados e no seu dia-a-dia não encontram, não vão encontrando pessoas com quem estabeleçam relações que as levem a repensar os objectivos que já, que já foram definidos.

Daniel: Nessas discussões, pelo Facebook, que surgiam a partir das perguntas que vocês faziam, o que, o que é que vocês retiravam dessas discussões? Ou seja, que tipo de análise e de trabalho é que vocês faziam no decorrer das discussões?

Laetitia: Vou ter que pedir que repitas, desculpa.

Daniel: Ou seja... Vocês lançavam uma pergunta, certo?...

Laetitia: ...hmm hmm...

Daniel: ...os jovens começavam a discutir a pergunta, pelo que eu percebi – não sei se havia ou não diálogo entre...

Sónia: ...eventualmente... não...

Daniel: ...os jovens...

Sónia: ...não temos noção disso. Ou seja, isto lançava-se a pergunta e ficávamos à espera da interacção, não é?

Daniel: E que tipo de interacção costumava existir?

Beatriz: Às vezes as perguntas... eu lembro-me... agora não me estou a lembrar de nenhuma, mas... ahm... de concreto, mas, lembro-me de... haver uma questão que... houve alguém, até uma Técnica, não te lembras?, que opôs à resposta, o que é que aconteceu?; já não me lembro muito bem do que é que era...

Laetitia: Ahm... foi, foi uma senhora que questionou...

Beatriz: ...a hepatite...

Laetitia: ...a hepatite, como... a hepatite B, como doença... como infecção sexualmente transmissível, e estava muito zangada por não falarmos da partilha de...

Sónia: ...seringas...

Laetitia: ...material de injeção.

Sónia: Mas essa, essa, não foi por...? ...é de Facebook, essa foi uma de Facebook.

Laetitia: Foi Facebook.

Sónia: Pois, é isso que eu 'tava a dizer ainda há bocado, que houve até muitas pessoas que não tinham a ver com a rede que...

Beatriz: ...sim, que lá vão pôr...

Laetitia: Também tivemos o caso de uma senhora que questionou um alerta que foi feito acerca da moda dos colares de âmbar para bebés, por causa dos dentes. E houve uma senhora que questionou o perigo dos colares.

Sónia: É verdade... ou seja, são outras questões que vêm a partir da nossa pergunta, não é?, levantaram-se outras temáticas que vieram interagir...

Daniel: Portanto, mas os jovens normalmente, costumavam mais responder e não entravam tanto em debate sobre a questão...?

Beatriz: ...hmm hmm...

Daniel: ...é isso?

Sónia: Sim.

Daniel: ...era uma coisa mais...

Sónia: ...sim...

Daniel: ...unidireccional?

Inês: Não é tanto fórum, é mesmo... só *comments*.

Beatriz: Então por SMS era... tipo, se a pergunta era “Sim/Não”, se a resposta era assim... “S”. Ahmm... ou seja [risos] era mesmo lacónico, não havia discussão, era... queriam era resposta.

Daniel: Okay...

Sónia: ...sim, e eu não tenho ideia de a adesão ser assim massiva.

Beatriz: Exactamente. Por isso também é que nós temos alguma dificuldade em, em...

Sónia: ...em perceber como é que estas coisas funcionam. Mas, mas, deixa-me só dizer qual é que é o princípio. Ah... Estes miúdos muitas vezes não têm um acesso fácil a computadores, mas SMS têm, não é? Parece-me que aqui ‘tá um canal privilegiado que é muito pouco favorecido, mesmo em termos de contexto até social, e, e de outros, de outros financiamentos, não é? Investe-se imenso se calhar em grandes plataformas, em fóruns, em formas de comunicar de outra maneira e não se privilegia em criar outras estratégias e formas mais acessíveis do SMS funcionar melhor. E se a gente for a pensar, por exemplo, há, há países em África que, percebendo que as pessoas não tinham acesso à internet, mas têm acesso ao telefone, passaram a resolver tudo por telefone, não é? Uma pessoa chega a uma loja e quer comprar uma coisa, manda um SMS e paga aquele produto, ou seja, ou seja, não têm um multibanco, não há um receptor de multibanco, mas têm o SMS. Ou seja, criou-se estruturas muito engraçadas, para resolver e para dinamizar todo o meio do SMS, e sinto que aqui não acontece isso. E nós próprios, apesar de percebermos que o canal me parece de excelência, não sabemos muito bem dinamizá-lo... ou contextualiza-lo. Eu acho que às vezes também surge isso: eu acho que eles recebem as perguntas mas não sabem o que é que aquilo quer dizer, no sentido de “porque é que me ‘tão a mandar isto?”. Por isso não percebem a importância, se calhar, de uma resposta, não é?

Daniel: E no trabalho que vocês fazem com os jovens, ah... costumam ter também perguntas que tenham que ver sobre coisas, vá, daquilo a que normalmente se chama “literacia digital” relacionado com a sexualidade? Ou seja, alguma vez vos perguntaram coisas do género, sei lá, “como é que posso usar a internet para ir à procura de informação?” ou simplesmente vocês são, para eles, a fonte de informação, e portanto a questão nem sequer se coloca?

Inês: Eu acho que nós próprios, às vezes, avançamos com essa... “se tiverem mais dúvidas podem ir ao site X ou Y”...

Beatriz: ...Eu faço imenso isso nas sessões, pelo menos, nas sessões...

Inês: ...também; no final das sessões, principalmente...

Beatriz: ...dou sites...

Inês: ...quando damos outros recursos, como por exemplo dar... sei lá, o número da linha telefónica, da Sexualidade em Linha, também damos, por exemplo, sites a que eles podem ir, ou até o nosso próprio mail, que eles podem fazer uma pergunta por e-mail, para futuras...

Beatriz: ...o site da APF, dou também o site da Saúde Sexual e Reprodutiva ponto DGS ponto PT², portanto...

Inês: Exacto, também é o que faço, dar alguns sites...

Sónia: Eu, de qualquer forma, gostava de dizer...

Inês: ...antes de eles perguntarem...

Sónia: ...que, que quando nós trabalhamos com os nossos jovens, no bairro, eu, eu acho que existe uma grande diferenciação entre aqueles que são pais adolescentes e aqueles que não são pais adolescentes, não é?, em termos de atitude, em termos de projecto de vida, em termos das decisões, são de facto pessoas muito mais capazes de escolher uma série de coisas, enquanto que os pais adolescentes têm de facto um contexto, uma vulnerabilidade enorme, e estes têm de facto muito mais iliteracia, têm muito mais dificuldade a, até de perceber como é que se utiliza um computador para muitas coisas, não é?, e perceber também como é que fazem pesquisa, e perceber

² <http://www.saudereprodutiva.dgs.pt/>

também que informação retirar daqui, não é?, ah... pronto... os outros, não. Basta dar pistas, para eles próprios também, até nos trazerem eles as novidades...

Laetita: Também temos contactos pontuais, ah... de jovens por telefone e por email, ah... para resolver questões imediatas, tipo, por email, temos... de estudantes, ah... do ensino superior... diria que perto de 50% são de estudantes de outros países, que estão cá a estudar e que contactam a APF muitas vezes por inglês, p'ra resolver questões sobre o acesso a contraceção oral, a serviços de saúde sexual para jovens... e... de estudantes de Portugal... ah, que nos contactam; contactam-nos mais por telefone se forem mais novos, do que por email, e sendo de Portugal, também aparecem mais facil... mais vezes, em maior percentagem, simplesmente tocando à campainha e pedindo preservativos, por exemplo. Tentaram no Centro de Saúde e de lá encaminharam p'ra cá, ou porque querem ir a uma consulta e, e acharam que aqui oferecíamos esse serviço, quando encontraram o site.

Daniel: No trabalho que vocês costumam fazer, no contacto que têm com os jovens, ah... o que é que sentem que – o telemóvel, os SMSs, a internet, etc. – representam para a vida deles, e nomeadamente, para a vida sexual, afectiva, destes jovens?

Beatriz: Sónia, queres dar o exemplo do...?

Sónia: [riso]

Beatriz: Dá lá o exemplo do...

Sónia: Do, do, do nosso...

Beatriz: ...do nosso [*incompreensível*]...

Sónia: [riso] Mas 'tás-te a referir àquele do, do...

Inês: ... do __.

Beatriz: ...do __.

Sónia: ...do __, do __ __. Ah... Eu, eu, eu, eu acho que isto depois prende-se também com os nossos conceitos sobre o que é que é estes modelos de pobreza, e de falta de haver dinheiro e essas coisas todas, e, e, de facto haver uma, uma sociedade que depois censura muito o que é que é as prioridades que as pessoas dão, não é?, e têm todas umas regras de valores sobre para que é que o dinheiro serve, que no fundo não

tem nada a ver sobre quem, quem vive aquela realidade, pronto... E, e eu acho que isto é uma aprendizagem, quando, na verdade, nós tivemos a possibilidade de fazer pela primeira vez formação aos nossos jovens pais e mães, e pela primeira vez demos-lhes dinheiro p'ra mão, não é?, e, e fomos ver para que é que eles usam o dinheiro. E a grande surpresa é perceber que até as pessoas com mais dificuldade, que viviam na rua, que não tinham onde dormir, ah... a razão pela qual utilizaram o dinheiro foi na compra de telemóveis...

Inês: E não foi d'um... [riso]

Sónia: ...e não foi d'um; foi de dois telemóveis, um para cada rede, que é uma coisa fantástica, não é?, um para cada rede, e...

Beatriz: ...que não tocavam...

Sónia: ...e, e, e nós tentámos perceber isto, e conversar sobre estas coisas, não no sentido de censura, mas no sentido de perceber “mas porquê, dois telemóveis?”, e o que é que se está aqui a passar. E a resposta, muito engraçada, porque, ah... A resposta foi: “Eu com a fome, lido bem”. No sentido: “já é uma velha amiga, eu sei como é que se lida com a fome, com não ter nada para comer, e adiar o pensamento de não ter nada para comer, porque como no dia a seguir”. E eu acho que nisto está implícito uma outra resposta, que é assim: lidar com a fome até sabem, mas não sabem lidar depois com a exclusão social, não é?, como não ter acesso a ter redes, a ter suporte, a ter pessoas com quem comunicar e, e aqui o que me diziam sobre o telemóvel é: “É para me poderem ligar, é para eu ‘tar disponível para me poderem ligar’”. E o que é engraçado neste rapaz, que é um rapaz que tem um contexto de facto com muita dificuldade, é que nem sequer tinha pessoas para lhe ligarem, não é? Ele usava exclusivamente o telefone para ouvir músicas, não é?, para pôr tipo mp3, não é?, para pôr lá bandas e andar com os fones a ouvir as músicas.

Beatriz: ...de facto, ninguém lhe ligava.

Sónia: ...porque, de facto, ninguém lhe ligava. De facto... mas, mas é assim, ele percebe isto: “Ninguém me liga, o primeiro passo, pelo menos eu tenho de ter um telemóvel para me ligarem”, pronto, agora o segundo passo é de estabelecer redes, não é?...

Beatriz: ...começar a ter contactos nesse telemóvel...

Sónia: ...é começar a ter... por isso, por isso é perceber que, que, que, não há como censurar, é, é vital a necessidade que as pessoas têm de uma inclusão, não é?, de se sentirem parte de uma rede, de fazerem parte de qualquer coisa. A fome, é de facto secundária no nosso contexto social. A fome é uma coisa que, okay, não se come num dia, mas no dia a seguir arranja-se uma distribuição de sopa, uma... um outro sítio onde se vai comer qualquer coisa, e não é prioritário.

Laetitia: Isso já foi há algum tempo... Um bocado *old school*. Agora temos os *smartphones*, integrados com redes sociais e acesso à net...

Várias: [risos]

Inês: Olha, mas foi há algum tempo, mas de qualquer forma, lembro-me perfeitamente ainda no [*incompreensível*], que foi o projecto onde nós ‘tivemos envolvidos ainda antes de 2006, de haver uma jovem que era a __, tu lembras-te da __?

Sónia: A __, sim!...

Inês: ...que vivia, em condições muito, também muito complicadas, e com um filho, ah... e também com muito poucos amigos, e até com muitas dificuldades no português, e, e... a primeira, a primeira bolsa também foi para comprar um telemóvel, que ela referiu várias vezes que lhe tinha custado 200€, que basicamente era a bolsa que ela recebia, portanto... a primeira vez que ela tinha dinheiro na mão e comprou um telemóvel de 200€, que lhe foi roubado ao fim de uma semana, perto de casa dela, n’é?, pronto... e ela, com a segunda bolsa, voltou a comprar um telemóvel, já não tão caro, mas... mas também comprou um telemóvel. E... e eu lembro-me na altura – tu conheceste as pessoas que trabalhavam nesse projecto – e... e quase que lhe deram na cabeça: “como é que tu foste gastar o único dinheiro? Quer dizer, não gastaste em coisas para o teu filho!”, e não sei quê. Realmente, ela estava tão contente com o seu telemóvel, e poder escrever SMSs... Porque ela queria muito treinar o português escrito, estava sempre com o caderninho a escrever tudo aquilo que acontecia, e de repente já era no telemóvel, já podia escrever coisas, mas, mas no telemóvel e, pronto...

Sónia: ...sim...

Inês: ...e depois aquela coisa, não é?, que realmente até, até num contexto tão... tão complicado, que, de roubos e não sei quê... foi roubado imediatamente, não é?, porque...

Sónia: Pois, exactamente... está muito exposta, não é?, se as coisas acontecerem, por um telemóvel de 200€...

Inês: Um LG, eu lembro-me, era um LG Chocolate³, que era um que havia na altura, um LG Chocolate... ainda me lembro do telemóvel, que tinha assim um grande ecrã...

Sónia: ...claro, claro...

Inês: E até os técnicos estavam chocados: “Nem eu tenho um telemóvel de 200€, porque é que ela foi comprar um telemóvel de 200€...”

Sónia: ...exactamente, exactamente...

Inês: ...”para uma barraca...”.

Sara: Sim, em 2006, 200€ não eram o que são 200€ hoje...

Inês: Era um g’anda telemóvel!

Laetitia: Numa nota que podemos considerar... mais positiva, pelo menos para o jovem, às vezes são eles que roubam os telemóveis de 200€ e portanto [risos gerais] podem aceder ao Facebook... e sabemos que há um telefone novo nas mãos daquela pessoa porque, de repente, o Facebook é inundado de actualizações ao longo de dois ou três dias, pelo menos até o telefone ser bloqueado... ah...

Inês: Sim, porque o número de telemóvel deles muda de dois em dois meses, que é mais ou menos quanto tempo... por exemplo, ah, oferecem-se cartões Moche na rua, não é?, que tem X, e depois aquilo acaba, portanto, arranja-se outro, não há com que carregar os telemóveis, portanto... anda-se sempre muito atrás destas campanhas... Eu lembro-me quando nós fizemos uma campanha no Super Bock Super Rock, que estavam lá a dar Moche, cartões, e a __, uma jovem do Casal de Cambra, trouxe p’raí seis cartões. Ela estava assegurada durante os próximos tempos...! [risos gerais] E nós: “Então, mas oh __, seis cartões?” E ela: “Sim, sim, sim... e também tenho que dar uma à minha mãe, um à minha prima, e depois isto, depois isto só tem cinco euros...”, ou não sei quê, pronto, ela andava sempre... passou o tempo todo atrás das senhoras da TMN, para pedir a outra nova... TMN, não, era Moche... outra nova, mais um cartão... tinha os bolsos já cheios de cartões.

³ http://www.gsmarena.com/lg_kg800-1533.php

Sónia: Sim, sim... sim... E outra coisa muito engraçada, é que miúdos que têm muito baixa escolaridade, com muita dificuldade de se expressarem mesmo verbalmente, e por escrito então, não se comparada... efectivamente escrevem, e escrevem muito, em tudo o que tem a ver com mensagens e com actualizações de Facebook. E expressam-se imenso, ou seja, na verdade, a censura que existe: “estes miúdos não aprendem, não sabem escrever, não sabem falar, bla bla bla, na verdade eles demonstram ali, não é?, que à maneira deles, e com o código próprio, e com uma, uma... uma expressão peculiar, não é?, mas conseguem de facto expressar-se e demonstrar, não é?, e não são valorizados por isso...

Inês: Pois é, e aí, o telemóvel é mesmo muito importante...

Laetitia: E nota-se que o uso dessas redes serve, por um lado, para elevar a auto-estima, para se afirmarem enquanto pessoas que escrevem aforismos interessantes ou... ou que se revelam muito empoderadas quando dizem a toda a gente, quando publicam que as pessoas que os criticam podem ir para este ou para aquele sítio, ah... e também um bocadinho para tentar manter os engates, e...

Inês: ...há notícias sobre a vida, não é?, nós muitas vezes acabamos por saber que alguém engravidou por Facebook...

Laetitia: ...para, para além disto, serve também...

Inês: ...já aconteceu...

Laetitia: ...como complemento, porque às vezes é difícil o contacto pessoal durante o dia, ah... ou porque o jovem é sem-abrigo, ou porque as pessoas com quem ele contacta estão a trabalhar, ou estão a desenvolver outras actividades, ou ele próprio está a desenvolver outras actividades e portanto não se cruzam, e isso facilita manter o contacto. E facilita também, ah... trabalhar o tipo de contacto. Um par de... um pai e uma mãe jovens que entretanto se separaram, terminaram a relação, depois do nascimento da filha, mantêm a relação em, ah... moldes afáveis e cúmplices, mesmo com ele tendo outras, outras relações afectivas ou sexuais, através das redes sociais, portanto, há uma encenação p'ros amigos irem fazer os *likes*, que pelos vistos é uma encenação importante para os dois, p'ra manterem a relação em moldes que eles consideram desejáveis.

Inês: Acho que há uma experiência também que é gira, se calhar a Laetitia pode falar um bocadinho mais, porque acabou por estar mais tempo com, com esse grupo,

mas nós fizemos uma formação, em... animadores comunitários na área da saúde – já várias formações, mas que inclui quase sempre uma, uma componente de informática, portanto, um módulo de informática. E... e especialmente no último grupo que nós fizemos aqui, eu, a única vez que tive com eles na aula de informática, na sessão sobre informática, via realmente muita dificuldade em focar temas que nós queríamos focar, porque realmente aquela... aquela sede de estar ao pé de um computador e finalmente poder mostrar vídeos, ah... ou ‘tar nos facebook deles... deves ter sentido isso mais, Laetitia, pudeste estar com eles a passar conteúdos... e, e era muito complicado, porque realmente o foco era de repente “‘tamos ao pé de um computador, ‘tá aqui a internet”, e... e ‘tavam sempre a partilhar vídeos, e a mostrar os facebook uns dos outros, as fotografias que tinham posto e si próprios no Facebook, que não sei quem não tinha podido aceder, não é?... Às tantas dei por eles à procura do *meu* Facebook, queriam era mostrar que podiam ser meus amigos, ou não sei quê... qualquer coisa assim. Foi muita difícil passar a outro tipo de conteúdos, não é?, nós percebemos, eles querem mesmo é ‘tar no Facebook e no YouTube a partilhar vídeos não sei de quê, que quer mostrar um ao outro...

Sónia: Mas oh, mas oh, Inês, eu ainda acrescentar àquilo que a Laetitia estava a dizer e agora àquilo que estás a dizer, que é, é, estes momentos também são muito organizadores para as questões da auto-estima. P’ra eles é muito importante esta coisa de...

Inês: ...fotografias...

Sónia: ...terem fotografias...

Inês: ...as fotografias, são qualquer coisa...

Sónia: ...mostrarem fotografias... E isto, isto é revelador, porque nós constatamos muitas vezes com estes pais, que nós seguimos, e com estes bebés que nós seguimos, que muitas vezes a única fotografia que eles têm dos seus bebés, fomos nós que a tirámos, algures no processo tirámos uma fotografia daquela formação, e aparece lá eles com o bebé, e eles guardam isso porque é a única que têm de recordação, e, e, é muito revelador, não é?, porque é que então eles dão tanto ênfase à, a esta exposição da imagem. Tem a ver porque não têm referências, e também precisam de se organizar sobre a sua imagem, sobre o que mostram, sobre a sua auto-estima, não é?

Inês: Sim, e até mesmo, mesmo sobre a sua, como é que... que fotografias é que eles põem deles próprios, n'ê?, aquela questão que nós costumamos...

Sónia: ...claro, claro...

Inês: ...a __ por exemplo, não é?, até quase que brincamos com isso, não é?, como é que...

Sónia: ...ou, ou, ou dos rapazes, que 'tão sempre em tronco nu, não é?, sempre coisas muito...

Inês: ...sim, mesmo a __...

Laetitia [simultaneamente]: Houve uma sessão especificamente sobre...

Inês [simultaneamente]: ...ou o __, depois mete lá...

Laetitia [simultaneamente]: ...gestão de dados pessoais online...

Inês [simultaneamente]: ...mete mesmo aquele ver ou mete qualquer coisa [ininteligível]...

Laetitia [simultaneamente]: ...as fotografias, a privacidade dos perfis nas redes sociais, as questões da... não só do... de filtragem numa eventual candidatura a emprego, mas também por questões de segurança. E a percepção...

Inês: ...sim, a protecção, a protecção dos conteúdos, não é...?

Laetitia: ...a percepção com que ficámos foi que a maioria era... dominava as configurações de privacidade, eram... eram uma minoria, relativamente grande, mas ainda assim uma minoria, ah... a das pessoas que achavam que tinham configurado a gosto, ah... das que tinham pensado nisso... também havia as que não se tinham nunca preocupado com o assunto...

Inês: ...o, o que até, Laetitia, não querem fazer, porque precisamente eu ponho determinadas fotografias para alguém que não é bem o meu amigo, mas eu quero que ele veja...

Laetitia: ...poder ver e interagir comigo, sim...

Inês: ...e portanto não quero pôr isto privado, porque eu quero que aquela pessoa...

Laetitia: ...portanto, havia pessoas que não valorizavam a privacidade enquanto forma de salvaguardar a reputação para o futuro, o imediato era muito mais importante, e havia pessoas que, tendo pensado nisso, não tinham conseguido dominar a, as configurações – o Facebook também não ajuda, muda com alguma frequência – mas depois dessa sessão, as pessoas que de facto estavam preocupadas com a sua privacidade...

Inês: ...alteraram...

Laetitia: ...alteraram as definições de privacidade no, no Facebook.

Daniel: Portanto, isso no contexto daquelas aulas de informática de que estavam a falar?

Laetitia: ...Sim, sim...

Inês: Ou seja, ao invés de nós irmos para conteúdos como “vamos lá aprender o processador de texto”, acabou muito por ser “vamos lá perceber o que é que pode ser importante” e uma vez que esta formação também tinha muito uma componente de competências-chave para o emprego, fazia sentido, já que eles eram utilizadores das redes sociais, por exemplo, colocar esta questão: “já pensaram, por exemplo, um futuro empregador, vocês candidatam-se a um emprego, será que vai procurar-vos na internet, pelo Facebook, por exemplo, e como é que vocês estão lá retratados?”, e pô-los a questionar essas ques... essas coisas, foi o primeiro curso que teve informática, nós falámos destas questões. Anteriormente era muito focado em conteúdos mesmo de informática, pronto. E desta vez... também por nos apercebermos destas dinâmicas da relação deles com as redes sociais e tudo isso, foi importante... neste caso, foi a Laetitia que...

Sónia: ...se eles estão a trazer esta temática, é porque ela é relevante certamente, não é?, para se perceber como é que podemos trabalhar.

Daniel: E que outros conteúdos é que abordavam lá, nesse projecto?

Laetitia: Houve muito pouco tempo, portanto não foi uma coisa extensa, em temas, e, em horas... E a coisa funcionava um bocadinho muito também p’ra manter o apelo da sessão, responder a algumas das solicitações das pessoas, portanto se alguém quisesse saber como é que organizava um álbum de fotografias, ou a privacidade do álbum de fotografias, ou comentário a comentário, ah... far-se-ia esse desvio... ah... até

porque os desvios neste, nestes workshops eram constantes e fáceis, portanto não foi possível avançar muito no, no trabalhar das questões que nós gostaríamos muito de ver mais trabalhadas, nomeadamente estas de gestão, ah... de consciencialização acerca de segurança, de segurança para o emprego, de privacidade, até porque algumas destas pessoas, no contexto do seu dia-a-dia, são próximas de pessoas que são... suspeitas ou até condenadas por crimes. Ah... independentemente da gravidade dos mesmos. E portanto foi também tentado, tentou-se sensibilizar também para a forma como uma, um determinado comentário, ou foto, poderia ser uma coisa entre amigos, de reforçar laços, mas poderia ser um pau de dois bicos, poderia ser apresentado em tribunal como um, uma evidência de que aquela pessoa tinha uma tendência para comportamentos...

Inês: ...aliás, nós tínhamos fotografias de perfil de algumas pessoas... neste caso, estou a pensar numa, né?, de perfil, de si própria a fazer um... uma ganza...

Laetitia: ...outra tinha como nome...

Inês: ...com uma mesa, em frente à mesa, ali... o material todo.

Laetitia: ...outra tinha como nome, de perfil, no Facebook, “Clyde”⁴, portanto... Bonnie também por lá andava... [risos gerais]

Laetitia: Esta pessoa está actualmente preventivamente presa, acusada de, de tráfico...

Daniel: Hmm hmm...

Inês: A Clyde era.... A Clyde que eu estou a pensar.

Daniel: Há bocado estavas a falar na, no engate, na cultura de engate; também passava pelas, pelas redes sociais...

Laetitia: Porque é a forma de manter o contacto quando é difícil estar presencialmente...

Inês: ... e nem... nem sempre é o en... ou seja, nem sempre aquilo que nós sentimos é que eles querem realmente ter uma relação com outras pessoas; às vezes é aquela questão da auto-estima, ou seja, eu coloco uma fotografia minha, ah, que eu sei que vai ter uma série de comentários, não é?, e, e, pronto... sente-se ali uma necessidade, que ‘eu preciso destes comentários’, não é?

⁴ Referência ao filme “Bonnie e Clyde”, uma longa-metragem de acção sobre um casal de criminosos.

Sónia: ... é a mensagem que se quer passar...

Inês: ...sente-se ali...

Laetitia: Hmm hmm... Aliás, às vezes ficamos com a sensação de que foram criados perfis fantasma, só para ir lá fazer likes e dizer [a imitar tom brejeiro] ‘és muita gira!’.

Inês: ...Ah, okay, ‘tou a perceber o que queres dizer. [risos]

Laetitia: Portanto, as pessoas elogiam-se através de... de alter egos. Mas também há, também há a questão da performatividade, ah... para exhibir. ...Ah... Posso até raramente estar com uma pessoa, mas performamos na rede social para os nossos amigos, ah... muito, muito intensamente, e muito depressa, aquelas coisas do ‘fofinho’, do ‘amor’, do ‘gosto’, do ‘és tão giro’, do ‘és a mais linda do mundo’...

Inês: ...’temos que combinar outra vez não sei o quê’...

Laetitia: ...exacto. ‘Gostei muito do café’, ah... ‘Os teus sapatos são... os mais giros cá do bairro’... E isto, ficamos também com a sensação por vezes que é muito mais para ambas as pessoas, ah... afagarem os seus egos, do que propriamente...

Inês: ...não deixa de ser uma relação, não é?...

Laetitia: ...sim... do que propriamente por haver ali uma série de partilha e de fundo comum na construção desta relação.

Sónia: E muito mensagens para terceiros, não é? Ou seja, para os ex-maridos, os ex-companheiros, que também vão saber, que tem sempre umas triangulações complexas...

Daniel: Ou seja, mas ainda assim há um grande investimento social nesse tipo de dinâmicas...

Laetitia: Não é grande em termos de tempo, não é grande em termos de dinheiro, e é... e é fácil de fazer, portanto, se calhar eu diria até que é um pequeno investimento com grandes ganhos.

Sónia: Mas oh Laetitia, se tu puseres em proporção, daquilo que são os investimentos destas pessoas, diários, investimentos em qualquer coisa: procura de emprego, sei lá, arranjar fraldas para os filhos...

Laetitia: ...por isso é que eu digo...

Sónia: ...se calhar, os dez minutos no, no, no computador a actualizar a página, é o maior investimento do dia delas, percebes?...

[várias pessoas falam simultaneamente]

Inês: ...sim, e se temos, como nós temos... muitas destas pessoas são pais ou mães, também há um... o querer muito também partilhar os próprios filhos, não é?, mostrar os... os... os pequenitos, e fazer um álbum deles e dizer ‘a minha princesa’, e não sei quê, pronto... ‘tá sempre assim, quase todas estas mães têm pelo menos ‘meus tesouros’, ‘meus príncipes’, coisas muito bonitas sobre os filhos, pronto... e às vezes nós sabemos que até questões até muito difíceis e nem estão com os filhos, ou qualquer coisa, mas pronto também há um momento em que eu posso partilhar e toda a gente faz comentários: ‘o teu filho é tão lindo’, ‘a tua filha é tão linda’, portanto, mais uma vez são coisas que as pessoas precisam muito desse contacto, e, e de ouvir dizer que o seu filho é bonito, que é bonita, ah... coisas assim deste, deste tipo; não é só delas próprias, não se vendem só... ‘vendem’, no sentido... elas próprias... E depois, também... ahm... em relação aqui à informática, ahm... o, o que nós, que nós também sentimos foi que como muitas destas pessoas têm muita dificuldade em procurar emprego porque... presencialmente, ou seja, ir a locais e entregar currículos, porque isso implica muito dinheiro que não há, não é?, para transportes, para imprimir currículos e tudo isso, portanto também tivemos uma grande componente de tentar... ahm... que eles percebesse onde é que há sites onde se podem inscrever, como é que podem... ir por esse, por esse, por essa via, portanto, também, passar a ser uma ferramenta em que também servisse para eles ‘okay, não podes sair de casa, tens que ‘tar em casa, mas como é que podes também,... já que ‘tás no computador, procurar trabalho por aqui’... e isto um bocadinho para contrabalançar aquilo que a Sónia estava a dizer, porque, de facto as horas que se passam no Facebook, como toda a gente sabe... são muito mais do que as horas que passam a procurar trabalho, portanto também perceber que quando ‘tão no Facebook posso ir também pôr uns currículos aqui ou ali...

Laetitia: Também há pessoas para quem usar o Facebook é muito mais, muito menos complicado, do que... procurar emprego. Porque, lidar com o cansaço e com a frustração, ahm... é mais fácil, porque não é preciso estar perante ninguém, e... e é quase inconsequente. Portanto... se alguém fez um comentário que eu não gostei, posso fazer um comentário irado, ou apagar... ou então posso simplesmente não actualizar o meu Facebook durante três semanas... e se alguém me perguntar alguma coisa, “Então

fulano de tal disse isto, e só respondeste aquilo?”, posso sempre dizer “Eh pá, eu não tenho tido tempo de ir ao Facebook” ou “agora estou sem telefone, não me dá jeito ir ao Facebook”... Ahm... Enquanto que presencialmente é muito mais difícil fazer essa gestão, é uma coisa que dá muito mais trabalho, muito mais delicada, muito mais complexo.

Inês: Para nós, para o nosso trabalho, muitas vezes também tem servido o Facebook como alertas de algumas pessoas que não ‘tão, que não ‘tão bem, inclusivamente até com algumas mensagens, de ideação suicida, por exemplo, não é?, que nós de repente alertamo-nos ‘O que é que se passa aqui?’, porque no Facebook estes jovens colocam muitas vezes... “Isto assim não dá... ‘tou farta da minha vida... adeus a todos”, coisas assim, pronto...

Sónia: E... gravidezes históricas, não é?...

Inês: ... gravidezes históricas... “Vou ser mamãe, ah, não sei quê”; e nós de repente, ‘Ah, a não sei quantas está grávida’, e não ‘tá nada, mas...

Sónia: ...mas perceber o que é que isso quer dizer...

Inês: ...Há 100 comentários, não é?, “A sério? Parabéns!”, e nós próprios... ahm... ‘Vamos lá marcar um atendimento, vamos lá perceber o que é que se passa...’. Portanto às vezes também é um instrumento de trabalho nesse sentido, ou seja, nós de repente temos um alerta, ‘Parece-me que a não sei quantas não ‘tá muito bem’, colocou no Facebook...

Sónia: ... e é, e é instrumento de trabalho...

Inês: ... uma mensagem de adeus, uma mensagem...

Sónia: ... se nós percebermos que os nossos Facebooks... falo pelo meu, que mistura questões profissionais, com colegas e tudo mais, as questões familiares, entre amigos, e também as questões com os destinatários... não é?; os destinatários ‘tão no nosso Facebook...

Inês: ... querem ser nossos amigos...

Sónia: ... querem ser nossos amigos e, e efectivamente nós vamos sendo, aqui e ali, não é?, vamos conseguindo... e isto, isto dá que pensar, não é?, que de facto há aqui toda uma postura que, que enfim, mesmo por nós tem que ser repensada. E até penso isso do ponto de vista que é os nossos instrumentos de trabalho, não é?, não só dos

computadores, mas depois também é a questão do telefone e da internet... e, e, e, de ser uma ambição nós podermos fazer um upgrade dos nossos telefones, exactamente porque eu acho que estas coisas do tirar fotografia e por exemplo, pôr no Facebook deles e tudo mais, são instrumentos muito importantes de ligação e de promoção deles, não é?... E de uma certa realidade, que tu passas a ter acesso, de os promover, e de os divulgar e de, de alguma forma os puxar para outro contexto, porque tens acesso a estes instrumentos.

Daniel: Como é que vocês fazem a escolha entre, sei lá... quem é que aceitam no Facebook, ou quem é que não aceitam, de entre os jovens?...

Inês: Eu aceitei durante uma fase, e depois acabei por... por tirar todos. Portanto, não tenho...

Beatriz: Ah, a nível pessoal?...

Daniel: ...A nível pessoal, sim, sim...

Inês: ... a nível pessoal; a única página que eu tenho é a pessoal, portanto, não da página que se gere aqui pela APF...

Sónia: ... aconteceu-me o mesmo. Eu queria...

Inês: ... tinha três ou quatro... nunca aceitei muitos!... porque eles acabam por, por pedir bastantes, mas tinha p'rái três ou quatro... acho que era a ____, a ____, e mais um ou dois... pronto... acabei por, por tirar todos, porque achei que não fazia sentido... há coisas que não...

Beatriz: Nós fizemos isso no mesmo dia...

Inês: ... pois foi, pois foi, acho que tivemos uma conversa sobre isso, eu e a Beatriz, e depois decidimos, não...

Beatriz: Era uma coisa que me 'tava a incomodar há um bocadinho de tempo, que era pensar que havia uma dimensão que era muito pessoal e que não tinha a ver com a esfera profissional, por isso não me fazia sentido, numa coisa p'a mim, que é tão pessoal, de repente não fazia sentido...

Inês: ... claro, ou sentires-te inibida de repente, de pôr não sei o quê, porque, quer dizer, os teus destinatários 'tão a ver e não, não... quer dizer, não há...

Sónia: ... sim, não é suposto saber dessa dimensão...

Inês: ... não é suposto...

Sónia: ... pessoal.

Beatriz: Até podem saber, mas não têm que ‘tar em contacto permanente com ela, não é?

Sónia: Sim, sim... ...mas, mas faz que pensar, não é?, que é, de facto, por exemplo, o Facebook não permitir níveis diferentes de contacto, ou, ou, ou, isso não ser uma coisa fácil de estabelecer...

[várias pessoas falam simultaneamente]: ...permite...

Sara: ... pois, permitir, permite, não é é fácil de ‘tar a controlar isso...

Inês: ... e até porque isso muda, como a Laetitia estava há bocado a dizer...

Sónia: ... e não são coisas fáceis...

Inês: ...e a toda a hora tu pensas, que não ‘tão a ver, e de repente ‘tão-te a dizer “Ah, uma fotografia...”

Laetitia [simultaneamente]: ...ou uma falha numa aplicação, e ficamos a saber quem são os amigos que usam as aplicações de engate [risos].

Inês [simultaneamente]: ... mas imagina, se eu faço o *download* [sic] de uma fotografia, automaticamente vou fazer *costume* [sic], quer dizer, ver quem é que tem acesso à fotografia ou não. ...Portanto, permite, diferentes níveis de interacção.

Sónia: Não, permite, mas não são óbvios, não são fáceis, não são simples...

Inês: ... sim, não... e depois tem aquela coisa, que imagina, se, se, sei lá a Laetitia é tua amiga, e tu até puseste não sei quem não vai ver a tua fotografia, mas de repente a Laetitia comenta a tua fotografia, e aparece nos amigos da Laetitia a dizer “Laetitia comentou esta fotografia”, a tua fotografia ‘tá lá de facto e não era p’ra mais ninguém ver. O que aparece lá é que comentou a tua fotografia, mas a própria fotografia aparece, portanto há aqui níveis de privacidade que não consegues controlar.

Sónia: Pronto... e... pronto, só para também explicar o meu caso, eu, eu criei o meu Facebook na sequência de um encontro internacional com jovens, e naquele ambiente de quinze dias de retiro há de facto relações muita fortes naquele momento, que se parecem sempre que não se vão perder para o resto da vida [risos], não é?, mas claro que não. Não fazem sentido nenhum um mês depois. Mas pronto, e nesse sentido, todas as pessoas que ‘tavam no intercâmbio ficaram no Facebook, quer as pessoas

internacionais, quer as pessoas destinatários dos nossos projectos, e penso que são esses o grupo que eu mantenho, que são meus amigos, não é?, depois entretanto eu também não tenho contacto directo, tão próximo, por isso também não tenho sequer convites para serem amigos, por isso o meu dilema...

Inês: Sim, mas oh Sónia, mas de facto, mas a verdade é que houve uma altura em que nós tivemos, portanto, do financiador deste projecto que a Sónia está a falar, deste intercâmbio, houve pedido de uns documentos que nós não tínhamos, e o Facebook foi a primeira ferramenta para pedir “Precisamos que o pessoal todo nos mande os vossos documentos de identificação”, e não sei quê... Os contactos estavam por aí. Mais tarde, para mandar email ou tentar procurar o número de telefone de não sei quem de Malta, okay, vai-se pelo Facebook, mas chega-se lá de igual modo como chega a Lisboa.

Sónia: E mais que isso, com a pessoa online estabelece logo ligação, comesas a falar com ela e pedes logo, a fotografia e... e isto é tão rápido...

Inês: ... nós precisávamos de fotografias, de documentos...

Sónia: ... com o telemóvel, fotografou o cartão e mandou no, na hora, não é?

Laetitia: Para o pessoal mais desconfiado, o email é sempre uma coisa muito... muito pouco validável, enquanto que o Facebook tem credenciais de confiança, os amigos comuns, e portanto também o Facebook, a página da APF, o perfil da APF no Facebook, ajudou a... a validar alguns contactos, com algumas pessoas. Se calhar já nem utilizavam o endereço de email que nós tínhamos, que já tinha uns anos, mas que, mas que utilizavam o Facebook, embora com outro endereço de email, e portanto foi uma alternativa de contacto. Ah... Já percebi que funciona um bocadinho ao contrário das pessoas, porque no meu Facebook, as destinatárias do projecto são minhas amigas, um pouco...

Inês: ... mas trabalhas muito com... [incompreensível] ... é mesmo instrumento de trabalho...

Laetitia: ... boa parte delas desde antes do projecto, até...

Sara: ... ah, é por isso que o dilema não se coloca da mesma maneira...

Laetitia: ...ahm... a minha desconfiança vai mais para os decisores políticos, se calhar...

[risos gerais]

Laetitia: ... com esses eu tenho mais cuidado... ‘Bem, deixa-me lá por estes numa lista, p’ró fulano que politicamente não o grama não ver que temos aqui amizade... [risos]’.

Daniel: Mas eu ache interessante, por acaso, estavam a comentar a questão da... da separação da vida profissional e pessoal, não é?, mas ao mesmo tempo estavam a comentar a importância de terem acesso à vida pessoal deles. Ahm... sentem que há aqui um... desequilíbrio, talvez, entre aquilo que precisam de ver deles, e aquilo que estão dispostos a mostrar da vossa parte?

Laetitia: Não diria que há um desequilíbrio, diria que isso é possível fazer de outras formas. Eu, com o meu perfil, não vou fazer “gosto” nas fotografias dos bebés, ahm... mas o... a APF, claro que faz o gosto nas fotografias deles, e faz comentários e, se possível, direcciona para, p’ró, p’ras competências adquiridas no caso de ter sido uma pessoa que já esteve connosco a fazer os cursos, e recorda olha “Olha, lembras-te do módulo tal e tal?...”; ou então diz isto não no “Lembras-te”, mas de forma a empoderar a pessoa, portanto a... a relembra-la de que ela está capacitada, ainda que possa eventualmente precisar de um *refresh*, para fazer o seu papel de mediadora comunitária. E... E mediar não significa que tenha de responder às questões dos vizinhos e dos amigos, significa que tem que ter a capacidade de, se achar que já não tem essa matéria presente, fazer o encaminhamento e isso as pessoas fazem. E às vezes cruzam-se os projectos, cruzam-se os ambientes dos projectos, ahm... ...Portanto, no TransPorta, já em pelo menos duas ocasiões, tivemos, ahm... feedback, informação, sobre processos de pessoas que eram pais e mães jovens, que eram seguidas no, no projecto Marvila. Ou desde “A minha cunhada, a minha ex-cunhada, leva pancada de criar bicho e quer falar com vocês”, força!...

Inês: ...”leva pancada de criar bicho”?... [risos]

Laetitia: ...até ao... “Não, não, não, a história que alguém vos contou sobre este caso, das crianças, não é bem assim, o que se passou foi assado. E eu sei porque o... companheiro dela é o meu primo, ou o meu irmão, ou o meu sobrinho.”

Daniel: E no caso do... trabalho sexual, por exemplo, é costume ver...? ...Não sei se é mais trabalho de rua, ou se há outro tipo de... de dinâmicas que passem também pelas novas tecnologias para o trabalho sexual...

Laetitia: Há dinâmicas que passam pelas novas tecnologias, sim. Curiosamente, não das pessoas mais jovens. Portanto, são as pessoas menos jovens, porque ainda são jovens, sobretudo de espírito!...

Sónia: ...mais diferenciadas...

Laetitia: ...sim, que são mais diferenciadas e estão mais organizadas. E essas podem cobrar PayPal, por minutos na webcam, por exemplo, coisa que as mais novas não fazem, quando até têm dois computadores em casa e uma PlayStation – as que têm, não é?, não são todas! – ahm... Mas também há alguma diferenciação em função das redes sociais, ahm... que se alinham um bocadinho por idades e por nacionalidades de origem. Há portais de anúncios com fotografias, há... há um fórum de... discussão da qualidade dos serviços prestados, portanto, onde estão trabalhadoras e estão clientes, ahm... e outras pessoas que ou são só amigos e amigas de trabalhadoras, ou... eu também estou no fórum, para ver se alguém precisa de preservativos ou informação... ahm...

Sónia: ... E para aprender muita coisa, Laetitia! Não é?... Das dinâmicas...

Laetitia: [a rir] ... não... não recomendo serviços a ninguém, não faço jeitinhos de marketing às nossas freguesas... porque achamos que não faz sentido fazê-lo. Se tivéssemos uma opinião contrária teríamos a oportunidade de o fazer, nessa plataforma. Mas isto, para voltar ao, sim existem várias maneiras de utilizar tecnologias de informação, mas não são utilizadas por todas as pessoas e exigem algum grau de... de literacia, e de reflexão acerca do uso...

Daniel: Mas esses jovens que não usam, diriam que têm a literacia mas não têm a reflexão, ou...?

Laetitia: Diria que não têm nem sequer nalguns casos a literacia. Usar um fórum exige um bocadinho mais de aprendizagem, sobretudo do interface, do que responder a SMS que vêm a partir de um anúncio que nem foram as pessoas que colocaram na net. Pagaram a alguém para tirar fotos e colocar no site.

Daniel: Mas os SMS então são, por exemplo, utilizados para estabelecer contactos com os clientes.

Laetitia: Sim, sim! O telemóvel, seja por voz, seja por texto, é um instrumento de trabalho fundamental, até porque é o que permite em determinados momentos dar

resposta rápida a uma solicitação. O cliente quer duas pessoas... portanto é o telemóvel que permite rapidamente perguntar “Olha, fulana tal está em baixo na tua esquina? Então pergunta-lhe se ela está livre que eu tenho um cliente; pergunta-lhe se ela quer vir comigo.”

Daniel: Ahmm... Assim em termos gerais, que... que potenciais lacunas é que vocês sentem, ao nível da informação que têm sobre as tecnologias de informação; quer dizer, a Sónia há pouco estava a falar sobre como não se sentem tão capacitados ou tão preparados para lidar com isto... Na prática, que dificuldades é que sentem, nesta, nesta interacção entre vocês, os jovens e as novas tecnologias?

Inês: Quer dizer, quando nós não temos a pessoa à frente, ...nós arriscamo-nos sempre a não ter uma resposta, não é? E as SMS acontece muito isso, muitas vezes não temos resposta, por isso... acho que é assim a limitação mais... chata [riso]. É não podermos controlar, se calhar, a interacção... é mais por aí.

Sara: É aquela coisa de... de haver ruído na comunicação, não é? Que... nós não ouvimos a entoação com que é feita a pergunta, nunca é exposta a situação e às vezes respondemos de uma maneira que é exactamente o oposto do que é suposto termos percebido, e depois aquilo pode dar ali um bocadinho de confusão.

Daniel: E em termos de, por exemplo, material formativo adequado ao uso das novas tecnologias?... Não sei em que é que se basearam, por exemplo, para fazer aquelas aulas de informática, e para preparar as questões sobre privacidade no Facebook. Tiveram vocês de desenvolver esses materiais, ou conseguiram recorrer a coisas já feitas, como é que foi?

Laetitia: Ahm... funcionou muito com base na conversa, na discussão. Até porque algumas das pessoas têm dificuldades na leitura. O que não significa que não saibam ler, têm dificuldades em manter-se concentradas, ou em iniciar um processo de leitura, do ponto emocional. Ahm... portanto, foi tudo muito oral, e muito a ver no interface, então onde é que se podia fazer o quê.

Daniel: E em termos de, por exemplo, informação académica disponível, costumam consultar alguma coisa, costumam manter-se a par da investigação que é feita nesta área?

Laetitia: No meu caso diria que... não costumo manter-me a par, de vez em quando encontro umas coisas, mas não, não tanto por procurar especificamente a informação.

Inês: Podem aparecer notícias, assim de repente, com as gordas que a gente até lê mas...

Laetitia: Ou alguém publicar um estudo no seu site pessoal [olha para o entrevistador, ri-se].

Daniel: E acham que, se isso... ou seja, se houvesse mais divulgação desse tipo de trabalho, acham que isso vos facilitaria a vocês o vosso trabalho?

Sara: A minha opinião pessoal é que esse tipo de coisas, como ‘tá sempre a mudar, ahm... nós não vamos propriamente mantendo-nos informados, mas quando precisamos de alguma coisa, vamos à procura da informação. Porque manter informado, seria se trabalhássemos com isso todos os dias, mas como trabalhamos e a actualização... e, e, e a informação ‘tá constantemente a ser modificada, quando precisamos então vamos à procura p’ra ‘tarmos actualizados.

Laetitia: A necessidade maior que sinto na animação da... da página da APF no Facebook, ahm... não é tanto acerca da ferramenta em si, é mais acerca de formas, sem melindrar ninguém, de comentar notícias, por exemplo. Divulgar informação, mas quando divulgo, quando faço o link para o artigo do jornal, fazer a ressalva de que determinada expressão, determinada frase, ahm... ou o título, transmitem uma ideia que não é correcta. Fazer o enquadramento daquela notícia. E isto acontece muito por exemplo com notícias sobre interrupção voluntária da gravidez. Todos os anos a Direcção Geral de Saúde publica o, o Relatório... e... e os jornais adoram títulos cheios de sangue e sumo.

Inês: Este ano ‘tão tramados, que a única notícia que saiu é *menos* IVG...

Sara: ...pois foi...

Laetitia: ...não, não, não, não, já saiu uma notícia a dizer “Federação Pela Vida diz que aumentou a IVG”...

[risos gerais]

Inês: [tom irónico] Se a DGS diz que diminuiu, *mas* se a Federação Pela Vida...

Laetitia: E isto pode confundir as pessoas que só lêem os títulos. Portanto quando publicamos uma determinada notícia podemos fazer logo a ressalva a dizer “Aumentou *percentualmente* na, no grupo X, embora o número absoluto de casos tenha diminuído na”...

Inês: Pois, cada um lê a estatística como quer.

Laetitia: E portanto tem muito a ver com isto, tem muito a ver com dige... arranjar formas eficazes de digerir a leitura dos números para pessoas que estão a ler na diagonal, ou que têm dificuldade em fazer essa leitura.

Daniel: Não sei se há mais alguma coisa que gostariam de acrescentar?... Ou que acham que não perguntei, ou alguma história que tenham para partilhar?

Inês: Se calhar a única coisa que nós andamos ultimame... quer dizer, reflectimos muito numa, num último, numa candidatura que fizemos, tem a ver com o contrário: não como é que a informação nos chega, mas como é que nós estamos a partilhar a informação do que fazemos, dos nossos projectos, ou seja, como é que nós os comunicamos. Ahm... e por exemplo, a última... neste, nesta última candidatura, apercebemo-nos que se calhar não comunicamos sempre muito bem aquilo que nós fazemos, não é?. E se calhar é essa, se calhar é a aprendizagem que temos agora de fazer, que é não só como é que a informação nos chega, mas como é que ‘tamos a passar a informação dos nossos projectos para fora, porque é que eles não são conhecidos, porque é que há outros projectos que nós sabemos, que pronto, são criativos e são giros, mas que... acima de tudo, comunicam muito bem sobre o que fazem, portanto são... têm uma grande...

Sónia: ...aceitação...

Inês: ...aceitação e uma grande... reconhecimento... como é que nós podemos, se calhar, usar este tipo de ferramentas de que ‘tivemos a falar mas... também um bocadinho em nosso benefício, no sentido de comunicar aquilo que nós queremos para o exterior, comunicar melhor aquilo que nós fazemos. Eu acho que isso é a próxima, se calhar, o próximo...

Laetitia: Até porque é uma forma de envolver os jovens e lhes dar feedback imediato, permitir-lhes produzir e publicar conteúdos relacionados com as actividades que desenvolvemos, e dar-lhes a possibilidade, caso o entendam, de partilhar a... fotos, vídeos produzidos por eles...

Inês: ...Há sempre algumas formas de fazer isso, mas assim meias...

Laetitia: ...fora, fora dos seus... junto das suas redes sociais.

Sónia: Sim, sim, e que é uma aprendizagem. Eu se calhar só fazia, só fazia essa achega, que é, não tem a ver propriamente com nada a acrescentar, mas dizer que estes momentos são muito importantes, porque realmente permitem-nos levantar questões que já não me lembrava há muito tempo de pensar sobre elas, não é?, e que acho que são importantes, porque efectivamente ainda não ‘tamos a saber fazer as coisas, não é?, e temos muito ainda para melhorar, e é importante perceber o quê, não é?, e ter pistas para, para, para pensar.

ANEXO 5

Entrevista de Associações/Grupos 3

Local: Lisboa

Data: 17 de Abril de 2013

Participantes:

Pedro Calado, 38 anos, Director Executivo do Programa Escolhas, Mestrado na área da Inclusão Social

Daniel: Quais são as principais funções e objectivos do programa Escolhas?

Pedro: A grande missão do programa é assegurar que as crianças e jovens que nascem nos contextos com menos oportunidades têm a possibilidade de aceder às mesmas experiências, aos mesmos conhecimentos e às mesmas oportunidades ao longo da vida. Nós temos esta grande missão da igualdade de oportunidades, especificamente esta igualdade de oportunidades nos contextos territoriais e socioeconómicos onde ela se faz menos sentir. A nossa ideia é alocar para esses contextos – são normalmente territórios urbanos sensíveis, mas também áreas rurais isoladas – um conjunto de recursos que permitam às crianças poder chegar tão longe como qualquer outra criança no território nacional. Isto faz-se através de um modelo de baixo para cima, ou seja, compete à sociedade civil candidatar-se, estruturar-se, apresentar soluções que o programa selecciona mediante critérios de mérito. Esses critérios de mérito têm a ver com o desenho das soluções que são encontradas, ou seja, a partir de um diagnóstico local, bem definido, enquadrado, quantificado, comparado, podermos então definir quais os territórios onde serão implementados projectos, projectos esses implementados por aquilo que nós chamamos “consórcios locais de organizações”. A nossa ideia é muito esta: é que a sociedade civil, devidamente organizada, com o pequeno apoio que o estado dá – neste caso o estado na figura do programa Escolhas – é suficiente para que as estruturas funcionem e que possam ser sustentáveis. Aí surge esta figura de consórcio, onde autarquias, escolas, IPSS, associações de jovens, de imigrantes, decidem trabalhar em conjunto, candidatar-se ao programa Escolhas, e daí receber, não só o nosso financiamento, mas todo um conjunto de apoios, de avaliação, de

metodologia e de recursos que nós alocamos também à comunidade neste princípio multi-nível: parcerias entre estado e administração local.

D: Eu sei que têm os centros Escolhas, que normalmente estão equipados com acesso à internet, computadores... isso foi uma iniciativa que surgiu desde o início ou que foi sendo implementada?

P: De forma estruturada surgiu na segunda geração [2004] do programa; O programa está organizado em gerações que são ciclos de financiamento. Actualmente estamos na quinta geração. Na primeira geração, em 2001, havia pontualmente algumas experiências com centros informáticos. Eram os primórdios desta área das TIC e inclusão em Portugal. Foram pequeninas experiências que fomos pontuando localmente. Com a segunda geração, achámos que o potencial existia e que iríamos estruturar esses centros informáticos numa medida prioritária do programa. Temos hoje em dia cinco medidas e já desde essa altura [2004] existe a medida 4, que é a dos Centros de Inclusão Digital (CID). Aí sim surge como uma estrutura com peso, também uma área de alguma transversalidade face a todas as outras medidas. Estes centros não são centros informáticos, são centros de inclusão digital e isto significa que quisemos desde sempre assegurar a transversalidade, com a medida 1, na área da educação, porque é muito importante para nós as TIC ao serviço da educação. Temos tido resultados muito interessantes, até com uma parceria na base da responsabilidade social da Porto Editora, em que todos os nossos jovens acedem gratuitamente à Escola Virtual, do 1º ao 12º ano, e isso é poderosíssimo. Mas também a transversalidade com a medida 2, na área da empregabilidade e da formação profissional, não só com currículos, que temos também na base da responsabilidade social com a CISCO, o IT Essentials, que já é um currículo que permite transitar para o mercado de trabalho, mas também na procura de emprego, na colocação de currículos *online*, toda essa área nos pareceu muito importante para a inclusão digital. Depois na medida 3, tudo o que é participação cívica e comunitária é muito alavancada com base nos CID Net, pela questão dos cartazes que é preciso fazer, para a animação comunitária, para as festas dos jovens... eles usam muito também esse recurso; Assim como o combate ao racismo, a própria questão da saúde sexual e reprodutiva, em que são espaços em que muito facilmente os jovens podem pesquisar, obter mais informação, devidamente filtrados e acompanhados, mas parece-nos também uma área muito interessante. E depois finalmente, na própria medida 4, em si, com

aquilo que nós achamos que é muito importante, que é a certificação de competências. E aí temos várias parcerias, com a FCT, com a própria Microsoft, onde vários currículos estão disponíveis gratuitamente para os nossos jovens. Esta é um pouco a ligação histórica à medida 4... os CID vêm sobretudo desde a segunda geração, mas hoje em dia é um recurso, na maioria das comunidades, absolutamente indispensável.

D: Que iniciativas têm sido desenvolvidas a nível da saúde sexual e reprodutiva?

P: Aí está no domínio local, ou seja, nós acreditamos muito que a administração central deve fazer programas, e as comunidades devem fazer projectos e portanto é neste princípio que nós nos movemos. Aí o que temos é uma espécie de menu *a la carte* em que nem todos os projectos têm que escolher o mesmo menu. Há um menu suficientemente coeso, mas ainda assim diverso, para permitir que localmente as respostas sejam substancialmente diferentes, a partir das necessidades locais. E esse é o princípio. Nós no âmbito da saúde sexual e reprodutiva, dentro da medida 3 (participação cívica e comunitária), existe uma acção para esse tipo de respostas. Aí compete localmente aos projectos definirem o que querem fazer. O como, o quando, o onde, o com quem, todas essas questões mais de planeamento, nós achamos que estão do lado dos projectos. Aliás, é um dos critérios para o projecto ser aprovado. Quando nós recebemos candidaturas – e da última vez recebemos cerca de 300 a nível nacional – um dos critérios é a consistência da proposta que nos é apresentada, a pertinência e isso decorre muito daquilo que é o diagnóstico local. A partir desse diagnóstico local, os projectos implementam as acções, também na área da saúde sexual e reprodutiva, que entendem. Ainda assim, porque nós somos um bocadinho inquietos, achamos que às vezes não basta estar só do lado dos projectos. Vamos tentando alocar alguns recursos para que eles possam também, se assim quiserem, gratuitamente, accionar localmente. E aí surgiram duas intenções, nesta área da saúde sexual e reprodutiva. Por um lado a criação dos Recursos Escolhas, nós achámos que 12 anos depois de o programa ter sido criado, já havia um legado de experiência interessante que podia ser transformado, não só em prática mas também em reflexão, portanto durante dois anos, com o apoio de vários peritos externos, e também com uma revisão dos pares, sistematizámos as 33 experiências mais promissoras em vários domínios. Uma delas é curiosamente o recurso sobre a sexualidade, é o “Trata a sexualidade por tu”, foi um recurso testado em Olhão e que nós transformámos não só numa narrativa de como é que decorreu esse processo de

implementação, mas depois num manual passo-a-passo, para que outros possam se possam inspirar nessa mesma acção. Esse é um recurso que está disponível para toda a nossa rede, incluindo também entidades fora da nossa rede do Escolhas, mas que entendam implementar estes recursos. São gratuitos e totalmente *open source*. Uma segunda linha de acção, neste domínio da saúde sexual e reprodutiva, tem sido uma parceria estratégica que temos com a APF; aliás, nós fazemos parte de uma espécie de *steering committee*, da própria APF, onde os parceiros, digamos asism, de maior peso, estão presentes, e com eles vamos desenhando uma série de acções. O ano passado, por exemplo, tivemos formação gratuita para todos os nossos técnicos. Fizemos sessões Lisboa, Porto, Faro, em que os nossos técnicos puderam aceder, não só a mais conhecimento, mas também a ferramentas práticas. Isto são formações eminentemente práticas. Eventualmente poderemos vir a ter outros [parceiros] nesta área, trabalhamos com todos, mas a APF foi das primeiras entidades a chegar-se à frente e dizer “queremos estabelecer uma parceria convosco”. Também em termos de investigação académica, temos tido algumas candidaturas com eles e portanto é muito esta ideia: ao mesmo tempo que acreditamos muito no potencial local, de subsidiaridade, da capacidade local de se organizarem, depois somos um bocadinho hiperactivos e andamos sempre à procura de recursos e de, no fundo, capacitar a acção local, não obrigando ninguém a implementar estes recursos, mas dizendo “está aqui, se quiserem são recursos adicionais que podem utilizar”.

D: Quais é que são as principais problemáticas que os programas mais emblemáticos na área da saúde sexual e reprodutiva têm focado?

P: Nós vamos tendo relatos de muitas questões ligadas à gravidez na adolescência. Muitas das nossas comunidades, é de facto, diria, um duplo problema. Não é que não seja, sobretudo em tempos de tanta escassez de natalidade, não seja sempre uma felicidade e uma alegria, o nascimento de crianças é o nosso petróleo, mas em determinados contextos socioeconómicos altamente vulneráveis, em jovens muito jovens que não têm retaguarda familiar, nem económica, para sustentar as crianças, é normalmente um duplo problema porque acarreta quase normalmente o abandono precoce da escola, não é? Portanto isto tem custos significativos, sobretudo em jovens que muitas vezes poderiam ser as primeiras a quebrar com determinados ciclos de exclusão, que são intergeracionais em alguns casos, e de repente a melhor aluna da

turma engravida, abandona a escola, e já não retorna. E isto é não conseguirmos quebrar estes ciclos. Logo aí há um peso. Depois há um segundo peso que é nestes agregados, quando o nível de geração de receitas é relativamente baixo, é mais um encargo, é mais uma despesa, e pode até ter o efeito de, no fundo, piorar ainda a condição socioeconómica, não só dessa jovem como da família. O que nós temos feito é sensibilizar, é alertar, é dizer “É uma escolha tua”, obviamente, e “és livre de fazeres o que quiseses, relativamente a estas matérias mas há consequências, e portanto pensa bem nesse passo”, para que no fundo, não se repita aquilo que em muitos dos nossos bairros é um bocadinho padrão, que é o jovem com vinte anos tem três filhos, de três raparigas diferentes, e não vive com nenhuma delas, e elas têm a seu cargo crianças e no fundo romperam com um percurso escolar que podia ser de sucesso. É um bocadinho este padrão que nós vamos encontrando repetido nas nossas comunidades, que tentamos sensibilizar de uma forma determinada para as consequências. Depois há todo o domínio das DSTs, e aí tentamos de facto sensibilizar, deixando depois ao nível local o que é que querem fazer, como é que querem fazer, nós não damos directrizes nesse sentido, é claramente do domínio local, e aí as estratégias, as soluções, são as mais variadas. Mas há claramente um foco também nessa matéria, a própria APF, na formação que fizemos o ano passado, bateu muito nesse tema e aí somos muito abertos àquilo que localmente acharem que é a solução para o problema.

D: Qual é, se é que existe, o cruzamento entre as TICs e as questões de sexualidade e saúde sexual e reprodutiva?

P: Acho que ainda é um campo por explorar. Não... pontualmente haverá alguns exemplos interessantes, algumas coisas interessantes, mas creio que ainda é um campo por explorar. A própria APF, há uns tempos, desafiava-nos para uma candidatura a jogos sérios sobre o tema, e portanto nós até tivemos uma reunião exploratória, em princípio vamos avançar com esse projecto, e a ideia seria exactamente esse. À imagem de outros jogos sérios, como um que nós incorporámos “*Poverty Is Not a Game*” (PING) com a Gulbenkian, nós desafiámos e fomos desafiados pela APF para criar um jogo sério sobre o tema. Em vez de estarem a jogar aqueles jogos, enfim... de passatempo... poderem trabalhar temáticas como estas, jogando e utilizando no fundo aquilo que é algo muito apelativo para os nossos jovens. Portanto ‘tamos a sentir que há

um caminho ainda por fazer, queremos fazê-lo, haja parceiros para isso. Pode ser uma excelente ferramenta para sensibilizar.

D: Quando se faz formação em TICs ou em saúde sexual e reprodutiva, também são abordadas questões da privacidade no envio de mensagens ou de imagens?

P: Sim. Temos bem estruturada a parceria com a Internet Segura, e temos todos os nossos sites, todos os nossos conteúdos têm alertas para a questão da privacidade, da identidade, do roubo de identidade, dos conteúdos, isso nós temos estruturado... a própria formação dos nossos técnicos. Sei que o Escolhas, na semana da Internet Segura, é o grande cliente da FCT, da UMIC, os nossos centros são grandes animadores... a última vez recebemos uma notinha de louvor acerca da participação dos centros. Tentamos ter esse tema muito alerta para os nossos jovens.

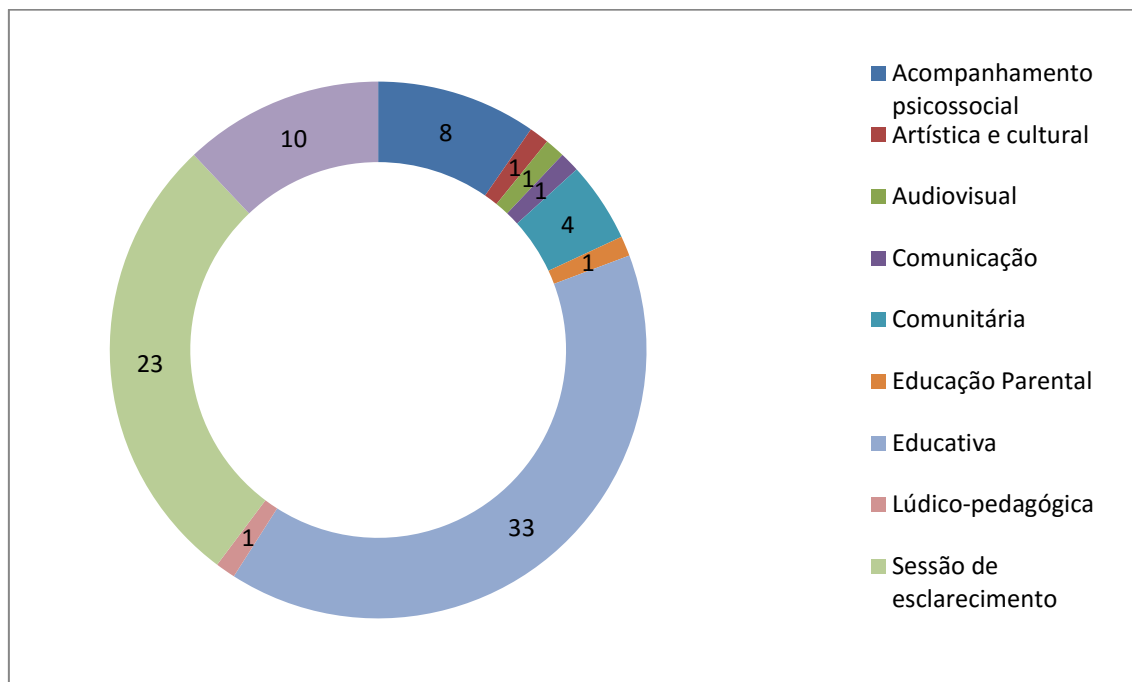
D: Há pouco estava a falar da questão do cruzamento com a academia e com a investigação... qual é o papel que isso tem no vosso funcionamento?

P: Nós somos um laboratório vivo. Digo isto muitas vezes a colegas investigadores. Eu também 'tou na Universidade, portanto consigo ter um bocadinho o pé de um lado e de outro e perceber de facto que nós só conseguiremos agir melhor tendo alguma reflexão estruturada, problematizada, e produzindo conhecimento. O Escolhas durante muitos anos, e essa era a missão, foi um *evidence-based program*, nós baseávamo-nos na evidência dos resultados, naquilo que íamos conseguindo transformar localmente. Eu creio que este legado já nos permite, hoje em dia, 13 anos depois da criação do programa, começarmos a produzir conhecimento, a disseminá-lo, a influenciar políticas públicas a outra escala, e portanto este é o desafio também desta quinta geração. Não nos vamos desviar do foco principal, que é estarmos nos territórios mais excluídos com os públicos mais excluídos, mas não perdemos de vista que cada um destes centros é um laboratório vivo, cada um destes técnicos é um cientista social, apesar de estar às vezes muito preocupado com aquelas minudências do dia-a-dia, mas nós temos andado a pregar isso, até na própria formação contínua que fazemos com os técnicos, que é, “você são cientistas sociais, você têm um laboratório extraordinário nas vossas mãos, para produzir conhecimento que pode ser interessante e útil para muito mais gente do que este universo” que, ainda assim, é grande, mas não deixa de ser pequeno, que é o

Programa. Temos muito pregado esta relação de convencer os nossos técnicos que eles são produtores de conhecimento e eles hoje em dia já o reconhecem. Por outro lado, as parcerias que vamos criando com Centros de Investigação, com universidades, com a academia em geral, precisamente para que outros investigadores, doutorandos, mestrandos possam também aqui vir analisar e produzir conhecimento, que depois nos devolvam, e que nos vá alimentando também... Os ingleses têm uma expressão muito bonita que é o “food for thought”, alimentarem-nos o raciocínio, o pensamento, portanto isso nós precisamos desesperadamente e 'tamos sempre disponíveis, dentro das nossas limitações.

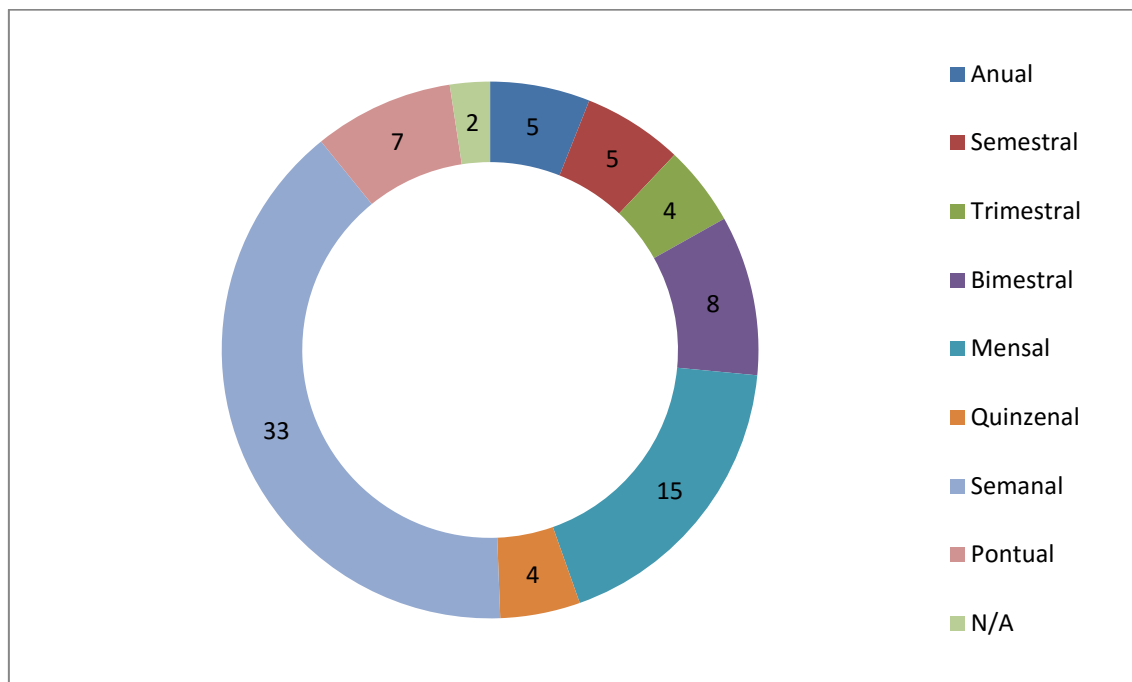
ANEXO 6

Gráfico A6 – Tipologia das iniciativas do Programa Escolhas aceites que envolvem a área da saúde (sexual e reprodutiva), recolhidos a 17 de Junho de 2013



ANEXO 7

Gráfico A7 – Periodicidade das iniciativas do Programa Escolhas aceites que envolvem a área da saúde (sexual e reprodutiva), recolhidos a 17 de Junho de 2013





Questionário «Entre Corpos e Ecrãs»

Questionário do Doutoramento em Ciências da Comunicação de Daniel Cardoso.

O objectivo deste estudo é perceber como os jovens utilizam a internet e as novas tecnologias para viverem a sua sexualidade e procurarem informação que lhes possa ser útil.

Procuramos jovens:

1. Entre os 16 e os 19 anos;
2. Que utilizem a Internet;
3. Que vivam em Portugal.

Pedimos-te que leias esta informação antes de concordar em participar.

Este estudo está a ser desenvolvido por Daniel Cardoso, doutorando na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com a orientação da Prof^a. Doutora Cristina Ponte e do Prof. Doutor Fernando Cascais.

O que vai ser pedido?

Se concordares em participar no estudo, ser-te-á pedido que respondas a um questionário anónimo na Internet. O questionário inclui questões sobre usos de equipamentos digitais (como o telemóvel e a internet), relacionados com a área da sexualidade e como esta é vivida por jovens, em Portugal.

Caso desejes parar de responder, podes fazê-lo a qualquer momento e anular as respostas que deste. Podes também interromper o preenchimento e retomar mais tarde.

Porque este questionário se destina a diferentes jovens, alguma da linguagem utilizada poderá parecer demasiado formal ou estranha para alguns, mas o objectivo é que ela seja compreensível para o maior número de jovens possível.

Que vantagens há em participar?

Ao responderes estarás a contribuir para o conhecimento sobre a importância que as novas tecnologias têm para a informação e a vida sexual dos jovens portugueses.

Este estudo também prevê a realização de entrevistas individuais. Caso estejas disponível para participar nessa segunda fase, poderás deixar um contacto de e-mail no questionário, e ter um papel mais participativo na investigação.

Quem posso contactar para mais informação?

Daniel Cardoso: danielcardoso [at] gmail. com

Consentimento

Ao clicar no botão "SEGUINTE", abaixo, declaro que li este formulário de consentimento e que considero que me foi dada a informação necessária acerca da natureza e objectivos deste estudo.

Existem 17 perguntas neste inquérito

Características Sócio-Demográficas

Começamos por perguntas sobre características pessoais.

A única resposta obrigatória neste questionário é a primeira, em que tens que indicar a tua idade. Por favor preenche esse campo, para poderes avançar no questionário.

[]Quantos anos tens? *

Only integer value may be entered in this field.

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

[]Sexo:

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

- ☐ Masculino
- ☐ Feminino
- ☐ Trans*
- ☐ Prefiro não responder
- ☐ Outro

[]Por favor indica qual o nível de escolaridade que frequentas, ou o último que frequentaste.

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

- ☐ 7º ano
- ☐ 8º ano
- ☐ 9º ano (ou equivalente)
- ☐ 10º ano
- ☐ 11º ano
- ☐ 12º ano (ou equivalente)
- ☐ 1º ano de licenciatura
- ☐ Outro

[] Em que zona do país vives?

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

- ☐ Norte
- ☐ Centro
- ☐ Lisboa
- ☐ Alentejo
- ☐ Algarve
- ☐ Açores
- ☐ Madeira

Escolhe da lista qual a tua zona de residência.

Utilização das novas tecnologias (TIC)

Passamos agora para os equipamentos digitais. As TIC incluem computadores, internet, telemóveis, consolas de jogos, *tablets*, ou qualquer outro aparelho que possas usar para **aceder à internet ou a conteúdos digitais**.

[] Por favor indica quais destes equipamentos costumas usar e onde os usas.

	No quarto (ou outro espaço em privado em casa)	Fora do quarto (p. exe, na sala)	Fora de casa (p. exe, escola, biblioteca, casa de amigos, na rua, no café)	Não uso
Televisão	☐	☐	☐	☐
Consola de jogos portátil	☐	☐	☐	☐
PC de mesa	☐	☐	☐	☐
Computador portátil	☐	☐	☐	☐
Rádio	☐	☐	☐	☐
Telemóvel	☐	☐	☐	☐
Tablet/iPad	☐	☐	☐	☐
Leitor de mp3/iPod	☐	☐	☐	☐

[]

Alguns jovens usam mais do que um telemóvel, outros usam um, e também há quem não queira ou não possa usar telemóvel.

Pensa em todos os telemóveis que te pertencem e assinala o que fazes com eles (resposta múltipla).

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

----- Scenario 1 -----

A resposta for '1' na pergunta '5 [PTE]' (Por favor indica quais destes equipamentos costumás usar e onde os usas.)

----- ou Scenario 2 -----

A resposta for '1' na pergunta '5 [PTE]' (Por favor indica quais destes equipamentos costumás usar e onde os usas.)

----- ou Scenario 3 -----

A resposta for '1' na pergunta '5 [PTE]' (Por favor indica quais destes equipamentos costumás usar e onde os usas.)

Por favor, seleccione **todas** as que se aplicam:

- ☐ Recebo ou envio MMS (mensagens de imagem, vídeo ou som).
- ☐ Acedo à internet.
- ☐ Gravo vídeos ou tiro fotografias.
- ☐ Não tenho telemóvel.
- ☐ Prefiro não responder.

[] Por favor indica em que locais e com que frequência costumas utilizar a internet nesses locais.

Por favor, selecione uma resposta apropriada para cada item:

	Praticamente todos os dias	Uma ou duas vezes por semana	Uma ou duas vezes por mês	Com menos frequência	Nunca
No teu quarto (ou noutra divisão só tua) em casa.	☐	☐	☐	☐	☐
Na sala (ou noutra divisão comum) em casa.	☐	☐	☐	☐	☐
Na escola ou na faculdade.	☐	☐	☐	☐	☐
Num café com internet (cybercafé).	☐	☐	☐	☐	☐
Numa biblioteca pública ou noutro local público.	☐	☐	☐	☐	☐
Em casa de amigos.	☐	☐	☐	☐	☐
Em casa de familiares.	☐	☐	☐	☐	☐
Na rua (por exemplo, via telemóvel, consola, tablet, Blackberry).	☐	☐	☐	☐	☐

Procurar informação sobre matérias sexuais na internet e fora dela

Vamos agora entrar em questões sobre sexualidade. Não existem aqui respostas certas ou erradas. Pedimos apenas que sejas o(a) mais sincero(a) possível nas respostas que deres.

Muitos jovens usam a internet para tentar esclarecer as suas dúvidas sobre sexualidade, saúde sexual, obter dicas para melhorar a sua vida sexual, entre outras possibilidades. Muitos jovens também acham importante falar sobre sexualidade, ou saúde sexual, com amigos, professores, ou ler sobre o assunto em revistas ou livros.

A internet tem imensa informação sobre sexualidade. Essa informação pode estar em vários sites diferentes, em várias línguas e, às vezes, pode até nem ser a mais correcta. As perguntas seguintes referem-se às várias formas como poderás ter usado a internet ou outros meios para procurar esse tipo de informação, nos últimos 12 meses.

[]

Nós últimos 12 meses, quais destas coisas fizeste na internet para procurar informação sobre sexualidade?

Por favor, assinala todas as opções que se apliquem.

Por favor, seleccione **todas** as que se aplicam:

- ☐ Fui à Wikipédia.
- ☐ Fui a um site especializado em saúde sexual (do Ministério da Saúde, ou de uma clínica de sexologia, etc...).
- ☐ Fui ao Google (ou outro motor de busca) e carreguei no primeiro resultado que apareceu.
- ☐ Fiz uma pergunta num fórum ou blog.
- ☐ Fiz uma pergunta numa rede social (por ex: Hi5, Facebook, Orkut).
- ☐ Debati a questão numa sala de chat.
- ☐ Procurei a informação em vários sites diferentes e comparei-os, para tentar perceber qual era a informação mais correcta.
- ☐ Fui procurar um filme ou série na internet que me esclarecesse.
- ☐ Fiz o download de um livro electrónico (e-book) que me esclarecesse.
- ☐ Nunca procurei informação sobre isto na internet.
- ☐ Prefiro não responder.
- ☐ Outro:

[]

Pensando ainda nos últimos 12 meses, quais destas coisas fizeste, fora da internet, para obter informação sobre sexualidade ou saúde sexual?

Por favor assinala todas as opções que se apliquem.

Por favor, seleccione **todas** as que se aplicam:

- ☐ Falei com alguém da minha idade em quem confio.
- ☐ Falei com um adulto da minha família.
- ☐ Falei com um professor ou professora.
- ☐ Tive aulas sobre Educação Sexual na escola.
- ☐ Falei com um médico.
- ☐ Falei com um padre ou outra figura religiosa.
- ☐ Procurei uma revista ou livro que fale sobre o que queria saber.
- ☐ Não falei com ninguém sobre isto nem procurei informação fora da internet.
- ☐ Prefiro não responder.
- ☐ Outro:

Contactos com conteúdos sexuais na internet

Algumas pessoas vêem imagens, vídeos ou textos com conteúdos sexuais ou íntimos na internet, por acaso ou porque as procuram. Há pessoas que se sentem incomodadas a ver essas imagens, e há pessoas que gostam de as ver - às vezes sozinhas, às vezes em grupo.

As perguntas abaixo referem-se a possíveis situações em que possas ter visto imagens, vídeos ou textos com conteúdos sexuais ou íntimos na internet, nos últimos 12 meses.

[] Pensando nos últimos 12 meses, por favor assinala as situações onde viste imagens, vídeos ou textos com conteúdos sexuais ou íntimos, e como te sentiste em cada situação. Caso não tenham ocorrido, assinala "Isto nunca aconteceu comigo".

Por favor, seleccione uma resposta apropriada para cada item:

	Isto nunca aconteceu comigo.	Nunca me senti incomodado/a.	Por vezes, senti-me incomodado/a.	Senti-me incomodado/a muitas vezes.	Senti-me sempre incomodado/a.
Através de imagens que se abriram sozinhas (ex: pop-ups de publicidade)	☐	☐	☐	☐	☐
Quando estava a fazer uma busca por outro assunto qualquer (ex: no Google)	☐	☐	☐	☐	☐
Quando estava a aceder a sites que contêm este tipo de material.	☐	☐	☐	☐	☐
Quando alguém me enviou uma imagem, filme ou link.	☐	☐	☐	☐	☐

Interacções por telemóvel

As perguntas que se seguem dizem respeito a coisas que tenham acontecido contigo, nos **últimos doze meses**, enquanto usas o teu telemóvel.

[]

Quais destas situações já se passaram contigo, nos últimos 12 meses?

Por favor, assinala todas as opções que se apliquem.

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

----- Scenario 1 -----

A resposta for '1' na pergunta '5 [PTE]' (Por favor indica quais destes equipamentos costumás usar e onde os usas.)

----- ou Scenario 2 -----

A resposta for '1' na pergunta '5 [PTE]' (Por favor indica quais destes equipamentos costumás usar e onde os usas.)

----- ou Scenario 3 -----

A resposta for '1' na pergunta '5 [PTE]' (Por favor indica quais destes equipamentos costumás usar e onde os usas.)

Por favor, selecione **todas** as que se aplicam:

- ☐ Recebi uma mensagem a pedir fotografias minhas que fossem sexuais ou íntimas, enviada por alguém que conheço.
- ☐ Enviei uma mensagem com conteúdo sexual ou íntimo de mim mesmo/a, para alguém desconhecido.
- ☐ Recebi uma mensagem com conteúdos sexuais ou íntimos, enviada por alguém que conheço.
- ☐ Enviei uma mensagem a pedir conteúdos sexuais ou íntimos para alguém desconhecido.
- ☐ Enviei uma mensagem com conteúdo sexual ou íntimo que se referir a mim mesmo/a, para alguém que conheço.
- ☐ Recebi uma mensagem a pedir fotografias minhas que fossem sexuais ou íntimas, enviada por alguém desconhecido.
- ☐ Enviei uma mensagem a pedir conteúdos sexuais ou íntimos para alguém que conheço.
- ☐ Recebi uma mensagem com conteúdos sexuais ou íntimos, enviada por alguém desconhecido.
- ☐ Nada disto aconteceu comigo.
- ☐ Prefiro não responder.
- ☐ Outro:

Participação online sobre temáticas sexuais

Estar inscrito numa rede social, num fórum ou escrever e comentar em blogs é algo comum. Há quem use isso para debater questões sobre sexualidade, saúde sexual, ou para organizar protestos, manifestações, conferências ou sessões de esclarecimento sobre estes assuntos.

[]

Nos últimos 12 meses, em quais destas iniciativas participaste na internet (em blogs, fóruns ou redes sociais)?

Por favor, assinala todas as opções que se apliquem.

Por favor, seleccione **todas** as que se aplicam:

- ☐ Juntei-me ou participei num grupo dedicado a debater sobre os direitos dos jovens em matéria de informação sobre sexualidade e sobre saúde sexual.
- ☐ Juntei-me ou participei num grupo dedicado a debater sobre os direitos de minorias sexuais.
- ☐ Não fiz nenhuma destas coisas.
- ☐ Prefiro não responder.
- ☐ Outro:

Opiniões sobre sexo e sexualidade

[]

Quais das frases seguintes são as que melhor descrevem as tuas opiniões sobre sexualidade?

Por favor escolhe as quatro frases que melhor descrevem o que sentes em relação ao sexo e à sexualidade.

Selecione no máximo 4 respostas

Por favor, selecione **todas** as que se aplicam:

- ☐ O sexo funciona melhor quando há fantasia envolvida.
- ☐ O sexo mantém-nos saudáveis, tanto física como emocionalmente.
- ☐ O sexo consegue pôr-nos em contacto com quem realmente somos, por dentro.
- ☐ Fazer sexo requer muita comunicação com o(s) parceiro(s).
- ☐ O sexo a sério não é como aparece nos filmes porno.
- ☐ O sexo é mais agradável quando existem sentimentos envolvidos, especialmente amor.
- ☐ Dá-se demasiada importância ao sexo, tendo em conta que toda a gente o faz.
- ☐ Fazer sexo devia ser algo íntimo, mas muitas vezes não é.
- ☐ A parte mais importante do sexo é a ligação humana que se cria.
- ☐ A pornografia pode ser sexualmente excitante, mas também pode estragar o sexo a sério.
- ☐ É preciso esforço para sermos bons a fazer sexo.
- ☐ Ver pornografia alimenta a minha imaginação.
- ☐ Prefiro não responder.
- ☐ Outro:

Alguns dados sobre ti

Vamos agora fazer-te algumas perguntas sobre ti, que são muito importantes para conseguirmos perceber de que maneira é que diferentes pessoas utilizam as novas tecnologias. Sabemos que estas são perguntas sensíveis, e agradecemos se puderes responder.

[]

Algumas pessoas vêem imagens, vídeos ou textos de conteúdo sexual ou íntimo apenas quando estão sozinhas, outras fazem-no acompanhadas de amigos/as ou namorados/as.

Ainda pensando nas vezes em que viste imagens, vídeos ou textos de conteúdo sexual ou íntimo, durante os últimos 12 meses, em que situações é que isso aconteceu? Por favor, assinala todas as que se possam aplicar.

Por favor, selecione **todas** as que se aplicam:

- ☐ Eu estava sozinha/o.
- ☐ Eu estava acompanhado/a com amigos/as ou colegas.
- ☐ Eu estava na companhia de alguém com quem tinha uma relação sexual/íntima.
- ☐ Prefiro não responder.
- ☐ Outro:

[]Orientação sexual:

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

- ☐ Heterossexual
- ☐ Homossexual
- ☐ Bissexual
- ☐ Prefiro não responder
- ☐ Pansexual
- ☐ Asexual
- ☐ Outro

[]Já alguma vez tiveste relações sexuais?

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

- ☐ Sim
- ☐ Não

Continuar a participar no estudo...

O questionário que tens estado a preencher até agora faz parte de um estudo mais alargado, que envolve entrevistas pessoais com jovens, cara-a-cara.

É muito importante para o estudo que várias pessoas se disponibilizem para serem entrevistadas, de maneira a que possamos compreender melhor como é que os jovens portugueses usam a internet e as novas tecnologias para crescerem enquanto pessoas sexuais.

Se quiseres ser contactado/a para participar nessa segunda parte, ou para receber informação sobre como participar, podes preencher o campo em baixo. Não és obrigada/o a ser entrevistada/o caso deixes o teu contacto, e mesmo que aceites ser, podes cancelar ou parar de participar quando quiseres.

As respostas que dás neste questionário **nunca** vão ser associadas a ti, mesmo que continues a participar, e o facto de deixares o teu contacto **não te obriga** a participar de facto nas entrevistas.

[] Se quiseres participar na parte do estudo que envolve entrevistas cara-a-cara, ou se quiseres mais informação sobre o que envolve essa participação, por favor deixa aqui o teu endereço de e-mail:

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

Obrigado pelo tempo disponibilizado a preencher o questionário.

O trabalho desenvolvido a partir das suas respostas irá posteriormente integrar a investigação de Doutoramento "Entre Corpos e Ecrãs", de Daniel Cardoso, financiada pela FCT, com a referência SFRH / BD / 73079 / 2010.

Para saber mais sobre esta investigação, podes [clique aqui](#).

Existem várias instituições que têm como objectivo apoiar e informar os jovens sobre as várias questões levantadas neste estudo. Aqui estão algumas delas:

[Internet Segura](#)

[Miúdos Seguros na Net](#)

[Rede Ex Aequo](#)

[Saúde e Sexualidade Juvenil - Portal da Juventude](#)

[Linhas de Apoio - Portal da Saúde](#)

30/01/2014 – 22:09

Submeter o seu inquérito

Obrigado por ter concluído este inquérito.

ANEXO 9

Indicações gerais

Este guião de entrevista é o resultado da busca por vários trabalhos de investigação diferentes e uma tentativa de sintetizar perguntas de diferentes áreas de saber num todo coerente. Parte da organização conceptual para o questionário advém da distinção feita pelo Projecto EU Kids Online, que aborda as várias posições que os jovens podem ocupar enquanto mobilizadores das novas tecnologias: actores/agentes, participantes/parceiros e receptores. Estas posições têm, para o propósito deste estudo, de ser cruzadas com as várias áreas de actividade abordadas: a busca de informação sobre saúde sexual e sexualidade, a participação em actividades cívicas online, o consumo de material sexual e/ou pornográfico, e a produção ou troca de material sexual/íntimo próprio.

Porém, se isto dá uma visão abrangente das diferentes práticas ou dinâmicas que os jovens podem incluir no seu repertório de experiências do dia-a-dia, não é suficiente para descrever os objectivos e dimensões a que se pretende chegar com a realização de cada uma das entrevistas. Assim sendo, identificaram-se sete áreas temáticas que precisam de ser cruzadas com, por um lado, as quatro actividades e, por outro lado, os três papéis que os jovens podem ocupar em cada uma das quatro actividades.

Essas sete dimensões são, por nenhuma ordem em especial, as seguintes:

1. *Dimensão afectiva*: emoções, sentimentos, atitudes, crenças e valores face a cada uma das práticas, e face a cada uma das posições que o jovem e outros jovens podem ocupar;
2. *Dimensão de mediação*: diferentes formas de mediação (pessoal, social, legal) e como estas modulam os comportamentos e a percepção deles;
3. *Dimensão biográfica/narrativa*: os relatos sobre as práticas, e possíveis mudanças de práticas, ao longo do tempo, tanto por parte do próprio jovem, como das pessoas que ele conhece;
4. *Dimensão da literacia mediática*: reconhecimento e discurso sobre aprendizagem por via dos *media*, interpretação reflexiva sobre as funções e papéis que os usos que fazem dos *media* têm na sua vida, percepção sobre os sistemas de produção e circulação mediática do que consomem e/ou produzem;

5. *Dimensão auto-reflexiva*: a relação consigo mesmo através dos *media*, a ligação ao corpo, as alterações do corpo e como o jovem liga isso com as suas práticas, ou a forma como o jovem se sente a mudar (psico-emocionalmente, fisicamente) por via da sua relação com os *media*, ou se vê como parte activa dos seus processos de mudança e relação com o mundo;
6. *Dimensão normativa*: a sistematização normativa sobre as razões e regras que regem ou deveriam reger as experiências próprias e alheias de interacção com os *media* nas suas várias vertentes, o papel que o jovem acha que os *media* deveriam ter ou que teme que tenham; governamentalidade e introjecção de sistemas disciplinares e/ou resistência a estes;
7. *Dimensão meta-analítica*: considerações sobre conceitos e definições que o jovem usa ou tem sobre os temas em questão, e que passa por não presumir que a definição de cada um dos temas é universal para todos os participantes; fundamental para servir como grelha de leitura do resto dos elementos da entrevista; inclui-se aqui também uma minissecção de perguntas sobre a percepção que o jovem tem sobre o presente estudo e factores de motivação para a participação.

Guião geral de perguntas semi-estruturadas

O presente guião pretende ser uma versão relativamente exhaustiva das várias perguntas que *poderão* ser colocadas consoante o jovem e o contexto da entrevista em si; será pouco provável que todo o guião seja implementado numa única entrevista. Para esse fim, algumas perguntas servirão de roteamento para outras, seguindo um princípio básico de avançar das perguntas potencialmente menos intrusivas para as potencialmente mais intrusivas, e das perguntas sobre comportamentos alheios para perguntas sobre comportamentos próprios. As dimensões apresentadas acima não pretendem constituir uma esquemática da organização do questionário, que seguirá antes a via de se organizar pelas quatro actividades identificadas no início, já que nem todas elas se poderão necessariamente aplicar a todos os jovens, facilitando assim que não se façam perguntas redundantes ou desadequadas.

Porém, antes de se iniciarem as perguntas sobre actividades, será necessário incluir um momento de negociação sobre consentimento informado, sobre a percepção que o

jovem tem dos objectivos do estudo, e sobre a possibilidade de algum dos temas estar, *a priori*, fora de consideração para toda a entrevista. Parte deste processo passará por tentar estabelecer uma relação de memória entre o questionário, preenchido há já algum tempo, com a presente entrevista, e procurando perceber se algo no questionário deixou uma maior impressão ou causou algum potencial desconforto (questão essa que, no entanto, terá de ser abordada indirectamente).

Parte I – Apresentação do estudo e entrevista, garantia de consentimento informado e estabelecimento do anonimato

Esta conversa insere-se no contexto de uma investigação do projecto de doutoramento “Entre Corpos e Ecrãs”, que tenta compreender os vários usos, opiniões, experiências e sentimentos que os jovens em Portugal têm sobre as novas tecnologias, como a internet ou o telemóvel. Há algum tempo atrás, respondeste a um questionário que estava ligado a esta investigação, também, e onde ofereceste o teu contacto para uma possível entrevista cara-a-cara. Antes de começarmos, gostaria de lembrar que não existem aqui respostas certas ou erradas – todas as minhas perguntas têm que ver com a tua opinião, e com as experiências por que passaste, ou pelas quais amigas e amigos teus também passaram e que tu tenhas visto, ou te tenham contado. Além disso, existem pessoas – tanto mais novas como mais velhas do que tu – que preferem não falar de alguns dos temas de que o meu trabalho fala, e isso não faz mal nenhum. Sempre que houver alguma coisa sobre a qual prefiras não falar, podes dizer-me, ou então podes apenas não responder à pergunta e eu passarei ao tema seguinte. Para além disso, se houver alguma coisa que eu diga que consideres estar errada, ou em que discordes de mim, peço-te também que mo digas. O meu objectivo é aprender contigo e com aquilo que acontece no teu dia-a-dia, ou que tu aches importante o suficiente para partilhar comigo. Se em qualquer altura quiseres interromper a nossa conversa e ir embora, ou se precisares de te ir embora por alguma razão, também não há qualquer problema – basta dizeres-me e podemos terminar nessa altura. Espero que te sintas à vontade o suficiente para falar comigo como costumavas falar habitualmente.

Antes de começarmos, quero apenas dizer-te que eu não faço ideia que respostas deste no questionário que respondeste. Ou seja, não vou estar a comparar aquilo que me disseres aqui com as respostas que deste há cerca de um ano atrás, e portanto não faz mal se mudares de ideias, ou se entretanto tiver acontecido alguma coisa que ainda não

tinha acontecido quando respondeste. Mesmo que eu quisesse, não tenho qualquer forma de saber que respostas deste no questionário, nem de as comparar às que deres hoje. Infelizmente, isso pode querer dizer que vou repetir algumas das perguntas feitas na altura, às quais também só respondes se quiseses, claro.

Para poderes estar à vontade com as tuas respostas, e ninguém poder saber quem tu és, vou pedir-te que escolhas uma alcunha pela qual vais ficar conhecido/a no meu trabalho. Como podes ver, vou usar um gravador para registar a nossa conversa, desde que concordes com isso. O objectivo é eu ter a certeza absoluta de quais foram as tuas palavras exactas e, quando regressar a casa, poder copiar toda a nossa conversa para um documento. Se não te importares, e se quiseses, eu depois poderei enviar-te esse documento para o teu e-mail, que usei para entrar em contacto contigo, e assim podes dizer-me se há algum pormenor que queiras acrescentar, que queiras corrigir ou alguma coisa que te tenha deixado a pensar depois de esta nossa conversa terminar. Além disso, se por alguma razão referires o nome de amigos ou familiares, isso não vai aparecer no documento que eu escrever, e absolutamente mais ninguém vai ter acesso à gravação desta nossa conversa: ela vai ficar trancada no meu computador, de uma maneira que é impossível de abrir sem uma palavra-passe muito complicada e impossível de adivinhar.

O documento que vai ter a nossa conversa escrita irá um dia ficar disponível na Internet, porque vai estar junto da minha tese de doutoramento, que tem de estar publicada na Internet. Além disso, e como te disse, o meu objectivo é também aprender contigo e com o que me disseres, portanto poderei precisar de utilizar excertos do que disseres em conferências ou outras apresentações públicas – mas, reforço a ideia, o teu nome verdadeiro nunca vai aparecer, só o nome que tu escolheste há bocado, e portanto ninguém vai conseguir identificar-te.

Se quiseses, podes já fazer-me algumas perguntas, especialmente se houve alguma coisa do que eu disse que tenha ficado confusa, ou em que eu não me tenha explicado como deve ser.

Como talvez tenhas reparado, eu tenho aqui um conjunto de temas e perguntas que gostava de abordar nesta nossa conversa, mas isto não vai ser como se estivesses a preencher um questionário, o que quer dizer que, consoante aquilo que me disseres, as perguntas que eu possa vir a fazer poderão mudar. Como eu não quero interromper-te enquanto estiveres a falar, espero que não te importes se eu for tirando algumas notas

enquanto estivermos a falar, para não me esquecer de te fazer alguma pergunta a partir do que me disseres. Se não tiveres mais dúvidas, vou então ligar o gravador.

Parte 2 – Ligação com o questionário online e introdução ao tema do estudo

- Há cerca de um ano preenchestes um questionário online criado para o estudo que estou a desenvolver. Ainda te lembras sobre o que falava?
- Lembras-te de onde encontraste o link para o questionário?
- Ainda te consegues lembrar do que é que te levou a querer responder ao questionário, na altura?
- Achaste que o questionário fazia sentido, e que perguntava coisas que achas interessantes ou importantes?

Parte 3 – Parque tecnológico e usos dos meios em estudo [atentar a apenas fazer perguntas que façam sentido tecnologicamente]

- Onde é que costumas aceder à internet?
- Tens sítios onde consegues ter uma boa ligação?
- [Se em casa foi um dos sítios] Quando estás a utilizar a internet em casa, consegues estar em privacidade a fazê-lo, ou há sempre alguém por perto?
- Tens telemóvel? [ou, caso tenha havido contacto por telemóvel] Que telemóvel é que tens? Costumas ligar-te à internet através dele? Usas wireless para te ligar?
- O teu tarifário de telemóvel inclui dados de internet que possas usar, quando não tens wireless?
- Podes dizer-me o que gostas mais de fazer na internet? E o que é que te chateia mais ou te deixa mais irritado quando estás a usar a internet?

[Para as Partes seguintes, mobilizar em primeiro lugar os pontos do questionário que o entrevistado referiu explicitamente; de contrário utilizar preferencialmente a mesma ordem do questionário]

Parte 4 – Procura de informação sobre saúde sexual ou sobre sexualidade na internet e fora dela [atentar a apenas fazer perguntas que façam sentido mediante as respostas prévias dadas]

- Um dos temas que abordava no questionário tinha que ver com usar a internet para procurar informação sobre saúde sexual, contraceção, e outros

temas dentro da área da sexualidade. Mas a internet não é o único sítio onde essas informações existem. De vez em quando falas com alguém sobre esses temas? Com quem?

- Algumas das pessoas que responderam ao questionário online disseram que também falam com familiares sobre o assunto, mesmo que seja só ocasionalmente. Isso também já aconteceu contigo, falares com alguém da tua família para esclarecer dúvidas ou trocar impressões sobre algum assunto relacionado, por exemplo, com saúde sexual e reprodutiva, ou sobre como funcionam as relações sexuais? Foi alguém perto da tua idade, ou mais velho?
- Como é que esses assuntos são abordados lá em casa? Os teus pais, ou os adultos com quem vives, já tiveram alguma conversa sobre o tema contigo? De que episódios te lembras em que essas conversas tenham acontecido?
- Como é que te sentes a falar destas coisas lá em casa? E com amigos mais próximos?
- Há várias escolas que têm aulas ou actividades onde se fala de educação sexual. Na tua alguma vez se fez algo do género?
- Consegues lembrar-te em que situação ou situações isso aconteceu? O que se passou dessa/dessas vez/es? Quem estava a organizar esse momento – foi numa aula com um professor ou professora vosso, ou foi algo extracurricular?
- É comum, nesse tipo de situações, as pessoas começarem a rir-se e a brincar com a situação. Como é que os teus colegas reagiram?
- Lembras-te de como é que tu te sentiste nessa altura?
- Achas que essas iniciativas serviram para alguma coisa? Sentiste-te mais esclarecido, ou algum dos teus colegas e amigos te disse que se sentiu mais esclarecido?
- Achas que é importante a escola fazer estas coisas? Porque é que achas que a escola fala sobre estes assuntos?
- Sentiste falta de que se falasse de alguma coisa
- Se te pedissem para organizar uma sessão de esclarecimento sobre esses temas na tua escola / com um grupo de amigos e outras pessoas da tua idade, como é que o fazias?

- Voltando agora a falar da internet, há muitos jovens que, conforme vêm o seu corpo a mudar com a adolescência, têm perguntas sobre se o que se está a passar com eles é normal, ou sobre como lidar com o que estão a sentir, sobre protegerem-se de doenças, e muitas outras coisas. Já algum amigo ou amiga tua/teu te falou de usar a internet para procurar esse tipo de informação? Podes dizer-me o que é que essa pessoa te contou?; não precisas de dar o nome de ninguém.
- Então e no teu caso, alguma vez foste à internet para procurar informação sobre sexo ou saúde sexual, ou para tentares perceber melhor coisas sobre o teu corpo ou o de outras pessoas?
- Lembras-te quando é que começaste a procurar esse tipo de informação, ou qual foi a primeira vez em que o fizeste?
- Lembras-te de qual foi o tema que procuraste? Aconteceu alguma coisa nessa altura que te fez ir à procura disso?
- Sentes que, das vezes em que foste procurar informação sobre isso na internet, isso te ajudou? Ou houve situações em que sim e outras em que não? Queres contar-me alguns casos de que te lembres?
- Como é que procuras informação sobre esses assuntos na internet? Se eu precisasse de informação sobre, por exemplo, doenças sexualmente transmissíveis, como é que me aconselharias a procurar?
- Achas que a internet é importante para as pessoas se informarem melhor sobre este tipo de assuntos? Qual é a diferença entre ir à internet procurar informação e procurar um livro numa biblioteca, por exemplo?
- Lembras-te de alguma situação em que a informação que encontraste tenha servido para ajudar alguém, ou que te tenha ajudado a ti a esclarecer alguma coisa ou resolver algum problema? Podes contar o que se passou?
- Os teus amigos costumam ir ter contigo quando precisam de saber coisas sobre este assunto? Ou costumam falar contigo sobre isto? Ou será que é ao contrário e há alguma ou algumas pessoas com quem costumas ir ter, de entre o teu grupo de amigos e colegas, para fazer perguntas sobre isto?
- É fácil encontrar informação sobre estes assuntos na internet? Como é que sabes se a informação que encontras é verdadeira ou tem algum erro?

- Imagina que não existia internet, ou que ela não falava sobre este tipo de questões. Como é que ias à procura de informação nesse caso?
- O que é que achas mais importante saber quando se está a procurar informação sobre sexualidade na internet?
- Achas que essa informação também pode ser perigosa ou deixar alguém desconfortável ou em problemas? Em que situações, e quem achas que poderia ser afectado de forma negativa por esse tipo de informação?
- [Caso haja algum exemplo prático] Sugeres alguma coisa como forma de impedir ou tentar prevenir esse tipo de situações?
- Para além de todas as formas de procurar informação de que já falámos, há mais alguma que aches importante?

Parte 5 – Activismo e engajamento social através da internet

- Outro dos temas que o questionário que preenchestes abordava era o de estar em redes sociais, ou fóruns, e debater assuntos sobre igualdade entre homens e mulheres, discriminação contra pessoas que não são heterossexuais, ou sobre direitos sexuais, como a discriminação contra homens homossexuais no que toca a dar sangue, ou a questão da despenalização do aborto. Há jovens que estão em fóruns e redes sociais (também) para falar destes assuntos, e há outros que são também activistas directos, participando em manifestações, ou colando cartazes sobre estes assuntos e participando em debates e conferências. Conheces alguém, de entre o teu grupo de amigos, que se interesse por este tipo de temas?
- [Se sim] És capaz de me contar que tipo de actividades é que desenvolvem, tanto dentro da internet como fora dela, e sobre que assuntos falam?
- Sabes como é que ele/ela/eles se interessaram por esses temas, e como é que se começaram a envolver nessas actividades?
- Esses teus amigos costumam falar disso contigo? Achas que o que eles fazem é importante? Porquê?
- Porque é que achas que eles se começaram a envolver nesses temas?
- Achas que o que eles fazem pode ter algum efeito, a nível de mudar as mentalidades ou de despertar consciências, ou achas que não é assim que se mudam as coisas que eles pretendem mudar?

- E tu, alguma vez fizeste parte de algum grupo de discussão sobre estes temas, seja numa rede social como o Facebook, seja em blogs ou em fóruns, por exemplo? [Se não: porque nunca te envolveste com um grupo assim?]
- [Se sim] Podes dar-me alguns pormenores do grupo ou grupos em que estás envolvido?
- Lembras-te de como é que começou esse teu envolvimento? Podes contar-me?
- Que tipo de actividades fazem parte da tua participação habitual lá? Há uma parte do que fazes que sai para fora da internet?
- O que te motivou a participar nesse(s) grupo(s)?
- Sentes que aprendes alguma coisa quando lá estás? E sentes que consegues também ensinar alguma coisa a alguém?
- Mudou alguma coisa na tua vida, ou na maneira como encaras a tua vida, depois de teres entrado nessas actividades? [Ou:] O que mudou, para ti, depois de teres começado a participar nessas actividades?
- Que tipo de contacto e relações tens com as pessoas que conheceste nesse meio?
- O que sentes quando estás nesses grupos a debater esses temas? Costumas ter experiências boas ou más?
- Às vezes pode ser complicado falar destes temas, mesmo na internet. Alguma vez te sentiste desconfortável numa conversa que tenhas tido nos grupos, blogs ou fóruns que frequentas?
- Queres contar o que aconteceu dessa ou dessas vezes? Há alguma situação que te tenha marcado especialmente?
- E o contrário: experiências positivas em que tenhas sentido apoio e em que te tenham ajudado a lidar com algum problema que possas ter tido, já tiveste?
- Achas que devia haver mais gente a participar neste tipo de grupos e de actividades? Porquê?
- Achas que devia ser feito para incentivar outros jovens a participar?
- [Se sim] O quê? Já fizeste alguma dessas coisas, ou já encorajaste alguém a juntar-se a algum grupo?
- Achas que deve haver algum tipo de limitação à participação nesses grupos?
- Gostavas de ter um papel mais activo, ou de fazer alguma coisa que ainda não tenhas tido oportunidade de fazer, no contexto destes grupos?

- Planeias continuar nesses grupos? A fazer o quê? O que te motiva a querer ficar lá de futuro?
- Se tivesses de resumir a tua experiência lá numa frase, qual seria?

Parte 6 – Consumo de material erótico ou sexual na internet

- Muitas pessoas, de várias idades, também utilizam a internet para ver material que é considerado erótico ou pornográfico. Isto pode abranger várias coisas: ver filmes, ver fotografias, e até mesmo ler textos com descrições sexuais. Alguma vez tiveste uma conversa com um amigo ou amiga tua em que essa pessoa te contasse que viu algo desse género?
- Lembras-te de quem era, e do que é que essa pessoa te contou? Podes contar-me a mim, resumidamente?
- Porque é que essa pessoa te contou isso? Em que contexto surgiu essa conversa?
- É algo que costumes falar com o teu grupo de amigos ou colegas?
- Porque é que achas que essa pessoa ou essas pessoas viram/vêem esse tipo de material? Achas que retiram algo de bom ou positivo por verem esse tipo de material?
- Alguma dessas histórias que partilharam contigo envolveu uma situação em que a pessoa em questão se tivesse sentido desconfortável ou incomodada com aquilo que aconteceu nessa vez?
- [Se sim] A pessoa disse-te porque é que ficou incomodada? O que é que lhe respondeste?
- Achas que faz sentido que essa pessoa se tenha sentido incomodada? Se fosses tu na mesma situação, achas que também te ias sentir mal, ou incomodado com o que aconteceu?
- E tu, já alguma vez viste este tipo de material?
- [Se sim] Viste-o porque foste à procura dele, ou foi algo accidental? [Se não] Nem mesmo por acidente, como numa publicidade num site, ou num pop-up, ou a fazer buscas no Google sobre outras coisas?
- Lembras-te da primeira ou de algumas das primeiras vezes em que isso te aconteceu? Consegues contar-me como foi, e há quanto tempo foi?
- O que é que sentiste nessa altura, o que é que te passou pela cabeça nesse momento?

- Ainda te consegues lembrar do que foi que viste dessa vez?
- Depois dessa primeira ou primeiras vezes, voltaste a procurar esse tipo de material? E outros [inserir aqui coisas que o jovem não tenha referido]?
- Tens algum tipo de preferência; por exemplo, há algum site a que recorras quando queres ver esses tipos de material? Ou: quando queres encontrar esse tipo de material, como é que fazes?
- É só na internet que encontras ou vais à procura desse tipo de material, ou também recorres a outras fontes? Quais?
- [Caso o jovem continue a falar do tema] Ao longo do tempo, tens mudado o tipo de material que vês ou lêes, e onde o vais buscar? [Se sim] Porque achas que essa mudança aconteceu?
- Alguma vez aprendeste alguma coisa a ver/ler esse tipo de conteúdo? Consegues lembrar-te de alguma coisa que tenhas aprendido, e em que situação isso aconteceu, ou o que estavas a ver?
- Se vês esse tipo de material, alguma vez ajudaste algum amigo/a, copiando algo assim para essa pessoa poder ver também?
- É algo que tu costumavas falar, ou que por acaso de vez em quando calha em conversa com amigos ou colegas?
- Vários jovens que responderam ao meu questionário disseram que já viram material deste em conjunto com outros amigos ou amigas. Isto às vezes acontece em situações em que, por exemplo, estão várias pessoas a usar um mesmo computador e de repente surge uma publicidade com alguém seminú, mas também acontece em situações em que 2 ou mais amigos estão juntos e, por diversão ou por interesse, vão à procura desse tipo de material. Já alguma destas situações aconteceu contigo? Lembra-te por favor que, caso prefiras, podemos sempre passar perguntas sobre ti ou sobre o que fazes à frente, sem problemas nenhuns.
- Lembras-te de como aconteceu? Queres contar-me o que se passou numa dessas situações, em que te lembres bem?
- Porque é que vocês fizeram isso na altura? Como é que te sentiste nessa ocasião?
- Achas que ver este tipo de material tem alguma influência na maneira como as pessoas olham para os seus próprios corpos, se avaliam a si mesmas e pensam sobre sexo?

- Achas que o tipo de comportamentos que se vêem ou lêem nesse tipo de material é realista, ou seja, corresponde àquilo que as pessoas (que não são actores) fazem no seu dia-a-dia, na sua intimidade?
- [Caso não] Quais são, na tua opinião, as diferenças? Porque achas que essas diferenças existem?
- Achas que ver esse tipo de material alterou as tuas opiniões ou expectativas sobre sexo e como fazer sexo? Já alguma vez viste alguma coisa em algum filme, imagem ou texto que tenhas tido vontade de repetir pessoalmente?
- Já alguma vez pensaste na forma como estes materiais são produzidos? Achas que as pessoas que participam são profissionais que costumam receber dinheiro pelo que fazem, ou achas que a maior parte do material que vês é de pessoas amadoras que colocam filmes ou imagens próprias na internet?
- Na tua experiência, é fácil distinguir entre um e outro tipo de situações? Qual é aquela que preferes ver, e porquê?
- O que achas das pessoas que fazem e participam neste tipo de filmes a nível profissional? E a nível amador? O que é que, na tua opinião, as faz escolher essa profissão ou revelar essa parte da sua vida?
- Há pessoas, tanto da tua idade, como mais novas e mais velhas, que se sentem incomodadas a ver alguns tipos de material. Já alguma vez te aconteceu sentires-te mal ou incomodado quando viste alguma coisa de que não estavas à espera, ou que pensasses que era algo diferente daquilo que afinal realmente era?
- Porque é que achas que essas pessoas se sentem incomodadas? [E/ou] Porque é que nessa situação te sentiste incomodado? Como é que reagiste a esse incómodo – fechaste a janela e foste fazer outra coisa, mudaste de site, ou...?
- [Caso haja situação de incómodo] Chegaste a falar com alguém sobre essa experiência mais negativa que tiveste? Com quem e porquê?
- De acordo com a lei portuguesa e de vários outros países, não é suposto os jovens com menos de 18 anos acederem a este tipo de material. Porque achas que esta lei existe? Concordas com ela? Porquê?
- Se fosses tu a decidir, alteravas alguma coisa nessa lei, ou não? Caso alterasses, o que seria?

- Se alguém viesse ter contigo e te contasse que se tinha sentido incomodado ou incomodada a ver ou ler algum deste tipo de material, que conselho darias à pessoa?
- E se a pessoa te pedisse ajuda para encontrar este tipo de material na internet, como farias?
- Segundo a tua opinião, achas que há algum risco ou problema em alguém ver este tipo de materiais? Se sim, quem, e em que situações?
- No geral, achas que acederes a este tipo de material é algo importante para ti ou não? Se deixasses de poder aceder a este tipo de material na internet, o que farias como alternativa?

Parte 7 – produção e troca de material erótico e sexual através de telemóvel ou internet

- Às vezes, há pessoas, tanto adultas como jovens, que tiram fotografias de si mesmas quando estão nuas, ou seminuas, e as enviam a um namorado ou namorada, ou a um amigo ou amiga porque ele/ela pediu – normalmente através do telemóvel, por MMS; outras vezes são SMS com texto mais erótico ou descrições/perguntas/informação de carácter mais sexual. Este tipo de situações até chega, por vezes, a aparecer nas notícias, e costumam referir-se a isto com uma palavra em inglês: *sexting*. Alguma vez ouviste falar disto?
- Conheces alguém que já tenha enviado ou recebido alguma imagem de conteúdo mais sexual ou sugestivo no seu telemóvel? Como é que descobriste a história?
- Será que podias contar o que sucedeu nessa ou nessas vezes, ou em alguma ocasião que te consigas lembrar melhor?
- Como é que reagiste quando te contaram essa situação?
- Conhecias todas as pessoas envolvidas?
- Porque é que achas que a pessoa que enviou o conteúdo o fez isso? Será que a pessoa que recebeu estava à espera de receber?
- No geral, que motivos é que achas que podem levar as pessoas a fazer essas trocas de mensagens ou imagens?
- Conheces alguma situação em que as mensagens ou imagens tenham acabado a ser distribuídas por mais pessoas para além da originalmente pretendida por quem enviou a mensagem? [Se sim] Como é que isso aconteceu? O que achaste disso na altura?

- Alguma vez alguém te pediu alguma imagem ou mensagem desse estilo, numa situação em que não eras namorado/a dessa pessoa, em que não tinhas uma relação de confiança com essa pessoa onde esse tipo de pedido pudesse fazer sentido?
- Conhecias a pessoa que te enviou o pedido?
- Lembras-te de como respondeste? Podes contar-me o que aconteceu?
- Depois desse contacto, voltaste ou continuaste a falar com a pessoa?
- Para ti, essa situação foi desconfortável, ou incomodou-te?
- Lembras-te de alguma situação em que alguém, que tu conheças ou não, tenha pedido ou enviado esse tipo de mensagens ou imagens e isso te tenha deixado desconfortável, nervoso ou irritado? Se sim, podes contar-me o que aconteceu?
- Porque é que achas que as pessoas enviam esse tipo de mensagens nessas situações, ou as pedem?
- Na tua opinião, elas têm algum benefício em enviar e receber essas mensagens?
- E no contexto de um namoro, ou de um relacionamento mais íntimo, já alguém te contou alguma situação em que tivesse feito essa troca de mensagens, ou pelo menos o envio de alguma mensagem/imagem?
- [Se sim] A pessoa em questão chegou a mostrar-te algumas dessas imagens?
- Achas que as pessoas que partilham imagens podem eventualmente arranjar problemas? Se sim, quais e como?
- O que farias para evitar esse tipo de problemas?
- Conheces algum caso em que alguém tenha enviado essas imagens para uma pessoa e depois elas tenham sido postas a circular pela escola, ou por um grupo de amigos?
- [Se sim] Também recebeste essas imagens ou mensagens de outras pessoas? O que é que fizeste na altura?
- Houve vários jovens que disseram, no questionário, que se tinham sentido incomodados por receber mensagens que não tinham pedido, tanto de pessoas conhecidas como desconhecidas. Qual é a tua opinião sobre pessoas que enviam, por exemplo, fotografias de si mesmas nuas, ou seminuas, a alguém que não conhecem, ou que não as pediu?

- Imaginando que tu querias, por alguma razão, enviar uma imagem privada dessas a alguém, terias algum cuidado especial? Ou enviavas normalmente, como outra mensagem qualquer? Porquê?

Parte 8 – Avaliação da participação

- Gostaste de participar no estudo?
- Houve alguma pergunta que tenha sido mais complicada de compreender ou de responder?
- Houve alguma situação em que te tenhas sentido menos confortável?
- O que é que te motivou a marcar esta conversa e a continuar a participar no estudo?
- Achas que estes assuntos são importantes? Gostavas de os ver mais discutidos?
- Na tua opinião, o que é que se poderia melhorar em relação a forma como a sociedade em geral trata o tema dos jovens e da sexualidade?
- Gostavas de dizer mais alguma coisa, ou de acrescentar algo que aches que eu me tenha esquecido de perguntar, ou de contar algum episódio que entretanto te tenhas lembrado?

ANEXO 10

Índice de Entrevista

Entrevista nº _____

Nome escolhido: _____

Género: _____

(ex.: Masculino, Feminino)

Idade: _____ anos

Local da Entrevista: _____

Hora de início: ____ : ____

Hora de fim: ____ : ____

Quero continuar a receber informação sobre publicações e outras iniciativas que envolvem esta investigação e/ou a minha contribuição: ☐

Nome do ficheiro áudio: _____

Duração da entrevista: ____ : ____ : ____

Nome do ficheiro de transcrição: _____

Número de páginas: ____

ANEXO 11

Projecto de Doutoramento “Entre Corpos e Ecrãs”

Este documento tem alguma **informação sobre o estudo em que estás a participar**, sobre como encontrar mais informação acerca do estudo, e sobre como esclarecer dúvidas que possam ter surgido durante a entrevista. Serve também para esclarecer as dúvidas de alguém que possa ter curiosidade em saber sobre o que é o estudo em que participaste, ou sobre o que falaste. Relembro que **todas as respostas dadas durante a entrevista são anónimas**, o que quer dizer que ninguém irá saber quem deu as respostas. No entanto, caso queiras, **nada te impede de falar com alguém acerca da entrevista**, ou sobre o que como correu a entrevista, o que sentiste ou aquilo de que aqui se falou.

Para que serve este estudo?

O objectivo deste estudo é perceber como os jovens utilizam a internet e as novas tecnologias para viverem a sua sexualidade e procurarem informação que lhes possa ser útil.

Este estudo está a ser desenvolvido pelo Mestre Daniel Cardoso, doutorando na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com a orientação da Prof^a. Doutora Cristina Ponte e do Prof. Doutor Fernando Cascais.

Que vantagens há em participar?

Ao responderes estarás a contribuir para o conhecimento sobre a importância que as novas tecnologias têm para a informação e a vida sexual dos jovens portugueses.

Quem posso contactar para mais informação?

Daniel Cardoso: danielscardoso@gmail.com

Obrigado pelo tempo disponibilizado para a entrevista.

O trabalho desenvolvido a partir das tuas respostas irá posteriormente integrar a investigação de Doutoramento "Entre Corpos e Ecrãs", financiada pela FCT, com a referência SFRH / BD / 73079 / 2010.

Para saber mais sobre esta investigação, podes ir ao endereço <http://goo.gl/0dhdER>

Existem várias instituições que têm como objectivo apoiar e informar os jovens sobre as várias questões levantadas neste estudo. Aqui estão algumas delas, a que podes aceder na internet: [Internet Segura](#), [Miúdos Seguros na Net](#), [Rede Ex Aequo](#), [Saúde e Sexualidade Juvenil - Portal da Juventude](#), [Linhas de Apoio - Portal da Saúde](#).

ANEXO 12

04/06/2014 – E001

“Íris” escolheu este nome porque não gosta dele. É aluna da Univ. Católica, está em Ciência Política; a mãe dela é professore e o pai não foi referido na conversa uma única vez; nota-se grande cumplicidade na relação dela com a mãe. Chegou de forma muito despachada, antes da hora combinada até e olhou para mim e engajou conversa assim que me identificou, tratando-me pelo nome e avançando para ir lanche; ainda quis pagar o lanche dela mas eu insisti e portanto paguei eu, no Starbucks. No fim, ela agradeceu.

Antes de começar a gravar, eu falei de como alguns assuntos podiam ser sensíveis, mas ela fez desde logo questão de fazer notar que, para ela, os assuntos não tinham qualquer problema, e que se sentia à vontade para partilhar coisas da vida dela. Com óculos grandes de massa, um relógio digital dourado de pulso, de aspecto quase masculino, e com um anel na mão direita, também dourado e com uma imitação de madrepérola muito grande no centro do anel, rodeado do tal dourado. O cabelo dela era ondulado e bastante volumoso, e passou boa parte da conversa a passar a parte superior do cabelo de um lado para o outro, ficando ora com risco à direita, ora com risco à esquerda; em alguns momentos este gesto era repetido mais vezes, o que podia ser em parte algum nível de nervosismo apesar de uma auto-apresentação forte e decidida.

Notou-se alguma hesitação da parte dela no que toca a usar algumas expressões coloquiais, como “puta” ao se referir ao duplo padrão sexual – uma vez usou a palavra mas fez uma inflexão de voz para o fazer, baixando o tom de voz; e noutro caso usou uma expressão de substituição. Outras expressões como “cagar” já eram usadas de forma mais liberal: isto quer dizer que houve um certo policiamento da linguagem, mas não uma deturpação total do que supôs ser o registo coloquial dela.

Notou-se um trabalho de reflexividade ao longo da entrevista, e de um certo ajuste nas próprias percepções, com vários casos de postura automática mais normativa ou crítica, e depois uma correcção que permitia criar uma apresentação de mais abertura de mente, o que gerou uma série de tensões discursivas entre a crítica ao duplo padrão

sexual e, ao mesmo tempo, o reforçar subtil de certos aspectos deste, como o ataque mais directo à rapariga que partilhou um vídeo de si mesma. Por outro lado, ela nunca disse, em relação ao vídeo, qual o seu conteúdo, usando sempre referências indirectas. Outras alturas em que as referências indirectas foram usadas foi no salto de assunto em que se passou de estar a falar de pornografia para ela estar a descrever a situação traumática da sua 1ª relação sexual e de como isso a tinha afectado. Ao mesmo tempo, quando questionada sobre possibilidades que não lhe tinham ocorrido, muito rapidamente adaptava o seu discurso, dentro da sua própria apresentação como aluna de topo.

A questão das referências indirectas e equívocas também pode ter sido influenciada pelo meu uso das mesmas como forma de ir ao encontro do tipo de registo linguístico que ela estava a usar; é algo que é preciso ter em conta para a próxima entrevista.

Em certos pontos tive dificuldade não em fazer seguir a entrevista mas em conseguir lembrar-me do que queria perguntar que não estava no guião; é relacionado como facto de estarmos sentados em sofás, frente a frente, com uma mesa baixa que dificultava escrever – aliás, nada escrevi durante a entrevista apesar de ter o material a postos. Acabei a descontrair-me em certas partes porque me foquei demasiado numa futura análise do material ou procurei demasiado as contradições no discurso dela, tendo talvez sido demasiado directo e dirigido no fazer regressar a conversa a algumas dessas contradições.

Houve alguns avanços e recuos temáticos, mas não pareceram ter influenciado de forma muito negativa o fluir da conversa; o facto de ela ter apontado que o questionário falava sobre LGBT e a entrevista não tinha focado essa questão fez-me pensar sobre se haveria algo mais que ela queria dizer para além do que disse naquele momento, e se isso tinha algo que ver com a história pessoal dela. As questões sobre iniciação sexual e pornografia e efeitos também acabaram por ser muito hetero-centradas, em parte porque o tom em que ela referiu pornografia entre homens e lésbicas me pareceu agressivo; mas depois ela fez questão de se declarar pró-LGBT e de contrariar o discurso do natural e do “contra-natura”.

Depois de um discurso tão rico e informado, e tão culturalmente exigente e mesmo com traços de crítica a estereótipos e discriminação, achei muito pobre a

justificação dela para participar no estudo – a ideia apenas de “ajudar” sem nada mais; tendência a que ficar atento em outras entrevistas.

05/06/2014 – E002

“Beatriz” vinha com alguma pressa, pelo que a entrevista teve que ser feita mais rapidamente, já que o limite antes dado de uma hora passou na altura a meia hora.

É estudante universitária, e a mãe é também professora universitária. Pelo contexto, por ir para um treino a seguir, nota-se que tem preocupação ou gosto por actividade física.

Não estava completamente à vontade; iniciou a abordagem tratando-me por “você”, e mesmo depois de eu dizer que seria melhor tratarmo-nos por “tu” e de ela ter dito que lhe era indiferente, voltou a essa forma de tratamento, indirectamente, várias vezes durante a entrevista.

A minha preocupação por tentar cobrir todos os elementos que o estudo aborda fizeram com que alguns dos detalhes potenciais fossem deixados de lado e nem todas as possíveis perguntas de acompanhamento foram feitas.

Houve uma certa preocupação da parte dela com conseguir demarcar-se de uma série de práticas (como ver pornografia), e ao mesmo tempo a questão dos pop-ups leva a reforçar a ideia de que “ver pornografia” é geralmente entendido apenas enquanto acto voluntário e que não inclui exposição accidental. Notei também que usar dados do questionário e de outras entrevistas ajuda a fazer perguntas mais concretas e dar exemplos que estimulem a memória.

Em linha com o referido sobre desporto, ela vinha vestida de forma bastante desportiva, e o facto de estar com alguma pressa poderá ter feito com que estivesse mais agitada.

Quando começou a falar sobre a despatologização da homossexualidade, lembro-me de ter pensado que havia ali um discurso quase jornalístico de olhar para os dois lados da questão que, ao mesmo tempo, chocava com o pedido de exactidão da informação disponível. A postura face ao assunto parecia ser muito ambivalente e

certamente que teria ido mais fundo sobre questões de não-identificação caso pudesse ter tido mais tempo.

Este é um bom caso de como mesmo a relativa “falta” de práticas várias pode ser conducente a bons resultados, na medida em que continuam a existir estruturas valorativas que são empregues para comentar coisas como o sexting. Mas desta feita, a divisão de comportamentos em rapazes e raparigas já foi puxada pelas perguntas e não surgiu de forma autónoma.

Novamente estamos perante alguém que vem de um contexto privilegiado, e isso parece saltar à vista na forma como ela avalia as necessidades actuais dos jovens, ou a ideia de que o material está cada vez mais disponível. Inserir, nesse aspecto, questões sobre opinião de transformações geracionais pode ser útil para obter uma maior quantidade de informação sobre literacia e percepções.

Há um discurso algo pobre sobre a questão do trabalho sexual na pornografia, e não abordei a pornografia amadora real por falta de tempo, embora parte disso passe pelas perguntas em torno do sexting. O conceito de sexting não demonstra estar muito definido, mas a sua vivência prática associada à questão da divulgação ilegal de imagens sim. Nesta entrevista também surgiu o relato indirecto de uma dinâmica homosocial entre o grupo de amigas, no Facebook, que trocava imagens eróticas entre si. Também neste caso houve uma inflexão na voz quando a palavra “eróticas” foi dita por ela pela primeira vez, o que pode sinalizar a necessidade de introduzir, na voz de quem fala, referências a essas palavras tão cedo quanto razoável, para desbloquear o resto da conversa, já que esse efeito reflexo de inflexão parece desaparecer logo em seguida, com o decorrer do discurso.

Há um curto nível de solicitude por detrás desta participação também, mas isso parece retirar qualquer simbolismo específico a essa mesma participação, ou então a justificação de participação activa e crítica é algo que não estão habituados a ter em conta no seu dia-a-dia, onde tanta coisa é regulamentada e quase não-opcional. É preciso retirar daqui considerações sobre participação em investigação e noções de consentimento informado, em que é a questão do consentimento crítico e não da informação disponível que está em causa; talvez também uma certa descrença no papel social da investigação académica.

A pressa de cobrir todos os pontos levou-me ao corte brusco de algumas das frases dela, e é preciso trabalhar na importância do silêncio e da pausa para a procura de memória e de partilha.

Parece haver uma tendência para, na ausência de balizas temporais, se irem buscar experiências de há vários anos, introduzindo assim uma alteridade substancial face ao momento presente e marcando de forma muito pessoal a distância entre os mais novos e o momento presente. Talvez seja relevante investir mais num relato próprio da experiência de crescer em si mesma, e de como sentiram as diferenças (se como corte, se como progressão, e quais os pontos de corte ou de passagem).

06/06/2014 – E003

O “Miguel” chegou com muita energia, em passo rápido, e com um casaco, por baixo um hoodie, azul, com motivos florais. Muito enérgico e conversador, começámos por falar sobre o curso que ele queria, sobre design, sobre a FCSH (em virtude da minha capa com os papéis). Reparei logo na altura que ele era muito comunicativo, o que poderia ser positivo para a entrevista mas também adicionar dificuldades em manter o tema. Por virtude da conversa sobre o curso, demorámos um pouco mais a iniciar a entrevista.

O começo da entrevista foi tecnicamente atribulado: o gravador principal ficou logo sem bateria, e as pilhas trazidas para substituir estava, por alguma razão, sem funcionar, apesar de teoricamente estarem carregadas.

A entrevista começou com ele a partilhar bastantes detalhes sobre ele mesmo, e a sua orientação foi uma das primeiras coisas que surgiu por iniciativa dele. Pouco tempo depois de começarmos a entrevista, começou a chover e tivemos de interromper e mudar de sítio, perdendo talvez cinco minutos a ir do Largo de Camões para o café Aprazível.

Aí pudemos retomar a entrevista e por uma questão de gestão de tempo, fui obrigado várias vezes a cortar as frases no fim para re-focar ou dirigir as perguntas, já que as suas respostas partiam de situações ligadas às novas tecnologias mas logo começavam a alargar o âmbito.

A diversidade de experiências próprias relatadas contrasta claramente com as duas entrevistas anteriores, e a dimensão de orientação sexual é aparentemente fundamental.

O facto de ser um rapaz inicialmente deixou-me mais apreensivo quanto ao tipo de rapport que iria conseguir estabelecer ou não, mas aperceber-me da orientação sexual declarada facilitou em muito essa questão. Havia uma preocupação grande em frisar a ideia de tolerância, mas ao mesmo tempo um certo apelo a que se respeitasse o papel naturalizado da “maioria”.

A questão da “bandeira” e do respeito pela identidade própria estabeleceram-se como ponto de tensão. Ao mesmo tempo, houve um foco muito grande na questão da saúde sexual e não apenas na sexualidade.

Também foi curioso notar que, em certas situações, havia inflexões na voz em palavras específicas, como SIDA ou pornografia, mas não era uma constante; talvez tivesse que ver com a aproximação de algum empregado do café vindo das minhas costas e que, portanto, eu não conseguia ver.

Neste caso, algumas das perguntas que foram feitas a outras pessoas, sobre reacções negativas ou sobre gestão de regras e leis, ou gestão das experiências negativas alheias, foram deixadas cair, em parte por uma questão da gestão do tempo, já que a entrevista seguinte teve lugar cerca de 15 minutos depois do fim desta, e tendo em conta que o respondente se alargava tanto nas suas respostas, preferi focar-me mais em detalhes que poderiam potencialmente estar ausentes das experiências de outras pessoas, e promover a reflexão sobre o que significou para ele as coisas pelas quais passou.

Para além da questão da orientação sexual, a ideia de uma “tribo” de interesses e a ligação disso com as práticas e conteúdos encontrados na internet parecia ser fundamental para o relato.

Um elemento que justifica as possíveis hesitações em torno de algumas respostas pode ter que ver com alguma distração no último quarto da entrevista: apesar de as respostas continuarem a fluir de forma prolixa, ele estava parcialmente distraído a mexer no telemóvel – quando o colocou por várias vezes em cima da mesa, notou-se que estava a ver actualizações no Facebook e também a trocar SMS relativamente longas com alguém.

“Ivo” poderá potencialmente ter chegado ao ponto de encontro antes de mim, situação motivada pela necessidade de ir comprar pilhas para substituir as do gravador principal antes da entrevista (vide E003).

Quando ele se aproximou de mim, vinha acompanhado de um outro rapaz, que prontamente disse ter-me reconhecido da reportagem passada na SIC, em Abril, sobre poliamor. Não adiantei qualquer conversa sobre o assunto, limitando-me a assumir que era, de facto, eu. Foi a primeira vez que fui confrontado com um reconhecimento explícito da minha actividade activista; ao mesmo tempo isso causou confusão com Ivo, que achou no momento que o seu companheiro de ocasião (a existência de uma relação entre eles ficou subentendida na entrevista e por eles terem um almoço combinado para depois da entrevista) me conhecia a nível pessoal, mas o tema caiu no instante seguinte.

“Ivo” perguntou se o outro rapaz poderia estar durante a entrevista, e eu referi que a decisão final seria dele mas que, por questão de protocolo e de privacidade, seria preferível que a entrevista fosse apenas entre os dois.

Eles combinaram de imediato encontrar-se depois e começámos a descer de perto da estátua do Fernando Pessoa para o café Aprazível; o rapaz que estava com ele manteve a distância apesar de ainda estarmos apenas a caminhar todos no mesmo sentido.

Quando chegámos ao café o início da entrevista foi bastante pacífico, e ele tinha uma postura bastante mais calma e reflectida antes de responder a várias das perguntas potencialmente mais desafiantes em termos de memória ou em termos conceptuais.

A postura dele face à questão da orientação sexual foi totalmente diferente do rapaz anterior: apesar de se ter apresentado como não-heterossexual pouco tempo depois de a entrevista começar, nunca definiu de facto qual era a sua orientação, e também achei por bem não perguntar especificamente, já que a referência estava lá. No entanto, isto obrigou a que eu tivesse de usar a expressão “não-heterossexual” várias vezes durante a entrevista, o que pode ter criado alguma confusão na formulação de certas perguntas.

Notei que a minha capacidade de formular perguntas mais simples ou facilmente compreensíveis parecia estar comprometida, já que várias vezes acabei por ter de acrescentar esclarecimentos ou qualificações extra para que a resposta fosse ao encontro da intenção original da pergunta. Algumas perguntas precisaram de ser reformuladas várias vezes, obtendo-se de cada uma delas uma resposta bastante diferente, o que aponta para possíveis problemas meus em tornar as perguntas auto-evidentes. Outras vezes, a própria pessoa pediu esclarecimento sobre o que eu queria dizer com a pergunta. Uma parte da diminuição da concentração da minha parte pode ter tido que ver com estar nesta altura a tomar o terceiro café num espaço de cerca de duas horas, por uma questão de consumo mínimo. Será preciso ter essa limitação fisiológica em conta de futuro, ou não marcar entrevistas tão sucessivas.

Alguns dos detalhes precisaram de várias perguntas de seguimento, já que ele parecia bem menos disposto a partilhar detalhes, mesmo quando não tinham que ver com a sua experiência específica.

Ao contrário de outros participantes, elaborou um pouco mais sobre o porquê de participar na entrevista, e sobre o papel dos jovens e do diálogo sobre sexualidade em torno deles.

06/06/2014 – E005

“Redgi” chegou um pouco antes da hora mas eu já estava no sítio inicialmente combinado: o Cinema S. Jorge. No entanto, em virtude de ser o dia de lançamento de um festival de cinema, o bar estava praticamente lotado, e portanto não estavam reunidas as condições para conseguirmos falar como deve ser, ou para eu conseguir gravar a entrevista.

Ela parecia estar com algum nervosismo, roendo várias vezes as unhas; por outro lado elas já se apresentavam bastante roídas antes, pelo que se pode dar o caso de ser uma pessoa particularmente nervosa.

Muito cedo na conversa ela mencionou ser “gay” (e não lésbica), e estava ainda a falar de ver informação sobre sexualidade quando mencionou ver pornografia para perceber melhor os seus próprios gostos.

Houve várias ocasiões em que o tom de voz baixou, e sem nenhuma regra em particular; certos comentários foram feitos entredentes, como o da Soraia Chaves ser “muito gira”. A postura face à família dela é bastante diferente de outros jovens, procurando uma grande distância dessas referências, o que pode estar ligado ao facto de ela já não estar a estudar e ter vindo morar para Lisboa, estando a partilhar um quarto com outras raparigas.

Ao mesmo tempo ela começou desde logo a tratar-me por “tu”, o que facilitou a comunicação a certo nível. Ao longo da entrevista, ela foi fazendo várias referências e avaliações a sobre como os rapazes são ou se comportam, e a postura dela não parecia ser apologística face a mim, o que aponta para uma certa separação em que eu, estando ali naquele papel, não era tanto um rapaz ou homem, mas acima de tudo um investigador.

Por outro lado, houve vários momentos em que ela hesitou e parou durante a entrevista, não por perguntas demasiado íntimas, mas por perguntas sobre as quais nunca tinha pensado, ou em que ela dizia saber a resposta, mas apenas “para si”, afirmando várias vezes que tinha dificuldade em exprimir-se ou em fazer-se compreender por outras pessoas. Em todos os casos em que isso sucedeu, eu dei a *reassurance* necessária, dizendo que ela estava a ser compreendida por mim e que eu achava que ela se estava a exprimir de forma clara. Depois de a entrevista terminar, ela reafirmou várias vezes o quão difícil era outras pessoas entenderem ou, em alternativa, em conseguir explicar-se de forma clara.

Ela foi mais uma das pessoas que se via a si, enquanto mais nova, como parte de um grupo específico que não precisava de protecção, ao mesmo tempo que vai advogar protecção para outras pessoas, contra riscos não muito concretos. Ao mesmo tempo, ela identificava-se a si mesma como parte de situações de *bullying* em torno de uma cena de sexting fora de controlo, bem como ela mesma tendo feito situações de sexting de risco; mas há uma postura de desculpabilidade derivada da idade que é vista como sendo impossível de evitar; o que parece não bater certo com uma postura de evitar acesso a certos materiais.

Como nós saímos da situação de entrevista para a mesma direcção, conseguimos comentar um pouco da conversa em si, mas de forma mais indirecta da minha parte, explicando que as pessoas gay com quem já tinha falado também mencionaram a importância da pornografia e da internet para descobrir coisas sobre as suas

sexualidades, o que a deixou espantada; quando falei de como a heterossexualidade está em todo o lado mas o seu oposto não, ela fez uma expressão de compreensão, dizendo que fazia todo o sentido apesar de ela nunca ter pensado nisso antes.

A conversa sobre como os rapazes não se conseguem controlar quando vêm raparigas, ou em situações mais sexualizadas (em particular rapazes hetero) fazia-a falar em “os rapazes” e em “os heterossexuais”, levando-me a pensar se ela me estaria a “ler” como não-heterossexual, ou se por acaso teria procurado informação sobre mim e sobre o meu activismo.

Ela acabou, a meio de eu comentar o meu trabalho, a dizer que tinha pensado que eu ia fazer várias perguntas que acabei por não fazer, e que tinham que ver com possíveis perguntas sobre práticas sexuais; eu respondi que esse não era o meu interesse de investigação, que o que me interessa é o que se faz com as novas tecnologias. Ela confirmou que as perguntas de facto foram nessa direcção, e parecia algo espantada. Mencionou também que eu fiz uma ou duas perguntas mais perto desse tipo; suponho que tenha sido a pergunta sobre sexting no contexto de um namoro em que ela esteve.

Pareceu animada por participar e por querer saber quando seriam os resultados apresentados; mas também falou de como uma hora a falar sobre ela própria era algo muito egocêntrico; eu reafirmei que a participação dela tinha sido boa, útil e produtiva, o que pareceu deixá-la muito contente.

11/06/2014 – E006

Houve um pequeno problema de coordenação de encontro com esta entrevistada, “Maria”, porque o sítio onde se marcou o encontro era muito grande e portanto esperámos em pontas opostas do mesmo. No entanto, levantei-me passado algum tempo da hora marcada e fui procurar a entrevistada, conseguindo assim localizá-la em tempo útil.

Uma das primeiras coisas que notei, por questão de afinidade estética, foi na blusa preta da rapariga, bem como nos braços: em ambos estavam ainda marcas de cicatrizes, algumas delas relativamente grandes, e que eu já tinha visto em braços de outras pessoas, associado à questão de auto-mutilação. Reparei porém que, no decorrer

da entrevista, nada fez apontar para a existência de tais problemas; o que não significa que eles não tenham existido, claro.

Esta respondente estava ligeiramente adoentada, o que obrigou a algumas pausas na entrevista, mas nada que afectasse de forma significativa o decorrer da mesma. Voltei a notar nela que as unhas estavam aparadas de forma muito rente ao dedo, terminando antes da ponta do mesmo, sinal típico de quem rói as unhas; no entanto ela não o fez durante a entrevista, ou pelo menos não de forma muito contínua ou compulsiva. Porém, um gesto que repetia com bastante frequência era o de cobrir parcial ou totalmente a boca enquanto falava, e muito em particular quando estava a dar a sua opinião sobre os tópicos mais sensíveis. Era também relativamente difícil ouvi-la por cima do ruído ambiente, já que falava de forma relativamente baixa e contida, com pouca projecção de voz, mesmo tendo em conta que estávamos relativamente isolados e sem outras pessoas por perto.

Achei particularmente saliente a questão da divisão dos grupos de amigos, entre aqueles que são como ela e portanto mais desinibidos e capazes de falar, e os que não são.

No entanto depois vários elementos das atitudes descritas apontam para o oposto; para além da referência à preocupação com parecer anti-pornografia.

13/06/2014 – E007

“Joana” chegou às horas combinadas e desde logo foi fácil manter a comunicação. Notava-se que Joana é uma pessoa bastante envolvida e opinativa, e era a primeira pessoa que preocupava por fazer perguntas sobre a investigação, tendo até durante a entrevista deferido directamente para a minha possível fonte de informação. A certo ponto referiu também que estava consciente do meu aparecimento na reportagem da SIC sobre poliamor, tendo também feito referência ao discurso de ódio presente nos comentários à mesma; fez isso de forma apoiante da minha posição e também criando algum nível de *rappor*t ao afirmar que conhecia a Marisa Torres da Silva e que tinha comentado com ela o assunto.

Ela mostrou-se ao longo da entrevista bastante articulada, mas também existiram alguns momentos de potencial confusão, na medida em que a sua postura descomplexada veio ao mesmo tempo que o relato de algumas experiências pessoais que demonstravam uma certa falta de à-vontade com o assunto. Por outro lado, ela também se disponibilizou desde logo para mencionar questões relacionadas com pornografia, o que também pode ter que ver com as expectativas criadas no contexto da entrevista, ou em questões preliminares de preparação para a mesma, ou mesmo de possíveis consultas de informação sobre a investigação, embora o facto de ela dizer não se lembrar de detalhes do questionário possa negar esta última hipótese.

Um elemento mais estranho em termos de gestão do fluir da entrevista teve que ver, de novo, com o activismo, que parece ser algo que levanta questões de forma recorrente, a avaliar pela forma como as respostas se tornam mais desconexas.

A ideia que têm do que pode constituir activismo parece algo difusa e, em vários casos – nomeadamente neste – a ideia de os *media* ocuparem algum lugar está tão fora do pensamento crítico presente porque naturalizado. No caso desta entrevista, só com um grande desvio é que uma conversa sobre actividades activistas que não tinha, aparentemente, nada a ver com a internet é que foi subitamente virada para o papel de acção sobre a internet e através da internet. As perguntas a serem feitas precisam de ser mais focadas na forma como a internet se liga às actividades que são desenvolvidas, e talvez o meu próprio modelo de passar do *online* para o *offline* pode estar a influenciar as perguntas, e pode não ser a forma como toda a gente pensa estas deslocações entre espaços.

Depois da entrevista ainda se seguiu algum tempo de conversa informal sobre música, academia, etc., provando um bastante bom *rappport* pós-entrevista, bem como o desejo de ir mais a fundo sobre o material.

18/06/2014 – E008

Houve um atraso considerável da entrevistada, que notificou do mesmo. A apresentação pessoal dela, com cabelo pintado de cor-de-rosa e algumas roupas alternativas, desde logo faz pensar na possibilidade de ser uma pessoa com uma apresentação discursiva investida em fugir do considerado normativo.

O decorrer da entrevista passou essa mesma ideia. De certo modo, esta entrevista foi a mais *sui generis* em termos de história de vida e de diferença face a outras narrativas, em boa parte graças ao papel que crescer na Madeira, por entre um meio conservador, teve para a pessoa. A nível pessoal foi também uma entrevista que apresentou desafios, na medida em que o papel de uma certa estrutura mono-normativa acabou por levar à negação de partes da actividade de activismo e da sexualidade da entrevistada que a própria considera relevantes, conduzindo assim a uma narrativa que se debruça sobre si mesma e que se nega a si mesma. Isto serve também para ilustrar a importância de elementos pessoais e subjectivos na construção do político.

Depois de a entrevista concluir, dei informações sobre a próxima Marcha do Orgulho LGBT, que estava prestes a realizar-se, demonstrando assim um desligamento entre formas mais organizadas de activismo e o que a entrevistada faz.

Mostrou-se extremamente interessada e motivada para a participação continuada no processo de investigação e foi das pessoas que mais claramente trouxe questões sobre orientação sexual e sobre preferências sexuais vistas como não-normativas para o centro do seu relato durante a entrevista.

Outro marcador interessante foi a questão da língua: o uso constante de expressões em inglês mostra uma influência clara da esfera anglófona do activismo, tal como a própria aponta, com as referências ao Tumblr.

3/07/2014 – E009

“Tiago” chegou bastante depois da hora, por causa de uma imprecisão na marcação do sítio; foi preciso que ele me telefonasse para nos encontrarmos de facto.

Ele é de zona da Margem Sul, e vinha vestido de forma bastante informal, sem nada que o distinguisse particularmente.

Devido ao atraso face à hora combinada, as restrições de tempo dele eram inferiores ao tempo que geralmente as entrevistas têm demorado. Isso levou a que eu procurasse imprimir um ritmo mais elevado às respostas que procurava, o que se nota no ritmo e quantidade de interrupções que fiz, tendo tido várias vezes de interromper a minha própria interrupção, de forma a permitir que a resposta continuasse.

No geral, senti que estava perante uma pessoa que, ainda que tendo as suas experiências específicas, parecia não as ter problematizado, e não estava disposto a realizar um trabalho de reflexão *on the spot* que o levasse a considerar respostas possíveis às perguntas mais especulativas.

Este respondente apresenta duas características em particular: em primeiro lugar, é o primeiro respondente que chegou ao questionário através do meu perfil de Facebook de forma directa, *id est*, que estava na minha lista de amigos do Facebook; por outro lado, é também o primeiro que se auto-apresenta como estando directamente ligado à área da informática, o que parece conferir-lhe uma certa aura de certeza na sua capacidade, e de uma certeza de competências técnicas e de literacia mediática. Isto também influenciou o meio pelo qual ele se move, o tipo de experiências com os *media* que tem tido.

Por outro lado, a questão do privilégio pareceu bastante evidente na forma como ele analisava ou passava por cima de vários tópicos, e na forma como lia a sua importância.

9/07/2014 – E010

Chegou um pouco depois da hora marcada, mas ainda perfeitamente a tempo. Em virtude, desta feita, da minha necessidade de apanhar o comboio de volta para Lisboa, tive de ter alguma atenção face às horas da entrevista e ao tempo disponível.

Ele tinha uma postura afável e nada de especial a destacar algum estilo específico. Apesar de eu ter feito ponto em nos tratarmos por “tu” doravante, isto acabou a não se verificar da parte dele, mantendo-se, talvez infelizmente, um certo distanciamento respeitoso. Por outro lado, essa distância pode também ter sido uma estratégia da parte dele para justificar o partilhar de informação bastante privada e pessoal comigo. Esta tendência impessoal e formalista já vinha dos emails.

Foi interessante a forma como a sua experiência corporal pessoal tingiu indubitavelmente a maneira como a experiência de busca de informação *online* acabou a cruzar-se com a participação, mesmo que passiva, de fóruns e comunidades.

Por outro lado, houve uma certa hesitação em falar de pornografia como ensinando algo, ao mesmo tempo que falou de pornografia quando se mencionou a procura de informação *online*.

16/07/2014 – E010

Tal como na entrevista anterior, uma preocupação minha foi a de conseguir terminar a entrevista a tempo para poder apanhar o comboio de volta para Lisboa. Cheguei bastante cedo de forma a não criar quaisquer atrasos na entrevista. A questão da orientação sexual, embora não automaticamente discutida, foi estruturante da forma como a entrevista se desenrolou: o entrevistado preferiu afastar-se um pouco do ponto de encontro combinado de forma a encontrar um café onde a entrevista pudesse decorrer que fosse frequentado de forma menos negativamente conotada (já que ele parecia conhecer os cafés perto da estação, e considerava que eram mal frequentados). Uma das questões que mais o preocupava era o da privacidade.

A caminho do café que ele escolheu para ser feita a entrevista abordou automaticamente a questão da orientação sexual e começou a fazer alguns comentários biográficos. Durante a entrevista, esse impacto manteve-se: cada vez que o ruído ambiente diminuía, também a voz dele diminuía, especialmente se estava a referir questões LGBT.

Depois da entrevista ainda ficámos algum tempo à conversa, na medida em que ele me ajudou a encontrar e comprar um doce tradicional de Ovar. Ele pareceu demonstrar algum interesse pessoal em mim, na medida em que pediu para avisar caso eu voltasse brevemente àquela zona.

ANEXO 13

Tabela A13 – Grau de concordância *inter-coder* da codificação NVivo, apresentando os dez nós menos concordantes

Nó	Concordância (%)
03. Avaliação ou opinião valorativa	75,59
06. Coping e Gestão de risco	80,79
03. Avaliação ou opinião valorativa\c. Ambivalente	82,18
03. Avaliação ou opinião valorativa\d. Universalizante	83,65
08. Auto-apresentação\c. Auto-reflexividade	84,33
02. Literacia Digital	84,83
12. Tópicos ligados a sexo ou sexualidade	85,89
05. Contexto referencial\c. Experiências próprias	86,62
12. Tópicos ligados a sexo ou sexualidade\d. Relações íntimas	88,13
04. Contextos pessoais e sociais	88,76

ANEXO 14

Tabela A14.1 – Distribuição da amostra por idades

	N	%
16	28	15
17	31	17
18	54	30
19	70	39
TOTAL	183	100

Tabela A14.2 – Distribuição da amostra por sexo

	N	%
Masculino	69	39
Feminino	109	61
Trans*	0	0
Outros	0	0
TOTAL	178	100

Tabela A14.3 – Distribuição da amostra por grau de escolaridade

	N	%
7º ano	2	1
8º ano	2	1
9º ano (ou equivalente)	12	7
10º ano	12	7
11º ano	31	17
12º ano (ou equivalente)	52	29
1º ano de licenciatura	49	27
2º ano de licenciatura	18	10
3º ano de licenciatura	2	1
TOTAL	180	100

Tabela A14.4 – Distribuição da amostra por zona de residência (NUTS II)

	N	%
Norte	42	24
Centro	23	13
Lisboa	96	54
Alentejo	8	5
Algarve	4	2
Açores	3	2
Madeira	1	1
TOTAL	177	100

Tabela A14.5 – Distribuição da amostra por orientação sexual

	N	%
Heterossexual	85	52
Homossexual	45	27
Bissexual	29	18
Pansexual	1	0,5
Assexual	0	0
Prefiro não responder	1	0,5
Outro	3	2
TOTAL	164	100

Tabela A14.6 – Distribuição da amostra por prática de relações sexuais

	N	%
Sim	104	65
Não	56	35
TOTAL	160	100

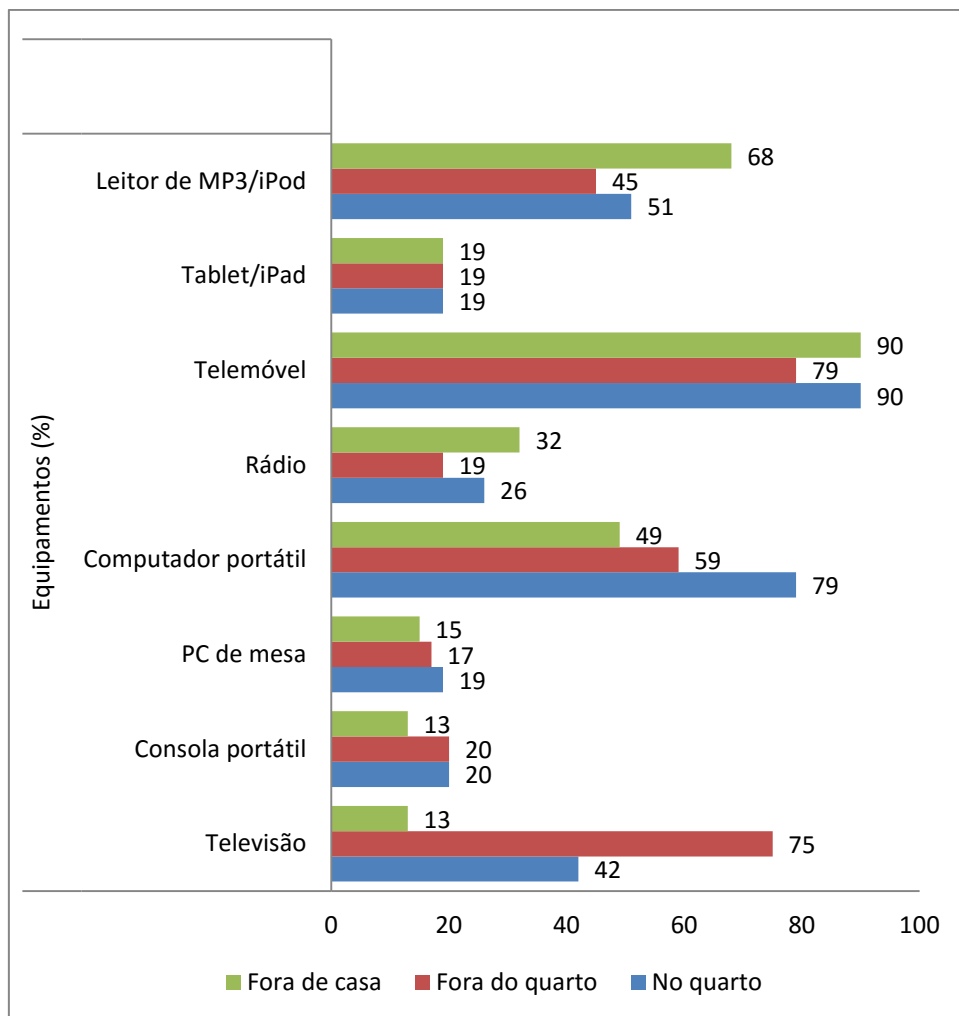
ANEXO 15

Tabela A15.1 – Lista ordenada de opiniões sobre sexualidade, por popularidade de resposta

	N	%
O sexo é mais agradável quando existem sentimentos envolvidos, especialmente amor.	105	57
O sexo mantém-nos saudáveis, tanto física como emocionalmente.	84	46
A parte mais importante do sexo é a ligação humana que se cria.	69	38
Fazer sexo devia ser algo íntimo, mas muitas vezes não é.	62	34
Fazer sexo requer muita comunicação com o(s) parceiro(s).	52	28
O sexo a sério não é como aparece nos filmes porno.	48	26
Dá-se demasiada importância ao sexo, tendo em conta que toda a gente o faz.	40	22
O sexo consegue pôr-nos em contacto com quem realmente somos, por dentro.	31	17
Ver pornografia alimenta a minha imaginação.	25	14
O sexo funciona melhor quando há fantasia envolvida.	19	10
A pornografia pode ser sexualmente excitante, mas também pode estragar o sexo a sério.	16	9
É preciso esforço para sermos bons a fazer sexo.	11	6
Prefiro não responder.	9	5
Outros	2	1

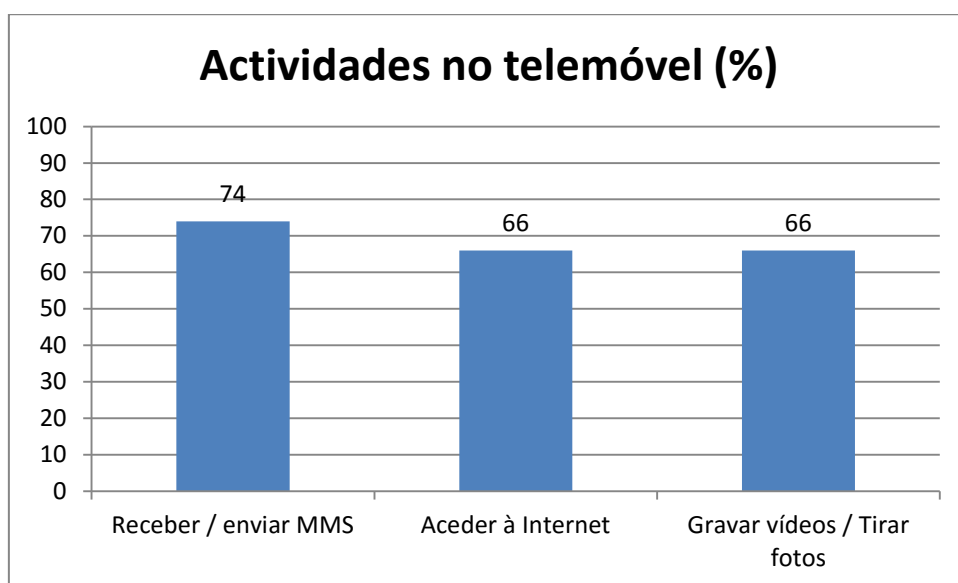
ANEXO 16

Gráfico A16.1 – Posse de equipamentos e espaço de uso dos mesmos, em percentagem



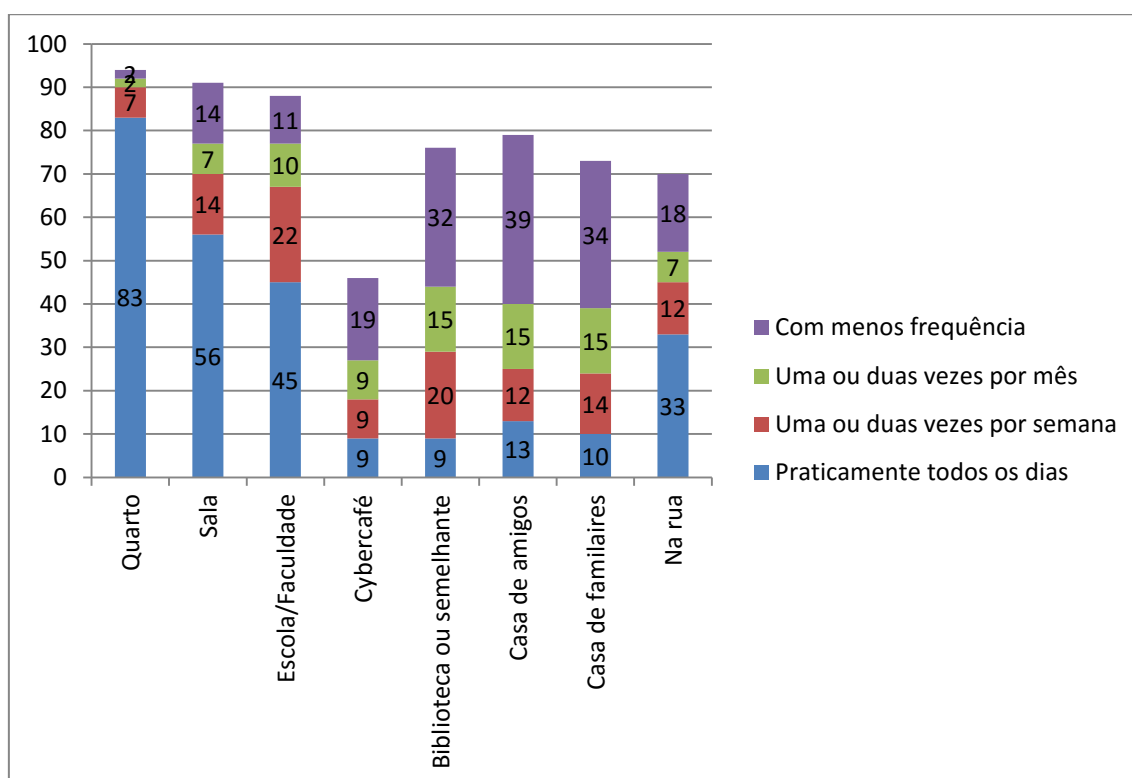
(N=183)

Gráfico A16.2 – Uso de telemóvel, em percentagem



(N=183)

Tabela A16.3 – Espaços e frequências de acesso à internet, em percentagem



(N=183)

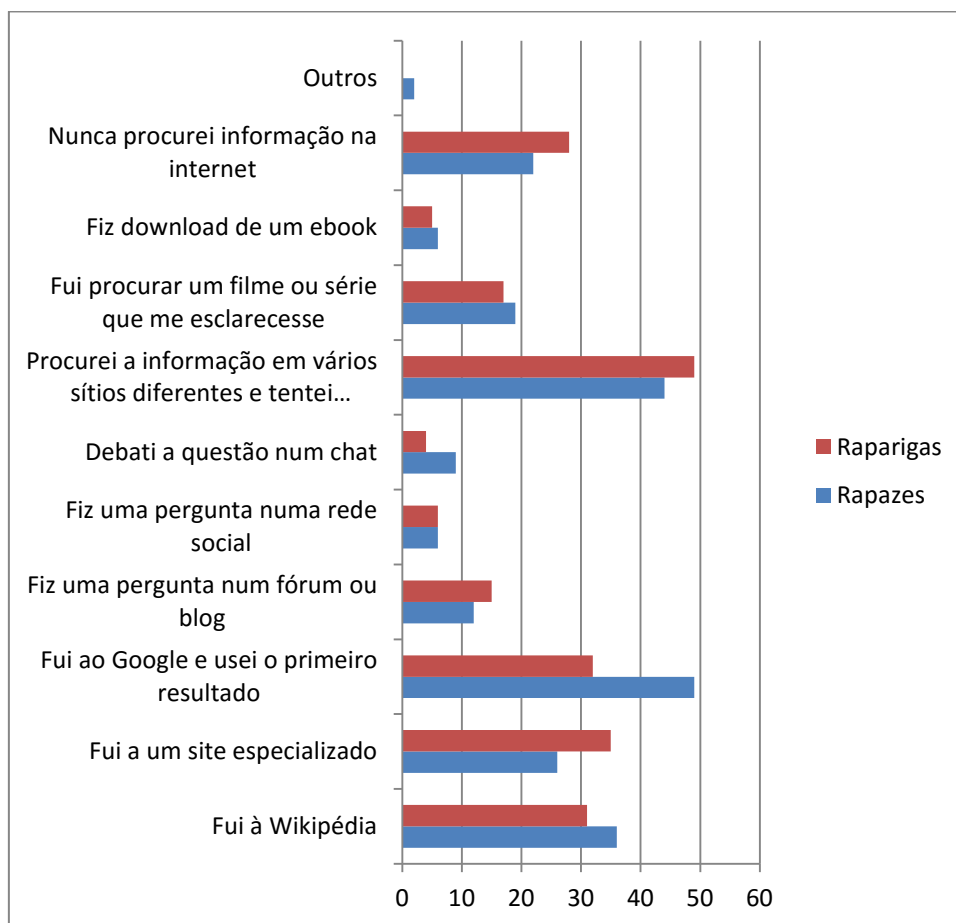
ANEXO 17

Tabela A17.1 – Busca de informação sobre sexualidade na internet, nos últimos 12 meses

	N	%
Fui à Wikipédia	59	32
Fui a um site especializado	57	31
Fui ao Google e usei o primeiro resultado	69	38
Fiz uma pergunta num fórum ou blog	24	13
Fiz uma pergunta numa rede social	10	6
Debati a questão num chat	10	6
Procurei a informação em vários sítios diferentes e tentei perceber qual a mais correcta	85	46
Fui procurar um filme ou série que me esclarecesse	32	18
Fiz download de um ebook	10	6
Nunca procurei informação na internet	25	3
<i>PROCUROU INFORMAÇÃO SOBRE SEXUALIDADE NA INTERNET (AGREGADO)</i>	<i>128</i>	<i>70</i>

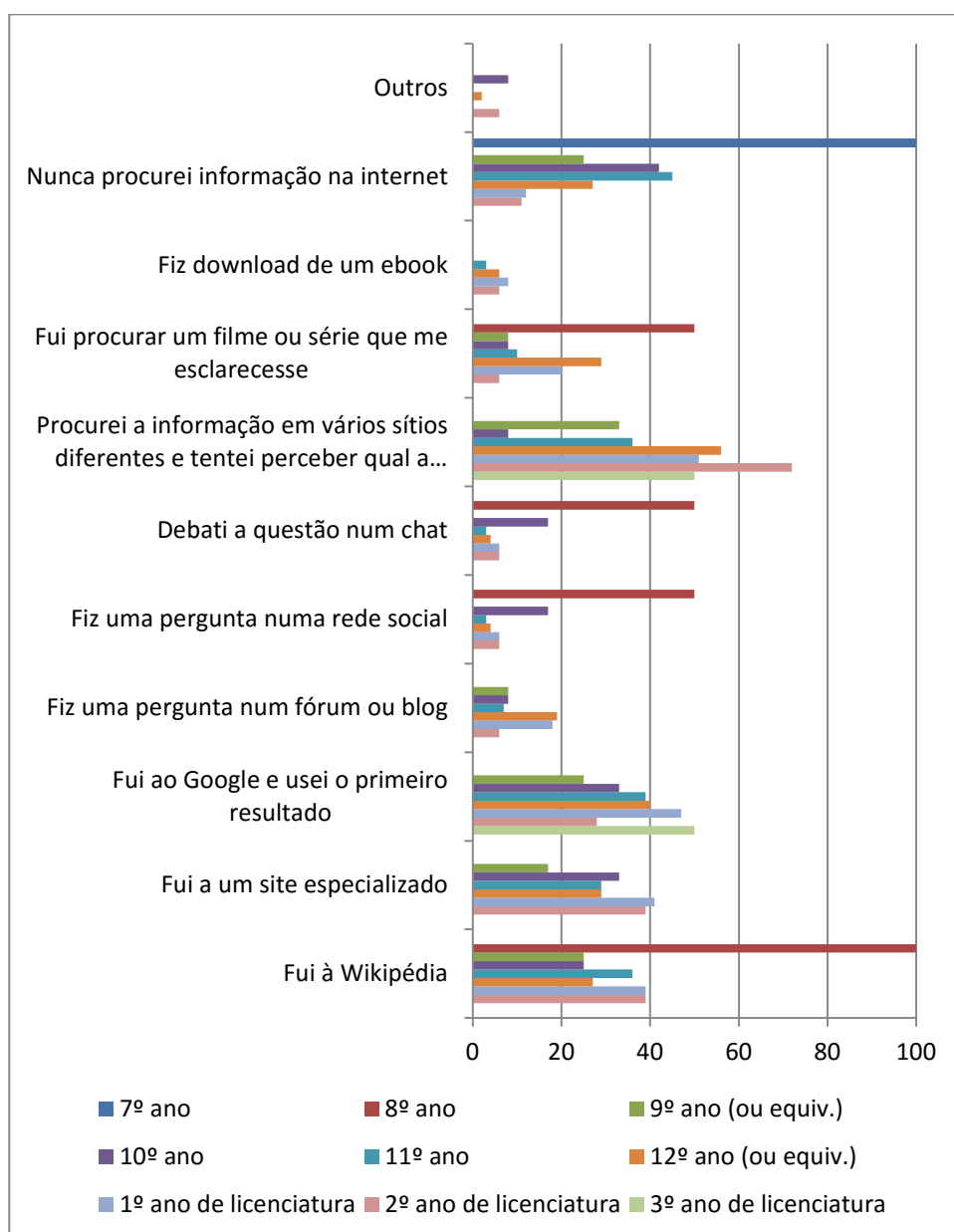
(N=183)

Gráfico A17.2 – Busca de informação sobre sexualidade na internet, nos últimos 12 meses, por sexo (%)



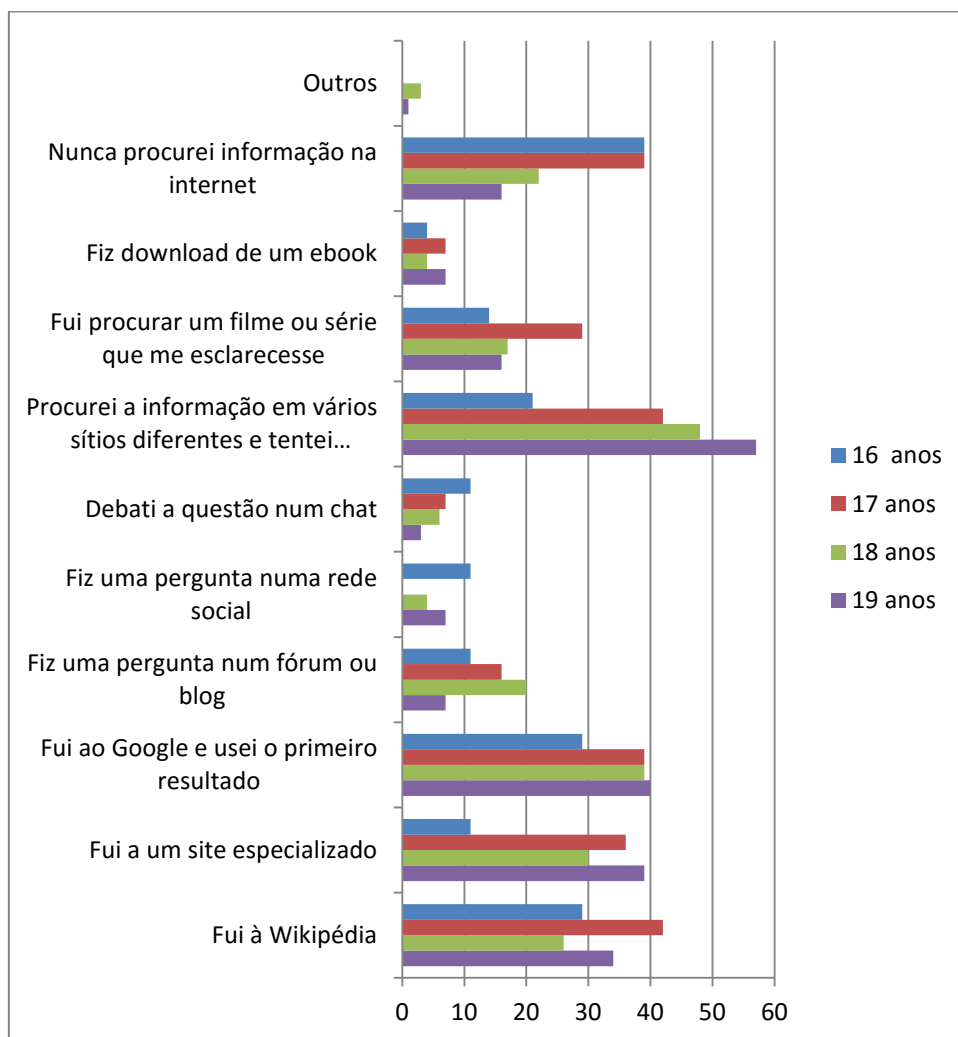
(N=183)

Gráfico A17.3 – Busca de informação sobre sexualidade na internet, nos últimos 12 meses, por grau de escolaridade (%)



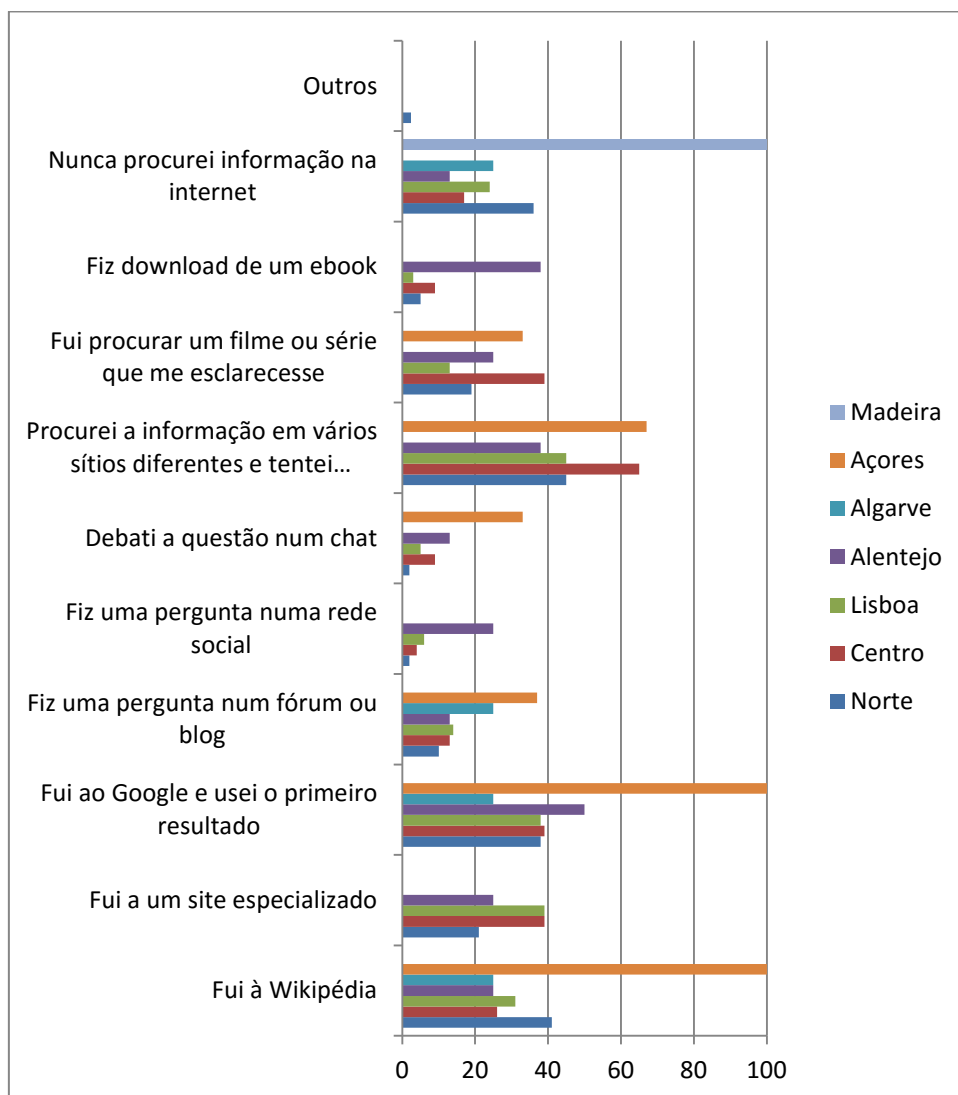
(N=183)

Gráfico A17.4 – Busca de informação sobre sexualidade na internet, nos últimos 12 meses, por idade (%)



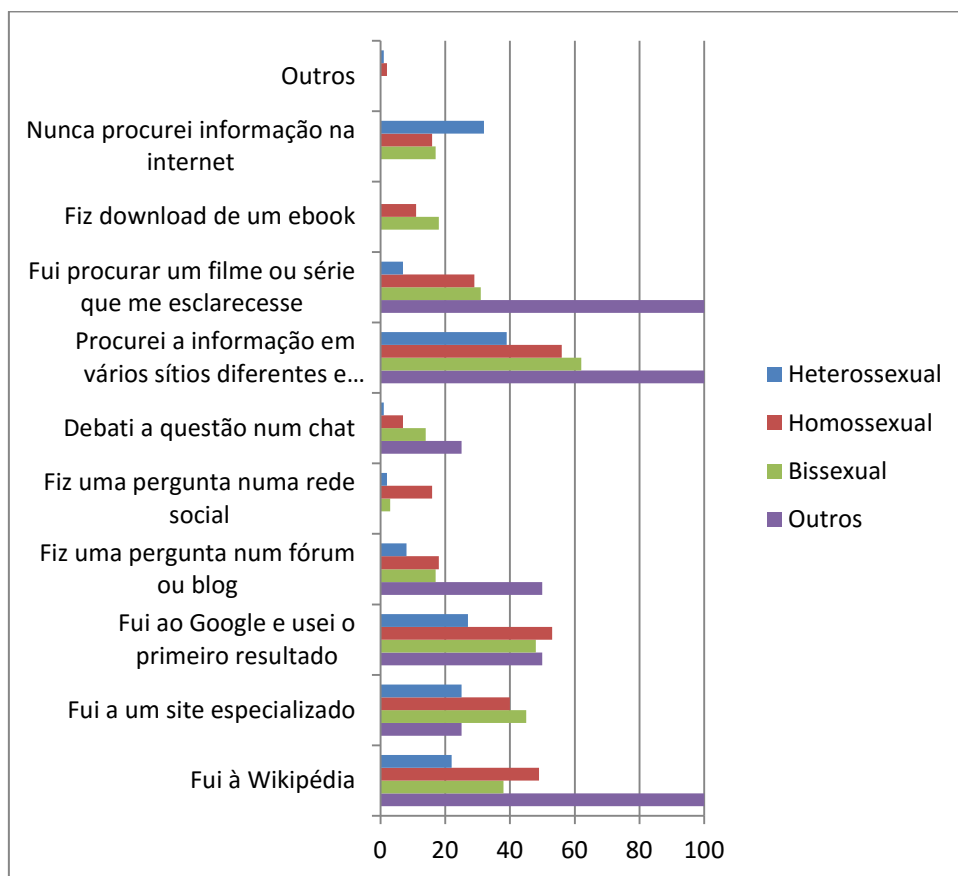
(N=183)

Gráfico A17.5 – Busca de informação sobre sexualidade na internet, nos últimos 12 meses, por zona de residência (NUTS II)



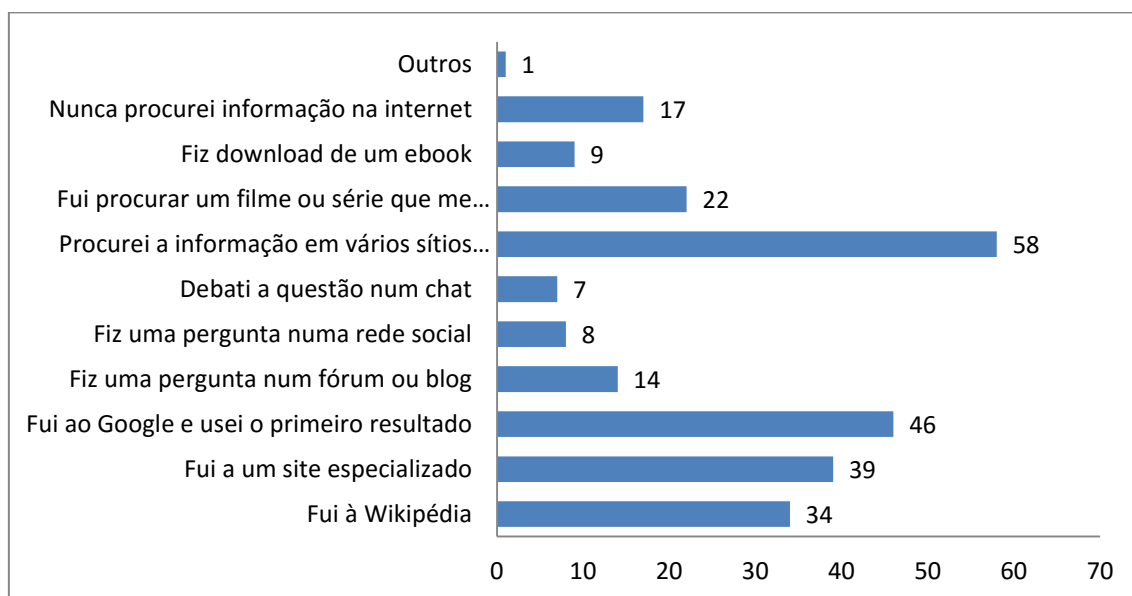
(N=183)

Gráfico A17.6 – Busca de informação sobre sexualidade na internet, nos últimos 12 meses, por orientação sexual (%)



(N=183)

Gráfico A17.7 – Busca de informação sobre sexualidade na internet, nos últimos 12 meses, por quem já teve relações sexuais (%)



(N=160)

Tabela A17.8 – Correlações agregadas com busca de informação sobre sexualidade na internet, nos últimos 12 meses

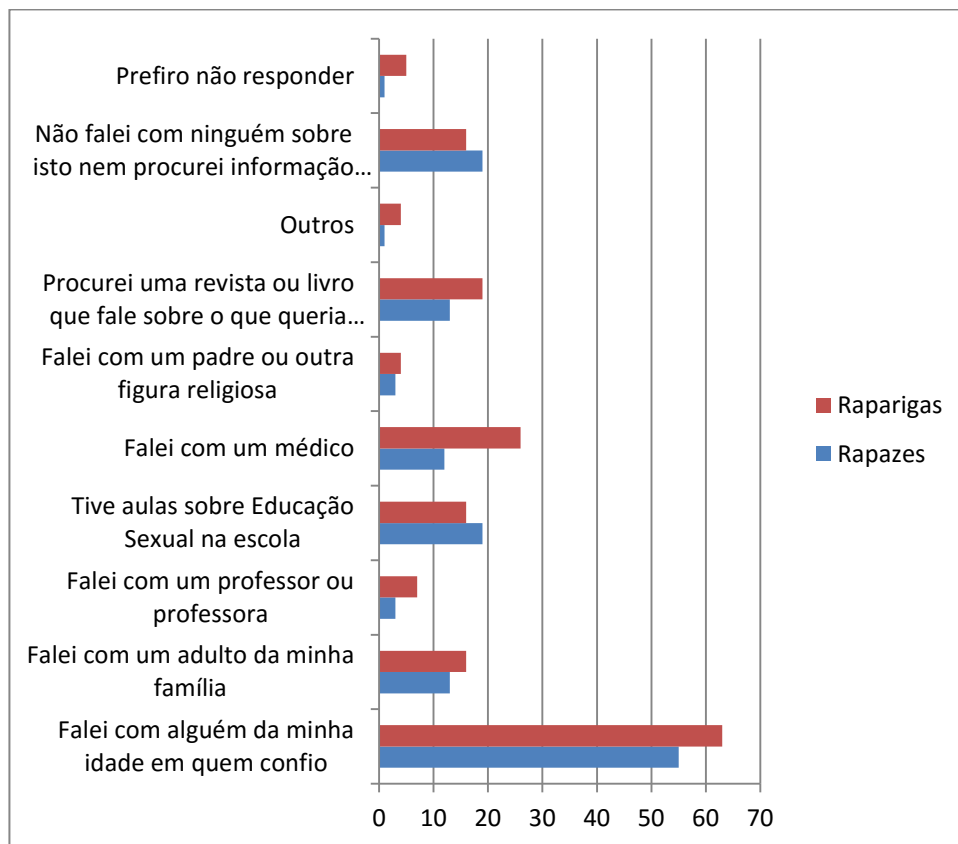
	<i>r</i>	V	χ^2	<i>p</i>
Idade	.239	-	-	.001
Sexo	-	-	.050	.510
Educação	.756	-	-	< .001
Zona de Habitação	-	.242	-	.128
Orientação Sexual (agr.)	-	-	.220	.005
Prática de sexo	-	-	.252	.001

ANEXO 18

Tabela A18.1 – Busca de informação sobre sexualidade fora da internet, nos últimos 12 meses

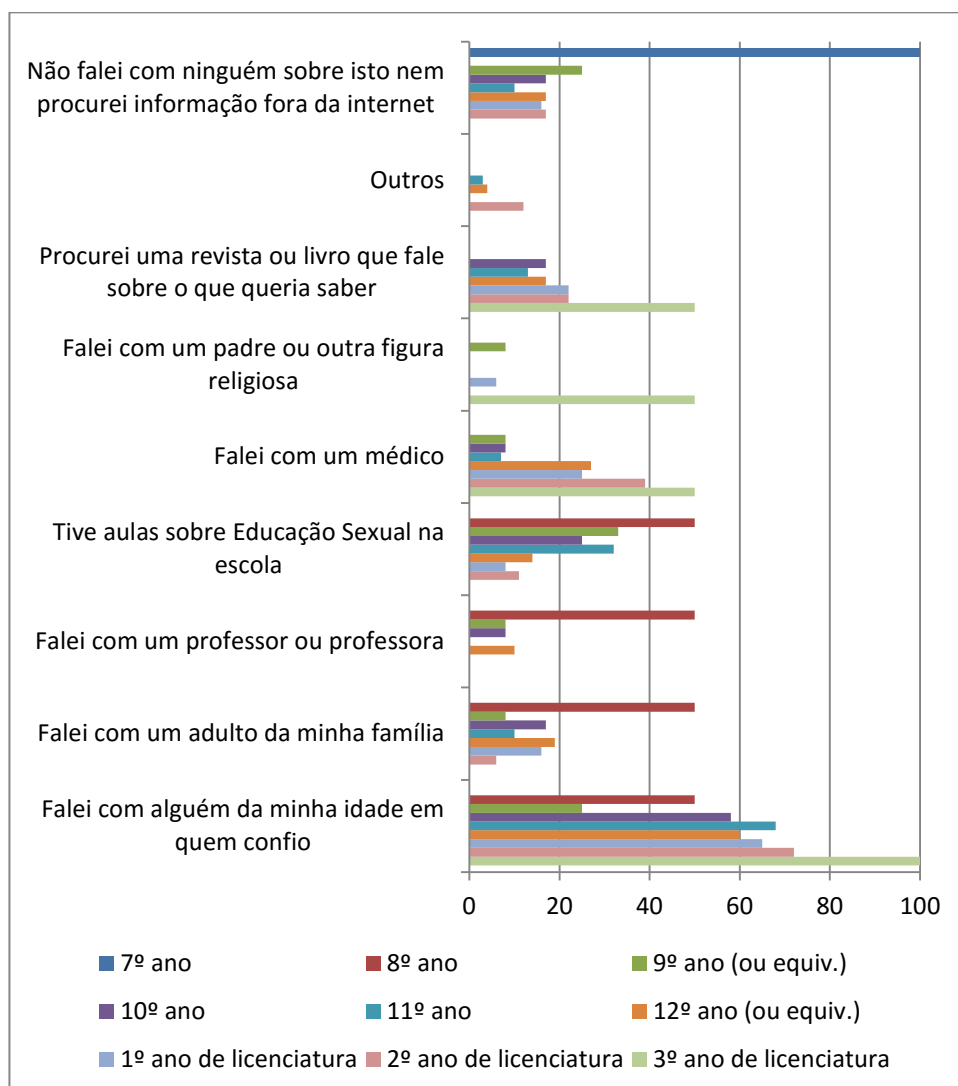
	N	%
Falei com alguém da minha idade em quem confio	111	61
Falei com um adulto da minha família	26	14
Falei com um professor ou professora	26	14
Tive aulas sobre Educação Sexual na escola	32	18
Falei com um médico	38	21
Falei com um padre ou outra figura religiosa	6	3
Procurei uma revista ou livro que fale sobre o que queria saber	31	17
Outros	5	3
Não falei com ninguém sobre isto nem procurei informação fora da internet	30	16
Prefiro não responder	6	3
<i>PROCUROU INFORMAÇÃO SOBRE SEXUALIDADE FORA DA INTERNET (AGREGADO)</i>	<i>154</i>	<i>79</i>

Gráfico A18.2 – Busca de informação sobre sexualidade fora da internet, nos últimos 12 meses, por sexo (%)



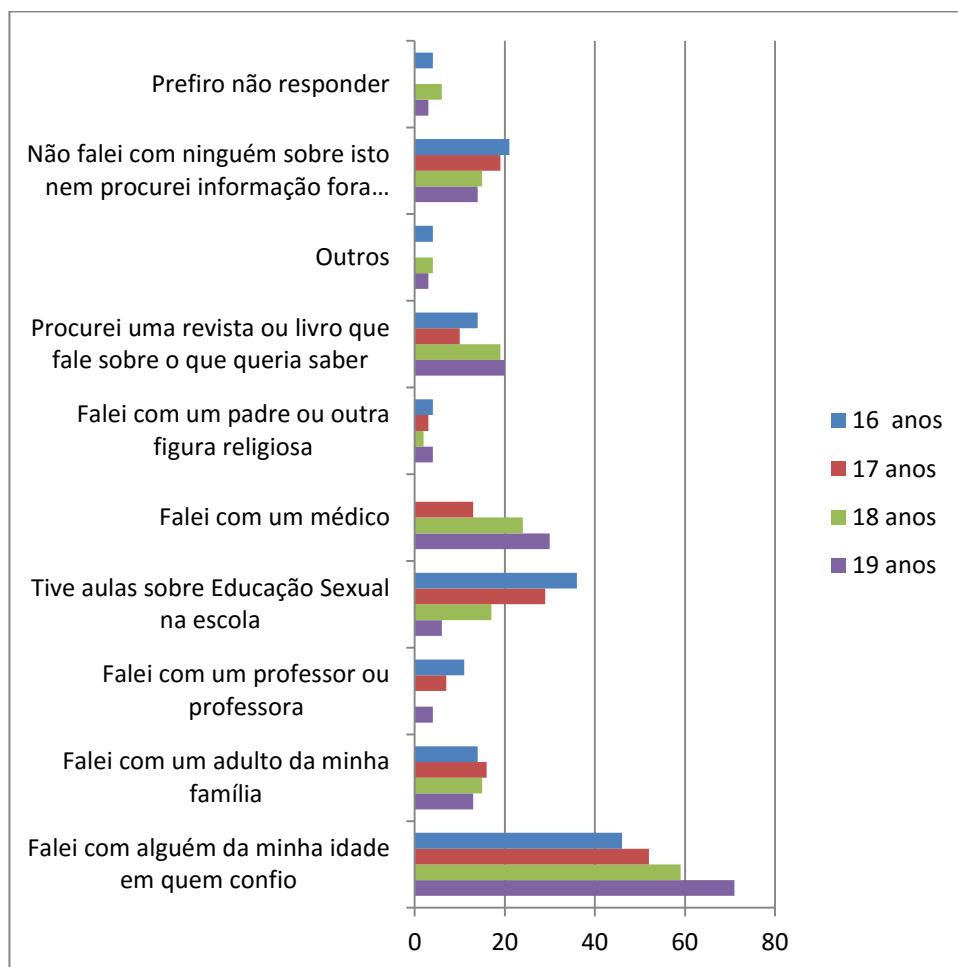
(N=178)

Gráfico A18.3 – Busca de informação sobre sexualidade fora da internet, nos últimos 12 meses, por grau de escolaridade (%)



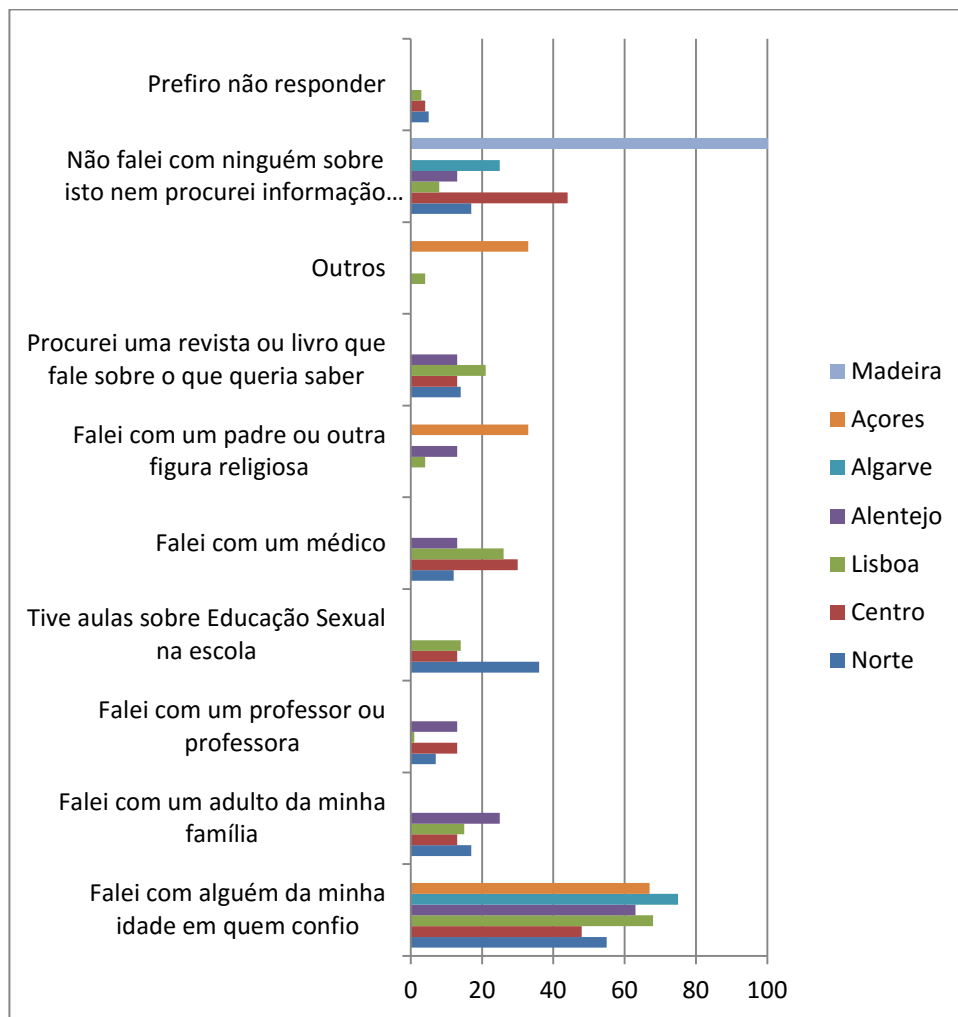
(N=180)

Gráfico A18.4 – Busca de informação sobre sexualidade na internet, nos últimos 12 meses, por idade (%)



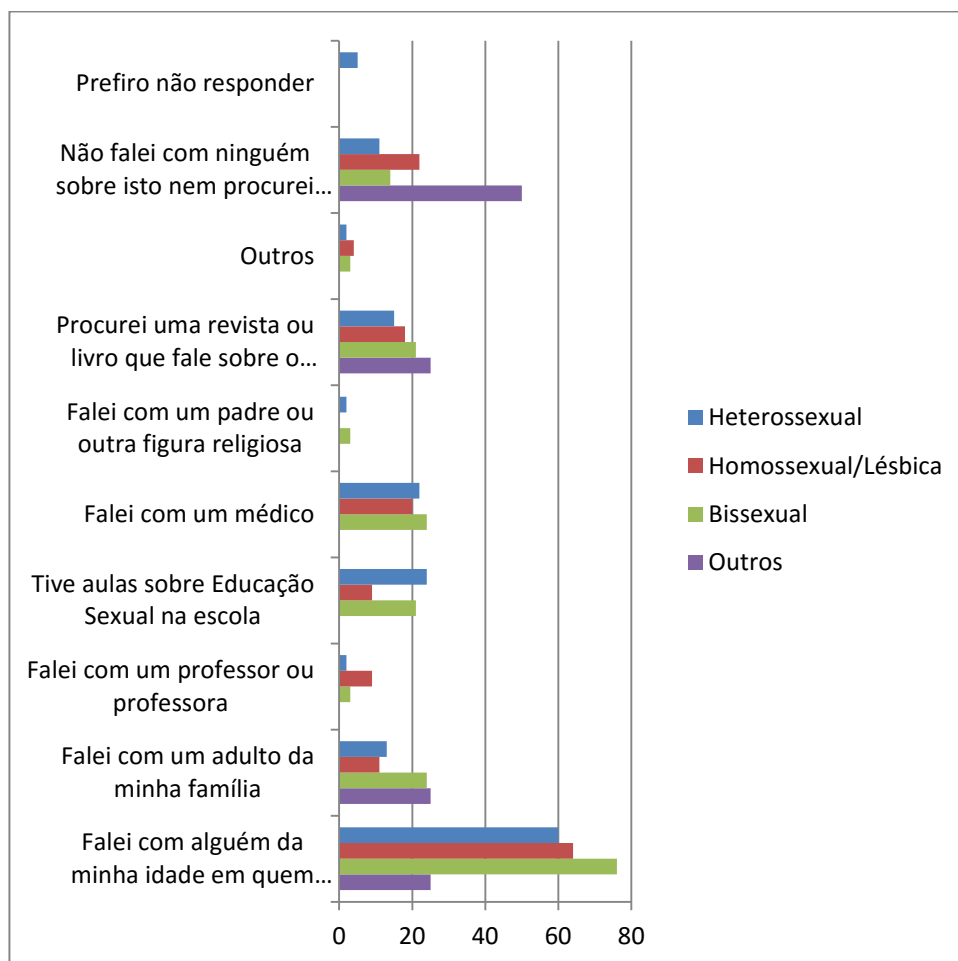
(N=183)

Gráfico A18.5 – Busca de informação sobre sexualidade fora da internet, nos últimos 12 meses, por zona de residência (NUTS II) (%)



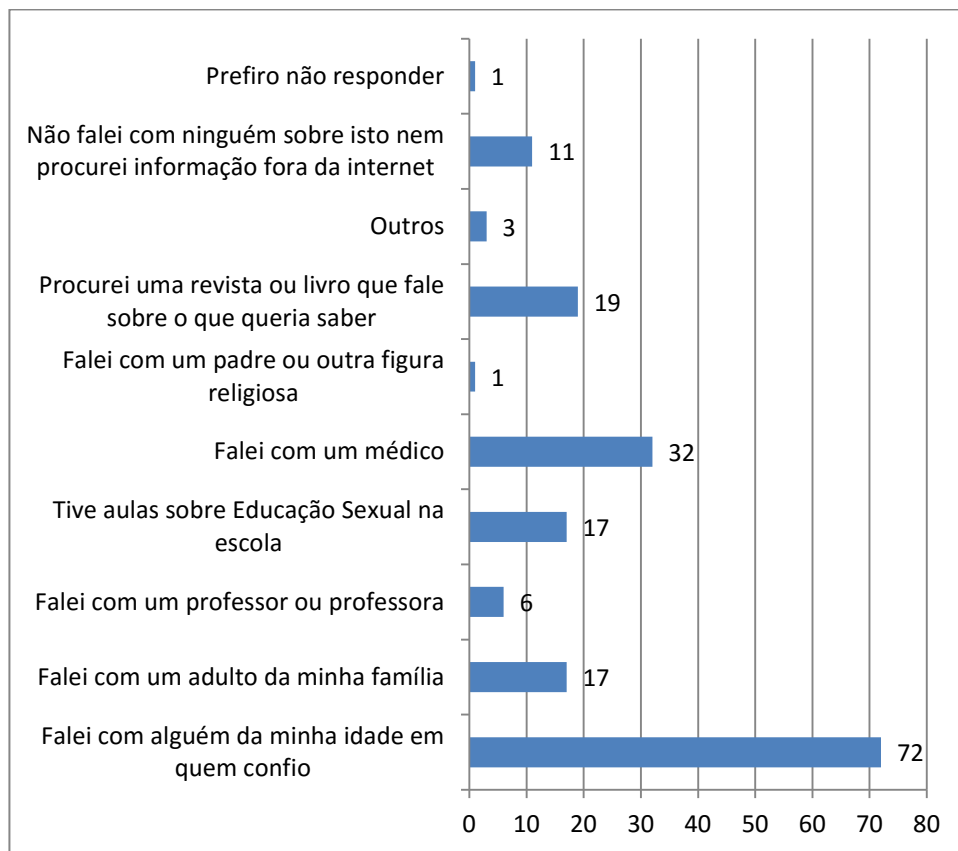
(N=177)

Gráfico A18.6 – Busca de informação sobre sexualidade fora da internet, nos últimos 12 meses, por orientação sexual (%)



(N=161)

Gráfico A18.7 – Busca de informação sobre sexualidade fora da internet, nos últimos 12 meses, por quem já teve relações sexuais (%)



(N=160)

Tabela A18.8 – Correlações agregadas com busca de informação sobre sexualidade fora da internet, nos últimos 12 meses

	<i>r</i>	V	χ^2	<i>p</i>
Idade	.069	-	-	.181
Sexo	-	-	.058	.451
Educação	.092	-	-	.115
Zona de Habitação	-	.359	-	.001
Orientação Sexual (agr.)	-	-	.110	.164
Prática de sexo	-	-	.227	.003

ANEXO 19

Tabela A19.1 – Visualização de imagens, vídeos ou textos com conteúdos sexuais ou íntimos, nos últimos 12 meses, na internet

	N	%
Através de imagens que se abriram sozinhas (ex: pop-ups de publicidade)	145	80
Quando estava a fazer uma busca por outro assunto qualquer (ex: no Google)	145	80
Quando estava a aceder a sites que contêm este tipo de material	133	73
Quando alguém me enviou uma imagem, filme, ou link	133	73
<i>VIU IMAGENS, VÍDEOS OU TEXTOS COM CONTEÚDOS SEXUAIS OU ÍNTIMOS (AGREGADO)</i>	<i>157</i>	<i>91</i>

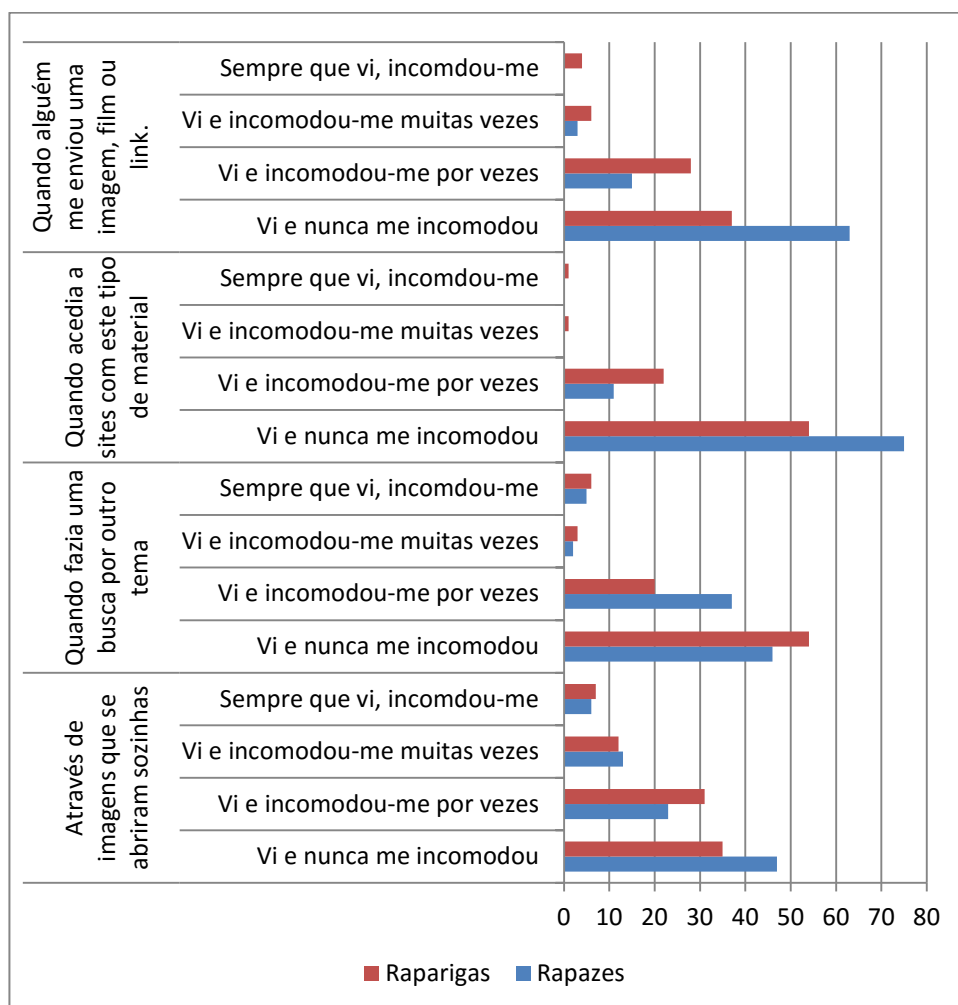
(N=183)

Tabela A19.2 – Incómodo na visualização de imagens, vídeos ou textos com conteúdos sexuais ou íntimos, nos últimos 12 meses, na internet

	Sim	%	Não	%
Através de imagens que se abriram sozinhas (ex: pop-ups de publicidade)	78	43	67	37
Quando estava a fazer uma busca por outro assunto qualquer (ex: no Google)	58	32	87	48
Quando estava a aceder a sites que contêm este tipo de material	31	17	102	56
Quando alguém me enviou uma imagem, filme, ou link	51	28	82	45
<i>FICOU INCOMODADO QUANDO VIU (AGREGADO)</i>	<i>100</i>	<i>55</i>	<i>67</i>	<i>37</i>

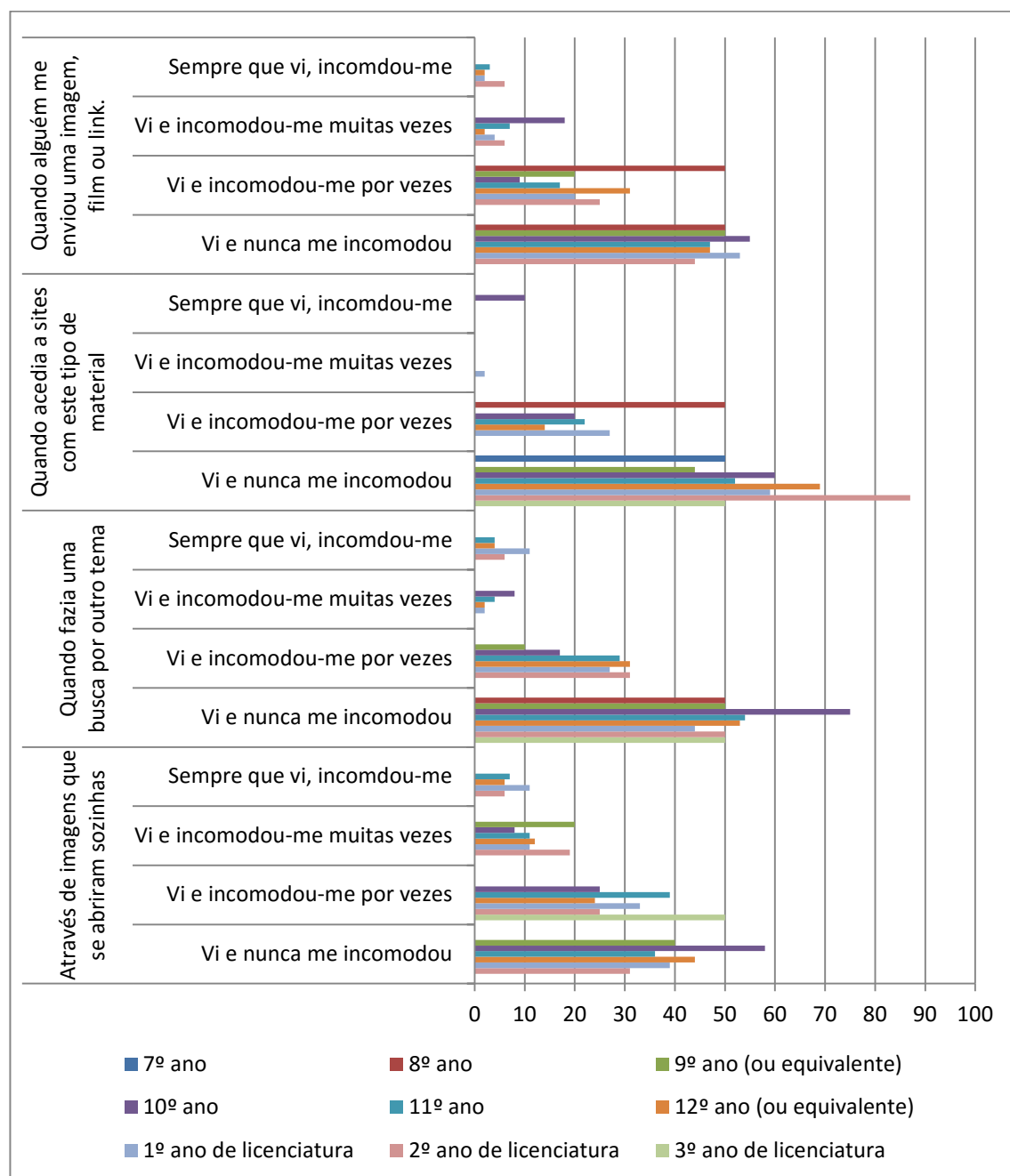
(N=183)

Gráfico A19.3 – Visualização de imagens, vídeos ou textos com conteúdos sexuais ou íntimos e incómodo resultante, nos últimos 12 meses, na internet, por sexo (%)



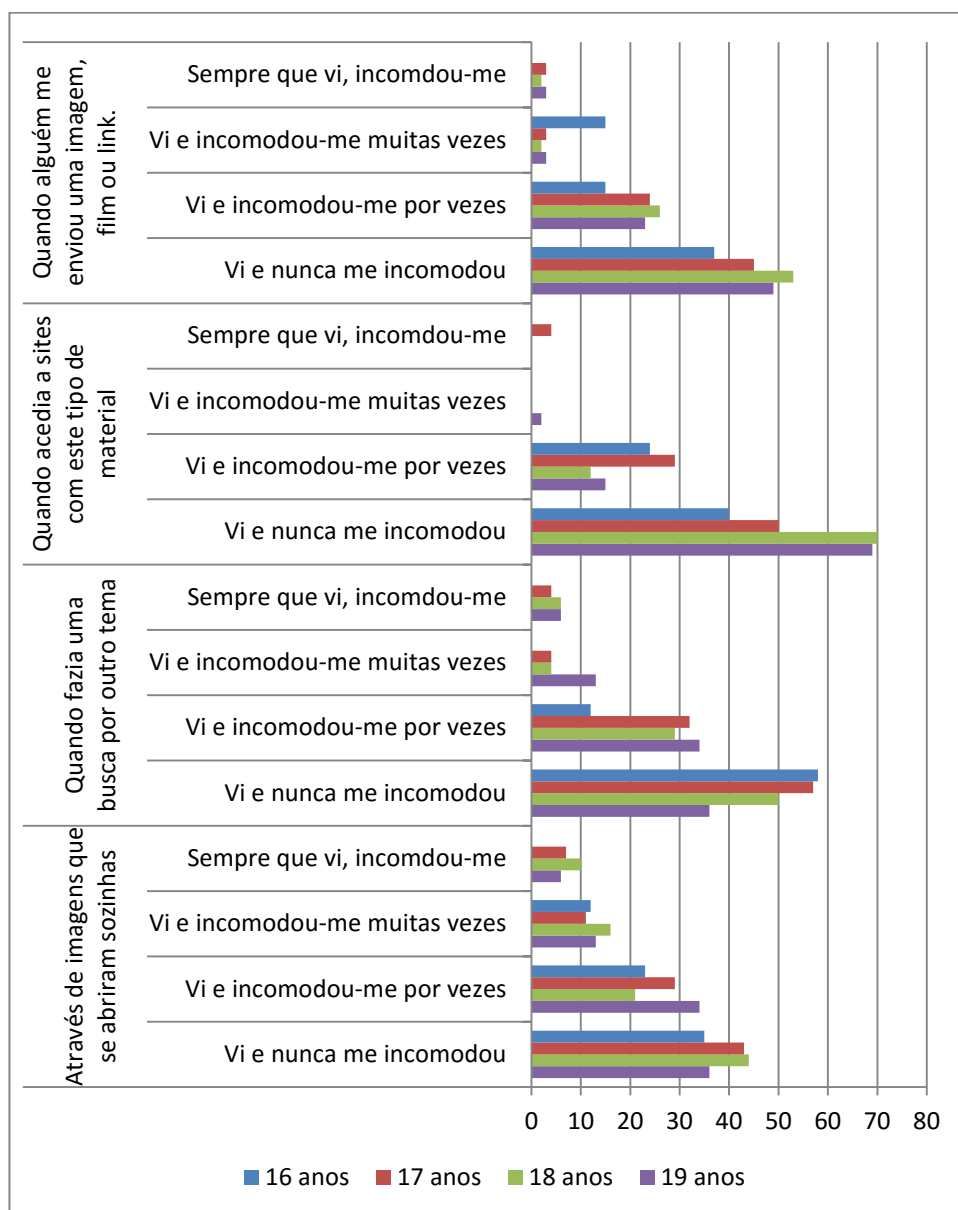
(N=165, 165, 161, 167, respectivamente)

Gráfico A19.4 – Visualização de imagens, vídeos ou textos com conteúdos sexuais ou íntimos e incómodo resultante, nos últimos 12 meses, na internet, por grau de escolaridade (%)



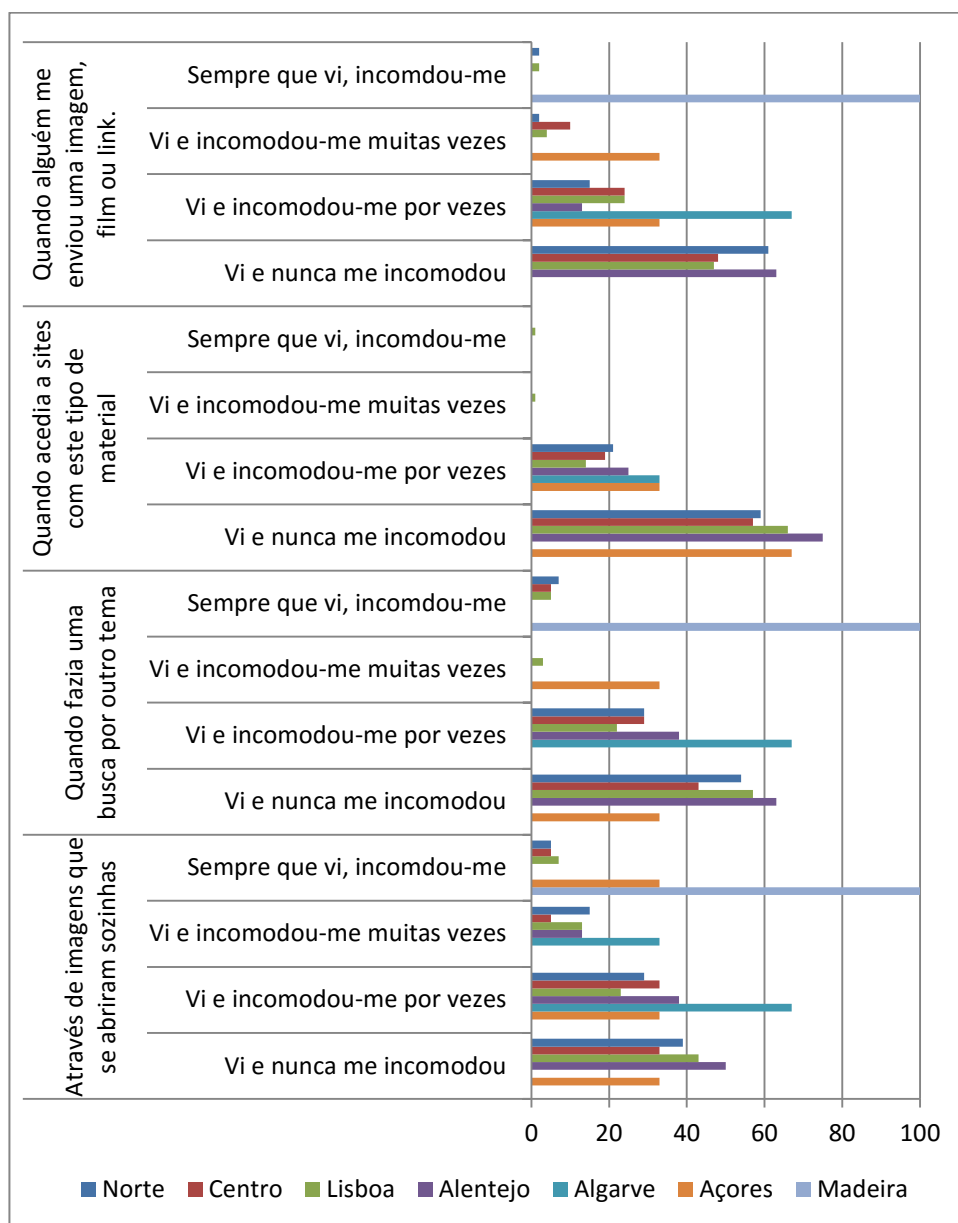
(N=167, 167, 162, 169, respectivamente)

Gráfico A19.5 – Visualização de imagens, vídeos ou textos com conteúdos sexuais ou íntimos e incómodo resultante, nos últimos 12 meses, na internet, por idade (%)



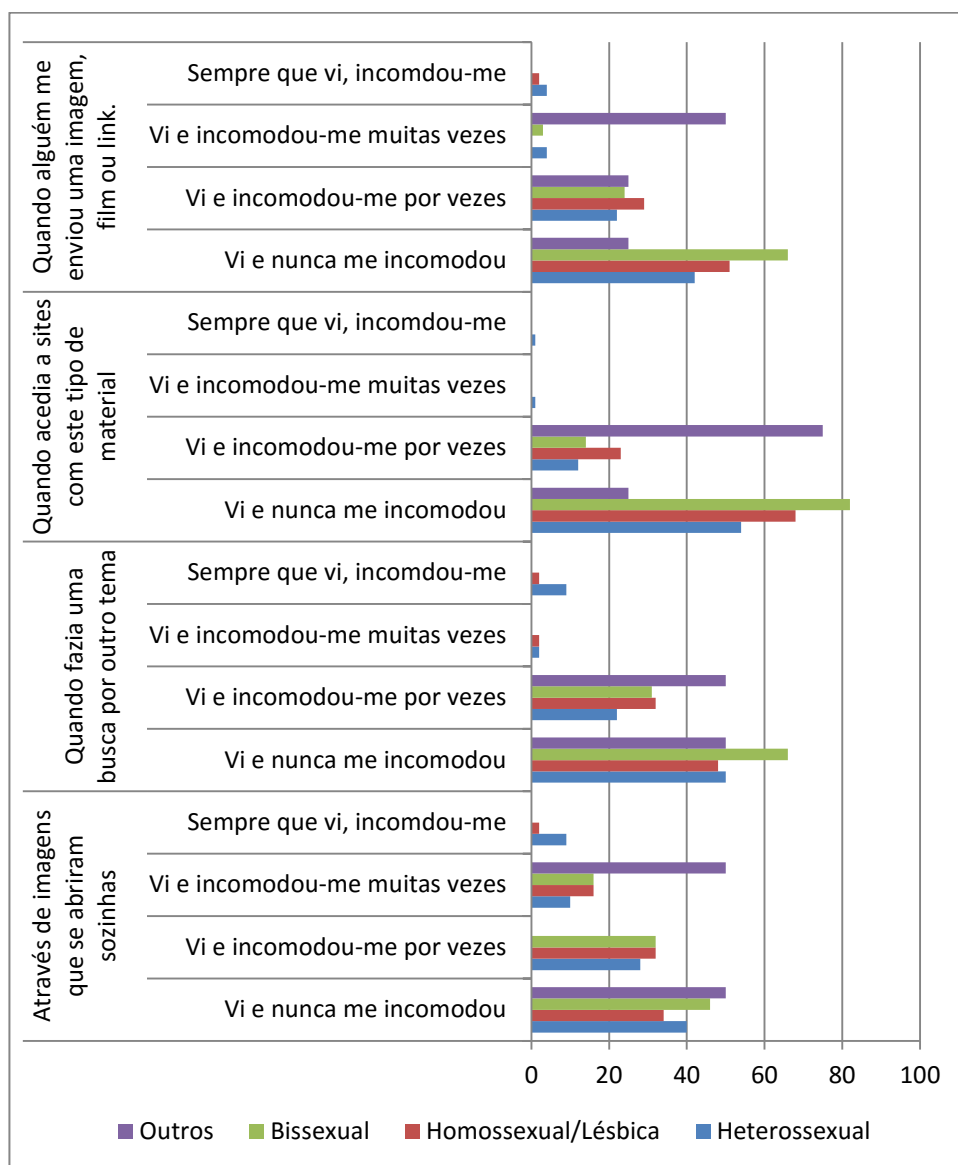
(N=170, 170, 165, 172, respectivamente)

Gráfico A19.6 – Visualização de imagens, vídeos ou textos com conteúdos sexuais ou íntimos e incómodo resultante, nos últimos 12 meses, na internet, por zona de residência (NUTS II) (%)



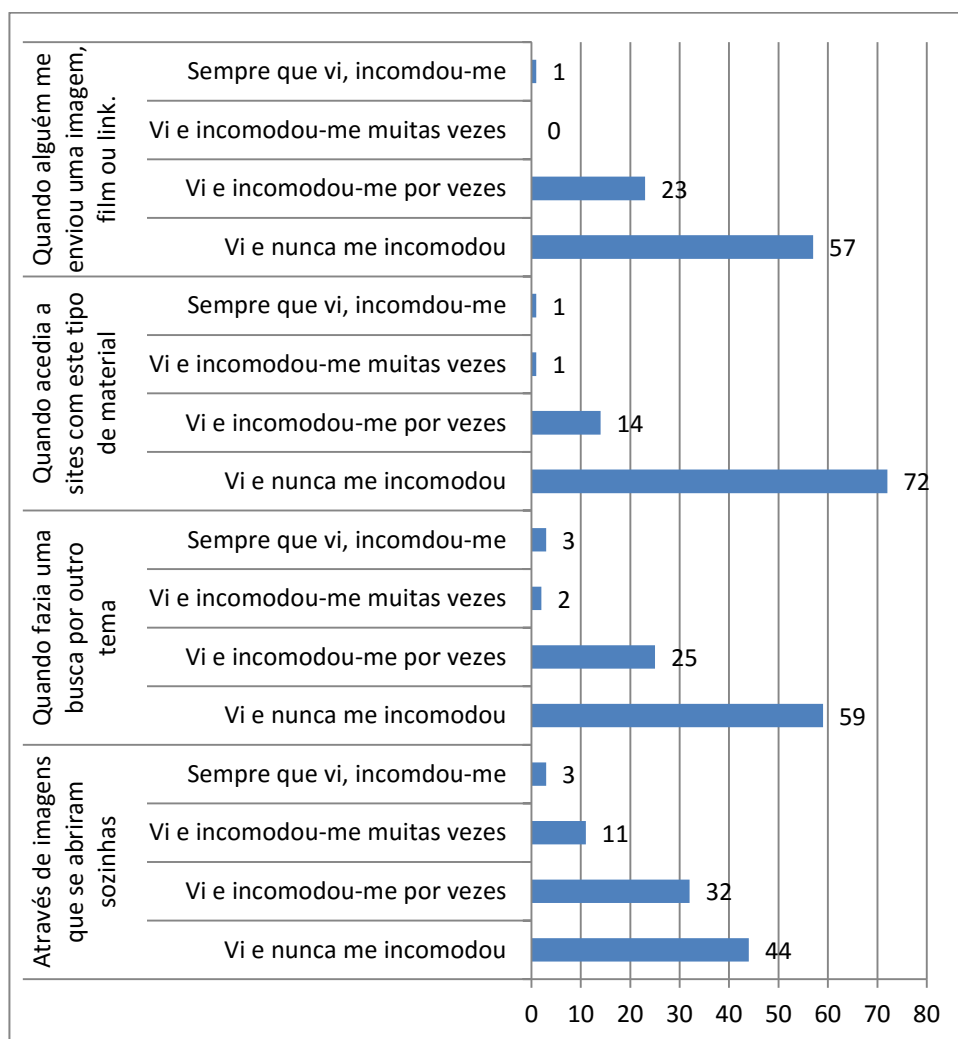
(N=165, 165, 161, 167, respectivamente)

Gráfico A19.7 – Visualização de imagens, vídeos ou textos com conteúdos sexuais ou íntimos e incómodo resultante, nos últimos 12 meses, na internet, por orientação sexual (%)



(N=156, 170, 157, 170, respectivamente)

Gráfico A19.8 – Visualização de imagens, vídeos ou textos com conteúdos sexuais ou íntimos e incómodo resultante, nos últimos 12 meses, na internet, por quem já teve relações sexuais (%)



(N=156, 157, 152, 159, respectivamente)

Tabela A19.8 – Correlações agregadas com visualização de imagens, vídeos ou textos com conteúdos sexuais ou íntimos, nos últimos 12 meses, na internet

	<i>r</i>	V	χ^2	<i>p</i>
Idade	.145	-	-	.029
Sexo	-	-	.016	.833
Educação	.184	-	-	.008
Zona de Habitação	-	.076	-	.987
Orientação Sexual (agr.)	-	-	.030	.701
Prática de sexo	-	-	.132	.092

Tabela A19.9 – Correlações agregadas com presença de incómodo na visualização de imagens, vídeos ou textos com conteúdos sexuais ou íntimos, nos últimos 12 meses, na internet

	<i>r</i>	V	χ^2	<i>p</i>
Idade	.030	-	-	.350
Sexo	-	-	.065	.409
Educação	.115	-	-	.071
Zona de Habitação	-	.160	-	.654
Orientação Sexual (agr.)	-	-	.084	.294
Prática de sexo	-	-	.066	.414

ANEXO 20

Tabela A20.1 – Recepção de mensagens de *sexting* ou pedidos de *sexts*, no telemóvel, nos últimos 12 meses

	N	%
Recebi uma mensagem a pedir fotografias minhas que fossem sexuais ou íntimas, enviada por alguém que conheço	31	17
Recebi uma mensagem com conteúdos sexuais ou íntimos, enviada por alguém que conheço	49	27
Recebi uma mensagem a pedir fotografias minhas que fossem sexuais ou íntimas, enviada por alguém desconhecido	14	8
Recebi uma mensagem com conteúdos sexuais ou íntimos, enviada por alguém desconhecido	16	9
<i>RECEBEU SEXT OU PEDIDO DE SEXT (AGREGADO)</i>	<i>65</i>	<i>36</i>

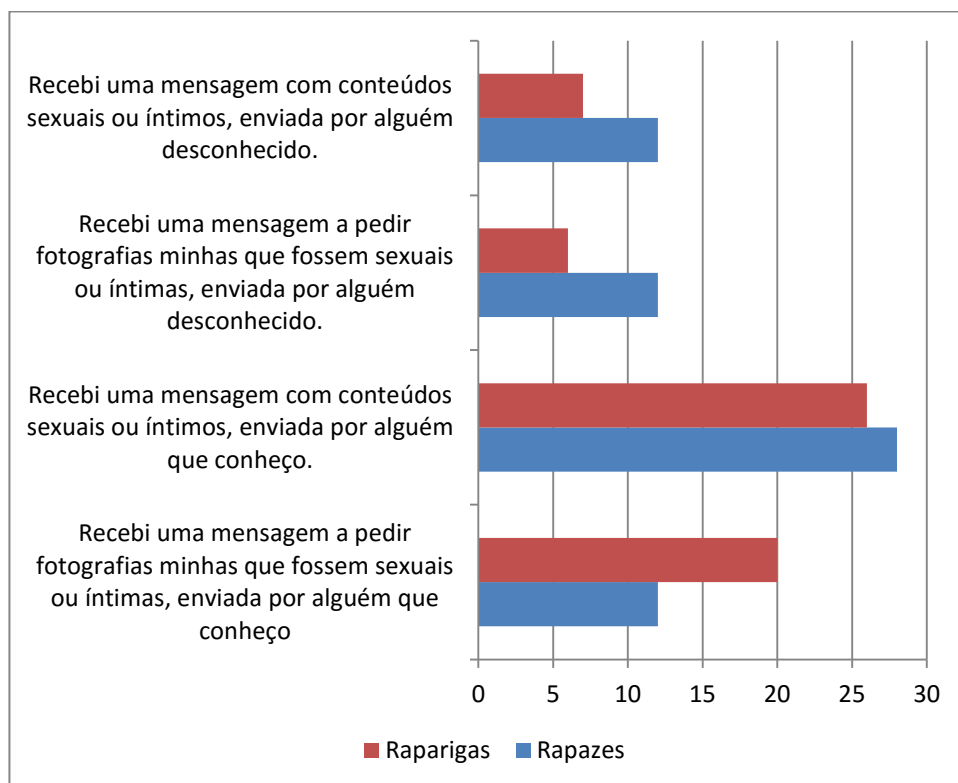
Tabela A20.2 – Envio de mensagens de *sexting* ou pedidos de *sexts*, no telemóvel, nos últimos 12 meses

	N	%
Enviei uma mensagem com conteúdo sexual ou íntimo de mim mesmo/a, para alguém desconhecido	12	7
Enviei uma mensagem a pedir conteúdos sexuais ou íntimos para alguém desconhecido	9	5
Enviei uma mensagem com conteúdo sexual ou íntimo que se refere a mim mesmo/a, para alguém que conheço	38	21
Enviei uma mensagem a pedir conteúdos sexuais ou íntimos para alguém que conheço	19	10
<i>ENVIOU SEXT OU PEDIDO DE SEXT (AGREGADO)</i>	<i>47</i>	<i>26</i>

	N	%
Nada disto aconteceu comigo	96	53

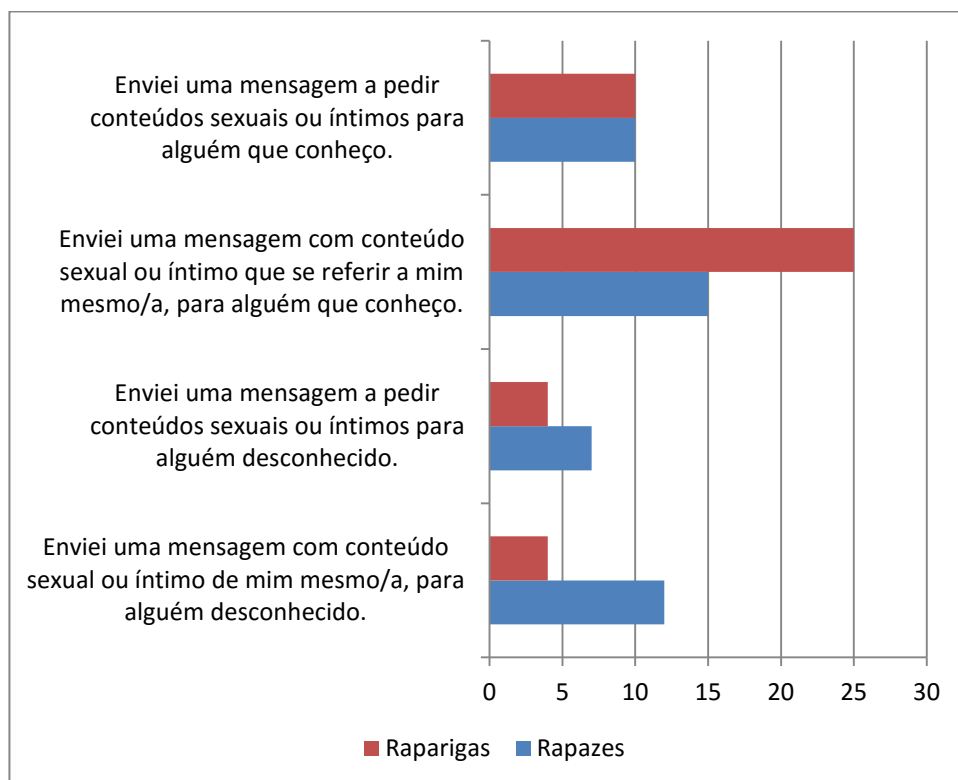
(Dado respeitante tanto ao envio como à recepção de mensagens)

Gráfico A20.3 – Recepção de mensagens de *sexting* ou pedidos de *sexts*, no telemóvel, nos últimos 12 meses, por sexo (%)



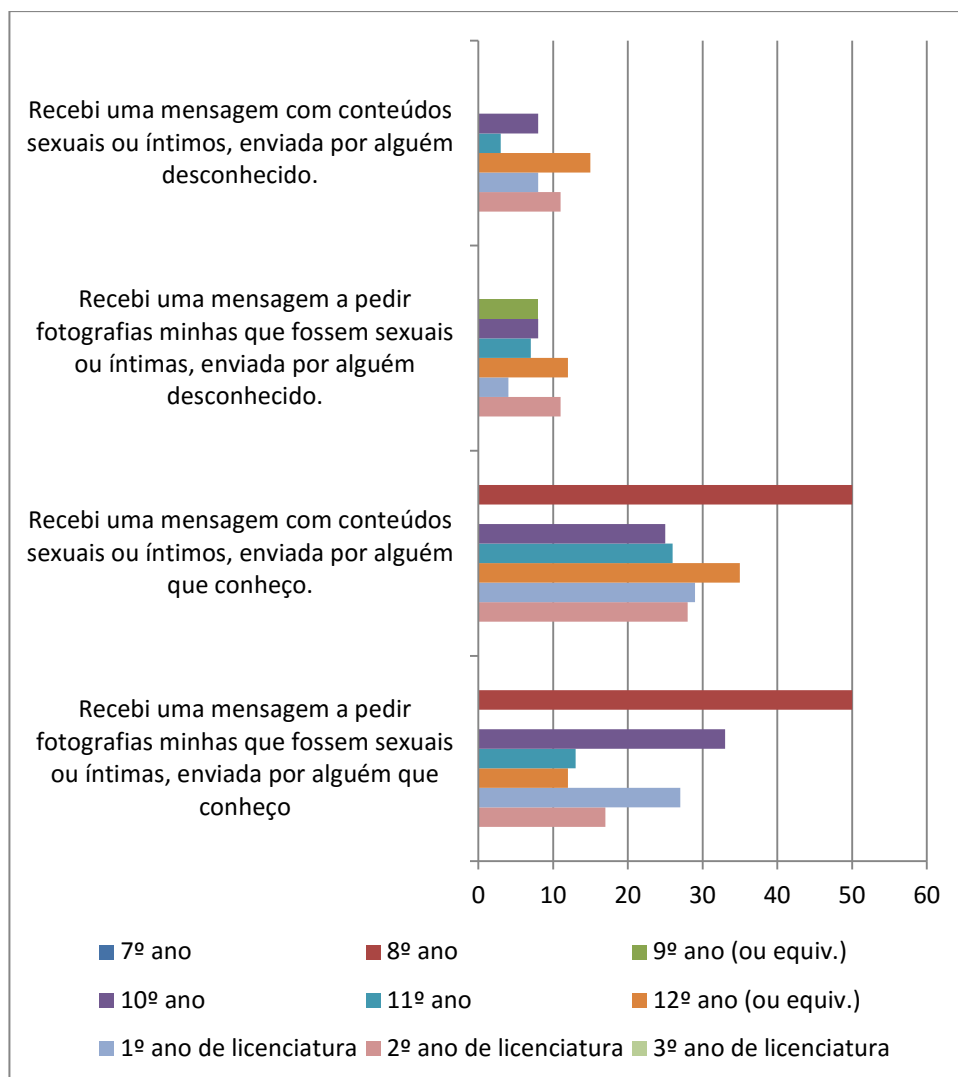
(N=178)

Gráfico A20.4 – Envio de mensagens de *sexting* ou pedidos de *sexts*, no telemóvel, nos últimos 12 meses, por sexo (%)



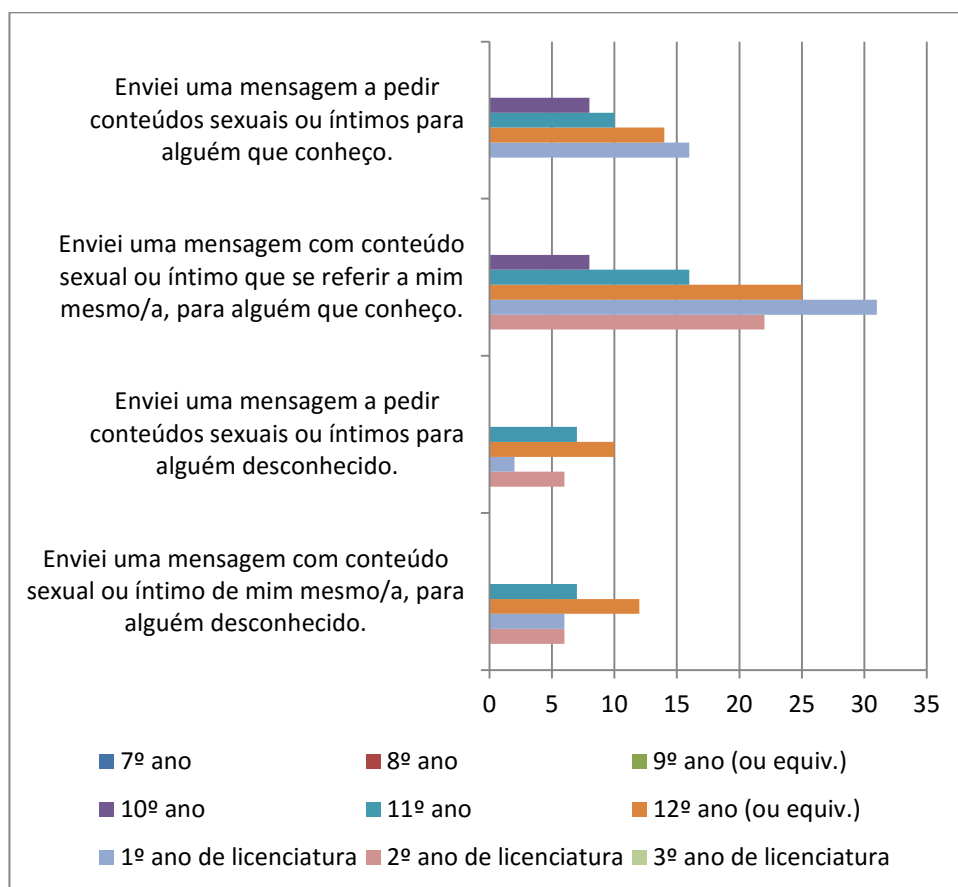
(N=178)

Gráfico A20.5 – Recepção de mensagens de *sexting* ou pedidos de *sexts*, no telemóvel, nos últimos 12 meses, por grau de escolaridade (%)



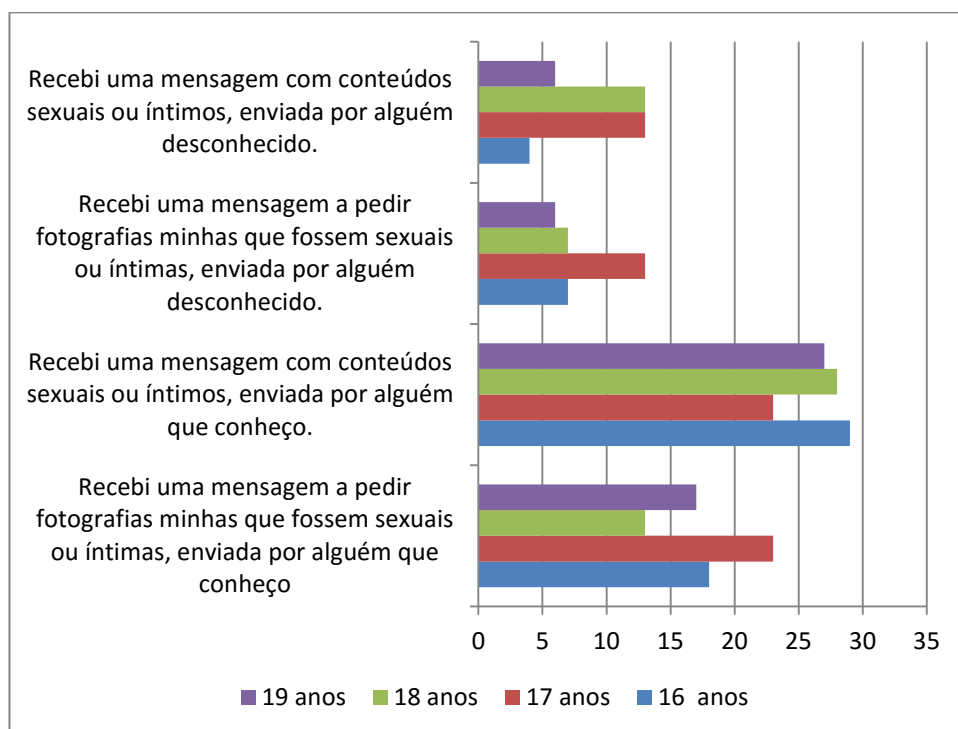
(N=180)

Gráfico A20.6 – Envio de mensagens de *sexting* ou pedidos de *sexts*, no telemóvel, nos últimos 12 meses, por grau de escolaridade (%)



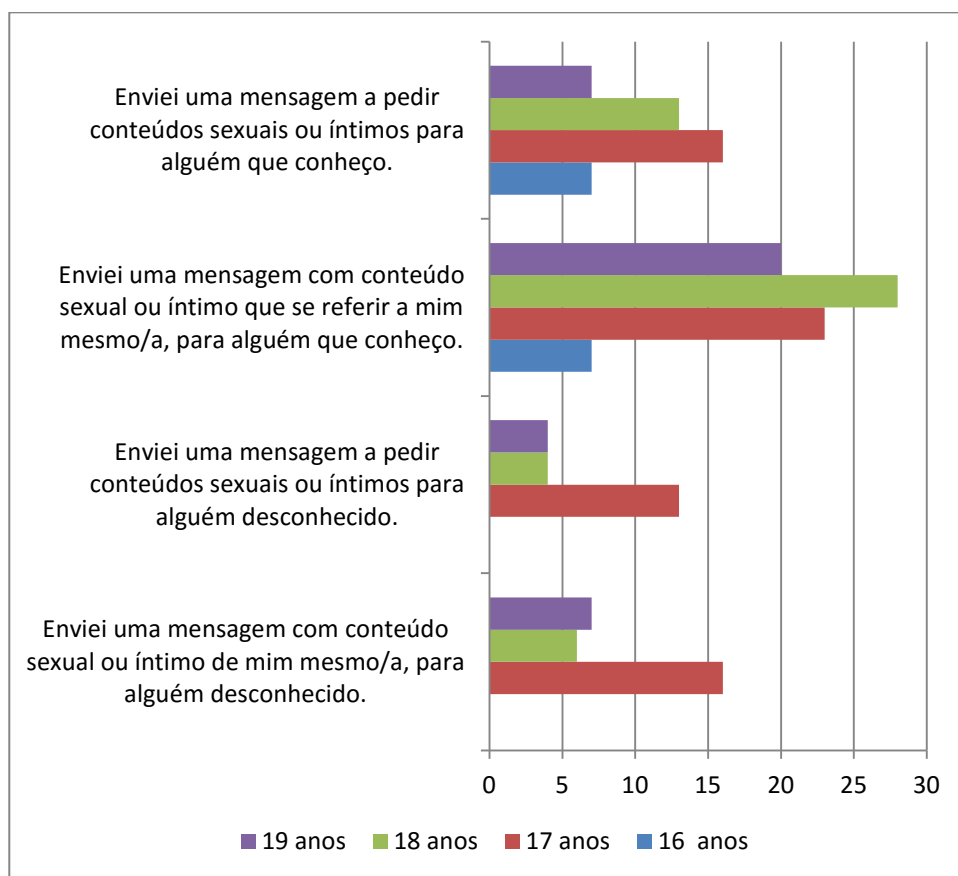
(N=180)

Gráfico A20.7 – Recepção de mensagens de *sexting* ou pedidos de *sexts*, no telemóvel, nos últimos 12 meses, por idade (%)



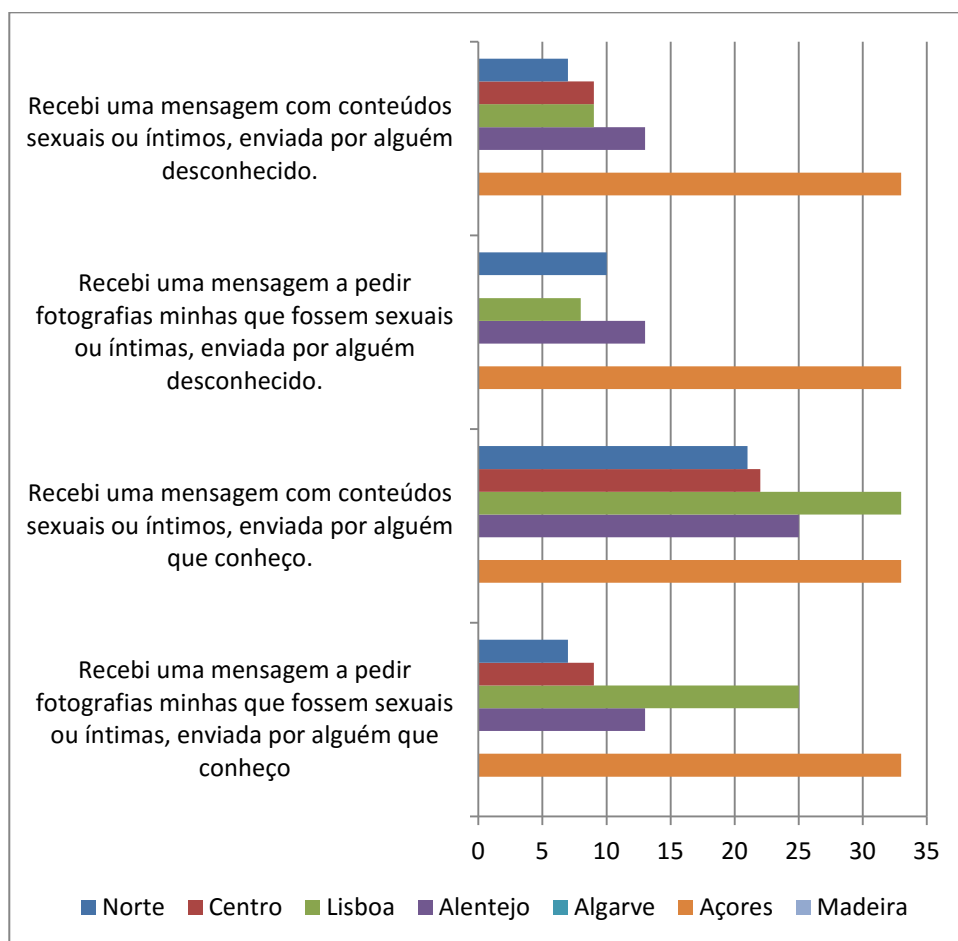
(N=183)

Gráfico A20.8 – Envio de mensagens de *sexting* ou pedidos de *sexts*, no telemóvel, nos últimos 12 meses, por idade (%)



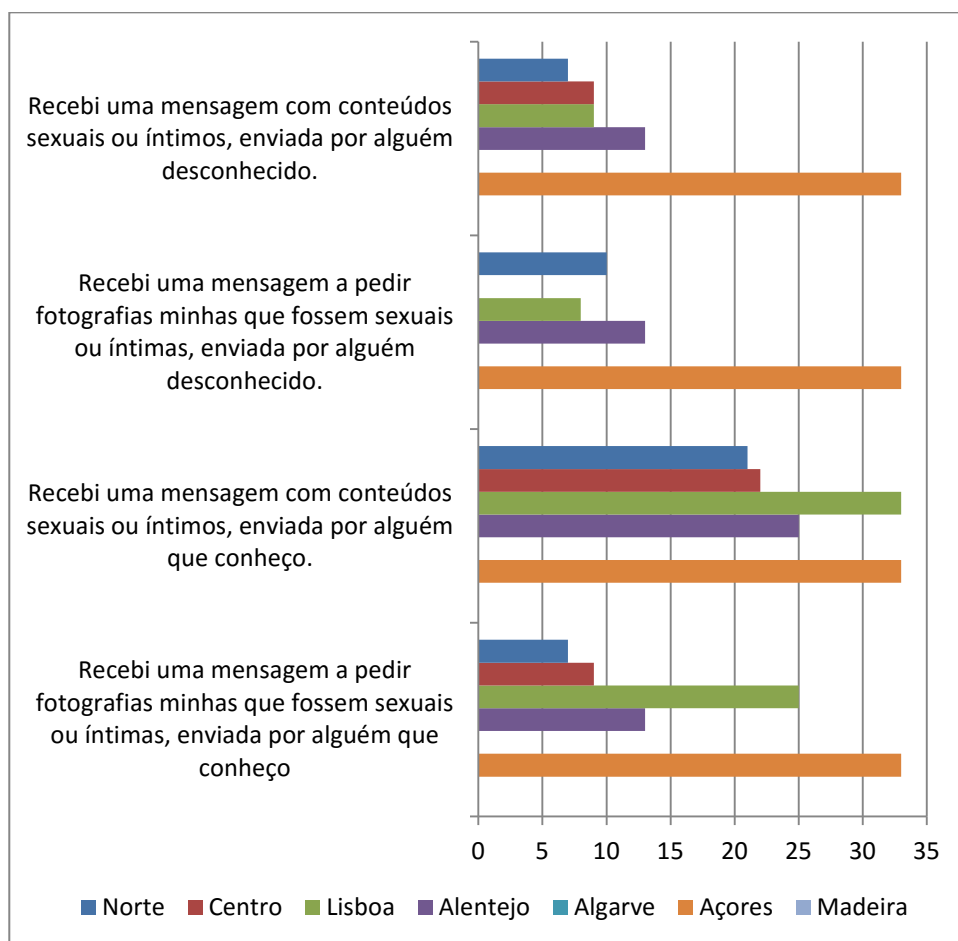
(N=183)

Gráfico A20.9 – Recepção de mensagens de *sexting* ou pedidos de *sexts*, no telemóvel, nos últimos 12 meses, por zona de residência (NUTS II) (%)



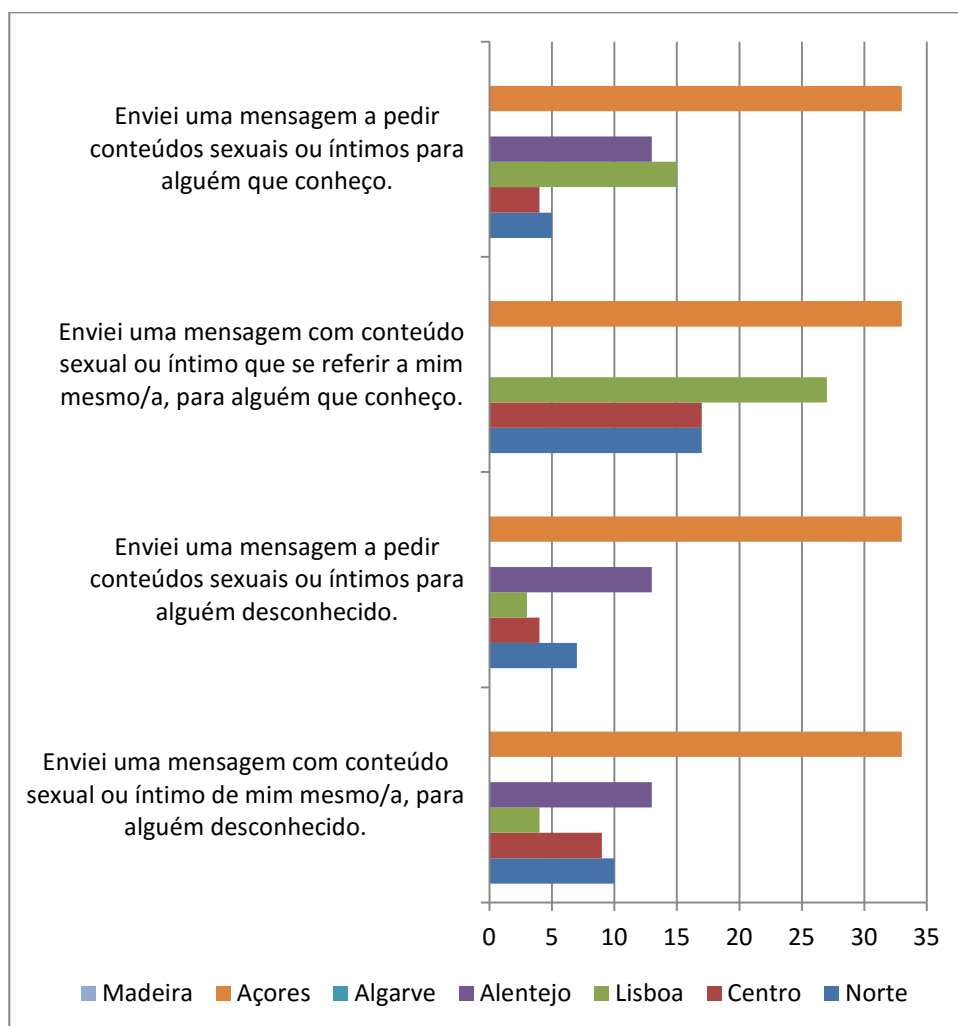
(N=177)

Gráfico A20.10 – Recepção de mensagens de *sexting* ou pedidos de *sexts*, no telemóvel, nos últimos 12 meses, por zona de residência (NUTS II) (%)



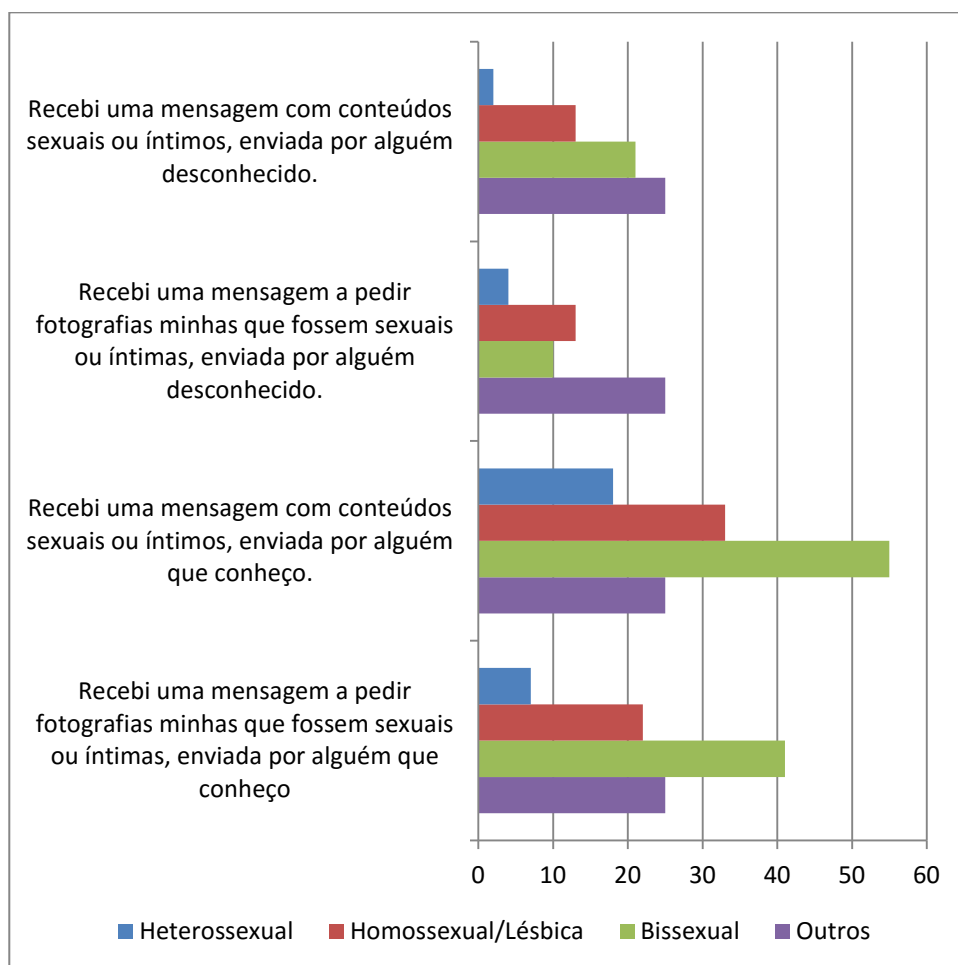
(N=177)

Gráfico A20.11 – Envio de mensagens de *sexting* ou pedidos de *sexts*, no telemóvel, nos últimos 12 meses, por zona de residência (NUTS II) (%)



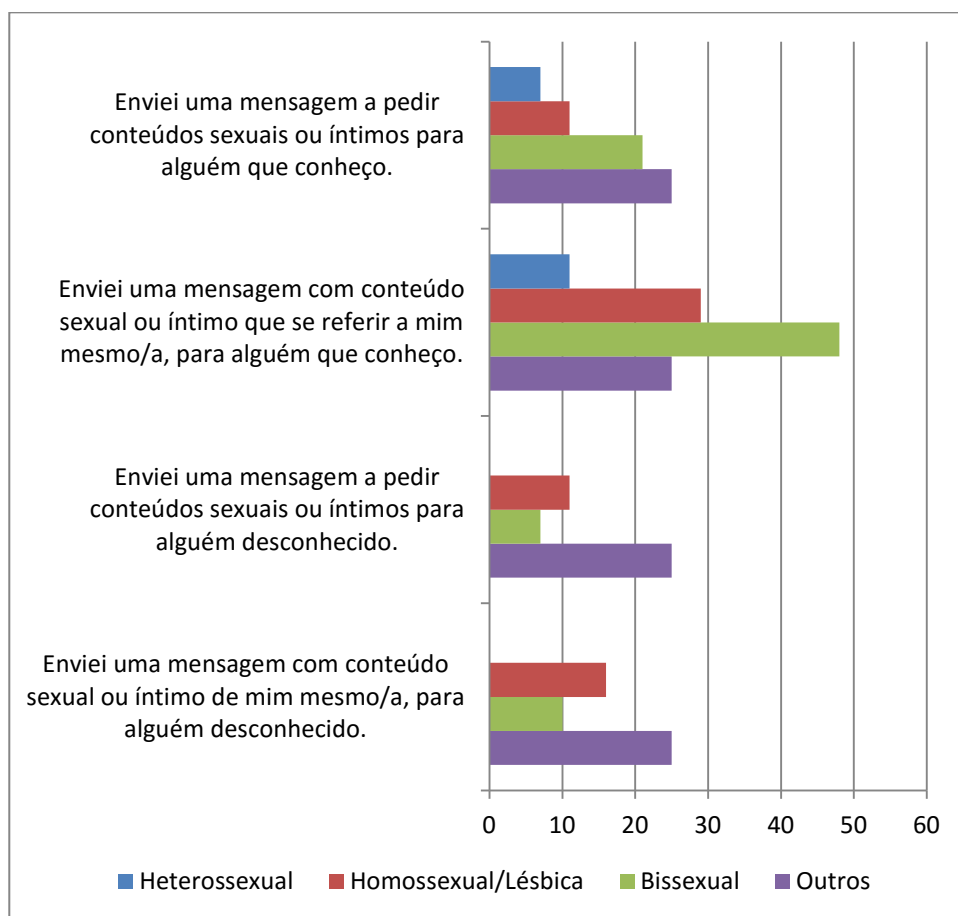
(N=177)

Gráfico A20.12 – Recepção de mensagens de *sexting* ou pedidos de *sexts*, no telemóvel, nos últimos 12 meses, por orientação sexual (%)



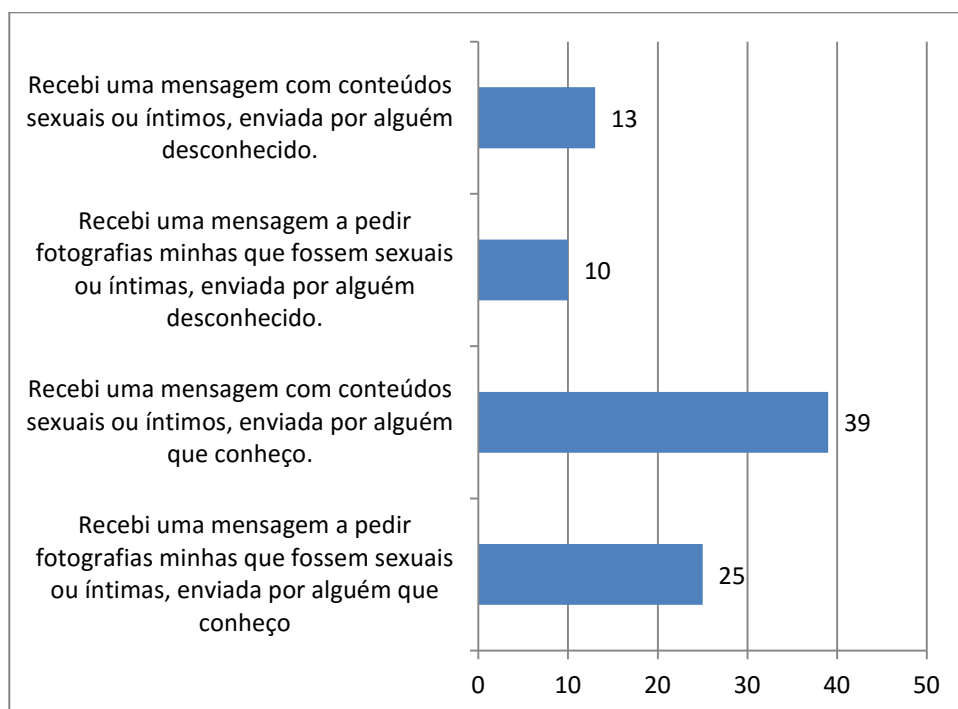
(N=161)

Gráfico A20.13 – Envio de mensagens de *sexting* ou pedidos de *sexts*, no telemóvel, nos últimos 12 meses, por orientação sexual (%)



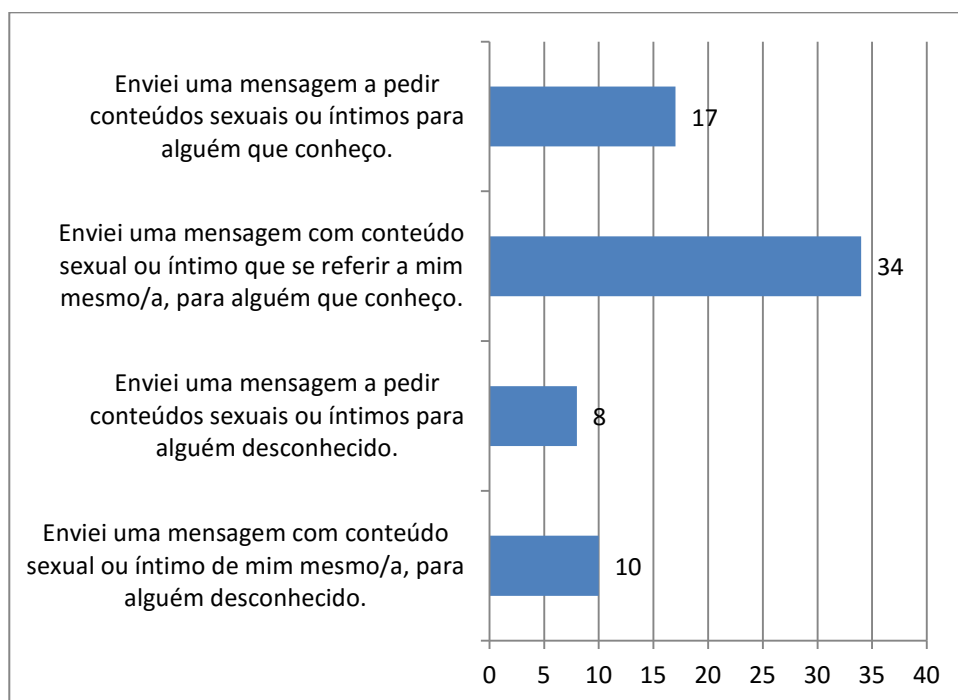
(N=161)

Gráfico A20.14 – Recepção de mensagens de *sexting* ou pedidos de *sexts*, no telemóvel, nos últimos 12 meses, por quem já teve relações sexuais (%)



(N=160)

Gráfico A20.15 – Envio de mensagens de *sexting* ou pedidos de *sexts*, no telemóvel, nos últimos 12 meses, por quem já teve relações sexuais (%)



(N=160)

Tabela A20.16 – Correlações agregadas com recepção de mensagens de *sexting* ou pedidos de *sexts*, no telemóvel, nos últimos 12 meses

	<i>r</i>	V	χ^2	<i>p</i>
Idade	.000	-	-	.498
Sexo	-	-	.062	.407
Educação	.058	-	-	.221
Zona de Habitação	-	.175	-	.495
Orientação Sexual (agr.)	-	-	.276	< .001
Prática de sexo	-	-	.346	< .001

Tabela A20.16 – Correlações agregadas com envio de mensagens de *sexting* ou pedidos de *sexts*, no telemóvel, nos últimos 12 meses

	<i>r</i>	V	χ^2	<i>p</i>
Idade	.074	-	-	.159
Sexo	-	-	.022	.770
Educação	.157	-	-	.017
Zona de Habitação	-	.119	-	.868
Orientação Sexual (agr.)	-	-	.357	< .001
Prática de sexo	-	-	.372	< .001

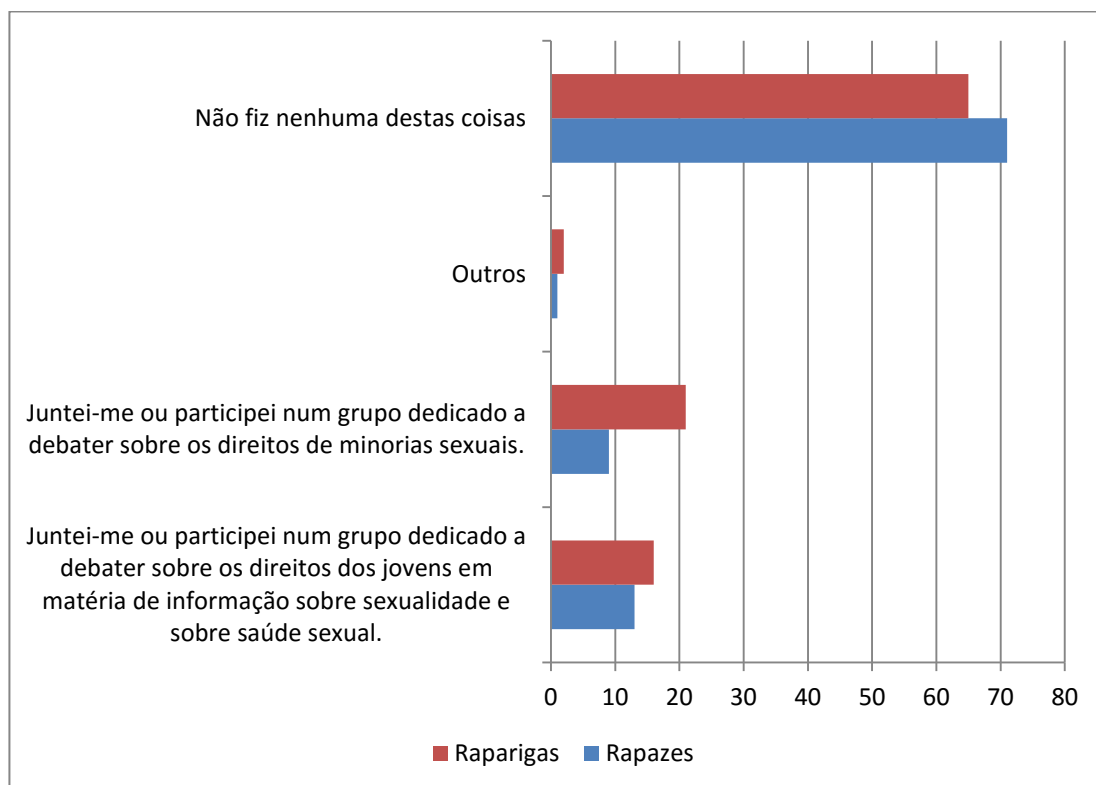
ANEXO 21

Tabela A21.1 – Participação cívica na internet, nos últimos 12 meses

	N	%
Juntei-me ou participei num grupo dedicado a debater sobre os direitos dos jovens em matéria de informação sobre sexualidade e sobre saúde sexual	27	15
Juntei-me ou participei num grupo dedicado a debater sobre os direitos de minorias sexuais	31	17
Outros	4	2
Não fiz nenhuma destas coisas	122	67
<i>PARTICIPOU CIVICAMENTE NA INTERNET (AGREGADO)</i>	<i>42</i>	<i>23</i>

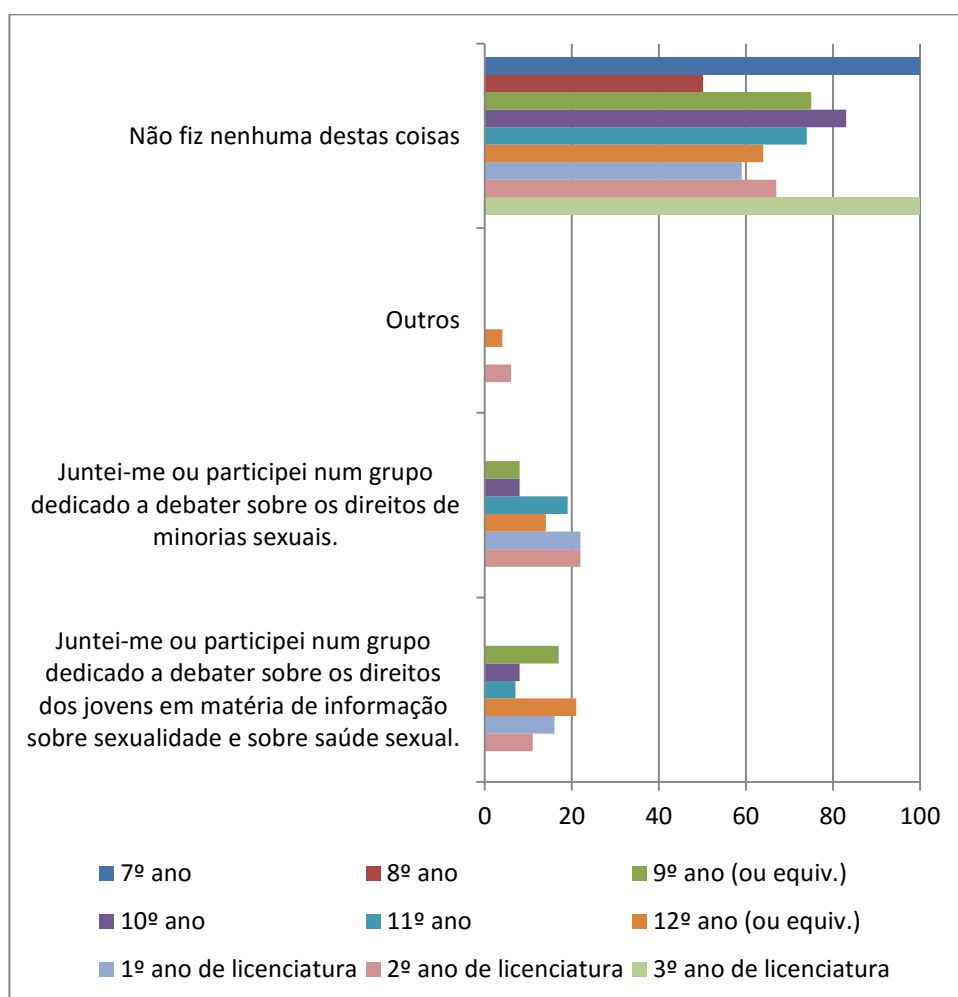
Gráfico A21.2 – Participação cívica na internet, nos últimos 12 meses, por sexo

(%)



(N=178)

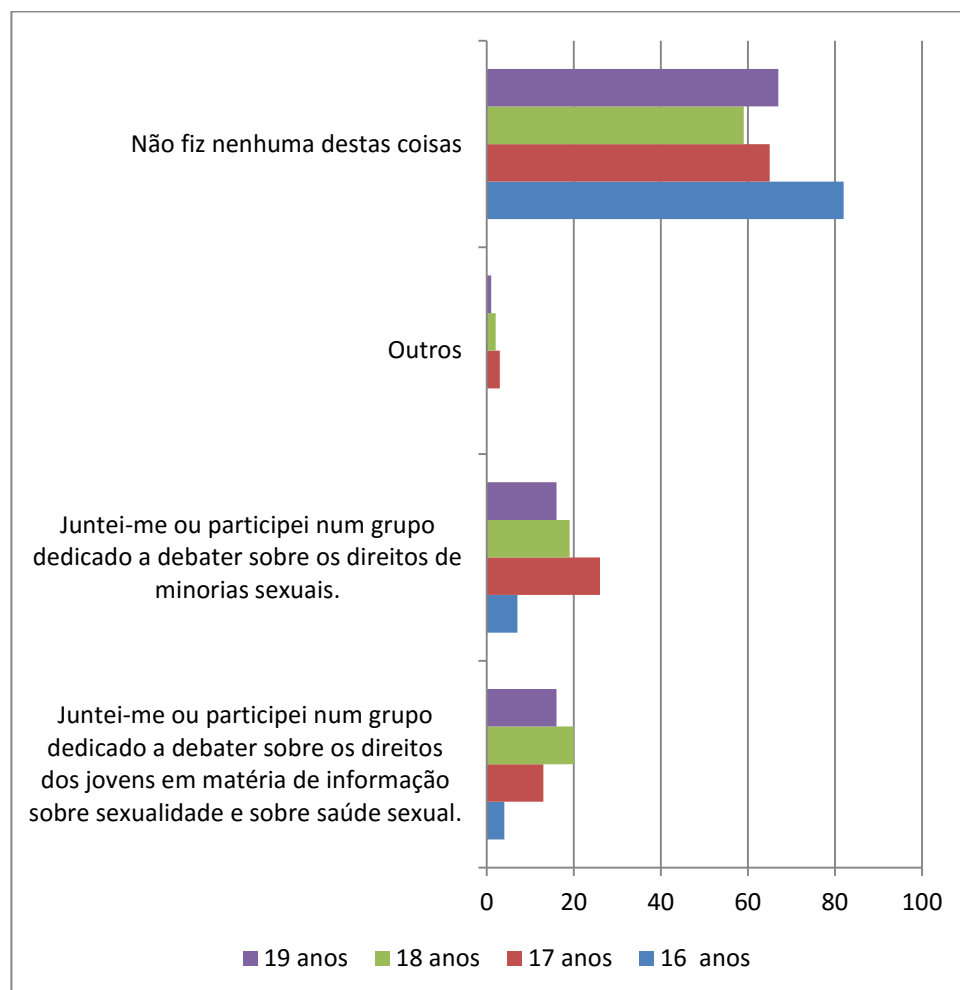
Gráfico A21.3 – Participação cívica na internet, nos últimos 12 meses, por grau de escolaridade (%)



(N=180)

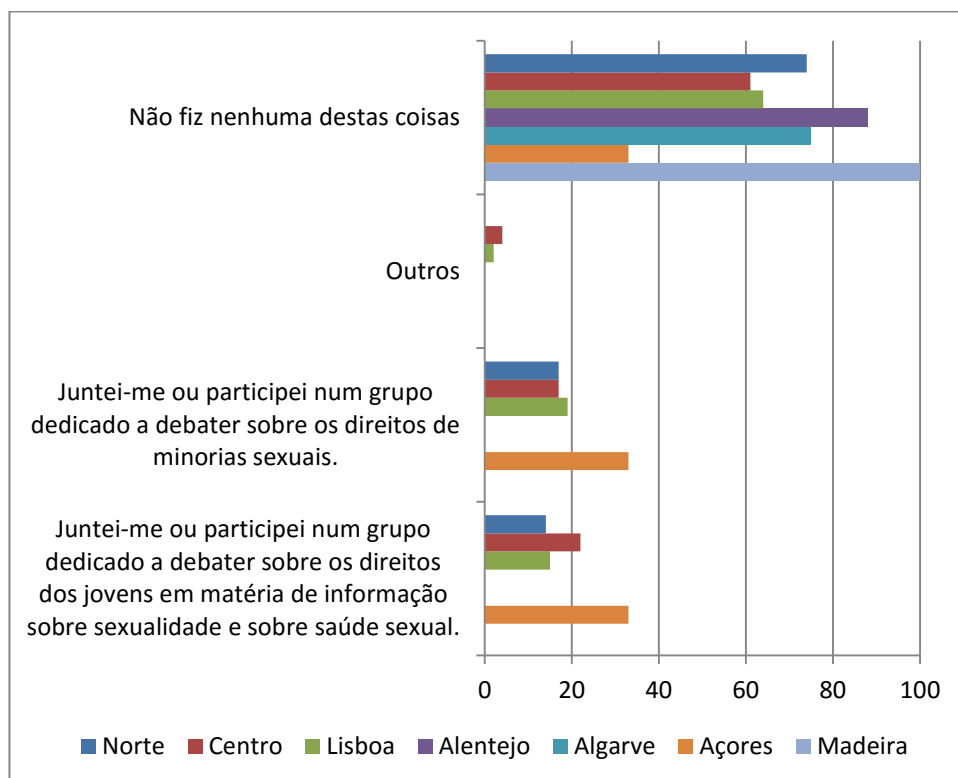
Gráfico A21.4 – Participação cívica na internet, nos últimos 12 meses, por idade

(%)



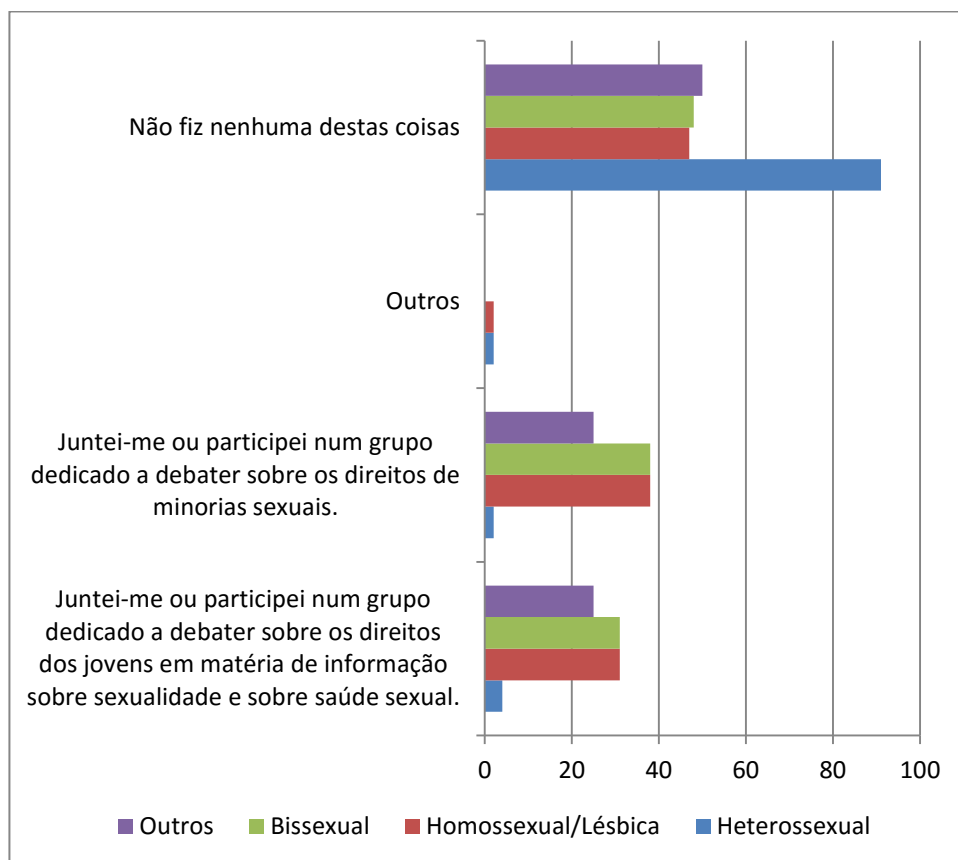
(N=183)

Gráfico A21.6 – Participação cívica na internet, nos últimos 12 meses, por zona de residência (NUTS II) (%)



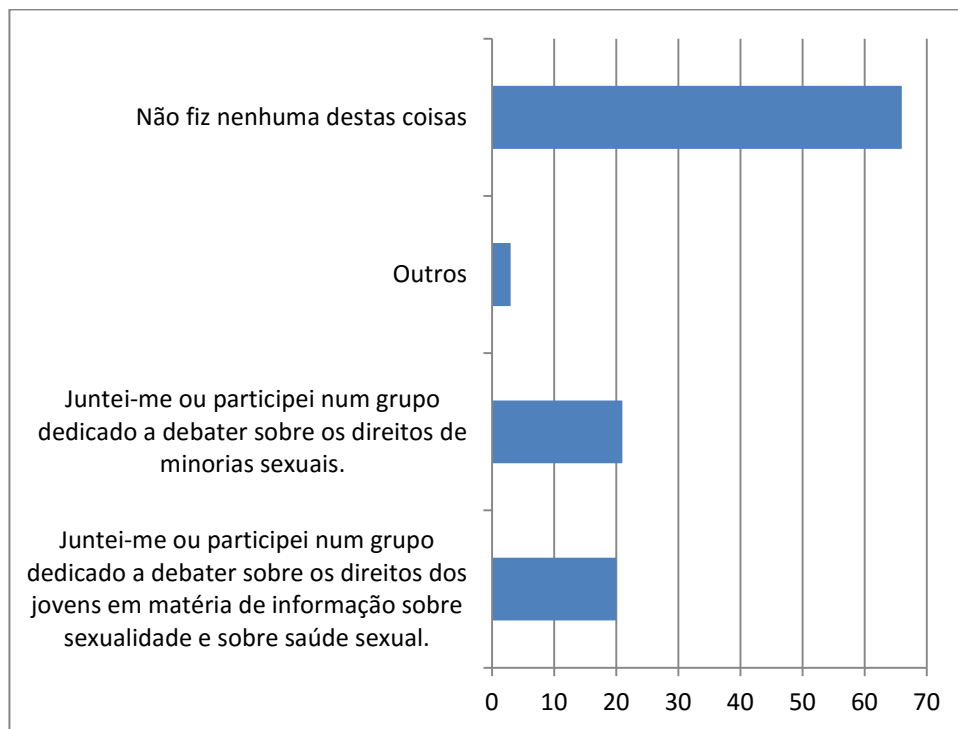
(N=177)

Gráfico A21.6 – Participação cívica na internet, nos últimos 12 meses, por orientação sexual (%)



(N=161)

Gráfico A21.7 – Participação cívica na internet, nos últimos 12 meses, por quem já teve relações sexuais (%)



(N=160)

Tabela A21.8 – Correlações agregadas com participação cívica na internet, nos últimos 12 meses

	<i>r</i>	V	χ^2	<i>p</i>
Idade	.047	-	-	.263
Sexo	-	-	.096	.196
Educação	.063	-	-	.202
Zona de Habitação	-	.165	-	.567
Orientação Sexual (agr.)	-	-	.429	< .001
Prática de sexo	-	-	.090	.251

ANEXO 22

Tabela A22.1 – Práticas de sociabilidade durante a visualização de imagens, vídeos ou textos de conteúdo sexual ou íntimo na internet, durante os últimos 12 meses

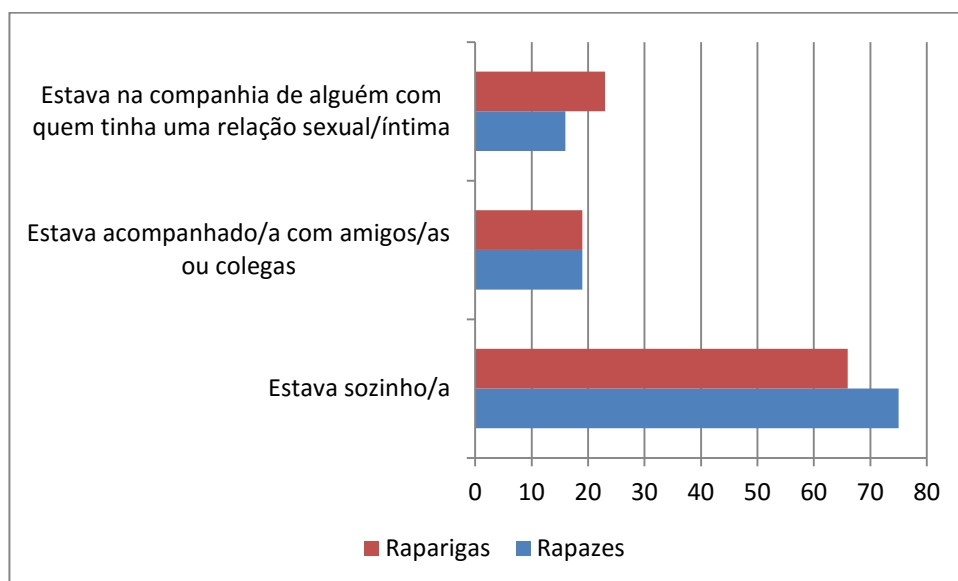
	N	%
Estava sozinho/a	127	69
Estava acompanhado/a com amigos/as ou colegas	35	19
Estava acompanhado/a de alguém com quem tinha uma relação sexual/íntima	37	20
Prefiro não responder	14	8
Outros	0	0

(N=183)

	N	%
Estava sempre sozinho/a (Agregado)	127	64
Estava acompanhado/a pelo menos uma vez (Agregado)	60	36

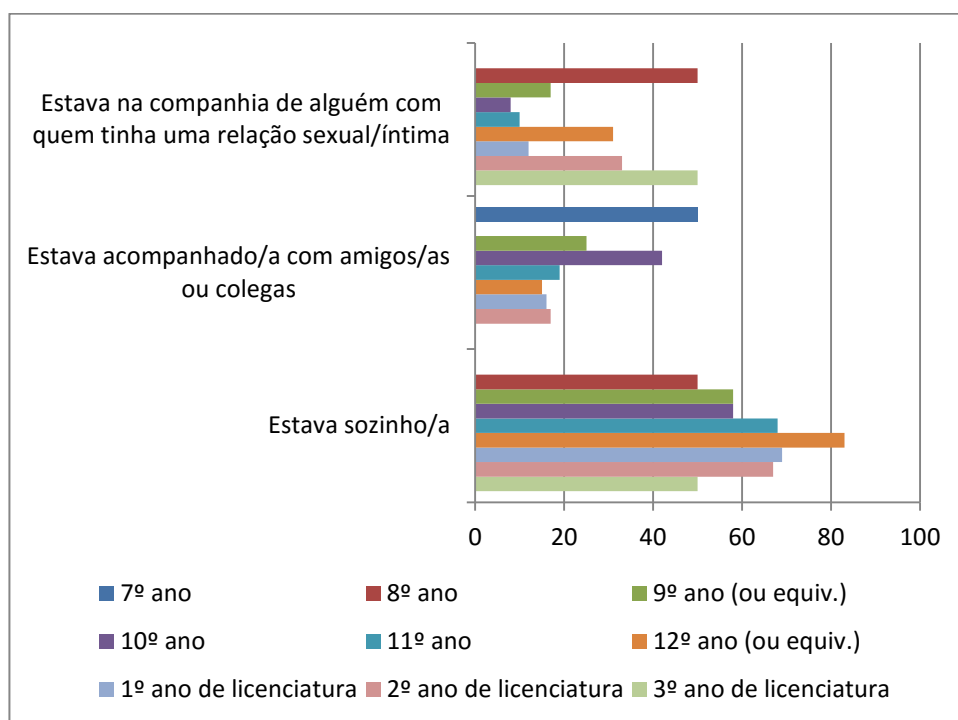
(N=167)

Gráfico A22.2 – Práticas de sociabilidade durante a visualização de imagens, vídeos ou textos de conteúdo sexual ou íntimo na internet, durante os últimos 12 meses, por sexo (%)



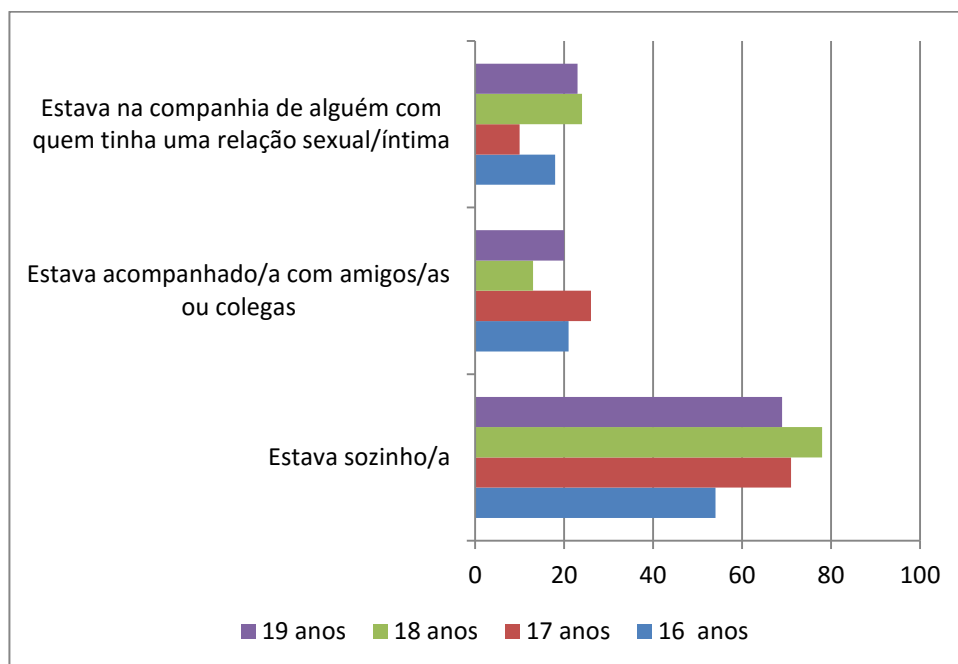
(N=178)

Gráfico A22.3 – Práticas de sociabilidade durante a visualização de imagens, vídeos ou textos de conteúdo sexual ou íntimo na internet, durante os últimos 12 meses, por grau de escolaridade (%)



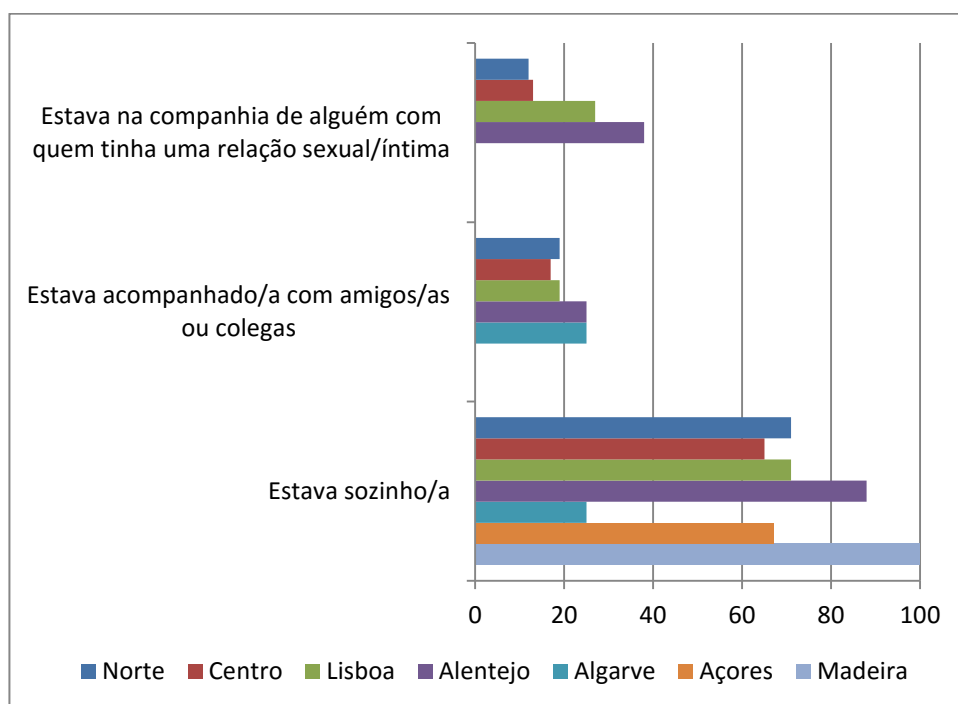
(N=180)

Gráfico XX.4 – Práticas de sociabilidade durante a visualização de imagens, vídeos ou textos de conteúdo sexual ou íntimo na internet, durante os últimos 12 meses, por idade (%)



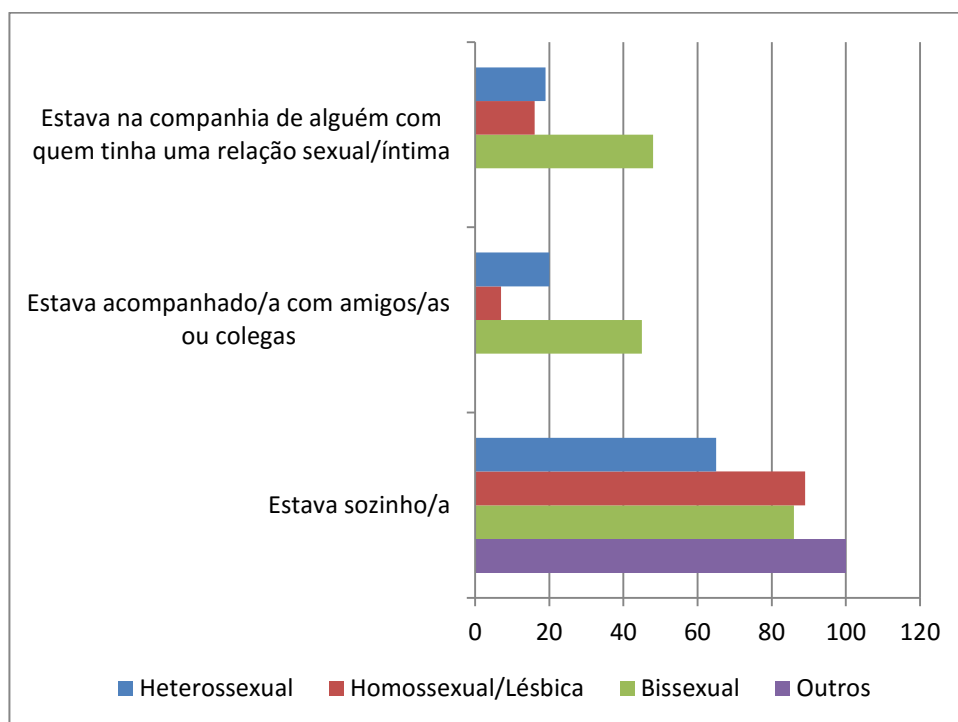
(N=183)

Gráfico A22.5 – Práticas de sociabilidade durante a visualização de imagens, vídeos ou textos de conteúdo sexual ou íntimo na internet, durante os últimos 12 meses, por zona de residência (NUTS II) (%)



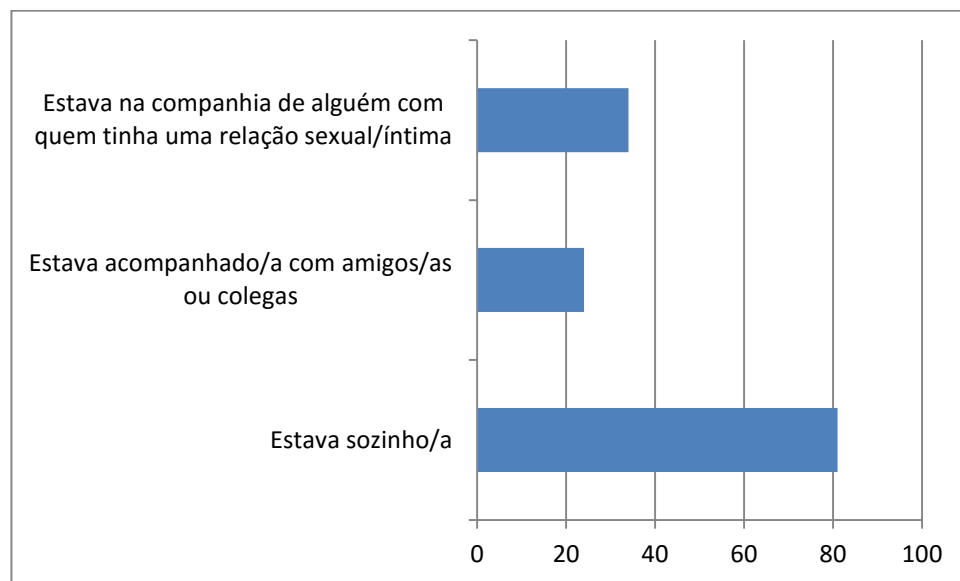
(N=177)

Gráfico A22.6 – Práticas de sociabilidade durante a visualização de imagens, vídeos ou textos de conteúdo sexual ou íntimo na internet, durante os últimos 12 meses, por orientação sexual (%)



(N=161)

Gráfico A22.7 – Práticas de sociabilidade durante a visualização de imagens, vídeos ou textos de conteúdo sexual ou íntimo na internet, durante os últimos 12 meses, por quem já teve relações sexuais (%)



(N=160)

Tabela A22.8 – Correlações com práticas de sociabilidade durante a visualização de imagens, vídeos ou textos de conteúdo sexual ou íntimo na internet, durante os últimos 12 meses

	<i>r</i>	V	χ^2	<i>p</i>
Idade	-.025	-	-	.373
Sexo	-	-	.045	.564
Educação	.756	-	-	< .001
Zona de Habitação	-	.166	-	.612
Orientação Sexual (agr.) ¹	-	-	.039	.639
Prática de sexo	-	-	.287	< .001

¹ Dada a variação dos dados apresentada no Gráfico A22.6, com valores muito distintos para pessoas bissexuais e pessoas homossexuais/lésbicas, foi feito novo cálculo da correlação com orientação sexual, mas de forma desagregada. Os dados assim obtidos são diferentes: V = .324, *p* = .004.

ANEXO 23

Tabela A23 – Número de categorias (“nós”) em cada entrevista e número de codificações

	Nós	Codificações
Entrevista 1	116	1149
Entrevista 2	83	391
Entrevista 3	98	667
Entrevista 4	105	1174
Entrevista 5	100	951
Entrevista 6	92	765
Entrevista 7	106	766
Entrevista 8	118	1326
Entrevista 9	80	492
Entrevista 10	104	730
Entrevista 11	103	786

ANEXO 24

Tabela A24.1 – Actividades principais, por género, orientação sexual e total (1)

	Género				Orientação sexual apresentada				Total (N=1533)	
	Masculino (N=656)	%	Feminino (N=877)	%	Heterossexual (N=572)	%	Não-heterossexual (N=961)	%		%
Procurar informação <i>online</i>	85	13	103	12	75	13	113	12	188	12
Participação cívica <i>online</i>	104	16	162	18	83	15	183	19	266	17
Consumo de pornografia <i>online</i>	347	53	455	52	313	55	489	51	802	52
<i>Sexting</i>	120	18	157	18	101	18	176	18	277	18

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna, por percentagem.

Tabela A24.2 – Actividades principais, por género, orientação sexual e total (2)

		Procurar informação <i>online</i>	Participação cívica <i>online</i>	Consumo de pornografia <i>online</i>	<i>Sexting</i>
Género	Masculino	85	104	347	120
	%	45	39	43	43
	Feminino	103	162	455	157
	%	55	61	57	57
Orientação sexual apresentada	Heterossexual	75	83	313	101
	%	40	31	39	36
	Não-heterossexual	113	183	489	176
	%	60	69	61	64
Total		188	266	802	277

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada conjunto, por percentagem.

Tabela A24.1 – Actividades principais e suas sub-categorias, por género, orientação sexual e total

	Género				Orientação sexual apresentada				Total	%
	Masculino (N=85)	%	Feminino (N=103)	%	Heterossexual (N=75)	%	Não-heterossexual (N=113)	%	(N=188)	
1.a) Procurar informação <i>online</i>	50	59	63	61	42	56	71	63	113	60
1.a.1) Internet como mais acessível	25	29	36	35	24	32	37	33	61	32
1.a.2) Internet como acesso a experiências subjectivas	10	12	4	4	9	12	5	4	14	7
	(N=104)		(N=162)		(N=83)		(N=183)		(N=266)	
1.b) Participação cívica <i>online</i>	19	18	47	29	23	28	43	23	66	25
1.b.1) Como meio de aprendizagem	13	13	16	10	5	6	24	13	29	11
1.b.2) Como melhoria de si mesmo	7	7	4	2	2	2	9	5	11	4
1.b.3) Para encontrar pessoas como eu	15	14	17	10	1	1	31	17	32	12
1.b.4) Como passagem ou ligação com activismo no terreno	13	13	19	12	11	13	21	11	32	12
1.b.5) Como menos prático, eficaz ou eficiente que no terreno	2	2	1	1	1	1	2	1	3	1
1.b.6) Como socialmente importante	7	7	17	10	7	8	17	9	24	9
1.b.7) Como forma de apoio a minorias	15	14	26	16	15	18	26	14	41	15
1.b.8) Como algo não-fundamental	6	6	7	4	4	5	9	5	13	5
1.b.9) Como algo que não gera identificação	7	7	8	5	14	17	1	1	15	6
	(N=347)		(N=455)		(N=313)		(N=489)		(N=802)	
1.c) Consumo de pornografia <i>online</i>	94	27	88	19	80	26	102	21	182	23
1.c.1) Como fácil de encontrar	14	4	6	1	5	2	15	3	20	2
1.c.2) Existem vários tipos de pornografia	50	14	72	16	35	11	87	18	122	15
1.c.3) Como material de aprendizagem	37	11	46	10	25	8	58	12	83	10
1.c.4) Algo que requer cuidado	12	3	5	1	9	3	8	2	17	2
1.c.5) Como algo feito por brincadeira ou gozo	15	4	43	9	28	9	30	6	58	7

1.c.6) Especificidades e diferenças da pornografia profissional	34	10	33	7	26	8	41	8	67	8
1.c.7) Expressão ideal de sexo	22	6	29	6	15	5	36	7	51	6
1.c.8) Como forma de ganhar dinheiro	9	3	8	2	12	4	5	1	17	2
1.c.9) Posturas sobre leis e restrições	19	5	27	6	18	6	28	6	46	6
1.c.10) Como visibilizante da diferença sexual	9	3	21	5	5	2	25	5	30	4
1.c.11) Como <i>hobby</i> ou actividade específica	9	3	8	2	8	3	9	2	17	2
1.c.12) Como exposição acidental	12	3	40	9	29	9	23	5	52	6
1.c.13) Como algo importante ou indispensável	8	2	20	4	17	5	11	2	28	3
1.c.14) Como teste à orientação sexual	3	1	9	2	1	0	11	2	12	1
	(N=120)		(N=157)		(N=101)		(N=176)		(N=277)	
1.d) <i>Sexting</i>	28	23	41	26	29	29	40	23	69	25
1.d.1) Como algo arriscado	21	18	25	16	18	18	28	16	46	17
1.d.2) Como forma de agradar a outra pessoa	3	3	6	4	4	4	5	3	9	3
1.d.3) Como troca recíproca	13	11	21	13	2	2	32	18	34	12
1.d.4) Associado a partilha indevida	42	35	49	31	43	43	48	27	91	33
1.d.5) Associado a recepção não-requisitada	5	4	9	6	4	4	10	6	14	5
1.d.6) Como criação de novas oportunidades	8	7	6	4	1	1	13	7	14	5

ANEXO 25

Tabela A25 – Cruzamento de tópicos sobre literacia digital e as quatro actividades principais

	Procura de informação <i>online</i>		Participação cívica <i>online</i>		Consumo de pornografia <i>online</i>		<i>Sexting</i>	
		%		%		%		%
2. Literacia Digital	2	2	0	0	8	4	1	2
2.a) Dificuldade em realizar tarefa ou encontrar informação	15	12	9	20	10	6	7	16
2.b) Estratégias para realizar tarefa ou encontrar informação	53	42	24	52	72	40	27	63
2.c) Dificuldades em avaliar conteúdos	21	17	3	7	25	14	0	0
2.d) Estratégias para avaliar conteúdos	28	22	2	4	54	30	2	5
2.e) Desconhecimento de como realizar uma tarefa ou encontrar informação	4	3	2	4	3	2	2	5
2.f) Impacto dos (novos) <i>media</i>	2	2	6	13	8	4	4	9
	125	32	46	12	180	46	43	11

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna, por percentagem.

ANEXO 26

Tabela A26 – Cruzamento de codificação entre actividades principais

	Procurar informação <i>online</i>	Participação cívica <i>online</i>	Consumo de pornografia <i>online</i>	<i>Sexting</i>
Procurar informação <i>online</i>	-	31	16	0
Participação cívica <i>online</i>	-	-	31	6
Consumo de pornografia <i>online</i>	-	-	-	14
<i>Sexting</i>	-	-	-	-

Nota: Devido aos baixos valores em geral, apresentam-se apenas os números absolutos.

ANEXO 27

Tabela A27.1 – Cruzamento de tópicos sobre Opiniões / Avaliações valorativas com as quatro grandes actividades

	Procura de informação <i>online</i>		Participação cívica <i>online</i>		Consumo de pornografia <i>online</i>		<i>Sexting</i>	
		%		%		%		%
3.a) Positiva	57	36	56	37	101	18	26	14
3.b) Negativa	18	11	14	9	117	21	90	48
3.c) Ambivalente	55	35	62	41	177	32	44	23
3.d) Universalizante	22	14	10	7	105	19	20	11
3.e) Alterização	7	4	8	5	55	10	8	4
	159		150		555		188	

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A27.2 – Codificação de Opiniões / Avaliações valorativas na actividade de procura de informação online por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=71)	%	Feminino (N=88)	%	Heterossexual (N=57)	%	Não-heterossexual (N=102)	%
3.a) Positiva	30	42	27	31	20	35	37	36
3.b) Negativa	8	11	10	11	3	5	15	15
3.c) Ambivalente	23	32	32	36	19	33	36	35
3.d) Universalizante	6	8	16	18	9	16	13	13
3.e) Alterização	4	6	3	3	6	11	1	1

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A27.3 – Codificação de Opiniões / Avaliações valorativas na actividade de participação cívica online por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=64)	%	Feminino (N=88)	%	Heterossexual (N=43)	%	Não-heterossexual (N=107)	%
3.a) Positiva	24	38	32	37	14	33	42	39
3.b) Negativa	7	11	7	8	7	16	7	7
3.c) Ambivalente	22	34	40	47	15	35	47	44
3.d) Universalizante	5	8	5	6	2	5	8	7
3.e) Alterização	6	9	2	2	5	12	3	3

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A27.4 – Codificação de Opiniões / Avaliações valorativas na actividade de consumo de pornografia online por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=232)	%	Feminino (N=323)	%	Heterossexual (N=242)	%	Não-heterossexual (N=313)	%
3.a) Positiva	49	21	52	16	43	18	58	19
3.b) Negativa	32	14	85	26	56	23	61	19
3.c) Ambivalente	82	35	95	29	76	31	101	32
3.d) Universalizante	40	17	65	20	43	18	62	20
3.e) Alterização	29	13	26	8	24	10	31	10

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A27.5 – Codificação de Opiniões / Avaliações valorativas na actividade de *sexting* por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=72)	%	Feminino (N=116)	%	Heterossexual (N=74)	%	Não-heterossexual (N=114)	%
3.a) Positiva	5	7	21	18	5	7	21	18
3.b) Negativa	34	47	56	48	48	65	42	37
3.c) Ambivalente	21	29	23	20	9	12	35	31
3.d) Universalizante	6	8	14	12	8	11	12	11
3.e) Alterização	6	8	2	2	4	5	4	4

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

ANEXO 28

Tabela A28.1 – Cruzamento de tópicos sobre Contextos pessoais/sociais com as quatro grandes actividades

	Procura de informação <i>online</i>		Participação cívica <i>online</i>		Consumo de pornografia <i>online</i>		<i>Sexting</i>	
		%		%		%		%
4.a) Contexto escolar	35	21	13	10	40	10	35	14
4.b) Contexto de pares	44	26	78	59	148	37	57	23
4.c) Contexto familiar ou de mediação parental	26	15	9	7	32	8	12	5
4.d) Contexto de relação íntima	4	2	8	6	45	11	98	40
4.e) Contexto de responsabilidade pessoal	61	36	25	19	133	33	45	18
	170		133		398		247	

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A28.2 – Codificação de Contextos pessoais/sociais na actividade de procura de informação online por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=89)	%	Feminino (N=81)	%	Heterossexual (N=68)	%	Não-heterossexual (N=102)	%
4.a) Contexto escolar	25	28	10	12	12	18	23	23
4.b) Contexto de pares	22	25	22	27	12	18	32	31
4.c) Contexto familiar ou de mediação parental	10	11	16	20	14	21	12	12
4.d) Contexto de relação íntima	2	2	2	2	0	0	4	4
4.e) Contexto de responsabilidade pessoal	30	34	31	38	30	44	31	30

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A28.3 – Codificação de Contextos pessoais/sociais na actividade de participação cívica online por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=61)	%	Feminino (N=72)	%	Heterossexual (N=26)	%	Não-heterossexual (N=107)	%
4.a) Contexto escolar	2	3	11	15	8	31	5	5
4.b) Contexto de pares	41	67	37	51	12	46	66	62
4.c) Contexto familiar ou de mediação parental	8	13	1	1	1	4	8	7
4.d) Contexto de relação íntima	3	5	5	7	2	8	6	6
4.e) Contexto de responsabilidade pessoal	7	11	18	25	3	12	22	21

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A28.4 – Codificação de Contextos pessoais/sociais na actividade de consumo de pornografia online por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=171)	%	Feminino (N=227)	%	Heterossexual (N=189)	%	Não-heterossexual (N=209)	%
4.a) Contexto escolar	8	5	32	14	20	10	20	10
4.b) Contexto de pares	64	37	84	37	64	33	84	40
4.c) Contexto familiar ou de mediação parental	19	11	13	6	9	5	23	11
4.d) Contexto de relação íntima	18	11	27	12	23	12	22	11
4.e) Contexto de responsabilidade pessoal	62	36	71	31	73	38	60	29

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A28.5 – Codificação de Contextos pessoais/sociais na actividade de *sexting* por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=123)	%	Feminino (N=124)	%	Heterossexual (N=98)	%	Não-heterossexual (N=149)	%
4.a) Contexto escolar	17	14	18	15	19	19	16	11
4.b) Contexto de pares	25	20	32	26	29	30	28	19
4.c) Contexto familiar ou de mediação parental	6	5	6	5	6	6	6	4
4.d) Contexto de relação íntima	48	39	50	40	24	24	74	50
4.e) Contexto de responsabilidade pessoal	27	22	18	15	20	20	25	17

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

ANEXO 29

Tabela A29.1 – Cruzamento de tópicos sobre Literacia digital com as quatro grandes actividades

	Procura de informação <i>online</i>		Participação cívica <i>online</i>		Consumo de pornografia <i>online</i>		<i>Sexting</i>	
		%		%		%		%
2) Literacia Digital	2	2	0	0	8	4	1	2
2.a) Dificuldade em realizar tarefa ou encontrar informação	15	12	9	20	10	6	7	16
2.b.) Estratégias para realizar tarefa ou encontrar informação	53	42	24	52	72	40	27	63
2.c) Dificuldades em avaliar conteúdos	21	17	3	7	25	14	0	0
2.d) Estratégias para avaliar conteúdos	28	22	2	4	54	30	2	5
2.e) Desconhecimento de como realizar uma tarefa ou encontrar informação	4	3	2	4	3	2	2	5
2.f) Impacto dos (novos) <i>media</i>	2	2	6	13	8	4	4	9
	125		46		180		43	

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A29.2 – Codificação de Literacia digital na actividade de procura de informação online por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=55)	%	Feminino (N=70)	%	Heterossexual (N=45)	%	Não-heterossexual (N=80)	%
2) Literacia Digital	0	0	2	3	1	2	1	1
2.a) Dificuldade em realizar tarefa ou encontrar informação	7	13	8	11	3	7	12	15
2b.) Estratégias para realizar tarefa ou encontrar informação	23	42	30	43	15	33	38	48
2.c) Dificuldades em avaliar conteúdos	9	16	12	17	10	22	11	14
2.d) Estratégias para avaliar conteúdos	13	24	15	21	15	33	13	16
2.e) Desconhecimento de como realizar uma tarefa ou encontrar informação	1	2	3	4	0	0	4	5
2.f) Impacto dos (novos) <i>media</i>	2	4	0	0	1	2	1	1

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A29.3 – Codificação de Literacia digital na actividade de participação cívica online por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=15)	%	Feminino (N=31)	%	Heterossexual (N=19)	%	Não-heterossexual (N=27)	%
2) Literacia Digital	0	0	0	0	0	0	0	0
2.a) Dificuldade em realizar tarefa ou encontrar informação	4	27	5	16	3	16	6	22
2b.) Estratégias para realizar tarefa ou encontrar informação	7	47	17	55	7	37	17	63
2.c) Dificuldades em avaliar conteúdos	0	0	3	10	2	11	1	4
2.d) Estratégias para avaliar conteúdos	0	0	2	6	1	5	1	4
2.e) Desconhecimento de como realizar uma tarefa ou encontrar informação	2	13	0	0	2	11	0	0
2.f) Impacto dos (novos) <i>media</i>	2	13	4	13	4	21	2	7

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A29.4 – Codificação de Literacia digital na actividade de consumo de pornografia online por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=93)	%	Feminino (N=87)	%	Heterossexual (N=189)	%	Não-heterossexual (N=107)	%
2) Literacia Digital	3	3	5	6	4	5	4	4
2.a) Dificuldade em realizar tarefa ou encontrar informação	5	5	5	6	1	1	9	8
2b.) Estratégias para realizar tarefa ou encontrar informação	44	47	28	32	30	41	42	39
2.c) Dificuldades em avaliar conteúdos	9	10	16	18	8	11	17	16
2.d) Estratégias para avaliar conteúdos	27	29	27	31	23	32	31	29
2.e) Desconhecimento de como realizar uma tarefa ou encontrar informação	2	2	1	1	2	3	1	1
2.f) Impacto dos (novos) <i>media</i>	3	3	5	6	5	7	3	3

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A29.5 – Codificação de Literacia digital na actividade de *sexting* por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=16)	%	Feminino (N=27)	%	Heterossexual (N=19)	%	Não-heterossexual (N=24)	%
2) Literacia Digital	0	0	1	4	1	5	0	0
2.a) Dificuldade em realizar tarefa ou encontrar informação	0	0	7	26	4	21	3	13
2b.) Estratégias para realizar tarefa ou encontrar informação	13	81	14	52	8	42	19	79
2.c) Dificuldades em avaliar conteúdos	0	0	0	0	0	0	0	0
2.d) Estratégias para avaliar conteúdos	1	6	1	4	1	5	1	4
2.e) Desconhecimento de como realizar uma tarefa ou encontrar informação	1	6	1	4	1	5	1	4
2.f) Impacto dos (novos) <i>media</i>	1	6	3	11	4	21	0	0

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

ANEXO 30

Tabela A30.1 – Cruzamento de tópicos sobre Contexto referencial com as quatro grandes actividades

	Procura de informação <i>online</i>	%	Participação cívica <i>online</i>	%	Consumo de pornografia <i>online</i>	%	<i>Sexting</i>	%
5.a) Experiências próprias	153	85	154	88	360	71	134	60
5.b) Experiências de outrem	27	15	21	12	146	29	90	40
	180		175		506		224	

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A30.2 – Codificação de Contexto referencial na actividade de procura de informação online por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=80)	%	Feminino (N=100)	%	Heterossexual (N=65)	%	Não-heterossexual (N=115)	%
5.a) Experiências próprias	74	93	79	79	55	85	98	85
5.b) Experiências de outrem	6	8	21	21	10	15	17	15

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A30.3 – Codificação de Contexto referencial na actividade de participação cívica online por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=71)		Feminino (N=104)		Heterossexual (N=56)		Não-heterossexual (N=119)	
5.a) Experiências próprias	65	92	89	86	44	79	110	92
5.b) Experiências de outrem	6	8	15	14	12	21	9	8

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A30.4 – Codificação de Contexto referencial na actividade de consumo de pornografia online por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=205)	%	Feminino (N=301)	%	Heterossexual (N=212)	%	Não-heterossexual (N=294)	%
5.a) Experiências próprias	162	79	198	66	141	67	219	74
5.b) Experiências de outrem	43	21	103	34	71	33	75	26

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A30.5 – Codificação de Contexto referencial na actividade de *sexting* por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=98)	%	Feminino (N=126)	%	Heterossexual (N=87)	%	Não-heterossexual (N=137)	%
5.a) Experiências próprias	69	70	65	52	35	40	99	72
5.b) Experiências de outrem	29	30	61	48	52	60	38	28

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

ANEXO 31

Tabela A31.1 – Cruzamento de tópicos sobre *Coping* e gestão de risco com as quatro grandes actividades

	Procura de informação <i>online</i>		Participação cívica <i>online</i>		Consumo de pornografia <i>online</i>		<i>Sexting</i>	
		%		%		%		%
6) <i>Coping</i> e gestão de risco	1	5	3	9	19	17	32	29
6.a) Não fez nada	0	0	3	9	6	5	7	6
6.b.) Não voltou a tentar fazer	1	5	8	23	3	3	2	2
6.c) Nunca fazer a actividade	1	5	0	0	5	4	6	6
6.d) Mediação de pares	10	50	17	49	22	20	24	22
6.e) Mediação parental	1	5	0	0	14	13	5	5
6.f) Solução tecnológica ou de <i>software</i>	6	30	4	11	32	29	19	17
6.g) Desconhecimento de formas de <i>coping</i>	0	0	0	0	9	8	8	7
6.h) Polícia ou autoridades	0	0	0	0	2	2	6	6
	20		35		112		109	

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A31.2 – Codificação de *Coping* e gestão de risco na actividade de procura de informação online por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=13)	%	Feminino (N=7)	%	Heterossexual (N=3)	%	Não-heterossexual (N=17)	%
6) <i>Coping</i> e gestão de risco	0	0	1	14	0	0	1	6
6.a) Não fez nada	0	0	0	0	0	0	0	0
6.b.) Não voltou a tentar fazer	0	0	1	14	0	0	1	6
6.c) Nunca fazer a actividade	0	0	1	14	0	0	1	6
6.d) Mediação de pares	8	62	2	29	2	67	8	47
6.e) Mediação parental	1	8	0	0	0	0	1	6
6.f) Solução tecnológica ou de <i>software</i>	4	31	2	29	1	33	5	29
6.g) Desconhecimento de formas de <i>coping</i>	0	0	0	0	0	0	0	0
6.h) Polícia ou autoridades	0	0	0	0	0	0	0	0

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A31.3 – Codificação de *Coping* e gestão de risco na actividade de participação cívica online por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=17)	%	Feminino (N=18)	%	Heterossexual (N=0)	%	Não-heterossexual (N=35)	%
6) <i>Coping</i> e gestão de risco	1	6	2	11	0	0	3	9
6.a) Não fez nada	1	6	2	11	0	0	3	9
6.b.) Não voltou a tentar fazer	3	18	5	28	0	0	8	23
6.c) Nunca fazer a actividade	0	0	0	0	0	0	0	0
6.d) Mediação de pares	10	59	7	39	0	0	17	49
6.e) Mediação parental	0	0	0	0	0	0	0	0
6.f) Solução tecnológica ou de <i>software</i>	2	12	2	11	0	0	4	11
6.g) Desconhecimento de formas de <i>coping</i>	0	0	0	0	0	0	0	0
6.h) Polícia ou autoridades	0	0	0	0	0	0	0	0

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A31.4 – Codificação de *Coping* e gestão de risco na actividade de consumo de pornografia online por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=52)	%	Feminino (N=60)	%	Heterossexual (N=59)	%	Não-heterossexual (N=53)	%
6) <i>Coping</i> e gestão de risco	12	23	7	12	8	14	11	21
6.a) Não fez nada	1	2	5	8	4	7	2	4
6.b.) Não voltou a tentar fazer	2	4	1	2	2	3	1	2
6.c) Nunca fazer a actividade	2	4	3	5	4	7	1	2
6.d) Mediação de pares	9	17	13	22	10	17	12	23
6.e) Mediação parental	7	13	7	12	5	8	9	17
6.f) Solução tecnológica ou de <i>software</i>	14	27	18	30	19	32	13	25
6.g) Desconhecimento de formas de <i>coping</i>	3	6	6	10	7	12	2	4
6.h) Polícia ou autoridades	2	4	0	0	0	0	2	4

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A31.5 – Codificação de *Coping* e gestão de risco na actividade de *sexting* por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=46)	%	Feminino (N=63)	%	Heterossexual (N=47)	%	Não-heterossexual (N=62)	%
6) <i>Coping</i> e gestão de risco	16	35	16	25	14	30	18	29
6.a) Não fez nada	3	7	4	6	3	6	4	6
6.b.) Não voltou a tentar fazer	0	0	2	3	0	0	2	3
6.c) Nunca fazer a actividade	2	4	4	6	6	13	0	0
6.d) Mediação de pares	14	30	10	16	8	17	16	26
6.e) Mediação parental	0	0	5	8	3	6	2	3
6.f) Solução tecnológica ou de <i>software</i>	8	17	11	17	7	15	12	19
6.g) Desconhecimento de formas de <i>coping</i>	3	7	5	8	2	4	6	10
6.h) Polícia ou autoridades	0	0	6	10	4	9	2	3

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

ANEXO 32

Tabela A32.1 – Cruzamento de tópicos sobre Reacções emocionais com as quatro grandes actividades

	Procura de informação <i>online</i>		Participação cívica <i>online</i>		Consumo de pornografia <i>online</i>		<i>Sexting</i>	
		%		%		%		%
a) Nojo	1	<i>1</i>	2	2	17	4	2	2
b) Empatia	1	<i>1</i>	3	3	6	2	5	4
c) Pena	0	0	3	3	4	<i>1</i>	4	3
d) Medo	2	3	3	3	7	2	5	4
e) Riso	20	28	20	<i>17</i>	81	20	18	<i>14</i>
f) Choque	1	<i>1</i>	4	3	20	5	5	4
g) Incómodo	10	<i>14</i>	32	27	118	30	43	34
h) Satisfação ou prazer, agrado	7	<i>10</i>	24	<i>20</i>	74	<i>19</i>	28	22
i) Curiosidade	17	<i>24</i>	17	<i>14</i>	34	9	3	2
j) Tolerância	1	<i>1</i>	1	<i>1</i>	7	2	0	0
k) Frustração	3	4	6	5	6	2	5	4
l) Vergonha	7	<i>10</i>	4	3	20	5	7	5
m) Desespero	2	3	0	0	2	<i>1</i>	3	2
	72		119		396		128	

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A32.2 – Codificação de Reacções emocionais na actividade de procura de informação online por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=28)	%	Feminino (N=44)	%	Heterossexual (N=21)	%	Não-heterossexual (N=51)	%
a) Nojo	0	0	1	2	1	5	0	0
b) Empatia	0	0	1	2	0	0	1	2
c) Pena	0	0	0	0	0	0	0	0
d) Medo	0	0	2	5	0	0	2	4
e) Riso	7	25	13	30	2	10	18	35
f) Choque	0	0	1	2	0	0	1	2
g) Incómodo	4	14	6	14	3	14	7	14
h) Satisfação ou prazer, agrado	2	7	5	11	1	5	6	12
i) Curiosidade	9	32	8	18	6	29	11	22
j) Tolerância	1	4	0	0	1	5	0	0
k) Frustração	2	7	1	2	3	14	0	0
l) Vergonha	2	7	5	11	3	14	4	8
m) Desespero	1	4	1	2	1	5	1	2

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A32.3 – Codificação de Reacções emocionais na actividade de participação cívica *online* por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=38)	%	Feminino (N=81)	%	Heterossexual (N=14)	%	Não-heterossexual (N=105)	%
a) Nojo	1	3	1	1	0	0	2	2
b) Empatia	2	5	1	1	0	0	3	3
c) Pena	0	0	3	4	0	0	3	3
d) Medo	1	3	2	2	0	0	3	3
e) Riso	4	11	16	20	1	7	19	18
f) Choque	0	0	4	5	0	0	4	4
g) Incómodo	11	29	21	26	5	36	27	26
h) Satisfação ou prazer, agrado	8	21	16	20	2	14	22	21
i) Curiosidade	9	24	8	10	4	29	13	12
j) Tolerância	1	3	0	0	0	0	1	1
k) Frustração	1	3	5	6	1	7	5	5
l) Vergonha	0	0	4	5	1	7	3	3
m) Desespero	0	0	0	0	0	0	0	0

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A32.4 – Codificação de Reacções emocionais na actividade de consumo de pornografia *online* por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=153)	%	Feminino (N=243)	%	Heterossexual (N=149)	%	Não-heterossexual (N=247)	%
a) Nojo	3	2	14	6	5	3	12	5
b) Empatia	4	3	2	1	2	1	4	2
c) Pena	0	0	4	2	3	2	1	0
d) Medo	6	4	1	0	2	1	5	2
e) Riso	22	14	59	24	28	19	53	21
f) Choque	4	3	16	7	12	8	8	3
g) Incómodo	49	32	69	28	52	35	66	27
h) Satisfação ou prazer, agrado	33	22	41	17	28	19	46	19
i) Curiosidade	15	10	19	8	6	4	28	11
j) Tolerância	4	3	3	1	1	1	6	2
k) Frustração	3	2	3	1	1	1	5	2
l) Vergonha	10	7	10	4	7	5	13	5
m) Desespero	0	0	2	1	2	1	0	0

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A32.5 – Codificação de Reacções emocionais na actividade de *sexting* por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=50)	%	Feminino (N=78)	%	Heterossexual (N=49)	%	Não-heterossexual (N=79)	%
a) Nojo	0	0	2	3	2	4	0	0
b) Empatia	4	8	1	1	1	2	4	5
c) Pena	1	2	3	4	3	6	1	1
d) Medo	3	6	2	3	2	4	3	4
e) Riso	4	8	14	18	5	10	13	16
f) Choque	1	2	4	5	3	6	2	3
g) Incómodo	20	40	23	29	21	43	22	28
h) Satisfação ou prazer, agrado	16	32	12	15	5	10	23	29
i) Curiosidade	0	0	3	4	0	0	3	4
j) Tolerância	0	0	0	0	0	0	0	0
k) Frustração	0	0	5	6	2	4	3	4
l) Vergonha	1	2	6	8	2	4	5	6
m) Desespero	0	0	3	4	3	6	0	0

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

ANEXO 33

Tabela A33.1 – Cruzamento de tópicos sobre Auto-apresentação com as quatro grandes actividades

	Procura de informação <i>online</i>		Participação cívica <i>online</i>		Consumo de pornografia <i>online</i>		<i>Sexting</i>	
		%		%		%		%
8) Auto-apresentação	1	1	0	0	0	0	0	0
8.a) 'Eu' como liberal	11	15	22	17	51	28	3	9
8.b.) 'Eu' como maduro	16	22	16	13	27	15	6	22
8.c) Auto- reflexividade	25	34	39	31	68	37	17	34
8.d) Discurso biográfico	3	4	4	3	11	6	1	3
8.e) 'Eu' como fonte de informação ou recursos	16	22	44	35	23	13	10	29
8.f) Estabilidade ou manutenção de práticas e gostos	2	3	1	1	4	2	1	2
	74		126		184		58	

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A33.2 – Codificação de Auto-apresentação na actividade de procura de informação online por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=29)	%	Feminino (N=45)	%	Heterossexual (N=30)	%	Não-heterossexual (N=44)	%
8) Auto-apresentação	0	0	1	2	1	3	0	0
8.a) 'Eu' como liberal	4	14	7	16	5	17	6	14
8.b.) 'Eu' como maduro	8	28	8	18	8	27	8	18
8.c) Auto-reflexividade	9	31	16	36	9	30	16	36
8.d) Discurso biográfico	0	0	3	7	0	0	3	7
8.e) 'Eu' como fonte de informação ou recursos	6	21	10	22	6	20	10	23
8.f) Estabilidade ou manutenção de práticas e gostos	2	7	0	0	1	3	1	2

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A33.3 – Codificação de Auto-apresentação na actividade de participação cívica online por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=34)	%	Feminino (N=92)	%	Heterossexual (N=25)	%	Não-heterossexual (N=101)	%
8) Auto-apresentação	0	0	0	0	0	0	0	0
8.a) 'Eu' como liberal	4	12	18	20	2	8	20	20
8.b.) 'Eu' como maduro	6	18	10	11	5	20	11	11
8.c) Auto-reflexividade	9	26	30	33	6	24	33	33
8.d) Discurso biográfico	0	0	4	4	0	0	4	4
8.e) 'Eu' como fonte de informação ou recursos	14	41	30	33	11	44	33	33
8.f) Estabilidade ou manutenção de práticas e gostos	1	3	0	0	1	4	0	0

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A33.4 – Codificação de Auto-apresentação na actividade de consumo de pornografia online por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=77)	%	Feminino (N=107)	%	Heterossexual (N=67)	%	Não-heterossexual (N=117)	%
8) Auto-apresentação	0	0	0	0	0	0	0	0
8.a) 'Eu' como liberal	11	14	40	37	23	34	28	24
8.b.) 'Eu' como maduro	11	14	16	15	9	13	18	15
8.c) Auto-reflexividade	34	44	34	32	22	33	46	39
8.d) Discurso biográfico	6	8	5	5	4	6	7	6
8.e) 'Eu' como fonte de informação ou recursos	11	14	12	11	8	12	15	13
8.f) Estabilidade ou manutenção de práticas e gostos	4	5	0	0	1	1	3	3

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A33.5 – Codificação de Auto-apresentação na actividade de *sexting* por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=19)	%	Feminino (N=39)	%	Heterossexual (N=20)	%	Não-heterossexual (N=38)	%
8) Auto-apresentação	0	0	0	0	0	0	0	0
8.a) 'Eu' como liberal	0	0	5	13	2	10	3	8
8.b.) 'Eu' como maduro	2	11	11	28	7	35	6	16
8.c) Auto-reflexividade	7	37	13	33	3	15	17	45
8.d) Discurso biográfico	1	5	1	3	1	5	1	3
8.e) 'Eu' como fonte de informação ou recursos	8	42	9	23	7	35	10	26
8.f) Estabilidade ou manutenção de práticas e gostos	1	5	0	0	0	0	1	3

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

ANEXO 34

Tabela A34.1 – Cruzamento de tópicos sobre Visões sobre idade com as quatro grandes actividades

	Procura de informação <i>online</i>		Participação cívica <i>online</i>		Consumo de pornografia <i>online</i>		<i>Sexting</i>	
		%		%		%		%
9.a) Idade como factor relevante	24	57	9	82	60	54	11	65
9.b) Discurso geracional	5	12	0	0	10	9	1	6
9.c) Crescer ou envelhecer como base de mudanças	4	10	1	9	23	21	2	12
9.d) Naturalização etarista	9	21	1	9	19	17	3	18
	42		11		112		17	

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A34.2 – Codificação de Visões sobre idade na actividade de procura de informação online por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=11)	%	Feminino (N=31)	%	Heterossexual (N=13)	%	Não-heterossexual (N=29)	%
9.a) Idade como factor relevante	6	55	18	58	7	54	17	59
9.b) Discurso geracional	2	18	3	10	1	8	4	14
9.c) Crescer ou envelhecer como base de mudanças	2	18	2	6	2	15	2	7
9.d) Naturalização etarista	1	9	8	26	3	23	6	21

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A34.3 – Codificação de Visões sobre idade na actividade de participação cívica online por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=1)	%	Feminino (N=10)	%	Heterossexual (N=2)	%	Não-heterossexual (N=9)	%
9.a) Idade como factor relevante	0	0	9	90	2	100	7	78
9.b) Discurso geracional	0	0	0	0	0	0	0	0
9.c) Crescer ou envelhecer como base de mudanças	1	100	0	0	0	0	1	11
9.d) Naturalização etarista	0	0	1	10	0	0	1	11

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A34.4 – Codificação de Visões sobre idade na actividade de consumo de pornografia *online* por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=44)	%	Feminino (N=68)	%	Heterossexual (N=40)	%	Não-heterossexual (N=72)	%
9.a) Idade como factor relevante	21	48	39	57	19	48	41	57
9.b) Discurso geracional	4	9	6	9	6	15	4	6
9.c) Crescer ou envelhecer como base de mudanças	12	27	11	16	10	25	13	18
9.d) Naturalização etarista	7	16	12	18	5	13	14	19

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A34.5 – Codificação de Visões sobre idade na actividade de *sexting* por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=3)	%	Feminino (N=14)	%	Heterossexual (N=9)	%	Não-heterossexual (N=8)	%
9.a) Idade como factor relevante	3	100	8	57	6	67	5	63
9.b) Discurso geracional	0	0	1	7	1	11	0	0
9.c) Crescer ou envelhecer como base de mudanças	0	0	2	14	2	22	0	0
9.d) Naturalização etarista	0	0	3	21	0	0	3	38

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

ANEXO 35

Tabela A35.1 – Cruzamento de tópicos sobre Visões sobre ou associadas a sexo e sexualidade com as quatro grandes actividades

	Procura de informação <i>online</i>		Participação cívica <i>online</i>		Consumo de pornografia <i>online</i>		<i>Sexting</i>	
		%		%		%		%
10) Visões sobre ou associadas a sexo e sexualidade	0	0	1	2	2	1	0	0
10.a) Natural	2	4	9	15	36	12	0	0
10.b) Perversidade	2	4	7	12	36	12	6	14
10.c) Especial	0	0	1	2	4	1	1	2
10.d) Nojo ou repulsa	0	0	3	5	16	5	1	2
10.e) Necessidade	0	0	0	0	27	9	6	14
10.f) Medo	3	6	1	2	5	2	0	0
10.g) Coragem	3	6	1	2	3	1	0	0
10.h) Fragilidade ou humildade	0	0	0	0	1	0	1	2
10.i) Experiência	11	23	6	10	79	27	7	16
10.j) Ameaça à dignidade	0	0	0	0	10	3	5	12
10.k) Tema complicado ou vergonha	21	44	24	41	49	17	7	16
10.l) Tabu	5	10	5	8	9	3	0	0
10.m) Duplo padrão sexual	1	2	1	2	10	3	5	12
10.n) Saúde ou saudável	0	0	0	0	5	2	4	9
	48		59		292		43	

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A35.2 – Codificação de Visões sobre ou associadas a sexo e sexualidade na actividade de procura de informação online por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=17)	%	Feminino (N=31)	%	Heterossexual (N=14)	%	Não-heterossexual (N=34)	%
10) Visões sobre ou associadas a sexo e sexualidade	0	0	0	0	0	0	0	0
10.a) Natural	1	6	1	3	0	0	2	6
10.b) Perversidade	1	6	1	3	0	0	2	6
10.c) Especial	0	0	0	0	0	0	0	0
10.d) Nojo ou repulsa	0	0	0	0	0	0	0	0
10.e) Necessidade	0	0	0	0	0	0	0	0
10.f) Medo	0	0	3	10	0	0	3	9
10.g) Coragem	1	6	2	6	2	14	1	3
10.h) Fragilidade ou humildade	0	0	0	0	0	0	0	0
10.i) Experiência	6	35	5	16	2	14	9	26
10.j) Ameaça à dignidade	0	0	0	0	0	0	0	0
10.k) Tema complicado ou vergonha	8	47	13	42	10	71	11	32
10.l) Tabu	0	0	5	16	0	0	5	15
10.m) Duplo padrão sexual	0	0	1	3	0	0	1	3
10.n) Saúde ou saudável	0	0	0	0	0	0	0	0

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A35.3 – Codificação de Visões sobre ou associadas a sexo e sexualidade na actividade de participação cívica *online* por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=18)	%	Feminino (N=41)	%	Heterossexual (N=8)	%	Não-heterossexual (N=51)	%
10) Visões sobre ou associadas a sexo e sexualidade	1	6	0	0	1	13	0	0
10.a) Natural	5	28	4	10	0	0	9	18
10.b) Perversidade	3	17	4	10	0	0	7	14
10.c) Especial	0	0	1	2	0	0	1	2
10.d) Nojo ou repulsa	1	6	2	5	0	0	3	6
10.e) Necessidade	0	0	0	0	0	0	0	0
10.f) Medo	0	0	1	2	0	0	1	2
10.g) Coragem	0	0	1	2	0	0	1	2
10.h) Fragilidade ou humildade	0	0	0	0	0	0	0	0
10.i) Experiência	2	11	4	10	2	25	4	8
10.j) Ameaça à dignidade	0	0	0	0	0	0	0	0
10.k) Tema complicado ou vergonha	6	33	18	44	4	50	20	39
10.l) Tabu	0	0	5	12	1	13	4	8
10.m) Duplo padrão sexual	0	0	1	2	0	0	1	2
10.n) Saúde ou saudável	0	0	0	0	0	0	0	0

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A35.4 – Codificação de Visões sobre ou associadas a sexo e sexualidade na actividade de consumo de pornografia *online* por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=115)	%	Feminino (N=177)	%	Heterossexual (N=125)	%	Não-heterossexual (N=167)	%
10) Visões sobre ou associadas a sexo e sexualidade	0	0	2	1	1	1	1	1
10.a) Natural	15	13	21	12	14	11	22	13
10.b) Perversidade	15	13	21	12	15	12	21	13
10.c) Especial	0	0	4	2	3	2	1	1
10.d) Nojo ou repulsa	4	3	12	7	5	4	11	7
10.e) Necessidade	7	6	20	11	13	10	14	8
10.f) Medo	2	2	3	2	1	1	4	2
10.g) Coragem	2	2	1	1	2	2	1	1
10.h) Fragilidade ou humildade	0	0	1	1	1	1	0	0
10.i) Experiência	42	37	37	21	31	25	48	29
10.j) Ameaça à dignidade	5	4	5	3	7	6	3	2
10.k) Tema complicado ou vergonha	17	15	32	18	19	15	30	18
10.l) Tabu	4	3	5	3	4	3	5	3
10.m) Duplo padrão sexual	2	2	8	5	5	4	5	3
10.n) Saúde ou saudável	0	0	5	3	4	3	1	1

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A35.5 – Codificação de Visões sobre ou associadas a sexo e sexualidade na actividade de *sexting* por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=15)	%	Feminino (N=28)	%	Heterossexual (N=16)	%	Não-heterossexual (N=27)	%
10) Visões sobre ou associadas a sexo e sexualidade	0	0	0	0	0	0	0	0
10.a) Natural	0	0	0	0	0	0	0	0
10.b) Perversidade	4	27	2	7	1	6	5	19
10.c) Especial	1	7	0	0	0	0	1	4
10.d) Nojo ou repulsa	0	0	1	4	1	6	0	0
10.e) Necessidade	1	7	5	18	3	19	3	11
10.f) Medo	0	0	0	0	0	0	0	0
10.g) Coragem	0	0	0	0	0	0	0	0
10.h) Fragilidade ou humildade	1	7	0	0	0	0	1	4
10.i) Experiência	3	20	4	14	3	19	4	15
10.j) Ameaça à dignidade	1	7	4	14	3	19	2	7
10.k) Tema complicado ou vergonha	2	13	5	18	2	13	5	19
10.l) Tabu	0	0	0	0	0	0	0	0
10.m) Duplo padrão sexual	2	13	3	11	3	19	2	7
10.n) Saúde ou saudável	0	0	4	14	0	0	4	15

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

ANEXO 36

Tabela A36.1 – Cruzamento de tópicos sobre Experiências de género e de orientação sexual com as quatro grandes actividades

	Procura de informação <i>online</i>		Participação cívica <i>online</i>		Consumo de pornografia <i>online</i>		<i>Sexting</i>	
		%		%		%		%
11) Experiências de género e de orientação sexual	1	2	2	2	0	0	0	0
11.a) Experiências genderizadas	10	20	17	14	93	53	30	68
11.b) Homo-lés-bi-trans-fobia	5	10	16	14	2	1	3	7
11.c) Hetero-normatividade	5	10	7	6	12	7	1	2
11.d) Experiências ligadas a orientação sexual	29	58	76	64	68	39	10	23
	50		118		175		44	

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A36.2 – Codificação de Experiências de género e de orientação sexual na actividade de procura de informação online por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=34)	%	Feminino (N=16)	%	Heterossexual (N=8)	%	Não-heterossexual (N=42)	%
11) Experiências de género e de orientação sexual	0	0	1	6	1	13	0	0
11.a) Experiências genderizadas	3	9	7	44	3	38	7	17
11.b) Homo-lés-bi-trans-fobia	3	9	2	13	2	25	3	7
11.c) Hetero-normatividade	4	12	1	6	0	0	5	12
11.d) Experiências ligadas a orientação sexual	24	71	5	31	2	25	27	64

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A36.3 – Codificação de Experiências de género e de orientação sexual na actividade de participação cívica online por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=57)	%	Feminino (N=61)	%	Heterossexual (N=22)	%	Não-heterossexual (N=96)	%
11) Experiências de género e de orientação sexual	0	0	2	3	2	9	0	0
11.a) Experiências genderizadas	1	2	16	26	5	23	12	13
11.b) Homo-lés-bi-trans-fobia	7	12	9	15	4	18	12	13
11.c) Hetero-normatividade	4	7	3	5	2	9	5	5
11.d) Experiências ligadas a orientação sexual	45	79	31	51	9	41	67	70

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A36.4 – Codificação de Experiências de género e de orientação sexual na actividade de consumo de pornografia online por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=89)	%	Feminino (N=86)	%	Heterossexual (N=44)	%	Não-heterossexual (N=131)	%
11) Experiências de género e de orientação sexual	0	0	0	0	0	0	0	0
11.a) Experiências genderizadas	28	31	65	76	39	89	54	41
11.b) Homo-lés-bi-trans-fobia	2	2	0	0	0	0	2	2
11.c) Hetero-normatividade	10	11	2	2	1	2	11	8
11.d) Experiências ligadas a orientação sexual	49	55	19	22	4	9	64	49

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A36.5 – Codificação de Experiências de género e de orientação sexual na actividade de *sexting* por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=16)		Feminino (N=28)		Heterossexual (N=15)		Não-heterossexual (N=29)	
		%		%		%		%
11) Experiências de género e de orientação sexual	0	0	0	0	0	0	0	0
11.a) Experiências genderizadas	7	44	23	82	11	73	19	66
11.b) Homo-lés-bi-trans-fobia	1	6	2	7	2	13	1	3
11.c) Hetero-normatividade	1	6	0	0	0	0	1	3
11.d) Experiências ligadas a orientação sexual	7	44	3	11	2	13	8	28

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

ANEXO 37

Tabela A37.1 – Cruzamento de tópicos sobre Tópicos ligados a sexo ou sexualidade com as quatro grandes actividades

	Procura de informação <i>online</i>		Participação cívica <i>online</i>		Consumo de pornografia <i>online</i>		<i>Sexting</i>	
		%		%		%		%
12) Tópicos ligados a sexo ou sexualidade	10	16	6	14	5	4	4	8
12.a) ISTs	19	30	2	5	6	4	0	0
12.b) Gravidez	1	2	1	2	1	1	0	0
12.c) Contracepção	5	8	0	0	0	0	0	0
12.d) Relações íntimas	7	11	14	33	63	44	37	76
12.e) Masturbação	2	3	3	7	19	13	2	4
12.f) Corpo e alterações corporais	16	25	7	16	22	15	4	8
12.g) Dano próprio	0	0	4	9	1	1	1	2
12.h) Fetiches	3	5	6	14	25	18	1	2
	63		43		142		49	

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A37.2 – Codificação de Tópicos ligados a sexo ou sexualidade na actividade de procura de informação online por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=30)	%	Feminino (N=33)	%	Heterossexual (N=27)	%	Não-heterossexual (N=36)	%
12) Tópicos ligados a sexo ou sexualidade	2	7	8	24	5	19	5	14
12.a) ISTs	13	43	6	18	7	26	12	33
12.b) Gravidez	1	3	0	0	1	4	0	0
12.c) Contraceção	2	7	3	9	5	19	0	0
12.d) Relações íntimas	4	13	3	9	2	7	5	14
12.e) Masturbação	0	0	2	6	0	0	2	6
12.f) Corpo e alterações corporais	7	23	9	27	7	26	9	25
12.g) Dano próprio	0	0	0	0	0	0	0	0
12.h) Fetiches	1	3	2	6	0	0	3	8

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A37.3 – Codificação de Tópicos ligados a sexo ou sexualidade na actividade de participação cívica online por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=10)	%	Feminino (N=33)	%	Heterossexual (N=4)	%	Não-heterossexual (N=39)	%
12) Tópicos ligados a sexo ou sexualidade	0	0	6	18	0	0	6	15
12.a) ISTs	2	20	0	0	0	0	2	5
12.b) Gravidez	0	0	1	3	0	0	1	3
12.c) Contraceção	0	0	0	0	0	0	0	0
12.d) Relações íntimas	4	40	10	30	2	50	12	31
12.e) Masturbação	0	0	3	9	0	0	3	8
12.f) Corpo e alterações corporais	1	10	6	18	2	50	5	13
12.g) Dano próprio	3	30	1	3	0	0	4	10
12.h) Fetiches	0	0	6	18	0	0	6	15

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A37.4 – Codificação de Tópicos ligados a sexo ou sexualidade na actividade de consumo de pornografia online por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=64)	%	Feminino (N=78)	%	Heterossexual (N=41)	%	Não-heterossexual (N=101)	%
12) Tópicos ligados a sexo ou sexualidade	1	2	4	5	2	5	3	3
12.a) ISTs	3	5	3	4	2	5	4	4
12.b) Gravidez	0	0	1	1	0	0	1	1
12.c) Contraceção	0	0	0	0	0	0	0	0
12.d) Relações íntimas	32	50	31	40	21	51	42	42
12.e) Masturbação	9	14	10	13	6	15	13	13
12.f) Corpo e alterações corporais	8	13	14	18	5	12	17	17
12.g) Dano próprio	0	0	1	1	1	2	0	0
12.h) Fetiches	11	17	14	18	4	10	21	21

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A37.5 – Codificação de Tópicos ligados a sexo ou sexualidade na actividade de *sexting* por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=22)	%	Feminino (N=27)	%	Heterossexual (N=7)	%	Não-heterossexual (N=42)	%
12) Tópicos ligados a sexo ou sexualidade	2	9	2	7	0	0	4	10
12.a) ISTs	0	0	0	0	0	0	0	0
12.b) Gravidez	0	0	0	0	0	0	0	0
12.c) Contracepção	0	0	0	0	0	0	0	0
12.d) Relações íntimas	18	82	19	70	7	100	30	71
12.e) Masturbação	0	0	2	7	0	0	2	5
12.f) Corpo e alterações corporais	2	9	2	7	0	0	4	10
12.g) Dano próprio	0	0	1	4	0	0	1	2
12.h) Fetiches	0	0	1	4	0	0	1	2

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

ANEXO 38

Tabela A38.1 – Cruzamento de tópicos sobre Áreas e Detentores de saber com as quatro grandes actividades

	Procura de informação <i>online</i>		Participação cívica <i>online</i>		Consumo de pornografia <i>online</i>		<i>Sexting</i>	
		%		%		%		%
13.a) Medicina ou enfermagem	26	31	4	19	2	11	0	0
13.b) Psicologia ou Psiquiatria	2	2	0	0	3	17	0	0
13.c) Religião	3	4	1	5	0	0	0	0
13.d) Família	14	16	0	0	5	28	0	0
13.e) Professores ou ensino	17	20	3	14	3	17	0	0
13.f) Grupos de pares ou colegas	21	25	13	62	5	28	1	100
13.g) Polícia	2	2	0	0	0	0	0	0
	85		21		18		1	

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A38.2 – Codificação de Áreas e Detentores de saber na actividade de procura de informação online por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=42)	%	Feminino (N=43)	%	Heterossexual (N=34)	%	Não-heterossexual (N=51)	%
13.a) Medicina ou enfermagem	12	29	14	33	12	35	14	27
13.b) Psicologia ou Psiquiatria	0	0	2	5	1	3	1	2
13.c) Religião	0	0	3	7	1	3	2	4
13.d) Família	6	14	8	19	10	29	4	8
13.e) Professores ou ensino	12	29	5	12	6	18	11	22
13.f) Grupos de pares ou colegas	10	24	11	26	4	12	17	33
13.g) Polícia	2	5	0	0	0	0	2	4

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A38.3 – Codificação de Áreas e Detentores de saber na actividade de participação cívica online por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=14)	%	Feminino (N=7)	%	Heterossexual (N=3)	%	Não-heterossexual (N=18)	%
13.a) Medicina ou enfermagem	1	7	3	43	0	0	4	22
13.b) Psicologia ou Psiquiatria	0	0	0	0	0	0	0	0
13.c) Religião	0	0	1	14	0	0	1	6
13.d) Família	0	0	0	0	0	0	0	0
13.e) Professores ou ensino	1	7	2	29	2	67	1	6
13.f) Grupos de pares ou colegas	12	86	1	14	1	33	12	67
13.g) Polícia	0	0	0	0	0	0	0	0

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A38.4 – Codificação de Áreas e Detentores de saber na actividade de consumo de pornografia online por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=7)		Feminino (N=11)		Heterossexual (N=7)		Não-heterossexual (N=11)	
		%		%		%		%
13.a) Medicina ou enfermagem	0	0	2	18	1	14	1	9
13.b) Psicologia ou Psiquiatria	1	14	2	18	2	29	1	9
13.c) Religião	0	0	0	0	0	0	0	0
13.d) Família	3	43	2	18	2	29	3	27
13.e) Professores ou ensino	1	14	2	18	1	14	2	18
13.f) Grupos de pares ou colegas	2	29	3	27	1	14	4	36
13.g) Polícia	0	0	0	0	0	0	0	0

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

Tabela A38.5 – Codificação de Áreas e Detentores de saber na actividade de *sexting* por género e orientação

	Género				Orientação sexual apresentada			
	Masculino (N=0)	%	Feminino (N=1)	%	Heterossexual (N=0)	%	Não-heterossexual (N=1)	%
13.a) Medicina ou enfermagem	0	0	0	0	0	0	0	0
13.b) Psicologia ou Psiquiatria	0	0	0	0	0	0	0	0
13.c) Religião	0	0	0	0	0	0	0	0
13.d) Família	0	0	0	0	0	0	0	0
13.e) Professores ou ensino	0	0	0	0	0	0	0	0
13.f) Grupos de pares ou colegas	0	0	1	100	0	0	1	100
13.g) Polícia	0	0	0	0	0	0	0	0

Nota: A negrito os valores mais elevados de cada coluna.

ANEXO 39

Tabela 39 – Áreas em estudo principais, por género, orientação sexual e total

	Género				Orientação sexual apresentada				Total
	Masculino	%	Feminino	%	Heterossexual	%	Não-heterossexual	%	
Literacia Digital	174	45	214	55	169	44	219	56	388
Avaliação ou opinião valorativa	496	41	712	59	484	40	724	60	1208
Contextos pessoais e sociais	496	45	604	55	466	42	634	58	1100
Contexto referencial	509	40	749	60	501	40	757	60	1258
<i>Coping</i> e gestão de risco	127	47	141	53	114	43	154	57	268
Reacção emocional	302	39	463	61	255	33	510	67	765
Auto-apresentação	189	38	313	62	189	38	313	62	502
Visões sobre idade	68	30	159	70	96	42	131	58	227
Visões sobre ou associadas a Sexo e Sexualidade	199	39	316	61	206	40	309	60	515
Experiências de género e orientação sexual	230	51	225	49	111	24	344	76	455
Tópicos ligados a sexo ou sexualidade	147	43	191	57	104	31	234	69	338
Áreas e Detentores de Saber	87	44	113	56	88	44	112	56	200

ANEXO 40

Entrevista 001 – 04/06/14

Respondente: Íris, 18 anos, género feminino; estudante deslocada em Lisboa

Local: *Starbucks* Rossio

Daniel – A primeira coisa que queria perguntar era se, se te lembras de alguma coisa do questionário original.

Íris – Acho que muito vagamente, mesmo...

D – Mas lembras-te mais ou menos daquilo que falava?

I – Lembro-me que falava sobre amigos, certo?...

D – Hmm hmm...

I – ...falava sobre pornografia, e... ... acho que não me lembro de mais nada.

D – Okay. Ah... As perguntas que eu te vou fazer para já são perguntas que têm que ver um bocado com a maneira como tu usas a tecnologia...

I – Okay...

D – ...o smartphone, por exemplo... Ah... costumas utilizar a internet?

I – Sim... Todos os dias! [riso]

D – Pronto... Tens ligação em casa?

I – Tenho, tenho...

D – E... em casa, costumas o quê?, utilizar o portátil, o computador fixo?...

I – Ahm... depende. Aqui em Lisboa uso o portátil, na minha casa onde moro mesmo, uso o computador fixo, dá mais jeito.

D – E quando, quando normalmente estás na internet, costumas estar num espaço mais privado, no teu quarto ou assim, ou...?

I – Não... A mim é-me relativamente igual... Qualquer sítio...

D – E no telemóvel, tens acesso à internet...

I – ...tenho...

D – ...por dados, ou...

I – ...sim, tenho as duas. Também ‘tou sempre a usar.

D – ...e por wireless também. ‘Tá bom. E o que é que tu gostas mais de fazer na internet?

I – Sei lá! Adoro ver blogues, adoro... sobre qualquer coisa... há coisas imensamente conhecidas que eu lembro-me de ser mais nova, tipo dez anos, e segui-las já, tipo “Pipoca mais doce”.

D – Sim, sim...

I – Mas já não tem nada a ver com aquilo que era, mas adoro. Ah... Facebook, Tumblr, acho que tudo um pouco.

D – Portanto, ‘tás um bocado nas redes sociais...

I – Sim, sim...

D – Okay... Pronto, a primeira parte do questionário, que eu sei que não te lembras, a primeira parte falava um bocado sobre como utilizar a internet para ir à procura de informação sobre saúde sexual...

I – Sim...

D – ...ou sobre o próprio corpo, etc. E a primeira coisa que eu te queria perguntar era se tu, ahm... conheces amigos teus ou amigas tuas, que já fizeram isso, que já utilizaram...

I – ...a internet...

D – ...a internet para procurar informação.

I – Sim, conheço! De certeza que sim, que conheço. Normalmente toda a gente vai à procura. Eu lembro-me quando era mais pequena não ia muito porque a minha mãe sempre foi muito aberta nesse assunto, então eu nunca senti muito a necessidade de ir à

procura, mas sei de colegas minhas... como não falavam disso nem com as mães, nem com os pais, ou colegas, ou rapazes, ou o que quer que seja, sentiam a necessidade de ir ver à internet, para saberem mais.

D – E a tua mãe, como é que ela falava contigo?

I – Não sei, ela sempre teve uma relação muito aberta comigo e depois fechou um bocadinho, mas já voltou a abrir mais... mas lembro-me que eu era pequena e ela falava completamente à vontade de tudo, da menstruação, de sexo, de tudo...

D – E esses teus amigos, por exemplo, não tinham uma família tão aberta, como tu dizes... eles vinham ter contigo para te perguntar coisas também?

I – Nós também falávamos imenso na escola, não é? Era uma coisa nova, era uma coisa... pronto... não ‘távamos muito habituados a falar, e depois havia sempre aqueles mitos bué estranhos que eu achava assim um bocado estúpido, e triste... porque, como nunca tinha passado por isso, como a minha mãe sempre me tinha contado tudo, eu achava, achava um bocado... não sei, parvo... Também, era um bocadinho incompreensão minha, porque eles não tinham a mesma família que eu e pronto... nós falávamos disso e... tudo bem.

D – E lembras-te assim de algum episódio em particular?

I – Sinceramente, não sei. Lembro-me que andava pr’aí no quarto ano e tinha uma colega que era mais velha, e veio-lhe a menstruação, e lembro-me que era assim um assunto muito tabu na altura, mas éramos tão pequenos e eu achava tão estúpido; porque é que ela não contava a ninguém, ou porque é que não contava aos rapazes, ou qualquer coisa assim.

D – E das poucas vezes em que tu própria foste à procura de informação, como é que fizeste? Foste ao Google, ou foste a algum site específico?...

I – Não, acho que... acho que ia maioritariamente ao Google, ou... como é que se chama aquele site?... acho que é IPDJ¹.

D – Sim...

¹ Instituto Português do Desporto e da Juventude.

I – Sim, também... Lembro-me de que tínhamos acções na escola e depois eu, por curiosidade, ia lá ver o que é que eles tinham... Pronto.

D – E na escola, também falaste sobre isso?

I – Sim, nós acho que tínhamos quase todos os anos aula de... qualquer coisa sexual, não me lembro muito bem... saúde sexual, acho eu... e... era extremamente útil, eu acho, mas pronto, os meus colegas, os rapazes, normalmente levavam sempre aquilo a gozar...

D – Sim...

I – E... acho que as raparigas tentavam perceber um pouco mais aquilo que se ‘tava a passar, eram... tentavam informar-se mais.

D – Porque é que tu achas que os rapazes gozavam mais e as raparigas...?

I – Eu acho que eles levam tudo para a brincadeira. E acho que as raparigas são assim um bocadinho mais sérias, também como amadurecemos mais depressa tendemos a levar essas coisas mais sérias do que os rapazes.

D – E tu sentiste que aquelas aulas te davam alguma coisa, por exemplo, que a tua mãe não te tinha explicado, ou ficavas um bocado na mesma?

I – Não sei, se calhar assim coisas mais técnicas, não sei... ...Por exemplo, a nível de... de contraceptivos, se calhar. Claro que a minha mãe nunca me explicou como é que se punha um preservativo e nessas aulas era explicado. Acho que foi mais isso, se calhar...

D – E quem é que dava essas aulas?

I – Lembro-me de enfermeiras, lembro-me de às vezes as professoras mostravam filmes e falavam connosco sobre isso, por exemplo... aquele filme que é com... com o que fez o *Captain Phillips*²... que é sobre Sida³...

D – Sim...

I – ...lembro-me de termos visto esse filme e depois falado acerca disso.

D – Portanto vocês discutiam entre vocês...

² A entrevistada refere-se presumivelmente a Tom Hanks, actor principal no filme em questão.

³ A entrevistada refere-se presumivelmente ao filme “Filadélfia”, de 1993, com Tom Hanks.

I – ...sim!, sim, sim, exactamente...

D – ...essas questões...

I – ...E, por exemplo, também havia uma coisa que era uma “caixinha mágica”, que nós fazíamos uma pergunta anónima, depois púnhamos lá dentro e eram tiradas e eram respondidas.

D – Okay. E tu nessas, nessas, situações, houve alguma pergunta, ou alguma coisa que tu não soubesses e tivesses descoberto, para além das questões de pôr o preservativo, assim alguma ‘grande questão’?

I – Ah, pois, no oitavo ano é... não... mas não me lembro, sinceramente, isso já não me lembro.

D – Hmm hmm. E se te pedissem a ti para tu organizares uma sessão dessas...

I – ...uma sessão dessas, sim...

D – ...lá na escola, na faculdade...

I – ...ah, já me...

D – ...o que é que tu fazias?

I – ...já me pediram, no 12º ano, para organizar sobre... se eu não me engano, gravidez na adolescência. Nós fomos mais tarde apresentar ao 9º ano e era um projecto de grupo. Eu lembro-me que o meu grupo era... três raparigas e três rapazes, se não me engano. Os rapazes, brincadeira com tudo, não levaram muito a sério. Mas nós tentámos levar mais a sério também para tentar explicar mais o porquê de acontecer, o que fazer, “como é que os meus pais vão reagir”, esse tipo de coisas, era uma apresentação mais interactiva, o que é que eles achavam, coisas assim do género.

D – E como é que correu?

I – Eu acho que até correu bem, normalmente, ahm... pronto, as turmas mais novas da minha escola são assim um bocadinho... complicadas... mas eu acho que até correu bem, nomeadamente as raparigas tentaram falar connosco, tentaram responder, e... acho que correu muito bem, até.

D – E os rapazes, que participaram no grupo, eles acabaram a apresentar também alguma coisa?

I – [riso] Sim, também apresentaram, também se esforçaram.

D – Okay...

I – ...Mas... E... pronto, foi, foi mais ou menos isso.

D – Como é que dividiram os assuntos entre vocês?...

I – Eu acho qu’era uma dupla tinha cada tema, mais ou menos, eu acho que a mim me calhou... acho que era os contextos sociais, das raparigas que engravidavam mais facilmente...

D – Sim...

I – ...acho que foi isso que me calhou a mim.

D – Okay. E, voltando agora um bocadinho a falar sobre a procura de informação na internet, ahm... quando uma pessoa vai à procura de informação sobre esse tipo de coisas na internet, achas que é sempre fácil encontrar informação que seja...

I – ...fiável?..

D – ...fidedigna, fiável, exacto?

I – É assim... às vezes é complicado, às vezes é muito complicado porque não... Yahoo! Answers, ou qualquer coisa assim, que muitas vezes não tem qualquer base médica, mas eu acho que a certo nível ajuda imenso, mas muitas vezes pode não ser fidedigna. Até porque todas as pessoas são diferentes; por exemplo, todas as pílulas que nós tomamos são diferentes, nem todas têm o mesmo efeito, e coisas assim desse género. Acho que... é complicado, é muito complicado saber o que é real e o que não é.

D – Mas achas que, para as pessoas, por exemplo, que têm uma família com quem não conseguem falar com facilidade...

I – ...acho que é muito importante, muitíssimo importante elas... elas tomarem essa iniciativa. Irem à procura... Porque, se não souberem, é assim um bocado um bicho de sete cabeças, e isso só torna as coisas mais complicadas.

D – Exacto... E se alguém te pedisse, por exemplo, para procurar informação na internet, fazias o quê? Indicavas o site do IPDJ?...

I – Indicava, por exemplo, o site do IPDJ... Agora não me lembro de mais nenhum, mas esse, esse era sem dúvida o site que eu iria indicar.

D – Exacto... Ahm... E... já te aconteceu, por exemplo, virem-te contar – algum amigo teu, ou um colega, não interessa – virem-te contar alguma coisa que tens a certeza absoluta que está errada?

I – Que está errada?... Não sei, assim se calhar quando éramos mais pequenos talvez, agora já não... acho que isso já não surge. Claro que já vieram amigas minhas com dúvidas, ahm... por exemplo, uma amiga minha que tinha medo de estar grávida porque não tinha usado preservativo mas também não tinha havido penetração e coisa assim, e nunca ninguém lhe tinha explicado que podia estar grávida à mesma!, não é?... E... pronto, isso foi assim um bocadinho um caso mais...

D – Mais grave... Mas achas que tens falado cada vez menos dessas coisas com os teus amigos?

I – Depende. Se calhar naquela altura em que era novo, era mais, e que era mais tabu, era mais risadas falar disso... agora, não sei, como já é tão natural, pronto falamos às vezes, de coisas que nos acontecem ou que sabemos que acontecem às outras pessoas. Mas acho que não falamos tanto pessoalmente, de nós próprios.

D – Exacto... Okay, ah, em relação a um outro aspecto que também estava no questionário, era, por exemplo, e já que estás bastante em redes sociais, era se por acaso também estavas em algum grupo que falasse sobre questões de discriminação sexual, de... de discriminação de género, ou sobre discriminação de homens e de mulheres...

I – Acho que... acho que não, acho que não, por acaso...

D – Não fazes parte de nenhuma rede... E conheces alguém que faça parte de algum grupo, ou assim?

I – Não sei!... Não sei... conheço uma rapariga que ‘tá na Amnistia, que é da minha terra...

D – Sim...

I – ...e aliás, até cheguei a ir a uma reunião da Amnistia, só que depois por incompatibilidade de horários não consegui ir a mais, e também porque acho que eles são um bocadinho muito de activismo, e isso não é tanto a minha praia. Gosto mais de voluntariado, fazer mesmo as coisas.

D – Sim...

I – Ahm... Não sei... Acho que conheço essa rapariga, a Amnistia...

D – Mas porque é que dizes que isso não é a tua praia?

I – Não sei, acho que eu não sou tanto pelo... estar ali a dizer “têm que fazer isto!”, eu gosto mesmo de ir ao pé das pessoas, e ajudá-las naquilo que elas precisam; por exemplo, a miúdos mais pequeninos, fazer voluntariado em algum lado...

D – Mas já fizeste algum tipo de...

I – ...de activismo?

D – Sim.

I – Fiz... não sei se conheces, o *One Billion Rising*⁴?

D – Sim...

I – Pronto... ah... surgiu esse projecto e nós fizemos na nossa escola. Andava eu no 12º ano, foi o ano passado. Foi muito recente... Ah... fizemos esse, esse flash-mob, e já foi repetido várias vezes, até. E eu acho que é uma coisa muito gira, é uma maneira diferente de alertar as pessoas para aquilo que as mulheres sofrem.

D – E o que é que te fez participar nisso?

⁴ Da explicação no site da iniciativa: “ONE BILLION RISING FOR JUSTICE is a global call to women survivors of violence and those who love them to gather safely in community outside places where they are entitled to justice – courthouses, police stations, government offices, school administration buildings, work places, sites of environmental injustice, military courts, embassies, places of worship, homes, or simply public gathering places where women deserve to feel safe but too often do not. It is a call to survivors to break the silence and release their stories – politically, spiritually, outrageously – through art, dance, marches, ritual, song, spoken word, testimonies and whatever way feels right.” (<http://www.onebillionrising.org/about/campaign/>). Esta iniciativa tem lugar a 14 de Fevereiro, e iniciou-se em 2013.

I – Fez-me participar porque eu na altura fazia parte de um grupo que era o Mérito, que era para alunos de quadro de mérito, porque nunca tinha acontecido nada na escola... que, por exemplo, nós tínhamos melhores notas e não éramos distinguidos por isso; não é uma coisa elitista, é uma coisa de... de baixar e ajudar os outros, ou seja, tínhamos explicações, íamos à universidade sénior, esse tipo de coisas, e a professora encontrou isso um dia e falou comigo e achámos graça!, fazer aquilo... depois começámos a chamar mais raparigas e mais raparigas, pronto, e isso surgiu.

D – Ah... e que papel é que tiveste? Foste a organizadora principal daquilo, ou...?

I – Eu... eu e a minha professora, eu como era uma das mais velhas, pronto, eu era normalmente quem a ajudava mais com os projectos e... pronto, eu aprendi a coreografia logo com ela, e mais duas miúdas, acho eu, e fomos ensinando às mais novas, e fomos combinando esse bocado. Nada de muito especial...

D – Mas acabou-se...

I – ...foi muito giro!

D – ...a criar-se uma tradição então?

I – Sim, sim, sim, sim.

D – Okay. Ah... Sentes que aprendeste alguma coisa com esse processo?

I – Eu acho que com esse... não só... o *One Billion Rising*, mas com o Mérito, aprendi imenso a ajudar, a ajudar e a dar-me aos outros, a dedicar mais a minha vida... p'ra, p'ra fazer alguma coisa, p'ra organizar alguma coisa, pa... o que quer que seja, e gosto imenso de... participar na organização de eventos, de ajudar alguém, de... ser preciso... é... mais ou menos isso.

D – Como estavas a falar de seres uma pessoa que gosta mais de fazer as coisas e pôr as mãos na massa, digamos assim, que impacto é que tu achas que essa tua participação no *One Billion Rising* teve?

I – Eu acho que foi, se calhar o entusiasmo que levou outras pessoas a juntarem-se. “Anda lá, aquilo é muita giro, vais gostar, é só, é só, é só três minutos, não te custa nada.” Acho que foi chamar mais pessoas para essa causa...

D – Sim.

I – Acho que foi isso.

D – E achas que conseguiste passar informação útil às pessoas?

I – Eu acho que sim, porque eu mostrava-lhes os vídeos, o qu’ é que... sobre o qu’ é que aquilo realmente era, mostrava vários exemplos... aliás, cheguei a ir à escola primária e à escola... do quinto e do sexto ano, fazer essa acção...

D – Sim...

I – ...de mostrar o qu’ é que era e como é que, como é que se fazia a dança, pronto. Mas aí as miúdas gostavam todas imenso de participar, e mesmo os miúdos mais novos, também gostavam.

D – E onde é que tu ouviste falar pela primeira vez nesse projecto?

I – Do *One Billion Rising*? Eu, eu acho que foi a minha professora que pôs um vídeo, no Facebook, de certeza absoluta.

D – Portanto, foi através das redes sociais...

I – ...sim...

D – ...que acabaste a...

I – ...foi, foi, foi...

D – ...e depois foste pesquisando...

I – ...depois fui procurando mais coisas, fui vendo mesmo o site do *One Billion Rising*, do *V-Day*⁵... tudo isso.

D – E.. e tens planeado assim alguma coisa diferente?

I – Neste ano tem sido muito complicado, que eu mudei-me para cá. Mas já me inscrevi, por exemplo, na Católica Activa⁶, que é um programa de voluntariado, e... em princípio vou para a Cruz Vermelha, ah... para a parte dos pequeninos...

⁵ O *V-Day* é um movimento global que luta contra a violência de género através de campanhas que envolvem performances como o *One Billion Rising*. O seu nome vem da sua data de fundação (o nome significa, em forma abreviada, “Dia de S. Valentim”), que é também a data em que normalmente as performances (como o *One Billion Rising*) são feitas.

D – Sim...

I – Ah... e também tenho ‘tado a trabalhar na minha faculdade, mesmo, ah... a ajudar nos projectos e acho que foi mais isso, como não ‘tive tempo para mais, é muito complicado... mas gostava de ajudar mais!, muito mais, do que aquilo que...

D – Mas essa... essa participação de que estás a falar, por exemplo, junto da Cruz Vermelha, já não tem então tanto a ver com estas questões que...

I – ...Não, não, não, não, não, não... já não. Aí, em relação a isto, já é muito... é muitíssimo complicado... ah... porque... Participei este ano outra vez, no *One Billion Rising*, mas... de resto, é muitíssimo complicado arranjar tempo p’alguma coisa.

D – E conheces algum... sei lá, algum grupo, por exemplo, cá em Lisboa, no qual te pudesses integrar, caso quisesse, caso tivesses tempo?

I – Hmm, por acaso, acho que não!... Conheço um... um site de activismo, uma página de Facebook, aliás, qu’ é o ‘Exército de Dumbledore’⁷...

D – Sim...

I – ...que eles fazem imenso activismo aqui em Lisboa...

D – Sim...

I – ...por exemplo, quando foi aquela coisa da Carris, do... “Abre os olhos”⁸ e não sei quê... Lembro-me que eles punham imensas imagens, imensas... Mas, de resto... acho que não me lembro de nada.

D – Okay... Ah... e tens planos para no futuro, caso consigas ter tempo, voltar a juntar-te a alguma coisa desse género, sei lá, ao ‘Exército de Dumbledore’, por exemplo?

I – Ah... Activismo, não tanto... mais se calhar... ah... levar a mensagem às crianças, de que mais de... da discriminação que é... o... a sexualidade não é um assunto tabu,

⁶ Plano de voluntariado da Universidade Católica.

⁷ Grupo português de activismo e intervenção directa com base no Facebook, criado em 2012, de cunho anti-capitalista e *queer*. Vai buscar o seu nome ao grupo ficcional de estudantes da obra de ficção “Harry Potter”, de J. K. Rowling, que se auto-organiza para combater as forças do mal.

⁸ Intervenções, não necessariamente feitas ou reivindicadas pelo ‘Exército de Dumbledore’, de colar ou escrever palavras ou frases anti-capitalistas, anti-governo e anti-fascistas sobre a publicidade que o Metro de Lisboa fez, em que apelava à denúncia de utentes por utentes, com o *slogan* “Abra os olhos contra a fraude”.

esse tipo de coisas. Porque sei que há muitas, há muitos miúdos que não falam disso em casa. Faz-me imensa impressão como é que os pais, ou as mães, não, não os conseguem educar, por exemplo, as raparigas que... que vem-lhes a primeira vez a menstruação na escola, por exemplo; a minha mãe é professora, e já lhe aconteceu... uma miúda veio-lhe a menstruação a meio da aula, pela primeira vez na vida, ela não sabia o que era, começou a chorar, e teve que ser a minha mãe, que é professora dela, a dizer-lhe, a explicar-lhe o que é que era, porque em casa nunca... não lhe diz. E isso a mim faz-me imensa impressão. Imensa.

D – E essa rapariga tinha mais ou menos que idade, tinhas ideia?

I – Quinto, sexto ano...

D – Quinto, sexto...

I – Quinto, sexto ano... Também, veio cedo, é verdade, mas... é... é uma coisa que eu acho que deviam ter falado com ela.

D – Porque é que achas que isso acontece? Porque é que...

I – ...porque é que é tabu?...

D – ...não falam sobre isso?

I – Eu acho que eles têm vergonha. Eu acho que eles não, não... não se deixam fragilizar – não é fragilizar, é ser humildes o suficiente p’ra se dar a conhecer aos seus próprios filhos, e... acho que isso faz imensa falta.

D – E achas que... ah... os pais têm a informação mas não a passam, ou nem sequer têm essa informação?

I – É assim, há muitos casos em que nem sequer têm essa informação, porque mesmo os pais deles, não lhe... não lhas deram, ah... mas também há muitos casos em que têm e simplesmente têm vergonha de dizer aos filhos... ou porque acham que eles são muito novos, ou porque acham que eles descubrem sozinhos um dia. Aliás, o meu namorado, a mãe dele, o pai dele, nunca falaram com ele sobre nada diiiisso! E isso faz-me imensa impressão, porque ele é mais velho do que eu, até... E com’ é que, com’ é que... foram capazes de fazer isso, porque ‘tão a criar uma pessoa, e não a ‘tão a informar acerca do mundo ao seu redor...

D – E tu falas com ele sobre isso?

I – Sim, falo, imenso... abertamente, porque eu acho que não há necessidade nenhuma de ‘tar a esconder esse assunto...

D – Acabas quase que a educá-lo, de certa forma...

I – É mais ou menos isso, e... pronto, quando eu descobri que nunca tinham falado com ele sobre isso, achei... não sei, não é fora do comum porque já tinha acontecido antes, mas achei que... já não devia ser assim.

D – Sim... E... Como é que tu achas que se consegue começar a resolver esse problema?

I – Muito com as aulas de educação sexual na escola. Muitíssimo. É uma coisa que ajuda imenso, e na altura dele não havia, mas na minha já havia. Ele é cinco anos mais velho, e acho que a minha geração foi muito agraciada nisso, sinceramente acho. E se calhar devia dar mais valor e não dá. Mas acho que a educação sexual é, *sem dúvida nenhuma*, importantíssima.

D – Okay... A outra parte que... pronto, talvez seja... um tema um bocadinho mais sensível, não sei; para algumas pessoas sim, para outras pessoas não, é justamente a questão de... ver material...

I – ...sim, sim...

D – ...ver ou ler material...

I – ...pornográfico...

D – ...erótico, ou pornográfico...

I – ...sim...

D – ...dependendo um bocado; há pessoas, por exemplo, que só gostam de ler histórias eróticas e...

I – ...sim, sim...

D – ...e não de ver pornografia. Portanto, depende um bocado... Imagino que, se calhar, tu tens amigas ou amigos teus, que tu sabes que fazem isso.

I – Sim, sei... Claro, na boa... A mim não me choca nada, não me choca absolutamente nada. Há pessoas que... “Ai, ver pornografia, ai que horror, não sei quê, blá blá blá”... Isso a mim não me choca nada, até porque já vi... tudo bem... ah... e... acho que uma pessoa ‘tar a dizer que não viu, ou que nunca viu, okay... pode nunca ter visto, mas acho que ‘tá a mentir, no fundo, porque já toda a gente viu alguma coisa.

D – Já toda a gente viu alguma coisa... Então e as pessoas que, como tu estavas a dizer, as pessoas que, que dizem que não vêem...

I – Eu acho que isso é vergonha! É... “Ah, eu não vejo, não sei quê”... Acho que isso é vergonha, pura e... pura e dura.

D – E... nessas situações, em que tu sabes que houve outras pessoas que já viram, elas contaram-te, ou surgiu em conversa, ou...?

I – Ah... não sei, acho que às vezes a gente faz sempre aquelas brincadeiras, de mostrarmos aos outros... coisas parvas, ou assim...

D – ...sim...

I – ...Ahm... lembro-me perfeitamente de um colega meu, uma vez sentou-me numa cadeira e pôs-me a ver uma coisa, a gozar comigo...

D – ...sim...

I – ...e eu ri-me às gargalhadas!, porque aquilo era uma coisa mesmo estúpida!... Ah... mas não... a mim não me faz impressão nenhuma falar disso, eu falo com os meus colegas e tudo bem, até porque não falo só de pornografia... mas... não sei, acho que há pessoas muito... sensíveis. E... que não querem falar disso... mas...

D – Mas, por exemplo, esse colega, essa situação que me estavas a contar agora, ele estava a tentar gozar contigo...

I – ...Tava, era... já não me lembro, já... se... se não me engano, acho que era “*2 Girls, 1 Cup*”⁹...

D – ...sim...

⁹ Famoso clip de vídeo pornográfico na internet, que começa com duas mulheres a beijarem-se e corta directamente para cenas explicitamente e literalmente escatológicas entre elas.

I – Mostraram-me esse vídeo, eu... pronto, okay, aquilo é completamente nojento, mas eu ri-me às bandeiras despregadas, pela estupidez da coisa...

D – ...sim...

I – E... lembro-me de outro também, que era... “*Patricia versus 50*”, que é uma rapariga, com cinquenta homens, que é uma coisa chocantíssima, que eu fiquei completamente “como é que isto é possível?!”...

D – ...sim...

I – ...Mas... a mim não, não me fez impressão nenhuma, não... não fiquei sensibilizada por isso, até depois fiz eu essa partida às pessoas, até e não me importei nada! É completamente... normal, até porque é uma coisa que nós fazemos, porque é que... porque é que é um tabu tão grande?

D – Exactamente...

I – Faz-me impressão!...

D – E alguma pessoa a quem tu depois fizeste essa partida, alguma pessoa teve uma reacção assim... pior, do género...

I – ...Ah, não...

D – ...”ah, não me mostres isso!”?...

I – ...não, não, não, não, não, não... não... não... Acho que maioritariamente riam-se, é... Era, era só rir. Mas também eu tenho muita sorte nos amigos que tenho [sorriso], a verdade é essa.

D – E houve alguém que alguma vez tenha-se chegado ao pé de ti e tenha dito “Eh pá, vi uma coisa qualquer na internet, não sei quê, e não gostei nada daquilo” ou “fiquei chocada” ou não sei quê...?

I – Ah... não sei, chocado talvez, “não gostei” acho que nunca me disseram isso. Acho que chocado... talvez esse vídeo da rapariga com cinquenta, porque aquilo é um choque completo!, coitada da rapariga! Mas...

D – Porque é que dizes que é um choque?

I – Não sei...! Porque, ‘tar ali a rapariga, coitada, a servir de... um objecto, na mão dos outros todos, p’ra mim, como é que alguém se sujeita àquilo?! ‘Tá muito necessitada, ou o que quer que seja...

D – Sim...

I – P’ra mim, isso é um choque... É alguém, alguém sujeitar-se... não é à humilhação, mas... a ser um objecto p’ra tanta gente.

D – Sim... E porque é que tu achas que... quer dizer, isto pode parecer uma pergunta um bocado estranha, mas porque é que tu achas que as pessoas fazem esse tipo de filmes?

I – Porquê?

D – Sim.

I – Porque na mente delas faz sentido, talvez. Não sei, há gente... há gente muito estranha, há gente muito rebarbada, o que quer que seja... não sei, mas para eles faz sentido, pronto!...

D – Sim...

I – Também há filmes muito estranhos, que para mim podem ser completamente “*What?!*” e chegar lá uma pessoa e “Ih, isto era assim, e assado, e o outro, e não sei quê!...”. Pronto, coisas assim desse género. Acho como num filme normal... também sai muita coisa estranha, da mente das pessoas...

D – E achas que tem que ver com... também com... o dinheiro que recebem, ou...

I – Se calhar, as actrizes ou os actores sim, acho que sim, acho que muitos fazem isso pelo dinheiro...

D – Sim...

I – Depois há outras que, que não... por exemplo, a Cicciolina¹⁰, que... ...a grande actriz, acho que não fazia isso só pelo dinheiro. Ou a Sasha Grey¹¹, ou o que quer que seja...

D – Sim... Ah, é assim, houve pessoas, por exemplo, no... que responderam ao meu questionário, que disseram que ficaram incomodadas, não necessariamente por verem pornografia, mas porque aconteceu elas verem pornografia acidentalmente.

I – Ah!...

D – Ou seja, imagina que estás a ver um site qualquer de coisas que não têm nada a ver...

I – ...e depois aparece um pop-up ou assim?

D – Exactamente! Alguma...

I – ...Isso, isso, isso...

D – ...vez te aconteceu?

I – ...já, já m’aconteceu. Isso a mim também é um bocado, tipo “‘tô neste site, porque é que aparece coisas... que não tem nada a ver”, claro. Mas... [estala a língua] Incomoda um bocadinho, porque não é disso que estás à procura e pode vir num momento não oportuno. Mas, de resto...

D – Esses momentos não oportunos, estás a falar de quê?

I – Ah, por exemplo, ‘tás a meio de uma aula, a fazer uma pesquisa qualquer e completamente inocente, e aparece-te um pop-up desses... e aparece por exemplo uma professora ao pé, ficas... “Okay, peço desculpa, não era isto que eu estava à procura!” [riso]

D – Pois!...

I – Mas... a mim nunca me aconteceu, claro, não é?

D – Nunca te aconteceu?...

¹⁰ Famosa actriz pornográfica durante os anos 70 mas também activista política e mesmo deputada italiana no fim da década de 80; fundou um novo partido em Itália em 2012.

¹¹ Famosa actriz pornográfica, activista, actriz comercial, escritora, entre outras actividades das indústrias culturais.

I – Por acaso, não. Mas colegas meus, ‘tavam a ver um vídeo clip numa aula, e [riso] por acaso a professora calhou a aparecer no momento exacto em que aconteceu a única coisa má...

D – Sim...

I – ...pronto, foram todos mandados para a rua, obviamente.

D – Pois.

I – Ah... mas...

D – Mas, quer dizer, o videoclip então não tinha nada a ver com, com pornografia?

I – Não tinha nada a ver com pornografia, mas naquele momento exacto, eu já nem me lembro o que é que era, sequer, mas naquele momento exacto aparecia tipo um rabo ou assim...

D – Sim...

I – Rua, logo!...

D – Pois... E eles não tinham culpa, não é? Não sabiam o que é que estava...

I – ...pois, também...

D – ...ali.

I – ...exacto.

D – Como é que achas que dá para evitar esse tipo de coisas, se é que dá, não é?

I – Ai, sinceramente não sei!

D – Estavas a dizer que a ti nunca te tinha acontecido, quer dizer que tu conseguiste sempre fugir...

I – Pois, acho que sim, acho que, acho que também...

D – ...a essas situações.

I – ...às vezes é um bocado de sorte, aparece assim pop-ups, normalmente...

D – Sim...

I – Nunca calhou a aparecer nenhum desses. Se calhar, não sei, se calhar se usarmos o Ad Block¹² já não aparecem tantos pop-ups, não é?

D – Pois. Ah... E... e se uma pessoa, por exemplo, ‘tá numa situação dessas com um professor, ou se calhar com o pai, ou com o pai ou com a mãe...

I – ...[risos] com o pai ou com a mãe...

D – [riso] ...achas que aí, é diferente? Ou seja, achas que aí, se calhar se a pessoa ficar incomodada, não é por causa da pornografia, é por causa da situação?

I – Eu acho que sim, eu acho que muitas vezes é por causa da situação em que estão.

D – E como é que... quer dizer, que conselhos é que darias a alguém, por exemplo, para evitar isso?

I – [risos] Ah!... Para evitar, é muito complicado, porque às vezes surge sem a gente fazer a mínima ideia porquê, mas... ...Ai!, não sei, sinceramente!... Coitados! É... eu, eu não invejo isso a ninguém.

D – Se calhar dizias a toda a gente para instalar o...

I – ...o Ad Block!...

D – ...o Ad Block.

I – ...“ponham o Ad Block Plus em tudo!” [risos]

D – [risos] Pois, eu acho que é uma...

I – Eu acho que isso nos PCs, nos Windows, acontece imenso!

D – Sim...

I – Eu, como tenho um Mac...

D – ...sim...

¹² Uma extensão que se pode instalar em vários navegadores de internet para bloquear publicidades em websites.

I – ...e não aparece tanta publicidade, ou o que quer que seja, nunca... nunca me aconteceu.

D – Portanto, se calhar também os aconselhavas a comprar um Mac?...

I – [risos] “Comprem um Mac!”

D – [risos] Ah... E, e tens ideia, mais ou menos, assim por alto, quando é que... estavas a dizer que já viste pornografia...

I – ...sim!...

D – ...tens ideia mais ou menos de quando é que começaste a procurar?

I – Não sei, eu lembro-me que nunca comecei assim a procurar de forma autónoma. Lembro-me p'raí no quarto ano, ou o que é que era, os rapazes eram todos obcecados tipo, em procurar mamas no Google. Punham tipo, “mamas”. E eu lembro-me que era pequena e achava aquilo parvo! Porque tínhamos aulas de TIC... lembro-me de dizer à minha mãe, que os meus colegas andavam à procura de mamas e coisas assim, depois foi instalado um filtro por minha causa! [risos]

D – [risos]

I – [risos] “Okay, peço desculpa!” Mas... não sei, eu nunca me lembro. Lembro-me, por exemplo, de me mostrarem coisas e assim, nunca me lembro muito de ir à procura de forma autónoma, porque se calhar nunca senti essa necessidade... Mas, se sentisse, pronto, ia à procura na boa! Agora... não sei... acho que foi mais quando estava com amigos, e assim, era mais na piada...

D – Sim...

I – Acho que era, acho que era... ou para fazer alguém sentir-se mal!, ou qualquer coisa assim...

D – Sim... E funcionava? As pessoas...

I – [risos] ...funcionava, as pessoas ficavam tipo, “What? Porque é que isto ‘tá a dar?”

D – [riso] E depois?...

I – ...Mas era mesmo pela situação, não era por mais nada!

D – E depois passavam à frente?

I – E depois passávamos... E pronto, passava tudo na boa. A gente fazia imensas partidas dessas na escola, nos computadores e tudo...

D – ...sim...

I – ...depois ficavam completamente “Ah, como é que eu tiro isto?!, como é que eu tiro isto?!”, mas...

D – ...Alguma vez alguém se chateou contigo?...

I – ...era só mesmo pela piada. ...Ai, não, não, não, nunca ninguém se chateou!

D – Foi só assim mesmo...

I – Porque eu sempre tive, sempre tive o costume de fazer, entrar mais nas brincadeiras com os rapazes...

D – Sim.

I – Então sempre fazia a mesma porcaria que eles... Atão... pronto.

D – Ah, e por acaso já aconteceu alguma vez tu estares, sei lá, imagina, com, com um namorado ou uma coisa assim do género, e vocês fazerem isso como uma actividade de conjunto, irem os dois, por exemplo...

I – ...Hm...

D – ...ver...

I – Se calhar, uma vez ou outra, se calhar... não sei... Hmm, talvez, talvez. Não com o anterior, de todo, mas se calhar com este já.

D – Portanto, tu, por ti, não costumavas ir à procura desse tipo de material?

I – Não, não... não, por mim, por mim, não, se calhar uma ou duas vezes, mas... mas já fui com o meu namorado, também já fui com amigos.

D – E se alguém se chegasse ao pé de ti e dissesse “Eh pá, como é que eu arranjo esse material?”

I – Ah, todos os sites! É fácil! [riso]

D – [riso]

I – ...toda a gente os conhece!

D – É? Mas dizias o quê, aconselhavas sites específicos, ou dizias...

I – ...não, dizia...

D – ... “olha, põe no Google”?

I – ... “tá aí esse, o outro, e aqueloutro, vai a todos; o que mais gostares!”

D – Okay... Ah... ‘Tavas a dizer que as pessoas que normalmente se sentem incomodadas com esse tipo de material, são... são pessoas assim um bocado mais sensíveis...

I – ...sensíveis, sim...

D – ...e não sei quê... Achas que pode haver algum tipo de situação em que... sei lá, não é por a pessoa ser sensível, é simplesmente porque não gostou de ver *aquela* coisa...

I – ...Sim, sim, sim, sim, sim, sim!...

D – ...e se fosse outra coisa até gostava, e aquela não?

I – ...tipo, por exemplo, géneros?

D – Exacto.

I – Sim!, claro que sim! Acho que uma pessoa pode não gostar de ver... homossexuais, ou o que quer que seja, e gostar por exemplo de ver, um homem e uma mulher, não sei... ou... gostar de ver, por exemplo, sei lá... deixa-me pensar... gostar de ver, por exemplo, lésbicas, e não gostar de ver... ah... sei lá... MILFs¹³...

D – ...sim...

I – ...*whatever*, qualquer coisa assim do género...

¹³ Acrónimo que categoriza um tipo de pornografia conhecido como “Mother I’d Like to Fuck”, que costuma representar mulheres consideradas “mais velhas” ou caracterizadas para esse efeito.

D – ...sim...

I – ...acho que sim, acho que é perfeitamente compreensível, cada um tem os seus gostos pessoais.

D – Claro, claro. E as pessoas que, por exemplo, ah... ao invés de serem profissionais, e portanto receberem por fazerem filmes pornográficos ou o que quer que seja, as pessoas que, por exemplo, escrevem só texto...

I – ...ah, sim...

D – ...ou que mandam os seus próprios vídeos pessoais...

I – ...para os outros?...

D – ...para a internet, para os outros verem.

I – Ah, ‘tou completamente à vontade. Eu acho que, por exemplo, tinha imensa curiosidade em ler o *50 Sombras de Grey*, por acaso nunca comprei ainda...

D – ...sim...

I – ...mas tenho imensa curiosidade em ler.

D – Sim.

I – Ah... porque toda a gente diz que é muito mal, muito mal escrito, e eu gostava imenso de saber porquê!, porque é que dizem que é uma cópia barata do *Crepúsculo* e não sei quê... ...que ainda é pior!... ...e pronto, eu gostava de ler, e também há outra... ...outra... Sylvia Day, talvez...

D – ...sim...

I – Também gostava de ler, para conhecer... porque nunca li nada do género, acho eu, então... Acho que era... acho que é... acho que é uma mais-valia.

D – Não sei se costumas ler fanfics¹⁴... de histórias...

¹⁴ Abreviatura em calão de “fan fictions”, histórias escritas por fãs de determinados autores, com as personagens e o mundo criado por esses autores; existem sites na internet dedicados exclusivamente a este tipo de conteúdo, e algum dele é sexualmente explícito e assinalado ou categorizado como tal, criando-se depois vários sub-géneros consoante as interações criadas entre personagens, que podem ou

I – Ah... [suspira] ...Eu acho que, quando era mais nova lia...

D – Sim...

D – Nunca te cruzaste assim com nenhuma fanfic mais...

I – Já, já, já... Tipo, as miúdas que eu tenho no Facebook, as mais novas, têm todas *Ask.fm* e coisas assim do género, e às vezes leio e penso assim, “Isto é tão parvo, quando eu era miúda também era assim!”. Eu acho que sim, quando era mais nova, lia se calhar o *Crepúsculo*... ah... e... acho que havia outro livro, mas agora eu não me ‘tou a lembrar do nome.

D – E... mas achas que... ou aliás, desculpa, já alguma vez te cruzaste assim com uma fanfic que puxasse mais para o lado erótico, ou sexual, enquanto ‘tavas a ler?

I – Incrivelmente, os *One Direction*¹⁵ puxa... O que é uma coisa muito estranha, porque elas ainda são muito pequeninas, mas eu acho que sim, puxa muito para esse lado... e... pronto, agora são mais novas... elas começam a conhecerem-se mais novas e...

D – ...Sim...

I – ...à vontade...

D – Achas que isso pode trazer algum problema, ou...?

I – Eu não sei!, eu acho que cada um tem a idade para descobrir. A minha, pronto... eu acho que... eu acho que 12 anos é muito muito cedo, muitíssimo cedo, acho que não... Aliás, para mim acho que foi muito cedo... ah... e... acho que se devia esperar um bocadinho mais, mas acho que cada um toma a sua própria decisão, arrependendo-se ou não dela...

D – Porque é que achas que foi demasiado cedo para ti?

I – Para mim?... [estala a língua] Não sei, porque... ‘tava com o meu primeiro namorado... ...agora é uma coisa mais pessoal, mas não me importo de contar... ...acho que tinha... dezasseis anos; nem me lembro da data, nem nada... o que é um bocado estúpido até, e sinto-me um bocado mal por isso, e arrep... e venho-me arr...

não fazer parte das histórias originais. A trilogia *50 Sombras...*, de E. L. James, surgiu originalmente como uma “fan fiction” da obra *Crepúsculo*.

¹⁵ Boyband de pop britânica.

venho-me... tenho-me vindo a arrepender-me cada vez mais disso, porque foi assim uma coisa que, era assim uma relação muito física; éramos, éramos novos, não sei, agora é uma relação completamente diferente... e era mais física do que... do que quer que fosse e... pronto, ele ‘tava sempre a insistir muito, a insistir muito, pronto!... ah... e depois lembro-me até que... eu acho que a razão, a minha razão p’ra acabar com ele quase um ano depois, foi no fundo ter-me sentido obrigada a isso, e... chegaram a acontecer outras coisas depois, que ele me tentou obrigar e... tudo... e eu não quis, e por causa disso também, eu acho que foi muito aquilo que me levou a acabar depois com ele, porque não tinha maturidade suficiente para lidar com isso. E agora, se calhar, desta vez, já era uma pessoa mais matura [sic], já sabia aquilo que queria, mais ou menos, apesar de só terem passado dois anos, acreditando ou não, passa-se muita coisa nesse tempo e acho que... tomei uma decisão mais matura [sic], e é uma relação completamente diferente, mesmo... muito mais, como é que eu hei-de dizer?, não física, mas mais mental, se calhar... e acho que isso... pronto, acho qu’ê... acho que deviam pensar melhor nessas coisas.

D – E achas que o facto de... ah... pronto, de as raparigas e os rapazes já desde muito cedo acederem a pornografia e a material erótico, achas que tem alguma coisa a ver com essa...

I – ...tem, tem...

D – ...com esse começar mais cedo?

I – ...tem, tem, porque... nós, a minha geração e a anterior, não acedíamos a esses sites tão cedo! A verdade é essa, é que eles agora, a partir dos dez anos, já são completamente...! ...viciados nessas coisas!... histórias, histórias do arco da velha, e que se passam no quinto e no sexto ano, eu sei disso porque a minha mãe é professora, e ela conta-me de miúdos e miúdas, que... vão para atrás do pavilhão fazer coisas completamente, que eu achava “O quê?!”, e tipo, na minha idade, uma coisa assim bué “Uoah, ai ai!” é tipo, jogar ao “Despe”, era... já nem lembro como é que se jogava, sinceramente, eu acho que era às apanhadas e depois quem era apanhado tirava uma peça de roupa, ou assim...

D – ...sim...

I – ...E isso era completamente “uau!”; então agora... coisas que um casal faz agora, por exemplo, nos seus vinte anos... coisas que os miúdos de dez fazem! Eu acho que isso é crescer muito, muito, *muito* rápido.

D – E...

I – ...pronto.

D – ...tens alguma ideia de como é que se evitaria isso?

I – Não sei, eu acho que os filtros agora, os miúdos já sabem como os contornar, já têm imenso acesso à internet, é muito complicado. E mesmo as séries de televisão, já são muito mais sexualizadas do que eram. Por exemplo, os *Morangos Com Açúcar*, a primeira temporada, darem um beijinho era uma coisa assim “Uaaaau!”; agora, fazerem sexo é tipo... banal! Acho que isso também ajudou muito. As crianças... Eu cresci com os *Morangos Com Açúcar*, e vi, notei isso ao longo do tempo. E agora os miúdos já estão ‘tão habituados a isso que já é natural para eles nesta idade.

D – E achas que, por outro lado, ou apesar disso, é possível também que a pornografia, ou esse tipo de material, ensine alguma coisa?

I – Não sei, porque eu... na minha opinião a pornografia é um bocado história... não é... aquilo não é bem aquilo que se passa na realidade, é... e... eu acho que, não sei, eu acho que muitas vezes a mulher é tomada um bocado como um objecto, e eu acho que isso não ensina absolutamente nada a ninguém. Mas... é claro que pode haver, não sei, acho que nunca vi, mas pode haver filmes em que... podem ensinar muita coisa, não sei. Eu nunca passei por isso! Mas... acho que pode haver... até acho que, por exemplo, aqueles filmes que passam na RTP2, sobre a sexualidade, são extremamente importantes, explicam muito bem... lembro p’raí de há três anos ter havido um que até era primeiro para os pais verem, para depois deixarem os filhos assistir...

D – Sim...

I – Acho que isso foi muito importante, até. Mas... acho que pornografia aos mais novos não ensina nada... absolutamente nada.

D – E aos mais velhos?

I – Aos mais velhos [riso]... Pode ensinar algumas coisas, não sei, assim maneiras diferentes... coisas diferentes de fazerem, para experimentarem...

D – E achas que isso é uma coisa que se aprendia facilmente de outra maneira, ou que é importante também haver pornografia para ensinar essas coisas?

I – Também acho que é importante... É... é uma... maneira diferente de aprender as coisas. Se calhar não ia... não iríamos aprender de outra maneira. Por exemplo, existe... não sei, acho que existe o *Kamasutra* na *Amazon*, não sei, muita gente nem sequer liga a isso!... E acho que... pronto, pornografia é uma boa maneira de se chegar lá.

D – Ah... Mas é assim, de acordo, por exemplo, com a lei portuguesa, é suposto as pessoas só começarem a ver pornografia a partir...

I e D (simultaneamente) – ...dos 18 anos...

I – ...certo, certo, certo.

D – O que é que achas...?

I – [riso] ...isso não acontece! Como é óbvio! Ah... não sei, acho que 16, se calhar, seria uma idade mais razoável. E mesmo assim... vê-se muito antes disso.

D – Mas achas que era preciso haver alguma maneira de tentar impedir as crianças com menos... os jovens, com menos de 16...

I – ...Eu acho que só mesmo usando filtros. Porque mesmo aquelas cenas do... “És maior de 18 anos?”, é claro que eles vão clicar que sim. Por isso acho que isso não ajuda absolutamente nada. E acho que os pais terem mais atenção aos conteúdos que os filhos deles vêem...

D – Sim...

I – Porque muitas vezes os pais, o que acontece hoje em dia é ‘tarem-se literalmente a cagar para os filhos. Não querem saber deles... E acho que isso é... acho que muitas vezes os miúdos crescem depressa demais por causa disso.

D – Sim... e se de repente, imagina, toda a pornografia desaparecesse da internet?...

I – [estala a língua] Ah... acho que muita gente morria!

D – [riso] Como assim?

I – Ah... Não, eu lembro-me de já ver, de já ter lido qualquer coisa sobre isso, no 9Gag¹⁶, ah... eu acho que muita gente ia ficar assim... ffff... complicado, ia ser complicado, não sei... Acho que ia ser muito complicado! [riso]

D – Mas complicado a que nível?

I – A que nível?... Por exemplo... pessoas que sentem necessidade de ver. Ah... há muitas pessoas que sentem necessidade de ver aquilo, mesmo... e se não virem é assim uma coisa!... que... não sei!, é como se, por exemplo, alguém deixasse de beber café, ou alguém deixasse de fumar... de uma vez... É a mesma coisa, eu acho, também é um vício...

D – ...é um vício...

I – ...por isso, acho que para essas pessoas ia ser assim um choque muito muito grande, para outras pessoas, tipo... “tou-me a cagar”, “na boa”, e para outras... pronto!... “agora já não há, olha, tenho que arranjar de maneira diferente, tenho que pensar!”.

D – [riso]

I – [riso] É ba... é basicamente isso! Mas ia haver uma revolução enorme!

D – [riso] E se isso acontecesse, onde é que as pessoas iam buscar?

I – [estala a língua] Onde é que as pessoas...? À imaginação! [riso] Não sei... às outras pessoas, que é uma coisa mais saudável!... Mas...

D – De onde é que achas que vem esse... esse vício de que estavas a falar?

I – De pornografia... É... eu acho que é as pessoas que não conseguem ter... uma relação mais social, mais carnal com outra pessoa, e têm necessidade de exprimir as suas necessidades, os seus sentimentos, mais sozinhos...

D – Hmm hmm...

¹⁶ 9GAG, Inc. é uma plataforma online em que os utilizadores partilham imagens e vídeos, em particular memes.

I – E não têm esse à-vontade com os outros... Eu acho que é muito isso... Eu acho que é uma deficiên... Não é uma deficiência!, é não conseguem ter uma relação... tão aberta com a outra pessoa.

D – Sim...

I – Eu acho que é isso. Que leva a viciarem-se em pornografia. Claro que há muita gente com relações saudáveis, e que também fica viciado naquilo, assim como há pessoas viciadas em tabaco!, viciadas em álcool.

D – Sim...

I – Mas não é saudável... um vício não é saudável por si só. Por isso...

D – E achas que, quando as pessoas estão nesse tipo de relações mais saudáveis, como tu dizes, ah... que começam a ver menos pornografia, ou...?

I – Eu acho que sim. Muitas vezes, sim. Ah... pelo menos, os meus amigos e coisas assim do género, quando começaram a arranjar namoradas, iam muito menos a sites. *Muito muito* menos. Porque tinham maneira de se ocupar. E muitas vezes conheço até rapazes que, que me disseram que quando se começaram a apaixonar, não conseguiam ver pornografia, porque só pensavam na outra pessoa. E achavam que aquilo que ‘tavam a fazer era traí-la, por isso não conseguiam mesmo assistir.

D – E tu achas que eles têm razão?

I – Eu acho que sim, muitas vezes, é um fe... é assim, um fenómeno psicológico, que é... pensa-se numa pessoa e, e... e pensa-se depois, “eu estou a ver outra pessoa, que não tem nada a ver... eu estou a trair a outra”. É claro que não é uma coisa extrema, como isso...

D – ...sim...

I – ...mas é... é um... é aquilo que nós sentimos!

D – Então se o teu namorado visse pornografia, por exemplo...

I – ...Ah, eu não me importava!

D – Mas não consideravas traição?

I – Não considerava traição, não considerava de todo, porque acho que toda a gente tem o direito de ver! Também se eu quisesse ver, não achava, não achava que ele tinha o direito de me dizer isso!

D – Hmm hmm...

I – Ah, se queremos ver os dois juntos, tudo bem, na boa! Também não acho que ele me ‘tá a trair só por olhar para outra pessoa.

D – Claro...

I – Até porque tod... toda a gente tem olhos, não é? Mas... acho que sim, acho que há muitas raparigas e muitos rapazes que acham isso. E acho que não têm necessidade nenhuma.

D – E tu alguma... alguma vez tiveste uma conversa, sei lá, em que te dissessem isso, “Ah, ele viu pornografia e está-me a trair” e tu tenhas dito “não, isso não é bem assim”?...

I – Por acaso nunca tive, nunca tive... tive do género uma amiga a dizer “Ah, o meu namorado anda a ver pornografia”. Porque... qual é o problema? “Deixa-o ver à vontade” e ela ficou assim um bocado “Ah, não sei quê, pronto...”. E eu “Então, não tem problema nenhum!”, mas...

D – Ela não ficou convencida?

I – [riso] Acho que não!...

D [riso]

I – [riso] ...mas...

D – Ah... E, portanto, estavas a dizer-me que nunca ninguém se tinha chegado ao pé de ti e te tinha dito que ficou incomodado com, com ver pornografia...

I – ...não, acho que não...

D – ...ah, mas se alguém o fizesse, imagina que alguém se chegava ao pé de ti e dizia, “Eh pá, eu vi uma coisa e estou-me a sentir mal”...

I – ...sim...

D – ...o que é que, o que é que tu dizias à pessoa?

I – Perguntava-lhe porquê. O que é que a tinha chocado, ou o que é que a tinha... a ele ou a ela... O que é que tinha feito sentir mal, no fundo, e tentava perceber o porquê disso... E se calhar ajudá-la mais no... tentar... tentar ultrapassar esse assunto... Acho que era isso.

D – Estavas a dizer há bocado que aquilo que se passa na pornografia, no fundo é uma história, e as coisas não são bem assim...

I – ...sim...

D – ...achas que, que as pessoas, pensam que as coisas são assim?

I – Eu acho que sim... Eu acho que os rapazes, especialmente, que vêem muita pornografia, depois meter com uma rapariga pela primeira vez e acham que aquilo é tal e qual assim, e não é. Porque muitas vezes se calhar a rapariga com quem eles estão também, ‘tá a fazer pela primeira vez, ou seja, não tem absolutamente nada a ver, nada mesmo e... eles acham que é logo assim tau tau tau, e não é! Não é de todo, porque normalmente até, na primeira vez deles, o que eles fazem é... ‘tão trinta segundos e depois acabam.

D – Hmm hmm...

I – E... pronto, eu acho que, eu acho que aquilo é completamente inventado, especialmente para os rapazes mais jovens, que vêem imensa, consomem imensa, e depois... não é, não é de todo a mesma coisa.

D – Achas que as raparigas vêem menos que os rapazes?

I – Eu acho que sim... porque há um... como é que se diz? Qualquer coisa social... Há assim... um papel maior sobre elas, para elas não verem... porque é mau... É uma coisa de rapazes... Mas eu que acho que isso... é um estereótipo, que se está a perder cada vez mais... e acho bem, porque toda a gente tem direito de ver, e não tem nada que se sentir mal com isso. A não ser que vejam coisas mesmo muito, muito estranhas...

D – Como o quê?

I – Não sei, tipo, pornografia infantil, essas coisas...

D – Sim... Ah... que é ilegal, não é?

I – Exactamente.

D – Mas então tu tens amigas, que sabes que vêem pornografia? Ou nunca nenhuma delas te falou sobre isso?...

I – Ah... Eu acho que raparigas nunca falei muito sobre isso. Porque elas... exac... têm essa tal coisa, de não falar, porque é proibido, e depois é do género [voz falseada] “Eeeeh, não sei quê, que nojo!”, pronto... e então...

D – Porque é que achas que vem essa reacção de nojo?

I – Porque foi o que lhes ensinaram. No fundo, foi aquilo que a televisão, o cinema, os livros, que toda a gente lhes ensinaram.

D – E esse nojo, é nojo de quê?

I – Sinceramente, não sei. Não sei se é de ver, se é do acto... se do que é, mas é... é a reacção que as raparigas normalmente têm. Tanto que são... é mais com rapazes que eu falo sobre isso...!

D – Exacto... E imagina uma rapariga, que de facto... vê ou já viu pornografia, e vai chegar e é a primeira vez dela também, como há bocado estavas a falar do rapaz, achas que ela também vai ser influenciada...?

I – [estala a língua] ...também acho que sim...

D – ...por ter visto aquilo?

I – ...Também acho que sim. Porque muitas vezes, a rapariga na primeira vez dói-lhe, e não sente qualquer prazer, não é?, e então depois de ter visto aquilo, e depois de ter tido esta experiência, pensa assim: “O que é que se passa comigo? Porque é que eu não gostei? Porque é que não foi da mesma maneira?” Acho que é mau dos dois lados...

D – Portanto, cria falsas expectativas?

I – Exactamente. Não... por exemplo, quando já é uma pessoa muito experimentada... Okay, isso pode ser completamente igual ao que quiserem, mas uma pessoa que vai

iniciar a sua vida sexual, tem assim uma... uma expectativa super elevada, que não se concretiza, muitas vezes.

D – Então e depois, quando a pessoa já é mais experimentada, para usar o teu termo, ah, achas que esse efeito se dilui, deixa de existir?...

I – Não sei... se calhar... ...continua a ser mais... continua a ser aquilo de... ver muito a mulher como um objecto... se calhar essa parte não é tão real. Mas, de resto, acho que sim...

D – E achas que pode haver pornografia que não trate a mulher como um objecto?

I – Que não trate a mulher como um objecto...? ...Ah, pode, claro que sim, acho que sim, acho que pode haver... Hmm...

D – O que é que seria necessário, para ti, do teu ponto de vista, o que é que seria necessário para um filme, seja o que for, pornográfico, não tratar a mulher como um objecto?

I – Não sei, acho que é aquele cliché de ser mais romântico. De ter mais um bocadinho o ponto de vista da mulher, não tanto do homem, acho que era mais isso. Tornar mais aceit... tável, para a mulher.

D – E alguma vez encontraste, mesmo que não tenhas visto, alguma vez encontraste material desse género, como estás a descrever, que não objectifique a mulher?

I – Eu acho... eu acho que não, só talvez em livros, se calhar... Em livros, mesmo, não, não eróticos, em livros normais, por exemplo, acho que sim... acho que em livros encontra-se imenso. Porque são as coisas mais românticas e mais *softs*, mas depois em vídeos acho que não.

D – Okay... Ah, pronto, a última coisa de que o questionário falava era, não sei se conheces este termo, que até já tem andado a circular bastante nas notícias, que é o *sexting*, que é... o...

I – ...mandar mensagens...

D – ...enviar e receber mensagens...

I – ...sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim...

D – ...e essas mensagens, tanto podem ser mensagens de texto, como...

I – ...como fotos...

D – ...como fotos, imagens...

I – ...sim, exacto...

D – ...ou não sei quê. Ah, conheces alguma amiga, ou algum amigo teu que faça isso, ou que já te tenha contado que fez isso?

I – Não... acho que... amigos não. O meu ex-namorado fazia isso, mas não... eu não, eu não faço com este, nem, nem, nem fiz com o outro. Mas... ah... por acaso amigos acho que nunca falei sobre isso.

D – Ele fazia com quem?

I – Fazia comigo. Não, eu não achava particularmente piada... mas... whatever.

D – Mas, então, porque é que... porque é que fazias?

I – Eu não fazia!... não fazia muito... ele é que tentava mais levar para esse lado, e eu acho que não...

D – Ele pedia-te? Ou mandava-te?

I – Ya, pe... pedia, e mandava... mas eu não ia tanto para esse lado, porque para mim não era a mesma coisa, e não achava tanta piada!... Acho, mas acho que quem quiser ‘tá completamente à vontade, acho é que corre um risco imenso!... de alguém ficar com o telemóvel, o que já aconteceu...

D – ...sim...

I – ...e as imagens circularem, ou as mensagens circularem, ou o que quer que seja; corre um risco enorme. Até porque é super fácil invadir a privacidade dos telemóveis. E não só, de computadores também, por isso...

D – Estavas a dizer que já aconteceu; foi alguma experiência que...?

I – Sim, na minha terra, uma rapariga... que mandava fotos para o namorado, quando já tinham acabado, e vídeos, e então o vídeo circulou pela escola inteira... e foi terrível para a rapariga, coitada...

D – Pois... O que é que lhe aconteceu a ela?

I – [riso] Foi extremamente gozada e humilhada, e... coisas assim do género, coitada... eu lembro-me, foi para aí no final do... do ano, não sei em que ano andava... mas, eu acho que ela andava p'raí no sétimo, e então atiravam-lhe giletes e coisas assim do género...

D – Atiravam-lhe giletes?

I – Sim. Porque... não estava depilada.

D – Ah...

I – Atiravam-lhe giletes, e... diziam-lhe coisas tipo “Porca”, “DJ”, “DJ Matogrosso”, cenas assim...

D – Sim...

I – Completamente infantis.

D – E alguém fez alguma coisa, ou a escola, ou os pais?

I – Ai, eu acho que não! Eu não me lembro, mas acho que não. Não...

D – E tu lembras-te qual é que foi a tua reacção na altura?

I – Ya... Lembro-me... pensei assim um bocado, “Porque é que ela fez isto? Que estupidez enorme, estar a expor-se desta maneira, ao namorado, que ainda por cima já não namorava com ela!”. Achei que foi mesmo estúpido da parte dela, fazer isso.

D – E ele, disseram-lhe alguma coisa a ele?

I – Não!, acho que não lhe disseram nada...

D – E o que é que tu achas daquilo que ele fez?

I – Também foi uma... assim uma manobra, *muito muito* baixa, muito mesmo. Porque isso não se faz. E sei que há imensos sites desse género, de rapazes que depois querem

vingar-se das namoradas ou o contrário, e põem lá coisas, nesses sites. Por acaso, nunca vi nenhum, mas sei que há!... e acho isso de uma extrema baixeza.

D – E... estavas a dizer-me há bocado que o teu ex-namorado te mandava imagens...

I – ...sim...

D – ...e não sei quê, vocês entretanto acabaram, senão ele não era teu ex-namorado, não é?...

I – ...sim, exacto...

D – ...apagaste as imagens, guardaste?...

I – Sim, eu apagava logo a seguir, porque também não tinha necessidade de ficar e sabia que se alguém pegasse no meu telemóvel e visse aquilo...

D – E o que é que achas que uma pessoa pode fazer para se proteger...

I – ...disso?...

D – ...disso?

I – É dizer: “Eu não quero, ponto final”, e ninguém tem que a obrigar a nada. Claro que há tipo aqueles stalkers!, que gostam de mandar e blá blá blá, mas isso... quando é demasiado, interpõe-se... ...pede-se à justiça para fazer alguma coisa.

D – Hmm hmm... Ah... E... Estavas, estavas a falar de... da rapariga ter sido bastante parva, não é...?

I – Sim...

D – ...ou estúpida, quando mandou as mensagens... porque é que tu achas que ela mandava as mensagens?

I – Eu acho que ela... ...aquele vídeo foi uma medida de desespero de ele tentar voltar para ela. Acho que foi mesmo desespero completo, e acho que... acho que ela se sentiu desesperada o suficiente para fazer isso! Pronto, eu nunca senti, graças a Deus, nem nunca quero sentir! Mas... acho que foi mesmo desespero.

D – E tirando, tirando essa situação com o teu ex-namorado, alguma vez recebeste, imagina, uma mensagem, ou uma imagem, de alguém a pedir-te coisas, ou a mandar-te coisas sem tu pedires, sem tu queres?

I – Não, não... não, não, não, não... acho que não...

D – E conheces alguém a quem já tenha acontecido uma situação dessas?

I – Ah... Não sei... se calhar, acho que a uma rapariga da minha escola, já chegou a... acho que um rapaz já chegou a mandar-lhe várias coisas...

D – Sim...

I – Era mesmo... era o que eu ‘tava a dizer, era mesmo stalker, acho que mandava mensagens e coisas assim, mas acho que ela depois conseguiu resolver o assunto...

D – Sabes como é que ela o resolveu, ou não te lembras?

I – Não sei, acho que ela falou com os pais, e com a escola, e tentaram... pronto, ela mudou de número, não deixavam dar o número ao rapaz e coisas assim do género...

D – E se alguém quisesse mesmo, mesmo, mesmo mandar essas mensagens, que tipo de cuidados é que devia de ter?

I – Que tipo de cuidados é que deve ter?... É... [riso]

D – [riso] Ou é só mesmo não o fazer e acabou a conversa?

I – [riso] Tipo... Se quiserem mesmo, mesmo, mesmo mandar, mandem e apaguem, não é guardar isso em todo o lado, como é óbvio...

D – Mas, quer dizer, como é que a pessoa consegue controlar que a outra pessoa apagou?

I – Pois, é mais complicado, como é óbvio. Mas se confia assim tanto na pessoa para lhe mandar, também tem que confiar que ela vai apagar.

D – Hmm hmm... Achas que essa situação da escola, que me estavas a contar, pelo que eu ‘tou a perceber, o rapaz não foi gozado...

I – ...não, não, não, não...

D – ...quem foi gozado, foi só a rapariga...

I – ...o rapaz não foi gozado...

D – Porque é que achas que houve essa diferença?

I – Porque há, há um duplo... um duplo padrão... há o ganhão e há... pronto, a [baixa a voz] puta.

D – Sim...

I – E... pronto, quando o rapaz come muitas é bué fixe, e “és tão bom”, quando uma rapariga come muitos, “és uma porca”... e acho que isso também está errado, está extremamente errado. Não que eu!... não que eu diga, “Ya, faz isso, come bués”, porque não! “Não faças isso, se, tipo, comes quem quiseses, mas calma’í!” Assim como digo ao rapaz, também, “Não faças isso”, como é óbvio. Mas acho que, que isso é um duplo prad[*sic*]... padrão que não devia existir, de todo.

D – Achas que se as imagens tivessem circulado, fossem dele, tinha acontecido a mesma coisa a ele?

I – [riso] Não, não...! De todo, acho que não, acho que tinham gozado com ele um bocado, “Eeeeh”, não sei quê... “Vi-te a bater uma”, não sei quê, mas... de resto, não havia mais nada. Nem corria a escola toda, provavelmente!

D – Disseste que essa rapariga fez isso por uma questão de, desespero. Ah... O teu ex-namorado, quando te mandava essas mensagens, também era por desespero, ou...?

I – Eu não sei!, eu acho que era desespero por necessidade... É, queria mesmo aquilo naquela altura e pronto... Não sei, acho que é um bocadinho falta de respeito... Ah... tanto que, tanto me pressionou a isso que eu acabei por fazer... e mais tarde houve conflitos e tudo... ameaças, porque eu não queria!... ah... e... não sei, acho que é... é falta de respeito, e muito desespero por alguma coisa física, muitíssimo desespero.

D – E achas que é só o desespero que normalmente está por trás dessas situações, ou... ou há mais alguma coisa?

I – O desespero e a necessidade. A necessidade, se calhar... não sei, parece que os rapazes têm mais necessidade do que quer que seja, e... pronto, se calhar as raparigas

também têm!... só que, não é... como é, também é mal-visto, as raparigas não mostram tanto isso, como é óbvio. Mas acho que sim... acho que era isso...

D – E ‘tavas a dizer que essas, essa, esse vídeo dessa tua ex-colega, se tinha espalhado pela...

I – ...pela escola, sim...

D – ...pela escola... Foi ele, foi só o namorado a mandar, ou depois as pessoas também mandaram...

I – ...o namorado mandou a uma pessoa...

D – ...umas às outras?

I – ...depois essa pessoa mandou a outras, outras, outras, outras, outras... escola inteira.

D – E as coisas espalharam-se...

I – Sim... Muito rapidamente.

D – Achas que as pessoas que mandaram as mensagens também tinham alguma coisa a ver com o assunto, ou também deviam ser responsabilizadas, digamos assim?

I – Eu acho que é como tudo, é o mesmo que eu contar uma cusquice a alguém, essa pessoa ir contar a outra, blá blá blá blá, pronto, aconteceu, acho que também não têm a culpa, não é?

D – Hmm hmm...

I – Não... não... acho que não devem ser responsabilizados por isso...

D – Hmm hmm...

I – Até porque, aliás, eu quando soube também contei à minha mãe, completamente à vontade... e a minha mãe ficou chocadíssima com o que a rapariga tinha feito!...

D – Pois...

I – ...como é óbvio, mas ela como também lida mais com crianças, e com adolescentes, pronto... sabia que aquilo acontecia.

D – Chegaste a ver o...

I – ...sim, cheguei, cheguei...

D – ...vídeo na altura?

I – Nós, acho qu’era... acho qu’era a minha turma toda a ver, no portátil. Aquilo era assim, corria as turmas todas...

D – Portanto, foi uma espécie de evento de grupo...

I – [riso] Foi, foi, foi!... Em que ‘tava basicamente tudo a olhar, tipo, “O quêeee?”.

D – E lembras-te do que é que sentiste na altura, que reacção é que tiveste?

I – Achei que tipo... na altura, fiquei com um bocadinho de nojo daquilo que ela tinha feito, e... fiquei com um bocadinho de pena dela, também, mas também achei um bocado estúpida por ter feito aquilo. Acho que foi as três coisas.

D – Portanto, foi nojo, pena, e achares estúpido.

I – E... exacto.

D – E... eu sei que já te perguntei isto, mas esse nojo, no teu caso em particular, e nessa situação em particular...

I – ...eu acho que era porque...

D – ...devia-se a quê?

I – ...eu acho que era porque ainda éramos muito novos. E ver uma rapariga tão nova a fazer aquilo... acho que foi por causa disso...

D – Hmm hmm...

I – Mas... agora, agora se eu visse isso, é claro que já não achava a mesma coisa, não é? Achava, “Ya, foste estúpida, ‘tavas desesperada”, mas já não achava um nojo.

D – Hmm hmm...

I – Pronto, toda a gente o faz.

D – Portanto, para ti, e no geral, tendo em conta não só este tema, mas aquilo tudo que temos estado a falar, a questão da idade é importante?

I – Para mim é, muito importante.

D – Tu mesma sentiste essa diferença, conforme ias crescendo, sentiste...?

I – Senti, senti, senti, senti que, se calhar, quando era mais pequena... ah... levava essas coisas mais, com mais leveza... mais leveza, ou mais... tipo... achava mais ridículo, se calhar, gozava mais, não sei... tipo, achar nojo...

D – Sim...

I – Depois comecei... a ser mais séria, se calhar, sobre isso... e agora, acho que já é um assunto completamente normal...

D – E... não, não sei se alguma vez chegaste a falar, por exemplo, sobre... quando tu contaste à tua mãe sobre essa questão do, do *sexting*, portanto a rapariga ter tido aquela imagem, aquele vídeo, a circular, ah... ela deu-te algum conselho, ou disse-te alguma coisa?...

I – Disse-me para eu não fazer isso, mas isso eu já sabia, como é óbvio! [riso] Ah... mas acho que... não... acho que nunca, nunca me disse nada acerca disso, ela sempre... sempre achou que eu tinha bom-senso [riso]!, por isso também nunca achou muita necessidade de dizer isso...

D – Sim...

I – E realmente a mim nunca me aconteceu nada do género!, porque eu tenho... pronto, tenho cabeça, vá lá, não é dizer mal dos outros, mas é dizer que tenho... estado de espírito necessário para não fazer o mesmo! Se calhar se eu tivesse também muito desesperada, numa situação daquelas – nunca quero estar! – se calhar, também podia fazer a mesma coisa, é claro... Mas espero ter o estado de espírito suficiente para não o fazer.

D – Claro... Achas que... também passa por, não sei, por os jovens, quando o fazem, ou essa rapariga quando o fez, se calhar ela não se apercebeu que o vídeo podia sair do controle dela?

I – Também, também, também... Provavelmente...

D – ...mas como é que se evita uma coisa dessas? Ou como é que se explica às pessoas que aquilo não fica ali, ou pode não ficar ali?

I – Eu acho que aquilo serviu de lição suficiente! A toda... a ela e a toda a escola, acho que serviu de lição. Acho que quando uma coisa dessas acontece, nós ficamos muito mais... *aware, our privacy*... acho que ficamos muito mais, daquilo que nos pode acontecer.

D – Achas que isso também fazia falta, falar desse tipo de coisas, por exemplo, nas aulas de Educação Sexual?

I – Sim, sim, sim, sim... a privacidade, é muito importante falar com eles, até porque eles vivem numa geração muito mais... computadores, muito mais telemóveis, ah... muito mais rápido acesso à internet, é muito importante falar disto, que... eles têm que levar a privacidade deles a sério.

D – Hmm hmm...

I – E não podem... levar na brincadeira... acho que é isso. Têm que aprender logo de pequeninos.

D – Desde pequeninos... Conheces algum, algum sítio, ou alguma instituição que dê esse tipo de formação e de apoio?

I – Eu acho, eu acho que nas aulas, nas aulas de Educação Sexual também nos chegavam a falar da segurança na internet, mas era mais do género de pedófilos e assim... porque nós tínhamos que nos proteger, não podíamos falar com desconhecidos, não podíamos marcar encontros com desconhecidos, esse tipo de coisas. Mas agora já vai mais também p'ra... p'rós telemóveis e p'á... p'á... p'á internet em si, p'ó partilhar...

D – Exacto... Ah... Dirias que... daqui a uns anos... vão surgir ainda, novos desafios e... quer dizer, onde é que achas que isto tudo vai parar, digamos assim?

I – Isso é muito complicado, muitíssimo, porque eu acho que nós temos cada vez menos privacidade, muito menos privacidade... acho que... os mais novos também vão incorrer em muitos, muitos erros, vai-lhes acontecer a mesma coisa, ou pior até, porque

agora ainda é pior, porque o mundo é muito mais globalizado, portanto aquela adolescente que se suicidou, nos Estados Unidos, porque passaram fotos delas [sic] nua, eu acho que é uma coisa cada vez mais extrema, já não é só a escola que sabe, é mesmo a vila inteira, a cidade inteira... o mundo sabe, e... acho que eles se deviam preparar para isso. É mais ou menos isso, é a globalização enorme.

D – Tu há bocado estavas a falar desse duplo padrão que existe: para rapazes é uma coisa, para raparigas é outra. Achas que é importante também falar disso?

I – Acho... acho qu'é o... não é ser rapaz e comer muitas que está certo, nem ser rapariga e comer muitos que está errado, é comer muitos. Quer dizer, se quiserem, façam! Agora, não 'tejam a... a dizer mal de uma pessoa, ou a... diminuí-la por fazer as escolhas de vida que faz! Eu posso achar errado mas não ando por aí a dizer "Ei, és uma vaca!". Como é óbvio, não chego ao pé de uma pessoa e digo-lhe isso! Mas um rapaz é completamente capaz de chegar ao pé de uma rapariga, que faz exactamente a me'ma coisa que ele, e dizer isso! E isso choca-me!, porque fizeram exactamente a mesma coisa, no entanto ele é garanhão e ela é outra coisa qualquer...

D – Exacto. Mas quer dizer, okay, tu não te chegas ao pé dela e não vais dizer "És uma grande vaca!"...

I – [risos]

D – ...mas achas que ela é uma grande vaca?

I – No fundo, no fundo acho que 'tar ali a... tão... por exemplo, da minha idade, e já ter corrido metade da escola acho que isso é... é... muito pouca preocupação com a saúde. Acho que sim, é muito muito perigoso, até porque hoje em dia nós somos... Pá, é tipo, bebo do mesmo gargalo que uma, bebo do mesmo gargalo que outra, como do garfo dela, também acho que isso é super perigoso e nós não nos apercebemos disso... E mesmo eu, incorro nisso...

D – Sim...

I – ...sem me aperceber, muitas vezes! E... depois, ela come deste, ela come do outro, eh, eh, eh, eh, depois chega a alguém que eventualmente tem alguma coisa!...

D – Exacto...

I – Tanto que o herpes é uma coisa agora tão comum, tão comum – eu nunca apanhei, graças a Deus – mas... pronto, é uma coisa... e acho que essas raparigas, e esses rapazes, deviam ter cuidado, imenso cuidado com aquilo que fazem, porque não conhecem assim tão bem as outras pessoas.

D – Okay... Pronto, olha, não sei se te lembras de mais alguma coisa que aches importante, e que eu não tenha perguntado...

I – ...não sei, eu lembro-me... eu acho que lembro-me que tu puseste lá também comunidade LGBT, não foi?

D – Hmm, isso vem na parte do activismo, digamos assim...

I – ...do activismo, não era? Pois.

D – Ou seja, se já tiveste, ou se já fizeste alguma acção que envolvesse, por exemplo, coisas sobre LGBT, sobre a comunidade LGBT...

I – Eu acho... eu acho que nunca... nunca fiz, mas acho que já vi. Lembro-me de termos falado disso nas aulas, e... tudo o resto. Acho que... eu não sou m... fui extremamente liberal... na boa, mas... conheço imensa gente que não é capaz de aceitar, que acha que é um nojo, ou que acha que é o que quer que seja, que eu acho que é uma... é completamente estúpido, não... acho que não têm o direito de dizer isso sobre qualquer outra pessoa, nem têm o direito de... questionar as escolhas deles, mas... sim, sim, mesmo da minha idade, da minha geração, também é muito, muito, muito retardada nesse aspecto...

D – E o que é que achas que é possível fazer para tentar mudar isso?

I – Exemplos, muitos exemplos, na frente deles! [riso] Para eles perceberem, não... É normal, okay?! Não faz mal nenhum a ninguém! Pronto, e acho que há mui... imensos casais, hoje em dia, que estão a dar o exemplo, e... estão a passar a mensagem perfeitamente.

D – Achas que estes assuntos são importantes?

I – Muitíssimo importantes.

D – E é preciso falar mais sobre eles?

I – É preciso falar mais sobre eles porque nós vivemos num mundo, apesar de tão global, muito fechado sobre si mesmo, muito retrógrado, especialmente aqui em Portugal. Somos muito, muito retrógrados... não é, por exemplo, como os Estados Unidos que há tipo um extremo, e há outro extremo... por exemplo, no Texas, é completamente... com, não, não podes ser homossexual, enquanto que nos Estados mais do norte, se calhar, são muito mais liberais...

D – Hmm, hmm...

I – E aqui em Portugal, acho que somos um país... apesar de com alguns liberais, mais ainda um país muito retrógrado, nessas coisas. E acho que devia falar-se disso mais abertamente.

D – E... achas que isso afecta especialmente os jovens, ou menos os jovens, ou...?

I – Apesar de tudo, acho que sim, acho que afecta imenso os jovens, porque... Eu conheço imensa gente da minha idade, que acha que... é anti-natura, e tudo o resto... e eu às vezes apetece-me chegar ao pé deles e “Não é!... É normal, parem de dizer essas coisas!”, e acho que os jovens... apesar de tudo, continuam a... a pensar muito assim.

D – Pronto, olha, é mais ou menos isto. Queria-te só perguntar se, se gostaste de participar...

I – ...sim, sim, sim, sim, sim, sim!...

D – ...se gostaste da conversa, e, e queria-te perguntar mais uma coisa, que era: o que é que te motivou a queres participar no questionário, e depois na entrevista.

I – Eu, no questionário, já não me lembro sinceramente quem é que me pediu p’a o preencher, acho que foi alguém... numa universidade que pôs aquilo e pediu para preencher, e eu preenchi!, tudo bem...

D – ...viste no Facebook?

I – Provavelmente.

D – Sim.

I – Eu preenchi, tudo bem. E depois, gostava... não me importava de fazer uma entrevista, era p'a ajudar, 'tou completamente disponível. E... acho que foi mais ou menos isso. Sabia que era preciso, pronto...

D – 'Tá bom. Okay, pronto. Basicamente é só isso, obrigado!

ANEXO 41

Entrevista 002 – 05/06/14

Respondente: Beatriz, 20 anos, género feminino; estudante que vive em Lisboa

Local: *El Corte Inglés*

Daniel – As minhas primeiras perguntas vão ser mesmo sobre a questão do acesso à internet. Tens internet em casa?

Beatriz – Sim.

D – Ah, como é que costumas aceder?

B – Ah, computador próprio.

D – Computador próprio... é portátil ou é desktop?

B – É portátil, é portátil...

D – É portátil... e quando estás a aceder, normalmente estás num espaço só teu, privado, ou...?

B – Sim... No quarto...

D – No quarto... Okay... Ah... E no telemóvel, costumas aceder?

B – Costumo... por norma, quando não estou em casa. Ou então quando o computador não está ligado.

D – Okay... Tens pacote de dados ou é só mesmo por wireless que acedes?

B – Ah, eu acho que tenho... deve ser pacote de dados, porque posso... ...exacto, posso aceder...

D – ...à vontade...

B – ...à vontade.

D – Okay, está bem, pronto: era isso. Em relação a procurar informação sobre saúde sexual e sexualidade na internet, não sei se conheces alguém que já o tenha feito, alguém que já tenha dito “Fui à internet à procura de informação”...

B – Ah... N... não... mas deduzo que muita gente já o tenha feito. [sorriso]

D – Okay... e tu já alguma vez o fizeste?

B – Já.

D – Lembras-te em que situações é que foi?

B – Sim... Ah... Ao longo, ao longo... assim, da adolescência... ah...quando as pessoas têm dúvidas, confusões... ah... Ou então mesmo só curiosidades...

D – Okay... Lembras-te de algum tema específico?

B – Sim, sim... Assim, um tema específico, foi... ah... quando... pronto, a homossexualidade era considerada uma doença... ah... aquela altura em que deixou de ser... lembro-me de pesquisar... a parte histórica, sobre isso.

D – Hmm hmm... e na, na altura, o que é que te levou a pesquisar sobre isso?

B – Ah... pronto, dúvidas minhas... e... também... ...eu, eu agora não tenho a certeza se foi isso, mas lembro-me que foi dúvidas e acho que foi alguma coisa, ou p'rá escola, ou p'ralguém que tinha que ver com a... não com a... com a Organização Mundial de Saúde, mas com aquela coisa americana...

D – ...A American Psychology Association...

B – ...qualquer coisa assim, sim...

D – Hmm, okay... Ah, e é, é costume, por acaso, os teus amigos ou os teus colegas virem ter contigo para te perguntarem coisas sobre esse tema, ou já foi costume?

B – Hmm... não particularmente, mas por vezes temos conversas, sim...

D – Essa busca que estavas a dizer que fizeste, sobre a questão da despatologização da homossexualidade, foi há quanto tempo, mais ou menos?

B – Ah... a primeira vez assim que fiz por alto, foi aí... teria uns 14 anos, portanto há uns seis anos. Mas... é uma coisa que eu vou fazendo porque há sempre coisas novas a aparecer sobre isso.

D – Okay. Portanto, vais-te mantendo actualizada sobre o assunto?...

B – Sim... tento, tento!...

D – E, e para ti a internet é importante para esse aspecto?

B – Foi o único meio...

D – Foi o único meio...

B – ...com informação disponível.

D – Em, em casa, com a tua família, não costumam falar sobre isso, ou falam, como é que é?

B – Podemos, podemos falar, se quisermos... mas é mais fácil... quer dizer, ah... na internet há mais informação, não é?...

D – Hmm hmm... E quando vais à internet...

B – ...coisas mais particulares...

D – ...à procura de informação, como é que fazes para distinguir a informação que é mais credível, menos credível?...

B – Ah... tenho, tenho dificuldades... mas... ..tento ver dos dois lados da moeda, ou seja, pesquiso por norma na internet... ah... ou tem, aah... um lado ligado a estes grupos... recentes!... LGB... LGB...T... ah... aquelas redes...

D – Sim...

B – ...Pronto. E... depois tem outros lados, não é?, muitos sites brasileiros, ah... fanáticos, de religiões que eu nem sei bem se são religiões ou se são seitas...

D – Sim...

B – ...E tento ver de cada lado, o que é que cada um diz e chegar a um consenso, mais ou menos.

D – E há por acaso algum site em particular que tu uses e que saibas, okay, daqui vem informação específica, que está correcta?

B – Não... não, não, nunca consegui essa confiança...

D – ...usas o Google?...

B – ...eu uso o Google e... e tento, e tento ver, tento procurar o mais, mais possível.

D – Okay. E na escola, por acaso, quando estavas no, no secundário...?

B – ...no liceu?...

D – ...sim...

B – Ah... no liceu... eu andei... eu andei num... num liceu católico... portanto... havia, podia-se, podia-se conversar sobre isso, os professores eram disponíveis... ah... mas... nada de... de particular.

D – Hmm hmm... Há várias escolas em que há actividades em que se chama uma enfermeira, ou um psicólogo, ou um médico, para vir à escola falar sobre isso especificamente. Nunca aconteceu nada disso na tua escola?

B – Ah, não... não, não... lá, quem quisesse falar, dirigia-se ah... podia-se dirigir a qualquer professor, ou a qualquer padre disponível, e... sei lá...

D – Imagina que, por exemplo, te pediam a ti para organizar isso numa escola; como é que tu fazias?

B – Ah... ..n... não sei bem, não sei bem... ah... ..bem, tentaria... alguém, alguém da parte da Medicina...

D – Sim...

B – Um médico... agora, não sei que médico...

D – Sim... pronto, mas chamavas um médico...

B – ...um médico...

D – ... e chamavas mais alguém?...

B – ...pelo menos... Ah... talvez, psicólogo... mas, mas, ora, aí está, aí é uma dificuldade, porque cada psicólogo tem a sua crença, e depois... ah... depois dependendo se, se a escola fosse laica, ou não; se fosse laica, médico, psicólogo, no máximo... se fosse d'alguma religião... ou padre, ou outra coisa qualquer, que fosse, pronto...

D – Não sei se tens amigos ou amigas tuas que, por acaso, têm mais dificuldade em falar com a família, ou em falar com os professores, tens?

B – Tenho, tenho, tenho...

D – E nesses casos, achas que a internet ajuda, em termos de fornecer informação?

B – Fornece informação, mas não sei se... ajuda a própria pessoa, não é?

D – Porquê?

B – Porque, ora aí está, a pessoa tem a informação, mas... pode... não... ...pode não confiar, no fundo...

D – Hmm hmm...

B – E os pais, ou os amigos, nós confiamos mais, não é?, está mais perto.

D – Sim... E... E o que é que achas que pode ser feito, por exemplo, para tornar a informação mais confiável, ou para passar melhor a informação aos jovens?

B – ...Para ser mais confiável... Tem de ter... mais informação [riso]. Não sei... Ah... Aquilo... portanto... aquilo que vem escrito não pode ser tão... ah... opinatório [*sic*]...

D – Hmm hmm...

B – Tem que ter mais números concordantes, por exemplo, se falam numa reunião que aconteceu lá nessa... associação americana... dos psiquiatras, ou da medicina... dizem

que foi no ano... 1976, parece-me... depois na página a seguir, já não podem dizer que é 77!... coisas assim.

D – Sim...

B – Pronto...

D – E... o que é que... quer dizer, se essa informação, assim de repente, por magia, desaparecesse da internet, achas que fazia alguma diferença, ou nem por isso?

B – [estala a língua] Ah... fazia, fazia... fazia... há muita gente que procura, e acho que fazia, acho que há... acho que haveria pessoas que... ...ficariam com problemas, porque não sabiam onde se dirigir [riso]; e acho que... acho qu'era mau.

D – Achas que a escola consegue dar a informação suficiente sobre isso?; e a tua experiência daquilo que aconteceu contigo na escola, achas que foi suficiente para ti, ou não?

B – Não foi, mas ora aí está: eu não procurei. Acho que se eu tivesse perguntado mais, e tivesse tido coragem, se calhar teria sido suficiente... E mesmo os pais, acho que é essencial, as pessoas poderem falar disso na família, até mais do que na escola.

D – Estavas a falar em coragem. Houve alguma situação em que tu tenhas querido perguntar alguma coisa e sentiste que não tiveste coragem?

B – Ah... Sim, sim, sim!... numa situação ou outra, especialmente quando nós somos mais novos, não é? Que valorizamos mais as coisas... achamos que é tudo muito grande. Ah... 'tou aqui a pensar... sim, sim... mesmo... na... aconteceu-me isto na escola...

D – Sim...

B – Ah... Sim, posso ter querido perguntar...sei lá, por exemplo a idade normal para iniciar a vida sexual, coisas assim desse género... e acabei por não o fazer. Depois mais tarde fiz!, mas nessas alturas não fiz, e com... com 14 ou assim...

D – E em casa, tiveste também esses problemas de falta de coragem, para usar a tua expressão?

B – Ah, sim, sim, sim, sim, sim... sim, sim... Mas, ah... não que os meus pais não me tivessem preparado, nós é que achamos que... não estão, ou é os pais, é uma figura de autoridade e... são tão, tão próximos que nós temos vergonha de... às vezes, de chegar a eles.

D – Sim... Ah, agora a outra parte, que tem que ver com grupos sociais, ou redes sociais...

B – ...sim, sim, sim, sim...

D – ...em que estejas, ah – não sei se tens Facebook, ou...

B – Tenho Facebook, ah... tenho um blog... e não tenho Twitters e essas coisas, e... fotografias, Instagrams e não sei quê, não tenho nada...

D – Isso não tens... E participas em algum grupo, por exemplo, de activismo, ou algum grupo mesmo focado em discutir questões LGBT, por exemplo?

B – Não, não, não...

D – E conheces alguém que faça parte desses grupos?

B – Bem... co... conhecer, sim; amizades... assim, próximas, não... mas conheço, conheço.

D – E há alguma razão em particular p'ra não fazeres parte desses grupos, ou simplesmente é um tema que não te interessa?

B – Não...! O tema interessa-me, ah... as redes... pronto, como não, não me identifico com muitas coisas... ah... que, que, que estão disponíveis nos sites, por exemplo, uma rede que é a Ex... Ex... Aequo...

D – Sim, sim, sim...

B – ...é um site que eu já, já vi... devo dizer que vi do início ao fim, não, não me identifico muito com o que leio, então não, acabo por não pertencer...

D – Não te identificas a, a que nível?

B – Ah, certas... certas opiniões, não digo informação, dados, digo mesmo opiniões sobre ah... sei lá...

D – Consegues dar-me um exemplo?

B – Ah... ...Acho que, não tenho a certeza se foi nesse, mas por exemplo... “contar aos pais que sou homossexual”... Ah... como contar... como... ...”sou homossexual, como é que conheço alguém que também seja?”, pronto...

D – ...sim...

B – ...acho isso um pouco estranho, não é? Porque... da mesma maneira que uma pessoa que não se considere hom... homo... hom... homossexual, acho que... não acho bom vá para a internet perguntar como é que conhece alguém... hmm... é estranho, pronto, para mim! Também acho estranho que... que um homossexual o faça... não por ser homossexual em particular, mas por ser essa maneira de viver a... a... a sua vida, o amor, a sexualidade, são duas coisas ligadas...

D – E achas que uma pessoa homossexual tem a mesma facilidade que uma pessoa não-homossexual em conhecer alguém?

B – Nada... é muito mais difícil, é muito mais difícil, até porque nós, não, não se vê, não se vê!, por isso, eu não sei... se a pessoa é, se não é... se eu sou... quer dizer, a outra pessoa não sabe se eu sou, se não sou, portanto têm mais dificuldade, daí se calhar depois terem necessidade de procurar esses grupos, não é?

D – Hmm hmm... portanto, tu achas que no fundo esses grupos podem ajudar com essa questão da procura?

B – Ah... Sim... ..E... Esses grupos facilitam, facilitam, a procura, sim...

D – Ah, e tu costumavas falar desse tipo de assuntos, seja... quem sabe, seja homossexualidade, sejam outras coisas: discriminação sexual, discriminação de género... costumavas falar com os teus amigos?

B – Sim, sim, sim, bastante, bastante, com um grupo de amigos, ah... próximo, sim. Sim... discriminação... ..sim, igualdade de género...

D – Normalmente, do que é que falam?

B – Ah... bem, dos temas... mais agora que ‘tão mais em... em voga, não é?, e em nota... aquilo agora, agora tem sido da adopção, ah... da co-adopção por parte... de casais homossexuais... de discriminação de género, naquele artigo da Constituição, nº. 13, etc, etc... Ah... Coisas assim, que vêm... nas notícias, ou assim...

D – Tu achas que... fazia falta, ah... a existência de mais grupos organizados desse género, como a Rede Ex Aequo de que falaste agora, ou achas que isso no fundo não, não, não faz grande diferença?

B – Isso... realmente... não sei... Não sei... Não sei mesmo qual é o impacto... real, ah... na sociedade... Parece muito grande, não é?, porque está na internet, agora não sei... não sei mesmo qual é o impacto que tem, não sei se fazia muita diferença.

D – Ah, em relação ao... ao outro tópico, ah, conheces alguém que já te tenha dito, mesmo pessoalmente, ou que tenhas visto, a, a ver material erótico ou pornográfico, na internet?

B – Se conheço alguém...

D – ...que já o tenha feito...

B – ...que já o tenha feito?... ..Ah... Agora estou aqui...

D – Eu tive, por exemplo, pessoas a dizerem-me no questionário que, às vezes, havia grupos de amigos que se juntavam e viam pornografia, por exemplo...

B – Ah, não, não... Isso realmente, não...

D – E situações, por exemplo, com... sei lá, estás num site perfeitamente normal, e de repente aparece um pop-up... com, de publicidade...

B – Isso acontecia-me mais... Sim, de, de... ...de... sim, sim... mas eu, eu... isso, ultimamente nunca me aconteceu, assim nos... nisso, dos pop... dos pop... dos pops-ups [*sic*], ah... [estala a língua] Mas há mais anos, era muito frequente esse género de... de anúncios, mesmo... que isso são, são anúncios...

D – Exacto...

B – E sei que... Aliás, e lembro-me de ser... p'raí quê?... nem doze anos tinha, usava o computador de família ainda, e ter carregado, mas ter carregado sem querer, sei lá, na... eu usava... aquilo 'tava lá a fazer um jogo no Sapo... carreguei naquilo e depois apareceu uma coisa e depois carreguei na cruzinha e aquilo não desaparecia... “Mãe, mãe, apareceu aqui uma coisa!” [risos] Bom, a confusão...

D – E tu... ainda te lembras do que é que sentiste na altura?

B – Sim, lembro-me. Foi muita aflição, não é? Então, porque eu 'tava ali a fazer o meu jogo, aquilo apareceu e eu carreguei sem querer... depois não conseguia apagar e eram imagens... violentas!... ah... quer dizer, uma coisa são pessoas nuas, outra coisa... era aquilo, quer dizer... já nem me lembro bem, bem, mas lembro-me que era muito violento. Sim...

D – Portanto, ficaste incomodada...

B – Foi, fiquei, fiquei... Na altura sim...

D – Mas depois, paraste de jogar aquele jogo, mudaste de site, ou...?

B – Ah... não... ah... foi mesmo uma situação pontual... portanto, era Sapo, apareceu a janela, depois noutro dia já não... ou não apareceu, ou já, já, eu consegui não carregar naquilo, ou o que é que foi.

D – Disseste que tem aparecido cada vez menos, és tu que fazes alguma coisa p'ra aparecer menos...

B – ...não...

D – ...ou achas que é por acaso?

B – Acho que não fiz nada... ah... o meu uso normal nunca... sei lá, o que é que eu uso? É o email, o Facebook... e o Blogger, portanto, não, não, não aparece nada, portanto...

D – Okay... E alguma vez alguém, um amigo teu, por exemplo, ou um colega teu, te contou alguma história de ter visto alguma coisa que o tenha feito sentir-se incomodada ou incomodado com aquilo que viu? Sei lá, uma experiência parecida à tua, por exemplo?

B – Ah... Talvez... talvez... sim, às vezes assim em grupo uma pessoa, já falámos... ah... sim... ter... aliás, ter aparecido na janela uma coisa... muito escabrosa, e coisas assim, mas situações pontuais.

D – E as pessoas contam o quê? Que ficam incomodadas com aquilo mas depois passa, ou... ou aquilo fica, ficam a remoer naquilo?

B – Hmm... não, acho que contamos só mesmo numa lógica de brincar com a situação, acho que ninguém fica muito tempo a pensar naquilo... às vezes lembram-se porque há situações realmente... desagradáveis, não é?...

D – Sim... Ah... O que é que achas que pode fazer com que uma situação dessas seja desagradável?

B – Bem... Eu, eu falo por mim, eu, eu não... eu não gosto de ver cenas de sexo explícito, não é?... incomoda-me, pronto... ah... e... e acho que há pessoas que podem ser... até muito mais susceptíveis, e não gostar... especialmente... parece que não dignifica muito a pessoa, há, há, há cenas e imagens, mesmo em certos filmes, que não, não dignificam muito as pessoas...

D – E essa questão da dignidade é a razão pela qual te incomoda?

B – Hmm...

D – Ou há mais alguma coisa?

B – Não... Acho que não... acho que não fico à vontade com o facto de... de ver... de ver pessoas que eu não conheço... nuas... ah... só isso... acho que... acho que ninguém fica muito à vontade com isso... ah... e, e... depois, é... é estranho, cenas estranhíssimas...

D – Como o quê, por exemplo?

B – Sei lá... ...Agora ‘tou aqui a tentar... vi um filme, no outro dia, com uma amiga... o que é que era?... ...não me lembro... uma alemã... ah... de uma alemã que lia livros... a um miúdo mais novo, assim uma mulher maior de idade, e ele menor... não sei se...

D – ...não ‘tou a ver...

B – ...pronto... ah... e era, era assim, pronto, eles mantinham uma relação que não se percebia se, se se conheciam sequer, mas tinham relações sexuais, e o filme mostrava aquilo de uma maneira como se fosse uma coisa... normal, como ir à casa-de-banho... que é uma coisa natural, não é?, mas que nós não fazemos... como se... não fosse nada...

D – Mas há pessoas que vêem pornografia, e gostam de ver pornografia... Porque é que achas que essas pessoas gostam de ver pornografia e não têm a mesma reacção que tu?

B – Acho que... acho que essas pessoas já terão tido essa reacção, mas habituaram-se... Agora, aí está, a pessoa, aquilo que... todas estas cenas que nos chocam, repelem, mas por outro lado provocam curiosidade, acho que isto é... para toda a gente, assumo isto. E acho que pessoas até, que ficam viciadas em, em pornografia, acho que terão tido isso, e eventualmente deixam de ter pelo, pelo hábito. ...pelo hábito... ...e curiosidade...

D – Mas achas que as pessoas que vêem pornografia porque querem, ou porque vão à procura dela, acabam sempre por ficar viciadas nisso?...

B – Não. Não, não, não... acho que não... Há, ah... digo que não, porque... ora aí está: sei que há pessoas mesmo viciadas, vê-se em documentários, ah... como dro... não é drogas, vá, como jogo, por exemplo, que também há, e ora aí está, muita gente joga e não fica viciada, então acho que há pessoas mais susceptíveis, se calhar pessoas que, pronto... ...são... mais... como é que se diz?... mais propícias a... aquelas coisas da gratificação imediata!... não sei... mais susceptíveis a isso...

D – E porque é que tu achas...?

B – ...ao vício...

D – ...Porque é que tu achas que as pessoas fazem filmes pornográficos? O que é que, o que é que, na tua opinião, motiva as pessoas para ir trabalhar para essa indústria?

B – [riso] Os próprios actores, ou...?

D – Os próprios actores.

B – Ah... Olha... acho que... uns deve ser dinheiro, deve ser desespero por dinheiro. Porque acho que pagam bem, pelo menos devem pagar... bem... ah... e... pronto, se calhar também há pessoas que têm muito gosto pela, pela actividade, e que lá fazem, mas... mas eu acho que deve ser dinheiro, mesmo.

D – E achas que as pessoas se sentem bem a fazer aquilo, ou...?

B – Hmm, não sei, não sei... Acho que se calhar umas sim, se calhar outras não, outras nem pensam, porque é melhor nem pensar...

D – Hmm hmm...

B – Não, não, não sei, não, não, não posso saber...

D – Achas que se consegue aprender alguma coisa a ver filmes pornográficos, na internet?

B – Devo dizer que eu nunca vi nenhum filme pornográfico, na internet, nem fora da internet. Se se aprende... ...não sei bem, quer dizer... as pessoas podem ficar com mais ideias, mas se aprendem sobre... hm... não sei... aprender, aprender, não, mas podem ter mais ideias... Ou p'rás suas vidas, ou sei lá... Não sei...

D – E achas que se desaprende alguma coisa, ou que há algum problema que pode vir de as pessoas verem?

B – Talvez, talvez! Pode, pode parecer banal, aquilo que fazem, por norma... Ah, podem, depois, ficar sempre aquém daquilo que elas imaginam... talvez, isso isso, talvez, eu [ininteligível] mais nisso...

D – E achas que... essa experiência é igual para rapazes e para raparigas, por exemplo?

B – Hm... ...boa pergunta, bem, isso, não, não, não sei... não, não... posso saber, mesmo.

D – E nunca tiveste, sei lá, ah... algum... rapaz, teu amigo, ou alguma rapariga tua amiga, a comentar a experiência de ter visto alguma coisa?

B – Não, não, isso nunca... Nunca ninguém me comentou...

D – Ah, e uma... imagina que alguém vinha ter contigo e te contava: “olha, eu vi isto assim e assim, e senti-me mal com aquilo que vi, e não, não, não me estou a sentir bem”...

B – Sim...

D – Que recomendações é que tu darias, a essa pessoa?

B – Ah... bem, dizia “Sentiste-te mal... não vejas mais!” [risos] Ah... E... tentar fazer a sua vida normal, se acaso... se persistisse, se fosse uma ideia recorrente que lhe provocasse angústia, teria que ir a um médico, a um profissional de saúde!... Eu se... quer dizer, pode haver pessoas que ficam com ideias muito... não é?

D – Okay...

B – A vida normal, à partida, faz-te essa imagem... olha a mim afastou-me daquela coisa que me apareceu lá no... no jogo do Sapo, ou lá o que é que foi...

D – ...Mas ainda te lembras.

B – Lembro, mas não me consig... Sei que foi uma coisa muito chocante, mas não me lembro... mesmo, mesmo, do que é que foi, pronto.

D – E, e achas que... depois, mais tarde, esse, esse acontecimento na tua vida te marcou de alguma maneira, ou te impediu de fazer alguma coisa?

B – Hmm... Não, acho que não, acho que não...

D – É assim, em Portugal, pelo menos, ah, supostamente, de acordo com a lei, é preciso ter os 18 anos para vermos esse tipo de, de material. Qual é que é a tua opinião em relação a essa limitação?

B – É... uma opi... é... olha... ah... é... a opinião é... Não acho mal. Não acho mal... Ah... É normal haver limites de idade p’a, p’a consumo de coisas, não é? Ah...

D – E 18 anos parece-te uma boa idade para isso?

B – É a... é a maioridade, portanto, sim, acho que sim, acho que sim...

D – Mas por exemplo, ah, a idade de consentimento... é menor do que a idade para ver imagens sexuais.

B – É, consentimento não sei se é 13, se é 14.

D – Depende um bocado das situações, pode ser 14 em alguns casos excepcionais, a maior parte das vezes é por volta dos 16.

B – Porque... não, porque os 13... ah, portanto, a lei penal, não é?, ah... faz aquela distinção muito clara... até aos 13 é considerado criança, a partir dos 13 não é, por isso eu ‘tava aqui a pensar... Mas na lei civil, são os 16 anos, e os 14 para o casamento. Portanto eu diria que os 14, 13, 14, é capaz de ser uma idade... os 14 são capazes de ser a idade mais... ah... marcante, para o consentimento. Agora... ...não sei.

D – Porque é que achas que há essa distinção entre 14 anos para fazer mas 18 anos poara ver?

B – Talvez porque... lá está, uma coisa é a própria pessoa decidir, e... corre o risco, e... toma a sua decisão. Outra coisa é, é estar tão disponível e ser tão fácil de aceder, que quase que... os outros é que são responsáveis, e não ela. É isso que eu sinto...

D – É assim, houve várias...

B – ...a internet e estas coisas, são, são muito fáceis, qualquer miúdo, qualquer pessoa chega lá.

D – Exacto... Houve várias pessoas que já me falaram de situações em que, por exemplo, lhes puseram imagens à frente, um colega na escola, ou não sei quê, chegou e “olha, vê lá isto”, e o vídeo de repente abre e a pessoa é confrontada com aquilo. Alguma vez aconteceu alguma situação dessas contigo?

B – Ah, de situações de quê?, de...

D – De um amigo teu, ou de uma amiga tua, “olha, vem cá ver uma coisa”...

B – ...sim...

D – ... e de repente aparece uma imagem pornográfica à frente.

B – Ah, imagens pornográficas...!

D – ...sem tu saberes, sequer.

B – Não, não, não, não... Mas eu acho que isso é capaz de acontecer mais é entre rapazes... Ah... os rapazes, acho que... agora ‘tou-me aqui a lembrar no liceu, uma vez, sim, sim... andavam lá de volta de um... um vídeo qualquer, com... uma, uma rapariga... uma se... não me lembro bem... uma, uma portuguesa, já nem me lembro, foi assim uma coisa, e andavam e riam-se, mas nós, nós, não víamos nada disso...

D – Vocês, as raparigas?

B – Sim, nós raparigas, não. Era uma brincadeira deles, não sei o que é que...

D – E eles não tentaram mostrar-vos, nem nada do género?

B – Não, não, não, não... era mesmo entre eles, nem, nem... nem queriam, nem nos queriam perto.

D – E por exemplo, em relação ao envio de mensagens de telemóvel; sexuais, seja só texto, seja com imagens também, aquilo a que agora se chama o *sexting*...?

B – Pois, já ouvi falar...

D – Não sei se já alguma vez ouviste falar mas de uma situação que tenha ocorrido ao pé de ti?

B – Pois... Ah... não. Eh... sei de uma situaç... Ah... Não... Assim muito próximos, amigos próximos, não, e eu própria nunca... nunca tive... essas coisas... não. Ah... mas... houve uma situação em... com umas raparigas, que até saiu num jornal, que fizeram, umas fotografias... de carácter erótico... e que depois, andaram aí a circular, agora, assim... coisas... assim de um para um, de mandar texto ou mandar imagem, não conheço nada...

D – E coisas que tenham andado a circular por exemplo na tua escola, não sei se alguma vez aconteceu?

B – Na minha escola em particular, não. Mas num... no meio onde eu... estava... ah, sim, ora aí está, essas fotografias de raparigas... eu nunca cheguei a ver, mas sei que muita gente viu, ah... pronto, lá está, ‘tavam, ‘tavam nuas, não é bem estar nuas!, estavam nuas em posições não muito dignificantes...

D – Sim...

B – E... e pronto!, e... aquilo circulou, e os próprios pais vieram a saber... o... o pai de uma das raparigas que estava mais exposta, recebeu uma imagem no seu telemóvel, da filha, no... no Natal, a dizer “Feliz Natal”, uma mensagem anónima, que foi uma coisa... de péssimo tom, não é?

D – E sabes algum detalhe, ou seja, porque é que elas mandaram aquelas imagens, quem é que as distribuiu?

B – Sei, sei... Ah... portanto, elas tinham um grupo privado no Facebook, como nós temos muitas vezes, com os nossos amigos mais próximos, partilhavam as fotografias... e... conta-se que o namorado de uma delas acedeu ao grupo, depois zangaram-se ou não sei o quê, e espalhou... mandou a uma... mandou, mandou a não sei quem, já... toda a gente sabia que aquilo andava a circular, foi... ficou descontrolado.

D – E o que é que lhes aconteceu a elas?

B – A elas? A elas o que aconteceu foi que passaram uma grande vergonha, pronto... mas... passaram uma grande vergonha, os pais ficaram muito aborrecidos, não é? Nenhum pai nem nenhuma mãe gosta de ver os, os filhos naquelas... preparos, por todo o... por todo o lado, não é? [riso]

D – E aos rapazes, ou rapaz, que ‘teve envolvido nisso?

B – Ah... bem... o rapaz, levou uns tareões, com certeza... dos amigos, e de... pronto... e também, uns achavam que era um herói, outros achavam que era o... o vilão, assim... de lei, não aconteceu nada, mas foram ameaçados.

D – Foram ameaçados por quem?

B – Pelo pai... ou pelos... pelo menos por um pai de uma dessas raparigas.

D – E tu lembras-te, na altura, do que é que tu pensaste sobre a situação, ou qual é que é a tua opinião agora?

B – Pensei... bem, na altura pensei “que aflição!”, que já não basta a pessoa faz aquilo, tudo bem, com as amigas, descontraído, mas meter na internet!... no Facebook, mesmo que seja um grupo privado, achei um risco imenso!... E depois pensei, “é uma, é uma grande vergonha”, para, para elas... para mim tanto... tanto se me dá, mas para a própria pessoa deve ser horrível.

D – Claro... Ah... E, quer dizer, estavas a dizer que era um grande risco... Achas que há alguma maneira de evitar esse risco, ou é só mesmo não o fazer e acabou?

B – Isso nem sei... Ah... Ui!, quer dizer, a melhor maneira de evitar é não fazer!, sem dúvida... mas... É capaz de haver maneiras de controlar o acesso... quer dizer, como é que aquele rapaz entrou no... terá visto a password, não sei... ou sabia, pronto, só se for dessa maneira, mas... mas, não sei... há muita gente que acede às páginas de Facebook... os *hackers* e não sei quê, e conseguem, mas... há maneira de controlar isso, mas eu não percebo... disso, portanto...

D – Claro... E, por exemplo, troca de mensagens de telemóvel, às vezes entre namorados, ou namoradas, ou não sei quê... achas que também tem o mesmo risco do que pôr as imagens num grupo no Facebook, ou tem mais risco, ou menos risco?...

B – ...na inter... ora aí está, na internet, é sempre pior, não é? Porque é, é mais fácil... sempre p'ra mais gente logo, mais depressa. Mas, se se mandar para o namorado e o namorado puser na internet, vai dar ao mesmo! Portanto...

D – Exactamente... E portanto, se alguém viesse ter contigo e te perguntasse, “Ah eu queria mensagem assim um bocado mais privada”...

B – ...sim, sim, sim...

D – ...”para alguém, como é que eu faço?”, o que é que tu respondias?

B – Ah... “Não mandes, qu... queres mostrar, mostra, não mandes, não mandes nada”, dizia para não mandar.

D – O que é que achas que leva estas pessoas a mandar estas mensagens?

B – Não sei... Talvez um bocadinho o risco... não é o risco, é... Não sei bem... É uma coisa, pronto... nunca pensei muito nisso, ah... talvez se... querem agradar, às pessoas que gostam, não é? ...Pronto, e ‘tar mais perto. Se calhar não ‘tão juntas, portanto podem fazer aquilo... Embora haja pessoas que até, tendo relações próximas, e... vão, vai, vão p'ra casa, vai outra, no dia a seguir até se vão ver e mandam, por isso!... não sei bem, não sei bem...

D – Achas que é mais uma coisa que as raparigas fazem, que os rapazes fazem...?

B – Acho que deve haver muitas raparigas que mandam para os rapazes, os, os namorados são capazes de mandar menos p'ra...

D – ...para elas...

B – ...para elas. Acho que... acho!, quer dizer, não sei...

D – Okay... Ah, pronto, é assim, já estamos sem tempo, já só... já passaram 31 minutos, [riso].

B – Dá... mais 15 minutos, dá, mais do que isso é que não...

D – Okay, okay. Pronto, eu também não te quero atrapalhar...

B – Eu é que não me lembrei, que tinha aqui esta...

D – Não faz mal, não faz mal! Não há problema nenhum. Ah, eu queria só mesmo perguntar se gostaste de participar, na entrevista e no estudo?...

B – Sim, sim, sim!

D – ...E, gostava de te perguntar o que é que, o que é que te levou, o que é que te motivou a queres ser entrevistada e a queres falar comigo.

B – [riso] Sim. Ah, primeiro foi uma coisa muito simples... eu lembro-me de participar neste questionário, portanto ‘tava num, lá num... no Facebook, uma amiga... ah... e, e lembro-me, nesse dia a minha mãe refilou que precisava de alguém que lhe respondesse a também um questionário de não sei quê, e que ninguém lhe respondia! E pensei, “Bem, vamos lá responder a isto!”, foi mais ou menos isto. E depois, agora para a entrevista, ah, eu ‘tou em exames agora na universidade, ah... ‘tou sempre a usar a internet, portanto ‘tava sempre a ver o email, pensei “Bem, já que participei no questionário, já não me lembro bem, vou tentar”... Ah... “Se for num sítio que esteja perto da minha faculdade, e perto dos transportes, ou seja, que não ocupe muito tempo, sem problemas”.

D – Uma questão de conveniência...

B – Foi mesmo.

D – Achas que é importante ouvir mais os jovens sobre estes assuntos? Ou já se fala demais, ou outra coisa qualquer?

B – Fala-se muito, fala-se muito, se calhar tem de se falar com mais seriedade... Ah... fala-se muito. Mesmo assim, é, é bom, é bom, é bom os jovens poderem, pronto, poderem falar.

D – Hmm hmm...

B – Toda a gente tem, tem perguntas.

D – E no geral, achas que a informação que hoje em dia é dada aos jovens é suficiente?

B – No geral... no geral, a informação é suficiente. Sim... E tam’ém acho que... cabe também a cada um de nós, não é?, se quer saber mais, perguntar. Perguntar...

D – Não sei se há mais alguma coisa que gostasses de acrescentar...

B – Não, não...

D – Era só isto, então.

ANEXO 42

Entrevista 003 – 06/06/14

Respondente: Miguel, 17 anos, género masculino; estudante que mora em Lisboa

Local: Largo Camões / Café Aprazível

Daniel – Então é assim... ah... estavas a dizer que não, que não te lembravas originalmente do questionário, entretanto já, já te expliquei mais ou menos o que é que o questionário tinha... Não sei é se te lembras por acaso através de onde é que chegaste ao questionário...

Miguel – De... da Rede Ex Aequo¹.

D – Da Rede Ex Aequo. Okay. Ah... e lembras-te na altura se tinhas alguma motivação em especial para responder ao questionário ou se foi só “olha que giro”...

M – Não!... normalmente quando se trata deste tipo de questões, ou seja, trabalhos de estudante e assim, eu acho que é sempre vantajoso ajudar porque... acaba por... acaba por ser... uma... uma motivação para eles e uma forma de eles sentirem que há pessoas a apoiarem o seu trabalho...

D – Hum hum.

M – Ah... e assim como nós gostamos que façam isso connosco, não nos custa nada despendermos de 5 ou 10 minutos do nosso tempo...

D – Claro.

M – ... às vezes é um bocadinho mais do que 5 minutos, pronto...

D – [risos]

M – ...a fazer esse tipo de coisas.

¹ A rede ex aequo é uma associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgéneros e simpatizantes com idades compreendidas entre os 16 e os 30 anos em Portugal. Tem como objetivo trabalhar no apoio à juventude lésbica, gay, bissexual ou transgénera e na informação social relativamente às questões da orientação sexual e identidade de género. <https://www.rea.pt/>

D – Okay. Então diz-me uma coisa: ah... costumavas aceder à internet?

M – Sim.

D – Tens internet em casa?...

M – Sim.

D – Vives com os teus pais?

M – Não, vivo só com a minha mãe.

D – Vives só com a tua mãe. Ah... vives cá em Lisboa, certo?

M – Ah... Certo.

D – És de cá ou vieste para cá estudar?

M – Não, não. Sou de cá.

D – És de cá, okay. Ah... há bocado ‘tava a ver que também tens telemóvel, não é?

M – Hum hum.

D – Costumas aceder à internet no teu telemóvel?

M – Sim.

D – Tens pacote de dados ou é só por wireless quando apanhas?...

M – Não, pacote de dados.

D – Tens pacote de dados, pois... e quando ‘tás a aceder em casa é mais portátil... tens... ou tens um computador fixo?...

M – Ah... portátil ou no telemóvel, depende dos dias.

D – Okay. Costumas ‘tar sozinho, tipo tens o portátil no quarto ou...?

M – Não, normalmente... normalmente ah... costumo ficar na sala... não...

D – Okay. Bem, o primeiro tema, como eu te disse, é a questão da, da procura de informação sobre sexualidade ou sobre saúde sexual, sobre o corpo, sobre doenças, uma série de coisas... ah segurança, etc. Ahm... tu tens, tens amigas ou amigos que por

acaso já te tenham dito que já foram à internet procurar informação sobre qualquer um destes temas?

M – Sim... é uma coisa... acho que é uma coisa recorrente nos dias de hoje... nós... por mais informação que tenhamos na escola, há sempre coisas que gostamos de conferir em casa ou... ou mesmo por curiosidade ou ‘pra... por exemplo... no caso de doenças... conhecer... conhecer testemunhos de pessoas que, que as têm e perceber ah... como é que é o dia-a-dia delas ou... o que é que, o que é que elas ou, ou o que é que, que tipo de sintomas é que elas sentiram ou o que é que elas sentem por... por se... por exemplo, por estarem infectadas, por exemplo, ‘plo HIV ou, ou, ou outra coisa... ou outra doença similar. Ah... No caso de sexualidade também... acho que cada vez mais esse tipo de conteúdos ‘tá... ‘tá... está acessível às grandes massas e... posto isto, penso que, não só, não só ‘pra nós é mais fácil de aceder como, cada vez mais cedo, ah... existe uma procura de informação nesse tipo de... de... nesse tipo de assuntos ou nesse tipo de conteúdos... hum.

D – E... tu costumavas ser daquelas pessoas com quem às vezes as outras pessoas vão ter e perguntar-te coisas e “olha eu vi isto assim e assim, achas que isto é mesmo a sério?”...

M – Sim. Especialmente... especialmente desde que... como homossexual acho que... e nisto já vão quatro anos, acho que... por parte dos meus amigos ou dos meus colegas de turma ou de escola heterossexuais, eles muitas das vezes deparam-se com situações, seja... serem confrontados, por exemplo com pornografia homossexual... ou... ou... ou transgénero ou transsexual. Ah... ou por exemplo... serem confrontados com situações de outros amigos que também lhes confessam que têm preferências sexuais por... ‘plo mesmo sexo. Muitas das vezes, sim, eles vêm ter comigo ou... e perguntam: “ah, mas... o que é que eu posso fazer para o ajudar?” ou “qual é... hum... qual é a motivaç [sic]... qual é tipo... qual é que é a motivação que eu agora vou ter ‘pra... para falar com ele... será que... será que pode acontecer qualquer coisa que nos vá afastar ou?...” Agora por exemplo lembro-me que este ano ‘tive um colega meu que me... começámos a falar sobre... as tribos entre aspas dentro da... dentro da... dentro da cultura homossexual e... começámos a falar sobre “bears”² e então eu estava-lhe a explicar que... dentro

² Na cultura gay, um homem de dimensões corporais grandes e largas, com bastante pêlo corporal e facial, que constitui um sub-grupo específico.

de... dentro dos homossexuais nós, entre aspas, dividimos-nos [sic] por... por tipos, ou seja... tanto... tanto... há uns tipos que podem agradar de uma maneira a um certo tipo de pessoas como há outros que podem agradar a outro certo tipo de pessoas... ah... e ele ficou bastante surpreendido porque não... desconhecia esse tipo de realidade. E... depois até... até... até brincámos com isso e... falámos sobre... por exemplo, que tipo de pessoas é que... é que eles gostavam e também poder explicar que, para eles, heterossexuais, também... também existem grupos, por assim dizer... ah... de acordo com o tipo de preferências deles... sejam sexuais, sejam... amorosas etc.

D – Hum hum. E... portanto, tu próprio também já foste à procura de, de informação sobre esse tipo de assuntos?

M – Sim. Se calhar... não é bem bem bem procurar informação. Mais ou menos... ‘praí 40% daquilo, sim, foi procura mas... o... o resto acaba por ser... uma confron [sic] uma constatação ou um confronto no dia-a-dia com esse tipo de realidades ou seja, uma pessoa vê e depois tenta ah... conhecer por si ah... ou então depara-se com essa realidade através de amigos ou através de conhecidos ah... e acaba por ser... e acaba por ser assim que nós vamos tendo conhecimento dos casos ou das situações...

D – Sim...

M – Ah... Falo disto, tanto seja a nível de... como é que eu hei-de explicar?, de... de pesquisar... como de... pro [sic]... como... como propriamente de me ex [sic]... de me confrontarem... ou de me... apresentarem esse tipo de realidades.

D – Hum hum. E... já aconteceu uma situação, por exemplo, em que alguém te fizesse uma, uma pergunta sobre... imagina, sobre homossexualidade e tu remetesses a pessoa para algum site ou para alguma coisa assim do género?

M – Sim. Por exemplo... ah... muitas das vezes as pessoas dizem que nós, homossexuais, somos... pessoas muito levianas ou muito promíscuas ah... porque... há mais facilidade... há mais facili [sic]... como... como é uma minoria ah... cada vez mais é... é... é grande... ah... acaba por... acaba por toda a gente conhecer toda a gente... ah... seja de uma forma ou seja de outra. E muitas das vezes o que as pessoas perguntam é: “onde é que vocês se conhecem, onde é que vocês se encontram?” ah... como é que vocês se conhece [sic]... como é que vocês se conheceram... ou... que tipo de sítios é que vocês frequentam para poderem andar... andar todos uns com os outros...

e... muitas das vezes eu explico que existem redes, redes... redes para isso... redes sociais... ah... que existem aplicações³ para isso... que existem bares onde são promovidos esse tipo de... esse tipo de... encontros, por assim dizer... ah... seja por terem quartos escuros ou mesmo... ou mesmo ‘pla dinâmica do bar ser as pessoas se conhecerem umas às outras...

D – Hum hum.

M – Ah... e... às vezes as reacções são de surpresa noutras são... ou outras são um bocado... mais: “ah vocês são uns autênticos prostitutas porque... dão-se todos uns com os outros e vão todos ‘prá cama uns com os outros!” Ah... mas muitas vezes acaba por não ser isso. Muitas das vezes eu, por exemplo, ao... ao ter contacto com esse tipo de situações acabo por perceber que se calhar pessoas que eu conheço não são propriamente como eu as conheço e... sei lá... às vezes pode-se gerar situações de conflito ou de tensão... pode até causar afastamentos ou... ou outro tipo de situações.

D – E no que toca por exemplo a falar sobre... sobre sexualidade ou sobre saúde sexual ah... no contexto da família... qual é que é a tua experiencia em relação a isso? É fácil, é difícil?...

M – É assim, em termos de sexualidade ah... com a minha família... ah... no geral, quando, quando se fala de sexualidade, a minha relação com a minha família é bastante, é bastante... liberal, vá, por assim dizer! Falamos sobre sexo, sem qualquer problema... ah por exemplo, quando aparecem cenas de sexo na televisão não, não há aquela... não há aquele constrangimento de ficarmos calados ou mudarmos de canal ou pura e simplesmente alguém se levanta da mesa, alguém se levanta do sofá, não! Ah... é uma coisa completamente igual às outras... é assim, todos nós sabemos que nascemos de uma relação sexual, não somos... quer dizer, pelo menos falo ‘plo... pelo menos falo ‘plo meu caso pessoal, não sofro de inseminação artificial!... portanto... acho que... acho que isso se encara como uma situação completamente banal! Como é óbvio, a minha família tem consciência de que se calhar eu já despertei ‘pra... ‘pra uma realidade... sexual. ‘Pra minha própria... ‘pra minha própria realidade sexual... e, provavelmente eles já devem suspeitar que eu tenho relações sexuais... assim como eu sei que... eles têm relações sexuais, seja... seja os meus pais... sejam... sejam os meus tios, seja outro pa [sic]... ou [sic]... outro... outro parente qualquer... porque: é uma

³ Termo utilizado para designar programas instalados em telemóveis.

coisa completamente normal! Agora... quando falamos em relação à minha sexualidade, ou seja, à minha opção sex [*sic*]... à... à minha opção sexual, vá... ah... eles aceitaram... eles aceitaram bem. Ah... Surpreendentemente ah... mais o meu pai que a minha mãe. Ou seja, ah... o meu pai, basicamente... agarrou as minhas mãos e disse: “filho, o pai aceita-te como tu és, sem qualquer problema” e eu: “okay, ótimo!”. Ah... já a minha mãe... a minha mãe ao princípio achava que era uma fase, mas depois encarou isso e hoje em dia... como é óbvio não lhe digo que tenho... tenho um rapaz, sei lá não me sinto à vontade para lhe dizer: “olha, ‘tou... *tenho um namorado*”. Mas já aconteceu, já aconteceu ela ligar-me e perguntar “onde é que tu estás?” e eu dizer: “ah! Estou com o meu namorado, já vou ‘pra casa!’”...

D – Sim.

M – Ah... pronto! Mas... e nesse, e nesse tipo de situações ela... pura e simplesmente não disse nada e... a situação... e a situação não... não... não levou... não, não teve qualquer tipo de contornos... menos bons.

D – Hum hum. E achas que os teus colegas, ah... heterossexuais, por exemplo, têm o mesmo tipo de à vontade com... com os pais deles... costumam falar acerca disso com eles?

M – É assim... eu... assumi a minha sexualidade bastante novo... tinha...

D – Se calhar vamos para outro sítio!

[No café Aprazível]

D – Ora bem, então depois desta interrupção... portanto, o que eu te ia perguntar era se... os teus colegas, os teus amigos, já tinham falado contigo, no sentido de... terem alguma dificuldade, por exemplo, em falar com os pais deles sobre sexualidade ou sobre saúde sexual.

M – Ah... é assim. No que toca a falar sobre sexualidade, eu acho que os heterossexuais têm muito mais à vontade ‘pra, ‘pra falarem do que propriamente... os homossexuais... agora, ahm... eu acho que sobre saúde sexual ainda... ainda há muito... não é estigma, nem preconceito, mas... é um pouco à vontade das pessoas porque... eh pá, custa chegar à mesa, à hora do jantar e dizer: “okay, vamos falar sobre HIV”. Ah... ou custa

chegar à mesa e dizer: “okay, vamos falar sobre este meu amigo que descobriu que tem... hepatite!”

D – Hum hum.

M – ... Ah... Mas... acaba por ser... acaba por ser... igual, nesse tipo de situações. Ah... acaba por ser difícil nesse tipo de situações, tanto para eles como para nós... falar... ah... sobre, mais sobre saúde sexual do que propriamente sobre sexualidade. Ah, acho que é mais fácil para eles, por exemplo, dizerem: “olha, tenho um amigo que é gay!” Ah... e falarem sobre isso... do que propriamente dizerem: “olha, tenho, tenho uma, tenho uma colega minha que... apanhou... apanhou... uma doença qualquer por causa do namorado dela!” Porque acho que isso assusta muito mais os pais...

D – Sim.

M – ... do que... do que propriamente falar so [*sic*]... é a velha história: a vida dos outros é muito fácil para nós.

D – Sim.

M – E então é muito mais fácil nós falarmos sobre outra coisa ou sobre... ou sobre outra pessoa, do que falar... do que chegarmos a casa e dizer: “Olha, ah... hoje fui fazer o teste do HIV.” Acho que... por exemplo, acho que haveriam pais que se... os filhos chegassem a casa e dissessem: “olha fui fazer o teste do HIV!”, acho que os pais se passavam e diziam: “mas ‘tás doente, tens alguma coisa?”...

D – Sim. Sim, sim, sim.

M – Sei lá! Por exemplo, no meu caso, eu... eu faço esse tip [*sic*]... esse... faço esse tipo de controlo e... não, não digo à minha família... mas... mas, sei que se dissesse, eles iriam encará-lo de uma forma bastante... bastante positiva! Porque... eles sabem que... sou uma pessoa com cabeça, tronco e membros e que... tenho que ter consciência...

D – Sim.

M – ... tenho que despertar para esse tipo de realidades... porque, quer nós queiramos quer não... ah... mais propriamente a parte de doenças... é... está-se... está cada vez a provar-se que... estão num crescendo e... é um bocado... tipo es [*sic*]... não é difícil,

nem estranho... é um bocado mau de se dizer, mas... parece que as pessoas quanto mais informação têm... menos... menos... precauções tomam, pronto!...

D – Hum hum. E... aquela conversa que os pais às vezes têm com os filhos, mas nem sempre, de: “olha, cuidado, usa preservativo e não engravides a rapariga, não sei quê...”, para usar o discurso tipicamente hétero... ah... no teu caso, notaste que houve alguma diferença nesse tipo de conversas contigo depois de te... de te assumires como homossexual... ou tiveram essas conversas antes, partindo do pressuposto que eras heterossexual?

M – Não!... é assim... a minha mãe sempre teve a consciência de que... uma pessoa tem que ter... tem que ser consciencializada pelos seus actos. E... ah... posto isso, nunca tivemos a dita conversa de: “olha, tu tens de usar porque... vai fazer, vai fazer, vai fazer... vai... tipo vai fazer-te ficares protegido, blá, blá, blá Whiskas saquetas...” não! Ela sabe que... eu... eu estou... eu estou informado das situações... E que... se alguma coisa me acontecer é por minha culpa... ah... por culpa de eu não estar... por culpa de eu não estar precavido. Agora... ah... nunca tive... nunca tivemos esse tipo de conversas, porque ela sabe que eu, que eu próprio sei que tenho... que tenho esse tipo de meios e sei... ou sei onde os posso arranjar... tanto gratuitamente, como pagos... ah... mas muitas das vezes existe, por exemplo, brincadeiras... mais com o meu padrasto até, sobreeeeeee... “ah, encontrei lubrificante dentro da... dentro da... dentro da tua gaveta!”, e eu ficar um bocado espantado porque... na realidade não existe, mas ele sabe... mas ele brin [*sic*]... ele brinca com esse tipo de situações...

D – Sim.

M – ... porque... sei lá! As coisas são levadas de uma forma tão normal que não... acho... acho que é mais normal... se eu dissesse que ti... que tinha tido sexo com um rapaz do que propriamente se eu dissesse que tinha tido um namorado... ah... pá, é *verdade*!

D – Sim.

M – Porque acho que eles estão mais à espera de quando nós nos assumimos dizermos que: “olha, fui para a cama com um rapaz”, do que dizermos: “*olha*, estou a ter um relacionamento há não sei quanto tempo com um rapaz”.

D – Hum. Ah... e... e na escola, por exemplo, ah... não sei se... se tiveste alguma... aulas de educação sexual, ou coisa assim do género?

M – Mais ou menos... na escola falámos sobre esse tipo de assuntos, sim. Mas acaba por ser um bocado... vira o disco e toca o mesmo, porque... já ‘tamos informados sobre esse tipo de assuntos... é uma coisa com que nos bombardeiam desde muito novos... ah...

D – Bombardeiam como?

M – Não é bombardeiam! É... é uma coisa que nos falam sistematicamente desde novos e... acho isso... acho isso bastante positivo, ah...

D – Mas quem é que fala nesse... nesses casos que ‘tás a falar?

M – Sei lá! Professores... muitas vezes, vão enfermeiros às escolas falar sobre isso... e acho isso...

D – Foi o que aconteceu na tua escola?

M – Sim, no meu... no meu... na minha escola sim... ah... acho isso... acho isso bastante positivo até, porque... acabamos por ficar despertos para esse tipo de realidades... agora ah... não acho que... não acho que... por exemplo, alguns tipos de assuntos sejam abordados... de uma forma tão profunda... ah... e acho que deviam levar mais importância, ou seja: quando se fala sobre esse tipo de assuntos, sejam doenças sexualmente transmissíveis ou não, acho que... há muito foco naquele tipo de doenças como HIV... depois SIDA, tuberculose, hepatite... e acaba por não se... acaba por não se dar destaque a outras doenças ou outros.... problemas que podem ser tão graves quanto isso, e que são muito mais comuns! Seja... todo o tipo de herpes possíveis e imaginários, gonorreias, sífilis – que é muito mais fácil de apanhar do que HIV... ah... portanto, acho que devia haver mais um balanço de... da maneira como... como as informações são distribuídas, ou seja: ah... mais propriamente, saber balançar o tipo de informação e saber... ab [sic]... abrir o leque quanto ao tipo de público que podem encontrar, porque muitas das vezes ah... acho co’ discurso é muito focado ‘prá maioria... e...

D – Portanto, para heterossexuais...

M – Sim. Não... não estou a dizer isto de uma forma discriminatória, muito ‘plo contrário. A maioria é o que temos... é o que temos de... é o que temos de conviver, é, é...

D – Mas achas que há uma exclusão de...

M – Não!

D – ... temas como a homossexualidade...

M – Não!

D – ... nesse tipo de...

M – Sim!...

D -... iniciativas?

M – ... é assim, por um lado não... porque as doenças são as mesmas. Ah... mas por outro lado, sim, porque... se calhar eles esquecem-se que lá no meio pode haver alguém... que por não dizer, não implica que não o seja...

D – Exacto.

M – Ah...

D – E nem toda a gente vai engravidar depois de fazer sexo, não é?

M – Sim! Não e nem toda a gente, e nem toda a gente quer ser pai ou mãe!

D – Exacto.

M – Ah... muitas das vezes... e isto verifica-se cada vez mais com os adolescentes... ah, eles levam... ah... eles não, nós! Ah... levamos o sexo de uma forma mais... leviana! Mais... okay, é preciso satisfazer uma necessidade física... ou... um impulso... então vamos fazê-lo!

D – Okay.

M – Ah...

D – Sentes que, por exemplo, a internet serviu p’ra complementar informação que não tinhas noutros sítios?

M – Em parte sim... ou seja, ah... na forma em que eu consigo entender que... há realidades... p’rás quais n... com as quais nós não convivemos... ah... e com isto volto ao ex [*sic*]... volto a um dos exemplos que já tinha dado... as pessoas com HIV, por exemplo... há imensos testemunhos de homens, e há imensos homens... e mulheres, também, mas... neste caso ‘tou a falar de homens porque tem a ver com a realidade em que eu... em que eu vivo... ah... que têm HIV e que o assumem! Seja em redes... seja em redes sociais onde existe uma procura explícita de sexo, seja... em blogues ou em... ou em sites de... de partilha de testemunhos de pessoas... LGBT e... muitas das vezes esses testemunhos fazem-nos pensar... e fazem achar “okay, é preciso ter mais cabecinha, porque não estamos a fazer as coisas da forma mais acertada!”

D – ‘Tavas a falar de fazeres parte... ou ‘plo menos de estares no fórum da Rede Ex Aequo⁴.

M – Sim.

D – O que é que... o que é que te motivou a ir para... p’ró fórum da rede e como é que o descobriste?

M – Olha... descobri-o através... da... da internet, sim! Através de uma amiga minha... que... é membro da ILGA⁵ e... na altura eu in [*sic*]... inscrevi-me por curiosidade. Ah, perceber que tipo de pessoas é que lá ia encontrar, que tipo de... que tipo de histórias é que as moviam... ah, e sinceramente quem eram elas! Ou seja... quem são as pessoas que defendem a... que defendem a causa LGBT em Portugal! Ah... é que porque muitas das vezes... e aí está um ponto bastante... que me move bastante... que é, o... ter orgulho em ser *gay*. Ou seja... ah... eu acho que, okay, nós podemos sentir orgulho em sermos *gays*, mas... não devemos fazer disso uma bandeira, porque... nós nascemos assim, ou seja... não há que ter orgulho em ter nascido assim! Pá, é uma característica

⁴ A Rede Ex Aequo foi parceira neste estudo e é a única associação em Portugal, com reconhecimento formal, dedicada a jovens LGBT.

⁵ Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual e Transgénero; é um grupo formalmente constituído em Portugal cuja intervenção passa principalmente pela via legal e política; é a entidade LGBT mais *mainstream* em Portugal e está também ligada à International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association (ILGA-Europe).

nossa ah... assim como os heterossexuais não têm orgulho em ser heterossexuais, porquê? Porque é uma característica intrínseca ao seu próprio desenvolvimento! Ah...

D – Mas achas que ter orgulho em ser *gay* e ter orgulho em ser heterossexual é a mesma coisa?...

M – Eu acho que, eu acho que há uma necessidade de dizer que se tem orgulho em ser *gay* para... para se poder... afirmar para a sociedade... ou seja, chegar e dizer: “olá, eu sou, *olhem para mim!* Ah... porque... estou a lutar por isto!” Muitas das vezes há pessoas que lutam... e que... nós olhamos p’ra elas na rua e dizemos: “ah aquela pessoa é heterossexual.” E não, e não é! Ah... por exemplo, no meu caso... acho qu’a minha imagem não... acho que a minha imagem deixa transparecer a minha orientação sexual, bastante até. E... muitas das vezes as pessoas dizem: “ah!...” *cha [sic]*... sei lá, chamam aqueles nomes... aqueles nomes que toda a gente ouve na rua: bicha, paneleiro, etc. e tal. E... eu fico a pensar: “bem, se calhar se tivesse uma apresentação mais e... mais, mais cuidada, se parecesse mais como um heterossexual se calhar as pessoas já não me diziam isto”... mas depois, olho ‘pra mim e penso: “mas assim deixaria de ser eu”, ou seja... por um lado eu tenho orgulho em ser quem sou! Ah... mas por outro sei que não devo fazer isso a minha bandeira! Porque eu sou assim, sou assim! Não há... não há... não há que sentir orgulho em ser... não há que sentir orgulho em ser como sou porque... isso... tem a ver connosco próprios ou seja... poderia sentir orgulho se fosse... humanitário de uma causa qualquer... ou...

D – Sim... sim...

M – ... se defende... ou se fosse cabeça... ou se fosse ca... uma cabeça de uma causa qualquer, ou...

D – Sim. P’r’além da... das experiências de... portanto, tomares contacto com as experiências de outras pessoas e de ficares a conhecer as pessoas que fazem parte do... do meio... ah o que é que tu sentes que aprendeste ah... no, no fórum da Rede Ex Aequo ou em outros fóruns ou blogues em que também participes?

M – Olha... aprendi que... é preciso ser mais tolerante, ou seja, ah... muitas das vezes, a realidade ‘tá em frente ao nosso nariz e nós não... e nós não a... e nós não a... presenciamos, porque... estamos mais ocupados, não a olhar p’rá nossa realidade, mas... a olhar p’ró óbvio. Ah... também aprendi que devemos... ser mais... não é mais

cuidadosos, mas... é ter mais cuidado com... a maneira como os assuntos são tratados, ou seja... acho que... por exemplo, no caso da comunidade homossexual, ou... bissexual, transgénero, transsexual... ah... acho que há... uma camada muito frágil que protege essas pessoas... e então há uma constante necessidade das pessoas se quererem afirmar... e por isso... compreendo... o tipo... por exemplo, o tipo, tipo de eventos que são criados para esse tipo de público, mas... acho que... as pessoas têm que ter cuidado com a sua liberdade, ou seja: não é por... não é por dois homens andarem aos beijos na rua que vão, que vão dizer: “olá, sou *gay*, olhem p’ra nós... ‘tamos... estamos a defender a nossa bandeira”. Acho que muito p’lo contrário, acho que as pessoas olham p’ra elas e pensam: “a atitude é um bocado nojenta...” Ah... não, não ser nojenta p’la atitude que eles ‘tão a ter mas por estarem a provocar... então acho que, acho que aprendi também que... com algumas pessoas, essencialmente, que a liberdade de este tipo de públicos ou deste tipo de comunidades tem de... tem de estar restringida à, à liberdade... da... maioria da população. Ah... o que não implica que essas pessoas da minoria sejam infelizes, não! Pod [*sic*]... pod [*sic*]... as duas, as duas partes da... os dois lados da barricada podem, podem conviver juntos e serem perfeita... de uma forma perfeitamente harmoniosa... agora acho que é preciso haver mais cuidado nesse tipo de... libertação na... não querendo cometer um pleonasmo, mas... da própria liberdade.

D – Sim.

M – Ah... ou seja... é, é a velha máxima: a minha liberdade acaba onde começa a liberdade dos outros!

D – Dos outros... exacto. P’r’além do fórum da Rede Ex Aequo em que mais redes sociais é que estás?

M – Ah, actualmente em mais nenhuma. Ah... mas já tive com... já tive convivência com... mai... mais por exempl... mais p’la... p’las... para explorar e para conhecer que tipo de pessoas é que lá andam... ah, aquele tipo de redes mais vocacionadas para encontros sexuais, tipo *ManHunt*, *Grindr*, mas... nunca fiz disso... nunca fiz disso propriamente... como alguns homens fazem, ah... a forma de... de encontrar pessoas! Apenas tive curiosidade em perceber que tipo de pessoas é que lá estavam... ah novamente como no fórum da Rede Ex Aequo, o que é que as movia e o que é que lá poderia encontrar.

D – E chegaste a encontrar pessoas a partir daí?

M – Estranhamente encontrei bastantes pessoas conhecidas... ah... o que me deixou um bocado espantado ah...

D – Porque é que ficaste espantado?

M – Porque... nós temos uma imagem das pessoas e depois... encontramos as pessoas nesse tipo de sítios e ficamos: “okay, estas pessoas se calhar são muito mais promíscuas do que aquilo que nós ‘távamos à es [sic]... do que aquilo que nós ‘távamos à espera”. Ah... e voltamos outra vez ao ponto... ao... a um dos primeiros pontos da, da, da nossa conversa, que foi... o facto de, por exemplo, os heterossexuais acharem que nós homossexuais somos muito mais promíscuos e liber... e... libertinos do que, do que eles! O que às vezes é verdade, outras vezes não. Mas... acho que... tendo tido encontros, por exemplo, cheguei... cheguei a ter encontros com pessoas através desse tipo de... de, de redes... acho que muitas das vezes as pessoas que lá estão são pessoas bastante frágeis, ou seja... ou homossexuais assumidos ou... pessoas mais discretas que... querem encontrar alguém, seja ‘pra terem uma relação... ah... amorosa ou apenas sexual, mas que não têm estofo para chegarem ao... chegarem ao pé de alguém e dizerem: “eu gosto de ti ou...” São pessoas mais *fechadas*, na medida em que... ainda não... não é não conviverem bem com a sua sexualidade porque se não convivessem bem com a sua sexualidade não se iriam inscrever nesse tipo de sítios, mas... têm receio de, do que, muitas das vezes colegas de trabalho ou família possam achar sobre esse tipo de situações. Ah... no meu caso, em particular, eu... aprendi com esse tipo de... sítios que... se calhar as coisas não são tão... não são tão... abertas como isso, ou seja... se calhar... em vez de achar que todas as pessoas... procuram ambas as coisas não, acho que as pessoas procuram... acho que... ‘plo menos nesse tipo de sítios, os homens são bastante focalizados à procura de sexo, e... até mesmo p’lo conteúdo que eles lá publicam, ou seja, fotografias, descrições etc. e tal, é tudo muito sexual... o contexto é bastante, ah.... Explicarem qual é que é a sua posição sexual, o que é que eles gostam e... uma pessoa fica a olhar e pensa: “okay e agora conteúdo? Onde é que eu agora vou... dizer-te olá, vou ter uma conversa contigo e vamos falar sobre o quê?... Sexo?” Não, acho que... acho que é bastante redundante até.

D – Hum hum. Tiveste... quer dizer, estares nesses sítios, ou... no f... no, no fórum da rede, por exemplo, ajudou-te? Foi uma... contribuição... trouxe alguma contribuição

positiva p'rá tua vida, assim alguma coisa que tu penses: “okay, isto de facto fez-me bem”?

M – Não, acho que não houve nenhuma contribuição, nem positiva, nem negativa, ou seja... eu inscrevi-me no fórum há dois anos e... nessa... nessa altura já, já leva... já trazia de bagagem dois anos de, de experiências. Então acho que... acho que apenas serviu para... para estar mais próximo de pessoas como eu e para... ter mais consciência de que... de que tipo de pessoas são essas e o que é que... e o que é que elas fazem para... para lá estarem, ou seja... o que é que as move, ou o que é que... ou o que é que elas... ou... o que é que elas procuram, o que é... em que é que elas acreditam...

D – Sim. E... agora, trocando um bocadinho de, de tema... em relação ao consumo de, de material erótico, pornográfico ou não sei quê... por acaso costumas ter, ou, ou já te aconteceu, mesmo que tenha sido só uma vez ou duas, teres conversas com, com amigos teus em que eles te tenham dito, amigos ou amigas, em que eles te tenham dito: ah... “Ah! Vi isto na internet e não sei quê...”

M – Ah! Sim, bastante... acho que nós, jovens adolescentes, ah... e até mesmo os jovens no geral... consumim [*sic*]... consumimos pornografia e... somos um bocado ridículos se não admitirmos porque toda a gente consome pornografia, seja de uma forma directa ou indirecta! Quando nós ‘tamos a ver uma, uma cena de sexo num filme, ah... mesmo que não, mesmo que não estejamos a ver o *coito*, por assim dizer... estamos a presenciar uma cena sexual, ou uma cena erótica ou pornográfica.

D – Mas achas que é a mesma coisa cruzarmo-nos com uma cena dessas no meio de um filme e irmos *à procura* de um filme pornográfico na net?... Por exemplo?

M – Sim! Porque o que move esse tipo de situações é a mesma coisa! É... seja... às vezes seja... ao... só a procura de experiências, ou seja... ah... por exemplo, sei lá, uma pessoa tem um fetiche e procura filmes sobre esse tipo de fetiche para... ‘pra perceber... como é que... como é que as coisas se desenrolam. Ah... se bem que, como é óbvio, nós sabemos que tudo aquilo que acontece nos filmes é encenado e não é, e não se passa nada como na realidade... ah... ou p’lo menos não da mesma forma. Ah... agora... acho que... a procura de conteúdos pornográficos ou eróticos tem muito a ver com a necessidade das pessoas... quererem... exprimir os seus gostos e não terem...

coragem ‘pra isso! Ou seja... não é bem coragem, é mais... não... sei lá. Por exemplo, há pess... vou dar um, vou dar um exemplo prático: aquele tipo de pessoas que têm fetiche por pés. Elas têm fetiche por pés, mas se for preciso não dizem aos seus companheiros, ou às suas companheiras que têm fetiche por pés, mas depois consomem desse tipo de pornografia, porquê? Porque as satisfaz verem outras pessoas a fazerem-no. Porquê? Porque... elas próprias gostariam de se satisfazer dessa mesma forma, ah...

D – Exacto. Tu achas que é importante essa... é... haver esses nichos, digamos assim, de pornografia p’ra pessoas...

M – Acho...

D – ... que têm gostos que não fazem...

M – Acho...

D – ... parte da maioria...

M – Acho! Por exemplo, ah... mais desde... há uns tempos ‘pra cá... eu próprio me deparei com essa realidade comigo! Ah... ou seja... ah... apercebi-me que tenho... não é bem uma preferência sexual, mas... tenho um público que me agrada bastante... e que, eles próprios têm a su [sic] ... eles próprios têm a sua cultura! Têm o seu tipo de pornografia, têm o seu tipo de... de espaços, têm a sua própria linguagem, têm... ah... a sua própria apresentação. E... tudo isso, não me... não é não... não é fascina-me, mas... deixa-me bastante apreensivo, ou seja, porque... eu... aprendi que... eles são pessoas bastante comuns e nós olhamos p’ra elas na rua e dizemos: “isto é um homem completamente comum”. Mas depois entre si são pessoas bastante afáveis e bastante queridas e... agora não... sendo um bocado irónico, são bastante *gays*. Ah... são bastante... como é que eu hei-de explicar?... são bastante amorosos uns p’r’ós outros.

D – ‘Tás a falar da comunidade *bear*?

M – Sim.

D – Ah... e... e quer dizer, já alguma vez te aconteceu por exemplo uma situação em que alguém tenha vindo falar contigo e que tenha dito: “eh pá, vi, vi pornografia *gay*, sem querer”, imagina, “e achei aquilo esquisito” ou “achei aquilo estranho”, ou não sei quê...

M – Sim, por exemplo... ah... já tive um colega meu que me disse: “olha no outro dia ‘tava... no outro dia ‘tava a ver pornografia... ah... até era um tipo de pornografia bastante engraçada”. Ele ta... ele disse: “‘tive a ver pornografia com anões porque... por curiosidade, para perceber como é que aquilo se desenrolava...” ah... e depois disse: “ah pá e decidi pesquisar sobre pornografia *gay* ‘pra perceber que tipo de filmes é que vocês... que tipo de filmes é que existem... ah... se são muito parecidos com os filmes heterossexuais ou não! E... e, e deparei-me com uma cena de... e deparei-me com uma cena de *fisting*⁶ e não compreend [*sic*]... e não compreendi de que forma é que... de que forma é que vo [*sic*]... é que... vocês têm capacidade física para o fazer”. E eu disse-lhe: “é assim, no meu caso pessoal, isso nunca me aconteceu, portanto eu não te consigo explicar, mas... acho que aquilo que tu deverias ver era... se calhar, eh pá ires à net e ve [*sic*]... ou, ou falares com alguém, mas acho que à... ah... acho que ires à net tem muito mais... facilidade p’ra ti e perceberes que... que pessoas são essas e o... o que é que... o que é que elas sentem, ou o que é que, o que é que as move p’ra terem esse tipo de atitudes [riso], ah... porque isso tanto acontece nas com... nas comunidades... ah... homossexuais, como heterossexuais”.

D – Hum hum. E... sentes que... tendo em conta o que acabaste de dizer, sentes que a pornografia pode ensinar alguma coisa?

M – Se pode ensinar?... no meu caso... eu acho que... não foi ensinar... acho que me... limou algumas arestas. Ou seja... ah... nós temos consciência do nosso corpo e muitas vezes temos consciência do corpo do nosso parceiro, ah... mas não sabemos às vezes como chegar às coisas... ah... e às vezes a pornografia, às vezes a pornografia ajuda com esse tipo de situações... ah... noutros casos.

D – Ajuda como?

M – Ou seja... por exemplo: há quem use a pornografia para... perceber como é que há-de chegar ao parceiro ou... como é que há-de, por exemplo, de prolongar um acto sexual ou... no meu caso eu acho que foi mais perceber de que forma é que... a, as coisas poderiam... se desenrolar... f [*sic*] ... fora da caixa, vá... ah, fora do *standard*, porque... se nós já somos pessoas... e isto agora vai ser um bocado preconceituoso, ah... se já somos pessoas fora da caixa, então *okay* vamos ter experiências fora da caixa também! Ah... porque tipo sexo convencional qualquer um tem e... muitas das vezes eu

⁶Prática sexual que envolve a inserção de um ou mais punho(s) completo(s) no ânus ou vagina.

comento isso com amigas ou com colegas que... o que nos diferencia, a nós homossexuais dos heterossexuais, é que... como nós já conhecemos muito melhor o nosso corpo ah... nós já sabemos como dar a volta ao corpo do parceiro e como chegar lá... e como chegar lá ah... muito melhor ou muito mais rápido ou de uma forma mais demorada e... isso não acontece com os heterossexuais, porquê? Porque eles ‘tão tão focados muitas vezes no coito que... que se esquecem doutras coisas! Ah... e eu dou sempre este exemplo... muito... eu, *para mim*, acho que uma relação sexual não tem só a ver com isso! Para mim, por exemplo... só com preliminares uma relação fica... fica concluída! Se for bem feito ou se... ou se uma pessoa tiver prazer nesse tipo de situações, resulta e pronto! Ah... o que acho que às vezes... noutro tipo de públicos, como são o caso dos heterossexuais... acho que eles não compreendem porque... não... se calhar não lhes satisfaz tanto!...

D – Hum hum. E... ‘tavas a dizer há bocadinho que... a, as coisas que se passam nos filmes não são... não são bem assim. Que é que tu... o que é que querias dizer com isso?

M – Por exemplo... toda a gente sabe que um filme é uma encenação... e que segue um guião. No caso dos filmes pornográficos, muitas vezes, há aquilo... que nós dizemos que é... improvisação [riso] porque... é um guião de sexo! Um guionista não vai estar a escrever: “olha agora vais fazer esta posição”, não! Muitas das vezes as coisas são decididas no... no próprio set e... acaba por... acaba por se tornar diferente da realidade, porquê? Porque... ah... num filme desses as... as... como é que hei-de explicar?, as personagens, vá, os actores e as actrizes... ou até mesmo quando ‘tamos a falar de filmes homossexuais, os próprios actores... tratam de... encarar essa mesma personagem... e então não são eles próprios. Ah... e isso percebe-se, muitas vezes, sei lá!, quando, quando eles gemem... ou quando há... ou quando há... planos mais aproximados em que nós percebemos que as expressões deles são mais forçadas ou... ou até mesmo a própria di [*sic*] a própria dinâmica entre eles é mais... é mais encenada... ah... okay, isso pode... às vezes... às vezes... isso também às vezes acontece na própria realidade e nós sabemos disso, mas... é sempre diferente!

D – Hum hum. Tu começaste a ver... material pornográfico ou erótico antes de iniciares a tua vida sexual?

M – Sim.

D – Lembras-te de quais é que foram as primeiras coisas que viste ou em que contexto é que foi?

M – Lembro-me de ter visto... é assim, o primeiro tipo de pornografia que eu consumi foi pornografia heterossexual. Ah... mais por uma questão de perceber se gostava daquilo ou não! Ah... na altura achei que era ainda mais forçado e achei que não tinha piada nenhuma!... ah...

D – E também foi um momento de aprendizagem para ti então...

M – Sim! Ah... nunca tendo sexo com uma mulher, ah ou com uma rapariga, percebi que também não... não sentiria interesse porque não... não sei! Faltava lá qualquer coisa... ah... e então, depois quando comecei a consumir pornografia homossexual ah... comecei a entender que se calhar as coisas não eram tão lineares quanto isso e que se calhar poderia haver outro tipo de situações... que também me despertavam interesse! E que... e que se calhar eu também poderia explorar! Como é óbvio não... como é óbvio nós não repetimos as cenas que vimos nos filmes, mas... ah... conseguimos entender que por exemplo gostamos de uma... gostamos de um tipo de situações e podemos chegar lá perto... ou seja, por exemplo... ah... a minha relação à comunidade “*bear*”... eu, desde há... um ano e meio mais ou menos, que sinto um interesse por esse tipo de pessoas, ah... e então, de... desde essa altura até cá... ah... eu na... eu já, eu tinha tido uma relação e a relação que tive a seguir a essa relação foi uma relação com um... com um, com um “*bear*” e... serviu ‘pra perceber que tipo de coisas é que eles gostam, o que é que... que tipo de pessoas são eles, e... como é que eu me podia... como é que eu me poderia satisfazer com esse tipo de público! Ah... o que, muitas vezes acaba por ser um trabalho... que eu vulgarmente chamo um trabalho sociológico ou um trabalho psicológico porque nós estamos a... estamos, por assim dizer, a estudar uma comunidade e a estudar a maneira como eles se comportam! Ah... portanto acho que... a pornografia nesse tipo de situações também ajuda um bocado a perceber... o que é que... o que é que esse... o que é que esse tipo de públicos procura ou que é que esse tipo... ou o que é que satisfaz esse tipo de públicos.

D – Já alguma vez viste alguma coisa que te tenha deixado incomodado?

M – Sim... ah... essencialmente quando... quando se percebe, por exemplo... quando se percebe que existe dor. Eu acho que... não é... p’lo menos ‘pra mim não é

concebível. Ah... e sabemos que... e sabemos... sabemos que na pornografia é tudo em [sic]... como, como já tinha dito é uma coisa muito encenada, mas... quando sabemos que existe dor, nós, nós próprios, por já termos tido experiências similares sabemos que tipo de sensação é essa e... ficamos incomodados porque... sabemos que a pessoa ‘tá... a ser magoada e... achamos, “eh pá se fosse connosco nós não quereríamos fazer isto” ou... “comigo nunca me apanhariam numa situação dessas” e depois, muitas das vezes esse tipo de atitudes não na... não... não voluntariamente, mas involuntariamente são reflectidas no nosso dia-a-dia. Ah... quando nos deparamos com situações similares em que dizemos que não, porquê? Porque também temos um background de... desse tipo de experiências e pensamos: “bem, se com aquela pessoa aconteceu isto, comigo também vai acontecer qualquer coisa parecida!”. Porque, primeiro porque já tivemos situações idên... idênticas e depois porque... já, já presenciámos, de uma forma indirecta ah... o que é que, o que é que acontece nesse tipo de casos.

D – Hum hum. Algum... lembras-te de quando é que começaste a, a consumir material erótico ou pornográfico?

M – Bastante... bastante... bastante novo, até... ah... não propriamente duma forma, ‘pra me satisfazer fisicamente, ou seja, p’ra me masturbar ou para... ou para explorar o meu corpo, mas... de uma forma mais... p’ra perceber como é que as coisas funcionavam.

D – Por volta de que idade, tens ideia?

M – Pá, p’ra’í 12 anos... naquela altura em que nós estamos a descobrir o nosso corpo e...

D – Exacto.

M – ... temos contacto com a primeira masturbação ou... ou outras situações idênticas.

D – Achas que aquilo que motiva principalmente as pessoas a ver pornografia é a questão da masturbação?

M – Muitas das vezes... na maioria dos casos, sim. Ah... noutros casos não, noutros casos é perceber... se podem fazer situações idênticas àquelas com os parceiros ou com as parceiras... ah... se podem... ser como aquelas pessoas que estão nos filmes... se

podem satisfazer-se a ver aquilo, ah, seja individualmente, seja... em casal ou seja em grupo... ah...

D – Já alguma vez aconteceu uma... alguma situação em que tenhas estado a ver pornografia com um grupo de pessoas ou um grupo de amigos?

M – Não... já aconteceu em casal, em... com um grupo nunca.

D – Já me contaram situações, por exemplo, às vezes na escola, um grupo de colegas senta-se em frente a um computador e na *brincadeira* põe-se a ver coisas...

M – Não...

D – ... pornográficas ou assim, nunca te aconteceu nada...

M – ... não...

D – ... disso? Nem nunca viste isso a acontecer?

M – Não.

D – Ah... sentes que é diferente a tua experiência enquanto... enquanto rapaz, de veres pornografia e por exemplo a experiência de *amigas* tuas?

M – Depende, porque por exemplo, elas quando procuram pornografia procuram pornografia heterossexual e...

D – Só tens amigas heterossexuais?...

M – Não, também tenho amigas homossexuais, mas... não... no caso das minhas amigas homossexuais, eu acho que elas não procuram tanto pornografia, porquê? Porque... satisfazem-se muito mais ah... com outra rapariga do que propriamente a ver pornografia. Ah... Claro que elas também procuram, mas... se for preciso procuram p'ra perceber também como chegar lá ah... por outra forma, ou seja, fora da caixa!...

D – Mas... quer dizer, sabes, sabes disso porque elas te contaram ou é aquilo que tu imaginas que acontece?...

M – Não, não, não, não! Sei disso, sei disso porque nós próprios comentamos esses tipo de situações, ou seja, por exemplo... eu tenho amigas minhas heterossexuais que vêm pornografia ah... nós às vezes comentamos na brincadeira: “ó pá, vi este filme assim

assim” ou... ou... “aconte... vi, vi um filme com este tipo de situações e já aconteceu parecido comigo” e... depois começamo-nos todos a rir... ah... mas não, mas não o fazemos de uma forma julgatória [*sic*], ou seja, nós sabemos que é perfeitamente normal e... muitas das vezes comentamos, eh pá, coisas às vezes relacionadas com o próprio filme... seja... o tamanho do pénis do actores ou... ou por exemplo, quando são actrizes, o facto de elas serem artificiais, ou seja, produtos pré-fabricados para aquele tipo de situações ah... por exemplo, no caso de pornografia homossexual acho que comentamos sempre ah... filmes idênticos onde apareçam... os mesmos actores... ah...

D – Costumas comentar pornografia homossexual com as tuas colegas heterossexuais?

M – Sim! Sim, até porque, por exemplo, ah uma coisa que nós... uma conclusão a que nós chegámos este ano, foi que... ah... ‘távamos a falar sobre masturbação e elas disseram: “é assim, o nosso ponto G... fica perto da vagina” e... e eu ‘tava, e eu ‘tava a explicar: “o ponto G dos homens fica no ânus”. E... ‘tava a explicar como lá chegar. E percebemos que ah... se se colocar ah... isto agora pode ser um bocado... vá... porco... em se... em o dizer, mas se se colocar os dedos, tanto numa vagina como num ânus, a... da mesma forma... e... aqui estou a comparar a situação de mulher heterossexual e do homem homossexual, atinge-se o ponto... atinge-se o ponto G e o orgasmo da mesma forma. E então ‘távamos a comentar esse tipo de situações e descobrimos que é bastante similar... ah... e acabámos por judiar um bocado com a situação. Ah... e brincámos como isso... e depois pronto! E... depois encarámo-lo com uma forma perfeitamente normal!

D – Portanto, normalmente quando elas falam contigo é um... é uma experiência positiva, digamos assim...

M – Sim!

D – ... é a rir, a brincar...

M – Sim! Porque não há, não há uma atitude julgatória [*sic*]! Ou seja, se calhar as vezes em que elas são mais... ah... sérias, vá... é quando nós... muitas das vezes temos relacionamentos com... rapazes de forma sucessiva, ou seja... ah, por exemplo este mês ter uma pessoa e... passado um ou dois meses ter outra pessoa e ela... pronto, e aí ela... e aí muitas vezes elas comentam: “Ah! Mais outro rapaz!” e “já sabemos no que é que isso vai dar!”... pronto! E isso é perfeitamente normal! Ah...

D – Hum hum. E achas que... por exemplo, não sei se alguma vez passaste por uma situação em que ‘tivesses à procura de um site, uma coisa qualquer perfeitamente normal e de repente tenha aparecido um *pop-up* de pornografia ou não sei quê...

M – Já, já aconteceu. Normalmente quando aparecem *pop-ups* eu fecho. Ah primeiro porque são... primeiro porque são conteúdo de vírus, na maioria dos casos... ah esses tipos de situações. Mas depois porque... eu penso, eu estou à procura de uma coisa, não vou... não, não vou fugir desse caminho... não...

D – Hum hum. E já te... e já te aconteceu alguma situação em que isso te aconteceu num contexto desagradável, sei lá, no meio de uma aula, ou com os teus pais a ver... ou uma coisa assim do género?

M – Sim, já aconte [sic]... já aconteceu estar ao lado dos meus pais à procura de... à procura de uma coisa... e de um momento p’ra outro aparece um pop-up e uma pessoa tem que fechar o pop-up *automaticamente* porque....

D – Como é que te sentiste nessa situação?

M – Ah... eh pá... na altura, na altura foi só fechar o *pop-up* e... e os meus pais nem repararam, mas fiquei um bocado assustado porque pensei: “ó meu Deus, se calhar eles viram, se calhar eles agora vão... se calhar eles agora vão ficar preocupados”. Até porque já tive situaç [sic]... até porque já tive situações de a minha... a minha mãe deparar-se com conteúdo pornográfico no computador ah... por um me [sic]... por um mero... deslize meu e... [pausa] ah... e então houve um... houve uma situação... e então houve uma situação despo [sic]... despoletada por isso, que depois foi solucionada entre mim e a minha mãe e... e neste caso a polícia, porque a minha mãe achava que eu estava metido com pessoas mais velhas e ficou... ficou um bocado preocupada por isso! Ah...

D – Como é que a polícia chegou a... a meter-se no assunto?

M – Ah! Porque... foi de uma forma, foi de uma forma bastante natural! A minha mãe é advogada e então ela tem bastante... ela tem bastantes contactos nesse tipo... com esse tipo de casos... e... ela ao ver conteúdo pornográfico, guardado no meu computador, ficou bastante assustada ah... e então achava que eu tava a ter re [sic], tava a ter... tava

a ter relações sexuais com pessoas mais velhas que eu! Pessoal com idade para ser meu pai, por exemplo!...

D – Sim.

M – E então falou com o colega dela... colega não, amigo dela da PJ e esse amigo dela veio falar comigo e... per... fez-me algumas perguntas e depois explicou-me que até ter... 16 anos não poderia ter relações com pessoas com idade superior a essa idade, porque... poderia ser considerado crime ‘pra essas pessoas. Pronto! Uma... uma coisa bastante natural! E depois a situação ficou resolvida! Mas como é óbvio na altura achei que... como... vá, *criança* que era, achei que a atitude... era completamente errada e hoje em dia vejo aquilo com uma atitude bastante positiva até porque poderia estar mesmo a acontecer esse tipo de situações, eu poderia estar a ser aliciado por um homem mais velho e eu próprio não ter dado por isso!

D – Que idade é que tinhas na altura?

M – Na altura tinha 13! Foi... foi na al... foi na al... foi na altura em que... comecei... foi na... foi logo após eu ter assumido a minha sexualidade.

D – Sim. Achas que se fosses um rapaz heterossexual e ela tivesse encontrado fotografias de mulheres, achas que teria tido a mesma reacção?

M – Não! Porque se calhar via aquilo com uma forma muito mais natural... ah... porquê? Porque é uma coisa muito mais natural para um rapaz heterossexual pesquisar esse tipo de situações, do que propriamente para um rapaz homossexual...

D – Hum hum.

M – Porque... por isso mesmo... porque... propriamente as relações homossexuais ‘tarem... ‘tarem rotuladas com esse tipo de promiscuidade...

D – Exacto. Mas... ‘tavas agora a falar da polícia e lembrei-me que, supostamente, de acordo com a lei portuguesa é preciso esperar até quase aos... até aos 18 anos, não é, para... para vermos material pornográfico. Achas que isso faz sentido?...

M – Acho um bocado... acho que é um bocado ridículo porque toda a gente sabe que... com muito menos de 18 anos, as crianças e os jovens consomem pornografia... ah... acho que hav... a, deveria haver algum tipo de conteúdos que esti [*sic*] ... que

estivessem interditos até as pessoas terem 18 anos. Como é o caso de... BDSM⁷, *fisting*, etceteras e tais, que... são coisas muito mais, a... *hardcore*, vá... ah... e que se calhar podem ferir esse tipo de... se calhar podem ferir pessoas mais novas. No meu caso não aconteceu porque... eu percebi que não era uma coisa com a qual eu... quisesse estar familiarizado. Mas... sei que se calhar há pessoas que vêm isso e ficam um bocado incomodadas e mais sensibilizadas com esse tipo de casos...

D – Então e uma pessoa por exemplo que... que esteja à procura dos seus interesses, tal como tu também estiveste à procura, ah... e os seus interesses por acaso vão nesse sentido e, e tem esse material restrito ou bloqueado... como é que isso funcionava?

M – É assim, nesse caso eu penso que se deveria procurar pessoas, dentro desse tipo de público para... pronto! ‘Pra se trocar experiências ou... ‘pra se trocar informações, de forma a que as situações pudessem ser... compartilhadas!

D – Hum hum. E como é que esse bloqueio poderia ser feito na prática?

M – Pessoalmente não sei, mas... porque, normalmente esse tipo de sites que estão interditos a pessoas com menos de 18 anos, têm um botãozinho, onde dá para carregar e as pessoas entram sem qualquer tipo de... de... de problemas... mas acho que devia ser... acho que passaria sobretudo por controlo parental... muitas vezes os pais não sabem o que é que os filhos consomem. E... por exemplo, no meu caso, os meus pais não sabem que tipo de pornografia é que eu consumo... graças a Deus! Ah... porque se calhar ficariam um bocado assustados... ou se calhar também ficariam um bocado assustados por saber com que tipo de pessoas é que... é que eu tive, é que eu tive relações, ou tive relações... ah... mas sim, essencialmente, passaria por um controlo parental mais... mais restrito...

D – E... e os *pop-ups* e as publicidades que aparecem às vezes até sem querer e na escola ou quando ‘tamos a fazer outra coisa completamente diferente, como é que se lidava com isso?

M – Acho que esse tipo de conteúdos devia ele ser moderados pelos próprios sites, ou seja... eu compreendo que esse tipo de publicidade tenha de existir e que... exista, mas... acho que se tem de se perceber que se for... que se for preciso... estar restrito que seja restrito ao... ao grande público... ou seja, quem quer ir à procura desse tipo de

⁷ Bondage e Disciplina, Dominação e Submissão, Sadismo e Masoquismo.

coisas, vai à procura! Não precisa de... não precisa de ter um *pop-up* que abra e que diga “vem cá, *clica*, para veres homens despidos”.

D – Sim. Sentes que é importante ‘pra ti esse tipo de material estar disponível na internet? É alguma... é uma coisa que faz diferença, ou seja, se d’hoje p’ra amanhã toda a pornografia de todos os tipos desaparecesse da internet, perdias... perdia-se alguma coisa?

M – Não! Porque nós podemos... podemos fazer aquilo que se fazia antes, que é uma procura, por assim dizer, entre aspas, analógica... que é ir aos locais, falar com as pessoas e envolver-nos... envolvermo-nos com as pessoas... é uma f... é uma coisa um bocado mais... é um risco um bocado maior... ah... mas há quem o faça ainda... ah...

D – Então ver pornografia pode ser uma forma mais segura de... de procurar pelos nossos interesses?

M – Sim.

D – Ahm... e, e achas que... não achas que isso seria, essa busca analógica, seria mais complicada também de fazer?...

M – Sim, porque muitas das vezes... ah... a relação entre o... vou usar uma metáfora... a relação entre o emissor e o receptor pode não ser a mesma, o emissor pode ‘tar à procura de uma coisa e o receptor ‘tar à procura de outra... ah... e... ah isso acontece também comigo, por exemplo, eu posso ‘tar à procura de uma coisa e a pessoa em que eu estou interessado pode estar à procura doutra... ou posso... ou porque pode, pura e simplesmente, como acontece muitas vezes, dizer: “eu até te acho piada, mas tu és novo demais”, e... uma pessoa ficar, okay, à vontade...

D – E em relação ao, ao envio de, de mensagens ah... pessoais e privadas ah... alguma vez tiveste contacto com alguma situação de, por exemplo, de pessoas que tenham trocado mensagens pelo telemóvel, fotografias de si próprias nuas ou semi-nuas?...

M – Sim, bastante, até!

D – Que situação é que te vem assim mais à cabeça de repente?

M – Olha... ah... tive um na... tive um relacionamento em que nós... fazíamos isso com bastante frequência, ah... porque... primeiro porque ‘távamos, estávamos poucas

vezes juntos, dado... dado o nosso... graças à nossa... da... dada a nossa escola, por assim dizer... ah porque éramos pessoas com bastante ocupação e... apesar de estarmos juntos todos os dias, não... mesmo... mesmo que fosse pouco tempo, havia sempre pouco espaço para esse tipo, p'ra intimidade! Ah... e então, acontecia que... despoletávamos esse tipo de situações, seja mensagens, seja conversas mais... atrevidas! Seja... troca de fotografias, e até, até aos dias de hoje eu faço isso, não... não, não tem qualquer problema eu fazer porque... é assim, eu com... eu convivo bem com o meu corpo, agora não, não faço isso, não faço isso a minha bandeira, não v... não, não vou p'rás relações... chego à pessoa, okay, agora vou tirar uma foto minha nu, ou vou tirar uma foto do meu pénis, ou do meu rabo... não! Não, não, não faço disso a minha bandeira porque sei que não há necessidade p'ra isso... ah...

D – Achas que há algum tipo de risco associado a fazer isso?

M – Eh pá acho. Como é óbvio, tudo tem um risco. E... neste caso o, o risco pode ser os conteúdos irem parar à internet, por exemplo... ah é um risco bastante grande... ah... e nós sabemos que ‘tamos a correr esse risco e... esse, esse tipo de situações já aconteceu comigo, não ir parar à internet, mas... a pessoa em questão espalhar e... e... ser um bocado... desagradável.

D – Hum hum.

M – Basicamente foi uma troca de fotografias... e... no meu caso, eu, como respeito as pessoas não, não, não espalho as fotografias, ou guardo para mim ou apago. Ah... mas nesse caso, a pessoa decidiu partilhar com os amigos... e... então a pessoa ficou conhecida por ter partilhado esse tipo de conteúdos... na altura não... na altura senti-me bastante envergonhado, mas... olhando p'ra trás eu penso “ah se calhar eles já fizeram coisas piores e, e... e eu não”...

D – Como é que tu lidaste com a situação?

M – Afastei-me. Afastei-me da pessoa em questão ah... e nunca mais voltei a ter contacto com ela.

D – Tens... tendo em conta que isso já aconteceu contigo e que... e portanto ‘tás, ‘tás consciente do risco... tomas algum cuidado extra, alguma precaução quando fazes isso?

M – Sim. Tenho a certeza que não há amigos em comum, por exemplo. Ah... ou que... se houver amigos em comum, que tenho uma relação com essa pessoa que eu queira esse tipo de conteúdos, ah... de uma forma em que sai... de uma forma em que saiba que se essa pessoa fizer alguma coisa com esse tipo de conteúdos que não me agrada, que eu posso lidar da mesma forma com o tipo de conteúdos que ela me enviou. Ah... não o querendo fazer de uma forma vingativa, ou seja... basicamente, não é justiça pelas próprias mãos, mas... é um bocado... ah... não faças aos outros aquilo que não queres que te façam a ti...

D – Exacto.

M – ... ah... portanto se o fizeres, eu vou... eu também o vou fazer. E... como é óbvio, toda a gente sabe que, que se... que esse tipo de situações a acontecerem são bastantes desagradáveis, tanto p'rá pessoa que faz como p'rá pessoa que depois aí... se vê deparada com esse tipo de situações.

D – Quem é que achas que fica mais prejudicado nessa situação? É a pessoa que é exposta, ou seja, eu tiro uma fotografia de mim, mando e essa fotografia depois é espalhada... sou eu que fico pior ou é a pessoa que mandou a fotografia?

M – É a pessoa que... pelo menos eu acho, ah no... que é sempre a pessoa que manda a fotografia ah... ou seja, imagina. Eu mando uma fotogr... eu... tu mandas-me uma fotografia e... eu não publico, depois eu mando-te uma tu e tu vais publi... tu vais mostrar aos teus amigos. E depois se eu publicar a fotografia que tu me mandaste, acho... que tu vais ficar muito mais em xeque do que eu porque... os teus amigos vão dizer, “calma, ele fez isso, mas tu também fizeste!” Portanto... acho que é tão... acho que é mais grave seres tu a fazê-lo porque... se calhar foste tu que provocaste a situação, do que propriamente ele, porque ele apenas sucumbiu àquilo que tu... àquilo que tu lhe pediste e não... e se calhar tu também ‘tás errado!

D – Ah... achas que se fosse uma situação entre um rapaz e uma rapariga seria a mesma coisa?

M – Sim. Bastante... e muitas das vezes nota-se que... as raparigas são bastante... não é menosprezadas, nem inferiorizadas, mas... vitimizadas por esse tipo de situações, porque... ah... em que as coisas são espalhadas e...

D – Mas então nesse caso, a... a rapariga... imagina que é a fotografia da rapariga é que é espalhada... a rapariga acaba a sofrer mais do que o rapaz que espalha a fotografia, é isso que ‘tás a dizer?

M – Sim. Bastante.

D – Portanto... Então não é a mesma coisa... ‘tavas a dizer originalmente que quem espalha a fotografia, no caso de uma relação homossexual, imagina, quem espalha a fotografia fica pior.

M – Sim.

D – E... no caso de um... de um casal heterossexual é a pessoa, se é a rapariga que fica mal vista...

M – P’lo menos, p’lo menos quando é com as raparigas eu sinto mais isso, porquê? Porque elas não têm tanta forma de se defender. Enquanto nós homens, se for preciso, ah... eh pá resolvemos a situação cara a cara... elas não, porquê? Porque ficam incomodadas, porque... há sempre aquela coisa do “eu expus o meu corpo, eu gostava da pessoa, eu fiz isto”. Connosco, se calhar nós pensamos: “eh pá, é só mais um rapaz, não vamos pensar mais nisso... acabou a situação... ah quando o encontrar... enfrento-o ou...” pura e simplesmente corta-se a relação por ali. A rapariga não, na rapariga há... há-de ser sempre aquela coisa do: ou tinha as mamas muito grandes, ou tinha as mamas muito pequenas, ou então tinha aquela... ou então tinha gordura na barriga ou então estava com as cuecas daquela cor... é... esse tipo de situações é um bocado mais... é um bocado pior para elas, do que propriamente no meu caso... nós homossexuais, porque no caso dos homossexuais aquilo que acontece é: “ah, olha esse tipo faz a depilação, ou não faz a depilação, tem um pénis grande, tem um pénis mais pequeno ou...” se ca... muitas das vezes acontece que... muitas das vezes as pessoas que depois... com quem esse conteúdo é partilhado ficam a pensar: “eh pá esta pessoa até tem um bom corpo! Eh pá, olha, não, não me importava que tivesse sido comigo!”

D – Portanto até pode haver algum resultado positivo dessa partilha...

M – Talvez [risos]. Nunca... voltamos à questão da promiscuidade. Não... [risos] esse tipo de situações muitas vezes trazem... benefícios, entre aspas. Ah... que nunca são

benefícios porque... como é óbvio, a pessoa chega... a pessoa chega até nós porque esse conteúdo foi partilhado.

D – Hum hum. E... também já tiveste contacto com situações de fotografias de outras pessoas a serem partilhadas, à tua volta, amigos teus que tenham feito isso ou assim?

M – Ah... n... não. Acho que não.

D – Também nunca partilhaste fotografias de outra pessoa, que te tenham mandado a ti?

M – A única coisa que já fiz foi ter mostrado a um relacionamento meu, uma fotografia que outra pessoa partilhou comigo... ah... portanto era um amigo em comum... e nesse caso, o relacionamento com quem eu estava, o rapaz com quem eu estava, ficou bastante surpreendido, porque ele... ele próprio disse: “ah não sabia que a pessoa em questão fazia esse tipo de coisas!”, e eu: “pois eu também não, mas... a pessoa em questão enviou-me o conteúdo e eu fiquei um bocado ‘o que é que ele ‘tá a fazer’!!’”...

D – Então nessa situação tu não ‘tavas à espera que essa pessoa te mandasse esse conteúdo?

M – Não, porque nós estávamos a falar... ‘távamos a falar abertamente sobre sexo... e de um momento para o outro eu recebo... eu recebo um... um anexo e vou abrir o anexo e era uma fotografia!... E eu fiquei...

D – Porque é que achas que ele mandou isso?

M – Se calhar foi uma atitude provocatória...

D – P’ra tentar engatar ou...?

M – Não... acho que p’ra tentar... estávamos a... estávamos a falar sobre... ‘távamos a falar sobre... sobre, sobre, sobre, sobre... já não me recordo... mas ‘távamos a falar sobre sexo e... acho que ele enviou isso... de... de forma a explicar... que se calhar ele também se presenciava com esse tipo de realidades...

D – Hum hum. Okay. E tu lembras-te do que é que sentiste na altura?

M – Na altura senti... na altura, ri-me da situação e achei que “okay, porque é que ele ‘tá a fazer isto?” E... até achei... até achei a situação bastante interessante, mas... depois pensei: “okay, se calhar ele ‘tá a querer uma coisa que eu não quero”.

D – E comentaste isso com ele ou...? Não lhe disseste?...

M – Não, perguntei-lhe só porque é que ele tinha feito e ele... e ele se... ele simplesmente perguntou se eu não tinha gostado e eu disse: “sim, okay, gostei! Mas não... não vai acrescentar mais nada por causa disso”.

D – Hum hum. Olha, pronto é assim, no geral, era basicamente isto que eu te queria perguntar, e portanto já... já estamos a... a acabar o, o tempo... ah queria-te só perguntar se... gostaste da, da conversa...

M – Sim.

D – ... e de participar no estudo... ah... e queria saber um bocado... sei que disseste isto há bocado, mas queria saber se tiveste alguma motivação especial para vir participar neste estudo em particular, ou se foi assim uma coisa mais geral... de me ajudar simplesmente...

M – Foi... é assim, como eu tinha dito no princípio, acho que não custa nada ajudar, e... sendo... sendo um... sendo um tema com o qual eu... estou bastante familiarizado e convivo sem qualquer tipo de problemas... não me custou de forma nenhuma ajudar-te, acho que... acho que até foi bastante produtivo para mim, porque... se for preciso não falo destas coisas tão... tantas vezes quanto... não é quanto as queria, mas quantas que há oportunidade para tal... e... ajudou-me... a, a falar sobre esse tipo de coisas.

D – Achas que os jovens ainda têm poucas oportunidades p’ra falar sobre este tipo de assuntos?

M – Acho... porque, ou, ou porque não estão à vontade... ou porque não... ou porque não têm oportunidade p’ra isso.

D – Hum hum. E é... quer dizer, nós há bocado ‘távamos a falar de, de ir à procura de informação na internet, não sei quê... achas que é complicado distinguir informação verdadeira de falsa?

M – Ah não... acho que cada vez mais há uma separação de... de informação, do que é que é verdadeiro, do que é que é falso... e até se... até mesmo ao lermos conseguimos entender que tipo de situações é que são fic... ah... fictícias e outras... e as que são mais verídicas...

D – Hum hum. Estás-te a lembrar assim de mais alguma coisa que... sentes que tenha ficado por dizer?

M – Não, acho que não...

D – Ah.... E... e, quer dizer, se tivesses que dar... conselhos a jovens, ou se tivesses que ajudar os jovens a... a descobrir a sua própria sexualidade ou a descobrir os seus próprios gostos... o que é que lhes dirias?

M – Diria-lhes... para serem genuínos... e 100%...

D – Serem o quê, desculpa?...

M – Genuínos. E 100% honestos com eles próprios, porque... não é por... por exemplo, não é por eu gostar de uma pessoa mais velha, quando digo mais velha, por exemplo, com 20 anos de diferença, que vou deixar de ser mais ou menos por isso, ou que vou deixar de gostar mais ou menos da, da pessoa... ah... que ‘tá a dizer isso... não temos que cair num *standard* em que... em que só podemos gostar de pessoas da nossa faixa etária, e do mesmo círculo que nós, ou da mesma tribo, por assim dizer, que nós... ah... mas sim podemos gostar da... daquilo que nos faz felizes, e de... e daquilo que nós sentimos que nos deixa satisfeitos! Pá, se o que eu gosto é de transsexuais, então, okay, vou à procura desse tipo de público. Ou se eu gosto é de... *bears*, então vou à procura desse tipo de público. Ou... aquilo que eu ‘tava a dizer, se se gosta de homens mais velhos vai-se à procura disso!

D – ‘Tá bom, obrigado.

ANEXO 43

Entrevista 004 – 06/06/14

Respondente: Ivo, 18 anos, género masculino; estudante que vive na margem Sul mas estuda em Lisboa

Local: Café Aprazível

Daniel – Costumas usar a internet?

Ivo – Sim. Praticamente todos os dias.

D – Pronto, tens internet em casa?

I – Hmm hmm.

D – Vives com a tua mãe, o teu pai, familiares?

I – Na realidade, eu tenho internet em casa da minha mãe, em casa do meu pai não tenho, mas, ah, frequento mais ou menos, ah... em geral, mais os fins-de-semana em casa do meu pai, e durante a semana em casa da minha mãe.

D – E, vives cá em Lisboa?

I – Não, na margem Sul.

D – Vives na margem Sul. Ah, e és natural de lá, mesmo, ou estás deslocado a estudar, ou?

I – Não, não, não... eu sou... moro lá, e estudo cá em Lisboa.

D – Okay, está bem. Também, também costumavas utilizar a internet no telemóvel?

I – Não. Não. Muito raramente, só para pesquisas muito rápidas, porque o meu telemóvel não tem um suporte muito bom para a internet.

D – Okay. E é só por wireless, ou tens mesmo pacote de dados?

I – Tenho o pacote de dados.

D – Okay. Ah... A primeira coisa que, sobre a qual eu te queria perguntar era justamente a questão da, da procura de informação, na internet, sobre questões que têm que ver, ou com saúde sexual, ou com sexualidade, com mudanças do corpo, com doenças, contracepção, portanto, tudo o que tenha a ver com isso, e... aquilo que eu te queria perguntar em primeiro lugar era, se por acaso, ah... tu conheces alguém, ou tens alguma amiga ou algum amigo que te tenha dito que já procurou informação na internet sobre alguma destas coisas.

I – Ah, sim... Este... ainda, este rapaz que estava comigo, ele procura frequentemente... informações na internet, sobre o tema da sexualidade e... doenças, ah... toda, todas essas coisas relacionadas com o desenvolvimento do corpo na adolescência...

D – E... ele alguma vez te disse porque é que recorre à internet, e não a outros meios?

I – Ah, é um meio mais acessível. É sobretudo, penso eu, sobretudo por ser mais prático.

D – Hmm hmm. E no teu caso, também alguma vez foste à procura de informação?

I – Não tão frequentemente, creio eu, mas... ou seja, numa primeira pesquisa, re... recorro obviamente à internet, depois... muitas vezes não considero a informação fide... fidedigna o suficiente, ou, e nesse caso procuro um médico, ou...

D – Ah, tens mais ou menos memória de quando é que começaste a procurar informação sobre isso?

I – Ah...Hmm... Bom, não tenho... não tenho assim nenhuma idade... específica em que me lembre, mas... provavelmente a partir dos 15, se calhar...

D – Hmm hmm... Ah, tinhas facilidade de falar disso em casa, com os teus pais, ou nunca foi um assunto muito falado?

I – Os meus pais... os meus pais não são... muito conservadores, mas ainda assim não... ou seja, não há problema... não há problema em falar sobre isso, mas eles também não introduzem espontaneamente a questão, mas nunca tive constrangimentos em falar com eles sobre o que precisasse. Nunca falei muito com eles, mas tem mais a ver com a nossa relação, do que sobre esse assunto... assunto em específico.

D – Exacto... E, noutros sítios, por exemplo, na escola?

I – Ah, na escola, é... Há um à-vontade p'a falar sobre essas questões, até demasiado, não é?

D – Demasiado em que sentido?

I – Demasiado no sentido em que muitas vezes as coisas que são partilhadas... penso eu, não correspondem exactamente à realid... à realidade.

D – E aí falas de partilhadas, o quê, entre colegas?

I – Sim. Estou a falar na escola, na faculdade...

D – Que tipo de, de conversas é que... é que normalmente são essas?

I – Ah, partilha de experiências... esclarecimento de dúvidas sobre doenças, ou as pessoas partilharem as impressões e os conhecimentos que têm, sobre essa quest... sobre esse assunto.

D – E as pessoas costumam vir ter contigo para... p'ra te fazer perguntas para elas se esclarecerem?

I – Ah... Não... Ah... quer dizer, vir ter comigo especificamente para fazer uma pergunta, não, mas em contexto de conversa, eventualmente, surgir uma dúvida... ou, da mesma forma que eu seria capaz de perguntar a outra pessoa...

D – Claro... E, ah, na tua, na tua escola, quer dizer, já estás no ensino superior, não é?, mas no secundário ou no básico, houve alguma aula de educação sexual, ou os professores falavam disso, como é que era?

I – Ah, sim... sim... não era, não era oficial, nem era... feito de uma forma rigorosa, mas... esporadicamente tínhamos, ou uma acção de formação, ou... pronto, um... grupos de pessoas que vinham à escola fazer... apresentações...

D – Lembras-te de quem é que dinamizava isso?

I – Ah... tive... uma das vezes, uma das vezes por acaso até foi a GNR, quer dizer, não foram falar só sobre isso, mas falaram também. E... E quem mais?... Os próprios

professores raramente... filosofia e coisas assim, preparavam uma aula, uma vez por ano, ou uma vez por período, no máximo, sobre sexualidade.

D – E... esses, esses conteúdos que eles, que eles passavam na altura, eram coisas que tu já sabias? Conseguiste aprender alguma coisa de novo?

I – Na maioria das vezes, sinceramente eram coisas que eu já sabia... até porque, apesar dessas acções de formação ocorrerem todos os anos, eram... quase sempre o mesmo, ou seja, não... não se nota uma actualização da informação, é sempre... eu lembro-me que as apresentações eram sempre iguais, às tantas... e nós próprios também fazíamos trabalho, naquelas disciplinas como Área de Projecto e não sei quê, fazíamos trabalho sobre isso e a informação que circulava, era sempre a mesma.

D – Sentias falta de alguma informação, alguma coisa que tu querias saber e que eles não te tivessem dito?

I – Ah, há um assunto que me afecta particularmente que é a questão da homossexualidade, e de... da bissexualidade, pronto, outras orientações... de, de género, para além da heteronormativa, não é?, e... sobre isso, por exemplo, é um tema que não se aborda muito, nessa... nessas acções de formação, e... e coisas preparadas. Ah...

D – Sim...?

I – Não sei se me lembro assim de mais... Com certeza, há-de haver outras questões que não são abordadas.

D – E sentes que para, para ir à procura de informação sobre essas questões especificamente, a internet ajuda?

I – Sim. Ajuda sobretudo no sentido em que... por exemplo, para além de haver informação mais oficial, ou seja, mesmo com o intuito de informar, há outra coisa que eu também considero bastante útil que é, que são os fóruns, em que pessoas, pronto... anónimas, vão partilhar... é um caso... é um bocado como aquilo que eu ‘tava a falar há bocado na escola, de as pessoas partilharem... experiências e... procu... uma, uma coisa é o conhecimento oficial, pronto, sobre as doenças é preciso ter um conhecimento oficial e estudado e não sei quê; a parte das experiências é mais... uma questão de partilha, e... de desenvolvimento...

D – Hmm hmm. E quando falas dessas coisas, na escola, ou falavas dessas coisas na escola, ou na faculdade – imagino que a maior parte das pessoas à tua volta seja heterossexual...

I – ...sim...

D – ...ah... sentes alguma diferença, ou vêm ter contigo fazer-te perguntas específicas por tu não seres heterossexual?

I – Ah... Sim... Sim, é, é comum às vezes... sobretudo quando eu... quando alguém... ou seja, às pessoas que já sabem há mais tempo, não... pronto, já não, já não têm tanta curiosidade, ou já não questionam tanto, mas sobretudo as pessoas que eu vou conhecendo, ah... e, e as pessoas que nunca lidaram com... nunca lidaram... nunca lidaram de uma forma próxima com uma pessoa que não fosse heterossexual, às vezes têm questões. Sobre, sobre o sexo, a parte emocional, pronto, tudo... muitas vezes não compreend... não compreendem que, que, que... a maioria das coisas são semelhantes, ou... e então às vezes perguntam... fazem, pronto, fazem perguntas sobre como é que é a actividade sexual, como é que funciona a parte emocional, se é, se é da mesma forma...

D – E tu disponibilizas-te a...

I – ...sim...

D – ...a responder?

I – Na maioria das vezes sim.

D – Imagina que alguém se chegava ao pé de ti e te perguntava, ou te pedia, conselhos sobre como é que se procura informação na internet, sobre esses temas todos, no geral. Que conselhos é que darias à pessoa?

I – Como procurar informação?

D – Sim.

I – Ah... ...Eu, é assim, eu, por exemplo...

D – ...Ou como é que tu fazes, para o que queres...

I – Pois, era isso que eu ia dizer, como é que eu faço quando vou procurar à internet... Primeiro, procuro em vários sítios, nunca... é impensável pensar num sítio só... é, para mim é importante... com... comparar várias, porque a internet tem muita informação, não é?, e se nós cairmos no erro de, de ver só uma... pronto, pode ‘tar errada, não é?, como tudo, e então eu gosto primeiro, de procurar em vários sítios sobre a mesma coisa, e fazer, pronto, uma comparação geral... ah, e depois, só, procurar... há sites, há sites mais... há sites oficiais, não é?, se... sobre, os sites do Ministério da Saúde, por exemplo, e... há sites com informação supostamente oficial, e há outros com informação mais amadora, entre aspas... e acho, acho importante pesquisar nos vários sítios, e estabelecer um paralelo...

D – Tu há bocado estavas a dizer que há uma série de informação na internet que não é fidedigna...

I – Hmm hmm...

D – Ah... como é que tu consegues detectar que informação é que não é fidedigna?

I – Ah, isso eu acho que é uma avaliação muito pessoal, não é? Se pusermos duas pessoas a avaliar a mesma informação, provavelmente as pessoas vão avali... avaliar isso de forma diferente, mas, ah... não sei se tenho, não sei se tenho algum critério que consiga descrever, é um... é um bocado... pela forma da escrita, ou... Acho que é mais por aí.

D – Okay... achas que se este tipo de informação não estivesse disponível na internet, se perdia alguma coisa, ou dificultava a vida?

I – É assim, torna sem dú... torna sem dúvida, por exemplo, o acesso mais rápido, não é?, quem tiver acesso à internet, o acesso... é muito mais rápido, para esclarecer esse, esse tipo de dúvidas, não é?, do que uma pessoa que não tenha internet. Se não houvesse... ah... seria mais difícil encontrar a maioria das informações, penso eu. Seria necessário, procurar um especialista... uma pessoa da área da saúde, ou... eventualmente em livros, não sei... por acaso não sei muito bem como é que são os livros nesse capítulo... se há muitos livros sobre... pronto, com informação do género do que há na internet.

D – Então nunca foste à procura desse tipo de informação em livros?

I – Acho que não!

D – É mais... recorres mais à internet?

I – Hmm hmm.

D – Sentes que, enquanto, enquanto pessoa não-heterossexual, foi particularmente importante para ti, ah, teres a internet à disposição?

I – Sim, acho que sim. Facilitou imenso [riso] em todas as questões.

D – Em que, em que sentido?

I – Primeiro, ah... o, um dos meus primeiros problemas foi... não que, não que vamos escolher as pessoas com quem nos damos, pela orientação sexual, mas a primeira, o primeiro problema com que eu me deparei foi não conhecer na altura mais ninguém na mesma situação que eu!... e então a internet aí... f... funcionou como veículo de... pronto, de conhecimento de outras pessoas na mesma situação... comecei por procurar fóruns... e eventualmente depois até conheci pessoas, mais uma vez este rapaz que ‘tava comigo serve de exemplo, conheci-o na internet, e... foi, foi... se... pronto, essa, essa foi uma das utilidades. Ah, depois para procurar também informação relativa também à reacção dos pais, dos familiares e tudo o mais, ah... pessoas a contarem experiências de como é que contaram aos pais, como é que contaram aos amigos, e pronto, foi... nesse sentido, foi muito importante. Se não, se não houvesse internet, teria sido sem dúvida mais difícil.

D – Já passaste por essa experiência, de contar aos teus pais?

I – Sim, já contei... a quase, pronto, tod... todas as pessoas com quem eu me dou actualmente, acho que sabem.

D – Foi há quanto tempo, mais ou menos, que fizeste?

I – Dois anos, p’raí, que eu... quer dizer, há mais tempo para os amigos... aos meus pais foi há sensivelmente dois anos.

D – E, e fizeste essa espécie de trabalho de casa, de ler primeiro sobre...?

I – Sim. Informei-me sobre como é que outras pessoas fizeram, exemplos de reacções, pronto... dos pais... e aquilo p'ra que nós nos devíamos preparar, não é?, no caso, no meu caso até não correu mal... mas sim, fiz, fiz esse trabalho de casa na internet.

D – E... a que, a que fóruns ou a que grupos é que tu te juntaste, para preparar isso?

I – Ah... agora assim de repente, só... mesmo juntar-me... bom, juntar-me, não, não... não contribuo com a parte das quotas, e com a parte financeira, mas inscrevi-me num fórum da... Rede Ex Aequo. E... acho que foi só.

D – Foi só isso...

I – Bom, em termos de fóruns de apoio, não é? Depois há as redes sociais, de... pronto, específicas para pessoas homossexuais.

D – E também estás nessas redes?

I – Sim.

D – Em quais é que, é que estás?

I – Ah... 'tou inscrito... não, estava!, tive inscrito na altura inscrevi-me, numa, numa... agora não me lembro o nome, *Manhunt*...

D – Sim...

I – Tive inscrito aí, e depois apaguei a conta... E... Agora tenho uma conta num site que eu nem sequer sei como é que se diz, que é... tipo, *Recon*, R-E-C-O-N...

D – Ah... Porque é que apagaste a conta do *Manhunt*?

I – Não era... [riso] Não era... não era bem a minha cena, fartei-me... Não... sei lá... inic... inicialmente quis para conhecer pessoas e... mas depois, não... de... deixei de ter vontade, já não... ou seja, basicamente, deixei de querer, não, não, não quis mais... aquele tipo de contacto... pronto, não, não tenho preconceito nenhum, mas não, não tinha vontade de, de... de conhecer mais pessoas, n... naquele contex... naquele contexto, sei lá.

D – E... o fórum da Rede Ex Aequo, foi diferente a experiência lá?

I – Ah, sim, para já, os objectivos são diferente, não é?, os dois sites... Ah... aí a experiência foi boa, sim, foi mais numa de... como eu ‘tava a referir há bocado, partilha de experiências de contar aos pais e amigos, sobre aceitação pessoal... dos...

D – Portanto, sentiste que foi uma experiência positiva para ti, foi importante?

I – Sim... sim, sim, sim... sem dúvida.

D – O que é que dirias que aprendeste, lá no fórum da Rede Ex Aequo?

I – Ah... Hmm... O que é que eu aprendi... Bom, essa é uma boa pergunta... Bom, é assim, lá no fórum discute-se sobre muitas coisas, não é?, eu participei, na altura, agora, já não, já não participo activamente no fórum, mas na altura quando me inscrevi, participava em... nos assuntos mais diversos, desde os problemas pessoais que as pessoas enfrentam naquela situação com os próprios, com a família e os amigos e não sei quê. Ah... não sei se consigo dizer uma coisa... eu aprendi isto especificamente, mas discuti abertamente sobre diversos assuntos e eventualmente hei-de ter aprendido alguma coisa!, não sei se consigo...

D – ...sintetizar...

I – Exacto. Mas...

D – E sentes que ensinaste alguma coisa a alguém, sentes que ajudaste alguém, de alguma maneira?

I – Sim! Sim... eu não, não, não... não fui só, não fui só passivo, não fui só ler, não fui só... também, também participei, portanto provavelmente ajudei alguém, acho que sim...

D – Isso contribuiu para mudar a maneira como tu olhas para a tua vida, para a tua pessoa, influenciou a tua vida de alguma maneira?

I – Sim... Sim. Quer dizer, não especificamente esta questão do, do fórum, e de tratar sobre estes assuntos sem a internet mas, por exemplo, a questão de... da homossexualidade, eu acho, acho que me tornou mais tolerante... quer dizer, uma pessoa... ah... desejando a tolerância dos outros, não pode, não pode ser intolerante, não é?, não é coerente. Então acho que... pronto, descobrir esta característica em mim e

falar sobre ela no... no site, sobre outros assuntos, não se fala lá só sobre isso... ah, tornou-me uma pessoa mais tolerante, acho eu.

D – Foi, foi complicado, de início, ou não?

I – Ah... Não, especialmente complicado... quer dizer, eu conheço pessoas com situações muito mais complicadas. Não... não é... não é uma coisa que surge... de ânimo le... ou seja, que a pessoa trate de... de ânimo leve quando surge, mas... mas... a minha situação, tanto a nível pessoal como a nível familiar, foi, foi, foi muito simples, foi rápida, resolveu-se bem, foi tudo muito prático.

D – E já, já incentivaste alguém por exemplo, a juntar-se a algum grupo, ou mesmo ao Fórum da Rede Ex Aequo?

I – Ah, sim! Sim, na altura... consegui fazer com que duas amig... amigas minhas se inscreve... se inscrevessem, uma lésbica e outra bissexual. ...Não, três, três amigas minhas, uma lésbica e duas bissexuais.

D – E que argumentos é que usaste, para as convencer, digamos assim?

I – Ah, uma... uma já tinha a vida feita, já conhecia muita gente lésbica e já ‘tava muito dentro do assunto, pronto, também já era assumida p’á família, as outras duas, nem por isso... Ah... uma delas, ninguém sabe, e a outra... pouca gente sabe... e elas ins... e, e disse-lhes que, que seria bom inscre... pronto!, inscreverem-se no... no Fórum, p’a, lá está, p’a poderem partilhar experiências e, e, e... sobretudo no caso delas, aprender, não é?, porque elas não tinham muitas experiências para partilhar, era sobretudo aprender com... com as experiências das outras pessoas, e com a forma como elas fizeram, quer seja por ter corrido mal e não repetir aquele tipo de situação, ou quer... ou pelo oposto, não é?

D – E chegaste a ter alguma experiência mais desagradável dentro do Fórum, por exemplo?

I – No Fórum da Rede Ex Aequo, não... quer dizer!, há, há discussões que não correm muito bem, porque há assuntos... há assuntos em que, inevitavelmente, as pessoas têm opiniões que divergem tanto, que às vezes, so... sobretudo em questões que entram no campo pessoal, não é?, mas no, não tive nenhuma experiência desagradável, pronto, há discussões que não correm de forma tão... não me lembro qual é que é a palavra...

D – Tão civil?

I – Sim...

D – Ah, consegues lembrar-te de algum tema?...

I – Um tema...

D – ...em que isso tenha acontecido?

I – Um tema... o tema do, do... no Fórum, é assim, pelo menos da minha experiência pessoal, e de, dos tópicos que eu frequentava, eu lembro-me qu'ó que em geral tinha mais... ah... mais divergência nas opiniões, e depois causava algum... ambiente menos... civil, vá... era o da... o do suicídio e da auto-mutilação, e não sei quê... as opiniões aí divergiam muito, e... como é uma coisa muito pessoal, e muito delicada, pronto... aí, o ambiente aí nesse tópico era um bocado mais complicado, mas não me lembro assim... não me ocorre, mais nada...

D – E qual era a tua postura nesse, nesse tópico; quer dizer, como é que tu lidavas com a situação?

I – Ah...

D – De haver opiniões tão divergentes?

I – Eu... ...Qual é que era... qual é que era a minha posição nesse tópico?... Ou, ou como é que eu lidava com...

D – É mais como é que tu lidavas com...

I – ...com o fac... com o fac...

D – ...com a discussão em si, digamos assim.

I – Ah... ... Eu, eu gosto de discutir os assuntos, e mesmo quando as discussões se tornam um bocado mais... ou seja, isso não... quando as discussões se tornam um bocado mais atribuladas, vá, isso por si só não, não me incomoda. Ah... l... lidava bem, acho eu... é, é assim... Eu, eu participei activamente nesse tópico, e durante algum tempo, também contribuí para que o ambiente fosse assim mais atribulado, mas, ah... enquanto participava, participava e o facto de ter aquele ambiente não me incomodava,

por si só, depois, às tantas também... as, as pessoas discutem, mas cada um, naquele caso, as pessoas em geral ficam com a opinião que já tinham, portanto não... às tantas, deixei de frequentar o tópico.

D – Ah, afastaste-te do Fórum – ‘tavas a dizer que já não participavas – afastaste-te do Fórum por alguma razão?

I – Não... deixou... não sei, durante, durante algum tempo, sentia-me bem, em... em... em ir lá e, e escrever e ler, depois deixei de... também por causa da faculdade, deixei de ter algum tempo para ir à internet, já não vou, desde que entrei para a faculdade, já não vou tantas vezes à internet como ia... mas... naturalmente deixei de... deixei de frequentar, já não tinha... já não dava tanto gozo discutir o... os assuntos, e... sei lá... acho que... [riso] é... é um bocado o problema do século XXI, não é?, as coisas têm um... piada ao início, não sei!, às tantas cansei-me, acho eu...

D – Hmm hmm... Okay. Em relação, ah... a ver, por exemplo... ou ver, ou ler... ah, material pornográfico, ou erótico, na, na internet, ah, isso alguma vez tema de... assunto entre ti e amigos teus, ou amigas tuas?

I – Ah... sim... embora não seja muito recorrente, porque a maioria dos meus amigos seja, são heterossexuais, então não, não há ass... assim... eles não, eles não falam comigo sobre a pornografia que vêem, e eu não falo com eles sobre a pornografia que vejo... em relação aos meus amigos que também são gays, ou bis, ou... ah... aí sim, falamos sobre isso, mas... também não, acho que não é um assunto muito recorrente.

D – E que tipo de, de experiências é que eles partilham?

I – Em relação ao, a ver porno... pornografia?

D – Sim.

I – Ah... Bom, não sei...

D – Ou seja, como é que começa uma conversa dessas?

I – Ah, como é que... Hm... Essa é uma boa pergunta, tam’ém... Ah... bom, como digo, com os meus amigos heterossexuais, a, a conversa especific... especificamente sobre, sobre pornografia [sic] não, não surge, não me lembro de nenhuma situação em que tenha...

D – Sim...

I – ...Com amigos gays... Hmm... Ah, sim! No secundário houve uma altura em que nós falávamos muito sobre isso! Já nem sequer me lembro como é que as conversas surgiam, mas muitas vezes até ‘tava um grupo grande a falar sobre isso, ah... ...Lembro-me... de... das rapa... colegas minhas ‘tarem a dizer que não se importavam de ver pornografia com duas raparigas, mesmo... mesmo sendo heterossexuais, mas fazia confusão, ver dois rapazes, e o contrário, vice-versa, muitas vezes... nem sequer, sinceramente, não sei muito bem como é que começavam as conversas! Mas sei que m... muitas vezes às tantas estávamos todos a falar sobre que tipo de pornografia é que preferíamos ver, se com... isto em relação a... se, se com dois rapazes, se com duas raparigas, se com um rapaz e uma rapariga, ou se com mais pessoas!, mas... ah, também não entrávamos em muitos detalhes, era mais esse tipo de preferência, assim...

D – E... quer dizer, o que é que tu sentias quando ouvias as tuas colegas, por exemplo, a dizer que lhes fazia impressão ver dois, dois rapazes juntos?

I – Ah, eu sinceramente compreendo, porque... também não faz parte das minhas preferências [riso] ver porno [*sic*]... pornografia onde entrem raparigas, portanto eu de certa forma compreendo a situação, pela situação oposta.

D – Hmm hmm...

I – Portanto não, não me causava nenhum... desconforto.

D – Nenhum desconforto...

I – Em específico.

D – Achavas... curioso, ou, ou, ou particular, digamos assim, elas, sendo heterossexuais, dizerem que não se importavam de ver pornografia com duas raparigas?

I – Acho curioso, sobretudo. Acho curioso... Acho curioso, porque eu não percebo muito bem o que é que motiva, mas... mas não... ou seja, acho curioso só nesse sentido, gosto de sa... de saber esse tipo de informação, mas nem sequer gosto de saber por nenhuma razão específica, só assim por curiosidade.

D – E tens alguma teoria sobre porque é que elas poderão gostar de ver, ou não se importar de ver?

I – Ah... Não... Sinceramente, já nem sequer me lembro... Já não... já não pensava nesta questão há algum tempo, mas já não me lembro do que é que pensava na altura. Não me lembro do que é que pensava na altura, mas...

D – ...okay... E contigo, tens ideia de quando é que começaste activamente a ir à procura desse tipo de material?

I – Ah, foi muito tarde! Eu não... muito tarde, bom, há pessoas que começam muito mais cedo, é isso que eu quero dizer. Eu não... eu despertei sexualmente muito tarde, foi só, sei lá... ...eu já... ah... não tenho muito bem noção, mas é... ... sei lá, 14, 15... eu digo muito tarde porque eu sei que, por exemplo, o meu irmão é mais novo do que eu e começou mais cedo, a... a ver pornografia na internet, por isso é que eu digo “muito tarde”, se calhar não é assim tão tarde, mas foi por volta dos 14, 15 anos.

D – Hmm hmm... E foi... quer dizer, eu diria que, à partida, é teoricamente pelo menos mais fácil encontrar pornografia heterossexual do que pornografia não-heterossexual. Ah, concordas, ou não?

I – Não...! Quer dizer, eu nunca me dediquei muito a, a procurar pornografia heterossexual, portanto não sei muito bem, mas deduzo que seja igualmente... p’ra mim... p’ra mim é muito fácil encontrar pornografia... homossexual, de todos os tipos.

D – Hmm hmm...

I – E... E heterossexual, então, deve ser facilímo também, portanto, não sei... não sei se há assim uma desigualdade tão grande.

D – E nunca tentaste... nunca te aconteceu, por exemplo, estares à procura de pornografia não-heterossexual, e, e cruzares-te com heterossexual?

I – Não...

[interrupção por empregada do café]

I – Perdi-me... Como é que é a minha reacção?

D – Sim.

I – Bom, muitas vezes... muitas vezes, nas páginas onde aparecem os vídeos, tem vídeos e anúncios em torno, mas eu não... não me incomoda especialmente.

D – Hmm hmm... Ah, achas que se pode aprender alguma coisa com a pornografia?

I – É assim... depende... bom, há vários tipos de pornografia... pornografia, não é?... há mesmo, há mesmo... há pornografia, diria, profissional... e há... e há aqueles vídeos mais amadores. A pornografia profissio... a pornografia profissional, penso eu que possa ser um bocado enganadora, mas não, não deixo de a ver por causa disso. Ou seja, as coisas são... planeadas, não é?... ah... a pornografia... a pornografia amadora, é mais espontânea, diria eu... ou também pode ser programada!, não é?, visto que ‘tá a ser filmada, mas... Se se pode aprender alguma coisa? Ah, eu penso que sim!... Sobretudo... tirar ideias para fazer... práticas novas, sei lá...

D – Já te, já te calhou, por exemplo, uma situação em que tu fosses à procura de pornografia para aprender coisas novas, ou para tirar ideias?

I – Ah... sim... acho que sim. Eu gosto de... ah, aliás, eu nem sequer... eu... nem sequer gosto de ficar muito tempo a ver o mesmo vídeo... eu gosto de... ir... muitas vezes os vídeos são grandes, e eu vejo só trechos e gosto de ver muitos vídeos diferentes, portanto, ver coisas diferentes...

D – Ah...

I – ...sim, também p’ra aprender, sim.

D – Para além dessa questão da aprendizagem, porque é que achas que as pessoas vêem pornografia?

I – Ah... porque acho que é... acho que é... ...provavelmente a f... a forma mais fácil... de... de se... ou seja... ...em princípio todas as pessoas... bom, isso não é... não é ge... não é linear, mas em princípio, todas as pessoas têm necessidade sexual, e nem sempre têm um companheiro ou companheiros com... com quem o possam fazer, e provavelmente a pornografia é a forma mais acessível de uma pessoa poder... saciar essa espécie de necessidade. Eu não diria necessidade, porque já tive alguns problemas a... a chamar necessidade a isso!, mas... pronto, é provavelmente a forma mais acessível, que as pessoas têm...

D – Porque é que não... não usas a expressão “necessidade”?

I – Porque... uma vez, por acaso, foi uma vez numa reunião da, da Rede Ex Aequo, eu... eu disse... disse que o... a... ...ou... se, se for a dizer assim, vou ‘tar a... a fazer um pleo... um pleonasmo, mas pronto... Eu disse que... a necessidade sexual era uma necessidade, ou seja, tratei o... o ímpeto sexual como se fosse uma necessidade. E houve algumas pessoas que disseram que não era uma necessidade, porque era controlável, e que... por exemplo, uma pessoa podia viver sem beber água... ah, uma pessoa não podia viver sem beber água, mas podia viver sem fazer sexo... e que portanto não era uma necessidade nesse aspecto, e é só por isso que eu digo que... que evito tratar... quer dizer... para mim faz sentido tratá-la dessa forma!, mas já percebi que para a maioria das pesso... a maioria das pessoas ficam incomodadas quando se diz “necessidade sexual”, então...

D – Porque é que achas que as pessoas ficam incomodadas?

I – Não sei...! Se calhar... ...muitas vezes, o sexo é um assunto difícil de tratar, mesmo... mesmo com a abertura que existe hoje em dia, e mesmo com, com a diversidade de orientações sex... sexuais, e identidades de género, e não sei quê... acho que... muitas vezes, o sexo é um assunto difícil de tratar, e, e para algumas pessoas se calhar é difícil ver o... lidar... pronto, isso também, é assim... ‘tou aqui a falar, mas também é uma questão pessoal!, não é?, p’ra mim... p’ra mim o sexo é uma necessidade!, quer dizer... é óbvio que eu poderia viver sem fazer, mas... grande parte da vida deixaria de fazer sentido [riso], ou seja... não é... não é componente principal da vida, mas é... acho que é uma componente essencial.

D – Hmm hmm... ‘Tavas a falar...

I – ...E...

D – ‘Tavas a falar de ter ido a... a reuniões, da Rede Ex Aequo. Portanto, tu não ias só aos fóruns, também tinhas participação activa.

I – Sim. Inicialmente, não. Curiosamente, eu comecei... eu comecei a frequentar mais as reuniões, agora já não vou tanto, houve uma fase em que ia mais; comecei a frequentar as reuniões muito depois de já ter deixado... ou seja, houve uma, houve uma fase em que tive muito activo no... na parte virtual, no... da organização, no Fórum e depois passei muito tempo desligado da associação, e depois quando voltei, em... a estar mais

em contacto com a associação foi, foi pessoalmente nas reuniões. Agora já... agora já deixei de frequentar tanto... de vez em quando ainda vou, mas não é muito frequente.

D – Hmm hmm... Porque é que deste esse salto, digamos assim, do virtual para as reuniões?

I – Para já, porque eu gosto mais de falar com as pessoas pessoalmente, do que... virtualmente. E... e depois porque... bom, é, é... o sistema de conversação online é bom, mas... por exemplo, ter um grupo com... com trinta pessoas, ou vá lá, mesmo que dividam esse grupo em três partes, como, como é costume fazer nessas reuniões, ah... ter, ter dez pessoas a discutir activamente sobre o assunto, acho que é mais produtivo do que, uma vai à internet e responde, e depois no dia seguinte há outra pessoa que por acaso pode ir à internet e responde também... pronto, é... condensa-se ali a conversa, numa tarde.

D – Achas que esses grupos são importantes?

I – Sim...

D – Socialmente?

I – Acho que sim. Por exemplo... não, não acho que faça sentido uma pessoa viver a vida inteira... quer dizer, se, se, se a pessoa precisar, não, não acho, não acho que seja ilegítimo, mas... o que eu quero dizer é que, acho que faz sentido sobretudo numa fase inicial. Por exemplo, eu já não sinto tanto a necessidade de... tipo... partilhar impressões, ao grupo, seja na internet, seja nas reuniões, mas numa fase inicial foi importante, e eu acho que... para a maioria das pessoas acaba por ser assim. Numa fase inicial é importante ter esse tipo de... de ligação a esses grupos, e acho que são importantes socialmente. Depois, eventualmente, as pessoas... ah... as pessoas não precisam de frequentar, digo, na minha perspectiva, grupos... ah... se... relacionados com todas as minorias a que pertencem. E, numa altura... numa altura de fragilidade, as pessoas devem procurar como apoio, e nesse sentido acho que são importantes, mas não acho que sejam fundamentais, ou seja, que todas as pessoas pertencentes a minorias, ou a uma minoria, devam pertencer permanentemente a um grupo relacionado com isso...

D – Mas há ali um certo papel...

I – Sim!

D – ...de transição?

I – Acho que sim.

D – Ah... Alguma vez viste alguma coisa, quer estivesse à procura, quer não estivesse à procura, ah, algum tipo de material, ou de conteúdo, sexual ou erótico e íntimo, que te tenha deixado incomodado?

I – Ah... Bom, tudo o que seja conteúdo sexual relaci... relacionado com... práticas, que eu não gostaria de fazer, ou que não gosto... ah... ou se... não... depende... depende do que é que é considerar a palavra “incomodado”, mas...

D – Que te tenha deixado desconfortável.

I – Não...! Não... eu sou, sou muito... em geral, sou tolerante em relação a todos os conteúdos, não é?, não há... pronto, há conteúdos que não me agradam, não é?, mas ver num vídeo não me incomoda!... há coisa que eu não praticaria!, e que, e que prefiro não ver, mas por, uma questão de não me dar gozo, mas não, não há nenhum, não me lembro de nenhum conteúdo que me deixe particularmente incomodado... sei lá...

D – Mas houve pessoas, por exemplo, que já partilharam comigo experiências de estarem, imagina, sentados na sala, ao pé dos pais, com o portátil ao colo, e estão a fazer uma busca perfeitamente normal, e de repente salta um pop-up com publicidade, ah... a um site de pornografia, uma coisa qualquer assim do género. Já alguma vez aconteceu uma situação destas assim contigo? Na escola, ou... com...?

I – Ah, não... acho que não... acho que não... Para já, eu sou muito... quando, quando procuro, ah... quando procuro de livre vontade, tenho cuidado, não é?... Não é tipo coisa que eu queira partilhar com os meus pais, ou mesmo com o meu irmão... mas, ah... aparecer involuntariamente quando alguém estava ao pé, acho que nunca me aconteceu, felizmente.

D – E já algum amigo ou amiga teu ou tua, partilhou contigo uma história desse género, em que “Eh pá, eu ‘tava a fazer uma coisa perfeitamente normal no computador e, de repente, apareceu pornografia e tinha a minha mãe atrás”, ou coisa assim do género?

I – Ah... não me lembro... Não me lembro se já... mas acho que não... se, se calhar se me tivessem contado uma história desse género, eu lembrar-me-ia... digo eu.

D – E, hmm, já alguma vez aconteceu, por exemplo, estares em grupo, com um grupo de amigos e as pessoas, por brincadeira ou não, irem à procura de, de imagens ou de material pornográfico?

I – Ah... não sei se isso já... não sei se isso já aconteceu alguma vez, ‘tando eu presente, eu acho que não... mas lembro-me que houve uma vez... que os rapazes fizeram isso. Já nem sequer lembro em que ano é que eu estava, mas que houve uma festa, por acaso eu até nem... na casa de alguém, que eu até nem estava, e depois, ah... mais tarde, quando me falaram sobre a festa, é que me disseram que os rapazes foram... foram procurar e depois tiveram a ver, e depois também chamaram as raparigas para ver, mas acho que não... acho que não, acho que depois não se sentaram a, a ver aquilo, foi só mais pela brincadeira, pelo gozo da, da situação.

D – E alguém te contou as reacções que houve na altura?

I – Ah... Não me lembro exactamente como é que foram as reacções, mas... deduzo eu, pelo que eu conhecia das pessoas, que as pessoas devem ter todas levado aquilo... na brincadeira, acho que ninguém levou, leva esse tipo de coisas a sério; pelo menos das pessoas que eu, que eu me lembro, não ‘tou a ver ninguém a ter uma reacção de ficar incomodado ou chateado com...

D – E achas que se alguém tivesse ficado incomodado ou chateado, a pessoa teria... teria dito alguma coisa, nesse contexto? Ou calava-se para não estragar a brincadeira?

I – Ah, acho que isso depende muito da pessoa. Se... há pessoas muito, há pessoas que são muito conservadoras, não é?, e uma pessoa... muito conservadora, se calhar teria dito que não gostava da brincadeira, e dito para as pessoas não, não o fazerem. Há outras pessoas que... pronto, acho que isso depende, é uma questão, depende, depende da pessoa.

D – Mas tu, pessoalmente, nunca conhecestes ninguém que tivesse então ficado incomodado com...?

I – Que sentisse à vontade para dizer que estava incomodado com uma brincadeira sexual? Ah... agora que penso nisso, acho que todas as pessoas que conheço são muito tolerantes nesse aspecto [riso].

D – [riso]

D – Sentes que houve alguma mudança, por assim dizer, conforme os anos foram passando – que houve alguma mudança no tipo de material que foste à procura? Ou vais à procura, mais ou menos, sempre da mesma coisa?

I – Ah, acho... procuro sempre mais ou menos a mesma coisa... E também... bom, eu tenho 18, não é? Tendo em conta que eu comecei a procurar pornografia entre os 14, 15, provavelmente, também não... acho que não mudo assim tanto, nem a minha procura, nem aquilo que eu acabo por encontrar.

D – Ah... Achas que... Tu há bocado estavas a falar da diferença entre o material mais feito profissionalmente e o material mais amador. E estavas a dizer que o material profissional é encenado, é planeado... Na tua opinião, que, que diferença é que isso faz, em relação àquilo que acontece na realidade?

I – Bom, na realidade quando duas pessoas estão a fazer uma qualquer actividade sexual ou íntima, ah... muitas vezes... acredito que... há pessoas que, por exemplo, provavelmente no mesmo... mesmo não lhe apetecendo fazem, mas não era por aí que eu queria ir... Ah... Eu acho que o, o, o... o sexo espontâneo, não é?, se estabelece entre duas ou mais pessoas, de form... de forma espontânea!... é... é isso mesmo, é mais espontâneo, portanto a pessoa pode gostar mais ou menos, e, e isso é... e isso entra em conta... ou seja, o propósito do sexo entre duas é agradar às duas pessoas que estão a participar nele. O propósito do sexo entre pessoas que estão a fazê-lo profissionalmente para mostrar a outras é agradar às que estão a ver, e não às que estão a fazer, quer dizer, acho eu, não é?, e então acho qu... acho que, tendo em isso em conta, isso altera todas as condic... as condicionantes, não é? No sexo profissional... não interessa muito se as pessoas que estão a fazer aquilo gostam muito do que estão a fazer; quer dizer, convém que mostrem que sim, p'ra, p'ra que... pronto, p'rá qualidade... p'rá qualidade do vídeo, mas, ah... acho que a principal diferença está aí, entre quem é que sai agradado com aquela situação: no sexo profissional é as pessoas que vêm, e à partida no sexo espontâneo são as pessoas que praticam.

D – E achas que pode passar uma... uma má imagem, ou uma má mensagem, daquilo que é o sexo?

I – Ah... não! Eu, eu... Tudo o que é essas questões de... a forma como as coisas influenciam as pessoas, eu acho que esse trabalho é mais das pessoas do que... do que

às coisas que se criam, eu acho que as coisas podem ser criadas à partida, e haver liberdade para a criação, e depois as pessoas é que têm de controlar... de que forma é que isso... isso... isso as influencia. Eu acho muito bem que haja pornografia, e mesmo que seja feita de uma forma que corresponde muito pouco à realidade, se... vale por si só, até porque... ver porno... ver pornografia não é a mesma coisa que fazer sexo, são, são duas actividades distintas, e não precisam... de funcionar da mesma forma... uma pessoa pode gostar de ver... pornografia por si só, e nesse caso convém que seja bem feita, e para ser bem feita muitas vezes pode ser pouco real, ou... ou...

D – Como é que definirias pornografia bem feita?

I – Ah... Pois, isso depende da perspectiva, lá está! Pode, ah... pode haver pessoas que consideram que pornografia bem feita é uma pornografia que corresponda mais à realidade, outras que, que... que pe... ah... eu... eu, para mim pornografia bem feita provavelmente é pornografia pensada, e feita com... mesmo que não corresp... corresponda... exactamente à realidade, mas uma coisa é... quase como se fosse um sexo ideal, vá. Para mim, a porn... a pornografia representa isso, um sex... uma forma de sexo ideal, sim.

D – E achas que essa ideia... imagina uma pessoa que ainda não tenha iniciado a sua actividade sexual e seja... e veja esse sexo ideal, como estás a dizer, achas que pode criar, lá está, idealizações e falsas noções do que é...?

I – ...Ah, acho que sim! Acho que sim. Mas isso, pronto, isso é uma experiência pessoal, cabe à pessoa depois experimentar e ver que de facto... sobretudo nas primeiras vezes, não corre assim como na porno [sic]... pornografia, mas... pronto, é, é o ti... é o tipo de frustração, não sei se é a palavra certa, com que a pessoa tem de lidar e... para o caso de já ter visto pornografia antes de ter... iniciado a actividade sexual. Mas sim, pode criar naturalmente ilusões.

D – Achas que há alguma forma de evitar essa frustração, ou evitar essas ilusões?

I – ...Acho que parte um bocado... de cada pessoa, acho que... acho que... não sei se há uma forma... de evitar isso a priori, é uma experiência que inevitavelmente as pessoas... vão passando, não sei se há uma forma a priori... só através da informação... mas... mas eu também acho que... eu a... não acho assim tão surpreendente!, quer dizer, aquilo... pode ser considerado como uma espécie de arte, vá, pronto... é

natural... como, como no cinema, ou... as coisas... tudo o que é... tudo o que é representação não correspondem exactamente à realidade, e...

D – Sentiste que isso por acaso aconteceu contigo? Ou seja, que tu viste esse material e começaste a ter uma... uma ideia idealizada, passo o pleonasma, do sexo, e depois tiveste de lidar com essa frustração?

I – Ah, sim! Quer dizer... Pronto, por isso é que eu não lhe queria chamar “frustração” há bocado... Não me senti frus... não me senti frustrado por isso, mas sim, já tive a sensação de... ter, ter... visto pornografia, e ter idealizado aquela situação comigo e depois na realidade não corre tão bem como... como no vídeo, mas não... isso... não me frustra por aí além, quer dizer, também era algo que eu já esperava.

D – Sim... Ah, e depois como é que lidaste com isso?

I – Lidei bem... Acho que... Ah... lidei bem... Até porque... até porque a sexualidade é uma coisa que se vai descobrindo e melhorando, e... com a prática também...

D – Porque é que achas que as pessoas fazem filmes pornográficos? Ou porque é que, profissionalmente pelo menos, o que é que motiva as pessoas a fazer isso, enquanto profissão?

I – Ah... não sei, por acaso nunca tinha pensado nisso. Quer dizer, podemos pensar, pensar numa forma muito básica, que é só mais uma forma de ganhar dinheiro, mas eventualmente há-de haver quem goste de o fazer mesmo, sem pensar na parte financeira. Porquê? Não sei... É um gosto, não é? A pessoa pode, pode gostar mais de sexo porque sim, sei lá!, não sei...

D – E... e as pessoas que fazem isso de forma amadora, ou seja, que na prática não ganham dinheiro nenhum com isso, e partilham simplesmente os vídeos?

I – Ah, que partilham só... Ah... Não sei!... Quer dizer, isso pode ter várias razões, não é? Pode haver... pessoas que... que sintam mais prazer se souberem que o, que o vídeo... uma espécie de fetiche, vá, em porem o vídeo do seu sexo na internet, ou... sei lá, pode haver várias razões... a pessoa... gostar tanto que, que quer partilhar, não sei!, as part... as pessoas partilham experiências por várias razões, não é?

D – Ah... houve, houve várias pessoas que, quando responderam ao questionário, disseram que se sentiram incomodadas por ver algum tipo de material erótico ou sexual. O que é que achas que pode provocar esse incómodo? Ou em que situações é que tu achas que esse incómodo pode surgir?

I – Ah... As pessoas podem sentir-se incomodadas quando vêem algum conteúdo, sei lá... Ah... assim... a sensação mais desagradável que eu me posso lembrar em relação a... à procura de pornografia, pornografia, pode ser por exemplo o nojo de ver alguma actividade... sexual que a pessoa... pura e simplesmente não gosta, ou que não gostasse de praticar, ou que não goste mesmo de ver... ah... mas a pergunta era porque é que as pessoas...?

D – ...Porque é que achas que as pessoas se sentem...

I – ...se sentem incomodadas... Se virem alguma coisa que... podem incomodar-se por ver alguma coisa que as enoje ou... como eu digo, alguma coisa que não gostassem de praticar.

D – Quando isso acontece contigo, que há bocado também estavas a dizer que também já tinhas visto coisas que não terias interesse em fazer, fazes o quê? Passas simplesmente para o vídeo seguinte, fechas a janela?...

I – Ah, depende, depende de qual for o conteúdo. Há coisas que mesmo que eu não gostasse de praticar, não me importo de ver outras pessoas a fazê-lo em pornografia, outras coisas que eu prefiro mesmo não ver, não... não... não... não digo que me cause desagrado, se calhar algumas coisas até causam, mas também como não me causa agrado, prefiro ir ver uma coisa...

D – Claro... ...Ah, como, como deves ter a noção, supostamente, de acordo com a Lei portuguesa, é preciso ter 18 anos ou mais para vermos material pornográfico. Achas que isso faz sentido?

I – Não. Quer dizer, não faz sentido sob várias perspectivas. Primeiro, porque é da... daquelas coisas... é impossível fazer cumprir isso, digo eu, quer dizer, se calhar há alguma forma possível, mas... se... só com muita repressão... e, e... e mesmo em termos da ideologia por detrás disso, acho que não faz sentido. A sexua... as pessoas

não... as pessoas não despertam para a sexualidade só aos 18 anos, e não faz sentido que, que esse material seja, esteja só, só disponível... e na realidade, isso não acontece!

D – Qual é que é, na tua opinião, qual é que é a ideologia por detrás disso?

I – Por detrás dessa lei?

D – Sim.

I – Não sei... Ah... não sei. Sinceramente não percebo... aliás, eu nem sequer... sinceramente, sinto vergonha da minha ignorância, mas não sabia que... que era proibido... menos de 18 verem conteúdos sexuais.

D – Tecnicamente não é proibido os menores verem, o que acontece, e tu tens muito aqueles botões de “eu tenho mais de 18 anos”, e tens que clicar...

I – Ah, sim!, ah, sim!, sim, sim, é verdade...

D – Não é proibido ver, é proibido mostrar... E portanto as pessoas têm que declarar que têm 18 anos ou mais...

I – Ah, okay, okay... Pois...

D – A lógica é essa.

I – Sim, sim, já me lembro. Eu já não me lembrava desses botões! [riso]

D – [riso]

I – Porque, pronto, uma pessoa clica...

D – ...automaticamente...

I – ...que “sim”, não é? Já nem sequer me lembrava desses botões... Mas a ideologia por detrás disso...? Não sei, talvez... proteger as crianças, porque, por exemplo, se uma criança demasiado... sei lá... há idades muito precoces, diria eu... hoje em dia, não... eu não sei muito bem, porque não tenho muita experiências dessa geração, na minha família... mas, por exemplo, crianças de cinco, seis, pronto, seis, sete anos que já saibam escrever e consigam pesquisar no Google, não sei se será o mais adequado... e aí cabe aos pais, pronto, aplicar o controlo parental, e isso tudo... Mas, ah... acho que a ideologia por detrás dessa lei, deve ser proteger os menores, mas a questão é que um

menor de 17 anos não ‘tá assim tão abaixo, não tem uma maturidade assim tão abaixo de uma pessoa com 18, não é?, e...

D – E para ti, qual é que seria...

I – ...o limite?...

D – ...a linha de corte, digamos assim?

I – Pois, as leis são complicadas, sobretudo quando tem de se definir uma idade, a partir da qual... Não sei!... é assim, eu não gosto muito de definir idades, porque isso depende muito da criança, não é?, há... há crianças que crescem e amadurecem muito cedo, e há outras que se tornam adultos e nunca amadurecem, mas... sei lá, eu diria... pá, não sei... dada a minha experiência pessoal, eu diria que 14, mas... eu sei que normalmente as crianças começam até mais cedo a ver pornografia, provavelmente 12... pá, não sei, não sei...

D – Ah, sentes que foi importante para ti, enquanto pessoa não-heterossexual, teres acesso também a esse tipo de materiais?

I – Eh, ah, foi importante para mim, enquanto...?

D – Enquanto pessoa não-heterossexual.

I – Ah...

D – Porque é muito fácil eu ir ao cinema e encontrar a descrição de uma relação heterossexual, ou ler um livro e encontrar...

I – Ah, sim, sim, já percebi!... Não ‘tava, não ‘tava a perceber o... a pergunta. Ah... Sim! É assim, agora já começa a haver. Já há mais cinema, e... e literatura, obviamente que não é tão prolífer... prolífero, mas já começa a haver... mas, na altura até eu não conhecia, não conhecia filmes, não... só, só mais tarde é que depois comecei a pesquisar isso: filmes e livros. Mas na altura não conhecia e sim, foi, foi importante, no sentido em que foi a primeira... pornografia foi... provavelmente... a prim... a primeira vez com que eu me deparei com a sexualidade gay.

D – Hmm hmm... E... ‘tavas a dizer que começaste a pesquisar isso, portanto, depois com a internet também começaste à procura de material não-pornográfico e não-erótico...

I – ...sim...

D – ...sobre outros tipos de sexualidade.

I – Sim. Filmes, livros... mais filmes do que livros até.

D – Hmm hmm... E... se alguém se chegasse ao pé de ti e, e te perguntasse “ah, como é que eu, como é que eu encontro pornografia na internet?”, o que é que tu dizias à pessoa?

I – Como? [riso] O Google... É só escrever... pá, se a pessoa escrever “*porn*” ou qualquer coisa desse género no Google, quer dizer...

D – ...automaticamente...

I – ...é imediato. Depois é só escrever umas palavras-chave... pronto, há muitos tipos de pornografia, não é?, e aquilo... é assim, não é nada difícil, cada vez mais é... é simples, e há cada vez mais conteúdo.

D – É assim que tu fazes, ou já vais a sites específicos?

I – Ah... agora já vou, e, e... inicialmente era no Google, entretanto percebi que há sites de que gosto mais e outros que gosto menos, e então agora já vou mais a sites específicos, sim... e até... nos casos de utilizadores amadores que têm vídeos e não sei quê, até gosto especificamente dos vídeos de alguns utilizadores, e sei lá, a pessoa vai estabelecendo preferências.

D – Ah... Achas que essas preferências, de que estás a falar, vão... não sei, vês-te daqui a X anos, por exemplo, a mudares essas preferências, ou a refinares ainda mais essas preferências?

I – Ah... mudar, não sei. Refinar, sim. As pessoas vão sempre... há sempre coisas a descobrir e... todos os dias aumenta o conteúdo de todas as coisas!, mas pronto, estamos a falar especificamente em relação à pornografia, todos os dias o cont... pronto, a quantidade de conteúdo disponível aumenta, e é natural que as pessoas... pronto... a

peessoa pesquisa na internet, mesmo involuntariamente vai descobrindo coisas novas e eventualmente depois se gostar, praticá-las, portanto refinar eu acho que é inevitável, a não sei que a pessoa imponha uma barreira sobre si própria nesse campo... mas... e... em relação ao mudar, bom, só neste aspecto, de ir... melhorando, não sei se há alguma coisa que passaria a praticar totalmente novo, ou, ou, ou... deixar de praticar de todo, não sei, depende...

D – Imagina que, de repente, toda a pornografia desaparecia da internet. Era problemático, para ti? Perdias alguma coisa?

I – Perdia!, era um bocadinho chato. Bom, chato não é uma palavra muito elegante, mas... ah... sim, não era... não era... havia uma perda, sim.

D – O que é que achas que se perdia?

I – É como... é como... é como eu ‘tava a dizer há bocado. Apesar da pornografia ser sexo, p’ra mim a actividade de ver pornograf [sic]... pornografia é... quer dizer... é... mesmo fisicamente é diferente de fazer sexo, em si. Mas p’ra mim representa mesmo uma actividade distinta!, eu gosto de fazer sexo, mas também gosto de ver pornografia, portanto era... era como perder um... uma espécie de *hobby*, vá.

D – E achas que, para a maior parte das pessoas, ver pornografia é um *hobby*, ou ‘tá só ligado a masturbação, ‘tá ligado à procura de encontrar novas coisas para fazer...? O que é que achas que motiva mais as pessoas?

I – Qual é que é a principal razão? Ah... Provavelmente a masturbação, diria eu, não sei...

D – E em relação a uma questão que está mais ou menos relacionada, mas não é bem a mesma coisa, que é a troca de mensagens, SMS ou MMS, falo aqui particularmente por telemóvel, de, de, vá, conteúdo mais pessoal e mais erótico, e não sei quê. Eu tiro uma fotografia a mim próprio e eu mando, e assim... Conheces amigos ou amigas que façam isso? Que já tenham falado contigo sobre isso?

I – Ah... não... quer dizer, por telemóvel, não. Não me lembro de ninguém que o faça. Quer dizer, eu faço! Mas... não me lembro de mais ninguém que o faça.

D – E por outros meios?

I – Ah... mesmo por outros meios, não sei, provavelmente pela internet...

D – Mas nunca te contaram nenhuma situação?

I – Não, quer dizer, ou seja... deduzo que as pessoas o façam, mas não me lembro de alguma vez um amigo meu me ter dito especificamente que o tinha feito.

D – E tu quando, quando fazes isso, porque é que o fazes?

I – Partilhar fotografias?

D – Sim.

I – Ah... bom, depende, por exemplo, se há uma fotografia que eu tiro... pronto, a mim, a uma situação, ou mesmo ir buscar uma fotografia à internet e partilhar, em geral partilho porque é uma coisa que eu, que me agrada, e, ou quero tentar perceber se a outra pessoa também gosta, ou então já sei que a pessoa gosta. Em geral é isso que motiva a partilha de...

D – Fazes isso normalmente no contexto de uma relação íntima?

I – Também, mas não só... Pr... É... Ou seja... Bom, relação íntima aí, volta a ser um conceito um bocado... dúbio...

D – ...eu 'tou a ser o mais alargado possível, íntimo pode ser muita coisa...

I – ... mas sim! Ou seja... Sim, exacto... nas pessoas... ah, as pessoas com quem... ou seja, há pessoas com quem eu tenho intimidade e não o faço, mas, mas... sim, faço com pessoas com quem... com que tenho intimidade para o fazer, sim.

D – E faz parte também do processo de, vá, de conquista, ou de engate, como lhe quiseses chamar?

I – Ah...

D – Na tua experiência.

I – Não!... Acho que faz... acho que faz até mais parte depois de, uma vez que, que a situação já esteja mais definid... definida e estável, que comece a haver essa partilha, não me lembro de o ter utilizado como forma de conquista...

D – Hmm hmm... E sentes que há algum risco associado a fazer isso?

I – Partilhar fotografias? Há. Sim, quer dizer... já me arrependi de... já me arrependi de ter posto alguma... pelo telemóvel não... mas já me arrependi de ter posto algumas fotografias na internet, mas... pronto.

D – O que é que aconteceu dessa vez, ou dessas vezes?

I – Não, n... ou seja, nunca aconteceu nada que... ou seja, o meu arrependimento não foi, não foi uma reacção... uma reacção a alguma coisa que tenha acontecido. Foi mesmo sem ter acontecido nada, eu mais tarde pensei e depois até tirei as fotografias, que eu não teria sido... ou, sobretudo fotografias em que... por exemplo, nas redes sociais e isso, em que se... em que se mostra cara, fico um bocado relutante... Pá, depende... a minha opinião sobre isso não é muito bem... é porque eu sei que é perigoso, mas também acho que... não faz sentido a pessoa viver limitada por... por todos os riscos, e então... pá, depende... às vezes, às vezes sinto-me confortável o suficiente p'a partilhar, outras vezes não, sei que há riscos, mas... pronto, quando decidi p... quando decido partilhar, é com a consciência de que estou a correr esses riscos.

D – E como é que tu lidas com esses riscos, ou seja, tomas alguma precaução, algum cuidado, para tentar evitar esses riscos?

I – Bom, ah... Pois... Aqui, aqui, entra outra vez a parte pessoal... Ah... É assim, primeiro não partilho com qualquer pessoa, essa é a primeira precaução, tentar fazer uma avaliação mínima daquilo que é a outra pessoa. Há pessoas em quem a pessoa naturalmente confia mais, outras em quem confia menos, portanto depende da pessoa, numa primeira fase, e depois... isto, isto é, isto é um bocado estúpido, mas eu sempre fiz isto... sempre fiz isto e não sei porquê, eu vi... eu envio sempre fotografias a preto e branco... sempre... não sei se isso me protege de alguma forma!, não sei se... se dificulta... seja o que for... que, que as pessoas queiram fazer com elas, com más, ou, ou as intenções que forem, mas envio sempre a preto e branco. Pela internet, pelo telemóvel não, mas pelo telemóvel também... ah... se... em geral, por telemóvel, só envio já a pessoas com quem tenho mesmo alguma intimidade. Mas pela internet, e com pessoas que eu não conheço, e ass... ou que conheço há pouco tempo, em geral envio, quando envio é sempre a preto e branco.

D – E já alguma vez te deparaste, ou soubeste de alguma situação, de uma fotografia que foi enviada a uma pessoa e depois essa pessoa partilhou a fotografia com outra?

I – Ah... Sim... já tive, já tive uma pessoa que, uma vez, pôs fotografias minhas, não da minha cara, mas de situações nossas, de eu com essa pessoa, no, no perfil dela, mas eu pedi para tirar e a pessoa tirou.

D – E o que é que sentiste, dessa vez? Ficaste chateado?

I – Não, eu não... É assim... eu nunca disse à pessoa p'ra ela não as colocar, eu por definição não colo... “por definição”, isto é uma expressão um bocado parva utilizada às... em relação às pessoas, mas pronto... eu não colocaria... ...eu, eu não colocaria... ou seja, não seria preciso que, que a outra pessoa me dissesse para eu não colocar, para eu não colocar, mas essa pessoa, pronto, eu não disse nada à pessoa, a pessoa colocou... ah... quando eu, quando eu vi... não... não tive... ou seja, não eram fotografias explícitas, portanto não me preocupou muito. Se fossem mais explícitas, provavelmente teria... pronto, teria-me preocupado mais... mas, ah... pronto, tive uma conversa com a pessoa e a pessoa tirou e... não... não foi uma situação que me tivesse desagradado por aí além.

D – E fotografias mais explícitas de outras pessoas, que te tivessem mandado a ti, alguma vez aconteceu?

I – Partilharem comigo fotografias de outras pessoas... Ah... Íntimas não, quer dizer, às vezes... pronto, o Facebook é uma espécie de partilha de fotografias de outras pessoas, não é? “Olha aqui, vê lá a página desta pessoa”, mas íntimas não, acho que não...

D – E se, se alguém viesse ter contigo e dissesse que essa situação tinha acontecido com ela, ou seja, alguém viesse ter contigo e dissesse “Eh pá, partilharam uma fotografia minha, que eu não queria, que era privada”, o que é que tu sugerias que a pessoa fizesse?

I – Ah, sinceramente eu não sei muito bem como resolver esse tipo de problemas, nunca, nunca me deparei com essa questão... nem eu, nem uma pessoa próxima de mim. Não sei muito bem o que é que diria à pessoa... eu acho que... numa primeira fase, é tentar falar com a pessoa... bom, em geral uma pessoa que faz isso é mal intencionada e não adianta muito falar com ela, mas, pronto... numa primeira fase,

tentar falar com a pessoa e depois... não sei... não sei... nem sequer sei muito bem quais é que são... os... a forma legal de... de... lidar com isso, portanto eu não seria de certo, de certeza, a melhor pessoa para aconselhar uma pessoa nessa situação.

D – Tu quando, quando envias mensagens mais... ou imagens mais íntimas, mais privadas, às pessoas com quem já estás num relacionamento, ou com quem já tens alguma ligação... porque é que o fazes? O que é que te motiva a fazer isso?

I – É... ah... é como eu tinha dito há bocado, uma partilha de uma, de uma sit... pronto, de uma, de uma imagem, ou... ah, no caso de serem fotografias minhas, ah... o que é que me motiva?... É... partilhar com a outra pessoa uma... um... um material que eu acho que ela vai gostar.

D – E costuma ser recíproco? Ou seja, costumam-te enviar a ti também...

I – ...sim, sim!...

D – ...depois de tu enviases?

I – Também... Em geral é um... é uma espécie de troca, pronto.

D – Ah, achas que o facto de ser... uma troca, ou seja, tu tens material da outra pessoa, a outra pessoa tem material teu... achas que torna a situação mais segura, digamos assim?

I – Sim!... sim, é uma... sim. É um... é... é verda... sim, é mesmo essa a perspectiva, acho eu, quando... se as pessoas partilharem as duas uma com a outra, se alguma tiver... não gosto de tra... não, não gosto de tratar das coisas dessa forma, mas se... se alguma tiver más intenções, é uma espécie de... de chantagem, vá!... mas... mas eu não, não gosto... nem sequer nunca tive problemas desses, e não gosto de pensar nas situações dessa forma, mas sim, é mais... acho que é sobretudo mais legítimo, acho que não faz sentido, por exemplo, duas pessoas só se conhecerem virtualmente e só uma é que tem conhecimento do físico da outra... acho que faz sentido as duas pessoas partilharem, ou seja, faz sentido a troca ser mútua.

D – E achas que esse tipo de dinâmicas, digamos assim, são... são as mesmas quando estamos a falar de uma relação por exemplo, entre dois homens, e entre um homem e uma mulher? Achas que funciona da mesma maneira?

I – Eu não, não posso fazer essa comparação, porque eu não sei muito bem como é que funciona entre um homem e uma mulher, mas eu acho que sim! Acho que... deva funcionar mais ou menos da mesma maneira... quer dizer, por exemplo, há coisas que são diferentes... ah, eu ‘tando num relacionamento com um rapaz, podemos os dois falar sobre outro rapaz, com toda a... com toda... pronto, com toda a facilidade. Entre um rapaz e uma rapariga, é mais estranho ‘tarem os dois a falar sobre... obviamente, todas as pessoas podem apreciar todas as pessoas, independentemente do sexo, mas é... pronto, um casal de lésbicas, ou um casal de gays pode discutir... gostam do... do mesmo grupo de, de pessoas, não é?, e então acho que, nesse sentido, é diferente. Mas, no resto, dessa... dessa questão da partilha de fotografias pessoais e não sei quê, acho que deve ser idêntico.

D – Mas achas que, por exemplo, um rapaz ter em sua posse uma fotografia de uma rapariga, uma fotografia íntima!, de uma rapariga, ou uma rapariga ter em sua posse uma fotografia íntima de um rapaz... achas que é equivalente, digamos assim?

I – Ah, não! Com mais facilidade eu partilharia, por exemplo... eu, namorando com um rapaz, com mais facilidade eu partilharia uma fotografia de um rapaz, e isso também depende da relação, e da pessoa... que estamos a... de quem estamos a falar, mas em geral, as pessoas com quem eu me dou são... bastante abertas nesse aspecto. Penso que seria... penso que é muito mais fácil eu, sendo rapaz, partilhar uma fotografia de outro rapaz, com outro rapaz... ou uma rapariga, a mesma coisa, de uma rapariga com outra rapariga, do que, por exemplo, eu ser um rapaz, e ter uma namorada, e... partilhar com a minha namorada uma fotografia que eu goste de uma rapariga, essa... não sei!, depende da dinâmica do casal, mas acho que não deve ser tão comum...

D – Ah... E alguma vez te contaram uma situação, ou, ou viste, por exemplo, nas notícias, uma situação de... sei lá, imagina, de um rapaz ou uma rapariga, agora não interessa muito, que... que tenha enviado as suas fotografias a alguém e depois essa pessoa tenha partilhado junto com o grupo de amigos, ou na escola...? Lembras-te de ver isso nas notícias, por exemplo?

I – Não, não... não sei se... não sei se... Eu não vejo muito notícias, mas não sei se já vi isso nas notícias, mas já... já soube de situações assim... ah... ah... como é que eu hei-de explicar? Ou seja, não em relação a pessoas que eu conhecia, mas a pessoas da minha escola e de outras escolas, que eu também... ou seja, já soube desta história por

amigos, destas, as... várias histórias desse tipo, até, mas nas notícias não me lembro se já alguma vez vi isso na televisão.

D – E lembras-te de detalhes de alguma dessas histórias, que aconteceu na tua escola?

I – Ah... Lembro... Ah... Sim... Na escola da minha prima, já não me lembro quando é que foi... mas p'raí há uns quatro anos, a minha prima tinha uma amiga... que enviou uma fotografia dela toda nua, a um rapaz, e depois o rapaz espalhou pela escola toda. Às tantas já toda a gente tinha a fotografia da rapariga nua no telemóvel, que ela depois até mudou de escola. Lembro-me dessa história, por exemplo.

D – E... e lembras-te como é que as pessoas reagiram nessa altura?

I – Ah... as... pronto, as pessoas... há pessoas um bocado conservadoras... lembro-me que na altura... discrimi... pronto, discriminavam-na, por ela ter f... enviado a fotografia a um rapaz... já não me lembro muito bem como é que era a reacção das pessoas em relação ao rapaz, mas também não devia ser muito positiva... acabaram... É assim... Eu não, não sei muito bem... os com... os contornos da reacção das pessoas na escola, mas pelo que eu percebi... ah... a maioria dos rapazes... achou piada à situação, a maioria das raparigas... condenou o rapaz... por ter feito aquilo, não é?, porque ela... devem-se ter posto na situação da rapariga... ela acabou por ser a pessoa mais prejudicada na história toda, e... e o rapaz... também não deve ter... pronto, não é... não é bonito, não é?... apesar de ser ela... pronto, acaba por ser mau para os dois, para a pessoa que partilha e para a pessoa que é partilhada.

D – A tua prima contou-te alguma coisa sobre como é que ela se sentiu, ou da reacção que ela teve, quando soube da história?

I – Ah, a minha prima sentiu-se particularmente incomodada, porque essa rapariga era amiga dela. E... pronto... a minha prima ficou... pronto, viveu a situação mais de perto, e ficou... sei lá... é... esta é uma palavra muito simples, mas é triste, não é?, é uma situação triste...

D – E tentaste ajudar a tua prima de alguma maneira?

I – Ah... não, quer dizer, nós nem sequer andávamos na mesma escola... quer dizer, o máximo que eu pude fazer foi ouvi-la, não é?, e dizer-lhe a minha opinião, mas não pude ajudá-la, de uma forma muito directa.

D – Lembras-te do que é que lhe disseste na altura, qual é que foi a tua opinião?

I – Ah... devo-lhe ter dito o que achava, que é... ou seja, que é... não é... não é uma situação... legítima, nem agradável, não é?, não é, não é boa de perspectiva nenhuma.

D – Pois... Okay, pronto, no fundo era isto. Queria-te só perguntar mais se por acaso gostaste...

I – ...de participar?

D – ...da conversa, e de participar...

I – ...sim... gostei.

D – Ah, e se... no fundo, porque é que quiseste participar.

I – Porque é que quis participar? Ah, ah... não sei, p'ra já... primeiro, entrou muito o factor curiosidade. Acho que nunca tinha feito nada do género, e então senti vontade de fazê-lo e como surgiu a oportunidade... acho que é uma questão de... é uma questão de... curiosidade, oportunidade e experiência. Tive curiosidade, tive a oportunidade, e...

D – Tiveste a experiência.

I – Exacto, tive a experiência. Quis... pronto, é... acho que é, acho que é bom a pessoa ter várias experiências, ou... e era uma coisa que eu provavelmente repetiria, acho eu...

D – Achas que se fala suficientemente sobre sexualidade com os jovens? E achas que os jovens têm espaço suficiente para falar disso?

I – Uns com os outros, sim. Com os mais adultos, embora... as coisas tenham evoluído bastante em relação ao século anterior, acho que podem continuar a evoluir, acho... eu também... eh... eu acho que é um assunto complicado, sobretudo porque não dá para definir muito bem a... até que limite é que é válido e legítimo... é bom as pessoas não terem tabus, mas também não faz sentido as pessoas falarem só sobre isso, ou... sei lá, é, é um... é um assunto com contornos delicados. Aquilo que eu tava a dizer em relação a tornar legal ou legítimo que crianças a partir dos 12 anos vissem pornografia na internet, sem... sem... sem nenhum constrangimento, e depois entretanto tive a pensar melhor sobre isso... sei lá... toda a gente sabe que todas as crianças o fazem, mas...

torná-lo legítimo... não sei, é um assunto... é um assunto... é um assunto com contornos delicados, eu acho... É complicado.

D – O que é que achas que precisa de ser melhorado?

I – Não sei... acho que é... acho que é importante ser o... acho que é importante que se trate o assunto com seriedade... não faz sentido... obviamente que... seriedade não significa que não se possa brincar sobre as coisas, ou fazer brincadeiras de teor sexual... quer dizer, depende, não é?, das brincadeiras... acho que é sobretudo importante falar... falar com os jovens, e falar com seriedade... e com informações, ah... ah... fidedignas, pronto.

D – Okay... Pronto, não sei se tens mais alguma coisa que queiras acrescentar?

I – Não, acho que não!

ANEXO 44

Entrevista 005 – 06/06/14

Respondente: Redgi, 19 anos, género feminino, trabalhadora em restauração em Lisboa, oriunda de Alpiarça

Local: Cinema São Jorge, alterado para Cinemateca Portuguesa

Daniel – Ora bem, ah... A minha investigação tem que ver com questões relacionadas com a vida íntima, sexual, ah... e, e também de saúde dos jovens, mas ao mesmo tempo tem que ver com o lado das novas tecnologias, e portanto é essa questão da ligação com as novas tecnologias que me interessa particularmente. Ah, portanto como deves entender, as minhas primeiras perguntas vão ser coisas do género “Costumas aceder à internet?”

Redgi – Hmm, sim, sim, sim.

D – Tens... Tens internet em casa?

R – Sim, sim, sim.

D – Ah... Usas o quê, usas portátil, usas computador fixo...?

R – Uso portátil, e uso telemóvel.

D – Hmm hmm.

D – No telemóvel, ah... Tens pacote de dados, ou por acaso é só o *wireless* quando apanhas?

R – Não, tenho *wireless*, eu tenho *wireless* em casa...

D – Hmm hmm...

R – Ah... E quando ‘tou na... E... quando acedo no telemóvel é em espaços *wi-fi*, ou se precisar mesmo, acedo aos dados móveis, mas isso também é raro...

D – Hmm...

R – É só quando preciso mesmo de ir à internet...

D – Exacto... E... Portanto, estavas a dizer que usas um portátil em casa, não é?...

R – Sim...

D – Costumas usá-lo no teu quarto, ou num espaço privado, ou...

R – Sim, no meu quarto...

D – Ou usas mais...

R – ... e na cozinha também... É isso.

D – Hmm... Portanto, consegues estar sozinha, à vontade com o teu próprio equipamento...

R – Sim, sim, sim, sim.

D – Não tens ninguém a olhar-te “por cima do ombro”...

R – Não, não, não. Consigo.

D – Certo. Vives com os teus pais...

R – Não...

D – ...com o teu pai, com a tua mãe...

R – ... vivo com... três amigas.

D – Okay...

R – Sim.

D – Ah... És cá de Lisboa?...

R – Não. Eu sou de Alpiarça...

D – Hmm.

R – ...que é ao pé de Santarém...

D – Hmm hmm...

R – ... e ‘tou cá a trabalhar em Lisboa...

D – Okay...

R – ‘Tou... Aluguei quarto...

D – Hmm hmm...

R – ‘Tou cá a viver.

D – E... Trabalhas em que área?

R – Ah... Restauração.

D – Restauração... Okay. Ah... Exacto. Ah... Uma outra coisa que eu também queria saber, para além de, de... das questões mais tecnológicas, digamos assim, era... se, por acaso... ah... quando alguém tem um problema de computador para resolver ou não sei quê...

R – Hmm.

D – Se vêm falar contigo, ou se é...

R – Ah, não...

D – Se és tu que vais falar com outra pessoa...

R – Sou eu que vou falar com outra pessoa. Eu de computadores só percebo de... de internet.

D – Hmm hmm.

R – Agora os problemas técnicos, de *hardware* e *software* e isso que entra no sistema técnico tudo, eu deixo para outra pessoa, percebe...

D – Okay.

R – Nisso eu não mexo.

D – E, e tu na internet o que é que gostas mais de fazer?

R – Eu acho que é o típico dos jovens da minha idade, é, é Facebook, é ouvir música, é ver... filmes, séries... É basicamente isso.

D – Hmm hmm.

R – Agora como não, como já não estou a estudar, já não uso para... hmm... para ‘tar... para trabalhos.

D – Hmm hmm.

R – Quando estava na escola, pronto, era o... era a internet e era mais para... fazer as pesquisas da escola, e não sei quê. Agora como ‘tou a trabalhar, é mesmo só internet, basicamente.

D – Hmm hmm.

R – Já nem... Microsoft... Acho que ainda nem... Eu comprei o meu computador agora, novo, há sensivelmente... duas, três semanas e ainda nem abri o Word.

D – [riso]

R – Do computador, porque já nem uso, é só mesmo... internet, basicamente...

D – Exacto. E para além do Facebook estás em mais alguma rede social?...

R – Sim... Ah... ‘Tou na Rede Ex Aequo, ‘tou... em redes gays também... Queres que diga os nomes, ou?...

D – Se te lembrares...

R – Sim. Ah... Rede Ex Aequo... Ah... A Leswork¹... Agora há uma nova... Relativamente, ainda estou a explorar... A Skout². E... E registei-me entretanto noutras que surgiram, só que não... Abandonei. Abandonei porque... Não vi actividade.

D – Hmm hmm...

R – E há uma nova... que eu me registei... Acho piada ao conceito, mas não uso...

D – Hmm hmm.

R – Que é o Hi Stranger³, que é mesmo para conhecer estranhos. Hoje em dia tu tens as, as, as... as redes sociais p’a, p’a, p’a estares mais próximo dos teus amigos, aquela ali é mesmo para conheceres desconhecidos.

¹ Rede social para lésbicas (o nome surge da fusão de Lesbian Network), criada em Portugal.

² Rede social global especialmente destinada a dispositivos móveis.

D – Hmm hmm.

R – Acho que ela concebe que aquilo alerta-te quando é que uma pessoa estranha da rede ‘tá a passar ao pé de ti,...

D – Hmm hmm...

R – É estranho, é... fixe o conceito, mas... não, não utilizo. Estou só registada, mas eu não...

D – Porque é que... hmm, porque é que não utilizas?...

R – Não... Sei lá, eu ‘tou na rua, não ‘tou a pensar que vou ligar o Stran... o *Hi Stranger* a ver se está [riso] ali alguém a passar... no... Eu acho fixe o conceito, agora como é que a pessoa pode usar...

D – Hmm hmm.

R – Nãaa... Ainda não percebi muito bem.

D – E... Qual é que achas que é... nesse caso, e por exemplo no caso do Skout também, qual é que achas que é... ah... a funcionalidade principal dessas redes sociais?...

R – É o, é o conhecer pessoas. É, é... Hoje em dia, as redes sociais focam-se nesse... nesse conceito, é... conheceres pessoas e seres amiga de muitas pessoas, amiga é de sempre no sentido entre aspas, não é...

D – Sim.

R – Mas acho que é esse o conceito, fazer amigos novos e conheceres pessoas novas...

D – Hmm hmm... E... Isso são as coisas que tu fazes e que gostas de fazer. Então e coisas que te irrite na internet, coisas que não gostas que te aconteçam?

R – Olha, o *spam*. O *spam* é... extremamente irritante, mas... Coisas que me irritam... Eu não sei, quando vou à internet vou sempre para coisas que gosto, não é... Basicamente só me estou a lembrar do *spam* que apareça...

D – Hmm hmm.

³ Rede social destinada a promover a ligação entre utilizadores que frequentem as mesmas zonas geográficas.

R – Sei lá...

D – *Pop-ups*, talvez?

R – Os *pop-ups*! Sim, lá está, é... estilo os miúdos, queres começar a ver um vídeo e tens que estar ali a perder, 10, 15 segundos da tua vida... Somados por ano...

D – [sorri] Exacto.

R – ...dá muitos segundos da tua vida. Mas... Ah, há assim poucas coisas que me irritam na internet.

D – Hmm hmm. Ah... É assim, vários... vários jovens que me responderam ao questionário disseram que utilizavam a internet também para procurar informação sobre saúde sexual, sobre saúde em geral...

R – Hmm...

D – ...sobre sexualidade, ah... Para descobrir coisas sobre os seus próprios corpos, especialmente na altura da adolescência, quando os corpos estão em alteração e não sei quê... Tu conheces pessoas do teu círculo de amigos, ou de ex-colegas da escola, ou assim...

R – Hmm.

D – ...que fizessem isso regularmente ou não?

R – Sim!, eu própria também já fiz isso, eu agora já tenho 19 anos, conheço-me minimamente, não é?, a pessoa 'tá sempre a conhecer, mas na altura... quando, quando provavelmente tinha p'ra aí uns 16 ou 15 anos, na altura mais grave da adolescência, procurei muitas vezes informação na internet. Era aquela coisa de não queres perguntar a ninguém, né, vais à internet, sabes que a internet tem tudo. Os amigos, perguntava uma ou duas coisas aos meus amigos, mas... Toda a gente dos meus amigos ia ver qualquer coisa à internet.

D – Hmm hmm.

R – Isso, sim... Agora, agora não, porque... Sei lá, não é que eu saiba tudo, como é óbvio não sei tudo, mas... Ah... Tudo o que eu preciso de saber, sei, quando eu preciso

de alguma coisa pergunto, já tenho essa con... confiança para perguntar a amigos meus...

D – Hmm hmm.

R – Ou quando é assim alguma coisa mais grave, não é?, vou ver à internet, mas já não faço isso há muito tempo.

D – Hmm hmm. E lembras-te quais é que foram os primeiros assuntos que começaste a procurar?

R – [silêncio] Ah... Tudo ligado à sexualidade, certo?

D – Sexualidade, saúde sexual, o teu próprio corpo, etc. Tudo o que tenha que ver com intimidade, digamos assim, nas suas várias facetas.

R – Ah... Sim, sim... Eu comecei... Por falar nisto, já estou a recuar há muito tempo, espera aí...

D – [riso]

R – ...tens que esperar um bocadinho...

D – Estás à vontade.

R – Devo-me ter começado, foi quando... no 9º ano... Ah... Hoje em dia que há aquelas psicólogas escolares, não é, que vão sempre ah... Uma vez por semana falar com a turma, para saber... ah... para onde é que as pessoas estão encaminhadas, se há problemas, não sei quê...

D – Hmm hmm.

R – Ah... E lá está, surge muito esse tema da sexualidade nos jovens, não é?... É sempre o clássico. E eu lembro-me que comecei a ver, porque ela falava, ninguém perguntava nada. É aquela vergonha dos jovens... Nem à amiga vai perguntar nada à frente da turma, n'ê... Tens sempre depois o risco de ser gozado, n'ê? Mas... Ah... Eu como *gay*, como sou *gay* que sou, lembro-me de ter... Eu também descobri cedo, não é? Mas lá está, tu descobres cedo mas depois não sabes exactamente o que é que hás-de fazer com isso. Então vais, lá está, a mim a internet ajudou-me por causa das redes sociais, também, mas tu vais à internet, eh pá, ver... Agora começamos a entrar por um campo

embaraçoso. Mas... Ah... Lembro-me de ter começado por volta dos 15, mais ou menos, 14, 15 anos, de pesquisar vídeos porno. *Gay*. De mulheres.

D – Hmm hmm.

R – Porque eu já sabia mais ou menos o que eu sou, então deixa lá ver o que é que me vai esperar... P'ó resto, não é, sei lá como é que é. Procurei muita pornografia *gay*. Ah... De saúde sexual... Hmm, nem por isso, sabes? Porque eu sempre associei que as raparigas têm menos... É estúpido, eu sei, mas sempre associei que as raparigas têm menos hipóteses de ter alguma do que os homens.

D – Hmm hmm.

R – Sei lá... Não sei porquê, mas sempre associei a isso. Agora já não, mas... E se calhar ainda um bocadinho [riso], mas...

D – [riso]

R – Mas lembro-me que sempre associei isso. E então na saúde sexual não procurava tanta coisa, era mais em termos de... sexualidade sobre mim,...

D – Sim.

R – ...não é?, sobre as raparigas, e sobre como é que era...ah... afectos entre duas raparigas, foi mais nesse campo que eu procurei.

D – Hmm hmm. E... E os teus amigos, ou as tuas amigas que estavam à tua volta, também comentavam aquilo que eles procuravam? Eles e elas.

R – É assim, não. Não porque esse era daqueles temas que não eram assim muito abordados, sabes... Se tu tens uma dúvida de sexualidade aos 15 anos, eu acho que não vais perguntar à tua melhor amiga, ou, ou então, então vais, depende da gravidade da coisa. Mas em geral, acho que nessa idade tu não perguntas a... a um amigo teu, ou a uma amiga. Acho que é aquelas coisas que ainda são para ti, é aquelas coisas dos adolescentes, né?

D – Hmm hmm.

R – Procuras na internet, vais ao *Google*, escreves se for preciso a frase toda, “Como é que eu não sei”, não é [riso], mas pode ser que haja alguma resposta directa, ah... Mas

não, isso, essas coisas não eram assim muito prioritárias. Fazes aquelas piadas do teu sexo, não é, as ah-ah-ah, não sei quê, mas acho que isso não é muito de saúde, não.

D – E, e quando uma pessoa vai ao Google e mete, mete uma frases dessas, não, é...

R – [riso]

D – ...uma pergunta completa, depois normalmente vem imensa informação atrás...

R – Vem imensa informação.

D – Como é que se consegue perceber que informação é que é digna de confiança e que informação é que não é?

R – Eu acho que é aquela que faz mais sentido na tua cabeça... Percebes? Eu acho que é aquela que se calhar tu estás à espera de ler. Quer dizer... Ou nem tanto, depende também. Imagina, tu fazes uma... Imagina, tu fazes uma pergunta dessas de uma coisa que tu queres ter a certeza. A resposta que tu vires que faz mais sentido é aquela que para ti te parece mais lógica. Agora se tu fazes uma pergunta sobre um tema de que tens qualquer desconhecimento, imagina... Sei lá... SIDA, imagina que não fazes nada... que não fazes ideia sobre nada da SIDA, a pergunta... a resposta que te faz, que te faz mais sentido... é aquela que descreve tudo... é aquela, é... a descrição. É a descrição, é o que diz o conceito, é... É o que te exemplifica com mais palavras que tu conheças sobre o que é que é, neste caso, a SIDA. Percebes... ‘Tás mais ou menos a perceber?

D – Sim.

R – Eu às vezes explico as coisas de uma maneira...

D – Sim, sim, sim.

R – ...muito própria para mim.

D – Não, mas...

R – E depois eu esqueço-me que os outros... Percebes mais ou menos?

D – Sim, sim, ‘tou a perceber.

R – ‘Tás a perceber?...

D – Mas há algum site, por exemplo, que tu aches que seja de confiança, e que... Imagina que alguém te vinha perguntar como é que se procura informação sobre sexualidade, ou sobre saúde sexual, na internet, tu recomendavas algum site em particular, ou não?

R – N... não, porque eu sinceramente... disso assim não sei...

D – Hmm hmm...

R – Percebes?... Ha... Eu nesse caso diria “Olha, vai ao Google e escreve a frase”. [riso] Não, ‘tou a brincar. Pá, mas eu acho que uso o internet *auto-complete* hoje em dia. Claro que diz muita treta, a internet, não é, mas se for uma pessoa... lá está, se for um miúdo de 14 anos, 15 anos, não é?, vai logo ver a primeira resposta, não é? Agora, se for uma pessoa de 19 anos, se eu for ver agora uma coisa à internet ou no Google, já consigo mais ou menos ver... escolher, ok, esta resposta pode ser mais ou menos, serve, mas não é bem aquilo, percebes...

D – E a pessoa de 14, 15 anos, como é que faz isso?

R – Pois... A de 14, 15 anos... Uh... Se calhar baralha-se um bocadinho. É claro que depois tens as respostas científicas, tens as, as respostas de pessoas que mandam para a internet, não é?, no *Yahoo Respostas*⁴, não é?, ah... A pessoa de 15 anos se calhar baralha-se um bocadinho, mas... Eh pá, mas eu não sei se há... Se tu me perguntares como é que a pessoa de 15 anos vai saber a resposta para aquilo que quer, eh pá, eu não sei porque não acredito que a pessoa, que o jovem vá perguntar a alguém, isso duvido. Agora como descobre, eu acho que só vai descobrir... Pá, mais tarde, ou então...

D – E tu alguma vez... Ah... ‘Tiveste numa situação em que tenhas lido alguma coisa na internet e percebeste “ah, isto é treta”?

R – Já, já, isso já. Tantas vezes...

D – Portanto para ti era, era um bocado óbvio...

R – Sim, sim...

D – ...o que é que era treta.

⁴ Serviço da empresa *Yahoo*, através do qual qualquer pessoa registada pode colocar uma pergunta e/ou responder a perguntas de outros utilizadores.

R – Sim, mas... Ah... Lá está, eu acho que quando vais procurar uma, uma coisa, uma resposta sobre um tema destes, da sexualidade e... saúde sexual... ah... Vais... Tentas ir por um campo que... pá, que te dêem uma resposta... [barulho dela a bater na mesa] 'Pera aí, deixa-me, deixa-me tentar reformular. É preciso ter calma, que isto às vezes... prego partidas a mim própria. [pausa, respiração funda] Ora bem, repete lá a pergunta.

D – Eu estava-te a perguntar se tu já... já tinhas... Se quando tu encontravas informação que tu achavas que era treta, se para ti era *óbvio* que aquilo era treta.

R – ...É assim, depende, não é... Há coisas de caras, que tu vês logo que aquilo não é... não é resposta, ou tem a ver com uma coisa semelhante, não é aquilo que tu queres...

D – Hmm hmm...

R – Há coisas que tu vês logo, “ok, é isto, vou-me cingir por isso”. [pausa] Pá, mas tem a ver, mas tem tudo a ver com a... com a... ah... com a veracidade dos sites que vês.

D – Hmm hmm.

R – Depende, se tu vais a um site em que, em que se calhar *.org*⁵, percebes?, vês ok, se calhar... Pá, porque é de um... é um site registado, é de federado, federação... Já que não consegues ter... Sabes que aqueles resultados são... são... rápidos. Agora se vais ver uma resposta ao *Yahoo Respostas*, não é, e que se calhar aí aquela resposta tem os mais... tem os gostos mais, e que vês que as pessoas respondem aquilo... Não é muito... A pessoa fica assim na dúvida, não é? Mas...

D – Sim... Então e no meio de isso tudo onde é que entra por exemplo... a família? Falar com a família acerca disso?

R – [pausa] É assim, eu não sou boa pessoa para responder a isso. Sabes que eu não sou assim muito ligada à família, percebes?...

D – Hmm hmm...

R – E então... 'Tar a perguntar essas coisas... Hmm... Nunca perguntei nada... Aliás, esses temas nem se falam muito, percebes?...

D – Hmm... Portanto não... tu não perguntavas e...

⁵ Domínio da *internet* normalmente utilizado por escolas, ONG's, instituições, associações e vários tipos de entidades não comerciais.

R – Não...

D – ...a tua família também não falava contigo.

R – Não, e também... Também não falava muito.

D – E na escola?

R – Na escola depois há os amigos, n'ê?, há aquelas coisas... “Eh pá, olha lá, ouvi dizer disto” ou... Ou sabes como é que é, aquelas coisas, mas... Na escola é sempre, como é na fase da adolescência, a escola é... a pior coisa! Não podes perguntar nada a ninguém. [riso] Porque senão o pessoal cai-te em cima. Percebes...

D – Mas às vezes há, há escolas...

R – Sim, sim.

D – ...e já me contaram estas coisas, que organizam sessões, por exemplo...

R – Sim. Ou... Por exemplo, na minha escola havia era sessões de esclarecimento para os pais.

D – Para os pais?...

R – Para os alunos... Para os pais. Para os alunos não havia. Tinhas a psicóloga escolar, não é?, sempre que quisesses podias ir lá... fazer alguma pergunta. Ela tam'ém ia uma vez por semana às turmas, mas era mais em aconselhamento escolar, tipo sobre hipóteses que podes seguir depois do... do secundário, percebes? Agora em termos de sexualidade... Abordavas também aquelas coisas básicas da informação cívica, que era a Directora de Turma que falava, não é?... Mas... Não era nada de científico. Agora... Eu... pelo menos no meu caso, não é, em relação à família nunca foi... Nunca foi uma hipótese, perguntar nada à família.

D – E... Alguma vez foste tu ter lá com a psicóloga perguntar alguma coisa?...

R – Não. Não, nunca fui. Nunca... Nunca encontrei necessidade. Nunca fui assim de perguntar... muito. É... A esse tipo de pessoas como quem diz, ah... profissionais. Percebes. Era mais de ir aos amigos e... Procurar na internet.

D – Sim. E quando te... quando te apercebeste, ou quando assumiste, ou quando te identificaste como, como rapariga *gay*... Ah... A quem é que recorreste para falar sobre isso, ou para pesquisar informação sobre isso, se é que recorreste a alguém?

R – Fui a... Eu tive... Tive um ou dois amigos próximos, não é?, que... Que de facto senti... Não foi sentir uma necessidade, não sinto necessidade, mas... Éramos próximos, senti que havia ali uma confiança porreira, e pá... Eles souberam, pronto, ficou tudo igual, os outros... Entretanto, quando eu, quando eu me assumi para eles, era mais nova, provavelmente dois... três anos atrás, mais ou menos. Eh... Eles souberam não foi por eu sentir necessidade de dizer que era... Foi porque olha, sou. Aconteceu dizer. Não impediu... ah... ‘tou errada. Disse porque não tinha a necessidade. Agora... Não disse ao resto dos amigos porque, lá está, não tinha essa necessidade de dizer. Não recorri a ninguém exactamente, foi... Foi um fenómeno que foi processando... Houve pessoas que ficaram a saber, outras que não, por factos da vida.

D – E nem na tua... E na... Na tua escola também ninguém falava de... Ninguém, ‘tou a falar de professores ou da psicóloga, o... o tema da orientação sexual alguma vez foi abordado?...

R – Ah... Sim... Ah... Sim, foi abordado mais ou menos. Eu... Eu ‘tou, eu ‘tou, eu ‘tou a responder-te em termos de relação do 9º ano, mais ou menos. 8º / 9º. Não sei se queres secundário ou não, porque o secundário... No secundário foi do género, eu estudei teatro, percebes, então ou seja, todos os rapazes da minha turma eram *gays*. [riso] Então a pessoa nem sentia necessidade de falar, n’é?...

D – Sim, mas eu ‘tou...

R – Porque... Eu ‘tou a falar nesta idade porque é mais adolescente de 16... 15/16. Acho que é a altura assim mais grave. No secundário já estás um bocadinho mais crescidinha...

D – Sim, mas eu ‘tou a falar da tua experiência como um todo. Ou seja, se há coisas de que te lembres da altura do 8º, 9º ano, contas; se há coisas que te marcaram mais no... na altura do secundário contas também.

R – Okay.

D – ‘Tou, ‘tou a fazer perguntas assim muito gerais...

R – Okay, ok. Vou tentar abranger um bocado então. Ah... Perdi-me, desculpa.

D – ‘Tava-te a perguntar se alguém, algum professor ou algum profissional tinha...

R – Ah, abordado o tema,...

D – ...falado...

R – ...o tema da homossexualidade. Sim. Ah... Sim... Não era um tema... não era um tema tão... tão abordado como o sexo em geral. Percebes?... Acho que o foco está no sexo. Percebes. “Ah, vocês chegaram aos 14, 15 anos”, eles metem logo “vamos começar a falar sobre sexo, p’a eles terem uma ideia mais ou menos, a falar de preservativos, que é importante a prevenção”, não sei quê. Mas a homossexualidade fica um bocado para trás. Quando digo homossexualidade, bissexualidade, transgénero... ah... Fica um bocado para trás. Mas é abordado. É abordado. Hmm, mas...

D – Sentiste... Sentiste que... Quer dizer, à partida, uma aula sobre educação sexual em que se põem a falar de preservativos para uma rapariga *gay*, à partida não faz muito sentido...

R – Pois, não...

D – Sentiste... Sentiste que faltava ali alguma coisa?

R – [silêncio] Ah... É assim, não senti falta porque eu também não sentia a falta da conversa dos preservativos, percebes. Não sentia falta de me ‘tarem a falar sobre homossexualidade porque eu também... não ia ‘tar ali de cara chapada, perce... A tentar percebe... Nem é isso, não era esse o meu objectivo. Pá, sou, olha, deixa ver, não quero agora uma aula sobre o que é que é ser *gay*. Percebes?...

D – Sim, sim, mas... Por exemplo, estavas a falar há bocadinho que... inicialmente tinhas a ideia de que as raparigas não era praticamente possível a... apanhar nenhuma doença, e que agora já não pensas bem assim.

R – Pois.

D – Portanto, houve ali uma...

R – Pois, é assim...

D – ...mudança.

R – Houve ali uma mudança, mas não foi graças à... à explica... à... à explicações de... professores ou... Pá, foi graças ao tempo, foi graças à internet, foi graças a filmes, foi graças a falar com amigos mais experientes, ou mais velhos...

D – Mas terias gostado de ter essas explicações... inicialmente? [pausa] Ou não te fez grande diferença?

R – É assim, não é a questão do gostar, é importante. Percebes, eu acho que era importante, tanto falar de... de homossexualidade para raparigas, como de homossexualidade para rapazes, porque é nessa idade que tu mais ou menos descobres. Agora se... É claro que também é importante falar de sexo heterossexual, não é?... Porque na verdade, é a maior parte das pessoas são heterossexuais. Ah... Não, a maior parte das pessoas são bissexuais. É, eu acredito que toda a gente é bissexual, mas pronto... Ah, fugindo a esse paradoxo, ah... É importante, sim, agora... Se eu gostava?... Não, mas acho que é importante. É importante abordar isso. Estas vertentes.

D – OK. Se te pedissem a ti, por exemplo, para organizares uma sessão de esclarecimento...

R – Sim...

D – ...sobre sexualidade e saúde sexual na tua, na tua escola, ou no teu secundário, como é que tu organizavas isso? Quem é que tu ias chamar para falar?

R – Ah... Uma sessão de esclarecimento sobre, sobre exactamente?...

D – Sobre sexualidade, ...

R – Sobre sexualidade.

D – ...sobre saúde sexual...

R – Lá está. Abordava, abordava os três. Sexo heterossexual, sexo homossexual, sexo... lésbico, vá. Abordava os três, porque eles são os três importantes. É claro que as pessoas heterossexuais não precisam exactamente de saber como é que o sexo é... quer dizer, se calhar abre-lhes um bocado mais a mente, não é?... Mas... Ah... Lá está, como eu tive de ouvir o sexo heterossexual na adolescência, eles ouvem agora, não é? Acho

que é importante as pessoas terem um... É cultura geral. Não é cultura geral, mas é... todas as pessoas saberem como é que os outros seres ah... se conectam com outros. Ou seja, ‘pera aí... Falava... falava um bocadinho dos três... e assim uns vídeos, só p’as pessoas ficarem assim meio emba... [riso] meio embasbacadas. ‘Tou a brincar. Ah... Mas era basicamente, acho que é importante as pessoas saberem um bocadinho de tudo.

D – Hmm hmm. E... ias buscar algum profissional, ou punhas por exemplo jovens a falar e a contar as suas experiências?

R – [silêncio] Um profissional? Que profissional é que eu pedia para aqui... para aqui também?

D – ‘Tava a falar num médico, numa enfermeira, num psicólogo... Que normalmente são as pessoas que são chamadas...

R – Sim...

D – ...às escolas.

R – ...são chamadas p’as escolas, eu percebo... Mas não... [pausa] Mas não, não chamava.

D – Não.

R – Não, não chamava. Não chamava nenhum profissional.

D – Punhas... Punhas jovens a falar...

R – Sim.

D – ...para os jovens?

R – Sim, sim, sim. Isso, isso, isso ia ser complicado, porque a maior parte dos jovens... ah, quando eu dissesse... ah, quando eu chegasse à parte do “ah, quem quer partilhar ah... a vossa história?”, havia silêncio na sala. Porque é... Ninguém ia, ia contar, do género “ah a minha primeira vez”, ou “eu acho que o sexo *gay* é”... Ninguém vai dizer isso.

D – Mas porque é que achas que as pessoas não dizem isso? As pessoas, neste caso os jovens...

R – Os jovens...

D – ...não dizem isso?

R – Porque é muito tabu ainda. Percebes?, é um... é uma coisa frágil, ainda.

D – Hmm hmm. Frágil, em que sentido?

R – É uma coisa, se tu falas... Por exemplo, se um rapaz vai dizer “Ah, eu acho que o sexo entre raparigas é... isto ou aquilo”, quer se, quer que a crítica seja positiva ou negativa, ou seja, uma afirmação, ah... negativa ou afirmativa... Os outros vão tipo “mas porque é que ele está a falar de sexo entre raparigas?... se ele é hetero”... Há logo ali um pré-julgamento... Na minha... isto tudo na minha opinião, não é?, acho que há ali um pré-julgamento, tanto de raparigas como oh... as pessoas que estão a ouvir... que acho que é completamente desnecessário, e acho que então p’a ninguém se ‘tar eh... E acho que mais gente pensa como eu, assim. Se eu for falar disto, as pessoas vão logo começar a perguntar... É como se eu fosse agora discursar, às pessoas que, que sabem que eu sou *gay*, fosse agora para uma sessão... de esclarecimentos sobre sexo... orientação sexual, e começasse a falar sobre sexo heterossexual. As pessoas iam assim, “então mas se ela é *gay*, o que é que ela?... ela nem sabe!”. Por exemplo... Ah... Há logo um pré-julgamento, parece que não podes dar opinião sobre outra coisa. Ou se nunca experimentaste, ou se já experimentaste porque é que tens a dar aquela opinião, percebes?...

D – Hmm hmm... ‘Tou a ver. Ah... Achas que é importante para os jovens que a informação sobre sexualidade, e sobre saúde sexual, esteja na internet?

R – Ai, acho, acho! Acho, porque é... é um meio de... hoje em dia é um meio que... Não é jornais, não é... a televisão, não é os livros. Não, é a internet, hoje em dia é a internet.

D – Hmm hmm. O que é que acontecia se, se isso desaparecesse de repente?

R – Ai. Ai, olha, eu morria! [risos] Porque eu preciso de internet! Eu sou uma... Eu sou o clássico jovem, preciso de internet, todos os dias uso internet. E se não tenho internet começo a ter ataques, e suores frios. [riso] Percebes? Mas acho que é importante. Porque lá está, se desaparecesse... as pessoas tinham de se virar para outro lado, não é?...

D – Para onde é que achas que elas se iam virar?

R – [pausa] Se calhar aí... Talvez começassem a falar um bocadinho mais com... com os amigos, ou talvez com os pais... Ou livros, também...

D – Ah... aquilo que tu disseste há bocado, portanto tu disseste-me que nunca foste muito ligada à tua família.

R – Sim.

D – Mas... Conheces amigas, ou amigos, que são ligados à família, e que falam sobre isso com os pais?

R – Ai, sim. [pausa] ‘Tou, até eu, eu tenho uma amiga que é, todos os dias fala com os pais, é... Sempre, o namorado chateou-se, ela liga à mãe, eles acabaram, liga ao pai... É... extremamente ligada. Sim, eles sabem de tudo.

D – Achas que... ela tem... alguma vantagem sobre ti por poder falar disso com os pais, ou não?

R – Ai, não. Não. Eu tenho... Eu até... acho uma desvantagem. Eu até às vezes digo-lhe assim, às vezes até lhe digo “Eh pá, oh M., não precisas de contar tudo, n’ê? Contas o básico, uma conversa do está tudo bem, não precisas de dizer que comeste cereais ao pequeno-almoço”. Percebes? Acho que há, há uma desvantagem até. Depois os pais passam a ter controlo sobre ti. E depois imagina que não queres, que há uma altura na tua vida que não queres falar sobre esse assunto. Os teus pais souberam desse assunto, porque contaste. E não podes... E já ... E já não lhes podes atirar ao facto à cara. De “olha, não quero falar sobre isso”. “Então mas contaste-me isto” e não sei quê. Percebes?

D – Claro. Claro. [pausa] Outra coisa, ‘tavas a falar de, de pertencer a uma série de, de redes sociais, mencionaste a Rede Ex Aequo por exemplo...

R – Sim.

D – Ah, fazes parte de mais algum grupo que seja virado explicitamente para questões que tem que ver com direitos LGBT ou com luta contra a discriminação sexual e contra a discriminação de género?

R – Hmm... Não. É... É só a Rede.

D – É só mesmo aquela.

R – Sim.

D – Ah. E lembras-te quando é que entraste?

R – Foi basicamente... ‘Tamos em 2014, tenho 19 anos... Assim, 2012, 2011... Mas 2012, quase de certeza.

D – Hmm hmm. O que é que te levou a entrar?

R – Porque foi a... Porque lá está, eu a... internet, a internet, procuras *gay* em Portugal e aparece-te rede Ex Aequo, aparece-te tudo cá em Portugal sobre o tema *gay*. Ah... E fui ver, ah, e okay... Pá, li mais ou menos a descrição, o que é que o site, dos objectivos do site, os objectivos da associação... Okay, olha vou... Não foi naquela de ser activista porque eu não sou nenhuma activista. Ah okay, eu vou pertencer, porque eu quero defender os *gays*. Não, não tem nada a ver. Sou *gay*. Era adolescente. Okay, uma rede para mim. Fixe.

D – Okay. E... O que é que fazias, ou fazes, não sei se ainda estás bastante activa lá ou não...

R – Não. [riso]

D – Ah... O que é que tu fazias lá?

R – Ora, na Rede Ex Aequo... Tem... Pá, tens cenas fixas porque gosto muito do... O que eles têm que é dos grupos locais. Acho que isso é... é extremamente... é das coisas mais importantes que podes ter cá, é esses grupos locais. Porque eu... como vim, eu não sou de cá, sou, sou da província, completamente, e lá não tens nada. Ah... E então eu acho que eles terem os grupos locais é espectacular. E na altura em que eu fui para Coimbra estudar no secundário, eu procurei isso na Rede Ex Aequo p’a ver, tipo cenas que eles têm lá, mas eh pá, nunca tive coragem... [riso] Mas eu sou, eu sou bué corajosa comigo, mas por acaso olha...

D – Mas porque é que não foste?

R – Eu não tive coragem... [pausa] Aquilo também... Eh pá, porque aquilo era... uh... eh pá, sessões de esclarecimento, não é?, pessoas... Depois lá, se fosse a primeira vez eles então... abriam-te as portas, ou seja, faziam-te o *home coming*, ah... Eh pá, mas nunca tive coragem para ir, e depois tam'ém... [pausa] Se eu fosse não era sozinha, percebes, era com alguém. Mas também nunca me dediquei a perguntar a ninguém se queria ir comigo. Não sei... Mas eh... Mas eu gostava de ter ido, curtia ter ido, percebes?... Mas não...

D – E participavas nas discussões do Fórum...

R – Sim!

D – ...nas conversas do Fórum?...

R – Às vezes, às vezes mandava para lá um bitaite qualquer... A sério, mas estou a dizer isto no sentido a sério... Havia lá pessoal que às vezes lançava uma coisa... uma ou outra coisa fixe... ah tipo... Ah... Eh pá, já não sei o quê, não me perguntes o quê. Mas eu pá, eu achava-me no direito de intervir, e que sabia, eu ia lá escrever sobre... sobre o que é que achava. Sim, uma ou outra coisa, sim.

D – Hmm. Foi através da Rede Ex Aequo que, que chegaste ao meu questionário...

R – Sim. Pois. E vi lá os questionários, ajudei também em bués...

D – Hmm... Okay...

R – Sim, sim. Desculpa lá... [riso]

D- Não, não, não, é normal. Não tens que pedir desculpa por absolutamente nada. Quando, enquanto lá estiveste, sentes que aprendeste alguma coisa?

R – É assim, não foi o facto de aprender, mas foi o facto de eu... colaborar... Gostei de lá estar, não é... Em vários questionários, como ajudei, como eu ajudei o teu, ajudei em... em mais quatro ou cinco... Se havia lá um pedido novo de não sei quê, eu via lá... Ah, okay, posso, encaixo-me no perfil e ajudava. Ah... Mas no sentido, se calhar, de colaborar, de... Eh pá, de perceber o que é que a malta anda a fazer, como é que é ser *gay* aos 20 e poucos anos, que é mais ou menos isso, acho que é mais ou menos essa a faixa etária da Rede. Eu tenho... Quer dizer, há lá umas, há lá... eu lembro-me que havia lá pessoal mais velho, agora já não sei... É que era mais ou menos até aos 25, era

peçoal mais ou menos que estava lá. E... pá, deixa lá ver o que é que esta malta tipo anda a fazer, se andam a combinar coisas... Também se combinassem eu não tinha coragem para ir [risos], mas eu gostava sempre de saber...

D – Então nunca foste a nada...

R – Não, nunca fui...

D – ...nunca participaste directamente em nada...

R – ...a nada, da Rede não...

D – E esses *bitaites* que tu mandavas, para usar a tua própria expressão, sentes que isso serviu para ajudar outras pessoas?

R – Não diria no termo ajudar, mas diria se calhar no termo de... de mostrar... ah... mostrar mais ou menos a minha experiência, ou seja... Ah... Ou seja, as pessoas é... é claro que ao lerem o que eu escrevia não ficavam “ah, okay, ela já fez o meu dia”. Não. Não era isso, n’ê? Mas... “ah, okay, esta miúda pensa assim, okay, ela fez isto. Agora vou eu fazer isto, ou comparar se calhar com o que ela fez”, percebes?...

D – E... Tinhas, sentias dificuldade em falar desse tema, mesmo lá dentro do Fórum? Ou não? Era fácil para ti falar desse lado? Sentias-te à vontade para falar desse lado?

R – Mas disso, exactamente do quê?

D – Tudo o que falavas,...

R – Ah!

D – ...todos os *bitaites* que tu mandavas...

R – Ah, não!

D – ...se era a medo...

R – Claro, não, é claro que quando eu respondia, respondia, okay, vou responder, e ‘tava segura, não é? Agora há coisas que tu vês lá, tipo isto não é bem assim mas se calhar não... Não respondes, não é?, não é por teres medo, mas acho que... Não é preciso estares a comentar tudo, não é?, o que ‘tá lá.

D – Claro.

R – Há coisas que tens opinião mas não... Não precisas de dá-la...

D – Lembras-te de alguma dessas coisas que tu olhaste e achaste “isto não é bem assim”?... [pausa] Algo que te tenha ficado na memória?

[pausa]

R – Pá, não. [riso] Não me lembro de nada.

D – Não há problema nenhum.

R – Mas... Pá, mas estou-te a dizer a sério, quando vi lá, vi lá coisas dos tópicos no Fórum, só metiam o tópico e... Pá, pronto, ‘tá bem, a pessoa...

D – Hmm hmm. Alguma vez convidaste alguém a... a juntar-se à rede ex-aequo?

R – Não. À rede não. À Rede Ex Aequo não.

D – E... Tu no teu Facebook, por exemplo, também abordas o tema... sei lá, partilhas notícias sobre assuntos LGBT, ou assim?...

R – Às vezes sim, quando acho... Não... Pá, lá está, eu não sou, não sou activista nenhuma! E quanto menos activista de Facebook, mesmo, não. Não é pôr lá cenas *gay* tipo... “Vamos contra os presos na Rússia”, não, não sou nada disso. Depois quando acho que cenas extremamente importantes, ou cenas claramente descabidas, meto, meto.

D – Lembras-te de alguma que tenhas partilhado recentemente?

R – Ah, sim. A cena da... Ah... É assim, não tem... Sim. Ah. Deixei... Estava a pensar nas *Pussy Riot*, mas isso foge um bocadinho... Ah...

D – Não foge...

R – Pus a... Não foge, sim, mas queria ver alguma coisa mais concreta. Ah... Lembro-me que pus a... a notícia do... rapaz dos Jogos Olímpicos de Sochi, quando ele se assumiu. Quando há vários atl... Quando há pessoas que se assumem... A Ellen Page, pus o discurso da Ellen Page, ela a assumir-se. Quando são esse tipo de coisas eu meto. Ou cenas completamente chocantes. Como por exemplo o Presidente do... qual é que é o país?... Não é o Uganda... É um país qualquer da África, que ele diz que... qu’às

vezes violar as mulheres é certo. Às vezes meto, pá, notícias chocantes, ou... Notícias que... Pá, para as pessoas verem...

D – E as pessoas que tens, que tens no Facebook, costumam ter algum tipo de reacção, dizem alguma coisa, ou?...

R – Sim, às vezes, às vezes sim, outras vezes não...

D – Nunca tiveste, sei lá, nenhuma discussão com alguém que concordasse com?...

R – Ah, não, isso não, não, não... Isso... Por exemplo, nesses casos, quando são coisas chocantes, do género o Presidente ou o Putin... prende mais não sei quantos, não digo lá, não vai lá haver ninguém no Facebook a dizer “Concordo com o Senhor Putin”, não, isso não... Não há lá ninguém assim... [riso]

D – [riso] Se isso acontecesse, o que é que tu fazias?

R – Ah, *delete*, eu, eu eliminava a pessoa... Não, primeiro... Primeiro tinha a discussão.

D – Sim...

R – E depois eliminava. Porque eu gostava de perceber o porquê. Eu gosto de perceber o porquê.

D – ‘Tou a ver. [pausa] Tu há bocado estavas a dizer que uma das primeiras coisas que fizeste quando eras mais nova foi justamente ir à procura de... de filmes pornográficos entre mulheres... Ah... Para tentar perceber.

R – Sim.

D – Ah... [pausa]

R – ...Mas não tem nada a ver, digo-te já. [riso]

D – [riso] Mas, mas porque é que essa foi a tua primeira... o teu primeiro instinto... Foi ir procurar esse tipo de material e não... outra coisa qualquer?

R – [pausa] E porque é que teria sido, e se fosse outra coisa qualquer, porque é que não teria sido ir ver porno gay?

D – Exactamente, se fosse eu teria feito a mesma pergunta.

R – ‘Tás a perceber?... [riso] Pá, olha, foi. Sei lá, não sei. Não sei porque na altura não pensei. Olha, foi porque me apetecia saber como é que era.

D – E... Aprendeste alguma coisa, a ver esses?...

R – É o que eu te disse, aquilo não tem nada a ver. [risos] Mas lá está, eu quando vi aquilo... Ah, okay, é assim. Pá, fiquei assim um bocado... Até foi das primeiras vezes que eu vi pornografia, não é?... Ah... Pá, fiquei assim um bocado naquela do nojo... Fiquei um bocado naquela do okay, isto talvez saiba, pode saber bem... [riso] Ah...

D – Nojo porquê?

R – Eh pá, nojo porque... sei lá, era virgem na altura, não é?... E... E sei lá, eu não sabia exactamente como é que era... Portanto a partir do momento em que vês ali... sei lá, bocas e órgãos genitais e coiso... Mete se calhar um bocado de nojo aos 14 anos ou 15... Percebes?...

D – E comentaste essa experiência com?...

R – Ai, não! Não!

D – ... alguma amiga tua ou amigo teu?

R – Isso não, isso... Não, achas!? Não. “Eu tive a ver porno”, não é? Não posso dizer isso a ninguém! [riso]

D – E... É assim, por exemplo, às vezes há, há rapazes que vêem porno e depois se vão gabar disso, junto dos amigos ou das amigas... Alguma vez apanhaste uma conversa dessas, com outras pessoas?

R – Ah... Não, por acaso não. Mas... Mas os rapazes têm sempre... Os homens são aquele cliché, do... Okay, são solteiros, tu pensas, ‘tou a dizer o cliché, são solteiros vão para casa do género, chegam a casa, batem uma, vão sair e vão dormir, não é?... É sempre um bocado cliché. As raparigas não. As raparigas... Não tens o cliché de as raparigas se masturbarem. Dos homens tens. Eu acho, acho que é mais um... cliché dos homens, do que das raparigas. Não sei, de os homens se masturbarem mais... que as raparigas.

D – Mas achas que esse cliché corresponde à realidade, ou não?

R – N... Não. [pausa] Não. [riso] É uma pergunta difícil. Ah... Quer dizer, sim. Sim. Corresponde bem. Os, os homens masturbam-se mais que as mulheres.

D – Hmm hmm. E... também vêem mais pornografia?... Na tua opinião.

R – Ah... Sim... Sim, sim, sim.

D – Porque é que achas que há essa... essa diferença?

R – Ah... Eh pá, porque os homens... Eh pá, porque os homens... Eh pá, é que lá está, as mulheres também precisam, não é? As mulheres precisam de ter sexo, como é óbvio. Como é óbvio. [pausa] Pá, isto é muita [sic] complicado de explicar... Eu consigo explicar isto por dentro de mim, agora explicar para ti, ‘pera aí... Pá, porque os homens... Ah, é assim... ‘Pera aí. Eh pá, pera aí.

D – ‘Tás à vontade.

R – Preciso de tempo, preciso de tempo.

D – Pensa à vontade.

R – Ah... Eu sei o porquê, agora deixa-me lá arranjar as palavras... Ora porquê... [pausa] Porque os homens, lá está, os homens... Os homens não aguentam... Eh pá, isto digo eu, n’ê, que a minha experiência com homens é assim, n’ê... [riso] Percebes...

D – O quê, desculpa, não percebi?

R – A minha, a minha experiência com os homens é assim deste tamanho...

D – Okay...

R – Ah... Eh pá mas os homens, não aguentam talvez uma semana sem, sem ejacularem. Percebes? E as mulheres, talvez aguentem mais do que uma semana. Percebes? Pá, porque o, o homem é macho. O macho, o macho precisa... Eh pá, eu não sei explicar isto. [riso] Pá, mas o macho... Eh pá, eu não sei. É da natureza, é da natureza do homem precisar mais. Percebes?...

D – E a... Então achas que pornografia ajuda mais os rapazes do que as raparigas?...

R – Não é ajudar mais... Não é ajudar mais... [pausa] Ajuda os dois, porque se as mulheres, se a mulher recorre à pornografia é porque vai ajudá-la nalguma coisa, não

é?... A pessoa não recorre a uma coisa sem, sem precisar disso. [pausa] Agora, que eu acho que os homens... Eu acho não, tenho a certeza que os homens recorrem mais à pornografia... Até porque eu vi um documentário sobre... sobre pornografia estar a crescer na Alemanha ou... sobre a quantidade de vídeos pornográficos que estão a ser feitos. Eles dizem mesmo que, que o, que o habitual é os homens... Que os homens são mesmo, são os que consomem mais pornografia.

D – Hmm hmm. E... Achas que... ah... Para um rapaz, ver pornografia é a mesma coisa que para uma rapariga, achas que estão à procura da mesma coisa?...

R – Ah, não! E nem... Não. Mas isso, nem todos os homens estão à procura da mesma coisa, não é?... Tu... Tu podes ver pornografia, um homem pode ver pornografia e estão os dois a ver coisas diferentes, ou a verem géneros de pornografia diferentes. Isso... Isso até é, até em termos do mesmo género os homens procuram coisas diferentes, não é?, por isso é que há vários géneros de... de pornografia...

D – Ah... Achas que as pessoas para além de, daquilo que tu estavas a dizer, ou seja, verem pornografia para se masturbarem, portanto para terem prazer, achas que há mais alguma razão para as pessoas irem ver...

R – Claro que sim!

D – ...pornografia?

R – Sim, há pessoas, há casais, há pessoas, que... Que gostam de fazer igual... Gostam de fazer sexo, ou... ou ver pornografia, ou imitar, ou... Sei lá, para terem ideias, para serem criativos...

D – Portanto, achas que a pornografia pode ajudar a criatividade...

R – Sim, pode ajudar à criatividade, pode ajudar... É... Pode... Sei lá, fetiche... não é fetiche, mas... Ah... Coisas de casal... Percebes?... Depende de cada casal, depende se o casal gostar de ver, de verem os dois e fazer...

D – Hmm hmm. E... Quer dizer, há bocado ‘távamos a falar de, de informação médica e científica, que às vezes uma é de confiança e outra não é. No caso da... desse tipo de material, desse tipo de conteúdo, achas que se aplica a mesma coisa, que há um que é mais realista e outro que é menos realista?...

R – Ah, sim!

D – Como é que se distingue uma coisa da outra?

R – Ahhh... [pausa] Como é que se distingue... É... Ah... [pausa] Porque tu vês, se fores comparar um vídeo de... pornográfico de... realista ou romântico com um *hardcore*, não sei como é que... Não sei como é que se distingue exactamente, não é?, porque há casais que fazem *hardcore*, outros que fazem mais, mais romântico... Não sei como é que tu distingues isso exactamente, não é?, mas... intrinsecamente, dentro de ti sabes que... Sei lá. Eu sei. Isto... Okay, isto é... para televisão, para as câmaras, e aquilo é... é o real, é verdadeiro.

D – E achas que o facto de, de haver coisas p'r'as camaras pode... Pode criar por exemplo falsas ideias ou falsas...

R – Oh sim...

D – ...ideais?...

R – Sim, sim.

D – ... para quem vai ver?

R – Então é como eu vi com os meus 15 anos, ou os 14, muita coisa que eu vi já nem, como é obvio já nem me lembro dos vídeos, n'ê?, mas quando eu vi... Ah... Havia lá coisas que... Sei lá, não sei, se calhar não bateram certo na minha cabeça, outras que batiam, mas... É aquelas coisas que tu... Como eu não tinha experiência, como não sabia exactamente como é que era, não... Não sabia, não sabia bem o que é que era ao certo, o que é que era o errado.

D – Hmm hmm. Quando... Lembras-te por acaso de um momento em que... como se costuma a dizer, “caiu a ficha” e tu percebeste “hmm, se calhar isto não é bem assim”?...

R – Ah, foi na, na primeira vez. Se calhar a primeira vez ‘tava naquela do “pah, não sei o que é que eu ‘tou a fazer”, tipo, “e agora? Meto a perna aonde?, meto o braço aqui”... Pah, se calhar não era bem assim como eu tinha visto nos vídeos... Percebes?, acho que é, acho que é a partir da experiência, quando tu tens mais experiência vais-te apercebendo de coisas que fazes ou coisas que é verdade, ou coisas que é mentira... E

vais... E também depende da pessoa com quem ‘tás, não é? Se... Ah... Quando, quando ‘tás com a pessoa é que percebes mais ou menos, ou... Ou ‘tás com a pessoa, ou fazes coisas que a pessoa gosta, ou fazes coisas que tu gostas...

D – E também já te, já te cruzaste, por exemplo, com... Depois de já teres experiência, portanto depois de, de te aperceberes que as coisas não são bem assim...

R – Sim.

D – Ah... já te cruzaste com material que tu olhaste e pensaste “pah, se calhar vou usar esta ideia, mas eu sei que isto não é bem assim, portanto vou adaptar”. Já te aconteceu uma situação destas?

R – Não... Não, por acaso não.

D – Portanto, tu própria...

R – Por acaso não...

D – ...nunca tiraste ideias...

R – Não, não, não, não...

D – ...de filmes que tenhas visto...

R – Não... Por acaso não, mas não é uma coisa que... Sei lá, nunca... Sei lá, fui sempre um... Claro que houve vezes correu mal, n’ê? Mas eh pá, okay, mas em última tentativa nunca tirei “okay, vou tentar usar isto” [riso], não, nunca fiz isso...

D – Okay... E alguma vez viste alguma coisa, por exemplo, que te tenha deixado desconfortável, ou que tenhas achado...

R – Que tenha visto?

D – Sim.

R – Ai, sim. ‘Tás a falar em, em, ainda ‘tás a falar em termos de pornografia?

D – Sim, sim, de pornografia...

R – Ai... Ai vi...

D – ...de coisas eróticas...

R – Vi, depois até, às vezes, ‘tás a... já tiveste com amigos e tiveram todos a gozar, a ver pornografia se calhar juntos, não é? Eh pá, e há coisas horríveis, há mesmo coisas nojentas, neste mundo... mesmo coisas nojentas...

D – Tu lembras-te de alguma coisa em particular que te tenha... tipo, ficado na memória?

R – Eh pá, sim. Eh pá, há coisas que eu... Eh pá, os *golden showers*⁶ são... sabes o que é *golden shower*?...

D – ...Hmm hmm...

R – Isso é nojento, não é?... Ah, tudo bem, que há pessoal que se excita com isso, pá, mas eu acho nojento... Mas res... há cá espaço para todos! Eh pá, mas há cenas, eh... Eh pá quando... Ah... Eh pá, quando cospem uns para os outros... É... lá está, isso é aquele tipo de pornografia do *hardcore*, isso tu vês que não é... Eh pá, não é dizer que não é real. Se calhar há casais que fazem isso, n’é?, mas não é aquele, o estere... o estereótipo, ou... o que sabes que a maior parte não faz, ou porque não é verdadeiro, não é? A parte do cuspíres... Cuspíres p’r’a pessoa, ou... Cuspíres p’a... Para o órgão genital dela, ou... Percebes?

D – E... E qual é que foi a tua reacção nessa altura, quando tu viste isso?...

R – Eu? Ewww... Tipo, fecha, fecha. [risos] Eh pá, foi a cena do, okay, vou parar, tipo já ‘tou... E passar para outro.

D – Mas não, não ficaste, quer dizer, não ficaste a pensar nisso...

R – Ai, não, não fiquei a pensar... Ah! Não, isso não. Ainda bem! [risos] Fogo... Ir jantar a pensar naquilo... [risos] Pá, não...

D – E alguma vez tiveste, sei lá, algum amigo ou alguma amiga tua a vir ter contigo e a dizer “Ai, eu vi uma cena qualquer na net, e fiquei... E fiquei incomodada, e aquilo incomodou-me, e ainda me ‘tou a sentir mal”?

R – O “*2 Girls 1 Cup*”⁷. Sabes o que é, n’é? [riso]

⁶ Em Português, “chuva dourada”, conjunto de práticas que envolve o uso erótico de urina.

D – Sim.

R – Pronto. Eh pá, sim. Mas isso tam'ém... Isso também já está a entrar por campos mais... ah... pronto.

D – Faz tudo parte. [riso de R] Faz tudo parte.

R – Faz parte, faz. Eu não digo que há pessoas... É o que eu digo, pode haver pessoas que se excitam com aquilo.

D – Hmm hmm.

R – Claro que há espaço para todos. Desde que eu não faça parte disso.

D – Sim. 'Tavas a dizer dessa... dessas situações em que as pessoas estão a, 'tão a ver material em conjunto, 'tavas a falar do grupo de amigos que vê material e não sei quê... Já tiveste alguma situação desse género?

R – Ah, sim, às vezes, ah... Por exemplo, ah, mas isso já... Pois. Isso já há uma diferença, se tu vês a pornografia com... Imagina, tu vês uma pornografia com amigos aos 14 anos, não é a mesma coisa que tu veres pornografia aos 16 com amigos, percebes? Para mim, eu acho que os 14 e os 16 têm ali dois anos de diferença enormes. Eh pá, aos 16 tu sabes que é para rir, já sabes que há o sexo, já sabes que o homem... ah... o pénis na vagina, já sabes que há estas coisas. Aos 14, ainda 'tás na fase ainda... *achas* que é o pénis na vagina, não tens a certeza. Percebes? E se tu vires com... pornografia aos 16 anos com amigos é naquela do riso "Ih, é grande", é outro, é outro clima. É...

D – E tu viste aos 14, aos 16...

R – Não, eu aos...

D – ...ou nos dois?

R – ...aos 14 vi sozinha, n'ê?

D – Sozinha.

⁷ Vide nota da Entrevista 001.

R – Aos 16 depois é... agarras, vês na biblioteca, na biblioteca da escola, ‘tás a ver, ali, tás a ver pornografia a gozar, não é? [riso]

D – E... E era só ambiente de galhofa?...

R – Ah, sim.

D – O pessoal ria-se, ou alguém comentava alguma coisa assim que, sei lá, que alguém tenha ficado incomodado ou não sei quê do género “ai muda lá isso”, “tira lá isso que eu não quero ver”?

R – Não, tipo... E pois ah... Ah!, quer dizer, o pessoal via todo, não é?... Mas é, lá está, se ‘tivéssemos 5 minutos a ver aquilo, o pessoal já dizia “eh pá, já chega, pronto, não sei quê”.

D – Hmm hmm. Portanto, era só uma brincadeira.

R – Sim, era só brincadeira, não havia aquele, não havia aquela coisa de ver pornografia para aprender, não. Era sempre no gozo.

D – E também havia aquelas situações – isto pegando em coisas que já me contaram noutras entrevistas –, ah, se também havia aquelas situações do género alguém chamar “olha, vem cá ver uma coisa, tenho uma coisa para te mostrar”, e depois de repente... aparecia...

R – Ah, sim sim sim. Isso também houve. [riso] Isso também... Sim. Isso hoje em dia... isso ‘tá sempre a acontecer... [riso]

D – E, e... Como é que, normalmente quem é que estava envolvido nessas brincadeiras? [pausa] Eram rapazes a fazer, era?...

R – Ah, isso era... Pois, normalmente eram os rapazes a fazer para mostrar às raparigas, não é?

D – E o que é que as tuas colegas, imagino eu, como é que elas reagiam? Lembras-te?

R – “Ai, pára, pára.” As miúdas todas... Não. [pausa] Não, é aquela coisa, não ficam ali a ver. Como é óbvio, desviam o olhar. Se calhar até gostavam de ver, não é? [riso] Fica mal, gostar, percebes? Fica mal.

D – Porque é que fica mal gostar?

R – [pausa] Eh pá, porque aos 16 se um gajo te mostra... Se um amigo teu te mostra não vais ficar ali a olhar. Dizes “ai, pára lá com isso!”. Eu gostava, não me importava nada de ver. [riso] Não, ‘tou a brincar. Mas a maior parte não... Sei lá. Não fica bem.

D – E também... Também te faziam isso a ti?

R – Quer dizer, na... Não, quer dizer, já, já me fizeram, como é óbvio, mas não era uma coisa habitual, não é. Ninguém faz isso todos os dias.

D – Sim, sim. Claro, claro. Ah... E tu também dizias a mesma coisa, “ah, tira lá isso”? Ou ficavas a...

R – Ai, não, eu ficava... É assim... [risos] Não, é assim. Ah... Não, normalmente nós ficávamos a ver. Porque o pessoal, porque nós na minha turma às vezes, pá ‘távamos nas aulas, não é, o pessoal punha um porno, um vídeo no telemóvel, chamava-me... Eh pá, eu tipo, continuava a ver. Mas era num ambiente [riso] de amigos, não tem nada a ver de sexual, de ‘tar ali a haver algum clima, não.

D – Claro, claro.

R – ‘Távamos a ver mesmo para gozar.

D – Hmm hmm. E tu alguma vez fizeste isso a alguém, tipo...

R – Ah, tam’ém já...

D – ...pregar uma partida?

R – Tam’ém já, tam’ém já.

D – Ah... Foi mais a rapazes? Ou foi a raparigas?

R – Foi a ambos... Isso não tinha... Não tinha selecção.

D – Hmm hmm. E como é que as pessoas reagiam quando eras tu a fazer?

R – Não sei...

D – Era igual?

R – Pois, é... É aquela coisa de “ai, tira o vídeo, que é que tás a fazer?, que parvoíce”. Mas não havia aqueles julgamentos de “okay, ela... ela tá a pedir para veres porno, no telemóvel p’ra eu ver. Quer dizer alguma coisa?”. Não, não havia, não, isso não havia.

D – Isso não acontecia. E nunca ninguém se chateou contigo por tu fazeres isso?

R – Não, não, não.

D – Era tudo levado na brincadeira.

R – Sim, foi tudo na brincadeira.

D – Ah... Porque é que tu achas que as pessoas fazem filmes porno profissionalmente?

R – Pá, dá muita [*sic*] dinheiro. Dá muita [*sic*] dinheiro mesmo. Eu acho que esse é o principal motivo. Agora como é óbvio, a maior parte dos... A maior parte não. Agora como é óbvio há homens e mulheres que gostam bastante de sexo. Tam’ém, eh pá, se tu gostares muito de uma coisa e receberes muito dinheiro por essa coisa, fogo, porque não fazer, n’é? Por esses dois motivos.

D – E... E situações por exemplo, sei lá, tu estares à procura de uma coisa perfeitamente normal, e sem, sem relação nenhuma com sexo, na net, e de repente aparecer-te um *pop-up*, ou uma publicidade ou assim. Já alguma vez te aconteceu?

R – Já. Ainda por cima gordas. Gordas, mães solteiras, ali a piscar, no computador. Sim. Ah, isso fecho e... e desaparece.

D – Hmm hmm. E... Depois tentaste instalar alguma coisa para isso não voltar a acontecer?

R – Ai sim, eu pus, mas agora lá está, como eu tenho o computador novo ainda não pus. E agora nem me tem aparecido muito pornografia. Mas era o *AdBlock*. O *AdBlock* tem... Bloqueia cenas fixas e assim.

D – E... E alguma vez te aconteceu uma situação dessas, mas num contexto em que... sei lá, tinhas um professor a olhar para ti, ou tinhas o... alguém da família a olhar para ti?

R – Não. Mas isso aconteceu entre mim e o meu pai. Porque o meu pai... Ah, eu sabia que ele via pornografia, só que como é óbvio n... não disse, n’é? [riso] Mas eu

reparava, que eu de vez em quando, eu tenho... A minha casa é em Alpiarça, nós temos dois andares, não é?, estava eu na sala a ver televisão e ele ‘tava lá em cima no computador que era um computador fixo, pá, de vez em quando ouvia uns gemidos. E eu percebia, eh pá já era 16 anos, já sabia que ele estava a ver pornografia, mas pronto, pá. Sempre lidei bem com isso, “ah, pronto, é homem, vá”. Se calhar até ‘tá a bater uma. [riso] Não interessa. Ah... E uma vez eu subi lá em cima, e lá está, eu... A gente ao subir as escadas, n’é?, ele ouve, fecha tudo, n’é?, e finge que ‘tá a fazer... inocente. E uma vez eu fui lá mesmo ao pé dele, e, e começaram a sair as coisas. E ele assim, muito aflito a fechar. E eu tipo a fingir que não tinha visto, n’é, era aquela coisa tipo “ah, ‘tá bem, pronto”. Nós... Ele sabia que eu tinha visto, não é?, e eu, e ele se calhar sabia que eu também tinha visto. Pronto.

D – Mas depois não comentaram?...

R – Ai não. Nem eu tinha coragem para isso. [riso] Não tinha, ah, coragem para isso, n’é?

D – Ah... Achas que há pessoas que se sentem incomodadas a ver seja que tipo de pornografia for? Ou é normal?

R – Oh, sim. É assim, há pessoas que não são, há pessoas que não... Eh pá, não sei, isso é uma boa pergunta. Eh pá, porque há aquelas pessoas, aquelas pessoas *snobs*, ou aquelas pessoas que tu vês assim de... Pá, aquelas mulheres que, por exemplo, eu penso muito nisso, ah, não é penso muito nisso. Isso é mentira. Mas ah, quando às vezes penso, aquelas mulheres que trabalham numa empresa, ou que têm que ‘tar assim importantes, que são assim, que se vestem todas chiques todos os dias, que têm... maquilham-se, que têm um aspecto... Eu não vejo essas mulheres a verem pornografia, eu não penso nisso. Mas será que elas vêem? Não sei. Não sei responder. Mas essa classe aí, ‘tás a ver mais ou menos o objectivo de mulheres que eu estou a dizer?...

D – Sim...

R – Não sei... Eu não sei te dizer. Eh... São... Para mim são indecifráveis, não sei.

D – E gente da tua idade? Achas que toda a gente vê?...

R – Ah, não. Da minha idade não. Não. Dezanove anos não.

D – Quem é que não vê?

R – Quem é que não vê?...

D – Sim.

R – [pausa] Eh pá...

D – Ou ‘tavas a dizer que toda a gente vê? Desculpa, não percebi.

R – Não. Eu ‘tou a dizer que toda a gente... nem toda a gente vê.

D – Sim.

R – Mas toda a gente é capaz de ver, não é uma coisa que toda a gente “ui!, fecha isso já”. A pessoa consegue ver. Agora que vejam... Que vejam... É assim, eu vejo. Agora... Ah... Eh pá... Não sei, quanto a mim...

D – Mas achas... Mas achas que há gente que tem logo sempre essa... “ui!, não quero ver” sempre?

R – Eh pá, sim. Porque há pessoal ainda muito... Pá, com dezanove anos, com mentalidade se calhar ainda... muito fechada, percebes? Ainda, ainda há muito pessoal assim, eu tive assim bastantes colegas no, no 9º ano. Eh pá, eu agora nunca mais falei com eles, n’ê, 300 quilómetros, mas ainda penso que esse pessoal ainda é bué fechado. Ainda é tão fechado...

D – Porque é que achas que...

R – E se pusesse um vídeo à frente deles, eles “ui”, não querem ver isso...

D – Porque é que achas que eles são assim tão fechados?

R – Pá, é... personalidade, não sei. Eu acho que é mesmo personalidade.

D – Ah... Pronto. Uma outra coisa que o meu trabalho também aborda é a questão da... troca de mensagens. De imagem, ou de texto, por telemóvel, mas depois assim mais privadas, mais íntimas. Às vezes há pessoas que mandam imagens de si próprias ao namorado, ou à namorada, ou não sei quê.

R – Sim.

D – Ah... Já alguma vez soubeste de alguma situação dessas?

R – Sim, já fiz isso.

D – E... Mas, mas antes de falar da tua experiência, à tua volta, as pessoas que tu conheces, ou da tua escola, ou da tua zona?

R – Ah, sim. Eu lembro-me que uma amiga minha foi... as fotos dela divulgaram-se, e... Aquilo foi um vírus na escola, percebes... Ela... Fotos, fotos dela...

D – Mas o que é que aconteceu dessa vez?... Lembras-te da história?

R – Ela... Sim. Ela, eh pá, ela mandou a alguém e esse alguém, pá, pronto, era um rapaz, não é?, esse rapaz decidiu espalhar, eh pá, decidiu, acho que decidiu mandar a uma data de gente e... E então espa..., toda a gente, toda a gente da escola teve acesso às fotos dela nua, não é... Pronto. Eh...

D – E o que é que aconteceu a seguir?

R – Pá, pronto... Foi bué gozada, não é?... Foi bué... Eu própria gozei com ela. É aquelas coisas quando tu és jovem... Que é que vais, que é que vais fazer? Não vais defendê-la! Pá... ‘Tás com os teus amigos, pronto, vamos gozar com ela, pronto. Ah... Eh pá, foi, foi bué gozada, não é?... O que é que tu pode... o que é que se faz nessas alturas, nessas ocasiões, não é? Não podes fazer nada. Até que aquilo passou, não é?, mas ainda houve uns tempos que...

D – Ela continuou na escola, ou...

R – Sim, continuou.

D – ...alguém chamou a polícia, ou...

R – Não, não. Continuou na escola.

D – E os pais ou os professores disseram alguma coisa? Intervieram?

R – Não, acho que não... Ficou... Ficou do conhecimento dos alunos. Acho que não chegou a professores. Mandavas às vezes, por exemplo, os professores falavam alguma coisa para ela, surgia uma boca logo dentro da sala que possa fazer uma piada com as cenas da foto, mas o professor não sabe... ficava... entre as pessoas...

D – Que tipo de piadas é que faziam, ainda te lembras?

R – Ah, eram cenas sexuais, eram coisas sexuais. Sei lá, do género... Pá... É que eu lembro-me que aquilo foi na altura do Inverno, pá, e está a chover e ela vinha cheia de roupa. Pá, e o pessoal dizia “Eia, ‘tás tão vestida hoje, o que é que se passa?”. Pá, esse tipo de... esse tipo de piadas, percebes?

D – Hmm. E o rapaz que, que mandou as fotos para toda a gente...

R – Ai o rapaz acho que não andava lá na escola. Não. Não... o rapaz já nem sei quem era. Acho que nunca cheguei a saber...

D – OK. Ah... E portanto ‘tavas-me a dizer que tu própria que já, já fizeste isso.

R – Sim.

D – Foi no... Foi em que contexto? Foi num namoro, ou?...

R – Olha, foi em namoro também, e foi sem... Foi sem namoro, também. Mandeï a desconhecidos.

D – A desconhecidos.

R – A desconhecidos, sim.

D – Porquê?

R – Olha, porque era ingénua, na altura. [riso] Ainda não sabia nada da vida. Não é... Mandeï porque fui parva. Pá... Ah, mandeï... Eh pá, era para rapazes, os rapazes naquela “ah, manda lá, manda lá”. E eu... olha, mandeï.

D – E como é que tu começaste a falar com esses rapazes?

R – Era dentro de um *chat*, daqueles *chats* do AEIOU⁸. Ah... Uma coisa levava no *chat*, depois passava para a sala privada, passava para o Messenger, palavra puxa palavra...

D – E... E eles também te mandavam a ti?

⁸ Um portal que continha uma secção onde os utilizadores podiam comunicar entre si.

R – Sim, às vezes era aquela coisa da *web[cam]*, ‘tás a ver?... “Ai, mostra-me as mamas que eu mostro-te o pau” e às vezes era o... Pá, faziam vídeos, lá está... “Ai, manda-me umas fotos e eu mando-te um vídeo de mim a bater uma”... Eram as coisas básicas dos adolescentes... Mas eu caí. Fui uma adolescente básica e típica que fez isso [riso]. Agora...

D – E... Arrependes-te de ter feito isso?

R – Ah, sim! Quer dizer, não é uma coisa que é o... arrependimento da vida, não é? Pá... Acho que toda a gente... Acho que... Nem toda a gente, mas muita gente já o fez. Sei lá, como é óbvio corres bastantes riscos, não é?

D – Que tipo de riscos?

R – Pá... Corres o risco de... de aquilo ir parar a não sei quantos sites... Corres o risco de os teus pais apanharem aquilo, corres o risco de acontecer o que lhe aconteceu, não é?, de espalharem aquilo...

D – Alguma vez te aconteceu alguma situação dessas, ou...

R – Não, não, não.

D – ...conseguiste safar-te?

R – Não, por acaso, não. Ficou, acho que ficou para eles, acho que... têm lá ainda...

D – Foi... Não te aconteceu por sorte, ou tomaste alguma precaução?...

R – Não, não tinha precaução. Eu era demasiado ingénua, sei lá. Era 14... P’ái nos 15 é que fiz isso. Pá, mostrava as mamas, eles mostravam-me o pau, pronto... Era assim. Acho que ninguém via, não mandavam a mais ninguém.

D – E... Porque é que fazias isso com rapazes?

R – [pausa] Pá, porque... sei lá... Eram os que davam conversa, sabes? E nessa altura ainda não ‘tava... Eh pá, já sabia mais ou menos, já... Sei lá, já achava as raparigas assim mais ou menos giras... Mas nunca ia, eu nunca falava assim com raparigas, e os rapazes metiam logo conversa, percebes, tu mal entravas numa sessão, os gajos iam logo p’a cima de ti. Percebes? E isso tu, “okay, olha, deixa-me lá responder”. Uma coisa leva a outra, “ah, vamos para uma sala privada”. E tu, e tu vais, vais atrás, não é? Pá, e

uma miúda com 15 anos, pá, vai, percebes? Mesmo tendo aí algumas dúvidas, vai. Agora se... se o gajo dissesse “ah, olha, ‘bora aí combinar um encontro”, eh pá, isso aí já não... isso aí já não me metia. Percebes?

D – O que, o que é que tu sentias nessa altura, quando ‘tavas a fazer isso?

R – Eh, pá, nada, sinceramente. [riso] Eh pá, nada. “Ai queres ver as minhas mamas? Tá bem, eu mostro as mamas.” Oh pá, não tinha nada, não tinha nada a perder, não tinha nada para fazer, percebes?, ‘tava em casa. Pronto, olha, também... Não era uma coisa que eu quisesse ver muito era pilas, mas pronto, olha... “Vi a tua pila, olha, ‘tá bem, ‘brigado.” [riso] Pronto, percebes?, não é... Não era nada.

D – E, e não havia ali uma certa emoção, ou o coração a bater mais forte, uma coisa assim do género, por ‘tares a fazer algo... supostamente proibido, ou assim?

R – Eh pá, é claro que... pensava duas vezes, não é? Olhava três vezes antes de fazer, n’é?, para ver se vinha alguém. Mas... Eh pá, mas não me sentia assim uma adrenalina, não, não senti, nunca senti essa adrenalina.

D – E no contexto de namoro,...

R – Sim...

D – ...como estavas a dizer, a coisa era diferente, imagino eu...

R – Sim, a coisa era diferente.

D – Como é que é, ou, ou, porque é que fazias isso já no contexto de namoro?

R – Oh... [risos] Isso já estás a entrar nuns temas que eu se calhar já não quero...

D – Se não quiseses responder tudo bem. Não há problema nenhum.

R – Não, não. Eu gosto de responder. Se calhar também vai ser importante para ti e...

D – Não. Lá está, se não te sentires à vontade, tudo bem...

R – Não, porque... Sei lá, eu, eu tive uma namora... a minha única namorada à distância, tive uma namorada à distância. Pá, e às vezes... Sentias falta, ou... ou precisavas de ver essa pessoa, e querias ver essa pessoa mais nua... E ela mandava... Ou vice-versa, percebes, era um contacto.

D – Portanto, era uma forma de... matar saudades, basicamente.

R – Sim. Não como, como tu querias que fosse, não é?, mas... Sei lá, ajudava um bocado, não é?...

D – Lutar contra a distância.

R – Sim. Talvez.

D – Ah, e... Tam'ém, tam'ém acontecia isso com algum relacionamento que tivesses mais próxima da pessoa? Ou foi só nessa situação de...

R – Hmm...

D – ...de distância geográfica?

R – Não, foi só por acaso mesmo nesse caso... Por acaso nunca... Nunca fiz mais vez nenhuma.

D – E, e confiavas na pessoa?

R – Ah, sim, sim, sim. Isso sim.

D – E depois quando... Quer dizer, não sei. Imagino que essa relação acabou, porque estás a falar no passado.

R – Sim, sim.

D – Ah... Sabes se a pessoa apagou as fotos, se a pessoa guardou as fotos, sabes o que é que ela fez às imagens?

R – Ah, pois, não sei.

D – Mas estás tranquila de que a pessoa não vai fazer nada.

R – ‘Tou, ‘tou, ‘tou. Provavelmente já não, já não tem. Provavelmente não, mas não é uma coisa que me afecte.

D – Hmm hmm.

R – Se ela ainda tiver, pá... Fixe, não... Acredito que ela não vai fazer nada.

D – E tu...

R – Eu também tenho dela, portanto... [riso]

D – Achas que isso dá alguma segurança, o tu teres dela?...

R – Não, não, mesmo que eu não tivesse não... Acredito que ela não era capaz de fazer isso.

D – E se por acaso tu... Imagina que tu descobrias que ela tinha passado as tuas fotos para algum sítio, ias fazer a mesma coisa a seguir?... Ou o que é que, o que é que fazias?

R – Eh pá, não sei. Isso teria a ver... Não, teria de conversar com ela, e depois... de saber o porquê, e sabendo... as reacções, aí eu ponderava fazer alguma coisa ou não.

D – Hmm hmm. Achas que há alguma maneira... segura, ou mais segura, de fazer isso, de mandar imagens e em que se corra menos riscos? Achas que é possível ter algum tipo de precaução? Ou é só...

R – É assim, hoje em dia... Eu não tenho, para ser sincera. Mas hoje em dia tens o Snapchat, sabes o que é?

D – Sim.

R – Pronto. Que acho que é... ao mandares uma, eh pá, um vídeo, ou um mini-vídeo, que aquilo desaparece. Não é? Eu acho que isso é bastante seguro.

D – Hmm hmm.

R – Pá, mas é desvantajoso. Eu não tenho Snapchat, só me disseram como é que é... Mas acho que é bastante desvantajoso também. Não é? Imagina, manda-se para o namorado, ou para uma namorada, não é? Vês aquilo uns três segundos ou quatro. Pá, queres ver outra vez já não consegues ver, “eh, pá manda lá outra vez!” [risos] Percebes?

D – Sim.

R – Pá, é vantajoso num sentido, desvantajoso noutro. Se calhar. Percebes?

D – Hmm hmm. ‘Tou a ver. Sim, sim, sim. Ah... E se alguém viesse ter contigo e te dissesse “eh pá, olha, ah, mandei, mandei uma imagem minha a uma pessoa, e ela agora mandou a imagem a outras pessoas”, o que é que tu lhe dizias?

R – Esse, esse gajo ou a gaja é uma filha da puta. [riso] Pá, dizia isso. Eh pá, mas... agora se me viesse pedir conselhos para saber o que é que há-de fazer...

D – Sim.

R – ...Eh pá, não sei, dependendo. Se ela mandou para uma pessoa que conhece, pá, aconselhava-a a falar com ela e dizer-lhe, perguntar-lhe... O que eu fazia, o procedimento que eu fazia. Eu perguntava porquê, se tinha fotos dessa pessoa, se tinha alguma coisa para usar contra essa pessoa. Eu aposto numa vingança. [riso] Eu sou muito... Se eu tenho fotos eu também mando, porque assim a pessoa pensa duas vezes antes de fazer.

D – Exactamente. ‘Tá bem. Olha, no geral era isto. Queria saber só se gostaste de participar...

R – Ah. Gostei, gostei. É isso. Ah, respondi a tudo, afinal!

D – Ah... Já temos uma hora de conversa.

R – Uma hora de conversa a falar de mim. Que egocentrismo!

D – [riso] Não, não. Acho óptimo. E... o que é que te motivou a participar e a querer ser entrevistada?

R – Porque eu gosto... Eh pá, não sei, lá está, eu contei-te que foi na altura dos 15, 16... Ah... Oh pá, e sempre que via lá um pedido de colaboração... Pá, e se encaixar no perfil entre 16 e 19, vivo em Portugal, não sei quê. Okay, olha, se posso ajudar... Se ele quer... Se ele depois quiser entrevistar tam’ém acho que estou disponível... Mandeí. Eh pá, se as pessoas pedem ajuda e se eu posso ajudar, eu gosto de ajudar, não é?...

D – Hmm hmm... Achas que este tema precisa de ser mais falado, mais discutido entre os jovens?

R – Ah... É assim... precisa... do género... Pá, a cena do, se tu falares, se tiveres uma sessão de esclarecimento, sobre os perigos da internet, é completamente escusado, percebes? Pá, porque o pessoal ‘tá cheio de saco disso, percebes? Isso é completamente falado, na escola, ‘tás sempre a falar nisso na escola, nos perigos da internet. Agora, eu acho é que... eu acho é que até se devia promover a internet. Ou seja... Porque há muitos jovens que precisam... Que se calhar como eu, precisaram de internet, oh pá,

não estou a dizer que todos precisam para ver os vídeos porno, como é óbvio, mas precisam de mais informação, para se conhecerem, porque são mais envergonhados, ou para tirar mesmo dúvidas sobre alguma coisa, pá, que recorram à internet. Pá, com meia dúzia de sites, percebes, dão... Olha, pá, estes, estes são os que são fixos para quem quiser saber sobre isto, estes aqui são fixos para quem quiser saber daquilo, percebes? Pá, agora cenas sobre os perigos da internet, que há muitos pedófilos na internet, para não lhes dar o número de telefone... Eh pá, isso... Ah, 'tá bem, 'tá bem. Pá, a pessoa sabe disso, n'ê? Mas...

D – E aquelas medidas de protecção, por exemplo, não é suposto veres pornografia antes de teres 18 anos.

R – Ah, isso é... ..Eh pá, isso é uma boa pergunta. Isso é uma boa... Pois, porque eu comecei a ver antes. [riso] E isso, acho que sou uma pessoa saudável. Mentalmente não. [risos de ambos] Mas fisicamente sou. Ah... Eh pá, mas isso é uma boa pergunta. Eu não sei. Não sei porque isso pode levar... certos tipos de jovens podem ir por direcções... por, por maus caminhos. Percebes? E outros podem ir... pá, por bons. Que é o meu caso, já agora... [riso]

D – Ah. E como é que se equilibra uma coisa com a outra? Como é que se protegem os que podem estar em perigo...

R – Eh pá, não sei... Não sei...

D – ...e dando liberdade aos outros?

R – Eu não sei. Porque isso também é muito vago. Quando, quando, quando entramos no site e perguntam se tens mais de 18 anos, eh pá. Eu não tenho 18 anos, mas meto lá que tenho mais de 18 para ver os vídeos. Percebes? Portanto também não há um grau de protecção, eles metem aquilo porque é lei. Percebes? Não é por o... pelo site estar preocupado com as crianças de 16 anos. Pá, agora como tu... fazes essa... essa separação, eh pá não sei. Mas é uma boa pergunta, porque eu não sei se os jovens antes dos 18 deviam, não deviam ver. Eu acho que antes dos 14 não deviam ver, isso não.

D – Porquê antes dos 14?

R – Ou dos 15, 'pera... Dos 15. Até aos 15 não deviam ver.

D – Porquê?

R – Pá, porque aos 15 acho que é uma idade, ou... ou é... ou um estado em que ainda ‘tás... Pá, que muitas coisas em ti ainda ‘tão adormecidas, percebes... A partir dos... Aos 16 acho que tu acordas. Percebes?, aos 16 tu já sabes... já sabes coisas que aos 15 não sabias. Eh pá, porque eu estou a dizer isto muito no meu caso, ‘tás a perceber?...

D – Hmm. Mas ‘tavas a dizer que aos 14 já tinhas visto...

R – Sim, eu já tinha visto...

D – ... e que isso tinha sido importante para ti.

R – Mas é dos poucos casos... Eu acredito que aos 14 anos não haja aí raparigas a verem pornografia de... pornografia. Percebes? Acho que... Eh pá, devo ter sido uma em mi... em dez mil. Percebes? Ah...

D – Ah... E se existisse algum sistema que permitisse mesmo impedir que pessoas com menos de 14 anos de verem pornografia...

R – Ah, sim...

D – ...achas que devia ser implementado?

R – Eh pá, até aos 16 sim, aos 16 podiam ver. É tipo os Morangos... [riso] Eh pá, mas não. Eh pá, mas essa, essa questão é muito controversa. Porque tens sempre... benefícios e contra-benefícios. Percebes? Aos 16... Se lançares essa lei, ou se lançares uma, um debate sobre isso, vai sempre haver gente que vai dizer “ai pá, não, são muito jovens”, ou “são muito novos, ainda há muita coisa que têm de aprender”, ou “ah, sim, faz bem, porque começam a saber como é”, a saber como é que é, não, mas começam a perceber o que é que é, porque é que é tão estigmatizada... Percebes?...

D – Hmm hmm. Achas que se... que hoje em dia se vê mais pornografia, menos pornografia, achas que é mais fácil aceder a pornografia hoje em dia?...

R – Ah, sim. Hoje em dia sim, hoje em dia vê-se mais.

D – Por causa da internet?

R – Sim. E da televisão tam'ém, tens muita, tens muita pornografia na televisão, também.

D – 'Tás a falar de filmes pornográficos, ou mesmo de, de filmes ditos normais que...

R – Filmes normais, têm bastante pornografia, cenas de sexo. Filmes portugueses, qual é o filme português quase que não tem uma cena de sexo, hoje em dia? ...O Aniki Bóbo não tem! [riso]

D – E achas que, que é a mesma coisa, ver um filme desses e... sei lá, agora de repente lembrei-me d'"O Crime do Padre Amaro".

R – Ah, sim.

D – Achas que é a mesma coisa ver "O Crime do Padre Amaro" ou ir à internet ver um filme pornográfico?

R – Eh pá, não é a mesma coisa... Eh pá, não é a mesma coisa. Porque a Soraia Chaves é muita [sic] gira!... E as actrizes porno são muita [sic] feias. [risos] Céus... Eh pá, mas não é a mesma coisa. Mas tu, mas se tu perguntares isto a, a uma criança, ou a um jovem, de 14, 15 anos, ele vai-te responder... Ou seja, ele não te vai saber responder. Ou porque não viu pornografia ou ainda não sabe bem, mais ou menos, porque é que é diferente. Se tu contra-argumentares, a dizer, "mas tens sexo nos dois, porque é que um não é vídeo porno e o outro é?" Ele vai... Contra-argumentas com isso, ele não te vai saber responder. Agora com 19 anos? Ou a partir dos 16 se calhar já te se... já te consigo responder assim: eh pá, porque num vídeo porno, o objectivo do vídeo porno é mostrar às pessoas... eh... às pessoas que gostam de ver vídeos porno, pá, para excitação da própria pessoa, para prazer, para prazer da própria pessoa. Ou seja, tens ali um... Aquele filme só serve para sexo. Percebes?, só tem sexo. "O Crime do Padre Amaro" tens uma história, tens a... Pá, também tens a história do canalizador nos vídeos porno... [risos] Mas tens ali um... Eh pá, é uma cena se calhar de 5, 10 segundos, percebes? É que o importante não é aquilo, aquilo são, são... São um acréscimo. Ao filme, percebes? Não é uma coisa importante. Percebes mais ou menos aonde eu quero chegar?...

D – Sim, sim, sim. 'Tou a perceber, eu 'tou a perceber perfeitamente.

R – Okay.

D – Okay, pronto, basicamente é isso.

R – Tá?

D – Não sei se queres dizer mais alguma coisa...

R – Eh pá, não. Gostei muito. Pá, não, foi fixe, já foi. Eh pá, mas... pronto, já não estava assim tão nervosa.

D – Ainda bem! Pronto.

ANEXO 45

Entrevista 006 – 11/06/14

Respondente: Maria, 20 anos, género feminino; estudante que vive na margem Sul

Local: Almada Fórum

Daniel – A primeira coisa que eu te ia perguntar era se te lembras de onde é que encontraste o questionário, o ano passado.

Maria – Eu não sei se me foi mandado o link...

D – Sim...

M – Ou se... ou se encontrei por acaso. Mas penso que terá sido... devem-me ter enviado o link.

D – E lembras-te de quem é que to terá mandado?

M – Ah, possivelmente... ou... ou o meu melhor amigo, ou a minha namorada.

D – Okay... Ah... Lembras-te ainda de alguma coisa, do que quer que seja, do questionário, ou já nem por isso?

M – Pouca coisa!... [riso]

D – Pouca coisa, ‘tá bom! É assim, tendo em conta que o questionário tem muito que ver com questões ligadas à internet e às novas tecnologias, a maior parte das perguntas vão ser justamente, ah... ligadas ao uso que tu fazes de computador, da internet, e não sei quê... portanto, como deves imaginar, a primeira pergunta que eu te vou fazer é se costumavas aceder à internet.

M – Claro! [riso]

D – Ah... E tens computador em casa?

M – Sim.

D – Tens ligação em casa, também?

M – Sim, sim, sim...

D – Tu, em casa, costumavas utilizar portátil, computador fixo?...

M – Ah... portátil e... no telemóvel...

D – No telemóvel... Tu, no telemóvel, costumavas aceder à internet por wireless, ou também tens pacote de dados?

M – Ah, por wireless.

D – Por wireless, só?

M – Sim.

D – Okay. E para além de acederes em casa no telemóvel, em que mais sítios é que costumavas aceder? ... Centros comerciais?...

M – Não, não... Não gosto. Em centros comerciais não gosto.

D – Okay. Porquê?

M – Ah... Não sei, tenho assim uma paranóia de que me fiquem com... com a informação. Por exemplo, o Fórum tem ali uma... uma zona que ‘tá aberto... para usar, e eu não gosto muito de usar, porque aquilo encrava muito, e tenho medo que fiquem com a informação...

D – Okay... O que é que tu gostas mais de fazer na internet?

M – Ah, YouTube... ah... Facebook... ah...

D – Para além do Facebook, ‘tás em mais alguma rede social?

M – Acho que não, acho que é só mesmo o Facebook.

D – Okay. E o que é que te chateia mais na internet?

M – Ah... Ora... Não gosto das pessoas que não sabem usar a internet, por exemplo... Ah... Mas não... acho que não há assim nada que me chateie...

D – Não saber usar em que sentido?

M – Ah... Estou no sentido em que, por exemplo... ah, neste caso, o Facebook é muito usado para... para serem divulgadas coisas muito parvas... Ao invés de usarem, ah... para discutirem assuntos sérios, ou terem uma conversa séria, ah... não é usado p'ra isso, pronto...

D – Okay... A primeira parte da... daquilo que eu te vou perguntar tem que ver muito com utilizar a internet para procurar informação; informação médica ou informação científica, que tenha que ver com saúde sexual, com sexualidades, com as mudanças pelas quais o corpo passa durante a adolescência...

M – ...sim, sim...

D – ... e etc. E eu queria-te perguntar, primeiro que tudo, se tu conheces alguma pessoa, ou algumas pessoas, que, ah... usem a internet para fazer isso.

M – Sim...

D – E como é que tu sabes que elas o fazem?

M – Ah, porque vêm falar comigo, e eu até... aconselho a irem à internet. Obviamente que é sempre melhor ir ao médico, mas... quando uma pessoa não quer, é mais fácil ir à internet pesquisar.

D – Claro. E, as... tu por acaso costumavas ser uma daquelas pessoas com quem outros amigos ou colegas vão ter quando precisam de informação?

M – Ah... sim.

D – Porque é que achas que as pessoas vêm ter contigo?

M – Ah... não faço ideia. Porque... às vezes eu não sei, também, responder, e por isso... ah... aconselho mesmo a ir à internet. Mas há muita coisa que eu também não sei... não sei assim explicar. Mas gosto de saber que eles vêm ter comigo perguntar! [riso]

D – Claro! Ah, há bocado estavas a dizer que era melhor ir a um médico, mas quando, quando isso não é possível, a internet é sempre um bom recurso. Porque é que achas que, às vezes, não é fácil arranjar informação sobre este tipo de assuntos?

M – Eu acho que a internet ‘tá... ‘tá sobrecarregada de... de muitas informações. E imensas informações não são muito certas. Ah... por exemplo... houve uma situação em que eu não sabia o que é que se passava, que andava um bocadinho mal, e então fui ver os sintomas... e... e depois uma pessoa começa logo a pensar, “Oh meu Deus, eu tenho isto; oh meu Deus, o que eu tenho é isto”, e... e na volta vai-se a ver e é só uma... uma má-disposição.

D – Hmm hmm... E achas que é fácil ou difícil, distinguir a má informação da boa informação?

M – Ah... é difícil!

D – Como é que tu consegues fazer isso?

M – Eu não consigo... [risos] Tanto que... eu estive aí... mal... e fui pesquisar à internet, e então já pensava que tinha assim uma doença muito má, mas entretanto fiquei, fiquei melhor, por isso... não era nada do que eu estava a pensar.

D – Mas achas que nunca consegues, ou de vez em quando enganas-te?

M – De vez em quando...! De vez em quando... Há... há coisas que eu acho que são... aparecem... falsas... mas... uma pessoa também nunca sabe se é ou não.

D – E quando tu precisas de ir pesquisar, por exemplo, dessa vez que estavas a contar, que estratégia é que tu usas? Vais ao Google e procuras, ou...?

M – Vou ao Google, e meto logo um sintoma, e... e aquilo vai dar imensas páginas, eu vou logo à primeira porque confio mais na primeira... mas... nunca... nunca é certo.

D – E há algum site em especial a que tu vás, porque sabes que a informação de lá é boa?

M – Hmm, não.

D – Okay. Ah, e para além de questões que não têm que ver com... necessariamente com saúde, digamos assim, já foste à procura de coisas que têm que ver com sexualidade em geral?

M – Sim, já.

D – Que temas é que tu te lembras de pesquisar, por exemplo?

M – Ah... Ah... pronto, quando era mais pequena, ia pesquisar... informações, que uma pessoa tem vergonha de... de perguntar aos pais, ou então de falar abertamente com o médico, ah... porque temos sempre medo que a médica vá falar com os pais, ah... então... ah... em termos de... não sei agora dizer, mas de... de... de haver certos... temas que... preferia fazer sozinha, e pesquisar sozinha, sem ninguém saber.

D – Como é que é a tua relação com os teus pais, ou com as pessoas com quem tu vives, ah, a nível de falar sobre sexualidade, e sobre educação sexual?

M – Ah... É normal, penso eu. Ah... por acaso a minha mãe, nesse aspecto, temos uma relação muito aberta, ah... falamos muito sobre isso, ah... às vezes brincamos, também, mas, no geral, é boa... posso estar à vontade para falar com ela sobre, sobre essas coisas.

D – E com os teus colegas, é a mesma coisa?

M – [riso] Com os meus colegas é... muito à vontade, até demais!

D – Dizes “até demais”, em que sentido?

M – [riso] Ah... Pronto, ah... Somos todos muito... específicos... ah... a contar as coisas, e... “isto aconteceu-me” e “será que isto já alguma vez te aconteceu?”, e contar as experiências... ah, nisso somos muito... específicos.

D – Hmm hmm. E isso às vezes deixa-te... desconfortável, ou incomodada? Como estavas a dizer “até demais”...

M – Não!, acho, acho engraçado, faz-me rir bastante, há algumas histórias que fazem-me rir bastante. Ah, mas... não me incomoda assim muito.

D – E achas que os teus colegas conseguem falar bem com os pais deles, ou...? Já te contaram alguma história assim mais desagradável?

M – Ah... A maior parte, sim... mas depois há aquela pequena parte que... não confia muito nos pais porque... os pais... ou não gostam de falar, ou sentem-se envergonhados... e eles também não se sentem à vontade para falar com os pais sobre o assunto.

D – Claro... Porque é que achas que acontece esse tipo de situações, em que os filhos não se sentem à vontade para falar com os pais?

M – Não sei, eu acho que depende do tipo de pais, ah... Por exemplo... conheço amigos meus que têm pais muito rígidos, ah... e isso corta ali muito a relação, ah... pai e filho, e de ter aquele à-vontade para... para falar sobre todo o tipo de assuntos.

D – E tu achas que nesses casos a internet é importante para ir à procura de informação?

M – Acho que sim, porque... só os amigos, não chega. E como eles não têm aquela parte adulta, pronto, porque os adultos já têm aquela experiência... ah... têm mais experiência do que nós... e eles não podem, ah... procurar essa... essa ajuda... Ah, então eu acho que aí, a internet é... é bastante... não encontro a palavra... ah... ajuda bastante.

D – Achas que faz mais falta a internet para pesquisar sobre esse tipo de informação, a quem não tem esse tipo de apoio, então, em casa?

M – Sim.

D – E na escola? Quer dizer, às vezes, há escolas que fazem eventos ou aulas sobre Educação Sexual, ou assim...

M – Sim, sim...

D – Isso aconteceu na tua escola?

M – Ah, se aconteceu não me lembro, e... se aconteceu, foi uma vez, talvez... não me lembro assim de nada...

D – E os professores falarem durante as aulas, nunca acontece? Às vezes em Ciências, por exemplo...

M – Ah... sim, talvez... ah... mais no Básico, mais no último ano do Básico... Sim... talvez... a minha professora de Ciências.

D – Mas não é uma coisa que tenha... que te tenha ficado na memória, digamos assim...

M – Não!... Porque não foi... uma coisa específica. Eu lembro-me que há uns anos estavam a tentar... implementar uma... uma disciplina que era a Educação Sexual, mas... penso que isso também não foi p'ra frente. Pelo menos, não ouvi mais nada sobre isso... ah... e não ficou muito na cabeça porque não foi um tema muito explorado... foi falado por alto e... chegou.

D – E achas que chegou de facto? Ou seja, sentiste falta de alguma coisa ou nem por isso?

M – Senti!, porque... não tenho aquela experiência, na altura não tinha aquela experiência, não... não sabia como é que funcionava muito bem... o que os professores estavam a dizer propriamente, porque também... com 14 anos, uma rapariga quer... quer brincar, quer... nem sequer quer saber sobre... sexo e... e as... ah, e o que vem com isso.

D – E estavas a dizer que uma rapariga de 14 anos, à partida, quer é brincar. E os rapazes, a mesma coisa?

M – Os rapazes... os rapazes nessa altura são um bocadinho parvos. Ah, porque... 'tou-me a lembrar que os meus colegas eram assim um bocadinho parvos...

D – ...sim...

M – Ah... Mas se... a maior parte... era 50/50, queriam brincar mas era a altura em que eles se faziam mais... às raparigas. Ah... faziam-se às raparigas, e faziam certas brincadeiras que... nós as raparigas não... não gostávamos, ou sentíamos-nos incomodadas... por isso... Ah... por isso, acho que era mesmo 50/50.

D – Porque é que achas que há essa diferença de comportamentos?

M – Porque eu acho que [riso]... as mulheres crescem um bocadinho mais rápido... sem dúvida... Ah... não é que sejamos muito mais, ah... maduras do que os rapazes... mas, ah... temos outra mente. Completamente o oposto dos rapazes.

D – Okay... Imagina que te pediam para, na tua escola secundária, por exemplo, ou na antiga escola secundária, organizar uma sessão de esclarecimento sobre saúde sexual, sexualidades... todo... todo esse tipo de coisas... Como é que tu fazias?

M – Se fosse para eu...

D – Para tu organizares.

M – Ah... Sem dúvida que ia falar... que falaria com uma médica. Do planeamento... ah... para ir lá à escola esclarecer todo o tipo de dúvidas. Ah... E só me lembro mesmo da médica. Acho que era muito importante que houvesse um médico experiente, que tivesse à vontade a falar com as pessoas e tirar as dúvidas às pessoas.

D – E incluirias também, por exemplo, alguma informação sobre a internet? Sobre o uso da internet?

M – Sim, também... O mau uso, talvez... da, da internet.

D – O mau uso, em que sentido? Estás a pensar em quê?

M – Ah... Das pessoas... às vezes quando fazem certas pesquisas em relação à... à parte da saúde... e da sexualidade e isso... ah... acho que os mais novos fazem-na... fazem uma má pesquisa, não sabem propriamente pesquisar. Ah... por isso era alertar mais para isso, para saber também como pesquisar, na internet.

D – Achas que essas más pesquisas podem ser perigosas?

M – Sim, podem... podem levar a erro, ah... certos... assuntos... que pode mesmo... que podem ser graves... ou não... mas... pode levar a erro.

D – Estavas a falar dos mais novos... A partir de que idade é que achas que as pessoas começam a conseguir já fazer essas buscas como deve de ser?

M – Ah... Talvez a partir dos 16, 17... Já está no seu auge... Acho que é mais por aí...

D – Okay... A segunda parte, digamos assim, tem que ver com a questão de utilizar a internet justamente para aquilo que estavas a dizer, ou seja, para discussões, para debates, para activismo, etc. E aquilo que eu te queria perguntar primeiro, era se fazes parte de algum fórum, de algum grupo, ou de alguma rede social ou assim, que esteja ligada a questões de debate ou de activismo sobre, sobre questões de discriminação sexual, ou discriminação de género, LGBT, etc.

M – Ah, inscrita... Eu não tenho a certeza... Porque é tanta coisa... Eu não tenho a certeza se estou inscrita, eu tenho a sensação que estou inscrita num, não sei é dizer qual é.

D – Okay... E qual é que é o tema desse?

M – É, é... é em relação aos LGBTs.

D – Será por acaso o fórum da Rede Ex Aequo?

M – Já me tentei inscrever mas... não consigo... não me aceitam! [risos]

D – Então porquê?

M – Não sei! Já tentei duas vezes, ah... e ainda não consegui inscrever-me... não sei o que é que se passa. Ah... a ver se tento outra vez!

D – E no teu dia-a-dia, por assim dizer, das redes sociais, costumas falar dessas coisas, ou costumas postar coisas sobre isso, no Facebook, por exemplo?

M – Já fui mais activista. Ah... Agora limito-me, ah... a ficar... enraivecida, ah... e a desabafar com as pessoas à minha volta, do que ir para o Facebook, ah... falar... Eu também não sou muito activa no Facebook! Simplesmente, ‘tou online, não faço mais nada. Ah... Mas... Tenho ideia que já... no início, era mais activista. Acho que... agora já não sou.

D – O que é que te levou, inicialmente, a juntares-te a esse grupo, e a seres mais activista, como tu dizes?

M – Ah, eu odeio discriminação.

D – Desculpa, não percebi?

M – Eu odeio discriminação. Seja, qualquer tipo. Ah... acho que somos todos iguais, ah... somos todos pessoas, sentimos tudo... tudo... todos sentimos o mesmo. E o que me leva, principalmente aos LGBTs já é uma... já é uma parte pessoal, ah... e também fui educada, ah... a sempre defender as pessoas e nunca discriminar, ah... exactamente porque somos todos iguais. Ah... e é esse valor que eu tenho... que me faz... ser um bocado activista, e... e... e tentar fazer o mundo melhor... é muito difícil! [suspiro]

D – Foi... lembras-te mais ou menos quando é que começaste a procurar informação sobre isso, ou a juntares-te a esses grupos, que idade é que tinhas?

M – Ah... Com 15...

D – Quinze anos...

M – Quinze anos.

D – E... portanto, aquilo que te motivou foram as questões pessoais. Sentes que o juntares-te a esses, a esses grupos, ou o começares a ler coisas sobre isso, te ajudou pessoalmente?

M – Sim... sim, porque... havia muita informação que eu não ‘tava... que eu não estava a par, confesso... ah... também... ah... uma pessoa, por exemplo, ah... uma pessoa que se descobre... ah... n... não sabe, não está... descobre-se apenas!, não... não vem com a informação toda... e então... ajudou-me bastante a ir pesquisar e ir aos grupos e... até mesmo falar com pessoas, ah... que... que tinham a mesma orientação sexual, por isso... ajudou bastante.

D – O que é que tu sentes que aprendeste, em, em específico, com essas experiências?

M – Ah... Em específico...

D – Ou o que é que foi mais importante, o que é que te lembras melhor, que tenha marcado a diferença, para ti?

M – Não, eu vou ser sincera!, não... não houve assim nada que me marcasse, que fizesse a diferença. Eu... eu já era muito... estranha... já era muito diferente das outras pessoas, ah... o que talvez me... tenha feito é dar mais... vontade de perguntar e de marcar a diferença, porque não queremos passar a vida a esconder-nos, e a não ser ninguém.

D – Claro... E achas que, ao estares nesses grupos, e inicialmente ao teres feito mais activismo, como estavas a dizer, achas que conseguiste ajudar alguém?

M – Ah... Sim... penso que sim. Penso que sim.

D – De que maneira?

M – Ah... Há... Conheço pessoas, ah... que... que ainda têm vergonha, ah... de serem *gays*... ou lésbicas, ah... e eu acho que não há vergonha nenhuma em ser, e então... a primeira coisa que eu faço é... a primeira coisa que eu faço é ter uma conversa séria e longa... com a pessoa, porque... acho um desperdício, ah... aquela pessoa passar uma

vida inteira a esconder-se e com vergonha, ah, e a contar todos os passos que dá, porque tem medo que alguém descubra que... o que não é suposto...

D – E essas conversas preferes tê-las face-a-face, como nós estamos a ter aqui, ou mais pela ‘net?

M – Eu, eu prefiro pessoalmente, mas se eu sei que não... que eu não tenho mesmo oportunidade para ‘tar com a pessoa, ah... faço pela internet, mas sem dúvida que gosto pessoalmente, porque gosto de fazer aquela cara séria e... e se precisar de dar uma chapada [riso]... dou uma chapada! [risos]

D – E já pensaste em participar por exemplo em, em grupos que se encontrem, fisicamente, por exemplo, sobre temas LGBT?

M – Ah, sim... Porque... ah... isto não é bem um grupo, mas já pensei... é o meu melhor amigo, ah... começou a fazer voluntariado na ILGA... e eu queria-me juntar a ele, mas na altura ainda não tinha possibilidades económicas para fazer tanta viagem a Lisboa, ah, e então acabei por não ir, mas... ah... foi uma coisa que me ficou aqui, p’ra trás, que gostava de... de experimentar um dia.

D – E que tipo de actividades é que gostavas de, de exercer, digamos assim, nessa acção de voluntariado?

M – Eu gostava muito de pertencer à parte política, de... ah... de... de dar uma abada, como se diz... ah, aos nossos políticos... ah... mas também gosto... também gostaria de pertencer à parte dos eventos... ah... porque eu sou muito dada a eventos... ah... mas essas duas vertentes seriam aquelas que mais me... me chamam.

D – Hmm hmm. E já alguma vez tentaste convencer, entre aspas, alguém a juntar-se a um desses grupos?

M – Sim...

D – Correu bem?

M – Ah, não! [risos]

D – Então, o que é que aconteceu?

M – Ah... Eu tenho... os meus amigos são 50/50... Uns são como eu, ah... que... que não se importam com aquilo que os outros pensam, e... e o que fazem, e s... e são... são muito doidos. Ah... e depois tenho a outra parte do grupo que são mais contidos, são mais reservados, e então não gostam de... pronto, dessas coisas, vamos assim dizer. Ah... e já... ah... eu ‘tou-me a lembrar, ah... de dois amigos meus... ah... que... já tentei e... e ‘tou sempre a... insistir com eles e isso tudo... até mesmo p’ra ir... por exemplo, à Marcha¹... ah... ou ao Pride²... foi complicado ali, ‘tar a convencer, ah... e me’mo assim, parecia que vinham assim um bocadinho contrariados, ah... mas, não tive muito sucesso em fazer com que eles se levantassem, e lutassem, tam’ém, com... pelos seus direitos.

D – Tu costumavas ir à Marcha?

M – Ah, vou só este ano...

D – Vai ser a primeira vez?

M – Vai ser a primeira vez.

D – Okay. Ah... o terceiro ponto, que talvez seja um pouco mais sensível, tem que ver justamente com usar a internet para consumo de material erótico, ou pornográfico, ou assim. E aqui, este “material”, é uma palavra um bocado abstracta porque pode ser muita coisa: podem ser fotografias, podem ser vídeos, mas também podem ser textos. Por exemplo, existem sites de *fanfictions*³...

M – ...sim...

D – ...com material erótico, etc. Portanto, eu estou a falar disto tudo ao mesmo tempo...

M – ...sim, sim sim...

D – ...e não de alguma coisa em especial. Ah, tu conheces pessoas que, que já te tenham dito que olham, ou consomem, digamos assim, este tipo de material?

M – Sim.

¹ Marcha do Orgulho LGBT; um dos principais eventos activistas ao nível da luta por direitos LGBT.

² Festa/evento cultural de temática LGBT organizada, em Lisboa, pela ILGA.

³ Narrativas ficcionais criadas com recurso às personagens e mundo de uma obra pré-existente.

D – E em que contexto é que isso surge numa conversa?

M – Ah... do nada, mesmo! ‘Tou muito bem, às vezes, a falar, e... e de repente, ah... tenho uma amiga minha, ah... a dizer-me... “Ah, tens que ler este texto!”, lá está, as *fanfiction*, ah... “que é mesmo bom!”, ah... “Tens que ler isto!”, e não sei quê, e eu, eu vou ler e... e adoro! [risos] Confesso que sou fã!

D – Hmm hmm. E o que é que te atrai tanto nesses textos?

M – Ah, talvez seja a maneira como é escrito... tem que ter uma boa escrita. Ah... e talvez, ah... específico, mas não tão... específico. Ah... Há certas, ah... cenas que eu... ah... podem não ser tão específicas, ah... mas gosto a especificar, por exemplo... maneira como estão, ah... o olhar... o toque... esse tipo de... de coisas.

D – E o que é que há de, às vezes... dá-me ideia, pela tua resposta, que às vezes há coisas específicas demais...

M – [riso] Ah... sim, ah... Eu, eu não fico... incomodada, ah... rio-me um bocadinho... ah... mas... gosto de ler aquilo. Mas há umas que são mesmo... muito agressivas, ah... aqui já virado um bocadinho para o porno... ah... que é uma coisa que eu não sou muito fã, ah... não me atrai muito, ah... e é... são as partes das séries mais viradas para esse tema é que... não gosto muito...

D – Hmm hmm. E alguma vez alguém se chegou ao pé de ti, e teve um bocado a... a atitude contrária, ou seja, tu falaste de... amigas tuas ou amigos teus que chegam e dizem “Eh pá, tens mesmo que ler isto”; já chegou alguém ao pé de ti e disse “Eh pá, li este texto e odiei” ou “deixou-me incomodado” ou “não gostei mesmo nada”?

M – Não... acho que isso nunca me aconteceu. Porque... eu sinceramente, eu só partilhava esta informação com... com uma amiga minha. E nós temos gostos muito... nós somos muito iguais, e então o que ela gostava, eu também gostava... E vice-versa... Ah... obviamente que havia um texto mais favorito, ah... p’ra ela... e não era o meu, mas éramos muito parecidas, nunca houve assim, esse tipo...

D – E nunca partilhaste isso dentro de um grupo de amigos, era só com ela?

M – Era só com ela!, porque os outros não... quer-se dizer, os outros podiam dar, só que eu nunca cheguei mesmo a falar sobre isso... porque os outros gostavam de

fanfictions completamente diferentes, da... das que eu gostava, e do que a minha amiga gostava... e então... eu não lia, dos outros...

D – ...Dos outros... E alguma vez houve assim alguma... às vezes há aquelas conversas de escola, de grupo, de “Ah, eu vi este filme, assim assim”, ou “eu vi esta cena”, e não sei quê... Alguma vez tiveste numa conversa dessas, ou ouviste conversas dessas perto de ti?

M – Sim...

D – Era comum ou era assim uma coisa que acontecia de quando em quando?

M – Era, sim... ah... Lá está... essa minha amiga... [risos] ...nós adorávamos falar sobre... sobre filmes, ah... e há um filme em específico... ah, que por acaso era um filme *gay*, ah... que nós adorávamos, e então ela gozava muito comigo, porque eu ‘tava sempre a ver aquilo... mas eu já sabia a história... perfeitamente, ah... mas eu continuava a ver aquilo e... E ela gozava muito comigo, porque...

D – ...Qual é que era o filme?

M – Era o *Shelter*. Ah... e ela gozava comigo e depois, íamos à procura também de... filmes LGBTs, mas também filmes que, que não eram especificamente LGBT... ah, e nós sempre falámos muito sobre... sobre filmes, e... e sobre algumas cenas, também...

D – Estavas a dizer que a parte mais porno não te, não te interessava muito. Consegues-me dizer porquê?

M – É tudo muito... artificial. É mesmo... o sexo... a cena do... ..aquele... oh pá, é mesmo só em volta do... do sexo, e... não me atrai muito... ah...

D – Porque é que achas que é artificial, ou o que é que tu queres dizer com artificial?

M – Não... isto pode parecer um bocadinho cliché, ah... e feminino mas... não há aquela ligação emocional com a outra pessoa, é... chegar ali, e... fazer sexo, com aquela pessoa...

D – E achas que toda a pornografia que existe é assim, sem essa ligação emocional?

M – Na minha opinião, sim, acho. Ah... já tentei ver... mas... não... não há nada.

D – Lembras-te, lembras-te com que idade, mais ou menos, é que tentaste ver?

M – Ah... talvez com os meus... 13, 14?

D – Treze, quatorze... E... como é que foi? Ainda te lembras da experiência, ou não?

M – Lembro-me... Ah, eu não gostei. [riso] Ah, ‘tava em casa de um amigo meu, ah... lá está, rapaz!...

D – Sim...

M – ...Ah... e ele... pôs a dar aquilo e foi uma coisa que... ao início... pronto, ao início nunca começa... fortemente... ah... não me causou assim grande impressão... só me causou assim mesmo foi... ...quão bruto é... a, as cenas... de sexo... e... aquela... não é, não é despachar, mas é... chegar ali, ah... vamos fazer sexo, e... e agora adeus!

D – E esse rapaz, que estavas a dizer, ele perguntou-te primeiro se querias ver, ou tu sabias que ele ia pôr aquilo?

M – Não... não, nada.

D – Então foi assim de surpresa?

M – Foi. Foi, ah... ‘tava a mudar, ele ‘tava a mudar, mudar de canal, e de repente meteu na, naquilo...

D – E tu ficaste chateada com ele, ou não lhe disseste nada?

M – Não!, não fiquei chateada, só... comecei, ah... “Oh pá, eu não gosto nada disto!”, ah... só a... conversar assim com ele. Que... que aquilo não me atraía nada.

D – E qual foi a reacção dele?

M – Ah, pronto, os... [risos] ah... os rapazes normalmente gostam, a reacção dele foi, porque [a imitar tom impressionado] aquilo é, é muita giro... ah... e que gosta muito de ver e isso tudo, mas... não sou muito ligada a isso.

D – Já, já mais alguma vez te aconteceu uma situação dessas, de alguém, de repente, pôr alguma coisa sem te dizer nada, para tu veres?

M – Hmm, não...

D – Às vezes, na escola, ou assim, acontece... o pessoal junta-se em frente a um computador e “olha, vem cá ver uma coisa!”, e depois aparece pornografia...

M – Ah, ah... Sim... mas isso já aconteceu mesmo, ah... ah... eu ‘tava numa aula de Geografia, e o computador estava ligado, e estava ligado ao retroprojector. Ah... que estava a... projectar...

D – ...projectar...

M – ...p’á parede mesmo. E a minha s’ôra, disseram à minha s’ôra, ou alguém foi lá mesmo escrever o... pôr o *RedTube*⁴...

D – ...sim...

M – ...acho eu... que é assim que se chama...

D – ...sim...

M – Ah... e... meteram mesmo aquilo... ah... em plena aula de Geografia... e eu fiquei mesmo... [estala a língua] e depois os vídeos e... e a s’ôra ali mesmo ao pé de nós...

D – ...sim...

M – ...foi algo que *não* gostei... muito...

D – Lembras-te do que é que sentiste, na altura? Irritada, incomodada?

M – Hmm, não, não... Eu não me irrita muito com isso. Ah... Fiquei... “Okay, eu não quero ver isto”, ah, “vou-me virar para trás e vou falar com alguém”...

D – Portanto, desviaste o olhar e...

M – Sim... E tentei não participar na... no que estava a acontecer.

D – E as outras pessoas? Qual é que foi a reacção do resto da turma?

M – Os meus amigos fizeram exactamente como eu: começaram a falar, e isso tudo, e... ficámos assim um bocadinho... “isto não se faz”, ah, por respeito à sala de aula, e à professora... ah... mas a maior parte das pessoas estava-se a rir imenso, algumas

⁴ Um site semelhante ao YouTube, mas dedicado a pornografia.

raparigas não estavam a gostar, mas a maior parte estavam-se a rir e estava a achar muita piada ao que estava a acontecer.

D – Achas que a reacção variou mais entre rapazes e raparigas ou não houve grande diferença aí?

M – Houve... houve alguma... analisando algumas reacções, houve assim uma diferença.

D – E a professora, o que é que fez?

M – Ah, ela ficou chateadíssima, e... e exigiu, gritou mesmo que... que fechassem, ah... eles ainda insistiram mais um bocadinho, viram mais um bocadinho, e... e depois é que fecharam.

D – E houve alguma punição extra? Chamaram a Directora de Turma, os pais?...

M – Não, nada!

D – Nada... Okay... É assim, esse tipo de situações às vezes acontece, por exemplo, também com... com *pop-ups*, publicidades, etc...

M – Ah, sim!...

D – Já, já passaste por alguma situação dessas?

M – Já! E é... para mim, é um bocadinho... ah, desconfortável... estar com a minha mãe na mesma... na mesma divisão e eu estar no computador e, de repente, salta uma mulher – porque é sempre uma mulher! – ah... a despir-se... ah... a fazer um strip ou assim e... é um bocadinho desconfortável... estar ali com a minha mãe e aquilo aparecer de repente.

D – E o que é que tu fazes quando isso acontece?

M – Ah... Tento fechar aquilo... ah... havia, por exemplo, há um site, agora já tiraram, acho eu, mas não tenho a certeza... há um site, que é o *The Pirate Bay*⁵, que... quando nós vamos lá, aparece sempre ao lado uma... uma não, várias... raparigas à... acho que aquilo é um anúncio a um site de... raparigas portuguesas a despirem-se para a

⁵ Um famoso site de partilha de *torrents*, um tipo de ficheiro que permite o download descentralizado de qualquer outro tipo de ficheiros, desde que pelo menos uma pessoa os disponibilize e associe um *torrent* a esse conteúdo a ser partilhado.

câmara... ah... e era sempre muito... desconfortável... aquilo aparecer e a minha mãe ‘tar ali mesmo ao meu lado.

D – E alguma vez a tua mãe comentou alguma coisa contigo, ou disse alguma coisa?

M – Não, penso que não...

D – E já alguma vez foste à procura de... de maneiras de tentar evitar que isso aconteça?

M – Ah... Hm... Por acaso não, porque pronto... Há certos assuntos no computador que eu não sei mexer, ah... e por acaso nem sequer me lembrei de, de pesquisar... ah, mas a minha namorada sabe mais sobre computadores, então foi ela que me ajudou a tirar aquilo.

D – Okay. E portanto agora já não te aparece?

M – Agora já não! [riso]

D – ‘Tás mais descansada assim?

M – ‘Tou um bocadinho mais descansada! [riso]

D – Assim já não há aqueles momentos...!

M – Ah... Desconfortáveis, e torna-se ali assim um bocadinho... para mim torna-se ali um bocadinho desconfortável... p’ra minha mãe não sei.

D – Mas também nunca lhe perguntaste o que é que ela... o que é que ela acha sobre isso, ou o que é que ela sente sobre isso.

M – Não, porque... ela também vai ao site, então eu acho que também devia aparecer. E a minha mãe tem muito... aparece muita publicidade no computador, então já lhe... já apareceu várias vezes. E ela... não...

D – Porque é que tu achas que as pessoas vêem esse tipo de pornografia, como tu dizes, mais... mais bruta, mais directa?

M – Ah... porque provavelmente dá prazer à pessoa, ah... ver... o sexo... ah... ah... assim mais... bruto... mais... não sei se a palavra certa... certa é, é cru... mas... assim

mais... tipo, selvagem. Ah... acredito que dê um... um certo prazer, obviamente, ah... e acho que é mais pelo prazer, e o... a satisfação, que as pessoas vêem... a pornografia.

D – ‘Tavas a dizer que aquilo é muito artificial. Achas que o facto de as pessoas verem uma coisa tão artificial pode... alterar ou mudar as ideias que as pessoas têm sobre sexo?

M – Sim, sem dúvida. Eu... acho que pode mudar, e bastante.

D – Em que sentido? De que maneira?

M – Ah... Ah... por exemplo, supostamente, é bem mais [incompreensível]... do sexo, ah... tem que haver aquela ligação emocional... ah... ah, não é conhecer a pessoa, mas sentir aquela ligação especial com a pessoa, para que o sexo seja satisfatório para ambas as partes. Ah, e com... o... o excesso do uso da pornografia, acho que pode me'mo alterar isso porque... as pessoas acabam por... fazer... sexo... ponto. Não há mais nada.

D – E achas que isso é um problema? Fazer só sexo, pelo sexo, é problemático?

M – Não acho! Ah... por exemplo, as pessoas podem fazer o que quiserem, obviamente, ah... o sexo pelo sexo... não... não me incomoda... não me incomoda... ah... Só gosto é... de... acho que faz falta aquela ligação emocional. Mas, ah, as pessoas, ah... se só quiserem fazer, se só quiserem, por exemplo, apenas uma noite... ah... não tenho problema nenhum, ah... eu é que, pronto...

D – Claro... E achas que se pode, mesmo com esses vídeos, mais... mais crus... achas que se pode aprender alguma coisa sobre sexo?

M – Ah... Não faço a mínima ideia... responder a essa pergunta, não sei... como é que hei-de responder... Ah... porque... eu penso que nem preservativos eles usam...! Ah... pelo menos é a ideia sempre, do que vi, disso tudo, é a ideia que me dão... ah... por isso... não sei... não sei mesmo...

D – E tu, ao, ao leres, por exemplo, as *fanfics* que lês, sentes que já aprendeste alguma coisa?

M – Hmm... não! [riso]

D – Não...

M – Não.

D – Mas achas que foi ou não importante para ti, para o teu desenvolvimento enquanto pessoa sexual, leres essas *fanfics*?

M – Ah... sim... Ah... um pouco... acho que me ajudou... em certos assuntos.

D – Como por exemplo?...

M – Na parte da... da sedução. Ah... não propriamente na parte sexual, mas mais na da... de, de seduzir, daquela... daquela luxúria toda... ah, que se tem primeiro. Foi só mesmo em relação a essa parte da sedução, que me ajudou mais.

D – E costumavas procurar material não-heterossexual, digamos assim, principalmente ou... ou é indiferente, para ti?

M – Ah... sem dúvida... ah... homossexual. Ah... mas... isto pode parecer um bocadinho estranho, mais *gays* do que lésbicas, ah...

D – Porque é que achas que vais à procura mais de, de material sobre *gays*, do que sobre lésbicas?

M – Ah... Eu acho que acerca... não sei... ah... de lésbicas, parece tudo muito... não parece real, por assim dizer... há bons filmes, há boas séries... ah... mas... de... em... prefiro os *gays* porque acho que é mais verdadeiro, e adoro... ah... e gosto bastante da ligação que eles têm... e às vezes, as séries e filmes com, com mulheres, não transmitem tanto essa ligação, ah... eu sei que é representação, mas... ah... prefiro, sem dúvida, os *gays*.

D – E nas *fanfics* que costumavas ler, com material mais erótico, encontras a mesma coisa, ou é diferente?

M – A mesma coisa...

D – A mesma coisa... Também vais à procura mais de *fanfics* que retratem relações *gays*?

M – Sim, sim, sim...

D – Quando... já alguma vez pensaste em tu escreveres uma? Ou escreves, por acaso?

M – Já pensei escrever... Já... mas isso já foi há muito tempo... cheguei a... a começar a escrever uma... mas não acabei, e nunca mais... quis fazer nada disso.

D – Nunca mais tiveste vontade de pegar nisso?

M – Não, porque eu não sou uma boa escritora. [risos] Eu não... não sou muito boa nisso.

D – Consideras que é importante haver... sei lá, pegando nas *fanfics* e falando dessas *fanfics*, consideras que é importante elas existirem, também por uma questão de diversidade sexual?

M – Sim... sim, sem dúvida.

D – Tu há bocado estavas a falar de, por exemplo, os *pop-ups* de publicidade que aparecem no *The Pirate Bay*, serem sempre só mulheres...

M – Sim... hmm...

D – Mas não é propriamente porque o site está virado para mulheres lésbicas... não é?

M – Ah, sim, sim... ah... aquilo supostamente é para... aquele site é p'r'ós homens... irem lá babar-se... e gastarem dinheiro, com elas... Ah...

D – Achas que é mais difícil encontrar material que agrade a um público não-heterossexual?

M – [estala a língua] Podes repetir a pergunta, desculpa?

D – Estava a perguntar se achas mais fácil ou mais difícil, ah... encontrares material que interesse ou que seja vocacionado para pessoas não-heterossexuais... Ou seja, sei lá... por exemplo, se material erótico *gay* é mais difícil de encontrar do que material erótico heterossexual.

M – Ah... Hm... Ah... Acho que, agora... neste momento, estamos todos igualados. [estala a língua] Ah... mas... [riso] ah... ah... ...não, não acho que haja mais... ah... ah... mais vídeos... ah... e esse tipo de coisas, ah... viradas para a heterossexualidade... ah... mas... há uns tempos atrás, era muito... era muito mais comum encontrares... um casal heterossexual, do que *gays* ou lésbicas. Agora, neste

momento, acho que ‘tamos melhores nisso, muito melhor até, ah, porque há uma... uma maior... diversidade, vá... já existe os três tipos... ah... e já é de fácil acesso.

D – E... o que é que... porque é que tu achas que as pessoas fazem estes filmes? Os actores, porque é que eles participam nestes filmes?

M – Ah... eu quero pensar, que é para marcar uma diferença, para dar a perceber que... por exemplo, os meus filmes, ah, de *gays*, são, ah... são os favoritos, normalmente as personagens são... eu não quero usar a palavra “normal”, porque... não gosto da palavra normal... mas não tão... não são tão notáveis, por assim dizer... são pessoas que... olharíamos para elas e... não diríamos que eram *gays*, ah... e isso acho que é... por um lado também é para mar... para marcar isso, porque... as pessoas têm muito a tendência de... de achar que, que os *gays* são... são todos, ah... a palavra... só me vem em inglês, ah...

D – Podes usar a palavra em inglês!

M – Ah... *Outgoing*... são... são...

D – ...muito desinibidos...

M – Sim!... São todos... muito alegres. Ah... mas... não é verdade! Existe, ah... existe uma variedade de pessoas... Eu acho que tem que ver com a personalidade. As pessoas simplesmente tentam encontrar ali um bode expiatório, ah...

D – Então achas que isto também... o que estás a dizer também se aplica, por exemplo, a filmes porno? Ou já é completamente diferente?

M – ...Ah... ...N... não sei, sinceramente não sei... ah... para mim, se calhar, é diferente. ...Parece que eu sou muito contra a pornografia!, mas... ah... acho que é diferente, acho, pronto.

D – Hmm hmm. Mas então na tua opinião, o que é que leva uma pessoa a participar de um filme porno?

M – Não faço a mínima ideia! Ah... ah... por mim, é uma coisa... que eu nunca... faria... não dava!, ah... mas talvez porque é uma indústria que... dá dinheiro. Dá *imenso* dinheiro... dá mesmo dinheiro porque o sexo... o sexo vende muito bem.

D – E no caso das *fanfictions* eróticas, de que estavas a falar, e que costumavas ler, aí já não dá propriamente dinheiro, não é? Ou dá?

M – Ah... pois, eu penso que não...

D – Então porque é que achas que as pessoas as escrevem?

M – Ah... por gosto. Ah... há pessoas que... há pessoas que, por exemplo, têm o gosto de escrever... ah... e têm aquela, por exemplo, aquele casal e decidem escrever sobre aquele casal. Há algumas pessoas que... provavelmente... se... com certeza, aliás... que escrevem mesmo por gosto.

D – E achas que o facto de haver pessoas a excitarem-se sexualmente com aquele tipo de material, contribui para esse gosto que faz as pessoas escrever, ou é mais uma questão literária?

M – [estala a língua] Eu acho que é pelas duas. Ah, em certos casos... Ah... há outras, que dá para ver que a escrita... ah, não é boa, ah... mas o conteúdo erótico está lá... acho que é mesmo só para... para... para satisfaç... para satisfazer as necessidades, das pessoas.

D – As necessidades, em que sentido?

M – Ah... o... [riso] As necessidades sexuais, ou... ah... a masturbação... e... e esse... esse tipo de coisas...

D – E... é assim, em Portugal, por exemplo, é suposto termos 18 anos para podermos aceder a sites com, com pornografia, e até com *fanfictions*, e não sei quê. Achas que faz sentido essa restrição?

M – Hm... eu vou ser sincera: não. Ah... Dezoito anos já... já é um bocado tarde, porque... nós já temos... quer dizer, nós já temos raparigas de 12 anos a ficarem grávidas... ah... por isso, não estou a dizer, ah... para ser público!, e... e toda a gente ir lá visitar, mas... não vamos ser hipócritas, ah... há aqui... há... o sexo já... já existe em todo o lado, independentemente das idades, infelizmente. Ah, por isso... restringir aquilo só para pessoas de 18 anos... acho que... devem... baixar um bocadinho mais.

D – Para que idade?

M – Ah... Por volta dos 15, vá... para não ser muito cedo, nem ser muito tarde... por volta dos 15.

D – Mas pelo que me estavas a contar, começaste a ler *fanfictions* com material mais erótico antes, antes dos 15 anos. Ou percebi mal?

M – Ah... Foi por volta dos 15... Foi, porque foi quando... pesquisar, ah... eu ‘tava... a pesquisar qualquer coisa que me deu uma *fanfiction*, foi antes dos 15. Mas ler, e perceber, foi por volta dos 15.

D – Porque é que achas que essa idade dos 15 anos é... marca um ponto de transição?

M – Ah, eu acho que, porque vais para o secundário... ah... e o secundário... é uma altura... a partir do momento em que vais para o secundário, tornas-te adolescente, entre aspas... ah, e nessa, já... na socie... não é na sociedade, mas é entre os adolescentes todos... quinze anos, vais para o secundário, é altura de... de começares a saber já alguma coisa sobre a... o sexo. Ah... e o que deves fazer, ou não deves fazer.

D – Hmm hmm. E achas que... pode ser problemático começar a ver pornografia, ou começar a ler fanfictions, antes dessa idade?

M – Eu acho que sim, porque as pessoas são... neste caso, as... crianças não é bem a palavra, mas... ah... pessoas, ah... muito novas começam, ah... a ler... não... até ler não acho muito grave, mas o *ver*, ah... acho que... acho... ficam com uma ideia errada do que... do que é o sexo. E o que é que é suposto ser... ah... e pode, mesmo, como falámos há pouco, alterar um bocado, a personalidade...

D – Estavas a dizer que ler e ver funcionam de maneiras diferentes, não é?

M – Sim...

D – Estavas a dizer que era pior o ver do que o ler. Porque é que achas que há essa diferença?

M – Não há aquela parte visual, por exemplo... ah... há pessoas que... que conseguem... que lêem e que conseguem ter a parte visual, conseguem imaginar tudo. Eu não. E tanto que eu gosto mais de filmes do que de... livros. Ah, mas é muito mais fácil... ver... ah... não é muito mais fácil... ah, perdi-me... peço desculpa...

D – Estava a perguntar era se achavas que o material visual tem mais impacto...

M – ...Tem, tem, porque vemos aquilo a acontecer, e quando ‘tamos a ler, não temos propriamente... a noção... do que é que estão a fazer... ah... por isso a parte visual ajuda bastante.

D – ‘Tavas a dizer que gostas mais de filmes do que de livros, não é? Imagina que alguém fazia um, um filme erótico, chamemos-lhe assim, exactamente da mesma maneira como as pessoas escrevem as *fanfictions* que tu gostas. Se isso acontecesse, tu vias?

M – Sim. Ah, exactamente para ter... para ver aquela imagem...

D – E se alguém viesse ter contigo e te pedisse ajuda para encontrar material erótico ou pornográfico na internet, como é que ajudavas a pessoa? Se é que ajudavas.

M – Ajudava, ah... ah... talvez, ah... mandar certos vídeos, para ter uma ideia... ah... assim uma pesquisa no Google, ah... sobre... não sei... exactamente, vou ser sincera, não sei exactamente sobre o quê. Mas fazer assim uma pesquisa no Google, para poder ajudar. E talvez recomendar, ah... ah... normalmente, as pessoas vêm, vêm ter comigo quando... ah... quando precisam que alguém recomende alguma coisa desse tipo, vêm sempre ter comigo [risos], porque ... ah... tenho uma vasta lista de...

D – ...material...

M – ...material.

D – E as *fanfictions* que tu costumavas ler, ah... vais sempre ao mesmo site, ou tens uma colecção de sites onde vais sempre...?

M – Tinha. Que eu agora já não... já não leio... mas... tinha uma rapariga, ah... ...não... sei que não, não era de... portuguesa, ah, mas tinha o site de uma rapariga que ela escrevia muito bem... ah... e sempre que eu queria ver... ah, ler aliás, sobre aquele casal... ah... que ela tinha várias histórias sobre o mesmo casal... eu ia sempre àquela rapariga porque... a escrita era boa, e as cenas eróticas também eram... boas.

D – Ah... Imagina que, de hoje para amanhã, desapareciam os sites todos de *fanfictions*, ah, eróticas ou não... sentias que tinhas perdido alguma coisa?

M – Sim... sim, acho que sim... é porque... eu sei que ‘tão lá, então se eu a qualquer momento, me apetecer, me der na cabeça, ah, ir ler, porque, por exemplo, agora ‘tamos a falar sobre isso, mais, mais logo à tarde, “Olha, falei daquilo com o Daniel, e agora ‘tá-me mesmo a apetecer”; ah, sei que ‘tá ali... ah, agora se não ‘tivessem, ia sentir aquela falta...

D – E se fosse aquela pornografia mais crua, a desaparecer, fazia-te alguma diferença, ou nem por isso?

M – [risos] Não! A mim não!

D – E... mas aos teus amigos, se calhar sim...

M – Sim!, ah... não estou a ver os meus amigos a verem também, mas, ah... mas aqueles que vêm, ia fazer falta.

D – Hmm hmm. Mas achas que se perdia alguma coisa de importante, assim... a nível geral?

M – [riso] A meu ver, não! Porque, lá está... porque... eu não gosto, mas para outra pessoa talvez, ah... iria perder ali alguma coisa mesmo muito importante. Porque há pessoas que são mesmo viciadas e que... e que quando perdem, ah... ficam mesmo...

D – Porque é que achas que as pessoas ficam viciadas?

M – Com o sexo... O sexo é... é a maior arma... que, que o ser humano tem... ah... e pode ser viciante.

D – Arma, em que sentido?

M – Ah... Ah... como é que hei-de explicar? Eu acho que o sexo é muito usado para... por exemplo... ah, há pessoas que, que usam o sexo para conseguir o que querem... há outras que é para humilhar... ah... existe vários... tipos...

D – Já alguma vez alguém te tentou humilhar, ou conseguir aquilo que queria através de sexo, ou de conteúdos sexuais?

M – Já...

D – Queres... queres partilhar a história, ou é mais privado e pessoal? Se for, não há problema nenhum.

M – Posso partilhar. Ah... tinha um amigo meu que... lá está, aquela cena dos rapazes... ah... já me ‘tava... já estava assim um bocadinho desconfortável... já estava a ser desconfortável... ah... estar sozinha com ele... ah... mas... ele gostava muito de fazer aquelas piadas... sexuais e... e... e de tocar... ah... e houve uma... uma vez, estávamos até em minha casa, e... ele forçou-se, para cima de mim, mas... graças a Deus, a minha mãe chegou, entretanto, ah... e não aconteceu nada... ah... mas... já tive, isso...

D – E isso também envolvia – porque infelizmente às vezes também envolve – ele mandar-te mensagens e coisas desse género?

M – Nós éramos melhores amigos, ah... chegámos a namorar... ah... mas... nessa altura já não... éramos apenas amigos, porque era o melhor... ah... por isso ele... por exemplo, a minha casa era *aqui*, ah... e... a casa dele era ao meu lado. Por isso ele, acordava de manhã, vestia-se e vinha para minha casa o dia todo, e depois às tantas da noite ele...

D – ...ia-se embora. ...E por falar nisso, em envio e recepção de mensagens, não sei se conheces algum caso, porque às vezes fala-se disto nas escolas e não sei quê, de pessoas que mandaram ou que receberam mensagens sexuais ou com fotografias das próprias pessoas no telemóvel... isso é aquilo que normalmente se chama o *sexting*...

M – Sim, sim... sim.

D – Conheces alguma história deste género?

M – Sim.

D – O que é que... o que é que aconteceu?

M – Ah... que... a parte boa ou a parte má? [riso]

D – As duas!

M – Ah, pronto... ah... por exemplo, entre casais eu acho... saudável. De forma saudável. Mas agora quando é... que era uma rapariga, que não quer nada com aquela

pessoa, aquela pessoa ‘tá a insistir, e manda... mensagens sexuais e impróprias, que deixam, deixam a outra parte desconfortável, ah... aí já, já há um grave problema. E... isso aconteceu, por acaso, ah... e, na altura...

D – ...aconteceu contigo ou com uma amiga tua?...

M – ...com uma amiga... Ah... E... e ela... ficou, ah... sentiu-se desconfortável porque já tinha dito que não queria nada com... o rapaz!, ah... mas, ah... a insistir, e depois aquelas mensagens um bocadinho mais... ordinárias, vá... ah... e ela estava assim um bocadinho... “não sei o que é que hei-de fazer”... porque é um... não se sabe se vamos à polícia, não se sabe se vamos dar um bocadinho mais de tempo que é para ver se ele desiste... Mas... por sorte, acabou por desistir, e... ficou tudo bem. Deve ter arranjado outra!, pronto... [riso]

D – E, e portanto ela não foi à polícia...

M – Não.

D – Falou com os pais, ou não?

M – Ah, não. Se... sei de imensos casos de que acontece assim algum... de algum rapaz forçar-se um bocadinho mais e de, de as raparigas não falarem com os pais, sobre isso.

D – Portanto, isto já aconteceu com várias raparigas que tu conheces, directamente?

M – Ah, não directamente!, ah... por exemplo, alguns casos são... contam-me... “Isto aconteceu com a tal rapariga”, alguns são conhecidos mas que eu não me dava, eram apenas de vista. Que acabam por me contar, e... raramente falam com os pais.

D – E alguma vez houve alguma situação, na tua escola, ou na tua zona, alguma coisa que te tenham contado, de uma fotografia que foi, por exemplo, partilhada entre duas pessoas e que depois tenha sido divulgada, para mais gente?

M – Acho que não... acho que não.

D – E aquelas situações que ‘tavas a falar, entre casais? Também tens amigas tuas, ou amigos teus, que contam que fazem isso?

M – Sim... ah... eu acho que toda a gente faz. Ah... é uma parte saudável, se a... fizer com o parceiro. Ah... por exemplo, eu acho... acho muita piada quando... ah... o

parceiro está, está numa reunião, ou está... está numa situação séria, e... e mandamos uma mensagem mais... sexual, e... acho que é um desconfortável engraçado para a outra pessoa. Mas acho que é super-saudável, as pessoas fazerem isso entre casais... ah...

D – “Saudável”: o que é que queres dizer com saudável?

M – Ah... Manter aquela... aquela chama, ah... aquela pica toda, entre o casal.

D – E... é uma coisa que tu também já fizeste, ou costumas fazer?

M – Sim, sim.

D – E... o teu objectivo, é manter a tal chama, manter a tal pica?

M – Ah... ao início é brincar, mas depois quando... continuamos, ah... é mesmo p’ra... talvez p’ra... p’ra picar, ah... p’ra ver se acontece alguma coisa... [risos]

D – Portanto, é uma espécie de complemento ao resto que já acontece?

M – Sim!... A... acho que é um bocadinho... também um bocadinho, preliminar... temos a... aquele jogozinho... ah... que depois pode dar um bom resultado ou não! [risos]

D – E já começaste a fazer isso antes de iniciares uma relação, ou seja, quando estavas interessada em alguém, utilizares isso também no jogo de sedução?

M – Ah... Já, mas era muito discreto... Ah... acho que a pessoa nem se apercebia, ah... porque... não queria, não queria parecer... ah... oferecida... ou, por exemplo, a outra pessoa podia não ‘tar interessada em mim e eu fazer uma figura de parva, ah... então... era assim uma coisa muito subtil, ah... como se fôssemos só amigos, ah...

D – E portanto, para além de mensagens de texto, imagino eu, que são um bocadinho mais sensuais ou sexuais, também já mandaste imagens de ti própria? Ou é só mesmo mensagens de texto?

M – É só mesmo mensagens, porque eu não consigo mandar imagens!

D – Okay. O teu telemóvel não... não permite?

M – O meu telemóvel... permite! Mas não sei o que é que se passa, a outra pessoa não recebe!

D – Ah, okay!

M – ...Por isso estraga ali um bocadinho a dinâmica!

D – E, sei lá, por e-mail, ou assim... por Skype... nunca mandaste?

M – Não... não, não.

D – Nem webcam?...

M – Ah, eu não gosto de fazer webcam.

D – Okay...

M – Gosto de ‘tar à vontade, e...

D – Mas alguma vez experimentaste e descobriste que não gostaste? Ou, ou, à partida é uma coisa que não te interessa?

M – À partida é uma coisa que não, que não me interessa, ‘tou a... para ser sincera, nunca experimentei ‘tar a falar com a minha namorada e, de repente, ligar a web e começar assim a fazer alguma coisa, não... nunca aconteceu.

D – E achas que é... portanto, só mandas mensagens de texto... achas que é seguro mandar essas mensagens? Achas que corres algum risco?

M – Ah... Eu acho que não corro um grande risco, ah... Por exemplo, ah... se mandar para ela, ah... se eu não me enganar no número!... [riso] ...não é um grande risco, ah... mas se eu mandar para ela e, por exemplo, alguém... ah... ler... não... não me afecta muito! Ah... por isso, eu acho que não corro assim um grande risc... acho que as mensagens são... são aquilo que tem um risco mínimo, de... penso eu... ah... de, de acontecer alguma coisa.

D – Okay. E se mandasses mensagens de imagem... ou, neste caso, se a outra pessoa as conseguisse receber... achas que aí o risco aumentava, ou era a mesma coisa?

M – Eu... quer dizer, não sei, porque eu já ouvi tanta história!... já ouvi tanta história de... de raparigas que mandam fotos e depois são divulgadas... ...por telemóvel, ao

namorado, ou à namorada... e depois, são divulgadas na internet, que fico um bocadinho de pé atrás, porque não quero que nenhuma foto minha vá parar à internet, e... e ser humilhada, como fazem com as outras pessoas...

D – Mas isso foram histórias que aconteceram na tua localidade, ou na tua escola, ou foram coisas que ouviste... nos jornais?

M – Foram coisas que ouvi, ah... no Facebook, também... ah, até famosos, ah... celebridades de Hollywood, que já aconteceram, então eu fico assim um bocadinho... de pé atrás.

D – E se alguém quiser fazer isso, quiser mandar mensagens, seja de texto, seja de imagem, que cuidados é que achas que a pessoa deve ter, p'ra tentar evitar que isso aconteça?

M – Não sei... isso, sinceramente, não sei... ah... P'ra já, eu gostava de confiar na pessoa, p'a não... por exemplo... não ter ali a foto e de repente vai meter ali na internet p'a se vingar, ou assim... ah... mas não sei o qu'é que o... o que é que a... o que é que se pode fazer, p'a evitar que... isso aconteça.

D – Mas, por exemplo, também era possível que alguém pegasse na mensagem de texto e a partilhasse depois.

M – ...Sim, também nunca tinha... pensando nisso. Ah... mas... a mensagem de texto... sinceramente, ah... não... não é não me importo, mas não me afecta muito... se me fizessem isso... simplesmente, têm a prova de que... a minha relação é super-saudável, e boa! [risos], pronto!

D – E portanto isso não, não te ia incomodar?

M – Hmm, acho que não. Ah...

D – Mas achas que as pessoas poderiam começar a gozar contigo na mesma?

M – Ah... poder, podiam. Mas... ah... não... me interessa se gozassem ou não.

D – Se isso acontecesse, hipoteticamente, o que é que... o que é que tu achas que ias fazer?

M – Ah... não sei, é porque... eu acho... não há... não tenho a certeza, porque nunca me aconteceu... mas eu acho que não... não ficaria irritada, nem chateada... ah... acho que... ficava... ah... tentava ser superior!... e... e não levava aquilo a mal. Se me fizeram isso... “okay... olha, obrigada pela...” ...”partilhem a minha vida sexual pela internet, pronto”...

D – Porque é que achas que as pessoas usam o sexo como arma, como estavas a dizer? Ou seja, estavas a dizer que o sexo é uma arma, e que pode ser usado para coisas muito más. Porque é que as pessoas usam o sexo para isso?

M – Para sentirem-se... alguns casos, só para sentirem-se superiores... nos casos das violações, ah... ...e... molestar e isso tudo, é, é... sem dúvida, a pessoa a tentar-se sentir-se superior, a outra... e humilhá-la... o mais... ah... não, não sei exactam... a palavra... peço desculpa!...

D – Sim, não faz mal!

M – ...Mas... humilhá-la até um certo ponto que... tanto que há imensas pessoas... raparigas... pronto, que são violadas e *não* vão fazer queixa à polícia... por vergonha... e aí já estão a ganhar... aí o sexo já é utilizado como uma arma. Ah... É mais no... Eu acho que é mais assim, é mesmo p’a pessoa se sentir superior, ah... aos outros todos.

D – E achas que faz falta haver mais informação, ou mais educação, sobre sexo e sexualidade, para os jovens?

M – Neste momento... mais informação também nunca... nunca é demais. Ah... eu acho... eu também não ‘tou muito dentro do assunto, para ser sincera, ah... acho... que... que até é bom, a informação que anda a passar por aí, para os jovens, ah... os jovens é que fazem as suas escolhas, ah... e muitas delas são erradas. Porque... o... olha, é como... é como, ah... as drogas. Os jovens têm a informação toda sobre as drogas, muito mais do que se tinha anteriormente, e continuam... a escolher... entrar nas drogas. Por isso é a mesma coisa com... a in... a informação sobre o sexo. E... eles têm imensa informação, só têm é que saber tomar as escolhas certas.

D – Mas estavas a dizer há bocado, que existe muita informação, mas que é difícil conseguir chegar lá e conseguir perceber que informação é que... é que é útil ou não é útil. Ah... achas que faz falta orientação para chegar à informação?

M – Talvez. Acho que... acho que... acho que o problema das pessoas é não falarem com pessoas mais experientes, ou adultos, ou... com uma médica, pronto... para serem melhor orientados. Porque... ‘tarem-se a informar mal...

D – E a questão... portanto, estavas a falar agora da médica, e do que já há bocado tinhas falado da médica, mas ao mesmo tempo, também mencionaste várias vezes a importância da ligação emocional e psicológica. Achas que, se fores falar com uma médica, ela te consegue ajudar nesse aspecto, da ligação psicológica? Ou achas que não é preciso ajuda p’ra falar disso...?

M – Ah...

D – ...E isso é uma coisa que simplesmente acontece?

M – Eu acho que é uma coisa que simplesmente, ah... acontece. Ah... por exemplo, eu percebo que há aquelas pessoas que têm... dificuldade de se ligar a outra, ah... mas aí acho que talvez seja de algum problema que, que estejam a passar, e que agora seja difícil ter aquela ligação, com outra pessoa... aí acho que... deve-se... encontrar ajuda, procurar ajuda, aliás... mas eu acho que é uma coisa que acontece, simplesmente... Aquela ligação, acontece...

D – Pronto, olha, no geral, era isto... Gostaste de participar?

M – Gostei! Nunca tinha feito uma coisa destas!

D – Foi? E o que é que te motivou para... para vires participar e ser entrevistada?

M – Fazer alguma coisa diferente... Quando... houve uma parte no... do final do questionário que dizia lá se, se queríamos uma entrevista, para deixar o contacto, e eu... “porque não?”, pronto... uma coisa diferente para se fazer.

D – Ou seja, nunca tinhas tido oportunidade de falar assim... mais aprofundadamente, sobre este assunto?

M – Hmm, não, não... nunca tive.

D – Achas que é importante?

M – Sim!

D – Sentiste que deste um bom contributo?

M – Espero bem que sim! [risos]

ANEXO 46

Entrevista 007 – 13/06/14

Respondente: Joana, 19 anos, género feminino; estudante universitária de Leiria que vive em Lisboa

Local: Café Aprazível

Daniel – Então, estavas a dizer-me há bocado que não te lembras de ter preenchido, assim, o questionário, não, não te estavas a lembrar dos temas...?

Joana – Não, po... ou seja, já não me lembro do... das perguntas do... do questionário, se queres que te diga, não me lembro.

D – Pronto, mas como falámos, tem estas quatro grandes áreas...

J – ...sim, sim, sim, sim...

D – ...e vai ser por aí. Ah, não sei se te lembras de como é que chegaste até ao questionário?

J – Mail da faculdade, recebi um e-mail da faculdade, ah... e, e respondi.

D – Hmm, okay. Na altura, lembras-te se, se tiveste alguma opinião formada em relação ao questionário?

J – ...Não! Lembro-me que comentei, e que cheguei a comentar que tinha... porque é uma coisa que eu costumo fazer, penso que é sempre bom... responder... quando chegar à minha altura, também vou... vou, vou querer uma resposta e então faço-o... ah... eu lembro-me que achei inter... interessante o tema, porque realmente, como disseste, são temas que são muitas vezes abordados de forma individual, e não colectiva... e muitas vezes, como ‘tão relacionados, acabas por não encontrar as respostas quando te focas num... numa só abordagem.

D – Ah, bem, como isto tem muito que ver com internet, tecnologia, etc., a minha primeira pergunta vai ser obviamente, se costumas utilizar a internet.

J – Costumo. Se... sou... diariamente, como não... se não utilizar, não utilizo!... mas... na minha vida... na minha rotina normal, quando não ‘tou de férias, diariamente [risos]!

D – Okay. Tens computador em casa?

J – Tenho.

D – Ah, e é portátil, ou é?...

J – Tenho, é portátil, sim, sim...

D – Tu és de cá de Lisboa, ou ‘tás cá a estudar?

J – Não... ‘tou cá a estudar. Sou de Leiria.

D – És originalmente de Leiria?

J – Sim.

D – Ah... E, quando tu... não sei se vives com outros colegas, vives sozinha...?

J – Vivo com o meu namorado.

D – Okay. E o facto de ser um computador portátil permite, por exemplo, estares a ver coisas privadamente... costumas o computador sozinha, costumas utilizar mais espaços públicos da casa?

J – Depende... Não, não há... nesse sentido, não há grandes rastreios, ah... ‘tamos os dois, ah... ‘tamos cada um no, no... quando ‘tamos juntos a trabalhar, ‘tamos cada um no seu, mas não há...

D – ...Hmm, okay...

J – ...obviamente é um meio de privacidade, dentro daquilo...

D – E o telemóvel? Também costumas aceder à internet através do telemóvel?

J – Sim.

D – Tens pacote de dados, ou só quando apanhas wireless?

J – Tenho pacote de dados. Agora mudei o tarifário, estou satisfeita! [risos] Agora sou NOS!

D – [risos] Okay. E o que é que tu gostas mais de fazer na internet?

J – Claro que é assim, a internet serve-me para vários meios e... o que eu gosto de fazer depende um bocado da minha necessidade no momento, não é? Ah... pronto, as minhas consultas diárias à internet vão desde o e-mail, até ver as notícias, ah... passar no Facebook, muita comunicação entre os amigos, ah... e depois utilizo p'a... p'a trabalhar, não é? Sou estudante e então... independentemente de tudo, é uma fonte de informação...

D – Para além do Facebook, estás em mais alguma rede social?

J – Ah... eu, eu 'tou em todas, mas não ponho lá os pés! [risos] Não... tenho Twitter e tenho... não sei, o Instagram conta?

D – Sim!...

J – Pronto, mas... vou lá... não com a... não com a... com a rotina com que vou a... ao Facebook.

D – E o que é que mais te chateia, ou mais te irrita, na internet?

J – Tenho tido muitos [risos]... Tenho tido muito esta discussão nos últimos tempos. Mas passa um bocado por certos comentários que se vêem. Ah... aquela discussão de... onde é que... até pon... até que ponto é que é... que vai a liberdade de expressão...

D – Hmm hmm.

J – Mas tens que aceitar porque... se aqueles comentários não forem feitos, não há liberdade de expressão.

D – Hmm hmm.

J – E é a ideia das pessoas... Mas isso é, sem dúvida, o que me chateia mais.

D – Okay. Isto principalmente em contexto do Facebook, não é?

J – Em contexto do Facebook, sim, sim, sim... E muitas vezes, ah... pronto, através do Facebook, mas mesmo... e 'tava ainda há um bocado a... 'távamos ainda há um bocado a falar disso, no contexto de, hoje em dia, vês tantas notícias no Facebook, e as pessoas,

ah... comentam através do Facebook as notícias, ah... nesses comentários... sempre ficam mais visíveis.

D – Okay... O primeiro tópico que eu queria abordar é a questão da... da procura de informação sobre sexualidade, sobre saúde sexual, sobre o nosso desenvolvimento corporal durante a adolescência, esse tipo de coisas... Tu conheces pessoas que usam ou já tenham usado a internet para procurar informação sobre qualquer um destes temas?

J – Bem. Ah... eu própria uso, não é? Porque... porque hoje em dia, a primeira reacção que tu tens quando procuras informação, ou quando tens alguma dúvida, não é ir a um livro, feliz ou infelizmente... ou ir a um jornal procurar sobre aquilo... pois, isso já é quase uma segunda pesquisa, uma segunda parte da pesquisa, é quando passas à bibliografia... mesmo... em formato papel. Ah... dentro do meu grupo de amigos, ah... sinceramente eu acho que nunca falei sobre [*sic*] sobre a pesquisa da... ou seja, “o que é que tu vais pesquisar?”, mas... ah... acho que... acho que sim, penso que sim.

D – E, portanto, estavas a dizer que tu própria fazes esse, essa utilização para ires à procura de informação... Ah... lembras-te de qual é que foi alguma das primeiras coisas que foste pesquisar, sobre estes temas?

J – Eu acho que a primeira pesquisa que eu fiz foi... foi pela, foi a sexualidade em si, não é? O que é que é o sexo.

D – Hmm hmm...

J – Um filme pornográfico, uma coisa do género. Ah... depois também passei um bocado pela fase das DSTs, não é?, das Doenças Sexualmente Transmissíveis... que agora são DSTs, ou... Infecções, não é?...

D – ISTs...

J – ISTs... Ah... depois pronto... numa fase mais, mais... já mais velha, também comecei um bocado co’a, co’a prevenção, não é?, a questão da pílula, o tomar a pílula, como é que se toma a pílula, ah...

D – Lembras-te com que idade é que isso foi? As primeiras buscas...

J – Bom... As primeiras buscas foi p’ái com... treze, quatorze anos... também, a fase da adolescência em que tu comesas mais a despertar, ah... as miúdas um bocadinho

mais cedo que os rapazes... ah... e depois mais tarde, é mais, é coisas quase da rotina, o teres uma infecção e ires procurar sobre uma infecção, ou doer-te isto ou doer-te aquilo... pronto.

D – E... na escola, no secundário ou no básico, por exemplo, chegaste a ter aulas sobre o assunto, ou o professor falava-te...?

J – ...cheguei, cheguei, cheguei... Eu lembro-me que no sexto ano, p'raí, tive uma aula sobre... contraceção... foram lá umas enfermeiras, do posto médico; a questão do preservativo, o pôr o preservativo, o que é que havia... e depois, mais tarde, no secundário, eu lembro-me que tive, ah... deve ter sido no âmbito da, do programa de desenvolv... desenvolvi... cada... cada professora tinha que dar um bloco de aulas sobre a ses... a sexualidade. Lembro-me que tive então uma palestra sobre infecções, aquelas imagens *feias*, mesmo para assustar, “vamos todos nunca mais... fazer nada”, ah... e depois, ah... também foram abordados em filmes, e coisitas assim que... os professores passavam, punham um filme com umas imagens da malta nua e pronto, assinavam o papel.

D – Okay. Lembras-te qual é que foi a reacção dos teus colegas, e a tua, na altura?

J – Bom... Eu sempre fui uma pessoa bastante aberta a, a esse tipo de críticas e... a reacção dos meus colegas, portanto... tens vários tipos de pessoas que te acompanham no secundário, e as turmas do secundário, se calhar mais do que acontece na faculdade... tu na faculdade já quase que escolhes mais o teu grupo de amigos e as pessoas com quem te queres envolver; tu, na tua turma, tens aquele... na turma do secundário, as coisas são um bocado diferentes... pronto, lembro-me que... tive as pessoas que eram realmente, vamos-lhes chamar “mais inocentes” e que, se calhar, nunca tinham visto e ficaram surpreendidas e talvez até um bocado assustadas, tive aquela mais totó, e mais parva que era “ui, que nojo”, e a estragar a apresentação toda e não, não, não punham questões de jeito, sabendo qu'aquilo é perfeitamente... não natural, mas possível... eu... fiquei... okay, fiquei a saber um bocado mais... e também não... hoje em dia tu tens muito acesso à informação, e eu sinceramente não, não, não, não descobri nada que já não tivesse descoberto por mim mesma.

D – E essas pessoas que estavas a dizer que se calhar até ficaram um bocado assustadas, porque é que achas que elas se assustaram, propriamente?

J – Porque... porque eu acho que muitas vezes, ah... quer dizer, tu quando vais falar de uma coisa à pessoa, que muitas vezes as pessoas não sabem o que é, e só dizes os pontos maus... quer dizer, não se aborda a sexualidade de uma forma... “o que é que é o sexo, o que é que se faz no sexo, o que é que aquilo pode ou não dizer?”, aborda-se o que tu podes tirar do sexo... “e tu podes ficar grávida, podes apanhar uma doença, podes fazer não sei o quê, e”!... acontecem mil e quinhentas coisas! Não falam de um orgasmo, ou de uma coisa assim... só há a coisa má. E depois, eh pá, tens aquelas pessoas mais tímidas, que realmente se calhar tiveram o... o... a questão do *bullying*, como agora se chama, não, não... acho um bocado essa palavra um bocadinho... sempre houve mas agora também não... e resolveram todos combater o assunto... ah... e acho que elas ficavam... ficaram um bocado assustadas nessa medida, não é?, quer dizer, aquilo parecia uma coisa animal.

D – Então tu achas que faz falta, uma componente mais virada talvez para o prazer, nesse tipo de aulas?

J – Eu nem digo para o prazer, porque eu acho que o que importa não é o prazer, mas um bocado para a questão do... acho que também se parte um bocado do pressuposto que toda a gente sabe o que é. E... e eu vejo muitas pessoas que... que sabem o que é, mas não vêem a forma de explorar. Ainda no outro dia, falava com uma amiga minha, que... que ‘tá com o namorado há não sei quantos anos, e que... basicamente ‘tá farta dele, já não aguenta mais com ele. E eu, como conheço a relação deles, sei que aquilo é um bocadinho... sempre a mesma coisa. E eu disse-lhe: “Olha, agarra num... no rolo da massa, e faz uma massagem!, vira um bocado a coisa!” Eu acho que às vezes faz... é, é um bocado isso o que faz falta às pessoas, não é?, é o explorar.

D – E achas que...

J – Não sei se ‘tou a responder à pergunta!

D – Sim, sim; não, não, eu estou a perceber! Achas que essas... aulas, por exemplo, poderiam ser uma forma de ensinar os jovens a explorar mais?

J – ...Isto depende muito de cada personalidade em si; cada indivíduo, não é? E... e depois também tem que ver com o que é que o indivíduo, o indivíduo procura ou não, não é? Tens pessoas que, se calhar, são mais sexuais que outras. Ah... Mas acho que...

D – Mas quando estamos num contexto de aula...

J – ...sim, sim, sim...

D – ...dessas acções de formação, está toda a gente a receber o mesmo.

J – Pois! Ou seja, e eu compreendo essas acções de formação no âmbito em que elas são... de prevenção, ou seja, de explicar realmente aquilo que aquilo pode trazer, porque também pode... mas acho que devia de haver uma... uma outra abordagem, ah... não sei bem como deveria ser feita, mas se calhar posso pensar um bocado nisso, de... de perceber realmente se calhar o... o especial que é, não é?

D – E, se fosses tu, já que falaste nisso, se fosses tu a organizar uma acção de formação desse género, como é que tu a organizavas? Quem é que chamavas, do que é que falavas?...

J – Ora portanto, eu... eu acho que... hoje em dia... o que falta aí não é info... não é informação... nem digo informação, mas... por exemplo, agora com o debate, que houve há uns tempos na Assembleia, da co-adopção, de, de tudo isso... acho que... acho que é cada vez mais fácil... chegar a essa parte íntima das pessoas, da sexualidade, do que é que se faz ou do que é que não se faz. E acho que talvez, ah... por exemplo, um psicólogo, a falar sobre o assunto, um psicólogo que trate de, de... de traumas, não sei... e, se calhar, explicar tanto a parte boa como má, acho que isso seria interessante. Mesmo um filme... mas se calhar não é um filme... okay, agora... veio-me este nome à cabeça, um filme da Angelina Jolie c'o... c'o Brad Pitt, a mandarem uma queca. Uma coisa um bocado mais intensa, sei lá!

D – E, e em termos de dinâmicas familiares, por assim dizer, tu também falavas disto com os teus pais?

J – Ah... Não. Depende, não é? Falei, houve uma altura em que falei um bocado com... com a minha mãe, na altura em que foi para tomar a pílula e tudo isso, mas... sempre foi uma coisa um bocado mais privada; os meus pais nunca... não é que não me tenham posto à vontade, mas também não... não me puseram nem à vontade, nem à... nem, nem... a retroceder, não... era uma coisa que fui crescendo e que na altura em que, pronto, também me fui exprimindo dessas formas, fui mandando a típica boquinha, pronto...

D – E sentiste falta de algum acompanhamento, nesse aspecto, ou para ti foi, foi bom assim?

J – Ah... não senti porque pronto, eu sempre fui... sempre fiz as minhas pesquisas, e... e... e... e posso dizer que a nível escolar também... quando chegou à altura, eu estava preparada. Sempre tive a informação suficiente para... tirar o 2+2.

D – E achas que as outras pessoas da tua idade, ou os teus colegas na tua altura, tinham a mesma facilidade de aceder e de processar a informação?

J – Bom... eu acho que oportunidade lhes foi dada. Agora eu acho que também tem a ver com a forma como eles captam a... a ideia, não é? Cada um tira a... tira a informação e processa-a da, da forma que mais... lhe convém, ou da forma que consegue, não é? Ah... se eles estavam preparados ou não? Eu acho que alguns estavam, e outros não. Acho que alguns conseguiram assimilar, e outros não.

D – Achas que era possível fazer alguma coisa p'ra ajudar as pessoas que não estavam preparadas, a prepararem-se?

J – ...Depende das pessoas!, quer dizer... há pessoas que são fechadas, e falamos, sei lá, de pessoas que... e sem... sem... pronto, é aquela questão do ter um namorado. É... uma coisa muito embaraçosa, o dar um beijo, ou... pronto, são, são processos que se têm, que uns têm mais cedo e outros têm mais tarde... eu acho que tive na, na idade normal. Ah... e acho que o principal factor é o tempo, não é? O tempo e a percepção das coisas.

D – E quando uma pessoa vai à procura da informação, ah... às vezes é... acontece, encontrar montes de fontes de informação diferente...

J – ...sim, sim, sim, sim...

D – ...e com informação até contraditória entre si. Como é que tu fazes para perceber que informação é que é fidedigna, e qual é que não é de confiança?

J – Ah, eu baseio-me muito no... eu vou... faço uma pesquisa no Google... abro cinco ou seis páginas... leio aquelas cinco ou seis páginas e... retiro o que é minamente [*sic*]... minimamente coerente e depois também vou muito à, às *reviews*, aos comentários, não é?

D – Hmm hmm.

J – Tens muito comentários das pessoas a dizerem o que é ou o que não é e vou a partir daí tentando... ah... Tentar tirar o correcto.

D – Estavas a dizer que ias à procura do que é que é coerente. Como é que tu identificas o que é que é coerente?

J – Bom... ah... primeiro, pressupõe já um conhecimento meu, não é? E depois ah... também... vou tendo amigos, ou pessoas que ‘tão envolvidas em certas áreas e isto... no que diz respeito à sexualidade e em tudo, e quando tenho mais dúvidas, ou depois quando me cruzo com eles, digo “Olha, no outro dia, ‘tava a ver isto e não sei quê, oh, esclarece-me lá isto, o que é que é isto?” E depois é a partir daí que... que vou fazendo a minha pesquisa. Ou mesmo depois da pesquisa, que eu torno coerente, ah... tive informações contraditórias... “Olha, disseram isto e disseram isto, mas como é que isto funciona?”

D – Portanto, achas que o... os amigos são importantes, são importantes para conseguir complementar a informação que se encontra?

J – Sim, sim, sim, sim, sim...

D – Ah... achas que a informação que existe na internet, hoje em dia, é importante para mais pessoas acederem a conhecimentos de saúde sexual, etc. que, de outras formas, não chegariam lá?

J – Claro. Até mesmo pelo embaraço! Porque... tu na internet muito facilmente vais lá e apagas rapidamente o teu... vestígio, enquanto que se tu fores perguntar a uma pessoa... não!, e isso acontece, acontece um bocadinho com... por exemplo, com... os... vamos chamar-lhes... os *online dates*, ou tudo isso, não é?, que a pessoa vai à procura de uma... não é, não é dentro do meio delas, não é? Vai entrar num meio novo e vai à procura de algo que, que a identifique do zero, praticamente.

D – E no meio disso tudo, onde é que entram os profissionais de saúde, por exemplo, como fontes de informação?

J – Eu acho que entram aí no processo de... de... de... de... de amostra, de pôr informação online, e eu acho que isso se encontra... não é? Tu tens o... Instituto

Português da Juventude, tens as associações que trabalham essas áreas da juventude, tens... não sei, se... provavelmente também há sites específicos de informação, do médico tal e da médica tal... ah... que esclarecem isso, esclarecem essas dúvidas; fóruns online mesmo de... de perfil académico. ...científico.

D – Achas que o facto de haver também informação errada ou incorrecta também pode criar problemas, para as pessoas que estão à procura e que não sabem tão bem gerir?

J – Bom... É claro, não é? E isso acontece com tudo, mas eu acho que isso também depois tem que ver com... com a própria crítica que tem que nascer da pessoa, não é? Eu se for procurar o que é que é... candidíase, ou... como é que eu ponho um preservativo, tenho que ver dois ou três vídeos, ou procurar duas ou três páginas... ah... e tentar tirar dali o que me parece mais lógico, não é?

D – Ah, uma outra questão que eu abordo também no meu estudo, tem que ver um bocado com o activismo, ou com a participação em grupos de debate ou de discussão, sobre questões por exemplo, sobre direito LGBT, sobre igualdade de género, coisas assim desse género...

J – ...sim, sim, sim...

D – ...fazes parte de algum grupo em particular, que se dedique a este tipo de questões?

J – Não. Ah... não... Conheço várias pessoas que fazem, ah... Estou envolvida à minha maneira com o assunto, mas não estou associada de forma... formal... a nenhum grupo.

D – Essas pessoas que tu conheces que fazem parte, o que é que elas fazem nesses grupos e que grupos é que são esses?

J – Bom, eu tenho pessoas que trabalham proje... que trabalham em projectos, mesmo sobre isso... eu tenho colegas meus que trabalham em associações, e que... pronto, alguns dos projectos são sobre... ah... a comunidade LGBT, a integração, e... a aceitação, e... e sobretudo a percepção, não é?, de tudo... do que a comunidade vem trazer... ou que... ou que sempre trouxe e que agora... está mais visível. Ah... qual... qual é que era a pergunta, desculpa?

D – Era justamente o que é que eles faziam...

J – [riso] Era o que é que eles faziam!... Pronto, tenho imensas pessoas que ‘tão envolvidas, e que... e que fazem, e que, que... por acaso no outro dia falava com uma, uma amiga minha que está com um projecto, foi anteontem, foi na quarta-feira, em véspera de noite de Sto. António, e eu até disse “Olha, vamos pintar as... a... a... a... a umbreira da porta da Sé, da Sé ali de Alfama onde são os casamentos de Sto. António, com a bandeira LGBT!” [risos] “Vamos grafittar aquilo tudo com a bandeira LGBT!” Ah, mas pronto... ah... achámos que isso provavelmente iria dar um mau resultado para nós! [risos]

D – E tu costumavas falar com esses teus amigos sobre, sobre aquilo que eles fazem, ou sobre as participações deles?

J – Bom, sobre as participações deles em, em concreto, sinceramente, se calhar não falo tanto, falo mais sobre as acções em si, não é? Ah... Não, sinceramente não costumo falar em concreto sobre... sobre... sobre o activismo em si, não, não costumo muito falar.

D – Ah, porque é que nunca te juntaste, formalmente, digamos assim, a nenhum grupo?

J – Bom... Ah... Não vou dizer que foi por falta de tempo... Tempo até tenho, e... mas depois também tenho as minhas ár... ah... ultimamente tenho andado um bocado preocupada, mesmo... preocupada, não!, ocupada, ah... e preocupada, também, não é?, com os meus projectos e com as minhas coisitas e acabo por não... por não me envolver, porque também tenho as minhas críticas a serem feitas, ah... e eu, eu sinceramente gosto muito da participação... ah... da participação, ah... passiva. Não sou muito... não gosto muito do... do ir para a rua, gosto mais do, do dar as ideias, e do dar os *inputs* do que... propriamente expor-me.

D – Há bocadinho estavas a dizer que participavas nas coisas à tua maneira e fazias as tuas próprias coisas. O que é que querias dizer com isso?

J – Esta... ah... essencialmente, esta questão do, do trabalhar de uma forma mais passiva, não... ah... por exemplo, os L... L... o grupo LGBT tem muitas marchas, ah... muito, muito... pronto, muitas intervenções ah... e eu muitas vezes não me identifico, porque eu não, não, não... não... não gosto de me expor... não... é uma questão de... de visibilidade, ou de ter medo, mas... ah... não... eu não gosto muito de confusões, de

muitas pessoas, no mesmo sítio e isso faz-me um bocado de confusão e muitas vezes é por causa disso que eu evito.

D – Mas independentemente disso, já alguma vez tentaste... sei lá, entusiasmar alguém a participar num grupo, ou a participar numa actividade, assim “Ah, vem cá”?

J – Já. Já... Ah, LGBT, não! Ah, mas actividades... eu trabalho muito com a... com... com a identidade intercultural. E com o diálogo intercultural... Ah... que também passa um bocado pela, pela questão da... do... da comunidade LGBT, e... e já tentei puxar e sei que não é fácil. [risos]

D – Que reacções é que tiveste?

J – Bom... a última, a reacção que tenho tido, agora que ‘tou na faculdade, e que... que... que tenho mais colegas que ‘tão nesta coisa, acabar o curso, acabar o mestrado e não sei quê, bah bah bah, é que... eu no outro dia estava com uma amiga minha e p’ra resumir em muito a minha opinião sobre isso, ela acabou a faculdade este ano, o... a licenciatura, e ela chegou-se ao pé de mim, e é uma amiga que eu conheço, já somos amigas há bastantes anos, já de... ela vem de Leiria, e sempre me viu a fazer voluntariado, a fazer imensas coisas, a fazer formações, a fazer isto, a fazer aquilo, e não sei quê e vou ali e vou acolá... e ela acabou agora a faculdade, passado três anos, e virou-se para mim e disse “Ah, acabei a faculdade, e não tenho mais nada para pôr no, no, no currículo, sem ser a licenciatura”. E eu: “Atão [*sic*] e agora vais fazer voluntariado à nora p’a pores mais linhas no currículo?” E é um bocado esta a percepção que eu tenho das coisas, é que as pessoas muitas vezes fazem e fazem porque se apercebem que têm que ter competitividade. E... e não digo que elas não façam... quando chegam a fazer, que não façam com gosto, mas acho que... não é pela cre... não é pelo... pelo currículo, que tem que se fazer, não é? Não é chegar ao fim do curso, lembrar-me “Eh pá, eu agora dá-me jeito isto”...

D – Então o que é que achas que devia motivar as pessoas a fazer isso?

J – O seu interesse. O seu interesse, por exemplo, eu... Sendo aqui um bocado bruta, a comunidade LGBT, ah... eu tenho interesse, apoio, suporte, mas se calhar não me identifico tanto, ah... Na medida em que não... sei o que é que tenho a dar para a comunidade!, e se calhar, como n... como acho que não tenho tanto a dar para a comunidade como tenho a dar para outros interesses meus, como por exemplo, para a

questão da interculturalidade, eu envolvo-me mais com aquilo... Se... se ela gosta de... esta minha colega, por exemplo, se ela ‘tá a tirar jornalismo, ou lá o que é que é, ela que se junte a um grupo de, de expressão, ou a um, a um... blog... que escreva umas merdas e que mande e que... pronto, que seja mais crítica!

D – Hmm hmm. Mas não achas que pode haver algum cruzamento, por exemplo, de questões ligadas à interculturalidade e, por exemplo, questões de discriminação de género?

J – E há e eu trabalho isso, e eu trabalho muito isso.

D – De que maneira é que trabalhas isso?

J – Eu costumo trabalhar isso de uma forma muito simples. Faço um exercício que é isto: ah... ah... fazia um exerc... agora já não faço, porque já não ‘tou envolvida com essa organização. Ahm... mas o exercício...

D – ...qual é que é a organização, desculpa?...

J – Esta aqui, esta aqui, era a AIESEC¹... ah... uma org... uma associação de estudantes a nível mundial, que faz, promove intercâmbios... mas aquilo é muito *leadership*, e *promoting the leadership in the world*, e *we are all leaders* e eu não, não gosto muito dessa parte, e... e é uma associação... pronto, mas isso já é outra história. E um exercício que eles faziam de preparação para a malta que ia de estágio, realmente, para voluntariado, era pôr-lhe várias questões, de choque cultural, e uma delas era... uma mulher, estás na Índia, e vês uma mulher a ser agredida na rua... o que é que tu fazias? E as pessoas, havia pessoas que diziam logo que iam lá e que... tiravam o homem de cima. Havia outras que disseram, “Eh pá, se calhar, eu sei que é assim, e que a coisa tem que ser combatida de outra forma”; ah... também passava muito, por exemplo, por ter de partilhar a casa, neste caso, falávamos muito de partilhar a casa com pessoas que são estranhas... um, um homossexual que... que gosta de trazer p’ra lá pessoas, uma bailarina que acorda às 8 da manhã e que... vai... esticar-se toda, e pôr música e não sei quê, ah... mas eu acho que todas estas abordagens são... interligadas, completamente.

D – Tu fazias isso no contexto de actividades de grupo, grupos de formação?

¹ Originalmente “Association internationale des étudiants en sciences économiques et commerciales”, mas actualmente dedicada a estudantes de qualquer área académica; qualifica-se como uma ONG.

J – Sim. Sim.

D – E isso foi mais ou menos com que... com que idade é que começaste a fazer isso?

J – Bom, eu comecei a fazer isto, devia ter uns 17 anos. Sim...

D – O que é que te motivou na altura para te juntares a esse, esse grupo?

J – Eu fiz um intercâmbio, ah... do género Erasmus, mas no secundário, e... e é uma organização também a nível mundial, mas que em Portugal tem um... são os, os, são voluntários que preparam os estudantes para ir, e fazem toda uma abordagem, que eu acho, por isso... isso, pronto, esquece... ah... fazem uma abordagem de, de preparação aos alunos, aos estudantes, p'a compreenderem mais ou menos p'r'aquilo que vão, não é?, porque há coisas muito simples, ah... que mexem com o teu sistema quando vais para um sítio fora, e isso acontece se tu fores a casa de um amigo teu, e tu 'tares habituado a ter a cozinha organizada e ele não organiza a cozinha, então imagina o que é que acontece se vais viver um ano p'a outro sítio. E eu passei pela minha experiência e, e achei que, que este debate, por ser tão bilateral, por ser tão multilateral, aliás; ah... era um debate... que mexia com vários temas e que era capaz de funcionar.

D – Depois, entretanto, saíste desse, desse grupo...?

J – Não. Depois, mais tarde, quando cheguei à faculdade, ah... a AIESEC, soube da AIESEC, e por se... por a identificar comigo, pronto... por achar que tinha também alguma coisa a dar à organização, envolvi-me com eles. Entretanto 'tive lá dois anos, saí agora no início deste último semestre... ah... e depois saí porque realmente achava que aquilo não era para mim, que não, no fundo, não...

D – 'Tás a pensar em eventualmente, em juntar-te a alguma outra organização, talvez não do mesmo género, mas que se dedique às mesmas questões?

J – Bom... eu agora 'tou... 'tou a trabalhar mais com esta organização, que é a AFS², a tal que manda os miúdos para o estrangeiro, 'tou a trabalhar em vários projectos lá, ah, um bocado multilaterais, com outras organizações, ah, e é mais nesse âmbito. Ah,

² Originalmente “American Field Service”, agora “AFS Intercultural Programs” é um conjunto de ONGs que participam em programas de intercâmbio cultural entre cerca de 65 países.

também vou ‘tando envol... ah, vou estando um bocado envolvida com a PAR³, não sei se conheces a PAR?

D – Não...

J – PAR – Respostas Sociais. É um... uma, uma organização muito fixe, muito muito fixe.

D – E que, que actividades é que desenvolves lá?

J – Na PAR, ou na AFS?

D – Na PAR.

J – Na PAR... Bom, eles têm quatro âmbitos de acção: a social, a de saúde, a educacional e outro qualquer que eu agora não me lembro... Ah... e trabalha, é uma associação para jovens, não é?, de jovens e para jovens, ah... é uma orga... é uma organização pequena, mas que, que... ah... pelo menos aqui, e as organizações têm sempre este problema, a nível regional ou espacial, em Lisboa, eu gosto muito do trabalho deles, eles vão fazendo várias formações, eles agora têm um projecto, que é o *No Hate Speech*⁴, não sei já ouviste falar...

D – Sim.

J – É deles, ah... têm outro que é o *Fingerprint*⁵, conheces?

D – O *Fingerprint* não.

J – Ah... é um sobre os Direitos Europeus onde tu, tinhas... fazias um vídeo, ah... a retratar um direito que achas que ‘tá ou não a ser... em prática e, e era criar... a ideia era criar uma plataforma online, eles ‘tão agora nessa fase do projecto, criar uma plataforma online, onde tu muito facilmente chegas lá e dizes “Olha, eu hoje vi isto; o que é que vocês acham”? Assim um... um espaço, um mural de debate, sobre o que se passa na...

³ PAR – Respostas Sociais é uma ONG portuguesa que trabalha com jovens.

⁴ Uma campanha de e para jovens, promovida pelo Concelho da Europa, para a área dos direitos humanos online.

⁵ Iniciativa de tipo concurso, direccionada para os Direitos Fundamentais dos cidadãos europeus, que incentiva a criação de narrativas digitais que identifiquem pelo menos um Direito Fundamental da Carta Europeia dos Direitos Fundamentais.

D – Mas, por exemplo, o *No Hate Speech*, daquilo que eu conheço, também é um projecto muito vocacionado para o online...

J – ...sim, sim... Porque aquilo é *No Hate Speech* online...

D – Exactamente. Ah, e portanto isto de certa forma acaba a ligar-se um bocado ao tema daquilo que nós ‘tamos aqui a falar...

J – ...sim, sim, sim...

D – ...de certa forma, do activismo online, e da intervenção online.

J – Sim.

D – Ah, porque é que achas que essas organizações estão a focar-se cada vez mais em acções que não só começam online, como estão focadas no online?

J – Porque cada vez é a maior forma de expressão. Porque tu hoje em dia muito raramente... não, não sei... compras um jornal, mas cada vez vais mais à página do Público, ou do Expresso... Ah... e cada vez os comentários, e eu falo por mim, porque tu hoje em dia, por teres o teu grupo de amigos, ah... e porque no fundo, okay, o debate entre o teu grupo de amigos pode ser diferente, mas se calhar são debates que para ti são interessantes, e não são debates que para ti são desgostosos, como certos comentários que tu vêes na internet. E eu acho que passa um bocado por aí, por... porque hoje em dia, aquilo que tu d’antes vias nos jornais, ou a expressão que tu vêes nos jornais, vêes mil vezes e cem vezes e milésimas [*sic*] de vezes, muito maior na internet... ‘Tás a entender aquilo que eu ‘tou a querer dizer?

D – Sim, sim sim!

J – ...E acho que passa por aí, pela expressão hoje em dia ser muito feita online, porque tu no teu grupo de amigos acabas por não compreender, porque tens o teu grupo de amigos e ponto final!

D – Claro. Então achas que a componente online, hoje em dia, é fundamental p’a actividade desses grupos?

J – Acho, acho... realisticamente acho, não é? Tu hoje em dia fazes tudo online. Tu... fazes um evento, tens uma festa de aniversário... ah... coisa mais óbvia que tu vais

fazer é mandar uma mensagem: “Olha, criei um grupo no Facebook, é dia tal, vão lá meter se vão, e ‘tá lá a dizer o que é preciso.” Ah... crias... os concertos!, os concertos! Quer dizer, os concertos que andam por aí agora em Santos, tu não vês no jornal. A não ser que compres a *Time Out* ou compres a *Agenda*... compres o Público à sexta e vejas o *Ípslon* e vejas o que vai haver. Tu vais à net, pões lá um “Gosto” nas páginas das associações, dos bares, e vês lá os eventos, e tens lá aquilo.

D – Achas que o online mudou a dinâmica do próprio activismo?

J – Completamente. Completamente. Do activismo e da nossa vida. E da nossa vida no geral. Como é que tu me contactaste? Como é que eu fiz o questionário? ...Tu fizeste o questionário de outra forma sem ser online?

D – Não.

J – E isto não é mau, atenção!, ‘tás a entender? Eu não acho que isso seja mau, de todo. E cada vez penso mais, quer dizer, tu hoje em dia queres fazer um estudo. É óptimo a amostra que tu consegues ter online! Tu consegues chegar a 1500 pessoas... basta tu teres um amigo que tem outro amigo e outro amigo e... fazem todos os questionários.

D – Exacto...

J – E, e tem outra coisa boa, que é por exemplo a escolha da amostra, não é?, que acaba por ser muito mais...

D – ...diversificada?...

J – ...diversificada, exactamente.

D – Mas, ao mesmo tempo, quer dizer... se existe uma campanha *No Hate Speech*, isso quer dizer o que o online também tem o outro lado da moeda, que é a agressão, e, e, e... o reproduzir de certos problemas. Como é que achas que funciona a dinâmica, ou seja... por um lado parece muito promissor porque amplia imenso as oportunidades para fazer coisas, como tu estavas a dizer, mas por outro lado parece que também amplifica o lado negativo...

J – E... e eu no outro dia ‘tava a falar com uma amiga minha que... que ‘tá... que é activista do *No Hate Speech*, e ela trabalha na PAR, só que... aquilo é um... pelo que eu percebi, aquilo é um projecto paralelo, que são os próprios voluntários da PAR que

organizam, não, não é, não é o *staff* da PAR que.. que ‘tá, que ‘tá envolvido. E ela tornou-se activista e ela disse que antes de tornar-se activista debateu-se com uma grande questão, e é desta forma que eu te respondo a esta pergunta, debateu-se com uma grande questão de se juntar àquele grupo, que é... Okay, *No Hate Speech*, tudo bem, mas até que ponto é que aqui ‘tamos a falar de liberdade de expressão? Ou seja, ah... até que ponto é que é possível tu encontrares uma linha ténue ou uma linha de separação entre o... o *hate speech* e o... não sei, o *speech* do bom-senso, se calhar. Ah... sem estares realmente a prejudicar a liberdade de expressão do outro. Porque mesmo que não seja uma liberdade de expressão que concorde com os direitos fundamentais, ou com todas as tuas ideologias ou... com tudo o que é de bom para nós, e que vamos aceitar que... aqui, sendo um bocado egoístas, que nós até somos uma pessoa do bom-senso e da liberdade... mas porque é que a nossa opinião vale mais do que a deles?

D – Hmm hmm. Mas achas, por exemplo, que o discurso de ódio... cai no âmbito da liberdade de expressão?

J – E, e... é esse o debate! Eu, por exemplo... não acho. Não acho. Porque, p’ra mim, aquilo é errado, mas... ah... eu também acho que no fundo, essa pessoa, se calhar, porque é que ela não há-de ter tão... tanto direito quanto eu... a dizer o qu’ela, o qu’ela acha?!

D – Okay. Ah... Dentro, dentro do contexto da PAR, e do outro grupo que estavas a falar, desculpa agora...

J – ...da AFS...

D – ...da AFS, ah, estás a pensar em... começar a desenvolver mais alguma acção, ou entrar em algum novo projecto?

J – Online, ou não online?

D – Online, principalmente.

J – Bom... Dessa forma, assim, não. Nós agora ‘tamos a desenvolver uma plataforma um bocado... de, de, de partilha de experiências, do género, os miúdos escrevem um texto, a dizer o que é que é a experiência deles e o que é que ele [*sic*] acham e... e o que é que eles acham e... isso é um bocado... pá, também é um bocado para fazer a publicidade ao programa, mas, a nível online... não. Bom, estou agora envolvida num

outro projecto, mas que também não é bem a questão online... tem a... tem que ver e não tem que ver... que é a... um... um projecto assim meio que de uma editora caseira... ah... mas ainda há muito trabalho para fazer antes do chegar ao online. [risos]

D – Okay! Sentes que aprendeste alguma coisa com essas tuas participações?

J – Claro. Claro, não é? Ah, também me sinto cada vez mais crítica. Ah... Acho que essas participações funcionam um bocado como uma terapia de grupo. Tu muitas vezes vais um fim-de-semana, ou tens aquele grupo com quem trabalhas diariamente, é tudo bué da forte, e criam um g'anda *link* de trabalho só que depois quando saís do meio, e eu tenho trabalhado muito sobre isso, tenho tentado desenvolver umas actividades sobre isso, ainda um bocado sem conclusão, mas que é a questão: tu 'tás ali no teu grupo de amigos, e falam muito e têm muitas ideias e é produzir, produzir, produzir, mas depois quando chega à prática, a motivação perde-se. Não sei se já tiveste este tipo de experiências...

D – Hmm hmm...

J – ...de, ires com um grupo de trabalho um fim-de-semana para fora, chegas cá e ficas muita triste porque foi muita fixe e não sei quê, têm imensos projectos para fazer e depois nunca mais ninguém pega naquilo.

D – Sim... Passando ao... ao tópico seguinte, ah, tu, há bocado, quando estávamos a falar de procura de informação na internet, também mencionaste filmes pornográficos.

J – Sim...

D – E a primeira coisa que eu queria saber em relação a esse tema, era se por acaso tu conheces pessoas que consomem esse tipo de material, ou que já o tenham feito. E aqui, tanto falo de filmes pornográficos, como falo de fotografias, como falo de textos, por exemplo, porque existem, por exemplo...

J – ...sim, sim, sim, sim...

D – ...*fanfics* eróticas... ah... conheces pessoas que o façam?

J – Ah, conheço. Conheço, ah... Bom... ah... Eu mesma, não é? Lá em casa, lá em casa, com... consumimos, ah... Os meus colegas, também falo muitas vezes disso, disso com eles, e até brincamos com o assunto. Há uns tempos andava aí muito na berra,

e lembro-me que tivemos uma... uma discussão engraçada sobre... quando andou aí a época da, da Érica Fontes e da Sasha Gray, tava... era a pornografia era a loucura [risos]. Ah, na parte da leitura, hmm... ou... se calhar não tanto, se calhar não é uma coisa tão habitual que eu faça, não...

D – E esse tipo de conversas que ‘tavas a dizer que, que tens com os teus amigos sobre isso, quer dizer, em que contexto é que surge alguém se pôr a falar de pornografia?

J – Bom... ah... [risos] Lembro-me agora... lembro-me agora de uma vez, que ‘tava cá um amigo meu polaco... já, já aconteceram duas situações idênticas, que foi, uma vez tive cá uma colega minha, ela era alemã, e ela precisava de ir ao computador... e... e eu dei-lhe o computador do meu namorado, do género, “Olha, toma lá o computador”, e ela abriu!... e ‘tava um filme porno! [risos] ‘Tava o máximo! [risos] E... ela ficou assim um bocado atrapalhada, e eu “Olha, é assim, é a vida, amiga, [risos] desliga lá isso e vai lá fazer o que tens a fazer!” E... e depois, com esse meu amigo polaco, foi do género... ah... lembro-me, que ele, ele escreveu “YouTube”, queria escrever YouTube e apareceu YouJizz⁶... E ele, “Ah, YouJizz?”, e eu “Olha, amigo, é a vida!”

D – [riso]

J – Ah... e muitas vezes assim, em conversas, pronto, isto depois foram conversas que pararam, mas lembro-me depois que com, com, com... com o polaco, isto foi assim a meio da tarde, e depois à noite até falámos do assunto... ah... e tiraram-me a máscara, e... e depois... mesmo com os meus colegas, no dia-a-dia, muitas vezes falamos, agora em... em que âmbitos... nem sei bem... ah... a conversa surge, não, não sei, é um bocadinho...

D – Hmm hmm. ‘Tavas a dizer, tiraram-te “a máscara”, em que sentido?

J – Tiraram-me a máscara porque... porque... eu tinha dito... o A___, ele chama-se A___, ah... escreveu lá “YouTube”, ou... escreveu lá “You” e apareceu “YouJizz”, não apareceu YouTube... e eu... naquela também de me querer proteger um bocadinho, disse “Isso, olha, fala lá com o D___!” E depois o, o A___, foi... já não sei porquê, à noite, falámos novamente disso, e eu depois disse-lhe “Não, não era o D___, era eu”, e

⁶ Site de filmes pornográficos feito, como vários outros que também começam com “You” ou terminam com “Tube”, à semelhança estética e funcional do YouTube. Caracterizam-se frequentemente por terem bastante publicidade nas suas páginas, mas não cobrarem por acesso ao conteúdo em si.

depois... ficámos a falar do assunto, falámos lá sobre a Sasha Grey, que é um... uma revolução europeia da [risos]... E pronto! Foi...

D – Porque é que tiveste essa reacção inicial de te protegeres?

J – Pois, não sei! É uma questão curiosa! É sempre um bocadinho aquela... hmm... foi, foi, foi... foi impulso, não, não sei bem porquê, mas porque... se calhar também... o... não é, é um amigo meu que me é próximo, mas se calhar também nunca tinha abordado o assunto com ele daquela forma, e foi um bocadinho... se calhar eu queria fugir da conversa, sim.

D – Hmm hmm. Mas depois à noite, retomaste a conversa. E começaste a falar da Sasha Grey, etc... como é que foi a ponte?... quer dizer, ‘tou a tentar perceber como é que se passou desse, desse...

J – ...como é que foi a ponte?...

D – ...do que aconteceu, para falar da Sasha Grey.

J – Ah, hmm...

D – Não te lembras?

J – Lembro-me, lembro-me que ela... tinha dado há pouco tempo uma entrevista no... no canal Q, no programa da Ana Marco, não sei se conheces...

D – Sim, sim, vagamente.

J – Do... não me lembro do nome daquilo. Ah... E não sei porquê, ‘távamos a falar de pornografia e... falámos um bocadinho... porque ‘tava nas notícias, na altura; ‘tava nas notícias, ela tinha ‘tado cá em Portugal, e tinha ido p’ró “Cinco p’ra Meia-Noite”, e tinha ido p’ra não sei quê, e tinha ido apresentar o livro... e... acabou a pornografia, e acabámos por falar da Sasha Grey, que tinha vindo fazer a entrevista, e... falámos um bocadinho da entrevista, que eu já nem me lembro do que é que ela disse... mas que... pronto, que era um bocado aquele estigma do, do ser uma actriz pornográfica e ter um curso, ou ter... pronto, não ser propriamente “porque preciso de dinheiro, vou fazer aquilo”, ou... desmistificar um bocado a questão da indústria pornográfica, não é?

D – Ah... desmistificar em que sent... quais é que achas que são os mitos?... sobre a indústria pornográfica.

J – Bom, ah... o, o, o mito que eu tenho, por exemplo, da indústria pornográfica, e que vejo muitas pessoas a ter, antes de mais é... é o facto de ser pornográfica, n'ê?... é o facto de ser pornográfica. No outro dia, no outro dia, no outro dia, falava... foi há dois ou... foi ontem ou anteontem, ah... comentei com um amigo meu que... ‘távamos três, três colegas, uma... ‘tava eu, um colega e uma amiga, uma colega, ela não, não, não me dou assim muito com ela, e eu... comentei com o meu amigo, que tinha acabado de ver o *Ninfomaniaca*, que tinha vindo... visto o, o segundo volume, e... e a, e a rapariga “Ah, não sei quê, mas isso, isso é um... um filme, um filme porno, um, um, uma coisa porno, não sei quê”, e eu “Então mas e o porno não pode ser cinema?” “O que é que tem? Não, não, não... não ‘tou a entender.” E é um bocadinho este mito, da, da pornografia ser uma indústria quase... criminalizada, ou como se, se aquela forma de expressão não fosse viável, quer dizer... ah... o *Ninfomaniaca* toda a gente gosta e toda a gente acha um espectáculo, mas ah... quer dizer, se formos a uma página de... de... de... de... com *home-made videos* e vês lá, vês lá aquilo tudo expressado de formas diferentes e se calhar muito mais realistas, não é?, ah...

D – Porque é que achas que há essa, essa dualidade de critérios do *Ninfomaniaca* para os vídeos caseiros?

J – Ah... Mas meus, ou da sociedade?

D – Da parte da sociedade, porque por aquilo que estavas a dizer tu não, não sentes essa dualidade.

J – Bom... Eu acho que é porque... ...porque nós temos um bocado de tendência a ir pelos, pelos *rankings* do IMDB, ah... ‘tás a entender? Temos um bocado daquela coisa do... ah... no outro dia queria ir ver um filme ao cinema, e ‘tava-me a dizer para não ir ver um filme qualquer, que era um filme muita mau. Ah, e eu disse “Então mas, porque é que o filme é mau, o que é que tem?” “Ah, não sei quê, o... o *ranking* do IMDB é mau!” E eu, “Então mas e eu não posso gostar do filme à minha maneira? O que é que tem aquilo ser assim?” Ah, e eu acho que se passa um bocado isso com a indústria pornográfica; ainda, ainda, ainda não saiu do armário, não é? E... e pronto, e porque okay, sempre houve uma indústria pornográfica, ah... boa e... com um... vamos dizer,

com um... com... qualidade, por assim dizer. Mas também há muita coisa, e se calhar é a coisa que mais há, se não souberes fazer uma pesquisa, é tralha. E se calhar essa tralha, para muitas pessoas, não, não se identificam e acabam por... mistificar aquilo, não é?

D – E como é que se faz essa boa pesquisa?

J – ...É muito tempo na internet, não é? [risos] Sei lá, é tu ires procurando coisas novas! No outro dia, há uns tempos... e acho que isto até, até, até saímos disto, foi com o *Público*, qu'apareceu um novo site porno, uma coisa fantástica, que é o PornIQ⁷. Conheces?

D – Sim.

J – Pronto. Ah... se calhar este tipo de coisas, não é?, não teres propriamente aquele site de fundo preto, coisas... vermelhas, ali... porrada em todo o lado, e... *wanna grow your penis?*, e... *big boobs* e... pá, ter uma coisa um bocadinho mais... ah, real, da coisa... não ser uma coisa tão *fake*. Não ser a coisa do *X-Art*, não é?, que é... na praia, loira, de olhos azul, uma Barbie e um Ken; mas também não é preciso ser ali... um extremo da coisa, de... encontrar um meio-termo, não é?, e um meio-termo é um meio-termo onde várias pessoas se identifiquem, não digo que tenha que ser o meu nem o teu nem o de outra pessoa, é... isso... requer tempo, requer a pesquisa, e também tens que te ir... ir identificando com as coisas que vêes, não é?

D – Portanto achas que é possível ser, ah, digamos que um consumidor criterioso...

J – ...claro que é!

D – ...de pornografia?

J – Da mesma forma que queres os filmes, não é? Tu, se gostares do Lars von Trier, vais lá ver o outro, se gostares do Gaspar Noé, vais procurar os filmes, ah... E o mesmo acontece com a pornografia, e com... e com os livros, e acontece com tudo isso, não é? Ah... é o *suggestions*.

⁷ Site agregador de vídeos de pornografia.

D – Achas que essa, essa atitude mais negativa que existe, do ponto de vista social, em relação à pornografia, tem alguma coisa que ver com... sei lá, com conservadorismo, por exemplo?

J – Claro. Eu acho que muitas vezes esse conservatorismo [*sic*] até nem é... nem é... pensado, não é... é, é um impulso, ‘tás a entender?, não é... é... voltando àquela questão, da... ‘tava, ‘tava ainda há um bocado a falar da minha colega que ‘tá com o namorado há não sei quanto tempo e que não... que aquilo não ‘tá a resultar. Quer dizer... já tão juntos há tanto tempo, há uma altura que tem que dar um passo... sobre aquilo que eles são, sei lá... vira, vira o corpo. Vira o corpo, faz uma coisa que te faça sentir uma coisa nova. E acho que o que se passa hoje em dia, é que as pessoas cada vez vão mais aos favoritos. Tu vais lá, tens o Facebook, tens o GMail, tens o... tens o blog que lês, e não passas daquilo, não é? Tanto a nível social... no dia-a-dia que tens o teu grupo de amigos, e que vives na cidade, e que há muito menos probabilidade de se calhar fazeres outras amizades, de te cruzares na rua e “Olha, vamos ser amigos”... e depois tu chegas a caba [*sic*] e pronto, também tem com a... com o... com os teus pais, mesmo com o teu grupo de amigos, com a abertura que eles têm, ah...

D – E alguma vez alguém já veio ter contigo, ou já falou contigo, de ter visto algum conteúdo erótico ou pornográfico e ter ficado incomodado com isso, e ter vindo desabafar contigo?

J – ...bom... Sim, penso que sim, não é? Todos nós nos deparamos com coisas que às vezes não nos identificamos. Ah, até mesmo eu, e... sim, sim, sim.

D – E o que é que tu disseste à pessoa na altura, tens ideia?

J – Eh pá, “põe outro disco”, ou seja... Ah... não me ‘tou, não me ‘tou a lembrar de nenhuma situação em específico, sinceramente, ah... mas... e claro que há, há formas e formas de incomodar... ah...

D – Que formas são essas?

J – Ah... Por exemplo, sei lá, agora ‘tou-me a lembrar, nunca, nunca, nunca me aconteceu isto, mas... vamos supor um filme porno com uma criança. Ou com uma adolescente. Ah, isso aí incomodava-me! E acho que, pronto, se ninguém tiver... ah... se ninguém tiver uma atracção por crianças, se ninguém tiver... ou seja, uma pessoa que

não tenha isso, sente incomodada com o assunto, não é? Ah... O que é que se pode fazer? Aí está, é complicado, não é? Faz-se o *report*? Faz o quê?

D – Pois... E aquela ideia, aquela ideia, neste caso, não é uma ideia, é mesmo uma questão legal, de que é suposto uma pessoa ter 18 anos para...

J – ...poder... ver pornografia? Porque é que é? Porque é que... por causa do conteúdo? De... da nudez e disso tudo?

D – Sim...

J – Para além de isso ser uma barreira... na minha opinião, praticamente insignificante... porque tu chegas lá e perguntam se tens 18 anos e se tiveres carregas no sim, e se não tiveres carregas no não... Claro!... Quando comecei a ver a porno carregava no sim e não tinha 18 anos [risos]! Ah... Eu, eu por um lado compreendo, porque são coisas que têm de ser tabelizadas. São coisas que tens que ter em conta, porque neste caso, se calhar, fui ver e tudo bem, mas... há outras pessoas que, às tantas, também não vão à procura daquilo. E acho que também é preciso haver um perímetro de... vamos dizer, de segurança, ah... Acho é que ele tem de ser feito de outra forma, e... como começámos a conversa, da forma da consciencialização, ou seja, não é... não vamos... só o porno... mas vamos ver o porno e tentar... encontrar o nosso gosto, ou tentar encontrar aquilo com que nos identificamos, e se calhar dessa forma até apagar a produção daquilo que não é... ...okay, *moral*, vamos-lhe dizer.

D – A haver essa protecção e essa barreira, imagino que não concordes com os 18 anos...?

J – Aí está, é-me indiferente, sinceramente, é-me indiferente... não concordo nem discordo porque nunca me afectou. Nunca... nunca me afectou... porque no fundo eu nunca senti essa barreira, eu chegava lá e era mais um clique que eu tinha de fazer.

D – Portanto, achas irrelevante aquilo estar lá ou não.

J – Acho irrelevante aquilo ‘tar lá ou não, sinceramente...

D – Okay...

J – Fazem aquilo por uma questão meramente legal, mas é facilmente ultrapassada.

D – Porque é que achas que se escolheu os 18 anos... portanto a idade da maioridade, não é?

J – Tinha muito mais lógica ser, por exemplo, aos 16. Não é?

D – Porquê aos 16?

J – Porque vamos... vamos considerar que é a linha tênue da sexualidade, na adolescência, não é? As raparigas muitas vezes começam mais cedo, os rapazes, mais tarde... ..mas... mas pronto... é mais, mais por essa... mais por essa questão, do... do próprio crescimento; claro que podem ser mais precoces, e outros mais demorados, ah...

D – Achas que isso, de as raparigas começarem mais cedo e os rapazes começarem mais tarde, também se aplica, por exemplo, a consumir e a ir à procura deste tipo de material?

J – Pá... ..eu falando... falando por mim, por, por aquilo que vejo... e acho... não sei... e, e, e já agora, que tu ‘tás mais envolvido nisso, diz-me, diz-me se eu ‘tou, se eu ‘tou correcta ou não, ah, mas acho que... mesmo que tenha vindo a crescer, e que haja muita emancipação neste momento, no papel da mulher, a procura de filmes porno... na, na, na, na... na amostra feminina, ainda é muito menor, do que a procura de filmes porno na amostra... de homens, masculina, não é?

D – Porque é que achas que isso acontece?

J – Porque acho que, apesar de... das raparigas, ah, começarem a aperceber-se das coisas mais cedo, da mudança do corpo, da... ah... o... o intuito sexual, mesmo assim, vem muito mais tarde do que vem nos homens. Ah... não... não conheço... tenho amigas minhas a quem ainda hoje em dia é um estigma falar sobre a masturbação, ah... enquanto que os homens... e, e, e... começaram a ficar mulheres muito mais cedo!... enquanto que os homens mal começam a ficar, ah... os rapazes, mal começam a crescer, têm logo a coisa da masturbação, do... muito mais que a rapariga, não é?

D – Porque é que, na tua opinião, pelo menos, porque é que as pessoas vêem pornografia?

J – Bom... Eu vejo pornografia também um bocado, uma coisa de aprendizagem, não é?, uma coisa de libertação, e de apenderes, e de explorar, é uma forma de exploração, não é? Ah... Penso que muitos deles também vêem pela... pela masturbação, não é?,

pela, pela excitação que aquilo dá, e por, por, por, assistires àquilo, não é? E acho que é mui... eu acho que é muito por estas duas coisas, não é? Ah...

D – O... O que é que a pornografia já te ensinou, a ti?

J – Bom... Sei lá, várias coisas, de... de, da componente sexual, não é? De... de coisas que se fazem, sei lá, desde posições a formas de estar, ah... mais, mais a, a, a coisa construtiva, não é?, a coisa figurativa da questão.

D – Ah, há bocado estavas a falar de... do realismo, que... certos filmes caseiros podiam ser até muito mais realistas do que um Lars von Trier. Ah, achas que o realismo é uma questão importante, na pornografia?

J – Aí está, depende, depende dos gostos, não é? Por exemplo, ah... com certeza que, por haver tantos filmes assim, eu acredito que muita gente goste daqueles filmes onde há uma... ah... ‘tou em casa, sozinha, e aparece o mecânico [*sic*], pronto, e o mecânico [*sic*] vai lá p’rós canos e eu fico lá na bancada da cozinha e pumba pumba. É assim, quem diz isto, diz a história das enfermeiras, diz a história dos polícias, das salas de aula, tudo isso, não é? Por haver tanto isso, eu acho que há pessoas que procuram isso. P’ra mim... que eu não me identifico assim com aquilo, não quer dizer que não possa retratar aquilo, ou que não possa fazer aquilo pela... pela excitação, ou pela brincadeira que aquilo é, não é? Ah... Para mim, a questão do, do que se passa mesmo, porque no fundo a, as nossas rotinas, e... falando dum casal, falando duns amigos que de vez em quando lá se encontram, falando duma queca casual, ah... Quer dizer, eu não... não vou pôr uma mini-saia nem umas meias, não é? E por isso a parte realista, acho que é mais interessante. Por ser aquilo que tu consegues retratar, na tua rotina.

D – E achas que as pessoas também podem aprender coisas erradas com a pornografia?

J – Acho. E é, por exemplo, eu tinha uma professora minha, do... do intercâmbio, que era... era uma professora; eu gosto muito dela... era professora de inglês, e era americana, tinha-se casado com um checo, e era super-religiosa, católica. Eh pá, eu lembro-me de uma vez eu ‘tar em casa dela, e de repente ter aparecido uma conversa, já não sei porquê, que ela achava que a pornografia era uma indústria que apagava todos os valores porque... porque era bruta, porque não retratava as coisas como elas eram! E eu concordei, parcialmente, e discordei... na medida em que eu me... me identifico com a coisa, e... eu acho que é a parte negativa, que é a tal coisa do... do falar na escola,

ah... do, uma pessoa que não seja aberta, que nunca tenha ‘tado com um rapaz, ou com uma rapariga, ou um rapaz com um rapaz, que nunca tenham ‘tado a exprimir-se sexualmente, chegar-se ali e veres... a maioria dos vídeos que tu encontras muitas vezes; aí está, se não souberes seleccionar, se fores a um site como o YouJizz ou como o RedTube, ou como essas coisas todas, a primeira coisa que tu vês é uma coisa um bocado máscara, não é?... Uma coisa um bocado... não, não digo violenta, mas que não, não é fácil as pessoas exporem-se assim, não é? Não é fácil tu vestires o fato, não é fácil pores-te de quatro, não é fácil... pores um... um pénis na boca, não é fácil aquilo tudo, e é dessa forma que eu acho que, sendo realista... se calhar é mais compreensível às pessoas.

D – Tu começaste a procurar este tipo de material, por volta de que idade, lembras-te?

J – Eu lembro-me que, de que... de começar a procurar pornografia mesmo por curiosidade do, do que era o sexo, por volta dos 14, 13, 14 anos.

D – E sentes que também foste influenciada por essa visão pouco realista das coisas, ou foste logo à procura do material realista?

J – Bom... Eu vi... Eu, eu, foi assim, eu tive, eu, eu, eu, eu procurei, e depois durante muito tempo desliguei-me. Desliguei-me do assunto e só mais tarde, ah, só p’raí aos 17, de anos, é que voltei a pesquisar, ah... e aí também já ia com uma parte muito mais crítica. Ou seja, eu comecei a procurar por aquilo que era, okay, como é que isto funciona?; depois tive um... processo, evolução, não é?, de, aprendi as minhas coisas, depois voltei a procurar e fui à, àquelas que me davam jeito, com, com que eu me identifico.

D – Porque é que houve esse período de pausa, aí no meio?

J – Aí está, porque não me identif... não, não era, não me identificava, mas era aquela questão de... e aqui vou, vou ser muito clara, se calhar enquanto que os rapazes vão procurar um filme pornográfico para se masturbarem, eu... não tinha essa necessidade ainda, essa necessidade para mim veio muito mais tarde. E eu acho que foi por isso, porque não se aplicava!, na minha rotina.

D – Claro, claro... E situações, por exemplo, em que... ‘tamos à procura de uma coisa perfeitamente inócua no, no, no Google, por exemplo, e surgem imagens, ou ‘tamos

num site e de repente vem um pop-up, também já te aconteceram situações destas? Ah, já alguma vez te aconteceu isto em público?

J – Acho que sim.

D – Por exemplo, estares na escola, no secundário... ?

J – Sim, sim... sim, acho que sim. Ah... e “hei, hei, hei”, a boquinha, olha... “desculpa lá, mas ah... não tens nada a ver com isso”. Não... Foi uma coisa... foi uma coisa que apareceu e olha.

D – Mas sentiste-te confrangida na altura, ou...?

J – Eu acho que o meu impulso, provavelmente, foi apagar a janela, não é? Não... não vou mentir acerca disso. Foi provavelmente, “hei, hei, vamos aqui apagar isto antes que alguém note”.

D – Exacto. E no teu hábito, do dia-a-dia, isso ainda te acontece, aparecerem esses pop-ups e assim?

J – Não, porque hoje em dia já tenho um Adblock [riso].

D – Portanto, também foste à procura de uma maneira de resolver esse problema.

J – Bom, não foi... não foi por ser esse problema em concreto, não foi por aparecer... aquilo, ah... o conteúdo sexual, ou... foi por aparecer o conteúdo sexual, aparecer o conteúdo das apostas online, aparecer o conteúdo do “clica aqui” mil e quinhentas vezes...

D – Portanto, tudo o que tenha que ver com publicidades?

J – Tudo o que tenha a ver com publicidade, eu... Também por causa da questão dos vírus, e tudo isso, não é? Porque, no fundo... fico mais protegida.

D – Exacto. E... alguma vez te sucedeu uma situação em que estivesses com a tua turma, ou com um grupo de amigos, e toda a gente fosse ver um filme qualquer, por piada, ou...

J – Sim... Um filme pornográfico?

D – Um filme, ou um excerto de um filme.

J – Já, acho que já aconteceu, sim...

D – Em que... lembraste do que é que aconteceu, em que contexto é que foi?

J – Bom, ah... foi provavelmente no típico contexto de gozo, não é? De... há uma coisa qualquer que ‘tá na, sei lá... Eu nunca vi esse filme, mas ah... e nessa altura até me... levantei-me e fui, fui fazer outra coisa qualquer... um filme, por exemplo, *Two Girls, One Cup*. Não é? Que andava tudo na berra, ah... Coisas mais simples, do género, eu lembro-me também, e aí esse vi, do... aquele vídeo que andou aí na berra, do Castelo Branco... lá com o outro casal... hmm, pronto, pequenas coisas assim.

D – Disseste que te... te levantaste e foste fazer outra coisa, quiseste sair da situação, aquilo incomodou-te, ou...?

J – Não... não ‘tava interessada em ver. Já sabia o qu’ é qu’era o filme e não... não era uma coisa que... eu ficava ali, não, aquilo não, não me ia dar input nenhum. Eu já tinha uma ideia daquilo na minha cabeça e preferi... ficar com a ideia, e não...

D – Exacto... Mas isso foi... foi em contexto de grupo, então, estavas a dizer?

J – Sim, sim, sim.

D – E qual é que foi a reacção das pessoas que de facto ficaram lá a ver?

J – Ah, “vê lá, e vê lá”, e não sei quê... Eh pá, e eu não... Foi um bocado a pressãozinha dos... pressão de grupos, não é?, pressão de pares... ah... E eh pá, eu não liguei, não...

D – Mas não te afectou?

J – ...não...

D – Hmm, okay. E alguma vez alguém, ah, já... que é um bocado a pergunta que eu fiz há bocado... mas já alguém se mostrou afectado depois de ter visto, por exemplo, uma cena dessas? Imagina que, depois dessa cena... a minha pergunta é se alguém veio falar contigo e, e veio dizer “ah, eh pá, não gostei nada de ver aquilo”, ou assim?

J – Aí neste caso específico, do *Two Girls, One Cup*, eu acho que não houve uma pessoa que gostasse de ver aquilo, não é? Tu tens as reacções na internet, e fica tudo... [riso] Ah... Eu acho que... pronto, por um lado eu construí a minha ideia, sabia que

aquilo não me interessava, sabia que aquilo era um... uma daquelas coisas virais, e então, pronto...

D – Mas então as pessoas vão ver de propósito coisas que sabem que não gostam.

J – E eu às vezes também faço isso, não é? Toda, toda a gente... e tu vês isto todos os dias quando vês os comentários na internet, vês coisas que não gostas, ah, mas também é um bocadinho p'ra saberes aquilo que falas, não é? Tu... e é neste caso do *Two Girls, One Cup*, se calhar esta, esta coisa... este, este paradigma não se associa bem aqui, mas é, tu não te [*sic*] podes dizer mal, sem conheceres. É um bocado o conhecer os dois lados da questão.

D – Claro... Achas que se... de repente, toda a pornografia desaparecesse da internet, perdias alguma coisa, ou sentias falta de alguma coisa?

J – Acho que sim! Não, não acho que fosse afectar... não acho que fosse afectar a minha rotina, mas acho que ia pensar que... eh pá, olha, agora se calhar ia bem. E se calhar aí, se calhar aí ia tentar encontrar uma outra forma, sim; se calhar, ia tentar dar a volta à questão.

D – E também... também afectava a tal transmissão de informação positiva? Achas que se perdiam modelos de, de informação e canais...

J – ...sem dúvida, sem dúvida!...

D – ...de informação?

J – Sim...

D – ‘Tavas a dizer que tentavas dar a volta. Como é que fazias isso?

J – Ah... Bom... Ah... No outro dia, ando a ver uma série que é o *Battlestar Galactica*, conheces?

D – Sim.

J – ‘Tou a adorar aquilo! E entretanto ‘tava um episódio sobre um mercado negro, sobre... entretanto eles ‘tão lá todos nas naves espaciais e há um mercado ilegal, não é?, as coisas ilegais e o, e a troca ilegal das questões. Ah, e uma das questões com que lá os, os comandantes e os presidentes daquilo tudo se debateram foi, ah... não vale a pena

acabar com isto, porque isto vai continuar a haver, nós assim desta forma sabemos os rostos, sabemos as caras, quando houver algum problema sabemos onde dirigir, que é muito mais fácil do que agora ‘tar a criar uma proibição, e... e isto comecem a ser fantasmas. E eu acho que é um bocado isto que... que se passa, com qualquer proibição que anda por aí, não é? A questão do mais vale haver, e tu consegues controlar.

D – Hmm hmm. E faz falta, por exemplo, ah... formar as pessoas, para saberem ver pornografia? Formar, no sentido de educar.

J – Eu acho que há coisas muito próprias. E a, a, a índole sexual é uma delas, não é? São coisas que são muito privadas, e que tu desenvolves com os teus parceiros, com... pronto, com as tu... com as pessoas com quem te envolves. Ah... eu acho que não deve haver um estigma do filme que tu gostas, ou do filme que tu deves ver, não é? Do filme... que é o bom-senso... se tu gostas das miúdas da escola, e das enfermeiras, vais p’rás enfermeiras, se gostares de ver as miúdas com molas e com não sei quê, vais ver... acho é que é importante tu consegues identificar-te naquilo, não é? E... e identificando-te naquilo, ah... a minha liberdade acaba quando começa a do outro, e viver em comunidade, não é?

D – Claro, claro. Porque é que achas que as pessoas fazem esses filmes profissionalmente? Os actores e as atrizes em si? O que é que achas que motiva uma pessoa a ser actor ou atriz pornográfico?

J – Bom, é assim... Eu acho que... muita... acho que... a questão principal, e questão que é mais debatida e que toda a gente tem essa ideia, é a questão do dinheiro. E que eu acho que... não sei se é assim tão correcta, porque... eu não acho que tu... ou és muito boa, ou és muito bom, e ganhas imenso dinheiro, mas até chegares àquele patamar, hás-de ter que andar ali muito tempo a, a, a... trabalhar. Também deve ser uma questão de gosto!... e eu apostava mais por aí, por... gosto, depois, eh pá, claro que não quero entrar por aqueles filmes, que eu não sei se são verdadeiros, se não, do... do... *Couch*, do *Casting Couch*⁸, dessas coisas todas, e da... ah... pronto... não vale a pena entrar pela questão feminina e por essas coisas todas, não é?

D – Pela?... desculpa, não ouvi.

⁸ Série de vídeos pornográficos em estilo *reality show*, cuja narrativa se baseia num falso *casting* para aspirantes a atrizes pornográficas. Tanto quanto se sabe, porém, os vídeos são encenados.

J – Pela, pela questão da... da escravidão sexual feminina, e tudo isso. Acho que isso depois são, são... são debates que, neste contexto, são diferentes. Mas acho que... ou seja, o porno, ah... o, a indústria pornog... pornográfica, ah... vamos chamar de boa-vontade, ‘tá-me a faltar a palavra, acho que é uma questão de gosto!, e também de... de fama, de, de, as pessoas gostam daquilo, pelo dinheiro e por tudo isso.

D – Hmm hmm, okay. O último elemento do meu estudo tem que ver com a troca e partilha de, de mensagens sexuais entre pessoas, por telemóvel principalmente, seja texto, seja de imagem. Ah, e eu já tive várias pessoas a relatarem-me situações, ah, de situações de pessoas que elas conheciam, ou com quem conviviam na escola, que tinham mandado uma imagem, por exemplo, uma namorada a um namorado, e depois a imagem tinha acabado...

J – ...por, por... sim, sim...

D – ...por circular. Já tiveste contacto, mesmo que indirecto, com alguma situação dessas?

J – Já.

D – O que é que aconteceu? Lembras-te da história?

J – Bom, ah... Lembro, lembro... Eu, eu não fui directamente afectada porque não, não tive nada a ver com o assunto, mas amigos próximos meus foram. Uma rapariga, da minha escola do secundário, que foi fotografada... a mandar uma queca... entretanto a imagem começou a circular, ah... e ela dizia que não era ela... ‘tava o cabelo a tapar, eu vi a foto, pronto... entretanto, pronto, toda a gente dizia que era ela, se era ela ou não... sinceramente, eu não, não, não me cheguei a aperceber se era, se não era, ah... isto depois até foi para tribunal, porque, por divulgação de não sei bem o quê, aquilo, pronto, não podiam ter feito aquilo, ah... e foi um bocado essa situação, tive amigos meus em tribunal por causa da questão... ah... achei errado, achei errado, ah... achei errado aquilo que se fez, ah... eu própria vi a foto, ah... são coisas que as pessoas não, não, não, não... não conseguem controlar, não é? Supostamente, eu acredito que ela quando ‘tava a fazer ali aquilo, não ‘tava à espera que a pessoa com quem ela ‘tava... mas isso são, são problemas deles, são filmes deles, são... não, não tenho que me meter no assunto, não tenho que fazer julgamentos morais sobre o assunto... ah... mas acho que... quer dizer, qual é que é o interesse? Não... não... é p’ra quê? É p’ra ir gozar com

a miúda? Quer dizer, todos nós já tivemos situações mais ou menos confortáveis de, de parceiros com quem tivemos, e pronto...

D – E ela acabou a ser gozada publicamente?

J – Ah, não, aquilo... aquilo deu mais trabalho para quem não... para quem tinha espalhado a foto. Tiveram de pagar imenso dinheiro e tinha... lembro-me que era à volta de para aí 4 mil euros por pessoa, ah... depois, por causa dos psicólogos e dessa, e dessa coisa toda e que...

D – Normalmente quanto... ah, desculpa, mais ou menos quantas pessoas é que estavam... é que acabaram envolvidas directamente nessa situação?

J – Eh pá, eu não!... eu não, é assim, eu não... quero dizer... eu não, não, não faço ideia, mas eu... eu digo, ‘tavam à volta de cinco, dez pessoas envolvidas.

D – Que espalharam e ajudaram a espalhar?

J – Que espalharam... espalharam a foto.

D – E entre os amigos, entre as pessoas que as conheciam, qual é que foi a atitude das outras pessoas, em relação a esses que espalharam as fotografias?

J – Bom, eu acho que havia os dois lados, não é? Havia o lado do que... ela não tinha que fazer aquilo, e ela tem que saber com quem é que ‘tava, e essa, essa coisa toda... e havia o lado do eh pá, mas... mas vocês ficavam calados, meu. Qual é, qual é a coisa? Isto é um problema dela, não é um problema nosso. E aí... Recebia... Eu, eu, eu própria, vi a foto... nunca a tive em minha posse, nunca... nunca, nunca a quis ter, nunca, nunca a quis ter, nunca, nunca achei, nunca ‘tive interessada em tê-la... ah... e chamei à atenção das pessoas que me mostraram, para... p’a ficarem quietos! Ah... “Vocês não têm nada a ver com isso, p’a que é que se ‘tão a meter num problema desses?”

D – Mas achas que a atitude deles ao partilharem a foto foi, digamos que, a mais criticável? Ou o problema foi principalmente de ela ter deixado que a foto fosse tirada?

J – É assim... ah... ...quer dizer, isso é um julgamento... eu, p’ra mim, é mais errado os outros terem passado a foto, ou soa-me pior... porque acho que ainda ‘tão a ser mil

vezes pior do que o bacano que tirou a foto! Quer dizer... mas, mas isso é o meu julgamento sobre a questão, não é?

D – E... e tu própria, alguma vez, participaste, nalguma coisa desse género? Ou seja, alguma vez recebeste imagens de alguém...

J – ...não, não, não...

D – ...ou alguma vez enviaste alguma imagem tua?

J – Ah, imagens minhas já enviei!, mas... Ah, e sim, ou seja, ah, entre, entre pares, não é?...

D – ...sim...

J – ...entre relações, já o fiz. Agora fora da, da, da relação, não.

D – Mas e porque é que fizeste isso, nessa relação, ou relações; em que o fizeste, porque é que o fizeste?

J – Bom, lembro-me que na altura tinha um namorado que... foi passar p'raí um mês fora, assim, ou um mês e meio... e pronto, foi um bocado nesse... nessa... nessa onda. Ah... e depois, pronto... hoje em dia, por exemplo, as mensagens que mando, de cariz sexual, são... muito mais numa de brincadeira e de boquinhas, do que propriamente de... conteúdo explícito, não é? Ah... Na altura... Bom, quando era mai' nova, eu ainda sou bastante nova, mas... ah... era um bocadinho quase naquela coisa da, da criança, quase, da, da descoberta, não é?, do “ai, ai, ai, olha isto, olha aquilo”, não é?

D – E sentes que estás segura, quando fazes esse tipo de envios?

J – Bom, aí está, hoje em dia já não... já não faço. Na altura, quando fiz, ah... n... sei lá, não me sentia segura nem insegura, entretanto eu... tenho... o conteúdo já deve ter desaparecido, não ‘tou... não ‘tou preocupada com, com o assunto. E... e depois pronto, também sempre tive parceiros, ah... fixes! [risos] ...Por assim dizer!

D – Mas então não sabes se eles ainda têm ou não têm as tuas imagens?

J – Não, não têm, não têm... Não têm...

D – E achas que há alguma maneira mais segura de fazer isso? Achas que é possível tomar precauções, quando se faz isso?

J – Bom, fazer pessoalmente! Acho que essa é, é, é, é... [riso] a precaução máxima!

D – Não, mas fazer, neste caso, fazer o envio, o próprio envio.

J – Fazer o envio... Não! Ou seja, tu ‘tás sempre... digo eu!, acho que ‘tás sempre dependente... daquilo, não é? Então hoje em dia... as coisas, isto é assim, então pela internet, aquilo ‘tá sempre lá cadastrado, não é? Se tu enviases um... comunic... um, um, um requerimento para o Facebook, consegues ter todas as tuas coisas que já vieram, e foram, e foram e vieram. Ah... Ou seja, se calhar não ‘tá tão acessível, se eu apagar no Facebook, apago, mas se calhar no longo prazo, ‘tá um bocadinho mais exposto!

D – E se alguém viesse ter contigo e te viesse pedir algum conselho, alguma, alguma dica, para fazer este envio de imagens, mas de uma forma que seja minimamente segura, o que é que tu dirias à pessoa?

J – Sei lá, tu hoje em dia... Hoje em dia, por exemplo, com, com estes telemóveis tu já nem precisas de tirar, guardar a foto; fazes um *print-screen*. Guardas a foto, tiras um *print-screen*... Eu ligo o meu telefone ao computador e automaticamente aquilo me passa as fotos para o Dropbox. Já tentei mil e quinhentas vezes parar aquela passagem, não sei como é que hei-de parar aquele envio para a Dropbox das fotos, aquilo só me ocupa espaço! Quer dizer, eu acho que tu hoje em dia não consegues fazer isso de uma forma segura!, não é? Não sei... Só por curiosidade, já te responderam a esta forma com... a esta pergunta com... com, com respostas eficientes, realmente com ideias?

D – Já... já houve pessoas a dar ideias e sugestões, sim.

J – E posso só perguntar que género de ideias ou sugestões?

D – Ah, existem, por exemplo, uma ou duas plataformas hoje em dia que permitem o envio de mensagens, de imagem ou de texto, que se apagam automaticamente passado x segundos ou x minutos. Por exemplo.

J – Mas aí está! Há uma aplicação, e ainda há bocado falávamos das redes sociais, não sei se isto é uma rede social, que é o Snapchat⁹, conheces?

D – Sim.

J – Pronto, mas eu posso fazer um *print-screen* no Snapchat!

D – Sim, algumas das pessoas falaram do Snapchat.

J – E a, e a, e a, e aparece, ou seja, tu quando me envias um snapchat, se eu fizer um *print-screen*, tu sabes que eu fiz um *print-screen*. Mas o *print-screen* está feito! E aquilo ‘tá no meu poder... Ah... ou seja, e é aí que eu digo que, se calhar, as coisa são um bocado ineficientes, não é? A não ser que mandes uma foto... por correio ou assim. E mesmo assim!...

D – Aí podes digitalizar a foto, não é?

J – E se calhar, se a foto for queimada, ou rasgada, ou não sei bem o quê... Se calhar é melhor queimar, porque rasgada ainda vai lá!

D – Com fita-cola... Portanto, não existem formas perfeitamente seguras, nem realmente seguras, de o fazer?

J – Penso que não... Eu penso que não... não, não, não... hoje em dia já não, já é muito difícil.

D – Ah, achas que, que é possível fazer alguma coisa para tentar combater aquelas situações em que alguém, indevidamente, partilha uma foto que não devia ter partilhado?

J – Eu já me bati com essa coisa, pá. Não dá! Não dá... Eu, houve uma altura no Facebook, houve uma semana... que... foram para aí duas semanas, que me adicionaram sistematicamente a um grupo, que era... um grupo no Facebook para... que tu punhas lá uma foto, tua... rapaz, rapariga... se fosses rapaz, metias o peito à mostra, e se fosses rapariga metias as mamas à mostra, não sei quê, eh... “cem likes; dêem-me likes e eu vou-vos pôr likes”, coisas assim. Eh pá, e aquilo era um conteúdo completamente sexualmente explícito. Okay, não ‘tavam ali a mandar quecas, mas ‘tava

⁹ Aplicação de rede social que permite o envio de mensagens de imagem, vídeo e/ou escritas, mas de cariz efêmero; direccionada para os *smartphones*.

ali um... uma coisa ainda mais feia do que sei lá o quê, que era as raparigas “ah, não sei quê, quero uns likes e... a quem, a quem me puser likes eu vou à webcam”, e coisas assim. E eu denunciei a página... Eh pá, porque achei que aquilo não tinha coerência nenhuma, denunciei a página. Duas vezes! E por duas vezes o Facebook me respondeu que... a minha queixa não estava fundamentada! Que aquilo não era... não, não, não identificaram o problema! Pá, quer dizer, não identificam o problema nessa merda, e identificam o problema em duas miúdas a dar um beijo?!

D – Porque é que achas que isso acontece? Que identificam o problema numa situação e não noutra?

J – Acho que também deve ter a ver um... com o... com o movimento da página... Porque, por exemplo, aquela página, tinha, pá... Ah... Eu tinha ideia que estas coisas existiam, e vejo nos miúdos, e aquilo era... aquilo era essencialmente gente nova, miúdas, sei lá, entre os 14 e os 20 anos, não sei, e tinha ideia... Eu vou a Facebooks de raparigas que, que conheço, de vista e colegas minhas, e vejo fotos com 300 likes... Eh, pá! E depois, percebo um bocado a situação, não é? E o movimento todo que aquela página deve ter... Às tantas vale a pena, do que ter... duas raparigas a dar um beijo!, ah... que tens, não sei quantos likes, mas que há um fulano que diz que não gosta, e pronto.

D – Hmm hmm. Achas que pode ter também que ver com uma certa postura homofóbica, do próprio Facebook, enquanto empresa?

J – [suspira] Eu acho que não! Eu acho que não! Eu, eu, aí está, eu acho que não, porque eu não, não, não... não sei se é por inocência minha, mas eu também não acredito que haja, que haja essa postura deles, estás a entender? Não acredito que no espírito deles, esteja essa postura. Eu acho é que aquilo deve ser feito automaticamente, e o sistema não reconhece este tipo de situações, não é?

D – Hmm, okay. ...Bem, assim muito por alto, era mais ou menos este... estas as coisas de que queria falar, até porque já estamos assim um bocado mais esticados do que àquilo que eu te disse, não te quero atrasar.

J – Eu não faço ideia, que horas são?

D – São... É 1:38, portanto tens que te ir embora... Queria só saber se tens mais alguma coisa para acrescentar... ou alguma coisa que queiras dizer...

J – Não... Ah, pronto, ah... gostei da entrevista, também era mais ou menos aquilo que eu ‘tava à espera, sim, hmm...

D – O que é que te motivou a... a participar na entrevista?

J – Ah, a... o que... há duas coisas que me motivam a participar neste tipo de coisas. O primeiro é o... eu também gostava de ter resposta, e há esta necessidade de... tu p’ra teres um estudo ou p’ra fazeres um estudo, tens que... ter material! E depois, claro que também... também me identifico com o tema, não é? Isto é uma luta pela qual... eu também, eu também faço um bocadinho... de todo este tipo de lutas diariamente, não é?... Da... desmoralização da sociedade, não é?

D – Achas que faz falta falar mais sobre isto com os jovens, em particular?

J – Eu acho que os problemas são tantos...E... e cada vez me deparo mais com... com situações... eu, eu, eu... eu sou muito próxima... o meu namorado, por exemplo, trabalha numa casa de acolhimento temporário... ah, a miúdos, que são tirados aos pais, e que vão para os lares de acolhimento... E... e há certos problemas que são tão enraizados... que apesar de isto para mim ser um grande debate, também é um debate um bocado elitista em certos sentidos. ‘Tás a entender? Ah... Porque no fundo, apesar de ser esta a causa, nós também já somos privilegiados. Não é que sejamos privilegiados, não, não ‘tou a querer dizer, não, não ‘tou a querer dizer que somos uma elite, neste contexto, mas acho que... para este trabalho continuar a ser feito, há um trabalho de *background* que tem que ser mil vezes mais feito, e se calhar feito de uma forma muito mais forte. Ah... e a expressão sexual é uma delas... A expressão sexual é uma delas...

D – Pronto, obrigado!

ANEXO 47

Entrevista 008 – 18/06/14

Respondente: Subject A, 20 anos, género feminino; estudante universitária originária da Madeira, que vive em Lisboa

Local: Café Linha d'Água

Daniel – Portanto, como eu estava a dizer há bocadinho, há cerca de um ano preenchestes um, um questionário online. Lembras-te de como é que chegaste até ele?

Subject A – Ah... Eu não tenho a certeza, mas acho que foi através da... de, da mailing list da Faculdade, da FCSH, que reenvia para... quando são este tipo de questionários de alunos e projectos de alunos. Eu *acho* que foi através disso.

D – Hmm hmm, okay. Ah...

SA – ...não tenho a certeza...

D – E lembras-te, na altura, o que é que te levou a querer responder ao questionário?

SA – Porque achei, achei mesmo muito interessante. Achei que é um assunto que não está muito trabalhado, especialmente cá em Portugal, ah... e... achei interessante, ver... e... sobretudo aceitar continuar a receber informação sobre isso, para ver a evolução deste tipo de projecto e o que é que... o que é que aconteceria com as respostas, e tudo isso.

D – E achaste o questionário em si interessante, achaste que as perguntas faziam sentido?

SA – Sim, achei que as perguntas faziam sentido, ah... que era interessante, e não foi monótono nem difícil de responder, nem... *awkward*, achei... muito... muito prático.

D – Okay. Estudas cá em Lisboa?

SA – Sim.

D – Ah, estás a estudar em que área?

SA – Ah, estou a estudar as Humanidades, em Línguas, Literaturas e Culturas.

D – E és de cá de Lisboa, ou?...

SA – Não, não, eu sou da Madeira!

D – És da Madeira... Vieste para cá há quanto tempo, mais ou menos?

SA – Ah, há coisa de três anos... Quando comecei o curso, sim...

D – E estás a terminar o curso, ou já terminaste?

SA – Ah... estou a terminar... talvez precise de mais um semestre... complicações...

D – Okay. É assim, a primeira coisa que eu te vou perguntar é justamente a forma como tu usas a tecnologia, e que tipo de tecnologia é que tens. E portanto a minha primeira pergunta vai ser se costumavas aceder à internet.

SA – Sim, eu costumo aceder à internet, mas... ah... não através de *smartphones*, porque não tenho, só uso mesmo um portátil. É o meu único... ah... meio para a internet [risos].

D – E, e usas principalmente onde? Não sei se estás numa residência, numa casa alugada...

SA – Sim, estou numa residência, portanto é... aquela... aquele... aquela *wifi* muito bloqueada [riso] mas...

D – Há algum... algum sistema de filtros, ou assim, no sítio...?

SA – Sim, sim, sem dúvida! Não, não tanto filtragem a nível de sites específicos, mas a nível de *servers*, portanto sites que utilizem um certo tipo de *servers* é que já não funcionam.

D – Hmm, okay. Ah, o que é que tu gostas mais de fazer na internet?

SA – Ah, jogar! [risos]

D – Que tipo de jogos?

SA – Ah, gosto muito de MMRPG¹ [*sic*], também jogo um bocadinho de *League of Legends*², p’ra descontrair, naquela... época do... dos exames, assim... a matar [riso].

D – E o que é que te irrita mais na internet?

SA – Ah... Ah... A ignorância [riso]... de certas pessoas, de muitos dos seus utilizadores! Ah... ter de... lidar e ver tantos comentários e... ideias de pensamento de me fazem... perguntar e questionar, a necessidade do nascimento de certas pessoas! [suspiro]

D – E... em que tipo de situações é que vês mais isso?

SA – Tanto no Tumblr como no Facebook. No Tumblr pronto, já se espera um bocadinho de tudo, não é?, mas agora no Facebook... é se... é sempre um bocadinho mais difícil ver pessoas tão pre [*sic*]... tão próximas que... têm visões tão contra... as nossas, e... é um bocadinho difícil de lidar, às vezes.

D – O Tumblr e o Facebook são as únicas redes sociais em que tu estás, ou estás em mais alguma?

SA – Ah... sim, são as únicas que eu uso, porque... eu estou ligada em todas, mas nunca as uso...

D – Hmm hmm, okay. Ah, a primeira parte, se calhar, acaba por se ligar um bocadinho com aquilo que acabaste de dizer, porque é sobre utilizar a internet, e utilizar as novas tecnologias, para procurar informação. Informação sobre saúde sexual, informação sobre sexualidade, informação sobre as mudanças que se passam com o nosso corpo conforme estamos a crescer, etc., e aquilo que eu queria começar por te perguntar era se conheces alguém que usa a internet para fazer estas coisas.

SA – Sim, sem dúvida. Quase todas as minhas amigas, especialmente amigas, ah... ah... usam a internet como método de *self-discovery*, e sempre que têm algum tipo de problema ou... e não têm forma de, sei lá, ligar a um ginecologista, ou coisa assim,

¹ Na verdade, MMORPG – *Massive Multiplayer Online Role Playing Game*, categoria de jogos extremamente popular em que uma enorme quantidade de jogadores participam, colaboram e competem num mesmo ambiente virtual de jogo.

² Popular MOBA (*Multiplayer Online Battle Arena*), que conta já com milhões de jogadores, a maioria deles relativamente jovens.

pesquisam automaticamente na internet, para ver o que é que, o que é podem ter, ou se isto é normal, se é anormal...

D – E tu disseste especialmente amigas. Porque é que fizeste essa distinção?

SA – Porque com os rapazes, ah... porque eu sempre tive uma ligação muito mais aberta com rapazes, nunca me... fui muito... ah... nunca tive muitas amigas raparigas. Mas a experiências que tenho é que os rapazes, de certa forma têm mais facilidade, até certo ponto, de falar sobre esses assuntos, enquanto que com as raparigas é... ainda há um bocadinho daquele tabu, do... do género “ah, mas, mas tu já... tu já, já és sexualmente activa; ah, com quantas, com quantos parceiros já tiveste?”, enquanto que com os rapazes é tudo muito mais fácil nesse... a esse nível.

D – Porque é que achas que há essa diferença entre a postura das raparigas e dos rapazes?

SA – Acho que ainda tem muito que ver com a... toda a questão religiosa, do nosso país, em específico. Porque... lá está, há muita gente ligada que... não... não tanto agora, não... podem não ‘tar tão ligado [*sic*] a esses princípios agora, mas tiveram uma educação... mais rigorosa, ou... mais ligada... p’ra este ponto ou aquele, e por isso cresceram e ainda... olham com um certo desdém, para com certos aspectos e com certos tópicos, ainda são um bocadinho tabu, na minha opinião...

D – E dessas, dessas histórias que tu conheces e que, imagino eu, te contem, não é?, por isso é que tu sabes, como é que é a relação dessas pessoas, por exemplo, em falar disso com os pais ou com a família?

SA – Ah, isso, lá está... isso depende muito da própria relação que as pessoas têm com os seus pais. Eu, por exemplo, não tenho relação... zero... zero intimidade com os meus pais, não tenho... mas, por mais estranho que seja, tenho amigas que têm uma relação muito... muito... não tanto pai... de mãe e filha, como mais de irmãs. Uma irmã mais velha, uma amiga; e mesmo assim, este tipo de assuntos não... não conseguem, não conseguem falar, ou confiar-lhes, ah... coisas sobre, sobre este tipo de assuntos.

D – E na escola, por exemplo? Não sei se tu no secundário ou no básico tiveste aulas de Educação Sexual...

SA – Ah... é assim, eu sou um caso muito particular, porque eu andei num... primeiramente num externato, e depois num colégio de padres [riso], e então eu lembro-me que na altura, acho que isto foi já no 9º ano, a minha professora de Ciências queria falar sobre os preservativos, e nem sequer podiam mostrar um!, na sala. Por sorte, acho que um colega mais velho, daquele que faz sempre aquela coisa do “ah, eu já sei tudo, já fiz tudo”, tinha um preservativo com ele na, na carteira, e a professora “ah, então se quiser, mostre o preservativo às pessoas da sala, mas... não digam que fui eu!”; fez menção a isto!, portanto... Tive a prática, a nível do esquema reprodutor e não sei quê, mas... mas muito tabu, ainda! Portanto...

D – Portanto, sentiste falta, se calhar, de alguma coisa.

SA – Sem dúvida, sem dúvida! Eu... até chegar a Lisboa, nunca tinha visto um preservativo em pessoa [riso]. Porque... lá na Madeira, mesmo assim, é complicado, porque é um ambiente familiar e muito mais pequeno, e então toda a gente se conhece. E quando tu vais a uma farmácia, compras preservativos, já toda a gente “ah, aquela já anda assim, ou já faz aquilo ou não sei quê”.

D – E sentes que isso, ah... afectou a tua, a tua vida íntima, a tua vida pessoal?

SA – Ah... A mim não tanto, mas a outras pessoas sim. A colegas minhas...

D – De que maneira?

SA – Lá está, porque... não tinham essa facilidade e então pensavam “ah, não vou fazer isso”, ou então... no caso mais extremo, conheço... tenho amigas minhas, de outras zonas da Madeira, que... o que faziam para não usar preservativo, nem pílula, que isso era contra, ainda, antes do... da... da nova versão do Papa e do Vaticano terem... falado sobre a pílula, ela... tinha as relações sexuais com o seu namorado, e depois ficava grávida, e... depois usava o uso constante de uns chás, quaisquer, que a avó lhe fazia, e depois ela ficava mesmo *muito* mal, mas abortava. E eu achava isso ridículo, e... quase desumano, ter de recorrer a um tal tratamento em pleno século XXI!

D – Portanto, isto aconteceu mesmo com uma amiga tua, que tu conheces...?

SA – Sim, não é aquelas histórias de...!

D – Sim, sim, sim, sim... E aconteceu mais do que uma vez, é isso que...?

SA – Sim! Ela... Eu achava ridículo! Isto aconteceu no mínimo umas três vezes. E ela continuava a preferir o uso dos chás, porque, lá está, não tinha de pagar, não tinha de passar pela *awkwardness* de entrar num sítio, pedir um medicamento, ou um teste, ou... uma coisa assim.

D – E tu achas que num meio mais rural e mais familiar, como tu disseste, como a Madeira, ah... o uso da internet para ir à procura desta informação é ainda mais importante?

SA – Sim. Eu calculo que... por opinião própria, que seja muito mais recorrente, porque... como as pessoas não se sentem à vontade para falar sobre isso com familiares, ou com outros amigos, por... porque têm medo de serem julgados, acho que é muito mais fácil se tiverem acesso à internet, pesquisarem ao invés de... ou no, no caso de pessoas um bocado mais velhas, que... não funcionam tão bem com a internet, mas também não se sintam à vontade, ainda o que eu vejo muito são... ah, aquelas perguntas para as revistas Maria e Ana e não sei quê, “ah, eu tenho isto assim, isto é normal?” não sei quê, e eu acho... ao ler aquilo, é um bocadinho cómico, mas a verdade é que é o tipo de questões que nós vemos a toda a hora na internet! E aí não... não achamos estranho. Mas numa revista... já é um bocadinho mais...

D – Porque é que achas que há essa diferença de causar estranheza na revista, mas não na internet?

SA – Porque lá está, na revista, é um lugar, de certa forma, tão mais público, ah... porque, apesar de, estares em anónimo, ou dizeres só o teu primeiro nome, pode não ser o teu verdadeiro nome, familiares teus vão realmente ler aquilo e... não sei, acho que é um... é um bocado diferente. Enquanto que na internet, pronto, acho muito mais fácil manteres o teu anonimato, do que numa revista que fala de cinema, e de gastronomia, e essas coisas. Acho que ‘tá um bocadinho *out of place*. Enquanto que na internet, como eu estava a dizer há bocado, encontras de tudo, é... acho que nada é estranho! Especialmente no Tumblr.

D – E no teu caso, em particular, já utilizaste a internet para procurar esse tipo de informação?

SA – Sim, claro! Especialmente quando ‘tava a crescer, na minha fase da puberdade... ah... especialmente, vindo dum [risos]... dum colégio de padres, onde não tinha mesmo

ninguém, a quem fazer esse tipo de perguntas; e os meus pais também... houve uma vez que eu fiz uma pergunta qualquer de sexo – nada... nada demasiado explícito!, mas qualquer menção a isso – e levei um pontapé por baixo da mesa! E então... [riso] desde esse momento que parei completamente de tentar... falar ou sequer mencionar o assunto com os meus pais. Portanto sempre usei a internet... só tive a internet, acesso à internet, a partir de... em casa, a partir dos meus quinze anos, portanto, o 10º ano. Foi quando tive o meu primeiro computador.

D – E antes disso, utilizavas o computador da escola para procurar informação, ou não procuravas de todo?

SA – Ah... não, porque lá está... havia sempre do histórico, do medo, alguém... estarem a ver por trás, estarem a olhar p’aquilo que eu estou a pesquisar, e provoca sempre aquele... pelo menos em mim, que sou um bocadinho paranóica com essas questões [riso], que é... ver se alguém ‘tá a ver aquilo que eu ‘tou a fazer aqui, é...

D – E que tipo de coisas é que começaste a procurar, que tipo de temas, digamos assim?

SA – Ah... Especialmente... talvez... talvez, ah... noções mesmo sobre o corpo humano da, da mulher e também um bocado do homem. Mas se bem que, para mim, o homem até era um bocado um tabu, até... estar com o meu primeiro namorado... eu nem sequer fazia ideia, tirando os diagramas de Ciências, o que era um pénis, ou... [riso] qual era o aspecto da fisionomia humana masculina. E então, em primeiramente, suponho que eram dúvidas sobre mim própria, e o meu corpo. Depois eu comecei a pesquisar mais e fiquei assim um bocado “Hmm, mas é só isto?! Qual é... qual é o problema?!” [risos]

D – E houve algum momento em que tenhas, ah, sentido, por exemplo, que estavas a receber informação a mais, ou seja, que estavas a descobrir coisas que afinal até nem querias saber?

SA – Não, porque eu sou uma pessoa muito curiosa! E eu quero saber porque é que as coisas funcionam, até... até o último ponto... até mesmo... às vezes dou por mim naquela *weird... part of the internet* [risos], em que já ‘tou... [risos] talvez assim um bocadinho *too much*, e fico... “mas porque é que eu estou aqui outra vez?”, mas continuo curiosa, a tentar descobrir porque é que isto é assim e não assim... Acho, acho, acho mesmo muito interessante.

D – Houve algum momento em que estivesse a fazer busca sobre esse tipo de informação e tenha ficado na memória, sei lá, por uma questão de espanto, por exemplo, do género “ah, então é assim... que isto existe ou é assim que funciona!”?

SA – Ah... ...Suponho que muitas vezes, agora não me... acho que não me estou a lembrar de nenhum... mas lembro-me que... não, não tanto quando estava a pesquisar na internet mas, ah... eu ‘tava a ver um filme com, lá está!, com amigos meus rapazes, e não me lembro que filme foi, mas sei que ‘tava muito frio, e um deles vira-se “oh pá, assim as minhas bolas iam lá p’ra dentro!”, e eu “o quê?! Mas as bolas sobem?! O quê, o quê, o que é que ele ‘tá a dizer?!”, depois... ele explicou-me: “Ah, quando a temperatura ‘tá... ‘tá muito, muito baixa, ah, os testículos sobem p’ra dentro” e eu fiquei “o quê?!”, fiquei mesmo *assim* [risos] porque nunca tinha lido nada na internet sobre isso! [risos] E achei...

D – E depois foste à procura?

SA – Sim, depois fui, fui à procura p’ra tentar perceber melhor o... o motivo, e como é que isso funcionava! [risos] Se era com um elevador!... [risos] Achei mesmo muito curioso!

D – [riso] E conseguiste encontrar, na altura?

SA – Consegui. Agora já não me lembro exactamente o que é que... o que é que faz o quê, mas lembro-me que tem de ser uma diferença mesmo *muito* grande... por exemplo, no Ártico, não é?, uma diferença de... dez graus, ou...

D – E quando tu estavas à procura da informação, como é que conseguias distinguir entre informação credível e informação falsa?

SA – Ah... Eu acho que se é... Eu... talvez por ser também de Literatura, mas... lá está, eu acho que também depende muito da pessoa. É que, eu sou uma pessoa muito crítica, e... eu sou muito... perfeccionista, e... olho muito aos detalhes! E quando eu vejo que a escrita de uma pessoa... não me parece... credível, ou... parece-me ser mais opinionada [*sic*], ao invés de... eu já ‘tou a traduzir um bocadinho do inglês e [riso]... mas... quando vejo que as coisas não parecem ser tão científicas assim, procuro isso noutras fontes, além de... sei lá... da Wikipédia, e esse tipo de... forma de procurar; vou também a... a blogs que na altura eram como... com’os meus, como o meu que... o

meu blog era muito relacionado a... ah... como é que eu explico o meu blog?... Eu nunca percebi como é que havia de explicar o meu blog, mas... Era muito ligado à masturbação e à *self-discovery* e... a explicar que não há medo nenhum... em relação à masturbação!, não deverá haver, não deveria haver, e... que tudo isso era natural... e quando eu própria tinha alguma dúvida sobre algum assunto, fazia uma pesquisa *thorough*, em vários websites e... noutros blogs, e noutras fontes de informação, para dar uma resposta também credível.

D – Portanto, a tua abordagem era pegar em várias fontes de informação diferentes e comparar umas com as outras?

SA – Sim, sim. Comparação.

D – E tinhas algum sítio, algum site, por exemplo, que sabias que ali, de certeza absoluta que havia informação credível, e científica?

SA – Ah... é assim, o que eu fazia maioritariamente, quando não encontrava... respostas cred... hmm... muito... que me parecessem muito fiáveis, eu ia, ah... a sites como a Wikipédia, realmente, onde tem mesmo toda aquela parte dos artigos muito mais científicos, e até tem os diagramas e tudo isso, e, acho que até certo ponto, também é uma questão de... de relacionar. Porque, se tu tens este conhecimento sobre isto, consegues, ah... perceber se isto funcionará assim ou, ou não, não é? Não tens de saber exactamente, mas tu podes... ter uma melhor noção de como é que funcionaria a mecânica, ao invés de... ser assim, faria mais sentido que fosse assado. Claro que na... na... na anatomia humana [risos] sempre há coisas que nos surpreendem, mas em caso extremo, perguntava a amigos meus de Medicina. Porque como eu moro na residência, tenho muitos amigos meus, ah, em Medicina.

D – E esse papel, dos amigos, da rede de amigos, para ti também era importante?

SA – Sim, claro, era mesmo muito importante porque, lá está... Eu, na Madeira, o meu grupo de amigos era todo muito tabu, ainda. Ah... também... ‘távamos todos nos 17, 18 anos... o que também suponho que seja normal. Mas... muitos dos meus amigos, lá está... os rapazes, ou falavam muito de sexo... p’ra dizer que já tinham feito de tudo! [riso], e que já tinham tido... essas, essas experiências todas, mas, mas depois... “ah... ah, isso são coisas que tens de perguntar a... às raparigas; ah, eu não falo sobre isso!, ah, isso... esse tipo de questão...” Geralmente uma atitude muito evasiva, assim, muito

medo de responder. E com as raparigas, também era uma... lá está, era aquela abordagem do “ah, se eu, se eu responder isto, vais achar que eu sou assim, portanto não vou falar sobre isto”; e con... conseguias exactamente ver quando é que elas ‘tavam a tentar não responder, ou evitar, ou...

D – Hmm hmm... As... os teus amigos vinham ter contigo, para te fazer perguntas acerca disso?

SA – Ah... na Madeira, ou...?

D – Na Madeira. Sim, na Madeira.

SA – Não... não... porque, lá está, eu... ninguém na Madeira falava sobre isso, até que, ao ponto de eu ainda hoje me perguntar como é que muitas amigas minhas não ficaram grávidas antes [riso]! Aqui em Lisboa, já sim. Aqui em Lisboa... quando os meus amigos têm alguma dúvida sobre isso [riso], vêm-me perguntar. Especialmente as minhas amigas, vêm automaticamente, “olha, já não me vem o período há não sei quanto tempo”, ah... “isto só me durou não sei quanto tempo, achas que é possível eu estar grávida?”, “achas que não sei quê?”... então... eu começo a fazer... a responder, por exemplo... ah, a ver os teus padrões, os teus hábitos, o que é que mudou, o que é que fizeste de diferente, este ti... lá está, este tipo de conversa que... que é muito fluída entre amigas, agora... que já temos mais... uma maior noção, e uma... a nossa ti... o nosso tipo de relação é completamente diferente, do que era no secundário. Isso nem... nem se compara.

D – Porque é que achas que as tuas amigas e os teus amigos vêm ter *contigo* em particular?

SA – Porque em geral eu sou uma pessoa m... muito fácil de falar, e sou uma pessoa muito aberta... e honesta, a nível... qualquer tipo de... porque lá está, eu acho que, por ter crescido com tantos tabus, eu vou exactamente contra todos esses tabus, e, e... acho completamente desnecessário e por isso gosto de falar, e sou muito curiosa, portanto quero sempre saber o porquê, perceber porque é que funciona e depois explicar isso a outras pessoas, e *ajudar a matar a ignorância!* [risos] É ideal, para mim!

D – Hmm, okay. A segunda parte tem um bocado que ver com a... um, um certo, uma certa postura proactiva de estar na internet e de falar sobre as coisas, e de discutir sobre

as coisas. E portanto tem que ver um bocadinho com aquilo a que normalmente se chama o, o *civic engagement*, a... o activismo, por exemplo. Tu... tu falaste do blog que tinhas, e eu gostava que me contasses um bocadinho mais, que me explicasses como é que surgiu o blog, sobre o que é que era, o que é que fazias lá, etc.

SA – O blog começou como uma... não foi bem uma piada, mas foi um... foi uma coisa engraçada, porque eu falava muito com um amigo meu na altura, que... entretanto depois afastámo-nos um bocado, mas... ah... nós falávamos muito sobre os nossos gostos na pornografia, e... muitos deles eram mesmo muito em comum. E ele criou um blog, um blog de pornografia, p'raí um dia antes, e depois eu falei "ah, já 'tou com essa ideia há bastante tempo!", e então como ele fez um, pensei "olha, também vou fazer um", e então, primeiramente só... só punha *gifs* e imagens de... de estilos de... de estilos!, de géneros de pornografia que gostava, imagens, mesmo... algum texto erótico, o... tal chamado *cyber-sex* ou... *sexting*, no caso dos telemóveis, e... ah... foi por aí que começou. Depois, ao ver o tipo de... de reacção que eu tinha no Tumblr, e o tipo de perguntas que recebia, e também por outros blogs que, que eu seguia que... eram do género do meu, comecei a perceber que havia uma maior... havia uma outra necessidade, para além de imagens apelativas e... havia algo muito mais por detrás disso, e então... ah, decidi começar a dar as minhas visões sobre aquilo, usando o meu blog. E também se calhar por ser um blog tão... explícito, ah... as pessoas tinham mais facilidade em... em abrir-se com, porque viam "bem, esta fala disto, ah... portanto já não há problema se eu, se eu falar disto, porque ela tem imensas imagens disto no blog dela!" Ah... de resto... sim.

D – Essas, essas reacções que estavas a falar... que reacções é que eram, como é que as descreverias?

SA – Eram... eram sobre tudo... ah, questões a nível do funcionamento das coisas, e até, muito também a ver com os fetichismos... fetichismos! [riso]... Ah... era muito que ver com isso, a perguntar "ah, eu gosto disto, isto é normal? Eu sou estranho?", e... perguntas mesmo de pessoas mesmo muito preocupadas com es... esse género de coisas, e eu ficava chocada como é que haviam [*sic*] certas pessoas que achavam que era *tão errado*... o gostar disto, ou gostar daquilo... e...

D – Lembras-te de alguma coisa em particular, que te tenha marcado?

SA – O... Ah... 'tou-me a tentar lembrar do género do... pronto, toda a questão do... do *cum whore, being a cum whore*... que tem vários nomes para isso, que é... gostar muito do uso do *cum* e... e ser muito *shameful* e... mesmo... muito... ...muito mal visto, em muitas, muitas culturas, em muitas... ah... muitas regiões, e muitas religiões também. Onde o *cum* é tão visto como uma coisa negativa, uma coisa suja, uma coisa errada, pecaminosa, que só deve ser usada p'a... lá está...

D – ...reprodução...

SA – ...reprodução!, e... e... e então isso para mim era uma coisa que eu também tinha muito no meu blog, tinha muitas imagens sobre isso, e... e então falava disso, disso abertamente.

D – Que tipo... que tipo de respostas é que tu davas às pessoas? Disseste que ficavas chocada por as pessoas...

SA – ...sim, sim!...

D – ...como é que tu procuravas... tranquilizar as pessoas?

SA – Eu procurava dizer... eu fa... eu fazia menção primeiro, de responder de uma forma mais científica, ah... p'ra que tivessem a certeza que é de facto um processo tão natural, e que... depois dizia, falava sobre o quão... o quão isso era visto mais como um tabu por outros motivos, mas que não tem... não tem uma... não havia uma... uma necessidade real de aquilo ser algo proibido, portanto, não era algo que podia trazer uma doença específica, ou... como muitas pessoas costumavam dizer, por exemplo, "tu não ficas *grávida* [risos] por levar com isso em cima!", e... esse tipo de questões mesmo muito... ridículas! Mas que ainda existem! E... pronto, eu tentava... matar esses tabus, e responder, lá 'tá, como eu estava a dizer, de uma forma um bocado mais científica, e dizer-lhes que... *it's okay to be... you*. E... podes gostar daquilo que tu gostares, tens é que ter... essa... abertura com o teu parceiro, ou parceira, ou... seja o que for, e... certificar que estão os dois bem com isso! E desde que vocês os dois estejam *enjoying the moment*, não há necessidade real de... teres medo disso. Porque, na minha opinião, quando est... quando tu estás realmente numa relação com... quando tu estás numa relação, essa pessoa... com essa pessoa, tens de sentir um... uma... tens que conseguir sentir e estabelecer uma ligação também a nível sexual, e poderes falar sem tabus daquilo que tu gostas, porque se tu vais estar constantemente a pensar e a proibir,

quando estás no acto, e estás a pensar em fazer isto ou aquilo, e só pensas "oh, meu Deus, eu nunca lhe posso contar isto!" ou "se eu lhe disser, ela vai, vai, vai fugir, ou... vai achar que isto é vergonhoso, ou que é... nojento, ou vai olhar-me de outra forma..." Eu acho que têm de haver formas de contornar isso, numa relação, porque para mim, ah... eu vi um documentário sobre isso, em que dizia que... o sexo é 10% de uma relação, mas, sem esses 10%, toda a relação pode falhar. E achei isso mesmo muito interessante, e *muito* verdade! Portanto...

D – Como é que... como é que tu olhas para ti própria, e como é que descreves o teu percurso, de vir de uma zona... remota, rural, onde tudo isso era muito tabu, como tu descreveste, para, de repente, gerir um blog, um Tumblr, sobre sexo?

SA – Eu acho que... lá está, tem muito que ver com a tua própria... com a *minha* própria curiosidade e... *breaking the chains*, sobretudo. Porque, lá está, eu não... como, como disse, eu não... não tive acesso à internet... sem ser na escola, e esse tipo de assuntos, ah... esse tipo de sítios, até aos meus 15 anos. Portanto tive mesmo muito limitada, ah... e depois quando apanhei [riso] o acesso à internet, fiquei mesmo muito *hooked*, e queria saber tudo, e fiquei "oh meu Deus, mas eu tenho acesso a isto tudo, eu posso saber como é que tudo funciona!", e fiquei mesmo com, com essa vontade, e eu já, eu já falava muito... quando cheguei a Lisboa, ah... porque reparei que cá, as pessoas eram muito mais abertas, e mesmo no meu primeiro ano, as pessoas faziam-me algumas perguntas sobre isso. Eu fiquei "ah, então se as pessoas têm mais facilidade em falar sobre estas coisas aqui, então também posso dar outro tipo de respostas". E procurei de facto saber mais, e... acho que criar o, o blog, foi mesmo... Lá está, eu comecei por uma iniciativa, muito pessoal, do estes são os meus gostos, é isto que eu gosto, é isto que eu acho atraente, é isto que... *turns me on*, portanto vou tentar mostrar isto e ver que outras pessoas têm o mesmo interesse, e... e depois, então é que começou a ser todo esse processo de... também de *self-discovery* para mim, porque ao pôr *out there*, aquelas coisas que eu... desculpa 'tar a usar tantas expressões em inglês [risos]!...

D – *It's okay!*

SA – Ah... foi, lá está, ao pôr-me *out there*, também descobri ainda mais coisas sobre mim, e pude... ainda, do género, gostava de descobrir sub-géneros e outras coisas que também me atraíam e que eu, talvez não me teriam... conhecido sem... sem, ah... sem ter

acesso ao Tumblr, e à internet, e a ver esse tipo de géneros e de imagens, que... que mostraram outras...

D – Portanto, sentes que aprendeste alguma coisa com este processo?

SA – Muito, muito. Aprendi muita coisa sobre mim própria, até porque... apesar de já ter algum conheci... algum conhecimento, aprendi muito mais coisas, ah... no Tumblr, porque lá está, era toda uma rede de blogs que se dedi... que se dedicavam ao mesmo. E... até mesmo, tanto aspecto... aspecto físico, ah... é, é muito aquela questão, por exemplo, eu lembro-me que... até à criação do meu... do meu blog, eu nunca tinha... eu não fazia ideia que, tal como a maior parte das, das raparigas, que existiam vaginas *innie* e *outie*; não as vaginas, mas a *labia*, tudo isso. Eu não fazia ideia!, e eu achei ridículo [riso] durante vi... quase vinte anos da minha vida, não fazer ideia que... existisse mais do que uma forma de... pronto! E... depois lembro-me que também, depois mostrei isso a uma amiga minha, e ela ficou *chocada*!, ela "oh meu Deus, isso pode ser assim?!", e eu achei tanta, tanta piada, achei isso tão engraçado. E isso motivou-me ainda mais, por saber que existiam pessoas *out there* que não faziam ideia de como é que as coisas eram e como é que funcionavam, e que pode de facto ser assim, não é tudo assim, não é tudo... em que todas as pessoas só têm a pele clara, ou escura, ou não sei quê, não sei que mais.

D – E sentes que conseguiste ajudar as outras pessoas...

SA – ...sim...

D – ...ensinar as outras pessoas?

SA – Sinto, sinto... senti isso, e até porque tinha respostas também positivas, ah... tinha um feedback do "*I really like your blog*", "*I love your blog, it's my favorite blog*", e... lá está, porque eu... acho que é muito aquela necess... aquela questão do... do... ensinares e dares uma recompensa. Porque, lá está, eu fazia posts informativos, e... tinha mesmo uma secção que era, por exemplo, "*little things to remember*", ah... depois, "*things to acknowledge*", e depois tinha imagens sobre isso, e depois tinha outras imagens, ah... que se... quem quisesse só *fap to that*, podiam [riso]! Mas lá está, tinham... pelo meio tinha sempre posts informativos sobre isso e... achei que essa era a melhor forma de chegar a várias pessoas diferentes, porque quem só quisesse ver imagens apelativas,

também podia, quem quisesse algo mais, também tinha acesso a, e se quisesse mais, podia sempre perguntar-me.

D – Ah, o teu, o teu conteúdo era todo em inglês? Ou também tinhas coisas em português?

SA – Ah, era... era completamente em inglês. Ah... isso também é um bocadinho falha minha, mas lá está, porque... é um... um bocado mais difícil saber que... quem é que está no outro lado do ecrã, não é? No outro, no outro computador, na outra ponta... É muito mais fácil simplesmente escrever em inglês porque... é... é a língua global, de certa forma. É aquela língua que toda a gente ou domina, ou pelo menos sabe algumas coisas, e se não sabe pode sempre complementar com. Agora, acho é que se escrevesse só em português ia limitar demasiado... e, até porque eu tinha mesmo uma... um daqueles *trackers*, em que... não fazia *track* ao IP³ nem nada, aquilo que eu fazia era... só para ver os países que visitavam mais o meu blog, e que... com que... com que recorrência. E o que eu via mais eram os estados mais conservadores dos Estados Unidos, ah... países como... países, ah, mais, ah... árabes... e... também, outros países conservadores; tinha alguns portugueses, tinha alguns portugueses, ah... tinha... também, porque tinha amigos meus portugueses que me conheciam o meu blog e depois também passavam a outras pessoas, ah... tinha alguns da Europa, mas mais especificamente eram da Alemanha, e do Reino Unido.

D – Justamente, ia, ia perguntar-te sobre isso: ah, tu espalhavas o teu blog directamente aos teus amigos, fazias divulgação?

SA – Sim... não fazia divulgação do género “ah, olhem para mim, tenho este blog, não sei quê”, não, não! Não era assim, era simplesmente... quando eu estava em conversas com os meus rapazes... com os meus rapazes!... com os meus *amigos* rapazes [riso], ah... porque eu sou sempre *one of the guys*, então é [riso]!... e então, ah, sempre que ‘távamos a falar de gajas, ou... coisa assim, porque... eu sou bissexual, e então falamos disso à vontade; depois dizia “ah, sério, gostas disso? Olha, eu no meu blog falo bastante sobre isto, isto e isto!”, e depois eles “a sério, tens um blog desse género?”, e eu “Ya!”; “ah, mas tu não te preocupas que as pessoas...?”, e eu... eu, eu aí a minha resposta já era um bocadinho... diferente, mas também porque... eu não... não dava a cara. Eu... eu só dava a minha idade e o meu género, acho que nem sequer dizia de que

³ *Internet Protocol*, o número que identifica cada equipamento ligado a uma rede informática.

país era, portanto... lá está, toda a questão de maneres o teu anonimato, porque também... por outro motivo, era... eu não queria criar uma barreira, através disso, dizendo que ou sou portuguesa, ou sou... inglesa, ou sou... queria, que não houvesse esse tipo de barreira. E então... os meus amigos muitas vezes viam o link, iam lá ver, “ah, gosto muito destes posts, e destes, e não sei quê, não sei que mais”, “ah, a sério? Olha, achei interessante!” Por exemplo, eu lembro-me que, através das tais *innies* e *outies*, houve, tive umas, umas quantas longas conversas com um amigo meu também da residência, que ele ficou “ah, eu não fazia ideia que haviam outras assim, e não sei quê!”; então, também temos ah... esse tipo de conversas.

D – E nunca tiveste problemas? Alguém, ah... fazer comentários negativos, ou gozar contigo, por causa do blog?

SA – Não, porque, lá está, porque... eu de certa forma, não é ser selectiva, mas é que... por vir dum ambiente tão... fechado, agora aqui em Lisboa tenho um... não vou dizer um grupo restrito de pessoas, mas ah... as pessoas com quem geralmente *hang out*, são muito mais abertas. E isso para mim faz toda a diferença. Eu, quando volto à Madeira, tenho tanta dificuldade em ter uma conversa com as... com muitas pessoas lá, porque fico “oh meu Deus, mas... ah!” É que sinto que há muitos assuntos, mesmo numa conversa de café, estão completamente fechados, e então... em vez de... o que eu obtenho como resposta é um risinho nervoso... um desviar o olhar, ou desviar a cara, e então...

D – E também fazias posts sobre a questão da orientação, ou orientações sexuais?

SA – Sim, sobretudo sobre isso, porque... lá está, e especialmente por ser bissexual que... não querendo... “ai, bissexuais, não sei quê”, não é que... acho que um... ainda muito... ah... cepticismo!, para com a bissexualidade. Ah, e que é mesmo muito difícil as pessoas *embrace the concept of*... e porque, a partir do momento em que ‘tás numa relação com uma pessoa, “ah, mas... tu agora és lésbica? Mas tu ‘tavas numa relação com um rapaz! Ah, mas tu afinal... Mas, isso é muito confuso... Ah, tu gostas de dois, então tu andas com os dois ao mesmo tempo?” [suspiro] Ah, e então confesso que... essa batalha constante em... explicar isso... ah... eu tinha mesmo uma... não uma secção, mas tinha umas épocas, uns momentos de... do mês, em que eram *só* dedicados a explicar [riso] e... mas não só... não queria com isto parecer; não quero com isto parecer que era só a bissexualidade, porque não era. Até porque... eu tenho muitos

amigos rapazes homossexuais, e sei a luta que é, e também fazia questão de mencionar que... novamente, *it's okay to be you*, e não tens de... não tens de ter medo, a não ser que... mores num sítio muito conservador, em que ainda é perigoso, fisicamente perigoso, ah... teres uma orientação sexual diferente.

D – E quando é que, mais ou menos, quando é que te começaste a identificar como bissexual?

SA – Foi assim, eu... eu lembro-me de [riso]... ter uns, sei lá, seis, sete anos, e ‘tar na... ‘tar a sair da catequese, com o meu pai, porque eu tive catequese até ao 12º, os meus pais, ah... forçaram isso, em mim, ah... porque eles são mesmo *muito* religiosos, e estava a sair da catequese, de mão dada com o meu pai, e viro-me para ele, “papá, então... se um senhor que gosta de um senhor é um gay, como é que se diz uma senhora que gosta de uma senhora?”, ele olha para mim, ele *assim*... “ah, lésbica, uma lésbica...”, *assim*... e eu *assim* “ah... lés... lésbica”, e fiquei *assim* meio [risos]. Fiquei eu... curiosa. E eu lembro-me de ser mesmo muito nova, de ter entre os 9 a 12 anos e... ver meninas no autocarro e achá-las muito bonitas, e... ficar corada, e todos esses *feelings*. E aos 13 anos é que... conheci pela primeira vez... não conheci, mas... percebi que alguma coisa em mim era diferente. Porque todas as ou... outras raparigas não sentiam... ou não falavam daquilo... que se estava a passar comigo. E então eu pensava... “mas eu sou estranha?” E depois aos 15 anos é que descobri que... que existia mesmo um termo para aquilo! Ah... e que era bissexualidade!

D – Como é que descobriste?

SA – Não me lembro se foi, lá está, numa... aula de Educação Sexual, ou se foi nalgum panfleto, que eu vi na... na minha escola. Acho, acho que é capaz de ter sido num panfleto. E depois, co... comecei aí a pesquisar, lá está, porque... aos 15 anos foi a idade de tudo... foi a idade da internet, foi a idade da *self-discovery*, porque aí, a partir desse momento, comecei a ver muito mais o que era isto da bissexualidade e... eu já tinha ouvido algumas referências a isso... que era a minha mãe a dizer que um dos vizinhos gostava das duas frutas. E a criticá-lo muito sobre, sobre isso. Mas eu nunca tinha percebido o que era gostar de duas frutas, não é?

D – E também foste à procura de coisas sobre a bissexualidade na internet, então, logo no princípio?

SA – Sim. Absolutamente.

D – E foi importante para ti, esse... esse material?

SA – Foi mesmo muito importante, porque fez-me perceber que existiam mais pessoas como eu, e que eu não era estranha e que... eu não era só... hétero ou só lésbica. E que... não era por fases, não era a certo momento vais gostar disto, este ano vai ser o ano das raparigas, este ano vai ser o ano dos rapazes, não...

D – E juntaste-te... na sequência disso, depois juntaste-te a algum grupo, ah, relacionado com questões de orientação sexual?

SA – Ah, na Madeira não, porque... ainda tenho mesmo muito medo. Ah... havia... já no meu 12º, porque eu comecei-m'a... hmm... *coming out, I guess*... com essa idade, aos 15 anos. Mas muito poucas... pouca gente... eu lembro-me que disse à minha melhor amiga na altura, ela começou a chorar! Desalmadamente, à minha frente. Ela começou a chorar, durante imenso tempo, ela “porquê tu? Porquê tu, de todas as pessoas, porque é que tu tinhas de ser assim?!”. E foi a minha primeira resposta [riso] a isso, portanto foi mesmo muito duro. “Porque é que tu tinhas de ser assim?!”, ah... “porque é que tu não podias ser normal?” e... foi... lá está, ah... é o tipo de respostas que tu não esperas, especialmente de pessoas que te são tão próximas, e por isso é que ainda me custa toda esta... este tabu, e esta... ...esta não-*open-minded*... *ness*, na Madeira. Mas... cá sim. Ah... lembro-me que... ainda, acho que foi no ano passado, ao conhecer um amigo meu *gay*, ele disse-me “mas tu não... não ‘tás inscrita em grupos nenhuns, de...?’”, e eu “não, eu tenho *like* em muitas páginas, no Facebook, tenho *like*, e sigo muitas páginas do Tumblr, de LGBT, e... LGBT *pro* e esse género, mas não... nem sequer sabia que existiam grupos, que não LGBT, mas a favor de, em Portugal”. Então ele falou-me da Rede Ax Aequo [*sic*], não sei se conheces, e... eu inscrevi-me nos fóruns mas... ah... eu não sou muito pessoa de fóruns, e então acho muito complicado o processo, porque... mandas uma mensagem aqui, e não sei quê... e não me parece tão directo, e... tens de esperar que outra pessoa leia, e depois os *posts*... acho muito confuso! Acho que suponho que se fosse um outro tipo de... um outro tipo de... de conversação, onde fosse mais fácil... se fosse, por exemplo, em *chat* ou... acho que era muito mais fácil, ou... mesmo no Facebook, acho que... num grupo de Facebook talvez, fazer *posts* sobre isso... acho que era mais fácil.

D – Mas então também não estás em nenhum grupo de Facebook sobre essas questões?

SA – Ah... acho, acho que não... acho que estou muito é... em muitas páginas a favor, e com todas as notícias e *updates* sobre... as novas leis e tudo isso, mas acho que não estou... em nenhum grupo sobre isso.

D – E conheces alguém que esteja envolvido nesses grupos? Na Rede Ex Aequo, por exemplo?

SA – Sim, sim, ah... esse meu amigo já está lá há coisa de talvez dois anos... ou talvez mais... mas ele diz que não vai muito às reuniões porque... [risos] foi a uma e foi extremamente depressiva!, mas ele teve muito... muito pouca sorte [risos] porque foi a uma sobre [risos] suicídio! Sobre depressão e suicídio, e então... ele ficou com um bocado... de má impressão, mas eu já lhe disse “oh, oh... oh rapaz, se aquilo era sobre depressão e suicídio [risos] não podia ser [risos]... muito... [risos] ...positivo, n’é?”

D – Não podia ser uma coisa muito animada, não é?

SA – [risos] Sim!

D – E já pensaste alguma vez em... em juntar-te a um desses grupos?

SA – [suspiro] Já, mas lá está... Como a minha situação aqui em Lisboa é muito, ah... não é nada constante, ah... eu... moro na residência, quando acabar o curso não sei para onde é que vou... também é um bocado a noção de *commitment* e não ter... não tenho tanta noção se posso... *commit myself* a 100%. Porque... lá está, eu moro numa residência, não tenho uma casa, se alguma coisa correr mal tenho de voltar para a Madeira... é complicado, não tenho estadia própria, não... não estou fixa em Lisboa, é só temporário.

D – E mesmo só online, ah... sei lá, ires para o Facebook e juntares-te a grupos e juntares-te às discussões que se passam dentro desses grupos, foi uma coisa que nunca te interessou?

SA – Ah.. lá está, acho que também um bocadinho por... por essa coisa, essa questão da ignorância, e eu ficar assim... um bocadinho relutante com as respostas de certas pessoas, ah... é, é muito complicado porque eu... eu estava num grupo de Facebook que particip... que... pertencia ao grupo do Tumblr... portanto, as pessoas do Tumblr

depois fizeram um grupo no Facebook, o... o Tumblr, pessoas do Tumblr, mas portuguesas, todas portuguesas [sic] e... mas nesse grupo, lá ‘tá, haviam tantas respostas... ah... às quais eu não... não... porque nós ficávamos a ter discussões intensas sobre isto e sobre aquilo e... acho que chegou a um ponto em que, simplesmente desliguei. E saí de todos os grupos, e se calhar por isso é que não estou em mais nenhum de momento, porque já não tenho *a paciência* para lidar com certo tipo de respostas...

D – E na tua... no teu perfil pessoal do Facebook, por exemplo, costumavas partilhar notícias sobre questões LGBT?

SA – Sim, sim! Partilho, faço *like*, faço *share*, ah... sim, partilhar! [riso]... faço, faço muito *share* sobre... sobre quando... quando são coisas mais a nível mundiais [sic]. Geralmente quando são só... nos Estados Unidos, porque é onde... toda a comoção ainda está a acontecer... eu só faço *like*, mas quando são coisas que envolvam mais Portugal, ou... quando houve toda aquela questão da adoção... da co-adoção... ah... falei... também falei muito sobre isso, eu e muitas... muitos dos meus colegas da FCSH, também, que tenho no Facebook... ah...

D – E costumavas ter respostas positivas, negativas, as pessoas ignoram, como é que é?

SA – É assim, há sempre algum rapaz, especialmente se for mais a ver com lésbicas, do que com *gays*, há algum rapaz que vai para lá ser... engraçadinho, e dizer “ah, sim, eu sou completamente a favor das lésbicas [riso]!”, só por um... por um... assim, prazer pessoal!, lá está, não é... por querer saber [risos] dos direitos [risos] das lésbicas ou não. E então faz algum comentário assim meio torto, mas eu perdoo porque depois em, em pessoa, dou-lhe uma descasca. Mas... [risos]

D – Okay... E como é que esse tipo de comentários te faz sentir, na altura?

SA – Ah... na altura, faz-me revirar os olhos para o ecrã e... perguntar-me porque é que ainda há pessoas com este tipo de mentalidade. Se bem que ainda meio a brincar, meio a sério, mas... lá está, muitas questões são respondidas assim, meio a brincar, meio a sério, porque... não queremos... lá está, toda a questão de *commitment* a dar uma resposta... a 100%.

D – E portanto para ti, a internet e as redes sociais funcionam um bocado como uma forma de te manteres a par daquilo que se vai passando, é isso?

SA – Sim, sem dúvida. Absolutamente.

D – E já passaste isso para... coisas concretas, sei lá, por exemplo, estou-me a lembrar agora de uma coisa que vai acontecer em breve, que é a... a Marcha do Orgulho LGBT de Lisboa...

SA – ...sim...

D – ...ah, vais... estás a pensar participar, ou já participaste antes?

SA – Ah, eu nunca participei porque, lá está, nunca sabia onde é que era, nem quando é que era, porque não... não sou muito de ler os panfletos. Na FCSH, aquilo ‘tá tudo cheio de panfletos, mas... eu ignoro completamente. E depois é que vejo, no Facebook!; quando é uma coisa que eu lido fisicamente todos os dias e não reparo [riso], mas se tiver online, reparo! Isto acontece também com muitas outras pessoas, e com muitas outras coisas, e acho que... por isso é que a internet é um meio muito melhor de chegar às pessoas, do que o... físico. É assim, eu não participei no ano passado, também, porque... nem sequer sei... nem sequer me lembro quais são os dias. Sabes quais são os dias, ou...?

D – Ah, a próxima é dia 21.

SA – Pronto, lá está, é porque é sempre nessa altura que eu tenho a data de saída da... da residência. Porque os estudantes da FCSH têm sempre uma data... é sempre até 26, o máximo que tu podes ficar. Depois tens de sair. Então nessa data eu ‘tou sempre a arrumar as minhas coisas, a... aprontar-me para ir embora e... não sei... talvez... porque... o, a... porque este mês vou... este ano lectivo vou ficar até Julho, portanto... vou... talvez vá!... Acho que era... acho que era um sítio muito giro [riso], eu adoro ver isso na... nas redes sociais e... acho mesmo muito giro, portanto se calhar... se calhar ainda participo este ano, se calhar ainda consigo convencer algum amigo meu a ir também...

D – E achas que é importante, haver este tipo de iniciativas públicas?

SA – Acho, acho! Porque... É assim, em Portugal nós não temos de nos preocupar assim tanto, porque já há... pelo menos o casamento. Toda essa questão do casamento, pelo menos... isso já... não é... não é proibido, sempre é um direito. Mas... acho sempre que é importante, porque há muitas pessoas que... se esquecem, ou ignoram... ah, que existem pessoas que são diferentes. E acho que é mesmo... ah, importante, nós continuarmos a tentar ah... a tentar mostrar... a tentar mostrar que existem as minorias, e que nem todas ah... nem todas as pessoas se sentem da mesma forma, sobre... estes assuntos.

D – E houve alguma experiência, por exemplo no teu, no teu blog, ou em alguns desses grupos de Facebook em que originalmente estavas, que te tenha feito sentir mal?

SA – Ah...

D – Que te tenha deixado desconfortável, por exemplo? Ou irritada, zangada...

SA – ... Ah... ficava era um bocadinho frustrada, porque, lá está, havia um... no meu blog, havia um, há... haviam [sic] sempre aqueles rapazes que... que só estavam um bocadinho só para o *fap*. E então era sempre tipo... aquela... aquelas questões do tipo “*show yourself*”, e... eu só ficava do género... “se eu não me mostro, é porque o meu blog é sobre isto”; e se eu quisesse um blog só p’ra me mostrar, podia fazer o que eles fazem, que é... mandarem fotografias para blogs, mesmo... e depois eles diz... põem... que tens a tal *submit box*... e então... ah... o que me, o que me fazia ficar um bocadinho frustrada era realmente isso, porque... ah, eu estava a tentar não dar a cara também para não... não ser associada a um... porque é muito mais fácil, a partir do momento em que tu tens uma fotografia, associares pontos de vista, a “esta pessoa é assim ou assado”, e eu não queria isso. Eu... só tinha... As únicas fotografias que eu tinha eram, por exemplo, até... até os lábios, ou... um bocado do pescoço... sempre só partes para... terem a noção que havia ali uma pessoa por trás, não era só... um robô, ou um *troll* qualquer... se bem que, na internet, nunca... [risos] nunca é fácil confiar... mas p’ra que tivessem alguma parte com que... se... estabelecer uma relaç... uma conexão.

D – Hmm hmm. Ah... a terceira parte daquilo que eu te queria perguntar tem que ver um bocado com... coisas que, de certa forma, já falámos, que é o consumo de material

considerado erótico ou pornográfico, na internet. Eu aqui quando falo de material erótico ou pornográfico, estou a falar de praticamente tudo e mais alguma coisa...

SA – ...pois!... [riso]

D – ...desde textos, até...

SA – ...okay...

D – ...vídeos, portanto... tudo aquilo que consigas imaginar, que tem que ver com material erótico ou pornográfico. Ah... não, não te vou perguntar se alguma vez viste, tendo em conta a nossa [riso] conversa...

SA – ...pois, ah!... [risos]

D – ...seria um bocado estranho, mas vou-te perguntar é se tu conheces outras pessoas que também vêm, e que tu sabes que vêm, e que falam contigo sobre isso.

SA – Sim... Tenho, tenho os dois. Tenho... lá está, tenho discussões com rapazes, já ia dizer “com os meus rapazes”! [riso], com os rapazes sobre isso, ah... se eles gostam de um certo tipo de porno, ou se têm algum fetiche em particular, por exemplo, uma coisa que eu gosto muito de discutir é o *ménage a trois*. Que é sempre aquela questão de... um gajo e duas gajas, e não sei quê, aquele sonho!... [riso] E então... eu gosto muito de falar com os meus, com os meus amigos sobre isso, p’ra saber até que ponto isso é uma fantasia deles, ou se isso é muito mais passado pela televisão. E pelos *media*. E, o que eu tenho apurado até agora, é que de facto, é uma coisa que é muito mais passada pelos *media*. Ou pelo menos, não é tão recorrente cá em Portugal. Porque... muitos dos meus amigos rapazes, o que eles acham é que... ao fazeres isso, já ‘tás a trair a pessoa com quem... com quem tu estás. E... e ao estares com duas pessoas ao mesmo tempo na cama. E então... por isso... uma coisa que eu reparo... nos portugueses, é que são mesmo muito ciumentos, mesmo *muito* ciumentos, e... eu ‘tou a generalizar... ah... e isso leva... a todas essas questões do “ah, não, porque se eu fizesse isso depois ela já podia ‘tar com outras pessoas e eu não quero isso, e não sei quê”. E eu gosto mesmo muito de falar sobre isso, e de ver que reacções é que tenho sobre esse... não, não é tanto o fetiche, mas... sobre essa... sobre essa ideia em geral.

D – E tu concordas com essa postura, de que é logo traição, automaticamente?

SA – Lá está, eu... [suspiro] ...eu agora estou num processo de mudança. Porquê? Eu como te disse, ah... eu *tinha* um blog, eu já não o tenho. Isso porque... eu estou numa relação nova, e... que é completamente nova [riso] para mim e... está a mudar, não os meus pontos de vista, mas, ah... a forma como eu vejo as coisas. Porque a pessoa com quem eu estou de momento é... hmm... é mesmo... não vou dizer possessivo, porque não é ser possessivo ou não, é... não é uma questão de ser possessivo, é uma questão de... entrega. E é uma entrega total, a 100%, de ti a essa pessoa; corpo, alma, tudo, e... é uma coisa... que eu nunca tive antes!, e... também fechei o meu blog porque o incomodava, e... acho que... é uma coisa que neste momento já não preciso porque acho que já passei esse processo de *self-discovery* e já estou mais, ah... acho que já estou muito mais aberta comigo própria e... e já não tenho assuntos pendentes, e se tiver, sei onde ir, para os resolver. E então, e com ele ‘tou a exp... ‘tou a passar por todo um novo processo, em que... p’ra ele, ele consideraria isso a última... *the ultimate... betrayal*. Era estar com uma outra pessoa... ah... a nível físico, ou... mesmo... romântico. Quando eu sempre tive uma noção muito mais aberta... [suspiro] ... de tudo isso!, e... durante muito tempo, eu *por acaso*, sempre achei muito at... atraente, a ideia de estar com um... uma pessoa, de ambos os géneros, porque... sempre quis experimentar!, como é que seria estar com uma rapariga, *e um rapaz*, ao mesmo tempo! Ah...

D – Tu disseste que... que o teu blog o incomodava, e que portanto o fechaste?

SA – Sim, sim.

D – Porque é que o incomodava?

SA – Incomodava-o p’lo, p’lo tipo de respostas que eu tinha de certos membros... certas pessoas, ah... diziam-me “ah, quero tanto fazer isto contigo, porque tu... falas de uma certa forma, e então gostava muito de ter...”, lá está... “*sexting*, um momento de *sexting* contigo, ou... *cyberweb* [sic] ou não sei quê”... E ele diz que todo esse, esse processo, apesar de *eu* estar ali puramente... pela Ciência! [riso], por assim dizer, ah... Ah, para ele, continuava a incomodá-lo, e chegou a um ponto em que eu vi que... estava mesmo *damaging our relationship*, e... não foi uma questão, “ou isto ou aquilo”, não foi tipo, “ou ficas com o teu blog...”, não, foi simplesmente respeito, porque também havia coisas que ele fazia que eu não conseguia... que eu não conseguia lidar muito bem com isso, e ele deixou de as fazer... E são estas... E lá está, ele ‘tá-me a mostrar

todo um processo de *give and take* e é, é... é tão profundo. E eu ‘tou a aprender tanto so... sobre este tipo de relação que... também me motiva a tentar e a experimentar esta... este novo tipo de relação, e...

D – Mas não achas que... corres o risco de... ah... apagar todo o trabalho de educação que fizeste?

SA – Eu... de certa forma até pensei nisso, na altura, ah... até pensei, “ah, mas e os meus, os meus fãs, e assim, vou ter outras... há outras pessoas que vão deixar de ter a quem recorrer” e então aquilo que eu fiz foi deixar alguns links de outros blogs a quem eu recorria também, ah... até, até havia um que eu gostava muito, que era de uma... era de uma rapariga que estava casada com... um soldado, no... nos Estados Unidos, e então ela usava o blog também, lá está, para dar esse tipo de respostas, e... e como estava casada, não o usava para outras, para outras, ah... outro tipo de... relação na internet. E, eu via-me também, eu identific... eu identificava-me muito com ela, porque também estava numa relação, e aquilo não... não me incomodava, nem incomodava a relação. Mas, lá está, ele é uma pessoa diferente, ah, é uma pessoa que tem sensibilidades diferentes, e eu também tenho de respeitar isso até certo ponto. Porque... também há aspectos em mim aos quais ele não está habituado numa relação, porque ele teve outro tipo de relações... e acho que há s... há es... há é... sempre este processo de aprendizagem, numa relação nova. E tu tens de te adaptar... a coisas que te façam... que vos façam aos dois... sentir-se confortáveis... com.

D – E essas mensagens, que tu recebias, de pessoas a pedirem para fazeres *webcamming* com elas, ou *cybersex*, isso deixava-te incomodada?

SA – Ah... É óbvio que... há sempre todo aquele momento de... seres *flattering* e... senti-me um bocado lisonjeada, mas... não passava disso. Não... eu não me incomodava, é assim, às vezes deixava-me frustrada, porque era só... chegava a um ponto em que eu tinha, por exemplo, *ten out of ten* era, por exemplo... cinco de *camming* e o... ou... coisas do género, e os outros eram perguntas, ou às vezes era... dependia da semana! Havia semanas em que era melhor, havia semanas em que era pior, e então era todo... um processo de... [suspiro] “Ah, mas porque é que eu estou a fazer isto outra vez?!” [riso]

D – Sim, sim, sim... E lembraste com que idade, mais ou menos, é que começaste a... a procurar material pornográfico, vá lá, na internet?

SA – Ah, é assim... Na internet não...

D – Foi logo no princípio?

SA – Sim. Ah, isso sim, mas... eu lembro-me de ter uns oito, nove anos e... gostar muito, ah, de ver a Playboy! [risos] O meu pai ainda tinha descodificado na altura, e... eu gostava muito porque, lá está, via o corpo feminino. E eu... eu tenho muito mais atracção a mulheres do que, do que... do que a homens. E eu ficava... eu adorava ver aquilo! [risos] Porque, lá está, na, na pornografia, tu... há sempre muito mais foco ao corpo feminino, sempre. E... a não ser, lá está, que seja [risos]... pornografia homossexual [risos]... e então... ah, eu já aí, comecei porque tinha mesmo muita curiosidade e depois o meu pai bloqueou o canal. Porque, apanharam-me a ver aquilo e... numa idade tão tenra, n'ê?, ficaram mesmo muito chocados. Mas mal tive... acesso à internet, comecei... lá está, porque, há toda... “ah, mas, que sites? O quê, o RedTube? Mas isso é o YouTube?, tipo...” é... todas estas... ninguém sabia bem o quê; pois, lá está, a primeira fase, procurar “*porn sites*” no Google, e só depois então encontrar sites que se adaptam mais ao meu tipo de gostos.

D – E aprendeste alguma coisa a ver pornografia?

SA – Fisicamente, ou...?

D – Qualquer coisa...

SA – ...valores?

D – ...qualquer coisa.

SA – [suspiro] Ah... É porque, lá está, é porque... eu aprendi muitas coisas relacionadas com o estigma do que é a pornografia e de... como é que deve ser uma relação sexual e, ah... apanhei mesmo muito, muito essa, muito essa questão de... uma mulher tem de ser *assim*, tem de ter o corpo *assim*, e não sei quê, e tem que ser praticamente uma... boneca insuflável. E isso eu não gostava! Ah... e... lá está, levou-me ah... e também toda a... coisa do *ménage a trois*, tudo isso... ao ver isso foi... fez-me querer discutir e falar e aprender mais sobre isso, mesmo com outras pessoas.

Hmm... agora, a nível de... pornografia... talvez suponho que na fase mesmo inicial, aprendi... a... a diferença entre o que era um broche, por exemplo, a... outras coisas, porque... lá está, como eu venho de um... eu vinha de uma educação tão religiosa, eu por exemplo, ah... na minha primeira... no externato, um colega meu, um miúdo foi expulso, por ter dito a palavra “merda”. E então... eu sempre tive uma [riso]... uma educação muito restrita, e muito... conservadora. E então não fazia ideia, sequer, do que é que era... até muitos... muitos palavrões, ah... usados para designar ah... a genitália, tanto feminina como masculina. Eu nunca tinha ouvido! E depois fui muito gozada, quando cheguei ao 7º e 8º ano, “ah, tu nem sequer sabes o que é... ou isto ou aquilo”, e eu “ah, não, nunca ouvi isso na vida! Vocês ‘tão sempre a dizer isso, mas eu não sabia que isso se referia a... ao, ao isso, ou àquilo!” E então ficava mesmo...

D – E ajudou-te a... a diversificar os teus gostos, os teus interesses, e a descobrir o que é que gostas?

SA – Sim, sim... Ah... completamente. Porque, lá está, tipo... há muita gente que... ainda vem com aquele estigma do... “ah, como é que tu... és bissexual, se tu ainda não experimentaste?”; ou, por exemplo, a um rapaz homossexual, “como é que tu és homossexual se tu nunca ‘tiveste com um homem?’”, lá está, porque... eu tenho um, um colega meu, que já tem a minha idade, e nunca... até ao ano passado, nunca tinha tido uma relação homossexual nem outro tipo de relação, porque simplesmente, n... n... nunca tinha... encontrado alguém... que o fizesse querer ter uma relação! Mas sempre soube, desde criança, que era homossexual! E... ter ou não ter uma relação não ia mudar de forma nenhuma aquilo que ele sentia por dentro, como pessoa, já desde criança! E acho que a pornografia ajudou-me... ajudou-me também a... a... de certa forma, a perceber que existem muitas outras coisas, para além do que se vê, ou do que é falado, outros tipos de fetiches e formas de erotismo que eu nunca... nunca tinha ouvido, não, não tive conhecimento... e muitas pessoas nem têm!, por exemplo... muitas vezes, ‘tou a ter uma conversa, e... por exemplo, no outro dia, acho que ‘tava... isto já foi há alguns meses, mas... ‘tava com uma amiga minha no quarto, e ela ‘tava acho que era a pintar as unhas dos pés, ou lá o que era e fizemos alguma piada qualquer, e depois eu disse “ah, sim, ‘tás a arranjar os pés para alguém que tenha um fetiche!” – o *foot fetish* – e ela, “o quê?! Existem pessoas que têm fetiche pelos pés?!”, e eu “a sério?! Não, não sabias?!” [riso] E então tive-lhe a explicar um bocado do processo e... e ela só ficou assim chocada, ela, “que horror, os pés!” Eu achei... ainda acho todas, todas essas

reações engraçadas, e... gosto mesmo muito de poder ajudar as pessoas a... clarificar e... a matar essas... não quero dizer ignorâncias, mas... ajudá-los a cultivarem-se.

D – E também já descobriste alguma coisa, que percebeste que não gostavas por ver?

SA – Não. [riso] Curiosamente, agora que, que falas nisso, é exactamente o contrário. Há muito mais coisas que, ao ver, eu fico curiosa sobre se gostaria ou não, mas nunca tenho uma atitude negativa, ah... a... quase nada. Ah, quer dizer, há certos termos, do... sadomasoquismo, por exemplo, em que há certos extremos, por exemplo, clisteres e tudo isso... já é um aspecto que me assusta! Mas, ah...

D – Mas não te incomoda.

SA – Sim, não me incomoda! Eu tinha isso constantemente no meu *dashboard*, no meu Tumblr, porque havia, tinha vários blogs que seguiam isso, e apareciam imagens, e não era uma coisa que causasse repulsa, ou... automaticamente aquela rejeita [*sic*]. É mais... medo! [riso] ...Da dor que envolve, do que... do que uma rejeita [*sic*] total.

D – Claro... Tu há bocado estavas a falar de... dos estereótipos que aparecem na pornografia

SA – ...sim...

D – ...do tipo de corpos

SA – ...sim...

D – ...e do que é que é suposto o sexo ser... Achas que isso pode ser prejudicial para as pessoas?

SA – Sem dúvida! Sem dúvida, acho que sim. Porque há muitas raparigas que até... não vêem porno porque... também depois... e até mesmo rapazes, ah...! Esse rapaz, mesmo, que te estava a falar, que nunca teve uma relação, ah... tem uma colecção *vastíssima* de porno [riso], mas ele diz que se sente mesmo muito mal depois de a ver. Porque depois do momento da euforia [riso] e tudo isso, ele sente... ele sente-se bastante mal, porque nunca terá aquele corpo, nunca terá aqueles abdominais, ou aquelas pernas musculadas, ou... todo esse ideal perfeito de como é que um homem deve parecer. E a mesma coisa que uma mulher! Eu tenho amigas minhas que querem muito fazer, ah... implantes. Querem pôr implantes. Porque, lá está, há toda essa

concepção, e por exemplo, esse meu amigo gay, também, ele... só acha... não é interesse, mas atracção, e que é bonito, ah, ah, as mamas falsas. Ah... as mamas com implantes. Porque ele acha que as outras são sempre na... naturalmente descaídas, porque, lá está, ele... inicialmente, quando se começou a descobrir, começou por ver, tal como muitos rapazes homossexuais pelo que eu percebi, a ver pornografia hétero. Porque era o que havia disponível! E... claro que só viam para ver o corpo do homem, mas também... acabavam por ver o corpo da mulher, e ele cresceu tanto com essa... não cresceu com, mas tem tanto essa... essa idealização do corpo feminino, que não acha... mamas... normais!... minimamente atraentes. Porque não são... super! [riso] *perky* e inchadas, ou...

D – Hmm hmm. E tu também sentiste isso, em relação a ti própria, e em relação à maneira como tu olhavas para o teu corpo?

SA – Acho que mais relativamente a... a um processo de... acho que mais relativamente a estrias, do que a outra coisa. Porque tenho mesmo esta discussão, mesmo com os rapazes, porque... os rapazes também têm estrias!, e... nas raparigas é muito mais... lá está, crescimento de... dos peitos, e... todas essas questões, ah... tenho muitas raparigas, a... amigas raparigas, que também têm muita... ah... muito *body shaming*, por causa disso, e sofrem muito, por exemplo, tenho uma colega minha, que ela é completamente... ela... tem um corpo perfeito, na minha opinião, mas, ah... tem muitas estrias entre as pernas. E por isso tem sempre muito medo de, no acto sexual, ou no acto íntimo, não se sente nunca à vontade, sente sempre que o rapaz vai ‘tar a olhar... p’r’ali, ou... e que... e, e até mesmo quando vai à praia, se sente mesmo muito mal... e... eu também... eu também tenho estrias, e... de início tinha muito mais, ah... não é preconceito, mas muito mais... era muito mais... *conscious about it*... Era... preocupava-me muito mais e... do que agora. Porque, lá está, a pornografia é sempre um ideal tão perfeito, é sempre... porque são basicamente modelos... são mulheres modelo, e homens modelo, que vão... fazer aquilo para parecer apelativo a toda a gente.

D – E sentes que ultrapassaste essa, essa ideia de *body shaming* para ti própria e de ficares *self-conscious*?

SA – Acho que ainda estou em processo de. Porque, lá está, isso também depende, na minha opinião, do tipo de relação que tu tens contigo próprio, e com... e com o tipo de relação, com a relação que tu tens com... a tua outra pessoa... a tua... *beloved* [riso].

Your beloved... Porque... é óbvio que... se é uma pessoa que te faz sentir à vontade contigo própria, tu também vais mudar a forma como tu vês, como te vês a ti próprio, porque... eu já... li e vi muitos vídeos, até mesmo no YouTube, sobre raparigas que, no seu acto... no seu primeiro acto sexual, ou... mesmo no segundo, houve rapazes que... viram a *lábia* ou... outras partes íntimas e disseram, “oh meu Deus, que nojo! Isso, isso não é normal! Tens de fazer uma cirurgia, isso não devia ser assim! O que eu vejo na internet nunca é assim! O que eu vejo na pornografia nunca é assim!” Porque... lá está, eu... e isto depois causa um trauma, como é óbvio, e... leva muito mais à questão do *self-shaming*, do “oh meu Deus, isto é horrível!” Eu ainda no outro dia partilhei um vídeo no meu Facebook sobre... era “*have you seen your vagina lately?*” E era um projecto, feito por um homem, que... um estudante, que... ah... convidou várias mulheres a participarem e montou um... uma, uma pequena tenda, onde daqui para baixo não se via nada, e ofereceu-lhes um espelho para elas verem a sua própria vagina, e observarem e ele gravava todo o processo, e, as suas reacções. E eu achei... eu, eu achei fantástico! Porque muitas delas “ah! Então é só isto! Ah!” E ficavam, porque pensavam que era um monstro de sete cabeças por... porque lá está, não... não há tanto aquela questão de *self-discovery*, de tanto interesse em... verem-se a si próprias e saberem como é que aquilo é, porque é que funciona assim. E só... ouvem aquilo que a sua contraparte, quando está no acto sexual, diz. E houve mesmo uma rapariga muito nova, deve ter uns 20 anos, que ela... tinha mesmo... af... porque disseram-lhe isso, foi a ela que lhe disseram essa questão do “ai isso é horrível, tens de fazer uma cirurgia!”; depois, ela no momento viu-se e ficou “Ah!”, e ficou bastante tempo a olhar! [riso] “Okay, então é só isto, mas isto não é nada de... Porque é que ele?...” E finalmente ultrapassou esse...

D – Achas que há alguma maneira de evitar esse... esse efeito de idealização?

SA – Eu acho que... [suspiro] Isso depende muito dos pais. Depende muito da educação, na minha opinião, porque... lá está, tu podes asquirir [*sic*]... adquirir isso através de um processo de *self-discovery*, mas é muito mais longo e acho que também muito mais difícil. Mas se tu fores... à partida, educado desde criança, onde os teus pais te dizem que isto é completamente normal, e que tu vais ver disto e daquilo e não sei quê, e não há medo nem vergonha nem anormalidade qualquer em seres isto, ou assim, ou que o teu parceiro tenha isto ou aquilo... acho que é muito mais fácil, p’ra depois cresceres, porque já tens uma... uma *broad range of*... de... diferentes coisas, com

aquilo que podes lidar, e sabes que não é preto no branco, não é todas as pessoas têm este tipo de vagina, ou este tipo de pénis, ou...

D – Sim... Conforme tu foste, evoluindo nesse processo de *self-discovery*, sentes que mudou a forma como tu olhavas para a pornografia, como encaravas a pornografia?

SA – Sem dúvida! Eu... eu acho que também... de início, também via muito mais só porque... porque queria saber o que é que despoletava tanta comoção nos rapazes! E... também... “ah, okay, então é isto... Mas isto é um boca... é um bocado ridículo! Ah!” Então... fui vendo os vários tipos de pornografia, porque haviam muitos em que... lá está, era aquela questão do canalizador entra, ah, não sei quê... e ach... [riso] achei mesmo muito engraçado ver toda a evolução de... dos diferentes *plots*, da... dos diferentes *plots* da coisa, e os diferentes tipos de pornografia, de abordagem mesmo tanto a nível de filmagem, e os diferentes... mesmo os diferentes, as diferentes formas de pornografia que existem, ah... desde amador, até profissional, a... empresas privadas como a Playboy, que têm mais renome, e o tipo de pornografia que cada um deles mostra... e tanto... não só no estilo de filmagem, mas também no estilo de modelos, no estilo de... mesmo no acto... o tipo diferente de relação que é... exposta.

D – ‘Tavas a falar do ridículo, o que é que tu achaste ridículo nesses casos?

SA – Eu achei ridículo [risos] o relato acima de tudo! [risos] “Ah, olá, eu sou o gajo da pizza e eu venho aqui entregar-te a pizza e tal, e... okay, eu vou-te despir e vamos começar aqui mesmo na porta”. [risos]

D – Okay. E quais é que tu achas que são as razões que levam as pessoas a ver pornografia?

SA – Ah... eu acho que lá está, é... também um bocado pela idealização. Pela mesma forma que... eu sei que isto vai parecer um bocadinho... *off*, mas, pela mesma forma que tantas raparigas gostam de Nicholas Sparks, e daquele amor inatingível, acho que há muitos... muito... muitos rapazes que pensam muito mais no... sexo em si e de... aperfeiçoar a sua técnica ao máximo, para... ter o melhor sexo possível. Eu... eu falo... falei disto já com amigos meus rapazes, e... e eles disseram que, de facto, ver pornografia ajudou-os a aprender posições e... técnicas de, e... por exemplo, a fazer um minete. Que nunca sequer, não faziam... tipo, faziam o quê?, o que é que faziam onde, e...

D – ...E tu achas que a pornografia consegue mesmo ensinar essas coisas?

SA – Eu acho que não... completamente. Eu acho que... é uma boa ideia, mas tem de ser aperfeiçoada. Eu acho que devia de haver mesmo uma... um, um ramo da pornografia dedicado a... a ser... a, a... *educational purposes*. Ou seja, onde se mostrava mesmo “faz-se isto, porque isto e não sei quê, não sei que mais”...

D – E achas que não há? Não há esse ramo?

SA – Pelo menos não que eu tenha visto que... tão completo assim. Porque existem muitos vídeos no YouTube, por exemplo, “*how to kiss*”, “*how to... make a hickey*”, ah... esse tipo de abordagens, mas, ah... eu até já vi alguns mais explícitos, que eram, por exemplo, num... num gelado, num Calippo, a tentar ensinar como... eu achei isso engraçado [riso] e até achei uma... uma ideia, uma ideia engraçada, sim.

D – E também costumavas ler textos, eróticos ou *fanfics*, por exemplo?

SA – [suspiro] Eu... Ah, *fanfics*! Ah, já não faço isso há muito tempo, por acaso, mas sim. Eu adorava *fanfics* também. Ah... mas, acho que foi aí que começou a minha... a minha queda para o erotismo e querer descobrir mais sobre isso porque... foi a forma muito *soft*, muito *vanilla*, vá, de... encontrar coisas eróticas primeiramente, numa primeira fase na internet; foi através disso, das *fanfics*. Ah... foi sem dúvida. Mas, lá está, o que também havia muito no blog era... muita gente que gostava de, por exemplo, mandar-me textos sobre aquilo que gostariam de me fazer, e os vários estilos de cada um... era mesmo... era mesmo muito engraçado. Porque havia uns que iam para uma parte muito mais... amorosa e... muito mais *romance-like*, e havia outras que era mais *hardcore*, havia uns que era a mistura dos dois e... acho que isso é mesmo muito interessante, porque... aquilo... tu ao tentares escrever, ah... escrever algo do género de *texting* [sic] mas numa *full message*, em vez de ser a trocar mensagens de imediato, estás a expor muito mais de ti e... daquilo que tu visualizas, daquilo que tu gostas de fazer, e acho que é uma forma muito interessante. Eu agora já não... já não leio muito disso, mas... lia...

D – E já alguma vez escreveste?

SA – Sim, sim, sim! Eu também escrevia... e até tive uma relação com um amigo meu, que foi o... o tal que me levou a também criar o meu blog, que era so... basicamente...

muito... tinha muito que ver com isso. Nós trocávamos muito, muito as nossas, as nossas ideias, e os nossos fetiches, e aquilo que gostávamos e deixávamos de gostar, também... ah, também muito por *sexting*, também muito por mensagem, ah, nós não tínhamos uma relação física, nem nada disso, porque não era esse tipo de relação. Simplesmente partilhávamos os mesmos tipos de interesses a nível sexual, mas... somos amigos e não havia necessidade de romper isso. Eu não tenho nada contra amigos coloridos, mas... nem *fuck buddies*, nem nada disso, mas simplesmente não era aquilo que nós queríamos na altura.

D – Claro. E alguma vez alguém veio ter contigo a dizer-te “eh pá, vi isto ou aquilo na internet e fiquei incomodada” ou “fiquei incomodado”?

SA – Ah, a nível de imagens, ou ainda de *sexting*?

D – Imagens, *sexting*, tudo...

SA – Sim! [risos] Tinha... eu tenho uma amiga... uma amiga minha, ah, que... disse... “oh meu deus, eu no outro dia estava na internet e eu vi uma, uma pila de um preto! E aquilo era tão grande, mas tão grande!...” [risos] E eu... comecei-me a rir [risos]! Ela: “ah, eu fiquei tão chocada, como é que é possível, ele ser tão enorme? E aquilo não é possível, aquilo tinha de ser Photoshop, e não sei quê!”, e começou-me com todas essas perguntas, e “mas aquilo é sempre assim?” [risos] Acho que foi mesmo... acho que foi mesmo a... Ah!, mas ela também depois, ah... ainda, dentro das *innies* e das *outies*, nós, eu e amigos meus rapazes, mostrámos-lhe, o que era, porque ela é o tipo de rapariga que não vê pornografia. Não o “tipo de”, mas é... é... as, das pessoas que não vê pornografia. E... ela ficou tão chocada, tão chocada! Acho que ela ficou mais chocada ao ver uma... uma *labia outie*, do que... quando viu *Two Girls, One Cup*! E eu fiquei... “mas, a sério?!” Ela, “ah, mas isso é tão nojento, tão estranho, isso é p’ra fora, isso não devia ser assim, ah, isso é estranho, isso parece, ah...”

D – Porque é que vocês lhe mostraram isso?

SA – Porque ela “ah, mas eu agora quero ver! O que é isso?! Como é que isso é que é?” Lá está, despertou a curiosidade. P’ó bem ou p’ó mal, não sei! E, e então mostrámos-lhe, e, e... ah... e depois, depois inclusive, há uns tempos, estava no computador, estava no Facebook, e recebi uma mensagem de um amigo meu e ele disse, “olha, manda lá o teu blog outra vez, porque eu quero mostrar... à minha namorada a diferença entre uma

innie e uma *outie*”, e eu gostei bastante, mas nessa altura já não tinha o blog. E aí foi uma dessas alturas em que eu fiquei a sentir-me [risos]... que não devia ter... desistido dessa parte educacional. Mas mandei-lhe outros links, ainda de blogs que seguia, e mostrei-lhe as diferenças, e ele usou isso para mostrar à namorada, e p’ra falarem sobre isso, e discutirem o assunto.

D – E ‘tavas-me a falar do *Two Girls, One Cup*, foi uma situação em que também se juntou um grupo de pessoas a ver, ou como é que foi?

SA – Sim, claro! Claro. É aqueles momentos de... porque, lá está, como nós moramos numa residência e especialmente nós da Madeira, que estamos muitas vezes muito tempo sem ir a casa, acabamos por juntar-nos muito mais, ‘tamos sempre no quarto uns dos outros, porque sentimo-nos muito mais sozinhos, em comparação a pessoas que são de cá, e que têm sempre como ir a casa, nem que seja de duas em duas semanas, ou uma vez por mês. Nós vamos uma vez por ano, talvez duas! Portanto é muito mais difícil para nós e... nesses momentos de grupo, “ai, tu já viste isto? Ai, tu já viste aquilo? Tens de ver isto, ai quero ver a tua reacção!” É muito esse momento. Porque acho que o *Two Girls, One Cup*, é muito mais usado p’ra... descobrir que tipo de reacção é que as pessoas vão ter àquilo! Se é choque, se é horror, se é nojo, se é [risos], se é tudo de uma vez!

D – Mas portanto é mais uma coisa de brincadeira, de provocação, e não tanto uma coisa sexual?

SA – Sim, o... *Two Girls, One Cup*, sim! [riso] Mas quando são outras coisas é muito mais a nível de descoberta. Primeiro há aquele, todo aquele choque inicial, mas... mas depois, “ah, okay, ‘tá bem, isso é, isso é interessante, mas como é que isso? É que isso tem duas par... Como é que?...” [risos] É bué engraçado!

D – E depois ficam, sei lá, ficam a ver um filme ou imagens, e ficam a conversar sobre o assunto em grupo?

SA – Sim. Eu... nós já... nós, por exemplo, eu tenho... eu já ‘tive a ver com, também com colegas meus da residência, já ‘tivemos a ver um... ah... filmes eróticos, mas que não são pornográficos, que só... porque esse meu amigo é que me mostrou esse tipo de... porque eu não via nem conhecia, e ele, “olha, vou-te mostrar o tipo de pornografia que eu gosto de ver”, e eu fiquei assim muito... cho... não chocada, mas muito...

surpreendida. Porque não é o tipo de pornografia, vá, que ele gosta de ver, não é nada explícito. É muito mais toda a ideologia de... toda aquela coisa dos jogos de atracção, é por exemplo... um rapaz a... cheirar o pescoço da... da mulher, com aquela música *jazzy* no fundo [riso], no meio das oliveiras e não sei quê [risos], e eu... achei isso mesmo muito curioso, porque eu não estava nada à espera de ver aquilo dele, porque lá está, ele tem muito... Mas acho que os rapazes em geral têm muito essa questão do “ah, eu vejo isto, ah, eu faço isto”, e não sei quê. E depois ve... ver realmente o que o atrai, e aquilo que ele pensa, e visualiza quando está no momento, achei mesmo fascinante.

D – Ah... como é que... imagina que, de repente, toda a pornografia, todo o material erótico, desaparecia da internet. Achas que se perdia alguma coisa?

SA – Ah... Eu acho que sim. Porque... apesar de ser ainda na minha, na minha opinião, algo muito *crude* e que tem de ser muito melhor trabalhado para melhor corresponder à... a uma forma educacional de... de pornografia e de ajudar as pessoas a descobrirem-se a si próprias e que tipos de corpos há e que tipos de posições e... que tipo de coisas há. Sempre é um método de o fazer! Se por exemplo... a mesma forma... ‘tou a fazer uma comparação um bocado bruta... mas... é como por exemplo o futebol ser uma óptima forma de *unleash your anger* e... gritares e... não sei quê quando vais ao estádio, vives toda essa... essa comoção. Eu acho que também é, é muito mais por aí porque também é uma forma de libertação ah... especialmente através da masturbação, a masturbação é uma forma de... grande libertação, tanto para rapazes como para algumas raparigas, ah... portanto eu, eu acho que faria toda a diferença, especialmente para os rapazes, os rapazes no seu crescimento, porque há muitos rapazes que começam a ver pornografia mesmo muito cedo, ah... esse meu amigo que ‘tava a falar, tem um irmão de 9, onze anos, e ele já vê pornografia também, na internet, que ele já apanhou no histórico, e até começou a pegar com ele [riso]... e... acho que é mesmo muito importante, porque não há ainda aulas, que sejam... pelo menos, não havia no meu tempo! [riso], que correspondam... ah... da melhor forma, à curiosidade humana, e que matem, por exemplo, como é que é o corpo feminino, como é que é o corpo masculino. Só há a parte interna dos órgãos, e... é um bocado... e quando há, mesmo assim é em desenhos, que... é muito *crude*, lá está.

D – Estavas a falar do amigo... aliás, do irmão do teu amigo, ver com 9, dez anos. Mas supostamente, é preciso ter-se 18 anos para aceder...

SA – [risos]

D – ...a material erótico...

SA – ...pornográfico...

D – ...e pornográfico. Concordas com essa lei?

SA – [suspiro] Eu [suspiro], eu acho que isso é muito... é... é generalizar muito. Porque tudo depende da maturidade da pessoa. Ah... eu considerava-me já aos 13 anos ser capaz de distinguir pornografia do mundo real, completamente. Mas há pessoas que, ainda hoje, aos vinte e poucos e se calhar trintas, não... não conseguem compreender bem o que é o conceito da pornogra... o conceito da... da pornografia.

D – Mas achas que devia haver um limite mínimo geral, ou assim?

SA – Eu acho que *talvez* 15. Ou 16... por ser a idade de casamento no Brasil, e não sei quê, ainda haver mais alguma... algumas leis associadas com essa idade. Porquê os 16? Porque, hmm... tu já começaste a puberdade, já estás mesmo durante o processo da puberdade, já... é uma altura em que tu quase de certeza que já iniciaste o teu processo de *self-discovery*, porque... tiveste curiosidade, ou... ou tiveste, por exemplo, nos rapazes, tiveste algum tipo de sonho molhado, ou fantasiaste com esta rapariga, e... tens que ter alguma forma de libertação e algum... hmm... uma melhor forma de acesso ao corpo feminino, do que...

D – Mas tu própria começaste esse processo, estavas tu a dizer, aos 13 anos.

SA – Sim...

D – Portanto, estás-te a excluir a ti própria...

SA – Não, eu só ‘tou a dizer que eu acho que... a sociedade não estaria já preparada para uma idade tão reduzida de. Por exemplo, no Japão, a idade legal é aos 13 anos, de um... para uma rapariga já poder iniciar a sua vida sexual, e etc. Mas isso, aqui, na... p’ra, p’rá nossa cultura, europeia, é muito *shamed upon*, também, porque há muita gente que, “ai, isso é só pedofilia” e não sei quê, na... porque lá está, todos nós temos os nossos valores. Eu acho que, se fosse para diminuir, talvez para os 16 por enquanto. Mas, eu não acho que...

D – ‘Tavas a falar de saber distinguir entre o mundo real e a pornografia. Como é que se faz essa distinção?

SA – Porque, lá está, há muitas pessoas que pensam que... a pornografia é... tal e qual aquilo que acontece na vida real, quando não é! Tu não és plástico, as coisas não são esquematizadas, as coisas não são perfeitas, tu... tu fazes aquilo que ‘tás de acordo... aquilo que tu queres de acordo com o tipo de relação que tens com quem estás.

D – Sim. E já alguma vez te aconteceu, ah, veres, veres pornografia ou material pornográfico, sem querer? Sei lá, por exemplo, pop-ups ou publicidades em sites?

SA – Sim, sim, sim, sim. Há muitos sites que têm esse tipo de... esse tipo de anúncios ou... *pop*-... ah... pop-ups.

D – E isso alguma vez te incomodou, ou deixou desconfortável, ou aconteceu numa situação...?

SA – ...Sim, sim!, porque já me aconteceu em situações em que eu estava, por exemplo, no computador da escola, ou... em que estava a usar um site completamente normal e depois pimba! “Quer webcam com esta menina fantástica de não sei quê?”, e... eu fiquei ali... é uma situação um bocado *awkward* e que devia ser melhor controlada, na minha opinião.

D – E o que é que tu fizeste, nessa altura, como é que reagiste?

SA – [risos] Eu tentei fechar ao máximo, o... o... o mais rapidamente tudo o que... lá está, não sabia quem é que podia ‘tar a ver e...

D – E alguma vez tiveste problemas à conta disso?

SA – Ah... hmm, não, porque por sorte não, não estava, por exemplo, um professor meu ou um dos padres [risos]... do colégio, que era muito pior!

D – E tentaste ir à procura de alguma maneira de evitar que isso voltasse a acontecer?

SA – Hmm, não, ah... porque eu geralmente... lá está, o que eu faço é... agora tento só ir p’ra sites que... primeiro, instalei o *Ad Blocker* [sic] p’ró caso de haver anúncios – que eu detesto anúncios... E o que eu faço é que eu só vou p’ra certos tipos de sites específicos em certas alturas. Ou então aviso... porque eu moro num quarto duplo,

então aviso a minha colega, por exemplo... eu quando ainda tinha o meu blog porno, era... eu digo blog porno porque é mais fácil de identificar o tipo de blog que é, ah... eu dizia-lhe “olha, vou agora para o meu blog um bocadinho, portanto se vires imagens, ou isto assim...” e ela “ah, ‘tá bem, na boa”. Agora, se fosse um, um... num outro tipo de situação, por exemplo, estar, numa biblioteca, por exemplo, na faculdade, com esse tipo de... alguém poderia de facto chamar-me à atenção, ou achar que aquilo era ofensivo... fazer... fazer aquilo ou ver aquele tipo de sites num sítio público, não sei.

D – Claro. E em relação ao *sexting*, sabes alguma situação de *sexting* que se tenha descontrolado, tipo uma imagem de alguém que conhecias que tenha sido partilhada?

SA – [suspiro] Ah, sim. Sim.

D – O que é que aconteceu?

SA – Ah... conheço uma rapariga que... lá está, isto é um bocado difícil de dizer “conheço uma rapariga que”, porque... o que, o que há é mais aquelas coisas nas escolas, que é... aquelas situações de infâmia em que, por exemplo, uma rapariga mete um pepino ou chouriço, e depois isso *leak* pela escola inteira e... A miúda é...

D – Mas aconteceu com pessoas da tua escola?

SA – Não na minha escola, mas na escola da minha melhor amiga da Madeira, na altura, porque eu estava na... no colégio e ela estava numa pública. E ela contou-me isso, e ainda também na escola da minha prima, que era completamente longe... era completamente afastada da minha zona, era... são zonas distintas... e ela disse-me... não me lembro se na escola dela foi uma cenoura... ou se foi um chouriço, ou se foi uma salsicha, mas, ah... enfim, são... este tipo de situações que lá está... por... acho que é tanto por *self-shaming*, porque se fossem apresentados objectos como brinque... brinquedos sexuais, ah... dildos, coisas do género, não havia necessidade de uma rapariga achar que teria de meter, ou de usar um...

D – ...um vegetal...

SA – [risos]... um vegetal!, p’ra satisfazer esse tipo de... de necessidades!

D – E sabes se aconteceu alguma coisa, ou seja, se a rapariga foi gozada?

SA – Ah, sim, sim, sim! Eu sei que foram muito gozadas, mas não sei se isso levou a suspensão ou expulsão. Só sei que, pronto, foi o escândalo, e toda essa noção que há sempre...

D – E quem é que divulgou a imagem, publicamente?

SA – Ah... isso não sei. O único, que eu... que eu estou a par de, foi um caso no Facebook, que a rapariga mandou a fotografia para o namorado, e depois acabaram, e o namorado depois expôs mesmo no Facebook, criou uma página só para... para aquilo.

D – Qual é que é a tua posição em relação a isso?

SA – Eu acho ridículo! Eu acho completamente ridículo. Eu acho que... mesmo que tu acabes com essa pessoa, tu a dado momento tiveste de ter uma relação aberta e... na qual tu confiaste nessa pessoa e deste tanto de ti a essa pessoa, e... depois... desligar e rejeitar isso tão completamente, em que tu queres é envergonhar, vingar-te de uma forma física dessa pessoa, em que vai deixar marcas, não só, não só psicológicas, porque de cada vez que essa pessoa for vista, vão pensar isto ou aquilo dela, vai sempre... acho que é uma falta de noção, realmente. Porque tu tens que pensar, eu digo “tu”, mas...

D – ...sim, sim, eu percebo!

SA – ...uma pessoa tem de pensar que... um acto desses marca essa pessoa para uma vida inteira. E uma brincadeira ou um... esse agir de cabeça quente, pode destruir completamente a vida dessa pessoa. Como há muitas miúdas que nos Estados Unidos, que se suicidam, depois disso.

D – E tu alguma vez fizeste algum tipo de *sexting*?

SA – Sim... Ah... já fiz, e também já recebi imagens e também já enviei e nunca teve... tive esse tipo de situações, ah... porque, lá está...

D – Foi no contexto de relações existentes, só?

SA – Sim, claro, claro. Não... ah... mas lá está, não foram imagens explícitas, foram imagens mais... eróticas, do género, pescoço... lá está, aquilo que eu estava a dizer... isso já, isso já fiz. Agora... Fora do contexto de relação. Mas agora... dentro do contexto de, de... fora do contexto de relação, algo de explícito não.

D – E dentro do contexto de relação?

SA – Sim, já. Porque também, eu estou numa relação à... *long distance*... Portanto... É um bocado complicado lidar com estas... lidar com estas necessidades, de, de uma forma que não, via internet, não é?

D – E achas que o *sexting* via internet, ou... bem, no teu caso disseste que não tinhas um *smartphone*, portanto imagino que seja via internet...

SA – ...tem de ser através da internet...

D – ...achas que é uma boa forma de, de lidar com essa necessidade, que estavas a falar?

SA – Sim, sem dúvida, porque, lá está... na nossa situação, chamadas também não é muito possível, porque é... demasiado caro, mas... talvez se fosse, por exemplo, com alguém do Porto, ou algo assim, porque... assim sempre era possível chamadas. Agora... ou mesmo, sei lá, o uso de MMS, ou... algo do género. Talvez no caso dos *smartphones*, aquela, aquela aplicação, a... aí... o *Snapch*...

D – ...*Snapchat*...

SA – ...isso, isso. Ah, os meus amigos falam todos disso, em que aquilo só fica presente durante uns segundos, ou um minuto, ou lá o que é, e... eu acho que isso é perfeito, quando tu... tu queres só p'r'aquele momento, acho que isso é ótimo p'ra, pronto, o teu parceiro quer... algo assim mais *spicy*, então tu usas isso e depois não tens de te preocupar com o que acontecerá depois com a imagem.

D – Tu tomas algum tipo de precaução, quando envias esse tipo de imagem?

SA – Ah... sim. Eu verifico... eu mando via, ah... email, porque usando o Skype ou o Facebook ou outros tipos de registo há muitos que não permitem apagar completamente o *chat log*, então o que eu faço é, eu mando por e-mail, e apago todas as cópias, depois, depois de enviado. Portanto, a única cópia presente, tanto no computador como via online, fica da outra parte. Eu certifico-me sempre disso.

D – E... não achas que isso pode ser potencialmente perigoso? Ou seja, como é que sabes que a outra pessoa não vai eventualmente, um dia mais tarde, usar essas imagens contra ti?

SA – Ah... eu... é assim... eu não faço isto com qualquer tipo de pessoa, n'ê?, é... eu já conheço esta pessoa há quatro anos, e começámos esta relação só em Janeiro, a cem por cento, até lá... até cá... até este momento, tinha sido *on* e *off*, mas... neste momento, aquilo que eu posso dizer é que é a pessoa, e eu nunca senti isto antes, porque eu tenho muitos *commitment issues*, ah... mas... é a pessoa com a qual eu sinto que vou passar o resto da minha vida com. E portanto não tenho qualquer... tipo de... complexos ou vergonhas, ou...

D – E se alguém viesse ter contigo e te pedisse conselhos para fazer *sexting* de forma mais segura... o que é que ias dizer?

SA – E, e pedem, e pedem!

D – Ah, pedem? Okay, então o que é que tu respondeste? Não é o que é que tu responderias, é o que é que tu respondeste?

SA – [riso] Sim... ah... .o que eu respondi foi que... primeiro, certifica-te que 'tás a usar um, um tipo de serviço que tem forma como apagares, ah... tanto o registo de *chatlog* como aquilo que enviaste, ah, certifica-te que não tens vírus no teu email, nem no teu computador, ah... certifica-te que é, acima de tudo!, para uma pessoa de confiança, que não é só para um amigo porque sim, tem de haver muita, ah... muita confiança e certifica-te acima de tudo que esse... que é uma imagem com a qual te sentes confiante. Porque apesar de... apesar de poder ser ou não explícito, existem imagens que apesar de serem explícitas tu podes não te sentir-te à vontade com elas. Então o que eu digo, acima de tudo, para te sentires segura, é pelo menos envia uma com a qual tu te sintas completamente, cem por cento confiante. Porque mesmo que exista essa eventualidade de fazer *leak*, não é uma coisa da qual tu te sintas *shamed upon*, ou que seja um horror, ou que toda a gente veja esta parte do teu corpo com a qual tu não te sentes confiante. Portanto acho que primeiro tu tens que sentir-te confiante em relação ao teu corpo, para fazeres isso.

D – Mas achas que isso impediria as outras pessoas de fazer esse, esse *shaming*?

SA – Ah, não, eu acho que não, mas lá está, a partir do momento em que é uma coisa que tu te sentes realmente bem e seguro, acerca de, é mais difícil *that brings you down*. É mais difícil.

D – Okay, pronto, no fundo, no fundo era isto, queria-te só perguntar era o que é que te motivou a fazer a entrevista, e a marcares esta conversa.

SA – Lá está, porque eu achei muito interessante, daquilo, do pouco que me lembrava do ano passado, achei que era uma temática muito interessante, e que merecia mais... mais respostas, talvez mais divulgação, ah... e que, não é muito... não é muito abordado cá. E eu queria mesmo fazer parte de, porque achei que até tinha alguns pontos de vista que se calhar outras pessoas não teriam, porque tive o tal blog e... porque se calhar tenho uma mentalidade um bocado aberta.

D – Achas que os jovens são pouco ouvidos acerca deste assunto?

SA – Ah, eu acho que sim, também porque há muito aquela... aquela coisa de os adultos dizerem “ah, tu não sabes nada da vida”, “não sabes o que é o amor”, “não sabes o que é isto, não sabes o que é aquilo”, “tu depois hás-de aprender”, “não sabes nada”... e há muito essa... não, nem sequer digo rejeita, mas... de certa forma, ignorar um bocado o que eles têm para dizer.

D – Mas ao mesmo tempo achas que há falta de educação sobre sexualidade para jovens?

SA – Exactamente, exactamente! Por isso é que eu acho que tem muito que ver com os pais. Porque, a partir do momento em que tu procuras matar essa curiosidade, e explicar-lhes que existe isto, e isto e aquilo, não há... não tens que ter tanto medo com o que eles possam fazer, com o que possa acontecer, porque eles já ‘tão bem informados, e ‘tão realmente seguros para o que possa acontecer.

D – E achas que as escolas também são responsáveis por isso, ou é mais os pais?

SA – Eu acho que são os dois, mas lá está, também há muito aquela... porque depende muito da pessoa. Há alunos que odeiam ‘tar dentro de uma sala de aula, odeiam mesmo e sentem-se presos, rejeitam completamente aprender, não gostam daquela forma de aprendizagem, e acham que tudo aquilo é uma fantochada, que eles é que sabem, e que aquilo não é, não é nada assim... Portanto, depende muito da pessoa, mas acho qu’o ideal, seria uma... seria uma aproximação entre a aprendizagem em casa e a da escola. Mas é óbvio que isso é tão... é uma visão tão idealizada das coisas, porque... cada pessoa tem as suas visões, religiosas, e... e então é difícil ter uma abordagem a cada um

dos alunos, porque se há famílias que condenam isto, há religiões que condenam aquilo, e é muito difícil.

D – Okay. Não sei se há mais alguma coisa que queiras dizer, ou que queiras acrescentar?

SA – Tinha alguma coisa que queria dizer, mas acho que entretanto já me esqueci... Ah, foi-se!

D – ...‘Tá bom, não há problema!

ANEXO 48

Entrevista 009 – 03/07/14

Respondente: Tiago, 19 anos, género masculino; trabalha na área de Informática e vive na margem Sul

Local: Amoreiras Shopping

Daniel – Ora bem, portanto, já passou algum tempo, foi para aí há cerca de um ano, que distribuí o questionário e pedi às pessoas para preencher. Não sei se te lembras onde te cruzaste com o questionário?

Tiago – Facebook.

D – Facebook... E ainda te lembras do que é que ele falava?

T – Não!... Já não me lembro e queria ter visto antes, ah, qual é que era o tema, mas não consegui.

D – Então é assim, o questionário, assim de forma muito muito geral, trata da forma como os jovens em Portugal usam a internet e as novas tecnologias no contexto da sua sexualidade, mas em vários campos diferentes. Desde procurar informação, até juntarem-se a grupos para falar sobre direitos de género, sobre discriminação sexual, etc; coisas como ver ou procurar pornografia ou imagens sexuais, ou textos, etc; até, por exemplo, o envio e recepção também de mensagens mais sexuais, o chamado *sexting*, através do telemóvel e assim. Portanto, são estas quatro grandes áreas, um bocadinho... não tudo à mistura, mas um bocadinho a tentar cruzar umas com as outras. E tendo em conta que também não tens nenhuma lembrança em particular do estudo, e por outro lado tendo em conta que o que me interessa, no fundo, é o uso da tecnologia e a maneira como as pessoas usam a tecnologia, portanto não vou estar aqui a fazer grandes perguntas sobre a tua vida sexual porque não é isso que interessa, o que interessa é mesmo a parte da tecnologia, ah, queria-te começar por perguntar se costumavas aceder à internet.

T – Claro.

D – E como é que acedes mais vezes? É em casa, no trabalho?...

T – Sempre, sempre, sempre. Trabalho, casa, telemóvel...

D – Hmm hmm, em que área é que tu trabalhas?

T – Informática. Precisamente na informática! [riso]

D – [riso] Portanto tu és um especialista, digamos assim...

T – ...é, exacto.

D – ...na área. Ah, e também através do telemóvel, estavas tu a dizer?

T – Sim, sim, sim.

D – Só wireless, ou também tens uma ligação de dados?

T – Ah... eu de vez em quando ligo o 3G, quando preciso, portanto...

D – Okay...

T – Não tenho nenhum pacote específico, mas... vou usando.

D – Okay, okay. E tu vives cá em Lisboa, imagino eu?

T – Margem Sul.

D – Margem Sul...

T – Área metropolitana...

D – Exacto, área metropolitana de Lisboa, margem Sul. Ah, não sei se vives sozinho...

T – Não. Com os meus pais.

D – Vives com os teus pais...

T – Por enquanto!

D – E és da margem Sul?

T – Sou da margem Sul.

D – Portanto, a primeira coisa que eu queria abordar era justamente a questão da busca de informação. Há imensa gente, pelo menos de acordo com as respostas que recebi no questionário, e de outros estudos, há imensa gente que usa a internet, para procurar informação sobre saúde sexual, sobre sexualidade, sobre contracepção, e também para procurar entender o seu próprio corpo, conforme ele muda...

T – ...Sim, sim!...

D – ...durante a adolescência e assim. Ah, e eu queria saber se tu conheces pessoas que fazem isto. Que usam a internet para procurar informação sobre isto.

T – Ah, não. Não conheço.

D – Não conheces...

T – Normalmente acho que o objectivo disso é... é talvez não nos expormos a... a fazer a tal procura. Daí eu não conhecer ninguém, quer dizer... de certeza que conheço, mas que eu saiba, não.

D – Portanto não costumam falar sobre isso?

T – Hmm, não, não.

D – E tu próprio, já utilizaste a internet para procurar...?

T – ...Já.

D – Que tipo de informação é que procuraste, se te lembras?

T – Ah... quer p'ra trabalhos, quer para... para mim, ah... sei lá... métodos de contracepção, ah... derivado a isso, doenças sexualmente transmissíveis, ah... por aí, por aí.

D – Lembras-te, mais ou menos, com que idade é que começaste a procurar essas coisas?

T – Ah... onze anos, por volta disso. Sexto ano. Deve ser mais ou menos nessa altura que se aborda... esses assuntos, na escola.

D – E portanto, começaste a procurar mais por causa de questões de trabalhos?

T – Sim, sim.

D – Ah, então isso quer dizer que na tua escola, na altura, havia aulas de educação sexual, ou não?

T – Não... era de ciências... Ciências da Natureza. ...Ah, mentira... devia ter p'r'aí uns dez anos, foi no 5º ano. Pronto, ah... sim, foi, foi mesmo por causa disso, mas em ciências.

D – Em Ciências da Natureza... E o que é que aconteceu? A professora ou professor abordaram a questão?

T – Fazia mesmo parte do plano.

D – E lembras-te na altura, como é que os teus colegas reagiram a falar disso?

T – Ah, o pessoal era muito novo, claro que reagia com brincadeira, sempre a rir, pronto...

D – Mas... não sei se te lembras, se essas aulas correram bem ou não, se houve demasiada confusão...

T – Ah, eu acho que houve um bocadinho de confusão.

D – E qual é que foi a tua atitude? Também te riste, juntamente com eles?

T – Pois, é aquela coisa do grupo. Sim.

D – E conforme foste crescendo, ah, achas que a informação de que ias à procura, ia mudando?

T – Não, nem por isso. Nem por isso. Sempre... foi consistente.

D – E achas que procuras hoje em dia menos informação sobre isso, ou vais o mesmo número de vezes, mais ou menos, à procura de informação?

T – Não... ‘tou esclarecido, portanto não... não necessito de ir à procura.

D – Ah... para além da internet, que outros meios é que tu utilizavas ou utilizas, para procurar informação sobre essas áreas?

T – Ah... nenhum. Quer dizer, a minha mãe trabalha na área da saúde, trazia-me os panfletos e... e aliás, depois futuramente, cheguei a ter aulas de Educação Sexual, ah... e a minha mãe forneceu panfletos, ah... visita de estudo ao centro de saúde, partilhou uma palestra, ah... mas foi só isso.

D – E essas aulas de Educação Sexual, que mais tarde vieste a ter, como é que correram?

T – Ah... de igual forma. Ah, também muita brincadeira, ah... digamos que a professora era um bocado, ah... idosa... se calhar não abordava as coisas como... como deveria ser, mas pronto, era a maneira dela. Era... no tempo dela.

D – E como é que achas que deveria ser feita essa abordagem?

T – Sinceramente não sei... não sei.

D – Mas sentiste falta de alguma coisa, na altura, quando ela falou?

T – Não, porque já estava esclarecido... portanto não... não, mas...

D – E os teus colegas, achas que eles...?

T – Acho que é igual. Igual...

D – Portanto, tu em casa, pelo que me estás a dizer, também tinhas uma linha de comunicação aberta para falar sobre isso, ou não?

T – Ah... nem por isso! Nunca, nunca foi um assunto falado, falado em casa. Quer dizer, foi falado mas nunca na primeira pessoa, pronto... Mas nunca tive falta de informação.

D – Então e essa informação que a tua mãe te passou, foi mais ou menos por que altura?

T – Ah... ...catorze anos, por volta disso.

D – E ela passou-te essa informação e depois não falaram mais nisto, foi isso?

T – Não, não...

D – Okay. E alguma vez os teus colegas vieram ter contigo a fazer-te perguntas, ou a pedir-te informação?

T – Também não. [riso] Nem por isso.

D – Não era uma coisa que se falasse, por exemplo, no teu grupo de amigos, as pessoas não se punham a discutir?...

T – Não.

D – ...opiniões, ou partilhar experiências... por exemplo, experiências pessoais?

T – Se calhar, a gabar-se um bocadinho, a gabar um bocadinho!... Mas não, nunca... nunca muito pessoais.

D – Ah, imagina que alguém te pedia a ti para organizares assim uma sessão de esclarecimento, numa escola secundária, por exemplo, sobre questões de sexualidade ou não sei quê, o que é que tu fazias, que plano é que fazias?

T – Primeiro, ia pedir ajuda à minha mãe! Ah... depois ia ver quem é que me podia ajudar. Mas eu não seria, se calhar, a pessoa indicada para... para tal.

D – Quando tu estavas, ou estás, à procura de informação na internet, achas que é fácil distinguir a informação correcta, da informação falsa?

T – Ah, acho que sim. Temos sites fidedignos da... do Estado!, do Ministério da Saúde, portanto... julgo que aí é uma fonte fidedigna.

D – E tu vais principalmente a esses sites, é isso?

T – Ah, confio principalmente nesses sites. Há muita... há uma diversidade muita de conteúdos, mas muitos deles é sites brasileiros, e... tento sempre não, não tomar em consideração esses sites, e...

D – E a partir da tua perspectiva, e da tua experiência de vida, achas que os teus colegas, os teus amigos e amigas também, estão tão bem informados como tu?

T – Acho que sim, acho que sim. Acho que actualmente, no geral, ah... temos conhecimento e temos noção que, de quais é que são os riscos que corremos, ou o que devemos fazer, acho que ‘tamos esclarecidos.

D – E... achas que é importante, para os jovens, mas não só, haver toda esta informação disponível na internet?

T – Sim, sim. Acho muito importante exactamente por... como eu disse no início da conversa, ah... a questão de ser julgado. É fácil chegar a essa informação, ninguém tem de saber, não temos nenhum intermediário, portanto...

D – Porque é que achas que há esse julgamento?

T – Ah... também não sei. Também não sei... Sei que... que é uma forma mais fácil de... de chegarmos lá... ah... agora não tenho uma opinião formulada sobre esse assunto.

D – Mas achas que pode ser desconfortável, para alguém, por exemplo, fazer perguntas sobre sexualidade?

T – Sim. Pessoas mais tímidas, mais introvertidas, se calhar terão mais dificuldade em expor a sua dúvida, ah... abertamente.

D – E nesse caso a internet serve para...

T – É... é um desbloqueador.

D – Ah... Em relação à segunda questão, ou seja, à... Portanto, a primeira era a procura de informação, a segunda tem que ver com as pessoas juntarem-se a grupos, seja no Facebook, seja fora do Facebook, grupos que têm que ver com questões de discriminação sexual, discriminação de género, não sei quê, ah, conheces alguém que faça parte de algum grupo destes?

T – Hmm... Tu! [risos]

D – E para além de mim?

T – Nem por isso, nem por isso.

D – Não... ah, e tu também não fazes parte de nenhum grupo.

T – Também não, também não.

D – Alguma razão para não fazeres parte? Não tens interesse, não...?

T – Não... Não tenho interesse...

D – Mas achas que estes grupos existem por alguma razão?

T – Ah, claro, claro! Senão não existiam!

D – Qual é que achas que é a razão?

T – Ah... defender os interesses de cada um... mas se eu não me identificar com esses interesses, se calhar não ‘tou lá a fazer nada, por isso é que se calhar não me meti em nenhum grupo desses.

D – E que interesses são esses?

T – Ah... por exemplo... a legalização do casamento homossexual. Não... não é um interesse meu. Não discordo... mas simplesmente não é uma... uma guerra minha, portanto não, não... não tenho interesse... mas se me pedirem opinião, tudo bem, sim, concordo.

D – Ah, porque é que, porque é que dizes que não é uma guerra tua?

T – Ah... porque não me identifico, é só simplesmente por causa disso.

D – Okay. Ah, e achas que... esses, esses grupos se devem organizar de acordo com os interesses pessoais de cada pessoa, ou seja: tu não te identificas portanto não faz sentido estares nesse grupo; só deve estar nesses grupos quem se identifica com esses problemas?

T – Ah, quem não se identifica, claro que não vai ter o mesmo tipo de dedicação. Ah... se calhar podia ‘tar a ocupar o seu tempo com, com outra coisa que se calhar é mais útil. Simplesmente por causa disso, não...

D – E fora dessas áreas e dessas temáticas, fazes parte de algum grupo que vá de encontro [*sic*] aos teus interesses pessoais?

T – Não, não...

D – Nem fóruns sobre tecnologia, ou sobre informática, por exemplo?

T – Ah, se calhar é capaz de... sou capaz de encontrar alguém com alguma opinião contrária à minha, mas... mas ‘tamos lá todos pelo mesmo. Não... no fim, vai tudo dar ao mesmo.

D – Okay. E se alguém viesse ter contigo, imagina, alguém que estivesse à procura de informações, para usar o teu exemplo, de questões relacionadas com o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Serias capaz de dirigir a pessoa a um desses grupos ou simplesmente dizias “olha, isso não me interessa” e a conversa ficava por ali?

T – Podes repetir a pergunta? Perdi-me um bocadinho [riso].

D – Ah, desculpa! Imagina que alguém vinha ter contigo, que estava à procura de informação sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo.

T – Sim, certo.

D – O que é que tu fazias? O que é que tu dizias à pessoa?

T – Ah... que não era a pessoa mais indicada. Podia tentar encontrar alguma ajuda, mas não...

D – E se fosses tentar encontrar essa ajuda, fazias o quê? Ias ao Google?

T – Ia procurar qualquer coisa... alguma associação, algum grupo... não sei.

D – Tanto quanto saibas, existe alguma associação, ou algum grupo, virada para jovens, sobre esses temas?

T – Desconheço.

D – Desconheces, okay. Ah, a outra parte é sobre a questão do consumo daquilo a que normalmente se chama, de forma assim um bocadinho mais académica, o consumo de material erótico na internet. Isto pode ser filmes, pode ser fotografias, pode ser texto, porque também há quem escreva ficção...

T – ...sim, sim, sim!...

D – ...erótica, etc., ah, e aquilo que eu queria saber, para já, era também se tu conheces pessoas, amigos, amigas, colegas, não interessa, ah, nomeadamente da tua infância, adolescência, etc., que consumam este tipo de material.

T – Sim.

D – E aí... portanto, há bocado ‘tavas a dizer que nunca tinhas falado sobre procurar informação, mas já falaste com amigas ou amigos sobre procurar...

T – Sim. Sim.

D – E lembras-te como é que essa conversa surge?

T – Ah... brincadeira. Se calhar gabar... uma actriz ou... algo assim do género, é tudo por aí.

D – E foi alguma coisa que... sei lá, era um tipo de conversa que era mais ou menos frequente com os teus amigos na escola, ou?....

T – Não, aí não... Ah... Mas muito no trabalho!

D – No trabalho?

T – No trabalho.

D – Portanto, é uma coisa mais recente, talvez?

T – Ah, sim, sim...

D – E diz-me uma coisa, alguma vez aconteceu alguma situação em que – e eu tive outras pessoas a relatarem-me situações destas, por exemplo, de estarem na escola e alguém pegar num portátil e abrir um clip de vídeo...

T – ...Ah, sim!... [riso]

D – ...e ficar toda a gente a ver...

T – ...sim, sim, sim...

D – ...já alguma vez passaste por uma situação dessas?

T – Não nesse sentido, mas se calhar numa questão de partidas.

D – Partidas?

T – Partidas.

D – Consegues... lembras-te de alguma situação?

T – Ah... basicamente alguém deixar o computador desbloqueado e irmos lá pôr um site desses, pronto... e é só isso... não passou daí.

D – E normalmente, quem é que era o alvo dessas partidas?

T – Qualquer um. Bastava ter o computador desbloqueado, era... era logo.

D – E isso era mais uma coisa entre rapazes, que os rapazes faziam às raparigas, ou...?

T – Não, rapazes. Rapazes com rapazes.

D – Rapazes com rapazes?

T – Sim.

D – E qual é que era a reacção da pessoa que recebia a partida?

T – Ficava chateado. Mas... sempre na boa. Sem nenhum problema.

D – E depois, se calhar, na vez seguinte...

T – ...Era ele a fazer! Era, exactamente, ‘tava sempre a trocar.

D – Okay. E nunca, nunca ninguém se chateou a sério contigo, por causa disso?

T – Não, não... não... tudo na boa! [riso] Na brincadeira!

D – Então também já te fizeram isso a ti?

T – Já! [risos]

D – E o que é que tu... lembras-te do que é que viste, na altura?

T – Ah...

D – Ou o que é que te puseram a ver, neste caso...

T – Pornografia gay.

D – E qual é que foi a tua reacção?

T – Eh pá, primeiro foi... “será que ‘tá alguém à minha volta, a ver isto? Fecha, fecha!”
E pronto, foi só isso.

D – Foi o quê? Foi no trabalho, foi na escola?

T – Ah... Foi na escola.

D – Foi na escola. Lembras-te mais ou menos com que idade?

T – Ah, uns 17, p'r'aí.

D – E isso foi o quê, foi alguma aula de, de informática?

T – Ah, sim, sim. Eu sou, sou mesmo de Informática, tanto no secundário como agora ‘tô a acabar um CET¹, ah... sim, e eu tinha sempre aulas com computadores, portanto...

D – ...era muito fácil...

T – ...era muito fácil acontecer...

D – Então e por exemplo situações em que uma pessoa está a ver um site que não tem nada a ver com pornografia ou seja lá aquilo que for, e de repente, surge um *pop-up*, um *banner* com publicidade sobre sexo...?

T – Ah, isso é complicado! [risos] Isso é... pronto, para o pessoal informático, isso é um vírus. Portanto, normalmente andamos sempre prevenidos, portanto isso não... não acontece.

D – Não acontece... E aquela publicidade que não é necessariamente um vírus e que aparece só nas páginas dos sites, como é que tu lidas com isso?

T – Ah... sem problema, pronto. É publicidade, ‘tá lá, não posso fazer nada.

D – Instalas algum bloqueador?

T – Por acaso não, já tive, mas não... deixei de ter.

D – Não te incomoda, não ligas?

T – Ah, sim, não, não... não faz diferença.

D – E já alguém te contou alguma situação em que tenha arranjado problemas por estar a ver esse tipo de material, mesmo que tenha sido sem querer?

T – Hmm, não.

D – E nunca ninguém foi apanhado por um professor que ‘tivesse a passar ou assim?

¹ Curso de Especialização Tecnológica.

T – Ah... que me recorde, também não.

D – Não... Ah, e, e tu pessoalmente, também... não sei se também consomes esse tipo de material?

T – Sim, de vez em quando...

D – Ah, lembras-te mais ou menos que idade tinhas quando começaste à procura disso?

T – Não faço a mínima ideia... [riso]

D – Mas foi, sei lá, por volta dos 10, 11 anos, mais tarde?

T – Mais tarde, mais tarde! Ah... pff, não sei... 15... 16...

D – Na altura, o que é que te motivou a procurar?

T – Não sei, se calhar é aquilo, mais influência das massas, na altura...

D – Influência das massas, como assim? Os teus amigos falavam?

T – Amigos, televisão... Tudo, tudo... neste momento, tudo aponta para isso!

D – E quando dizes que tudo aponta para isso, em que sentido é que ‘tás a dizer esse tudo?

T – A sociedade.

D – A sociedade em geral?

T – Sim.

D – Ah... e achas que... quer dizer, não sei se te lembras, na altura, quando viste isso ou quando começaste a ver, se... qual é que foi a tua reacção a isso. Se gostaste, se não gostaste, se achaste interessante...?

T – Não sei... Acho... achei interessante. Não sei, ‘tava a perceber o que era, na altura. Portanto...

D – Achas que... por exemplo, ver pornografia, ou imagens, ou textos, pode ensinar alguma coisa?

T – Sim.

D – O quê?

T – Ah... Sei lá, a primeira vez, ah... vamos a zeros, portanto... se calhar já alguma base, algum ponto de início... p'ra iniciar a relação.

D – E aquela ideia de que aquilo que aparece nos filmes é demasiado exagerado, ou simulado...

T – Sim, sim... Sim, isso é verdade.

D – ...concordas com isso?

T – Concordo. Concordo, quer dizer... concordo que é... não, mas não gosto.

D – Não gostas do quê, desculpa?

T – Do exagero.

D – Não gostas do exagero. Mas costumavas ver, ainda assim?

T – Sim. Sim, sim.

D – E então a questão do exagero, como é que lidas com ela? Tentas ignorar isso?

T – Ignoro um bocado, sim.

D – Partindo do pressuposto, não sei se é verdade ou não!... partindo do pressuposto que começaste a ver antes de teres a primeira vez, como estavas a falar a seguir, depois quando chegaste e quando começaste a ter experiências sexuais, sentiste que havia ali alguma... alguma desconexão, algum desligamento entre aquilo que vias e aquilo que acontecia na prática?

T – Sim. Sim... É... como se diz, é um filme. Portanto, não, não... não é bem a realidade.

D – Isso fez-te sentir frustrado, ou...?

T – Não! Nada disso. Separei... separei as coisas, portanto...

D – Sentes que a forma como olhas para esse tipo de material mudou de alguma maneira depois de teres ganho experiência pessoal?

T – Nem por isso.

D – Não?

T – Não. [riso]

D – E tirando essas situações com amigos, essas partidas na escola e não sei quê, alguma vez viste esse tipo de material acompanhado de outra pessoa ou de outras pessoas?

T – Não.

D – Ou é uma coisa que fazes só sozinho?

T – Sozinho.

D – Ah, agora uma pergunta que pode parecer um bocado estranha, mas acho que já vais compreender. Porque é que achas que as pessoas vêem pornografia?

T – Ah... Alívio do stress diário. Acho que é só isso.

D – É só isso?

T – É só isso.

D – E aquela ideia, por exemplo, que as pessoas podem ficar viciadas em pornografia?

T – Podemos ficar viciados numa série, podemos ficar viciados em qualquer coisa, portanto... é plausível.

D – Então achas que a pornografia não é diferente de...

T – ...não...

D – ...nenhuma outra coisa?

T – Não.

D – E esta coisa, que estávamos a falar, de os filmes serem um bocado exagerados e de aquele exagero não ser exactamente real, achas que isso também pode induzir as pessoas em erro?

T – Eu acho que não.

D – Não?

T – Eu acho que não. Pelo menos na altura, na “hora H”, vão perceber que não é assim.

D – E alguma vez falaste com alguma rapariga, por exemplo, sobre ver pornografia, ou foram conversas só mais entre rapazes?

T – Ah... mais entre rapazes. Por acaso acho que já... já abordei, já, já abordámos, em grupo, esse tema, mas nunca... nunca foi muito explorado, portanto...

D – E lembras-te se as raparigas tinham opiniões semelhantes à dos rapazes, ou se diziam coisas diferentes?

T – Não, não me recordo.

D – Achas que, para uma rapariga, é tão fácil encontrar pornografia de que goste, como para um rapaz?

T – Não, não... acho que a pornografia ‘tá muito virada para o público masculino.

D – Em que sentido?

T – Boa pergunta, ah... mas por exemplo... mais técnico, as filmagens são feitas principalmente à... à mulher, portanto... seria o ponto de vista do homem. Daí, daí dizer isso.

D – E como é que seria, imaginando que existe, como é que seria uma pornografia feita para mulheres?

T – Ah... depende dos interesses. Pois, aí, não sei, não sei dizer. [risos]

D – Alguma vez viste alguma coisa, um filme, uma imagem, não sei quê, que te tivesse deixado desconfortável?

T – Algum exemplo? Não sei...

D – Não sei, diz-me tu se...

T – Não, acho que não, acho que não.

D – Por exemplo, tive outras pessoas a relatarem-me experiências com um filme relativamente famoso, que é o “*Two Girls, One Cup*”.

T – Ah, claro, claro! Sim! Sim, claro. Primeira vez que eu vi... que eu vi isso até foi em grupo, foi com uns colegas, ah... sim, isso de facto é um bocado... estranho!

D – E o que é que fizeste na altura? ‘Tavas em grupo, ou...?

T – Pois, ‘távamos em grupo, sim, mas aquilo, pronto, é um bocado... esquisito.

D – Hmm hmm. E depois, sozinho, já aconteceu alguma vez ‘tares à procura de uma coisa e depois encontras algo e depois pensares “eh pá, isto não era bem aquilo de que eu ‘tava à procura!”?

T – [risos] Não, nem por isso, nem por isso!

D – Ah, quando vais à procura desse tipo de material, sentes que consegues encontrar facilmente aquilo que procuras?

T – Sim.

D – Como é que costumas fazer? Tens algum site preferido ou...

T – ...claro...

D – ...vais ao Google?

T – Não, tenho um site preferido.

D – Qual é que é, lembras-te?

T – Ah... É o BEEG².

D – E porque é que gostas desse site em particular?

T – Ah... A qualidade.

D – Lembras-te como é que chegaste a esse site?

T – Ah... Amigos.

D – Recomendaram-te, foi?

T – Recomendaram.

² Site de vídeos pornográficos.

D – Ah, como é que foi essa conversa? Como é que alguém chega e recomenda um site...?

T – Pois, foi uma coisa um bocado informal. “Ah, tu vês este”, “Ah, mas eu prefiro este”, “Ah, então mas este é em HD!”... pronto, foi mais assim, nesse género de conversa.

D – E essas discussões que tens, de que ‘tavas a falar, do HD e não sei quê, vocês também ligam – pelo menos tu e os teus colegas – também ligam à parte técnica dos filmes, é algo importante para ti ou para vocês?

T – Ah... eu gosto muito da área da imagem, portanto sim, se calhar às vezes reparo... nesses pormenores.

D – Ah, mas por exemplo, uma área que ultimamente tem estado em crescimento é aquela coisa do “*home made*”...

T – ...sim...

D – Porque é que achas que de repente isso tem vindo a surgir?

T – Porque é o facilitismo da tecnologia... Qualquer pessoa grava música em casa, ah... cria um estúdio de fotografia em casa... Pronto. É a facilidade da tecnologia... câmaras de filmar, computadores, portanto... é o facilitismo.

D – O que é que achas que leva uma pessoa a gravar um filme seu, pornográfico, digamos assim, e a pô-lo na internet?

T – Talvez dinheiro. Não ‘tou a ver outra razão p’ra... p’ra expor.

D – Mas esses filmes amadores que vão parar a esses sites, achas que as pessoas ganham dinheiro com eles?

T – Ah... não faço a mínima ideia. Eu julgo que sim, mas... não sei.

D – E os actores e as actrizes profissionais, para ti também é só uma questão de dinheiro?

T – É o trabalho. É um trabalho... como outro qualquer.

D – Ah... ‘tavas a dizer que é um trabalho como outro qualquer. Costumas informar-te, por exemplo, acerca do tipo de empresas e das condições que eles têm...

T – ...Não faço a mínima ideia!

D – ...no local de trabalho?

T – Não faço a mínima ideia... Não faço...

D – Não é uma coisa que para ti seja importante saber antes?

T – [riso] Não! Nem por isso... [risos]

D – Okay. Se alguém viesse ter contigo pedir recomendações, mandavas para o teu site favorito?

T – Sim, claro, claro!

D – O que é que achas que acontecia se de repente toda a pornografia desaparecesse da internet?

T – Criava-se mais. [riso] Tão simples quanto isso!

D – Ah, mas achas que se perdia alguma coisa?

T – Não!, não... acho que não.

D – E aquela ideia de... aquela ideia, não... aquela prática, na verdade, de que uma pessoa só com 18 anos ou mais pode aceder a sites pornográficos. Ora, tu começaste a aceder antes...

T – ...antes... Ah... actualmente, é assim... na generalidade, se calhar convém manter esse nível, mas... actualmente o... os adolescentes já têm outra cabeça, diferente do antigamente, portanto têm outra abertura, se calhar a idade já não será tão adequada, mas...

D – Mas ‘tavas a dizer que até se deveria manter esse nível...

T – ...sim, sim...

D – ...porquê?

T – Cada pessoa é... É um só, portanto... Todos somos diferentes, se calhar há pessoas que não, não... Ou pais, que não querem que os filhos acessem a esse conteúdo...

D – Mas achas que dá mesmo para evitar esse acesso?

T – Não, não. Quem quiser, tem acesso.

D – Ah, achas que... pode ser importante, para as pessoas, terem acesso à pornografia? Ou seja, mesmo importante para a vida delas?

T – Acho que sim... Como disse há bocado, é... acaba por ser quase um tutorial para a primeira vez, mas...

D – Ah... achas que encontres na pornografia, informação que não encontres em mais lado nenhum?

T – Hmm hmm. Sim, sim.

D – Que tipo de informação?

T – Ah... coisas mais caruais, diferente, ah... não em relação às doenças, métodos contraceptivos, mas se calhar como abordar a pessoa, nessa tal primeira vez.

D – E tens, tens continuado a recorrer à pornografia como uma espécie de tutorial para...

T – [riso] Não, actualmente não! Actualmente não. [risos]

D – Mas não o tens feito porquê? Achas que já sabes tudo aquilo que precisas de saber, ou arranjaste novas maneiras de aprender?...

T – ...de aprender, exactamente! [riso]

D – Okay. Ah, a última parte tem que ver justamente com o outro lado da moeda, que é a questão do *sexting*, e da... e do envio de mensagens eróticas ou mais íntimas, às vezes, só... nomeadamente através de telemóvel, mas também há quem faça isso através de redes sociais, email, etc.

T – Hmm hmm, sim...

D – Ah, conheces alguém do teu círculo de amigos ou de colegas que faça isso? Que troque mensagens...

T – Ah... já... sim... e correu mal. Daí, daí vir a saber.

D – Okay, e então como é que... o que é que aconteceu, lembras-te?

T – Ah, sim, andava a trocar imagens com... com outro rapaz, que acabou por expor as imagens.

D – Quem... quem é que andava, desculpa?

T – Ah, uma amiga minha... uma colega de desporto. Ah... pronto, correu mal.

D – Ele... ele expôs as imagens dela?

T – Sim, sim... sim.

D – Aonde?

T – Na escola.

D – Na escola.

T – Na escola.

D – Mas ele mandou só p'ra meia dúzia de pessoas, ou... como é que isso ocorreu?

T – Ah... já foi há algum tempo, mas eu julgo que ele... imprimiu. Não tenho a certeza. Coisas de miúdos! [risos]

D – E depois passou lá na escola?

T – Sim, sim.

D – Chegaste a ver as imagens, na altura?

T – Não, não. Daí se calhar não me recordar. Mas sei que aconteceu.

D – Okay. E tens ideia, mais ou menos, que idade é que tinhas?

T – V... ‘Tava no sexto ano... portanto... ah... ...bem, p'r'aí uns cat... não, menos...

D – ...talvez 11, 12?...

T – Ah... 11... 11. Exactamente.

D – Okay. E lembras-te de qual é que foi a atitude das pessoas que viram as imagens?

T – Ah... ela sofreu um bocado de represálias à pala disso. Mas... gente que... apontou o dedo. Pronto, só que eu já a conhecia há muito tempo... Actualmente já não, já não, já não me dou muito com ela, mas na altura dava, dava-me bastante, portanto... ah... não foi apoiar, mas... portanto, tive com ela nesse momento.

D – Sim. E como é que ela ficou?

T – Ah... a impressão que eu tenho é que ‘tava normal, não, não, não, não... nunca sofreu muito com isso, portanto...

D – Lembras-te se ela reagiu bem, ficou chateada?...

T – Ficou chateada, lógico, mas não, não, não, não reagiu mal, propriamente mal.

D – E envolveu-se mais alguém? Os professores, ou os pais, ou?...

T – Não, que me recorde não. Ficou por ali.

D – Ficou por ali... Ah, o assunto demorou a morrer, ou passou depressa?

T – Ah, algumas pessoas demorou um bocado.

D – O que é que lhe diziam?

T – Ah... não lhe diziam nada, simplesmente fugiam.

D – Fugiam dela?

T – “Ah, é esta aqui, e não sei quê, vamos embora”... pronto, era por aí.

D – Porque é que achas que as pessoas fugiam?

T – Não sei. Não faço a mínima ideia. [riso]

D – Ah, e, quer dizer, ela... depois vocês continuaram a dar-se, imagino eu?

T – Sim, sim, sim!

D – Ela alguma vez chegou a desabafar directamente contigo, sobre isso?

T – Não, não, não... Se calhar não tinha intimidade suficiente para isso, portanto nunca...

D – E tu apoiaste-a na altura?

T – Sim, sim.

D – Fizeste alguma coisa em particular?

T – Não, nem por isso...

D – Disseste alguma coisa?

T – Nem por isso. Ela na altura, depois, andava muito sozinha... e eu... dava-me com ela na escola, e dava-me com ela no desporto... ah... portanto... acabava por passar o dia com ela.

D – Okay. E o rapaz que fez isso?

T – Não sei quem é. Não sei quem é.

D – E sabes se ele também era comentado, se alguém dizia alguma coisa acerca dele?

T – Nunca soube quem era... [riso]

D – Nunca soubeste, okay... Nessa situação, de quem é que tu achas que foi a culpa, digamos assim?

T – Ah... dos dois. Foi dela por se ter exposto, se calhar, com alguém... que não deveria. Ah... e dele, porque não deveria ter feito isso.

D – E... como é que uma pessoa percebe a quem é que se deve expor ou não?

T – Isso é muito complicado. [riso] Não sei... não sei.

D – Já alguma vez trocaste mensagens assim com alguém?

T – Só de texto, talvez!

D – Só de texto... E achas que é mais seguro trocar mensagens só de texto, do que imagens?

T – Sim, totalmente. Claro.

D – Mas dava para pegar na mensagem e mandar para outras pessoas também.

T – Dava, mas muito mais facilmente eu dizia que era mentira, ou... que tinham mexido no telemóvel, ou... agora, uma imagem, é complicado...

D – É mais plausível negar uma mensagem de imagem?

T – Exactamente!

D – E se tu quisesses... imagina que tu querias mandar uma mensagem dessas, de imagem, a alguém. Conheces alguma forma mais segura de o fazer?

T – Não. Hmm... não.

D – Portanto, achas que o risco é sempre máximo?

T – É. Sempre. Mesmo que não seja por culpa da pessoa. Pode acontecer alguma coisa, ah... perder o computador, ou deixar o computador ligado... não sei.

D – Portanto, se alguém te pedisse recomendações sobre como fazer uma coisa dessas a tua resposta seria...

T – ...se calhar era não fazer. Não fazer mesmo.

D – Ah, achas que é um fenómeno que tem vindo a aumentar, ou que se tem vindo a espalhar, o *sexting*?

T – Sim... sim, sim, sim.

D – Porque é que achas que as pessoas se põem a mandar essas imagens?

T – Ah... boa pergunta. Se calhar também é o facilitismo de há bocado, da tecnologia, da abertura que... que tem! Que é possível ter.

D – E achas que as pessoas têm noção do risco quando o fazem?

T – Não. Não. Acho que não. Eu que sou da área da informática sei, pronto. Agora... se calhar quem não é, não tem tanta sensibilidade para o assunto?

D – E como é que se poderia informar as pessoas, nomeadamente os jovens, dos riscos disso?

T – Agora, muito recentemente, eu vi isso na televisão... numa telenovela qualquer. A abordarem mais ou menos um assunto desses... da exposição de... na internet.

D – Sim... e achas que a melhor maneira é através de séries e telenovelas?...

T – Se calhar... sim, porque não?

D – ...dirigidas aos jovens?

T – Aquilo não é bem dirigido aos jovens. Aquilo é o público mais adulto, ou mais velho, mesmo.

D – Portanto, informar os pais para chegar aos jovens, é isso?

T – Ah... não, acho que o público-alvo é mesmo os jovens. Sem intermediário, mas... é uma forma.

D – E a escola, achas que devia ter algum papel nesse aspecto?

T – Se calhar deveria pertencer à educação sexual. Se calhar é um... é um bom fórum para abordar esse tema.

D – Hmm hmm... Ah, mas tu, nas tuas aulas de educação sexual, nunca falaste disso?

T – Não, nada, nada... Na altura... a abertura da internet não era tanta, portanto... Também não foi há assim tanto tempo!

D – Daqui, daqui para a frente, achas que vai ser... digamos que, obrigatório, incluir questões sobre segurança digital...?

T – Ah, sim, sim, sim! Sim. Não só em relação a isso, mas cartões de crédito, sei lá, informação de localização... dar alguma educação para isso.

D – E achas que isso se cruza directamente com a questão da... da educação sexual, e da segurança, no que toca à sexualidade?

T – ‘Tá relacionado, sim, sim.

D – E alguma vez te chegaram imagens, a ti, mandadas por uma terceira pessoa? Ou seja, tu receberes uma imagem que não era para ti, mas que alguém te mandou e te reencaminhou?

T – Ah... reencaminhou não, mas mostraram-me. Portanto, não tive a... a imagem fisicamente, mas... vi. Já aconteceu.

D – E em que situação é que foi isso?

T – Ah... colegas meus, ex-namoradas e coisas assim...

D – Hmm hmm. E qual é que foi a tua reacção? Riste-te, achaste piada?

T – Eh, pá... Talvez achei piada, mas fiquei com aquele... com aquela sensação, “pá, não devias ‘tar a fazer isso”, ah... uma quebra de... de confiança.

D – E disseste-lhes alguma coisa, ou não?

T – Ah, não... não. Acho que não.

D – Porque é que não disseste nada?

T – Não foi oportuno, se calhar.

D – Hmm, okay. Ah, imagina que algum desses colegas, ao invés de te mostrar só no telemóvel, te mandava a mensagem, te reencaminhava mesmo a imagem...

T – ...isso ainda era pior.

D – Dizias alguma coisa nesse, nessa situação?

T – Ah... Actualmente sim, na altura se calhar não. Se calhar, com o que sei agora, sim.

D – Quando é que... quando é que foi isso com os teus colegas, lembras-te?

T – Foi p’r’aí... no 9º ano... 10º... por volta disso.

D – Okay. Quando esse tipo de situações acontecem, achas que as pessoas deviam resolver isso entre elas, achas que...

T – ...claro!...

D – ...se devia chamar a polícia, ou...? Qual é que achas que é a melhor abordagem?

T – Ah... O melhor é não fazer muito aparato, se calhar. Se tiver de se... de meter a polícia ao barulho, como se diz, ah...

D – Okay. Pronto, no geral é isto. Até porque ‘tamos um bocado em cima da hora que tu disseste...

T – É? Então pronto...

D – Queria-te só fazer mais uma ou duas perguntas.

T – Claro.

D – ...Que é, se gostaste de participar no estudo?

T – Sim...

D – Ah... tiveste alguma razão em especial para querer ser entrevistado, para responder ao questionário, na altura?

T – Não, ah... só p’ajudar... [riso]

D – Okay. Achas que é importante falar sobre estes temas, e...?

T – Sim...

D – Ou já se fala o suficiente... e já há um excesso de informação?

T – Não, se calhar na internet... dá p’ra abordar anonimamente. Ah... Mas nunca... acho que não é demais...

D – Não é demais... Achas que os jovens, em Portugal, hoje em dia, estão suficientemente informados sobre sexualidade, saúde sexual, etc.?

T – Ah... falta de informação não existe. Se calhar eles é que não procuram...

D – Porque é que não a procuram, na tua opinião?

T – Não sei... [riso] Podem não ter necessidade! Quer dizer, do ponto de vista deles.

D – Okay. ‘Tá bom, pronto!

ANEXO 49

Entrevista 010 – 09/07/14

Respondente: Miguel, 20 anos, género masculino; vive no Porto

Local: Praça Marquês do Pombal (Porto)

D – Ora bem... então, a minha primeira pergunta era mesmo se tu te lembras, por acaso, de onde é que encontraste o questionário, originalmente.

M – Eu encontrei o questionário original numa... daquelas mensagens dinâmicas que se... da Faculdade de Letras. Vi lá, interessei-me e decidi... já que tinha tempo disponível, e preenchi.

D – Okay. E tu vives aqui no Porto?

M – Vivo, sim.

D – Cresceste sempre aqui no Porto?

M – Hmm hmm.

D – Ah, vives sozinho?

M – Eu vivo com... a minha mãe e as minhas duas irmãs mais novas. O meu pai, ah, não mora cá porque ‘tá emigrado no estrangeiro.

D – E trabalhas em que área?

M – Eu, de momento, não trabalho ainda... estou a estudar. Estou à procura, de momento, de trabalho para o verão. E já comecei em telemarketing, mas ainda ‘tou à procura de...

D – E estás a estudar em que área?

M – Eu estou a estudar na área das Humanidades, mais propriamente dito, Línguas Estrangeiras e Relações Empresariais. O meu curso chama-se Línguas Aplicadas às Relações Empresariais. No qual eu tenho Marketing, tenho Culturas, História, e duas línguas estrangeiras.

D – E no meio disso tudo, imagino que devas usar bastante a internet?

M – Todos os dias.

D – Todos os dias... Tens computador lá em casa?

M – Tenho o meu computador pessoal. É um portátil.

D – É um portátil. Ah, e quando tu costumavas utilizar o portátil, estás mais num espaço só teu, ou costumavas estar num espaço familiar?

M – Costumo ‘tar num espaço só meu... mas... há dias em que realmente eu sou quase forçado a estar com o resto da família, porque... quase que me isolo um bocado lá em casa. E portanto eu, de vez em quando ponho o meu portátil na sala, só para marcar presença, e depois ajudar as pessoas.

D – Claro, claro. E telemóvel? Não sei se tens um *smartphone*?

M – Ah... Eu tenho um Android.

D – Tens um Android. E costumavas aceder à internet através do telemóvel?

M – Ah... muito raramente. Só mesmo quando estou em casa, porque utilizo o *wireless* do Android, mas como tenho o meu computador mais à mão, eu prefiro utilizar, porque é mais rápido.

D – Portanto não tens pacote de dados, por exemplo, no telemóvel?

M – Não, nada disso.

D – Okay. É assim, no geral, daquilo que fazes na internet, o que é que gostas mais de fazer na internet?

M – O que eu gosto mais de fazer, eu teria de dizer que é ir ao YouTube e ver vídeos. Sobretudo procurar música, ah... ver videojogos, que eu sou um grande fã de videojogos. Sobretudo, ah... ir informar-me sobre as notícias... não só sobre videojogos mas também desporto, ah... música, e não só... um bocado de política e também comédia, os vídeos de comédia... tirando isso, ah... praticamente sempre qu’abro a internet, automaticamente ligo o Facebook, para ver quem é que está lá, ver se recebi notificações, ah... tirando isso, o que eu mais uso... é aceder ao site da Faculdade. Ou

então, como eu também gosto muito de ler banda desenhada japonesa, há uns sites, online, que se pode ver... eu de vez em quando fico horas a ler.

D – E tu para além do Facebook, estás em mais alguma rede social?

M – Para além do Facebook, ah... o YouTube é uma rede social, e tenho conta; o Skype não sei se é uma rede social, se calhar é, se calhar não é... eu costumava ter Hi5, há muitos anos atrás, mas entretanto apaguei a conta... E...

D – E Twitter ou Tumblr, por exemplo?

M – Eu tenho Twitter, só que... eu quase que me esqueço que o tenho. O Tumblr é a mesma coisa, nunca tive Tumblr. Ah, eu tive também uma página MySpace, mas também com... a popularidade do Facebook, eu comecei a desligar de... desses dois.

D – Okay. E o que é que mais te irrita, ou mais te chateia na internet?

M – Ah... se calhar os anúncios, que aparecem... isso dos vídeos, ah... quando estou a ver qualquer coisa e de repente, aparece-me... ah, um anúncio, seja a um produto ou serviço, ah... eu acho que é o que mais me irrita, tirando isso, tenho a dizer que, se calhar, a velocidade, a internet que vai abaixo... já não é muito.

D – Okay... A primeira parte do meu estudo tem que ver com a forma como a internet pode servir para as pessoas irem à procura de informação.

M – ...Sim.

D – Informação, neste caso, especificamente para o meu estudo, sobre coisas que têm que ver com saúde sexual, com sexualidade, com o próprio corpo a mudar durante a adolescência, esse tipo de coisas...

M – Claro.

D – Ah, queria-te perguntar primeiro se tu conheces alguém que tu saibas que já tenha ido à internet à procura de informação sobre isso.

M – Bem, eu já fui. E sei que alguns amigos meus também já lá foram. Eu, quando tinha p'r'aí 13 ou 14 anos, senti-me curioso e foi também um bocado por aí que eu descobri a pornografia, online, ah... isso ficou, depois. De resto, também tenho livros lá em casa, sobre o, sobre os assuntos, que os meus pais me de... nos deram, para eu ler,

ah... a internet teve um grande papel, sobretudo na descoberta... também do aspecto físico do sexo, ah... tirando isso, talvez... algumas informações relativamente às doenças sexualmente transmissíveis, mas também... na escola, 'tavam sempre a mencionar isso... e eu fui ver o qu'ê que era, também... cuidados a ter, durante o acto sexual... hmm... quanto a mais informações, sobre essas mudanças, se calhar poucas. Ah... bom, houve um caso... porque eu sou um... [estala a língua] ah, gosto de dizer que sou um caso especial, mas não sei se é certo... Eu tive um acidente, no qual... ah... eu deixei de produzir testosterona. E eu quis saber qual era esse efeito, já tinha cerca de 17 anos. Ah... e ainda estou hoje mesmo a tomar doses... Tomei uma anteontem... de 250 gramas de testosterona, porque deixei de produzir. E queria saber o que é que isso me ia afectar. Tanto a... na minha mente, como no meu corpo.

D – Tu estavas a dizer que os teus pais te ofereceram livros...

M – ...sim.

D – ...sobre questões de educação sexual; é um tema que é fácil para ti falares com os teus pais?

M – Relativamente fácil, sim. Não é tanto com as minhas irmãs mais novas, porque eu ainda me sinto... que não tenho maturidade para tal, mas com os meus pais eu tenho mais à vontade. Mais com o meu pai que com a minha mãe, por algumas razões, porque... costumava ir com ele ao ginásio, e depois nós íamos tomar banho juntos e... e pronto, havia... havia esse à-vontade. Com a minha mãe, nem por isso... ah... mas... se for para falar, eu falo, sem qualquer tipo de barreira.

D – E tu achas que os teus amigos e as tuas amigas têm com as famílias deles o mesmo tipo de à-vontade que tu tens, ou achas que é diferente?

M – Há casos... sim e não... O meu melhor amigo, ah... tem os pais separados e... ele passa, ele passa uma vertente do tempo com a mãe dele... e... é um, ainda é um bocado... ele f... ele foi filho único, portanto ele tem ainda muito um bocado, ah... quer tudo... mesmo já tendo 20 anos, ah... com o pai não faço a menor ideia, porque também não gosto de me meter nas vidas das pessoas. Outros amigos que eu possa ter, ou até mesmo familiares, eu conheço pessoas que são muito tímidas, e têm mesmo vergonha de falar sobre esse assunto, e outras no qual isso é... isso é tão natural como falar sobre desporto.

D – E essas pessoas que são mais tímidas e têm mais problemas em falar sobre esse assunto, porque é que achas que existe essa timidez?

M – Eu perguntei-me já sobre isso, se calhar é porque têm pouca confiança, se calhar realmente elas acham que... é um assunto um bocado mais tabu, e que foram ensinados a não falar sobre isso em casa, ou com outras pessoas e que... manterem isso tudo sozinhos, ah... Eu pessoalmente não sei muito bem, porque sempre tive esse à-vontade, e se fosse para falar sobre um assunto qualquer, eu imediatamente ia-me dirigir ou aos meus pais, ou ao médico de família.

D – Hmm hmm. E tu estavas a dizer que na escola falavam sempre muito sobre doenças sexualmente transmissíveis, ah... tiveste uma... uma, uma aula... uma cadeira, uma disciplina só sobre educação sexual, ou havia actividades a serem dinamizadas, como é que era?

M – Havia actividades; nunca houve uma cadeira, ou uma disciplina de... orientação [sic] sexual, o que houve foi de vez em quando, ah... quando havia, havia aulas com a Directora de Turma, que é assim, acho que ainda se chama assim, no início das aulas, ao invés de falar com a disciplina que essa professora ou professor leccionava, ah, havia momentos em que trazia vídeos, educativos sobre esse tópico, ou então falava e a professora dizia, ou o professor dizia, ah, alguns folhetos, ou experiências que ouviu dizer, ou até pessoais, e nós ficávamos a ouvir. Claro que na altura, eu acho que éramos todos um bocado imaturos, e ainda mesmo... já 10º anos e ainda havia lá pessoas que ouviam certos nomes como seios ou mamas ou parecido, e começavam todos a gritar, e a berrar como uns palermas, ah... eu espero que essas pessoas já tenham crescido um bocado, pelo menos, ah... é assim, não é da escola que eu fiquei mais informado sobre esse tipo de assuntos. Ajudou, mas... foi mais pela família e pela internet, do que, do que da escola.

D – E tu lembras-te do que é que, o que é que pensavas quando... quando os teus colegas começavam a berrar e a gritar e não sei quê, lembras-te do que é que pensavas na altura?

M – Bom, eu na altura... como eu comecei a informar-me sobre isto bastante cedo, pensei que eles ‘tavam a ser um bocado imaturos já na altura, mas quando eu era mais novo eu também passei pela mesma fase, porque eu ainda ‘tava muito na brincadeira,

de... não sabia exactamente ao certo o que é que isso era, e portanto pensava que era uma estupidez qualquer... que os adultos faziam na altura... e... eu percebo que há certas pessoas que maturam mais depressa que as outras, ou que demoram um bocado mais a chegar, e quando os meus colegas, que já tinham p'r'aí cerca de 16 ou 17 anos, não sei muito bem, fizeram isso, eh pá... pensei que... pá, eles vão aprender. A vida vai ensiná-los a... aprender.

D – E para além da questão das doenças em si, lembrás-te que outros tópicos é que eram falados?

M – Ah, um dos tópicos que eram falados tinham que ver com, ah... anatomia, sobretudo dos órgãos sexuais... e tivemos a analisar... também antes nas aulas de Ciências do 5º e do 6º ano, que demos isso, e depois continuou com o secundário, para ver se nos lembrávamos... não é bem lembrar!, mas para... reflectirmos sobre o assunto. Ah... para além disso, ah... não me lembro de mais nada, para além de... do... contraça... dos métodos contraceci [*sic*]... contraceptivos, mas isso também tinha muito que ver com as doenças, e... e pronto, para além da anatomia, não me lembro muito bem... de mais nada. Normalmente era um assunto que passava muito depressa.

D – Okay. E estavas a falar da, da experiência que tiveste, de teres deixado de produzir testosterona...

M – ...Sim.

D – ...na altura, foram, foi o teu médico ou os teus pais que te aconselharam a ir procurar informação à internet sobre isso, ou foste tu sozinho que lá foste?

M – Ah, eu fui sozinho porque, eu fui hospitalizado, ah, até não me importo muito de dizer que tive uma torção tes... testicular, grave, e um dos meus testículos foi, ficou sem funcionar, e depois o outro, ah... foram os dois à vida. Eu de momento até tenho próteses, em ambos, ah... mas isso não me incomodou muito... de fac... eu não posso ter filhos, porque eu não produzo... espermatozóides, ah, e portanto por isso eu penso que sou um caso raro, porque sou infértil mas não foi por nenhuma doença mas foi por acidente. Ah... e fui, fui ver, ah... que tipo de situação é que era esta, se havia outros casos como eu, e realmente reparei que havia muitos casos... se... ah, porque normalmente ou era só um testículo, ou, ou... ou não era nenhum, havia raro ser os dois. E também, ainda mais recentemente, quando eu fiz a tal operação das próteses, ah,

eu aproveitei e fiz uma coisa que ‘tava para fazer já há muito tempo, que foi ah...
...qual é aquele corte, da...? A ver se me lembro... Ah, acho que é o afastamento da
pele...

D – ...sim...

M – ...do pénis, p’ra, p’ra trá... p’ra baixo...

D – ...sim...

M – ...o corte, não sei como é que se chama, é...

D – ...Circuncisão?

M – Circuncisão, exactamente! Fiz isso, fui ver, fui aos fóruns, da internet, ver o que é
que lá, a opção, a, a opinião das pessoas, se valia a pena ou não... e parece que é
bastante comum. Não na Europa, mas, é bastante comum.

D – E sentiste que te ajudou?

M – ‘Tou mais confortável, agora. Ah, é muito mais, é muito mais limpo, é... muito
mais prático, quero eu dizer...

D – ...não, o que te ajudou, desculpa, neste caso, estava a falar do teres ido à internet, se
ajudou...

M – Ah, sim, ajudou-me, sim! Ajudou-me a formar uma opinião, mais concreta.
Também tive a ponderar mais, sobre o assunto, porque... não posso criar uma opção,
uma opinião, em vago, é preciso ter alguma informação, talvez não minha, mas livros
ou internet, pessoas, sobretudo, que partilham a sua experiência. Ah, e acho que isso me
ajudou imenso, e realmente essas pessoas... e também a minha família, ah,
aconselhou... realmente motivaram-me a eu ir à frente e fazer essa operação.

D – E tu achas que é fácil, quando se está à procura de informação na internet, distinguir
informação correcta da informação errada?

M – Uma coisa que eu reparo na internet, é que não existe informação absolutamente
correcta, sobretudo se vamos aos fóruns, porque há sempre pessoas que aldrabam,
sempre pessoas que inventam. Mas mesmo que isso aconteça, ah, é alguma coisa. Não,
não é 100% correcto, mas é alguma coisa. Ah... puls... ah, ah, a não ser as coisas mais

científicas, que podem aparecer... podem... ter uma informação mais concreta... Na Wikipédia, porque a Wikipédia 'tá acessível a todos, mas talvez sites mais governamentais ou institucionais, isso é informação que eu *acho* que é 100% con... ah... correcta. Agora... este tipo de informação que eu fui ver aos fóruns, é experiência pessoal, são pessoas, e todas as pessoas têm o direito a dizer o que quiserem, ah... eu, ajudou-me, embora eu soubesse que não era 100% verdadeiro, ou era falso, pronto, mas mesmo assim, informação é informação na mesma. E eu gostei do que ouvi.

D – E quando eras mais pequeno e começaste a explorar, há bocado estavas a dizer que com 13, 14 anos começaste à procura de informação...

M – ...sim...

D – Nessa altura como é que foi? Já conseguias distinguir o que é que era correcto ou não era correcto?

M – Muito dificilmente. O meu primeiro contacto com um computador foi aos 12 anos de idade, que eu acho que até... para a minha geração, é um bocado tarde, ah, eu lembro-me de 'tar no 7º ano de escolaridade... e... me dizerem pela primeira vez o que era um email, e eu não sabia o que era e fiquei a saber na altura, mas depressa me fui informar e... pedi aulas, ou explicações a um primo meu que na altura já 'tava a tirar um curso na Faculdade de Engenharia, ele explicou-me tudo num instante, os jogos, sobretudo, que eu era maluco pelos jogos, ah... mas de início eu não sabia muito bem diferenciar a informação, e lembro-me de fazer muitos trabalhos para a escola, no qual a professora me disse que, algumas das coisas que 'tavam aqui não eram verdade... E... e pronto, o tempo ensinou, não é?, e... ah, com o tempo aprende-se a distinguir que tipo de informação pode estar correcta ou não, e como verificar as fontes.

D – E achas que pode também prejudicar alguém, o facto de a pessoa estar na internet à procura de informação e depois encontrar informação que não é correcta, e não perceber que aquilo é errado, ou falso?

M – Bom... casos assim acontecem, não é? E pessoas que vão à internet encontram informação mas é errada. Isso 'tá sempre a acontecer porque, na internet não... não há certezas. É da mesma forma como vamos àqueles sites de... falar com pessoas, não há certeza que vamos encontrar uma pessoa decente. Ah... é preciso ter cuidado. Não, não sei bem o que dizer sobre isto, porque... é um cuidado que as pessoas devem ter, devem

saber... para conseguir distinguir informação correcta de informação falsa. Mas... é como eu digo, a, a internet nunca dá informação completamente correcta, a menos que seja uma coisa completamente científica. Até mesmo... já vi algumas publicidades científicas que não eram completamente correctas, ah... ou politicamente correctas, neste caso, ah... dizer, certas... Para essas pessoas o... têm, têm, têm que ter... cuidado, pronto...

D – Claro. E tu, quando vais, quando queres procurar informação, vais a algum desses sites governamentais de que ‘tavas a falar, por exemplo?

M – Depende do que estou à procura. Se é p’ra um trabalho, por exemplo, se é... eu lido muito com culturas... eu prefiro ir a fóruns porque tenho informações mais vagas... opiniões, que é isso que eu procuro. Se quero informação mais correcta, ah... eu não, eu costumo utilizar o Google, que é o motor de busca por preferência de, acho que de toda a gente, ah... eu costumo ver o primeiro ou o segundo resultado, porque costumam ser os mais indicados... ah... mas para informação completamente, completamente correcta, eu prefiro ir à biblioteca. Porque a internet não tem garantias. A menos, claro, que na internet me digam um livro bom, e as fontes d’onde é que esse livro foi retirado. É uma coisa que também me ensinaram na Universidade, e não só, que quando ‘tamos a fazer um trabalho, é preciso meter onde é que fomos buscar a informação.

D – Claro. Diz-me uma coisa, os teus amigos por acaso recorrem a ti como fonte de informação sobre sexualidade, ou questões de saúde sexual?

M – Ah, muito raramente! Esse tipo de assuntos não... eu não sei se se discutem em amigos, mas eu com os meus amigos tenho uma abertura mais para outro tipo de coisas, para desporto, para música... quanto a sexualidade, se... é muito raro, mesmo muito raro. A menos que alguém ‘teja a ter um problema, e essa pessoa estiver mesmo muito desesperada, provavelmente quando é esse tipo de coisas, as pessoas podem ter um bocado de vergonha, de falar com os amigos... Até eu, que tenho uma abertura com a sexualidade, eu sou capaz de hesitar, se é para falar com amigos sobre isso, ah... mas... não sei, eu acho que a internet veio facilitar muito as coisas, porque pode-se pedir em anonimato, informações online.

D – E se de repente essa informação toda desaparecesse da internet, achas que isso ia afectar a vida das pessoas?

M – Ah... esta informação de...

D – Informação sobre sexualidade, sobre saúde sexual, sim...

M – É capaz... Ah, vão sempre, vão sempre haver livros, e eu acho que... por muitos Kindles, por muito... muitas páginas que haja aí, ah... a internet nunca vai substituir os livros, e vai sempre haver informação disponível. É assim, a vida das pessoas pode ser alterada, no que toca a... é uma fonte que já não existe. Mas há outras, alternativas... Portanto, por isso eu não acho que vá ter um grande impacto. Porque se uma pessoa ‘tiver mesmo curiosa, e verificar que não ‘tá na internet, vai ver a outros sítios. Pelo menos é o que eu faria. Ah... se não vai... é uma pessoa pre... preguiçosa. Ou pelo menos não tem interesse.

D – Há bocado estavas a falar de fóruns, e de grupos. Tu por acaso fazes parte de algum grupo, ou juntaste-te a algum fórum para discutir questões sobre... sobre aquilo que te aconteceu, ou sobre questões de discriminação de género, ou questões de discriminação de orientação sexual, por acaso?

M – Bom, eu normalmente não... não me costumo juntar... as info... as conversas ou discussões mais interessantes que eu costumo ter em termos de fóruns e não só, é no site 9GAG, que tem mais a ver com comédia do que outra coisa. Mas de vez em quando aparece lá umas imagens muito interessantes sobre sexualidade e sobre caricaturas, ou... ah, algum assunto controverso [*sic*] e as pessoas começam a discutir entre si, nos comentários. E eu de vez em quando junto-me, para dar algum apoio ou apoiar o meu ponto de vista sobre a situação. Ah... só que... é como eu digo nos vídeos do YouTube. Por cada comentário bom que há, há cerca de 20 maus, e há sempre pessoas que reagem mal a uma coisa, ou que não sabem escrever bem, propriamente, seja em português seja em inglês, que em inglês é a linguagem da internet, e... e realmente é uma pena que haja pessoas que não querem discutir... bem. Mas das poucas pessoas que eu encontrei, que... souberam discutir bem as coisas, fizeram bons pontos e boa argumenta... boa argumentação... portanto, eu acho que...

D – ...Lembras-te de alguma situação em concreto?

M – Bom, ah... deixa cá ver se me lembro... Ah... eu acho que a maior parte das coisas tiveram mais a ver com a religião, porque... na internet há muito ódio, à religião... não como, ah, uma escolha, mas como uma obsessão. Fala-se muito das pessoas que vão

porta-a-porta, sobretudo as Testemunhas de Jeová, que são muito acusadas desse tipo de coisas, e... entretanto, eu lembro-me de uma situação em particular, em que... apareceu um comentário de... uma imagem dum, dum Papa, e dum chefe muçulmano, a apoiarem as mãos, e uma frase qualquer do Martin Luther King, e apareceram algumas pessoas a discutir que realmente isto era bom, que era p'ra, p'ra distinção das religiões, que mesmo... pelas diferenças, há sempre no fim de contas um espaço onde pode haver harmonia e paz, e outras pessoas que disseram que... a religião... deles, ou... pronto, não quero mencionar qual é que era, pronto... pode ser católica, pode ser muçulmana, ou budista, ou seja lá o que for, era a mais certa, ou pelo menos a que davam que era a *verdadeira* religião. Só que não apresentavam argumentos porquê. E depois apareceram lá outras pessoas que perguntavam “então porque é que tu acreditas nisso?”. Aquelas pessoas começaram a reagir mal; é esse tipo de situações.

D – E qual é que foi a tua posição, nesse debate?

M – Ah... Eu gosto de defender uma posição de intermediário, que... ah... há sempre lugar p'a paz em tudo. Ah... a religião é uma coisa que não me diz grande... coisa, sou honesto, mas... quando há... uma discussão assim muito fervente, eu gosto de me juntar, só assim p'ra dar uma ajudinha, e... no momento, lembro-me de ter dito que... “pá, é verdade que cada pessoa ser sempre a sua religião, ou não-religião, pode não acreditar em nada, ah, é uma questão de respeito”. É preciso respeitar as pessoas, e se esta imagem consegue fazer alguma coisa, é que essa paz e esse respeito pode existir. Mas novamente, depois de mim, veio outra pessoa que disse, ah... que só a religião dele ou dela, já não me lembro, é que devia ser respeitada, e que as outras podiam todas ir p'r'ó inferno, ou seja lá o que for... pá...

D – Sim... E tu lembras-te de alguma discussão desse género, mas sobre questões relacionadas, por exemplo, com discriminação de outras orientações sexuais, ou...

M – Sim... Eu, eu lembro-me de... disso, ah... tem muito a ver com imagens de pessoas famosas, ou celebridades de Hollywood, que declararam aberta, abertamente, que eram homossexuais. Porque... eu acho que os homossexuais levam a pior parte, ah... deste tipo de assuntos, e que ainda existe muito a noção de a palavra *gay* ser uma palavra muito negativa, e lésbica também, ah... não tenho nada contra i... contra essas pessoas, mas... há um ódio tão grande, que até dói ver. E eu até... me fui informar, e esse tipo de discussões que não vão a lado nenhum têm um nome próprio até, chamam-

se “*flame wars*”, pá, porque... é atirar palha para o monte. Não, não vai a lado nenhum porque há pessoas que nunca vão ‘tar dispostas a ouvir ninguém.

D – Claro. E no Facebook, por exemplo, já que passas lá bastante tempo, também... já alguma vez entraste n’algum grupo que tenha como objectivo discutir esse tipo de assuntos, ou não?

M – Não, porque... Eu tenho um à-vontade, e tem... e com... com a minha orientação sexual. Eu posso estar curioso, porque é que as pessoas escolhem, ah, pelo menos... eu não sei se é uma escolha, se é não, mas eu acho que é uma escolha... ah... então vou ver o qu’é que dizem, realmente... porque é que preferem ‘tar com um sexo e não outro, e... pa... pronto... se é isso que elas dizem, pronto... ‘tava curioso.

D – E também ainda no Facebook, já tiveste conversas, por exemplo, sobre saúde sexual? ...de sexualidade no geral?

M – Não... Eu não me ‘tou a lembrar, de momento. Eu sou capaz de ter tido... com... uma amiga minha de infância, que já somos amigos há mais de 19 anos, praticamente, ou melhor, 18 anos, conhecemo-nos aos 2 anos, no jardim-escola, ah... E ela perguntou-me se por acaso já tinha tido sexo, ou algo parecido, e como é que foi, e se gostei ou não, e tal, e ela disse-me a sua experiência... ‘tivemos ali um bocado a falar, mas, sobre doenças não falámos. ‘Tivemos mais a falar sobre... como é que aquilo se sentia, pronto.

D – E achas que faz falta, haver esse espaço para discutir esse tipo de assuntos?

M – ...Para as pessoas que ‘tão... incertas, ou que pelo menos não têm a certeza, sobre se... se a sua orientação sexual é certa ou não, ou se ‘tão... ah, são precisos ser esclarecidos, sobre qualquer coisa, eu acho que ter um grupo assim não faria mal nenhum. Mas... eu acho que... ou melhor, eu espero que as pessoas consigam ter a inteligência e a maturidade de conseguir ir procurar isso por si mesmos. Ah... grupos de discussão para esse tipo de assuntos... podem haver, não me importo que hajam [*sic*]. Ah, eu não me ia juntar porque, não é uma coisa que me diga muita coisa. Mas eu consigo ver... pessoas a juntarem-se a isso e quererem discutir a sua, a sua orientação sexual, as suas experiências... porque eu sei que há muitos fóruns, que também já fui ver online, quando andava à procura disto; ah... por exemplo, o que é que... a circuncisão afecta... afectava no acto sexual, que... parece que há uma perda de

sensibilidade, mas depois outros diziam que não era, e depois ainda haviam outros que... não fazer dava mais prazer e... pronto... esse tipo de coisas.

D – Portanto, basicamente, tu quando te viste perante a situação de ter que tomar algumas decisões, mesmo não tendo juntado a esses grupos, foste à procura de sítios onde se falava disso?

M – Claro. Porque mesmo não me juntando a grupos e não me juntando à conversa, eu posso sempre ir ver o que é que as pessoas já disseram.

D – Por falar em ir ver... Uma coisa, ah, que alguns jovens dizem que é relativamente comum, e outros jovens dizem que não fazem de todo, é ver material sexual na internet. Imagens, filmes, e até textos, por exemplo, bandas desenhadas, como estavas a falar há bocado...

M – ...claro...

D – Tu conheces pessoas que, que sabes que vêem esse tipo de material?

M – Sim. Muitos amigos meus, ah, que eu conheça são predominantemente masc... ah, do gén... do sexo masculino, mas também conheço duas pessoas do sexo feminino que abertamente dizem que vêem esse tipo de material, ah, na internet. Eu próprio vejo esse tipo de material, portanto não tenho nada a esconder sobre isso.

D – E lembras-te como é que calha em conversa as pessoas falarem sobre aquilo que vêem?

M – Ah, costuma começar por ser uma brincadeira. Ah, dizerem o que é que gostam de ver nesse tipo de sites, que vídeos é que vêem, que imagens é que procuram, qual é a preferência dessas pessoas... Sobretudo, muito os meus amigos, homens, claro, ah... gostam muito de falar do qu' é que vêem, se são loiras, são morenas, se são ruivas... ah, e falamos sobre isso um bocado, mas num à-vontade que nunca vai muito longe, nunca vai para... ah... eu gosto de dizer, coisas dementias [*sic*] ou fetiches, que é isso que se chama, nunca discutimos essas coisas...

D – E... achas que ah, as pessoas quando, quando brincam com esses assuntos, estão assim a brincar mas a medo, ao mesmo tempo? Ou sentes que a conversa é assim à vontade, dentro da brincadeira?

M – Começa por ser um à-vontade, mas à medida que a conversa pode co... continuar, é capaz de começar a ficar mais séria, porque as pessoas ah, digamos, têm uma certa... eu digo *porn star*, que é isso que se chama às pessoas que trabalham nesse tipo de... negócio, que é um negócio, são actores e actrizes pagas para isso, ah, que preferência é que têm, e... também falamos um bocado que tipo de posições que preferem ver e tal, mas... nunca vai ao ponto de falarmos sobre cinematografia pornográfica. Falamos mais sobre um vídeo que podemos recomendar, ou que vimos e achámos bastante bom, ah...

D – Porque é que achas que há essa diferença tão grande entre os rapazes e as raparigas.

M – Eu não sei como é que as raparigas em si falam, porque... ah, eu tenho um bom grupo de raparigas amigas, com quem eu falo, mas não é sobre esse tipo de coisas. Porque eu acho que há uma barreira mais forte entre os sexos, no que toca a este tipo de discussão. Ah... Se é com amigas minhas, que eu sei que ‘tão à vontade comigo, eu até nem me importo de dizer algumas coisas, mas... pessoas com quem eu conheço há pouco tempo, ah... relativamente... eu faço os possíveis para evitar esse tipo de assunto. E... como também nunca vejo ninguém do outro lado da conversa a puxar para esse assunto, nunca tenho qualquer necessidade de ir por aí.

D – Claro. Mas essa barreira de que estás a falar, porque é que achas que essa barreira existe?

M – ...Não sei... se calhar é porque como... é... são feitas as amizades entre as pessoas, se calhar, ah... sempre ouvi dizer que as amizades entre homens são diferentes das amizades entre mulheres, ah... isso é capaz de ser verdade. Ah... mas também como eu vivi sempre com mulheres durante toda a minha vida, eu tenho um à-vontade mais com as mulheres, ah... a um certo ponto; com, com homens, é à vontade!, por... lá está, eu... costumo ir ao ginásio frequentemente, falo com... com amigos meus que vão lá, e vamos tomar banho juntos... não há nenhum problema com isso... com as mulheres... é diferente! Porque... pá, não vamos entrar lá e falar sobre isso... assim, porque... é aquela tensão. Por muito que se queira, há uma tensão. Ah... há sempre aquela atractividade entre os sexos e... isso pode levar a situações estranhas. Ah... agora...

D – E essas tuas amigas, que te falaram disso, e que te contaram sobre isso?

M – É assim, uma das minhas amigas é canadiana... e ela diz-me que a vida sexual no Canadá começa muito cedo, e que não há qualquer tipo de problema de discutir isso, sobretudo online ou com outras pessoas, e que... ela disse mesmo que perdeu a virgindade muito cedo. A minha outra amiga, ah... vive cá em Portugal, ah... acho que ela mudou-se de cidade, já não falo com ela há algum tempo, e... lembro-me de falar com ela sobre como é que foi a experiência se... a primeira se... a experiência sexual dela, que foi... ah... acho que foi aos 19 anos, e ela teve-me a falar sobre isso. Porque nós tínhamos uma ligação muito forte. Entretanto fomos os dois para a faculdade, perdemos um bocado esse contacto, mas ainda falamos. Ah... e na altura, eu lembro-me de ‘tar a falar e, mesmo com o à-vontade que eu tinha com a minha amiga, ah... eu senti que ‘távamos os dois a hesitar um bocado, talvez por ‘tarmos a falar frente-a-frente, e é aí um bocado que eu acho que a internet ajuda imenso, porque essas hesitações, essas barreiras deixam de existir, praticamente, porque... fazemos assim, em, em vez de “ah, ah, ah”, é muito mais fácil...

D – Portanto o teclado, o escrever, ajuda...

M – É muito mais fácil dizer qualquer coisa, dizer uma opinião, falar sobre um assunto que pode ser considerado tabu, pela internet, do que em pessoa, para a maior parte das pessoas.

D – Hmm hmm. E já houve alguém que te tenha dito que se sentiu incomodado com alguma coisa que viu na internet, de pornografia?

M – Já. Eu... lembro-me de um amigo meu dizer que... começou a ver sites pornográficos e começou a clicar em categorias e viu lá algumas coisas bizarras, ele sentiu-se assim um bocado apavorado, ‘tava lá a ver... que nem sequer sabia como aquelas coisas eram possíveis, e... e veio-me... acho que foi avisar! Porque não sei que mais é que era, porque ele, ele quase que se encontrava um bocado apavorado e disse “Sabem isto? Não vejam! Por amor de tudo o que é sagrado, não vejam isto!” E nós: “Okay, okay!” E até hoje não vi. Ah... e mesmo... que ele não me tivesse dito, eu não ia ver, porque... pronto, seria um bocado...

D – Achas que ele ficou muito afectado por isso, ou...?

M – Eu acho que ele não ficou muito afectado, eu... eu acho que foi mais o choque inicial, ah, ter visto uma coisa que ele... pensava que era uma coisa do outro mundo,

ah... porque há mais diferença entre a pornografia *soft* e profissional, e depois há pornografia extrema, o *hardcore*, ah... até mesmo os sites de vídeos, ah, eu, eu vejo alguns que têm isso separado por categorias, e isso ajuda imenso. A filtrar certas coisas que não queremos ver de todo. Ah... há... e não, e também entram aí os fetiches e coisas estranhas e... pronto.

D – Lembras-te quando é que foi a primeira vez, ou das primeiras vezes, que tu foste à procura desse tipo de material, que idade tinhas?

M – Eu lembro-me... Acho que foi aos 14 anos... 14, 13 anos, não me lembro muito bem. Ah... eu fui ver... ah... porque um amigo... porque ouvi dizer... ou melhor, porque um amigo meu me disse que... que seria giro ir ver, só mesmo por curiosidade, e... pronto, eu fui ver, e... e até hoje ainda vejo. Já lá vão uns... seis anos, praticamente.

D – O que é que sentiste dessa vez?

M – Ah... O que é que eu senti? Eu não sabia muito bem o que sentir. Porque... ah, até... antes de... ver esses vídeos, eu já tinha tido ah... a ejaculação antes, já... ‘tava com o órgão já desenvolvido para esse tipo de coisas. Só que... eu dantes costumava imaginar a situação. Agora a situação era posta ali para mim. Ah... e isso facilitou muito mais as coisas, ah... Porque em vez de ‘tarmos a imaginar a situação na nossa cabeça, basta abrimos um site e ‘tá lá tudo para nós vermos e mais alguma coisa. Inclusivamente coisas que nós não queremos saber para nada! Ah... na altura... foi... interessante. Porque não foi a primeira vez que eu tinha visto um vídeo desses, a primeira vez que eu vi um vídeo desses foi na casa de um amigo, porque ele tinha daqueles canais codificados, que tinha descodificado, acho que era o Hustler, ou parecido, uns sites desses... e... eu não sabia o que pensar. Porque era a primeira vez que eu ‘tava a ver a cena ao vivo... ao vivo não!, em vídeo... e... pronto, sen... senti-me estranho, mas depois mais tarde fui sozinho para o meu quarto, ah... via internet... e, pronto, ficou... ficou o gosto.

D – E lembras-te quando é que começaste a deixar de sentir estranho e a começar a gostar?

M – Acho que foi dois meses depois. Não demorou muito tempo. Porque o choque inicial foi de... ah... não foi do... do género... “Ah, é isto assim?!”, não, foi mais do “Ah, isto existe?”, pronto... Foi mais por isso.

D – E depois foste começando a aprender a escolher que sites visitar e o que querias...?

M – Sim, porque há perigos. Ah... gosto de dizer que esse tipo de sites é onde todos os vírus e spam e *malware* estão aí escondidos... pode ser uma pub... uma pub... uma publicidade, pode ser no... numa imagem... é preciso ter cuidado. E eu aprendi depois ah, diversas coisas sozinhas, aprendendo sozinho a fazer essas coisas. Ah... Para além desse perigo... não ‘tou a ver que mais...

D – Alguma vez te aconteceu, por exemplo, estares a ver um site de outra coisa que não tem nada a ver e de repente aparecer-te uma publicidade ou um pop-up com esse tipo de material?

M – Sim... aconteceu uma vez, mas... foi, foi raro. O que costuma aparecer-me agora são, ah, sorteios de prémios de carros ou de... muita publicidade p’ra... casinos, e também... muita daquela publicidade que se vê ao lado dos vídeos e no início dos vídeos, sobretudo a...

D – ...Fazes alguma coisa para bloquear essa publicidade?

M – Ah... no que toca aos vídeos, eu não faço nada para bloquear essa publicidade porque há certas pessoas que publicam material no YouTube, que é o único site que eu gosto de ver vídeos, ah... tirando claro os de teor, ah, pornográfico, ah... mas certas pessoas lá que fazem vídeos com conteúdo de tal maneira espectacular, que me dou ao trabalho de ver publicidade só p’a essas pessoas ganharem um bocado, porque têm um contrato com o YouTube e recebem um “X” pela publicidade e pelos vídeos que vêem. E eu não bloqueio, só... eu sei que existem bloqueios para esse tipo de coisas, com o *Ad Blocker* e outro tipo de aplicações, mas por uma questão de respeito a essas pessoas que publicam, ah, entretenimento e que... e que me dizem muito interesse, eu prefiro ver os dez ou cinco segundos de publicidade e depois passo à frente, do que dar-me ao trabalho de instalar um programa, ou um bloqueador.

D – Diz-me uma coisa, porque é que achas que as pessoas vão ver pornografia?

M – [estala a língua] Eu ia dizer para se sentirem bem... e... ou para libertarem algum stress, ou... p’a terem aquele prazer... da masturbação, pelo menos é um bocado aí que eu vou... ah... e eu acho que é por isso, por... ah... a pornografia é um, é um negócio, é um negócio muito lucrativo, e não só a pornografia, também aqueles sites de encontros

online, ah, eu sei que são... é o negócio online que mais dinheiro faz, e percebe-se porquê, porque as pessoas agora... ‘tamos num mundo cada vez mais virtual, mais globalizado, e cada vez menos há aquela necessidade de procurar uma relação emotiva, mas ir directamente numa relação física.

D – ‘Tavas a falar da, da pornografia como um negócio, não é?, mas também há pessoas que fazem as coisas de forma amadora...

M – ...claro...

D – ...e, e gravam-se a si próprias, por exemplo, e põem o vídeo na internet. Porque é que achas que essas pessoas fazem isso, se não vão ganhar dinheiro?

M – Exibicionismo, talvez. Ah... nunca me passou pela ideia fazer algo desse género. Ah... até sei que... ah... eu já tentei ir ao *Chatroulette*¹, que é um site em que falamos com pessoas, ah, online, utilizando a nossa webcam, e vejo muitas pessoas, sobretudo homens, mas também há mulheres, que se encontram numa situação um bocado mais... sem roupa, um bocado nus, e com o seu material exposto, ah... eu gosto de passar essas pessoas imediatamente à frente, porque se ‘tão assim não vou ter qualquer tipo de conversa interessante com essas pessoas, ah... ...Porque... é assim... esse tipo de relações, eu prefiro muito mais ‘tar investido emocionalmente do que fisicamente. É assim que fui educado, é assim que prefiro... claro que existe aquela química física entre as duas pessoas e consigo perceber porque é que existem as chamadas *one-night stands*, e... ah... idas de uma noite, ah... que as pessoas dormem uma noite uma vez juntos e nunca mais falam com elas, eu conheço pessoas que fazem isso!, ou pelo menos que fizeram, mas ‘tavam bêbedas. E... foi uma... decisão espontânea no momento.

D – Hmm, ‘tou a ver. Sentes que aquilo que tu tens visto, em termos de pornografia, ah, tem mudado ao longo do tempo, ou vais à procura das mesmas coisas?

M – É a mesma coisa. Há anos que vejo pornografia, é sempre o mesmo material, a única coisa que difere são as pessoas. Os ângulos são os mesmos, as posições são as mesmas, os sons são os mesmos. Porque... hmm... a... não há nada de diferente nesse tipo de negócio. E também é um bocado... eu, eu até de vez em quando até prefiro ver essa tal banda desenhada, porque eu posso não apreciar o ao vivo, o real, mas eu... posso apreciar o talento do artista. E eu vou um bocado por aí, também... e toda a

¹ Site que emparelha aleatoriamente utilizadores, que podem comunicar através de texto, vídeo e som.

animação, porque há vídeos sobre isso, também, ah... as pessoas dizem-me que realmente não é real, não faz sentido ‘tar a ver isso, mas... se conseguem imitar o real, e consigo ter alguma apreciação artística, e que me diz alguma coisa, pá, eu vejo!

D – Portanto para além de veres os vídeos com pessoas de facto, também vês *hentai*, por exemplo?

M – Sim.

D – Mas preferes o *hentai* ou preferes...?

M – Eu prefiro ao vivo... a maior parte das vezes.

D – E... e o *hentai*, vais à procura nos mesmos sites, ou vais a algum site em especial?

M – Eu tenho preferências, ah... há um site chamado Fakku², F-A-K-K-U, ponto net, que é banda desenhada. E é um site que as pessoas se dedicam... ...mas não é um site perverso!, porque as pessoas que lá ‘tão são muito simpáticas, e... e gostam de discutir as coisas, tipo, discutem o material que ‘tá lá, discutem a história, ah, discutem os motivos das pessoas, discutem os laços emocionais... porque, no fim de contas, não ‘tamos a analisar a pornografia, embora seja um bocado a... o prazer daquilo, mas ‘tamos a analisar o que levou a essa situação, mais a história...

D – E tu costumavas participar nessas, nessas conversas, nessas discussões?

M – Só se a banda desenhada for *muito* interessante. Eu costumo participar, de vez em quando não só há esse tipo de pornografia, mas também há banda desenhada que realmente não tem nada a ver com pornografia, nesse site. São histórias emocionais a um nível profundo... são histórias de amor platónico, por exemplo... e... é co... eu admito... se eu comparar as pessoas que vêm, que, que comentam nesse site, com as pessoas que comentam no YouTube, eu tenho que dizer que as pessoas que comentam neste site, no Fakku, que é... um site perverso!... são pessoas muito mais bem educadas, muito mais simpáticas do qu’aquelas que comentam no YouTube, que é um site muito mais geral.

D – Hmm, ‘tou a ver. E a situação, por exemplo, desse, desse amigo que tinha o canal desbloqueado da, da televisão por cabo, não é?...

² Site agregador de *hentai* (animação ou banda desenhada japonesa de cariz sexual).

M – ...sim...

D – ...mas já aconteceu alguma coisa desse género, mas em frente a um computador, a ver coisas na internet; por exemplo, na escola ou assim?

M – Na escola... não. Não me lembro. Agora, eu ‘tar a ver em casa, e de repente ser apanhado p’los meus pais, já aconteceu! E os meus pais deram-me aquela lição, da orientação [*sic*] sexual, de porque é que eu não devia ‘tar a ver aquilo, e pronto... e eu respeito... E também é um bocado também pela... pelo aspecto de eu vivo com três mulheres lá em casa, agora, e... eu não quero desrespeitá-las de qualquer maneira. É... talvez por... por aí, se calhar, eu comecei um bocado a ver da banda desenhada. Porque... se eu ia ver, pelo menos não era real, pelo menos não desrespeitava ninguém. Ah... ainda vejo, claro!, o real, e prefiro acima de tudo...

D – Mas achas que ver pornografia com pessoas de facto desrespeita as mulheres em que sentido?

M – É assim, eu não digo que desrespeita, porque as mulheres que fazem aquilo, sabem que ‘tão a fazer aquilo... e ou ‘tão a pôr aquilo porque querem, ou ‘tão a ser pagas. De uma forma ou outra. Eu gosto de pensar que as pessoas ‘tão a fazer, ah... ‘tão a pôr aqueles vídeos no... online, sentem-se completamente à vontade de o mundo todo ver aquilo. Portanto eu não sinto desrespeito. Agora, desrespeito para as mulheres em geral.. não. Eu não... não generalizo.

D – Mas então desrespeito para as tuas irmãs e para a tua mãe, era disso que estavas a falar?

M – Era mais por isso, é... eu, tenho... é mais o medo delas me verem a verem aquilo, e depois pensarem que eu também imagino isso sobre elas... não!, nem nada a ver! Porque... dig... um... uma barreira aí... fortíssima, não, nada disso! Família, amigos é uma coisa... pessoas que... pfff, ‘tão na internet é outra coisa!

D – Claro, claro. E, já me contaram, por exemplo, outras pessoas noutras entrevistas situações em que se juntam um grupo de amigos...

M – ...e vêm?...

D – ...e vêem aqueles vídeos, não sei se alguma vez já ouviste falar, por exemplo, de um vídeo que é o “*Two Girls, One Cup*”?

M – Sim, sim!

D – Coisas assim desse género, só p’rá brincadeira, por assim dizer...

M – ...ah, claro!...

D – ...só para se provocarem uns aos outros. Já tiveste em situações deste género?

M – Eu... eu lembro-me da primeira vez que... ‘távamos numa aula de informática, e lembro-me de me darem um link d’um vídeo, um amigo a dizer... e é... o primeiro vídeo que eu vi do... a reacção do... ah... hmm... do Rick Astley, ah... “*I’m Gonna Give You Up*” [sic], qu’ é o tal *rickroll*³, eu... eu fiquei a saber o qu’ é que era, porque era mais ou menos uma brincadeira. Da mesma forma que aquele vídeo online do... do homem que canta o “*Trololololol*”⁴, o “*troll face*”⁵, ah... eu não levo a mal esse tipo de coisas, se não vão muito longe... agora, eu lembro-me de ‘tar no 5º ano, na aula de informática, e não sei se conheces os “*Happy Tree Friends*”⁶...

D – Hmm hmm...

M – Eu vi aquilo... eu tive um medo daquilo! Tipo, eu sei que era banda... ah, que era animação, mas... quantidade de sangue e de brutalidade que aquilo teve!... Caramba, eu nunca mais vi aquilo! Esse tipo de coisas, eu já levo a mal porque... já não é brincadeira, já é p’ra... torturar as pessoas.

D – Hmm hmm. E já alguma vez alguém se sentiu mal por... à tua frente, digamos assim, ou ficou incomodado por receber um vídeo desses, um link com um vídeo desses, com material pornográfico?

M – Eu nunca envio material pornográfico, agora... se algum amigo meu recebeu e ficou incomodado, não sei, porque... se receberam, não me dizem.

³ Uma partida famosa da internet, em que uma pessoa disponibiliza um link que supostamente é relevante para o tema abordado no momento mas que é, na verdade, uma ligação para o videoclip da música *Never Gonna Give You Up*, de Rick Astley, de 1987.

⁴ Semelhante à nota anterior, mas envolvendo uma música do russo Eduard Khil, que contém uma secção que é foneticamente semelhante à expressão “*Trololololololololololol*”, a fusão entre *troll* (alguém que faz comentários provocativos online propositadamente) e *lol*, inglês para *laughing out loud*.

⁵ Uma imagem famosa por representar em desenho a ideia de um *troll*.

⁶ Desenho animado de humor negro.

D – Quando essa situação te aconteceu a ti, tu... ficaste chateado, ficaste incomodado?

M – Qual situação?...

D – A situação que ‘tavas a contar de teres visto uma coisa mais, mais pornográfica, que te tinham mandado... o link na aula...

M – Ah... esse não, não era uma situação pornográfica, era mesmo... desenhos animados de basicamente, desenhos animados a matarem-se uns aos outros...

D – ...sim, sim, mas antes pareceu-me, antes pareceu-me que estavas a dizer que tinhas visto de facto um vídeo com conteúdo mais pornográfico na aula...

M – Não, não foi na aula... Foi, mas em casa, recebi...

D – Ah, foi em casa!...

M – Mas depois eu... eu falei com essa pessoa que me enviou, que era um amigo meu, e de facto reparámos que essa pessoa tinha tido, não sei se era um vírus, ou alguma coisa no email, e assim ‘tava a enviar esse tipo de links para as pessoas. A situação depois ficou resolvida, porque... ele teve de formatar o disco. Ah...

D – Então foi mesmo um vírus...

M – Foi um vírus que enviou...

D – Mas não foi ele?

M – Foi... foi um *spam*, pronto. Não foi ele.

D – Não foi ele, okay. Ah... é assim, em Portugal supostamente é preciso ter 18 anos ou mais para poder aceder a esse tipo de sites... pornográficos. O que é que tu achas sobre essa restrição.

M – Bom... é assim, ah, isso volta ao que eu disse ainda há bocado... que há pessoas que maturam mais depressa, outras que não maturam tão... tão cedo como as outras. Os 18 é um limite estabelecido legalmente... pela Constituição... e faz sentido também ser por esse tipo de materiais, porque... é a idade que estabelece a idade adulta. Agora, eu percebo que há pessoas que têm 15, 16 anos, que vêem isso e... que não se sentem incomodadas por isso, e que ‘tão à vontade, e que têm maturidade para perceber as

coisas. Por outro lado, há pessoas que... que vão ver isso... e que vão falar com os pais, por se sentirem incomodados... mas isso é uma... situação ocasional. Agora... eu não acho qu'haja qualquer coisa que impeça as crianças, que acho que é isso que 'tamos aqui a discutir, não é?, ah... de acederem a esse tipo de conteúdo. A menos que os pais bloqueiem certos sites, mas os pais não conseguem bloquear *todos* os sites, porque eu acho que noventa e tal por cento da internet são sites pornográficos.

D – Hmm hmm. E tu achas que pode fazer mal, a esses jovens mais novos, verem esse tipo de material?

M – Não porque... mais cedo ou mais tarde, essas pessoas, essas crianças, vão ter ah, conhecimento deste tipo de situações. Da mesma forma que toda a gente, ah, no fim de contas, vai saber que ainda existe escravatura no mundo, existe tráfico de drogas, existe um mercado negro, ah... ou, pelo menos, in... indirectamente. Há... é certas coisas que nós em crianças pensamos que não existem, ah... mas no fim de contas, à medida que o tempo passa, apercebemo-nos que realmente, eh pá, realmente existe, é assim que o mundo funciona e temos de lidar com isso pelo bem e pelo mal.

D – E achas que há alguma idade assim, falando no geral, que há alguma idade que marca um ponto de transição entre ainda não ser maduro o suficiente e já ser maduro o suficiente para ver esse tipo de material?

M – Um ponto de transição foi dos 14 aos 15 anos. Agora... amigas minhas... sobretudo raparigas, elas... ah... entram na adolescência muito mais cedo, e acho que ganham uma ma, maturidade diferente muito mais depressa do que os homens, ah, do que os rapazes, que vão muito mais tarde. Ah... Eu não quero fazer diferenciação entre sexos no que toca ao acesso a esse tipo de informações ou de conteúdos, ah... mas uma idade... eu iria dizer 14 anos, pelo menos só para se começarem a informar sobre as coisas... porque d'antes disso, eu lembro-me de passar os recreios e em casa a brincar no Pokémon, a jogar futebol no recreio, eu não queria saber de nada disto. Com o passar do tempo, fiquei a saber deste tipo de coisas.

D – Achas que... a pornografia pode ensinar alguma coisa?

M – Hmm... Ensinar alguma coisa...? É capaz... Uma pessoa que não se foi informar, ah... por exemplo, sobre a anatomia do sexo oposto ou do mesmo sexo, e que te... 'teja interessado, pode ver esses vídeos, pode ver essas imagens e sem perguntar a ninguém,

se abrir algum vídeo, pode saber onde são as coisas. E depois mais tarde pode-se ir verdadeiramente informar com informação a sério. Ah... também há certos livros, como o Kamasutra, que são as posições sexuais, que... talvez a pornografia é capaz de ensinar algumas coisas, porque... há... hmm... eu digo isto para primeira vez, ah, do acto sexual, nunca se sabe o que fazer. E talvez isso pode servir como uma espécie de preparação mental do que o que é que se pode esperar, mas novamente, como a maior parte das coisas que se vê online são... feitas por profissionais, ah... e são falsas, ah... eu acho que... esse tipo de situação é um tipo de situação que as pessoas devem aprender a viver e não a ver e depois fazer por si próprias.

D – E essa questão de ser feito por profissionais...

M – ...ou amadores...

D – ...e portanto ser falso, ah, achas que pode induzir em erro?

M – Pode, sem sombra de dúvida! Ah... eu discuti, eu lembro-me de discutir, uma daquelas situações que eu ‘tava a discutir com amigos, sobre... esse tipo de situações, pornografia, e... e demos a falar em nós, ah, se algum de nós já tinha perdido a virgindade. E... foi, acho que eram duas pessoas que já tinham perdido a virgindade, e ‘tiveram-me a falar de... ‘tiveram a dizer como é que aquilo foi e... situações é que tiveram, só que... de... no momento em que fizeram aquilo eles... lembro-me de terem-se esquecido de absolutamente qualquer vídeo que tiverem, tivessem a ver e focaram-se só no momento, no que teriam de fazer... e eu acho que a maior parte deles foi mais guiado pela sua parceira, ah, qu’eram todos heterossexuais, e acho que ainda são... ah... foram muito mais guiados pela rapariga, do que eles próprios a terem a iniciativa daquilo.

D – E achas que ver esses vídeos, já com pessoas profissionais, por exemplo, pode criar falsas expectativas sobre o que é que é a relação sexual para quem ainda não fez sexo?

M – Sim, sem sombra de dúvida! Ah... Eu lembro-me da primeira vez, que eu perdi a virgindade, e... foi uma situação *completamente* diferente. Porque o que se vê nos vídeos é um conforto. É situações de flexibilidade das pessoas, é... são posições já pré-determinadas. Na altura em que ‘tamos a fazer o acto, ah... não se sabe muito bem o qu’esperar, porque não sabemos onde é que... como é que vai ser aquilo, que tipo de posição é que o parceiro ou a parceira ‘tá bem, ah... é uma situação que... que acontece,

pronto, ah...! A pessoa faz, faz à sua própria maneira e... pronto, tem de responder ao... ao.. à outra pessoa, ah... ...e também não, também não só isso, porque pode criar falsas expectativas no que toca a auto-estima, porque ao... eu digo isto muitas vezes, por causa do tamanho das pe... sobretudo, do órgão... ah... sobretudo do órgão masculino, nunca se vê se o órgão feminino... é mais sobre ah... os seios, das mulheres, mas até mesmo quando se vê vídeos há muito publicidade de... aumento, do pénis, e... eu costumo ignorar isso porque... quero lá saber!, mas eu posso ver como é que algumas pessoas se possam sentir descora, descorajadas [sic] ah... ao acto sexual porque não têm confiança no seu próprio órgão.

D – Hmm hmm. E achas que há alguma maneira de ajudar essas pessoas a sentirem-se mais confiantes?

M – Eu não sei se a confiança pode ser ensinada, acho que a... a... a confiança é uma coisa que tem que ser... ganha por si só, ah... é uma questão de personalidade, é uma questão de objectivos, ah... se uma pessoa vai p'r'alguma coisa já com um ar muito negativista, eu digo-lhe logo que precisa de mudar a mentalidade. Ah... exacto.

D – E achas que é possível ensinar as pessoas a... a verem esses vídeos de uma maneira a não se deixarem enganar por essas falsas expectativas?

M – Ahm... Eu ia dizer... o que... para qualquer pessoa, o que tu vês ali, ah... imagina... na tua mente, vê aquilo e tira o prazer máximo que puderes daquilo, enquanto 'tás a ver aquilo. Mas depois no mundo real, aprende a separar. Uma coisa é os vídeos, ou as imagens, outra coisa é o que tu vais fazer. Não cries expectativas. Porque as expectativas é uma coisa que acontece no momento. Ah, se não tens confiança, não te preocupes, porque, se as duas pessoas têm uma química entre si, uma confiança, uma lealdade, das duas pessoas, ah... então a situação *em princípio* vai correr bem... a menos que haja algum outro problema.

D – E tu sentiste alguma diferença sobre a maneira como tu próprio vias esses vídeos depois de iniciares a tua vida sexual?

M – Ah... eu sempre aprendi a separar e ao... eu acho que fiz bem em separar, porque é completamente diferente. Ah... foi o conforto... e até me lembro, ah... em particular, a facilidade em como ah... a inserção era feita, nos vídeos, na realidade eu achei muito mais difícil. Lá está, falsas expectativas, que os vídeos criaram.

D – Exacto... Ah... se de hoje para amanhã, assim por magia, toda a pornografia desaparecesse da internet, achas que isso era mau?

M – Eu acho que muitas pessoas iam ficar desesperadas! Ah...

D – Desesperadas porquê?

M – Porque eu... conheço pessoas que dizem que, se não fosse a pornografia, não sabiam como... ter o seu prazer... não... porque... À medida que a pornografia foi começando e foi-se tornando cada vez mais popular na internet, ah... as pessoas começaram a deixar de imaginar a situação na sua cabeça. Embora existam revistas, como a Playboy, ou a Maxmen, ah... um vídeo, ter som, ter imagem, ter noção de movimento, é... é completamente diferente. E há pessoas que já ‘tão habituadas a esse tipo de... de vídeos, e só assim conseguem ter... ah, o prazer que desejam. É o maior negócio da internet, portanto... eu espero que esse dinheiro fosse aproveitado noutros sítios!, ah, mas... Mesmo que não fosse a internet, a pornografia, ou a prostituição, ou seja lá aquilo que for, eu... acho que é um negócio ou o emprego mais velho da humanidade. Da, da primeira vez que há um homem e uma mulher na Terra, existe pornografia. Quer nós queiramos, quer não. Vai sempre haver aquele desejo físico, de... ter sexo, mas sem qualquer compromisso.

D – E a ti, isso afectava-te, se isso desaparecesse amanhã?

M – Nem por isso... É assim, eu vejo por prazer, mas se isso desaparecesse não ficava muito preocupado. Porque... tenho outras alternativas. E, e mesmo que não tivesse as... ou... outras alternativas... imaginava... ou então... esperava pela pessoa, eu não digo pessoa certa, porque eu acho que é muito difícil encontrar uma pessoa certa no mundo inteiro, embora sejamos muito mais de seis milhões... bilhões [sic] de pessoas, mas... é como... criar uma ligação emocional com uma pessoa, começar a gostar, conhecer, conhecê-la, no meu caso, que sou heterossexual... e depois chegar a esse ponto!

D – Se alguém se chegasse ao pé de ti e te dissesse que tinha ficado incomodado por ver um vídeo, ou um filme, ou não sei quê, e te pedisse ajuda, o que é que tu dizias?

M – Se me pedisse ajuda?

D – Sim.

M – Ah... eu perguntava-lhe que tipo de ajuda é que quer. Quer que eu o ajude a bloquear esse site, quer que... ah, eu esclareça algumas coisas? Eu ficava um bocado confuso sobre que tipo de ajuda é que eu poderia oferecer.

D – E se a pessoa fizesse exactamente o oposto e te pedisse ajuda para procurar esse tipo de material na internet?

M – Eu podia fazer umas sugestões dos próprios sites que utilizo, que sei que são seguros, ah... tendo isto, dizia à pessoa que use estes, se preferir pode ir sempre, ah, ah, ir ver mais, porque o Google tem... funções de pesquisa por palavra-chave, e se meter lá o que pretende aparecem lá pelo menos 50 mil resultados num instante, em menos de 0.2 segundos, ah, e é uma questão de procurar. Agora, depois é preciso ter cuidado com os sites que procura, porque há certos sites que são mesmo, já seguros, como por exemplo ah, o... YouPorn, ou o RedTube, que... até soube de amigos meus, na altura, e ainda uso, ainda uso hoje, e sei que são sites seguros, no que toca à visualização desse material, mas há outros que é muito pela publicidade, é muito pelos vírus, é muito por esse tipo de contactos... e... eu digo à pessoa “Antes de ver isso, certifique-se que a *firewall* ‘tá activada, que tem o anti-vírus actualizado e actual para todas as ameaças da internet neste momento, e que se actualize constantemente, mesmo que tenha que pagar, é um daqueles investimentos que eu acho que vale a pena pagar, por um software”, ah... tirando isso... “Tem cuidado com os sites, porque... ah... pode haver uma situação em que um computador pode ficar completamente cheio de vírus e deixar de funcionar!”

D – Claro. O último tema, digamos assim, é a questão do... não sei se conheces este termo, o *sexting*, o envio e recepção de mensagens...

M – ...ah, sim, eu lembro-me de fazer isso!

D – ...ah, pronto, através do telemóvel, ou das redes sociais, através de email...

M – ...sim...

D – ...Ah, conheces alguma situação que se tenha passado, não necessariamente contigo, mas com amigos, ou pessoas que tu conheces.

M – Com amigos não sei... É assim... aquela minha amiga Canadiana, que eu disse, ela fez isso comigo uma vez. Porque ela disse que era uma forma de se divertirem, de imaginarem uma situação porque... eu nunca a conheci em pessoa, mas eu já a vi, pela

câmara, já falámos, porque também sou fluente em inglês, e... ela disse “Porque não experimentar?”, e eu “Okay, vamos fazer isso”; começámos como estranhos, como se não nos conhecêssemos, e começámos do início. Uma situação levou à outra, e criámos uma história. Nunca foi... muito longe, para aquela zona que eu chamo *hardcore*, mas... foi divertido... ah...

D – Foi por webcam ou foi por fotografias?

M – Não, não foi por webcam, foi só por... imagens. Ou melhor, não, não é bem imagens, foi só por texto. Não enviámos qualquer imagem, não enviámos qualquer fotografia, nada. Porque... eu até acho que enviar imagens pessoais, ou textos, para a internet, é um perigo. Podes ser reconhecido, podes ser identificado... Não só pelos teus amigos, mas também imagina que vais candidatar-te a um emprego, e de repente aparece lá na internet uma imagem dessas! A impressão é logo errada...

D – E tu já recebeste ou enviaste alguma mensagem de imagem mesmo, por telemóvel, por exemplo?

M – Ah... Sobre este tipo de coisas?

D – Sim.

M – Não! Nunca. Ah... eu lembro-me de se calhar ver, naqueles... no ChatRoulette, mas eu só vi a outra pessoa, eu ‘tive sempre vestido...

D – Claro... A mim, por exemplo, já me contaram noutras entrevistas situações em que... imagina, uma rapariga mandava uma, uma imagem dela nua, ao namorado, mas eles depois acabavam a relação e o namorado espalhava a imagem por outras pessoas...

M – ...ah, *blackmail*, okay...

D – Alguma vez aconteceu uma situação dessas perto de ti, na tua escola ou com amigos teus?

M – Na escola lembro-me, sim. Ah, ‘tava no... no 9º ano, e houve um episódio, na minha turma, em que foi no... uns amigos que saíram para a noite, ah... daquelas noites de amigos, pronto, saíram, porque já eram pessoas que já tinham uma certa idade...

D – ...quantos anos, lembras-te?

M – Ah, tinham p'r'aí já... eram mais velhos do que eu porque já 'tavam a repetir, já tinham p'r'aí 17 ou 18 anos, 'tavam... é aquelas pessoas repetentes, 'tavam no 9º ano ainda. Eu lembro-me de ouvir uma conversa, em plena aula, e no corre... e no recreio, depois, de uma rapariga que... esqueci-me do nome... mas eu lembro-me que é uma rapariga, que ficou toda chateada, porque tinha enviado uma imagem dela, ah... numa sit... numa posição um bocado desconfortável, em que ela 'tava nua, não é?, e enviou ao seu namorado, e depois, umas semanas mais tarde, ah, o namorado acabou com ela, por uma razão que eu desconheço, e depois ela disse p'ra imediatamente eliminar, e ele 'tava a recusar-se e eles 'tavam ali a ter aquela conversa no recreio. Ah, eu não me meti muito nisso, para ser honesto, porque... não me diz respeito! Pá, e eu 'tou a ver como é que esse tipo de coisas pode ser utilizada para avan... para chantagear outras pessoas. É por isso que também, é uma das razões que eu não gosto de fazer isso. Porque não gosto que as pessoas fiquem com material ah, comigo, não só... porque eu tenho medo de ser reconhecido online, porque gosto muito do anonimato na internet, é das coisas que eu mais gosto, ah... mas também porque eu não gosto de dar às pessoas material que pode ser usado contra mim.

D – Hmm hmm. E tu sabes como é que essa situação terminou?

M – Eu não faço a menor ideia, ah... entretanto... acho que eles acabaram de vez, pronto... acho que eles resolveram essa situação, ou parecido, não sei como é que foi, porque na semana a seguir ela já veio como se nada fosse, portanto... em princípio, deve ter ficado bem resolvido.

D – Okay... E achas que há alguma maneira mais segura de fazer isso, de enviar imagens entre telemóveis ou... pela internet?

M – Não há. Porque vai sempre depender da pessoa que recebe. Ah, se não há confiança absoluta – o que nunca há – na outra pessoa, então eu digo p'a nunca enviarem nada. A única coisa que mostram é presencialmente, numa situação de privacidade entre as duas pessoas. Ah... espero eu no acto sexual, senão talvez numa situação mais... pontual de... privacidade, e de intimidade com as pessoas, que pode não levar ao acto sexual mas... que 'tá aí perto disso, talvez carinhos e tudo isso, carícias... ah... e recusar sempre qualquer tipo de fotografias porque... lá está, não vale a pena. Se uma pessoa se quer lembrar do aspecto físico da outra pessoa, que se lembre aqui. Pronto...

D – E alguma vez soubeste alguma situação em que alguém tinha recebido uma imagem de outra pessoa, sem a ter pedido?

M – Não, não me ‘tou a lembrar disso... para além desta situação que mencionei, deste episódio que se passou com uma colega de turma, não... não me ‘tou a lembrar de mais nada.

D – Mais nada, okay... Ah, pronto, basicamente era isto. Queria só saber se gostaste da tua participação no estudo.

M – Eu gostei! Só espero poder ter contribuído alguma coisa p’a sua tese... p’a *tua* tese.

D – Isso contribui sempre! O que é que te levou a queres participar nisto?

M – Bom, primeiro vi o tema da... ah... do questionário online e pensei, “Okay, já que tenho tempo vou fazer isto! Tenho tempo, também não tenho qualquer tipo de vergonha nesta situação”, ah... e vi lá a caixa que se por acaso tinha disponibilidade no futuro para fazer esta entrevista. E eu disse “okay, sim, se puder ajudar a pessoa que ‘tiver a fazer isto, eu combino, marco uma hora, marco um dia... e depois logo se vê”. E pronto, depois... ligaste-me, e cá estamos. E acho que valeu a pena porque... não é todos os dias que se fala sobre este tipo de coisas, e... e pronto.

D – Achas que os jovens deviam ter mais espaço para falar sobre este tipo de temas?

M – Provavelmente, só que em grupos de amigos isto é uma situação... isto é um assunto que, ah, muito raramente vai levar a uma conversa séria, a menos que realmente sejamos levados a falar seriamente sobre este assunto. Pode ter sido um episódio que aconteceu com um amigo, ou com uma amiga, e que nós somos quase, ah... levados a reflectir sobre a situação, e que impacto isso teria nas nossas vidas, ah... agora, um espaço... de repente, falar com, ah, colegas ou amigos sobre outro tipo de situação... é, é preciso ter uma razão, é preciso ter o, o porquê que levou a isto. Porque... embora não seja tabu p’ra mim, eu consigo perceber porque é que seja para outras pessoas. Porque não podem ‘tar à vontade, porque podem ter as suas razões para evitar este tipo de conversa, porque já tiveram experiências que... tiveram medo, porque... eu até sei de... ah, pessoas que falam pela, pela internet que já... que tiveram... experiências muito más, sobretudo quando eram mais jovens... perderam a virgindade muito cedo e isso levou-as a ficarem com medo da situação e com muito medo do sexo oposto... e eu

consigo perceber porque é que isso acontece. Agora, espaço para os jovens falarem da sua sexualidade, sobre... ah... este tipo de coisas, doenças, de... episódios e isso tudo, deveria haver, mas lá está... isto tem a ver com o bem-estar das pessoas, ah... em grupo de amigos, em grupo de jovens, em grupo de adultos responsáveis...

D – E achas que os adultos responsáveis que estão à volta dos jovens, ou seja... os pais, os professores, os educadores... achas que eles têm feito um bom papel a preparar os jovens de hoje em dia para isso, na tua opinião?

M – Hmm... Bom... eu tenho dúvidas sobre isso, porque, com tudo, em... na escola, lembro-me de falar sobre isto, com os professores, em aquelas aulas de orientação [sic] sexual, com... com os Directores de Turma, os Directores de Turma na altura, ah... e lembro-me de praticamente ninguém levantar qualquer questão. O que ‘távamos lá só a ver era... levávamos aquilo mais como uma seca, que temos que ‘tar a ouvir o professor a falar sobre isto, e tal e coiso; depois havia aquelas pessoas que gozavam com a situação, ah... eu acho que os pais podem ajudar, sobretudo se os filhos ‘tiverem dúvidas. Ah, porque há sempre aquela conversa de, o... conversa de pai para filho, ou de filha para mãe, ou de mãe para filha, peço desculpa, ah... E mesmo isso, acho que isso não ajuda muito. Se as pessoas querem informar, sobre este tipo de situação, sobre este tipo de aspecto... que nos torna... mamíferos, não é?, seres que se reproduzem sexualmente, ah... eu digo que essas pessoas de se, ter iniciativa própria, têm de se... ah... ir educar sobre essa situação. É o que aconteceu comigo. Os meus pais ajudaram-me, ah, não muito, e eu acho que a internet teve um papel quase fundamental nesse tipo de coisas. Também comecei a ler muito artigos sobre esse tipo de coisas, livros, livros ajudaram imenso, ah... Mas tem mais a ver com maturidade. Uma vez que a maturidade é atingida, essa situação vai com muito mais facilidade.

D – Okay!

ANEXO 50

Entrevista 011 – 16/07/14

Respondente: Donald, 20 anos, género masculino; estudante em Aveiro

Local: Café em Ovar

Daniel – Então, ah, pronto, o estudo tem que ver com o uso da internet e das novas tecnologias, e portanto as perguntas vão-se focar fundamentalmente sobre a maneira como tu usas as novas tecnologias, ah e portanto a minha primeira pergunta vai ser obviamente se por acaso costumavas utilizar a internet com regularidade ou não.

Donald – Costumo usar a internet com regularidade.

D – Pronto, ah, tens computador em casa?

Do – Ah, sim, mais do que um.

D – Mais do que um? Okay. Tens o quê, tens um *desktop*, portátil, o que é que tens?

Do – Ah... Tenho dois portáteis.

D – Tens dois portáteis. E costumavas utilizar os portáteis numa zona assim mais pública da casa, ou ‘tás no teu quarto ou assim?

Do – É conforme... a altura, conforme... o que eu quero ver, usar... Por exemplo, no meu quarto, quando quero ver uma série, posso estar no meu quarto, tanto posso estar na cozinha, eu... eu raramente estou na sala, quando estou com o portátil, pelo menos quando estou em minha casa. Em casa dos meus pais, sou capaz de utilizar no quarto, ou na, na cozinha ou na sala... porque, há zonas que apanha melhor, também, não é?, a internet, outras que não...

D – E o que é que tu gostas mais de fazer na internet?

Do – Eu acho que perco muito tempo a... no YouTube, no... redes sociais, Facebook, maioritariamente. Depois as outras coisas é... é verificar o email, ah... não sei, ah... fazer downloads, ouvir música...

D – Para além do Facebook, ‘tás em mais alguma rede social?

Do – ‘Tou no Twitter, também.

D – No Twitter... Okay. E o que é que mais te chateia, ou mais te irrita, na internet?

Do – Eu acho que é sobretudo a negatividade com que algumas pessoas vêem sempre alguma coisa, ah... eu não costumo deixar que ninguém entre no meu Facebook, ou deixo... aquilo está restringido a amigos, o público não consegue ver, mas depois há aqueles grupos que criam... e que nos integram. E que por vezes há uma... uma negatividade extrema que me faz perguntar se aquela, se aquelas pessoas que estão por trás daquele monitor, diriam isso cara-a-cara a outra pessoa.

D – Hmm hmm... E diz-me uma coisa, ah... ainda te lembras como é que descobriste acerca deste estudo?

Do – Foi na Rede Ex Aequo.

D – Foi na Rede Ex Aequo. E na altura lembras-te do que é que pensaste, ou lembras-te do que é que te levou a participar no questionário?

Do – Eu vou-te ser sincero, eu sou... eu participo em vários questionários, daí não me lembrar quando abordaste-me inicialmente. Ah... porque... o que eu quero é tentar ajudar a, as pessoas que, que pedem, porque no fundo é chato uma pessoa ‘tar a... ‘tar à procura de alguém para responder e... mesmo sem saber se vai ter alguém para responder, ou para entrar naquele... em pequenos requisitos que cada estudo pede.

D – E tu no telemóvel também costumavas utilizar muito a net?

Do – Sim.

D – Tens pacote de dados, ou é só o *wireless*?

Do – Não, pacote de dados.

D – Okay. A primeira parte do meu estudo tem que ver com uma coisa que muita gente faz, que é utilizar a internet para procurar informação sobre sexualidade, sobre saúde sexual, sobre doenças sexuais, sobre as transformações do corpo ao longo da adolescência, etc... E portanto a primeira coisa que eu te queria perguntar era se tu

conheces alguém que utilize a internet para procurar informação sobre qualquer um destes assuntos.

Do – Sim, sim. O meu grupo de amigos mais próximo, o... tanto procuramos como partilhamos informação entre nós. Ba... ba... basta um procurar, que depois acabamos por falar nisso, quando houver espaço para isso.

D – E é uma coisa comum, que vocês costumam fazer, essa dinâmica de procurar e depois partilhar informação?

Do – Não é... não, não diria dinâmica, é uma coisa que surge, há um... falamos de um dado tema... ah... não sei... podemos ‘tar a falar de um actor que... que... que actual... que recentemente saiu do armário, ah... podemos falar que num filme esse actor fez ou encarnou uma personagem que tinha uma doença sexualmente transmissível... e a partir daí as coisas vão surgindo.

D – E tu lembras-te mais ou menos com que idade é que começaste a... a ter esse tipo de conversas?

Do – ...Acho que foi depois da minha... de iniciar a minha vida sexual. Assim... Dezassete, dezoito anos.

D – E tu próprio, quando é que começaste a procurar informação, se é que começaste?

Do – É assim, há informação que... que vem ter connosco. E há outra informação que nós temos que procurar.

D – Hmm hmm...

Do – Ah... uma informação que eu lembro-me de ter procurado mesmo há pouco tempo foi sobre... doenças sexualmente transmissíveis. Porque... eu tive uma relação desprotegida, e queria saber como é que poderia, ah... no fundo, ser testado para essas doenças sexualmente transmissíveis, sem ser... sem sair do meu anonimato.

D – Exacto...

Do – Pronto, então ah... eu pensava que cá, em Portugal, como nos Estados Unidos, havia aquela... a *free clinic*, e que nos deslocávamos lá, fazíamos os testes, e por email ou por mensagem nos davam os resultados. Acontece que cá em Portugal é diferente. E

eu não... não fazia ideia disso. Sabia que o médico de família podia passar para HIV, hepatites, pronto... mas não sabia que podiam passar também para... DSTs. Ao procurar nessa, essa informação, na... na saude.sapo.pt, estava lá um... uma carta, de um, de um casal, que queria retirar o preservativo, e queriam saber como é que estavam a nível de DSTs; pronto, foi aí que eu encontrei essa to... essa... a resposta p'ra minha... p'ra minha dúvida.

D – Hmm hmm. E quando eras mais novo, também já procuravas informação sobre sexualidade, ou sobre alguns destes temas?

Do – Ah... podemos dizer que procurei informação. Porque [riso]... ah... como é que eu posso dizer? Ah... eu tive... uma ou outra aula de educação sexual. Mas nunca foi uma aula de educação sexual, ah... abrangente, digamos assim. Falávamos apenas de assuntos heteronormativos. E... eu como *gay*, queria saber, pronto!, queria saber mais, como é que... como é que as coisas se passavam, e pronto, e acabei por entrar num site pornográfico para ver como é que as coisas se passavam a nível sexual entre dois rapazes.

D – Sim. Lembras-te mais ou menos quantos anos tinhas quando fizeste isso pela primeira vez?

Do – Dezasseis, dezassete anos...

D – E as aulas de educação sexual de que me estavas a falar, ah, como é que, como é que elas eram?

Do – Eu acho que não eram... falávamos muito do preservativo, e... tanto como método de... de prevenção de... de... como é que eu posso dizer? Método contraceptivo. E prevenção para doenças sexualmente transmissíveis. Nunca falámos das doenças sexualmente transmissíveis, falámos nisso em Ciências... e a... e pronto, depois a... que tipos de preservativos existiam, porque havia lá uma... uma colega minha que era alérgica ao latex, e como é que as coisas se processavam a esse nível, e pouco mais, e tivemos uma aula em que conseguimos colocar um... um preservativo numa... num dildo ou uma coisa assim.

D – Hmm hmm, okay. Mas então foram poucas vezes?

Do – Sim, sim, sim.

D – E foi alguém chamado de fora da escola falar, ou foi só mesmo as aulas de Ciências?

Do – Foi a Directora de Turma, na altura.

D – E tu estavas a dizer que sentiste que a informação passada era muito heteronormativa, não é?

Do – E pouca...

D – E pouca. Ah, do que é que sentiste falta, mais, para além daquilo que já disseste? De que outras coisas é que também sentiste falta?

Do – Acho que no fundo a Educação Sexual não deve ser simplesmente focada no acto, porque há, há... há outras situações que não... como é que eu posso explicar? Que não... não se resumem apenas ao acto! Por exemplo, eu também não sabia que o sexo oral, ou seja um sexo sem penetração, tanto a nível, ah, homossexual como heterossexual, ah, se podia também apanhar... ah... pronto, DSTs. E... não, não que me tenha surpreendido, mas que eu não tinha, eu não tinha a certeza. No fundo, podia ‘tar-me a colocar em risco a mim e a outras pessoas, sem ah... sem saber acerca disso.

D – E lembras-te de qual é que foi a reacção dos teus colegas, na altura?

Do – Foi... risos, quando, quando a professora apareceu lá com o dildo e uma caixa de preservativos, ah... no fundo foi isso, um bocado constrangimento.

D – Porque é que achas que houve esse riso e esse constrangimento?

Do – Porque... ah... no, no fundo não é, não é um assunto fácil de falar, nos dias de hoje. Se, para os heterossexuais, não é fácil falar sobre isso, eu imagino como é que será difícil para o pessoal homossexual falar sobre isso.

D – Hmm hmm. E tu sentiste que era particularmente mais difícil para ti do que para os teus colegas heterossexuais?

Do – É assim, eu... os meus colegas não sabiam, na altura...

D – ...Sim...

Do – E eu na altura ‘tava... ‘tava confuso, não sabia bem ah... o que queria, o que era... estava a descobrir-me, portanto... eu seguia pela... digamos, pela norma.

D – Sim. E esse, esse seguir pela norma de alguma forma sentes que te afectou, que te prejudicou?

Do – Não sei, acho que não, porque eu no fundo, ah, assim que eu descobri que era homossexual, eu... pronto, não é que me tenha definido acerca de a minha cara homossexual, o meu quarto homossexual, o meu telemóvel homossexual, não. Isso definiu-me uma pequena parte de mim. Porque tudo o resto, os meus objectivos na altura continuaram iguais, era terminar o... o básico, entrar no secundário e seguir os estudos para o ensino superior. Claro que procuro... afecto, e estar com alguém mas não com uma mulher, mas acho que no fundo passa-se tudo igual, do qu’ó que estava. Digamos qu’a norma simplesmente mudou.

D – Okay. E tu neste momento estás a estudar?

Do – Sim.

D – Estás a estudar em que área?

Do – Engenharia.

D – Ah, estudas aonde? [Na zona centro do país]¹?

Do – Sim.

D – Okay. Mas viveste a tua vida toda, ou cresceste onde?

Do – Ora bem, eu estudei [no Norte]², ah, fiz o bá, ah, o secundário, no Porto, e ah... aí é que entrei [na universidade]³. Portanto... estou assim um bocado dividido pelas... pelas zonas de Portugal!

D – Okay, e tu neste momento vives sozinho, vives...?

Do – Sim.

¹ Informação elidida a pedido do entrevistado, por motivos de confidencialidade.

² Idem.

³ Idem.

D – Okay. Ah, diz-me uma coisa, se fosses tu a organizar uma aula de educação sexual, imagina, numa escola secundária, ah, como é que tu fazias? Que temas é que tu abordavas, quem é que convidavas para falar...?

Do – Ora bem, eu se... sendo homossexual, e conhe... ah, conhecendo a Rede Ex Aequo, minimamente bem, acho que convidaria o Projecto Educação⁴ não só também para falar sobre a... homossexualidade, mas também para... como é que posso dizer?... ah... destigmatizar [sic] ah... a situação. Porque pronto, há assuntos que são comuns a, a ambas as sexualidades, a ambas... há assuntos que são específicas de cada uma... e, e no fundo, e... esse projecto de educação, ajudaria a mim, juntamente com outra pessoa, ‘pro exemplo um psicólogo ou uma professora, pronto!, para dar assim algo mais abrangente. Não tão específico da heterossexualidade, mas também algo abrangente às duas! Porque se, se fosse só uma aula, aí só poderia... se só tivesse a hipótese de realizar, aí, tudo bem, tinha que... falar o maior [sic] possível daquilo que eu acho importante, nessa aula. Agora se fosse um conjunto de aulas, eu acho que dividiria uma aula para a heterossexualidade, outra p’r’á homossexualidade, outra para... os transgéneros, que são facilmente esquecidos... porque, quando, quando estamos na puberdade, muitas coisas acontecem, ah... por vezes sentimo-nos, ah... no corpo errado, por vezes sentimo-nos bem como somos e... pronto, aí sim, dividiria vá, vários temas por várias aulas.

D – Okay. E em termos da comunicação sobre este tipo de assuntos com a família? Como é que é no teu caso? Quando eras mais pequeno, por exemplo, os teus pais alguma vez te falaram sobre educação sexual, ou sobre sexualidade?

Do – Ah... os meus pais não. O meu avô... e mais o meu avô que a minha avó, falou que p’a ter cuidado, p’a... porque agora era facilmente... contrair doenças via sexual, e que... nun... sair de casa para estar para com uma rapariga sem – não sabia também, o meu avô – p’a nunca estar com uma rapariga sem ter um preservativo comigo, não p’a... que quisesse dizer que eu ia usar, mas para prevenção do que pudesse acontecer.

D – E no teu grupo de amigos, ou com os teus colegas, sentes que eles têm mais à vontade para falar com os pais deles, ou já tiveram, ou achas que é mais ou menos a mesma coisa?

⁴ Projecto desenvolvido pela Rede Ex Aequo que consiste em formar jovens formadores para irem a escolas falar sobre assuntos LGBT.

Do – Depende. Há... há aqueles que são completamente assumidos, há aqueles que... são... assumidos a pequenas pessoas da, da família, e aqueles que não são... ah, a nenhuma parte da família, e apenas só entre o grupo é que sabem, é que o grupo sabe que são LGBT.

D – Hmm hmm. Mas e mesmo aqueles cujos pais não sabem, ou cuja família não sabe, ah, sabes de algum caso em que os pais, mesmo achando que os filhos ou as filhas eram heterossexuais, que tenham falado com eles sobre educação sexual?

Do – Não... não tenho a certeza. Não tenho a certeza.

D – Achas que é mais complicado para uma pessoa heterossexual, para uma pessoa *homossexual*, desculpa!, falar com os pais acerca de sexualidade?

Do – É assim, no meu caso eu sinto que há muita... é um ambiente muito fechado, p'a falar sobre isso. Embora se vá falando, de vez em quando, e se mencione o assunto, não é uma coisa que se fale todos os dias, não é coisa, uma coisa que... que perguntem e... pronto, quando, quando foi na altura p'a pedir a... porque eu quis saber como é que 'tava, não é?, no fundo... porque tive algumas relações, ah... ocasionais, não é?, e eu pedi ao médico de família para... p'a saber se realmente se tinha, tinha alguma... algum... HIV, ou alguma hepatite... por curiosidade veio tudo negativo! [riso] Mas não tive à-vontade suficiente para... falar com o médico de família e com a minha mãe na mesma sala, tive que pedir à minha mãe para sair, ah, expus o caso ao médico, nã... sem lhe dizer que era homossexual, porque o meu médico também é assim um bocado... ah, como é que eu posso dizer?, desbocado!... E eu pronto, ah... “aconteceu isto, com esta rapariga, foi um... um caso de relação desprotegida e queria saber como é que estava”. Ele... passou-me as análises discretamente e ah... depois, ah... ‘tive com ele ainda na segunda-feira passada, e falámos sobre isso, e ‘tava tudo bem, mas pronto, aí mencionou mais o preservativo, ah... p'a ter cuidado porque hoje em dia é muito mais fácil essas coisas, e que também é fácil uma pessoa, caso tenha algum tipo de doença, ser tratada... já não se morre de SIDA, já não se morre de sífilis... portanto... mas isto para dizer que não tenho muito à-vontade para... falar com os meus pais, sobre esse tipo de coisas.

D – E tu, que já tens alguma experiência então em procurar informação na internet, achas que é fácil encontrar a informação que se procura?

Do – Eu acho que não... Ah, a nível português de Portugal, é complicado, porque... procurando alguma coisa... ah... eu procurei, penso... doenças sexualmente transmissíveis ah... prevenção, ou uma coisa assim... quando entrei na saude.sapo.pt, mas o que eu encontrei primeiramente, nos primeiros resultados, era sites brasileiros. Apesar de... de saber que no Brasil as coisas também não estão assim muito... favoráveis para LGBTs, há mais informação disponível a nível brasileira [sic] na internet do que cá em Portugal.

D – Sim... E achas que faz diferença, a informação ‘tar disponível em português do Brasil e em português de Portugal?

Do – É assim, a nível semântico, não há. Mas a nível de especificações, há... há diferenças.

D – Mas achas que para a pessoa que vai à procura, isso dificulta conseguir perceber a informação, é isso?

Do – Não, não sei se dificulta, mas confunde. Tal como eu estava confuso acerca da... da *free clinic*, cá em Portugal, ah... talvez confunda p’ó... p’a... p’a pessoal português de Portugal, ou para... outro tipo de... para uma pessoa brasileira cá em Portugal, que não saiba como é que as coisas funcionam a nível de saúde.

D – Claro, claro... E... e em relação a informação falsa, achas que é fácil uma pessoa deparar-se com informação falsa na internet? Ou incorrecta, digamos assim.

Do – Eu acho que sim... Ah... a nível da Wikipédia, do que... a Wikipédia portuguesa contém algumas gaffes, não digo que, que seja tudo incorrecto, mas contém algumas gaffes que... a informação, no seu todo, acaba por estar incorrecta, com essas gaffes. Depois há também aqueles sites de perguntas e respostas, que como... o Yahoo!... answers.yahoo.com uma coisa, assim, não é, ou .br, que acabam por... uma pessoa faz assim uma pergunta... digamos de carácter ridículo, que acaba por obter uma resposta que é estranha, e uma pessoa de fora, quem está a ver, não consegue perceber se aquilo é verdadeiro, se ‘tá realmente a acontecer, ou não.

D – E no teu caso, como é que tu consegues distinguir entre informação fidedigna e informação incorrecta?

Do – É assim, eu consigo confiar no Sapo, porque conheço a rede Sapo, digamos assim, e é... já usei o email da Sapo, já usei o... motor de busca do Sapo, ah... noticias.sapo... [riso] cinemas.sapo, pronto, algum, algumas... que realmente consegui confiar, porque... pronto, o Sapo é... é português, ‘tão constantemente a actualizar-se, não é?, e aí consigo confiar. Agora... nunca restrinjo-me [sic] sempre a um site, a procura. Procuro vários, quando a informação começa a ser... semelhante, quando começa a ser constante, aí sim, pronto, aquele site estava correcto, consigo... digamos, que, quando estou a falar com alguém... na que... aquele, aquele site é... é de confiança, podes procurar lá as coisas que se estão a passar.

D – Então tu quando queres fazer essa comparação, para além do Sapo, do Saúde Sapo, vais a quantos sites?

Do – O, a... a pri... a primeira coisa que eu faço é, vou ao Google, e aí coloco lá os meus termos de pesquisa...

D – Sim...

Do – A seguir, vou abrindo separadores, e ver quais são os que mantêm a... a mesma informação... quando dois sites diferentes mantêm a mesma informação, confio. Agora, quando tenho... a mesma... informações diferentes, por exemplo, A e B, e C e D, também, que são diferentes, informações diferentes, mas que se repetem, vou continuar a procurar, não é? E daí que... e se não conseguir esclarecer as minhas dúvidas, esclareço com... outra pessoa! Por exemplo, os meus amigos, que percebem... percebem, pronto, ah... alguns são mais velhos, e... e no fundo pergunto, pergunto-lhes “olha, passa-se esta situação, o que é que achas que devo fazer?” Isto tanto a nível de saúde como a nível de rapazes [riso], como... tudo, todo o tipo de coisas que se passa no dia-a-dia, porque... troca, vamos sempre trocando informações e a procura... por nos enriquecer em conjunto.

D – Portanto, os teus amigos, para ti, são uma espécie de fundo central de informação?...

Do – Sim, sim, sim...

D – E para além dos teus amigos, recorres a mais alguém, quando tens alguma dúvida?

Do – Ah, tenho a minha irmã, que sabe sobre mim, ah... que trabalha no ramo de saúde, quando tenho assim alguma dúvida mais de saúde, também é mais velha, ah... o meu irmão, mas nem tanto o meu irmão... porque ele também não sabe, mas... outro tipo de perguntas que não de saúde, por vezes os meus pais, tios, primos... vou tentando... alargar o meu, digamos, o meu ah... campo de pesquisa.

D – Okay. Uma outra coisa que eu queria abordar, e tu de certa forma já falaste, é a questão de participar em grupos e fóruns de discussão sobre questões de discriminação sexual, discriminação de género, direitos LGBT, etc. e tu há bocado falaste da Rede Ex Aequo.

Do – ...sim...

D – Ah, tu fazes parte da... do fórum da Rede Ex Aequo?

Do – Sim, sim.

D – Lembras-te quando é que... quando é que entraste?

Do – Lembro-me.

D – Quando é que foi?

Do – Foi em Setembro de 2012. Eu estava com dúvidas, sobre... ah... a participação numa reunião da Rede Ex Aequo, dos grupos... do grupo local, do Porto, e a... contactei na altura uma... um coordenador, e que me esclareceu as dúvidas, a que horas é que eu podia estar lá, como sendo, sendo um novo membro, quando... em que dias é que se passava a reunião, quantas por, por mês, e pronto... e a... arrisquei, fui, pronto, estou... depois do contacto com, com o coordenador.

D – Como é que descobriste acerca da Rede Ex Aequo?

Do – Foi através da... primeiramente, de um blog, de... de um rapaz que falava sobre o acampamento de Verão, e ah... lembro-me na altura de ter pesquisado, mas não... não solicitou assim muito interesse. Mas, mais tarde, ah... conheci outro rapaz que... ah, não pessoalmente, mas via internet, e ah... pronto, ele convenceu-me a, a ir a um jantar... na altura, no grupo... [...] ⁵ ... ah, ele era meu vizinho, na... na terra ao lado dos meus pais [riso], e pronto... fui, ah... um bocado a medo, ah... o coordenador, o

⁵ Informação elidida a pedido do entrevistado, por questões de confidencialidade.

outro coordenador, também era de lá, fomos os dois juntos no comboio até, até [ao sítio da reunião]⁶, e ah... pronto, correu bem. Eu desde então que depois tive curiosidade de ir a uma reunião, e ah... mas queria que um deles fosse comigo. Na altura nenhum deles podia, um estava a fazer uma tese, outro estava a... ‘tava a entrar no, no último ano da licenciatura, e ‘tava assim um bocado atrapalhado, e eu pumba!, acabei por ir sozinho; correu tudo bem, foi engraçado, eu gostei, nunca esperava ver mais de trinta pessoas numa sala, sendo LGBTs, fiquei assim um bocado... surpreendido!, porque... quando estamos a passar por estas fases pensamos que é só connosco, mas nunca é só connosco! E a... pronto, correu muito bem, foi lá que eu fiz a... alguns amigos, depois... ah... como as... as reuniões só se passavam, só tinham duas reuniões por, por mês, e ah... tinha sempre uma semana de intervalo, começámos a combinar: “E se fôssemos combinar um café, para estarmos todos juntos?” Acabámos por combinar um café, ah... alguns iam... fomos saindo, amigo traz outro amigo e tal, foi assim que eu fui conhecendo agora o que é o meu grupo de amigos... em quem eu confio mais.

D – Hmm, ‘tou a ver. E para além das reuniões e da participação nas reuniões, também costumavas ser activo no fórum, propriamente dito?

Do – Agora nem tanto, por causa da escassez de tempo. Mas sempre que tenho oportunidade de ver um vídeo no YouTube relacionado com o tema, ou uma notícia, tento partilhar lá... tento arranjar assim um bocadinho de tempo, e meto lá. Se não consigo, ah... acabo por partilhar nos grupos em que estou inserido, também LGBT, e alguém fará isso por mim.

D – Nos grupos, no Facebook?

Do – Exactamente.

D – ‘Tás em vários grupos, no Facebook?

Do – Ah... pelo menos 4.

D – Ah, consegues-me dizer os nomes?

Do – Ah, um, tem a ver com... um grupo não-oficial da Rede Ex Aequo, chama-se “M...”⁷, outro é o grupo, o meu grupo de amigos, tenho o grupo da ILGA, e tenho um

⁶ Idem.

⁷ Informação elidida a pedido do entrevistado, por questões de confidencialidade.

grupo de Lisboa, que é do grupo de [*imperceptível*], que foi, como conheci algumas pessoas da, desse grupo, de [*imperceptível*] que estavam... que foram ao acampamento da Rede Ex Aequo em... em 2012. E pronto, acabei por... ratata, que eles adicionaram-me... por vezes vou partilhando lá, agora nem tanto... mas vou partilhando.

D – Hmm, okay... Ah, e quando eras mais activo no, no Fórum da Rede Ex Aequo, que tipo de temas é que costumavas discutir lá?

Do – Ora, discutia séries, discutia tudo o que estava a ouvir ou a fazer no momento, o que é que andava a ler... Ah... no, no grupo local do Porto, ah, ver que tipo de actividades é que o grupo do Porto, ou [outro grupo]⁸, ah, organizavam, porque acabei por manter contacto com esses coordenadores... nem tanto o de [outro sítio]⁹, apesar de já ter ido a uma ou outra reunião, na, na altura, ah... E não me estou assim a lembrar de mais nenhum. Ah, falávamos também do *gaydar*¹⁰, e pouco mais...

D – E para além de participares nas reuniões e nos convívios, participas em mais alguma actividade?

Do – Da... da Rede Ex Aequo não.

D – Da Rede Ex Aequo ou outras coisas relacionadas com...

Do – Não, não, não, não... Não partilho porque... pronto, estou... estou assim um bocado distante da... dos locais em que realmente acontece, e depois queria, queria ter-me candidatado a coordenador, mas... acho que não... depois de olhar para o formulário de inscrição, não... vi que se calhar não era a pessoa mais indicada para candidatar-me. Ah... apesar de ter tido vários incentivos, de... coordenadores que sabiam que iam sair e que eu já conhecia a maior parte dos temas, porque... os temas vão variando de dia para dia, mas... mantêm-se mais ou menos os mesmos. Pode-se é sub-dividir alguns temas, e ah... mas acabei por não, por não conseguir, porque... ou as formações eram muito longe ou então... não tinha tempo, o horário não era compatível com as segundas-feiras... do grupo do Porto.

D – Claro... Mas era teu desejo, então, participar mais activamente se pudesses?

⁸ Informação elidida a pedido do entrevistado, por questões de confidencialidade.

⁹ Idem.

¹⁰ Ideia de que existe uma espécie de intuição que permite perceber quem é ou não *gay*.

Do – Sim, sim...

D – Achas que o entras para o Fórum da Rede Ex Aequo, e depois para os outros grupos de que falaste, achas que foi uma coisa importante para a tua vida?

Do – Foi, foi. Ajudou-me a ver as coisas de várias perspectivas, ajudou-me, digamos, a ser, uma pessoa que sou, não que me tenha totalmente definido, mas que... me tenha... ajudado em parte, ah, e daí que tenha sentido a necessidade de ir para coordenador, para tentar ajudar pessoas que se possam ter sentido como eu, na altura, assim meias, meias perdidas, assim no campo da sexualidade e ah... basicamente, sim, acho que, que foi importante para mim.

D – O que é que sentes que aprendeste lá?

Do – Complicado! [risos] Ah... Não sei, no fundo que... não tanto... da perspectiva das reuniões, mas pelas pessoas que iam, é que... somos todos diferentes, ambos vemos coisas de maneiras diferentes, ah... que há todo o tipo de pessoas LGBT. Há aquelas que são mais efeminadas, há outras pessoas que são, são mais masculinas, outras que são mais reservadas, ah... outras que são mais participantes, outras que... que incentivam, e outras que lutam pela causa... e que... todas juntas temos ah... fazemos ah... o que realmente é a... o grupo local. Não quer dizer que se tire uma peça, ah... o grupo local descambe, mas que... como é que eu posso dizer? Que torna, ah... a ida à reunião, que torna o conhecer as pessoas, ah... de uma forma mais dinâmica, de uma forma mais fluída, e, e por si só interessante, pelo menos do que eu acho. Agora, da perspectiva da Rede Ex Aequo em si, eu não sabia, não sabia... acerca... houve o filme, o filme *Milk*, ah... que foi... quando se começou a lutar realmente pelos direitos de igualdade, ah... há uma reunião dedicada a esse tipo de direitos LGBT, e activismo... ou ao contrário, não tenho bem a certeza agora... a sexualidade no mundo, ah... que é um sub-tema, nesse, nesse tema, nos direitos sexuais, que há... ainda há países que criminalizam a... a homossexualidade, principalmente, que... mais... falámos... tivemos à-vontade para discutir DSTs, portanto, no fundo, eles conseguem, conseguem numa reunião dar-te mais informação do que alguma vez eu recebi nas aulas de Educação Sexual, ou através de família. Pelo menos no meu caso, porque pode haver casos de famílias, que falam dessa forma abertamente, não é?, mas ah... que me... que sinto que me fez bem, sinto, e... daí não querer desistir completamente da Rede. Não tenho, hoje em dia, oportunidade de ir a todas as reuniões, mas sempre que posso, nas

férias ou assim, tento ir a uma, estar lá; nem sempre tenho algo a acrescentar, porque... aquilo vai sempre aparecendo ou pessoas novas, ou as pessoas que já foram às vezes deixam de ir a todas, como é o meu caso, e ah... e pronto, acrescenta sempre alguma coisa o ir... e ah... não, nem sempre... entramos lá quase sem nada, e acabamos sempre por trazer alguma coisa nova.

D – ‘Tou a ver. E sentes que já conseguiste ensinar coisas às outras pessoas, e já conseguiste ajudar outras pessoas?

Do – É assim, falo da minha mãe porque... é religiosa, e que ainda pensa que... o ser homossexual, a homossexualidade em si é... contra-natura... e que, aos poucos e poucos ela vai reduzindo essa opinião pejorativa sobre a homossexualidade. Claro que isso não se faz do dia para a noite, temos que... tem que se ir falando, tem que se dar exemplos de... de outras pessoas... apesar de ela não saber de mim, ou fazer de conta que não sabe sobre mim... ah... uma pessoa vai... vai insistindo no tema até que... pronto, o tema entre, que, que a pessoa aceite, que não é, não é fácil, só quando realmente tem aquele exemplo na família, que realmente parte da pessoa para... para aceitar, e p’a, p’a dizer às outras pessoas, “não, isto não é assim, é desta forma, tens que ver as coisas sob esta perspectiva”... ah... e sim, acho que me ajudou a ensinar um pouco, à minha mãe neste caso, que... que as coisas não são... tão lineares como ela pensa.

D – Portanto a tua... a tua participação na Rede ajudou-te na tua relação com a tua mãe?

Do – Não, não só com a minha mãe, mas principalmente com a minha mãe porque eu tenho mais à-vontade e vou falando das coisas, vou dando exemplos, “olha, aquele actor é, já viste aquele casal adoptou?”...

D – E alguma vez tentaste convencer outra pessoa a juntar-se?

Do – À Rede Ex Aequo?

D – Sim.

Do – É assim... ah... eu quando conheço, quando conheço alguém, pela internet, e... acabamos por falar várias vezes, ah, ao ponto de termos cafés, de sairmos para algum lado, tipo cinema, shopping, alguma coisa... ah... e sabendo estar dentro da, digamos das regras da... da Rede Ex Aequo, acabo por falar, “olha, já ouviste falar na Rede Ex

Aequo?”, acabo por mencionar... Claro que... não estou a fazer propaganda, à Rede Ex Aequo, no fundo estou a tentar... mostrar que existe uma fonte de apoio à pessoa caso alguma vez ela precise... e a... enfim, acabo... acabo um bocado por falar sobre... sobre a Rede Ex Aequo, porque... eu sinto que me fez bem, e ah... gostava que outra pessoa, ou... ou outras pessoas... se sentissem bem, ao estar, estar lá, ou conhecer, ou sentir-se à vontade. Que acaba por conhecer pessoas, acaba por falar de assuntos que talvez não se fale regularmente, ou assim tão abertamente, nos dias de hoje...

D – Portanto, para ti a existência destes grupos de apoio é fundamental?

Do – Sim, sim.

D – E achas que... para as pessoas que são heterossexuais, também faria falta a existência de outro tipo de grupos? Não, não os mesmos, porque obviamente que a situação não é...

Do – A Rede Ex Aequo também é um grupo de simpatizantes, uma pessoa heterossexual pode, pode... pode ir. Mas sim, também acho que... heterossexuais, e daí entrar o Projecto Educação nas escolas, p’a... p’a começar a destigmatizar [*sic*] a situação, quando são mesmo novos, porque... realmente é aí que as coisas mudam... que... que sim, que faz falta, que, que... não digo, que deviam ir, mas que... deviam ter assim uma espécie de formação que, são pessoas que... são... somos todos iguais, gostamos é de pessoas diferentes.

D – Já alguma vez tentaste levar algum simpatizante a juntar-se à Rede?

Do – Já tentei levar a minha irmã. Mas ah... a minha irmã... [riso] é mais do que simpatizante, coitada!

D – [risos] Mas ela não se juntou?

Do – Não, não, ela não podia ir na altura, porque era... uma reunião de família e amigos, e normalmente eles tentam incentivar a levarmos alguém, e eu queria levar a minha irmã como parte da minha família e ah... não consegui. Ah, ela não, no dia em que, ‘tava... incapacitada, a nível de trabalho, e... na altura não consegui. Mas n... não, não fez desistir, já... já apresentei alguns amigos, de, de lá, da Rede Ex Aequo à minha irmã e pronto... correu muito bem, ela gostou de os conhecer...

D – E, por exemplo, quando tu estás no Facebook, não dentro destes grupos, mas no teu perfil, na tua, no teu mural... ah, tu inicias tópicos de conversa e partilhas notícias sobre este tipo de temas?

Do – Ah... não. Porque... sou... não sou assumido, e tenho lá... tenho lá amigos desde... que conheci no Básico, que já não vejo... uso o Facebook para manter contacto, ou temos o grupo da primária, para... já tentámos várias vezes combinar um, um almoço ou um jantar todos, para nos reunirmos, para ver como é que estávamos... em vão!, mas... tendo esses amigos lá, não consigo... estar à vontade para partilhar. Claro que, quando foi a história do... da, da adopção e da co-adopção, que ia, que seguia para... para referendo, eu aí coloquei que... fiz “gosto” na página, publicamente, e ah... disse que ia votar “sim”, porque são pessoas como nós. Mas não nunca me assumindo como uma pessoa LGBT.

D – Ah, consegues explicar um bocadinho do porquê dessa decisão de não te assumires publicamente?

Do – É assim, ah... enquanto eu não assumir à... à minha família, que tenciono!, e não agora que ainda estou dependente deles financeiramente, para terminar os estudos, mas sim que esteja numa posição mais estável, tenciono contar e... caso conheça alguém e já esteja a namorar há um certo período de tempo considerável, tenciono contar. Agora... sem contar à família, eu não vou contar a amigos da primária, ou amigos que vou conhecendo, não... isso não, porque acho que no fundo, a minha família tem prioridade sobre eles, em saber dessa situação. A partir do momento em que esteja à vontade com a família, no fundo para, caso tenha alguma reacção negativa da parte dos outros amigos, tiver algum lugar para... para me refugiar, digamos assim.

D – Okay. Ah, a terceira, o terceiro tópico que o meu estudo abrange tem que ver com o consumo de material pornográfico na internet. E isto pode ser fotografias, pode ser filmes, pode ser textos; portanto, quando eu falar de material pornográfico, estou a falar de tudo isto. E a primeira pergunta que eu te faço é se por acaso conheces alguém que consuma este tipo de material, que aceda a este tipo de material.

Do – Sim, sim.

D – Ah, são amigas tuas ou amigos teus?

Do – Tanto amigas como amigos. É igual, digamos assim.

D – E como é que tu soubeste que eles o fazem?

Do – Ora, ah... eu partilhei o computador, ah... a navegação na, no browser, apareceu lá no histórico um site digamos... manhoso, e a... não que tenha aberto!, perguntámos, daí eu ir... uma amiga minha, perguntámos ao rapaz em questão, e ah, e ele, “ah, isso é... pornografia”; não disse bem pornografia, mas pronto, deu a entender que era. Nós, nós rimo-nos, ah... estamos na boa, porque confiávamos muito uns nos outros e... e pronto, não houve qualquer tipo de problema?

D – Isso foi em que contexto? Ou seja, o computador era partilhado, mas era partilhado entre quem?

Do – Era... estávamos em ca... estava em casa de um amigo meu, com... juntamente com uma amiga. Eu levei a amiga, não é?... E entretanto surgiu na conversa, “olha, procura aí horários de transportes”, ou uma coisa assim... e começámos a procurar, e entretanto surgiu a sugestão daquele site, e nós ah... “o que é isto?!” [riso]. Foi engraçado, não foi... nunca, nunca tentámos tornar as coisas pejorativas, e brincamos muitas vezes com a situação.

D – É uma conversa que tu já tenhas tido com, com amigas ou com amigos teus?

Do – Mais com os amigos ah... *gays*, sobretudoamente [*sic*] os amigos *gays*, falamos algumas vezes... já mencionámos... “olha, houve um... houve um filme pornográfico que mostrava gémeos, ou coisa assim” e, eles... Okay, isto surgiu de onde?, e depois começám... isto porque estávamos a falar sobre... ah, digamos, as categorias que as pessoas se dividem, os activos, os passivos, os versáteis, e por aí... e ‘távamos a falar sobre, ‘távamos a falar sobre isso, e uma conversa levou à outra, e ah... pronto, nós acabamos por falar, tentar falar das coisas o mais naturalmente possível.

D – E tu sentes que falar disso com raparigas é diferente de falar com rapazes?

Do – É assim, dentro do grupo, acho que não, agora se fosse uma pessoa de fora, que, digamos, que entrasse na conversa naquele preciso momento em que ‘távamos a ter aquela conversa, acho que ficava um bocado surpreendida.

D – E como é que as raparigas desse teu grupo falam sobre o assunto?

Do – É assim, as raparigas falam mais sobre... ‘tão mais, pelo menos do que eu vejo, falam mais de... de relações sexuais entre homens, talvez porque haja mais rapazes que raparigas no grupo, do que propriamente entre duas raparigas. Mas claro que... falamos, ah, e como é que... porque... há uma outra pessoa que, pronto assim um bocadinho, uma perspectiva um bocadinho mais ignorante, pergunta “olha, como é que se passa a nível de duas raparigas?”; claro que fica assim um ambiente estranho, mas ah... acabamos por falar, tentamos falar o mais natural possível, ah... não levar muito... nomes... como é que eu posso falar? Não, nomes muito... politicamente correctos. Falamos mais ao nível vulgar. Não dizemos “o pénis”, não... “pilhã”, acontece isto, pronto... Falamos assim, que... no fundo, senão, acaba por haver interpretações incorrectas e depois uma pessoa fica assim um bocado confusa e então nós falamos ao nível mais... mais básico, mais simples, e falamos das coisas. Claro que, quando estão... quando estamos na presença de outras pessoas que são assim mais correctas, falamos correctamente.

D – Porque é que achas que as raparigas falam mais de ver filmes entre dois homens?

Do – Não percebi...

D – ‘Tavas a dizer há bocado, ou pelo menos foi o que eu percebi, que as raparigas no teu grupo comentam mais pornografia entre rapazes...

Do – Talvez porque seja mais vulgar. E haja mais... oferta, haja mais dis... haja mais recursos disponíveis na internet... para, entre rapazes, do que entre raparigas. Entre raparigas acaba por ser o, digamos, estar incluído no fetiche heterossexual.

D – Sim... E tu achas que para elas, então é mais difícil encontrarem coisas que as agradem?

Do – Eu não diria isso. Diria que não haja... não seja ‘tão disponível, e que como está incluído no fetiche heterossexual, muitas vezes quando as raparigas contam, mesmo... mesmo... desviando um bocadinho a conversa; mesmo, mesmo quando elas contam a um rapaz que é lésbica, o rapaz, esse rapaz, nem sempre, ah... sendo heterossexual, nem sempre credibiliza a rapariga, no fundo, lésbica, acaba por... por assumir, no fundo, ou que ela é bissexual ou simplesmente... é heterossexual que gosta de brincar com raparigas para satisfazer o desejo do homem.

D – Hmm hmm... exacto... Já alguma vez aconteceu alguma situação de... de alguém partilhar ter visto um filme e ter-se sentido incomodado, ou incomodada, com ter visto o filme?

Do – Sim, sim, sim! Sim, já... ah... lembro-me d’um, d’um, d’um... tempo, que falámos sobre o... o sexo *bareback*¹¹, e que... pronto, incomodou... já não tenho a certeza se foi... um rapaz, se foi uma rapariga, que incomodou a visualização disso, na perspectiva que... da ejaculação... da ejaculação dentro... de outro homem. E ah... incomodou, pela “olha, já viste o que é que pode acontecer?”, e eh pá, na altura eu sei que um colega meu brincou com a situação, “olha, vê, ele não vai, não vai engravidar”, e assim, p’a tentar acalmar a situação. Acabou por ter o efeito contrário, “mas já viste da perspectiva das DSTs?”... pronto, depois o... o que se tentou abordar de forma diferente, tentou-se mudar a perspectiva da rapariga, para ela não ficar tão incomodada, foi... “então mas já pensaste se era um casal, se... que tirou o preservativo para se sentir mais próximo, uma coisa assim?” E ah... tentou-se aliviar. Ah... aliviar, digamos, a confusão da rapariga... que... que, no fundo, acalmou, mas n... n... n... não deixou de ter aquela imagem pejorativa do que aconteceu.

D – É assim, às vezes também acabamos a ver imagens pornográficas ou sexuais sem querer, por exemplo, com os *pop-ups*, ou com as publicidades nas páginas e assim...

Do – ...sim, sim, sim...

D – ...Alguma vez te aconteceu alguma coisa desse género?

Do – Já me aconteceu. Eu ia... era um caso de uma... de uma mulher que... que sorriu, de repente, “olá, estou aqui”, não sei quê, era... digamos, aparecia uma *pop-up*, que era iniciar uma conversa... e supostamente eu diria, ou “escrever” ou “ignorar”... Na altura ignorei... apareceu uma rapariga, ou um rapaz, já não sei o que é que foi [risos]... Mas ah..., não, não... não tento muito... responder a esse tipo de *pop-ups*, acho... acho um bocado invasivo, e um bocado invasivo, da parte de quem coloca esse tipo de... de janelas nos sites mesmo. Vendo da outra perspectiva, eles têm de alguma forma pagar o alojamento do site, e daí colocar a... as publicidades.

D – E já alguma vez te aconteceu surgir um desses pop-ups ou dessas publicidades quando estavas ao pé de outra pessoa, e gerar assim uma situação incómoda?

¹¹ Sexo penetrativo sem preservativo.

Do – Ah, já aconteceu, e aconteceu duas situações diferentes. A primeira, ah, foi com um familiar, e fiquei assim um bocado constrangido, realmente. A outra situação foi com um... com um, com um amigo... e ah... lembro-me de ver ele, dele dizer assim muito rápido, e ah... numa perspectiva humorística... “Olha, olha para aquelas mamas! Vamos responder-lhe?” E, ele também era *gay*, ele sabia que eu era *gay*, e pronto, eu “vamos vamos!” [riso] E pronto, depois ali, ficou por ali a situação.

D – E no caso dessa vez com o teu familiar, lembras-te do que é que tu sentiste?

Do – Eu senti-me assim um bocado... digamos... ah... também constrangido, senti-me um bocado envergonhado, e ah... queria fechar aquilo, pronto, porque não... não me estava a sentir bem com aquilo, não... o meu familiar, no caso, era o meu irmão, e também não estava assim muito, muito à vontade, pronto, acabei por fechar a janela e... e pronto, continuei a... a navegar naturalmente, pelo menos o mais naturalmente possível que conseguia.

D – E depois disso instalaste algum bloqueador de publicidades, ou assim?

Do – É assim eu, eu tinha... na altura era o Internet Explorer, ah... e aquilo mostrava, não é?, depois mudei para... p’ó Chrome ou p’ó Safari, que realmente bloqueia aquilo, só que com, com a minha, com o meu clique é que activa a publicidade.

D – Hmm hmm. E portanto esse problema deixou de acontecer?

Do – Deixou de aparecer! Não...

D – Okay. E alguma vez ‘tiveste em alguma situação em que, por exemplo, estivesse um grupo de pessoas, ah, a ver um filme ou uma imagem, ou assim, por exemplo, às vezes por brincadeira na escola, já me contaram várias situações de estarem...

Do – ...já, já... já ah... isto no secundário, fomos ao... eu e... três ou quatro amigos, fomos tipo ao Chatroulette, andávamos lá a trocar... agora mesmo a procurar imagens acho que não... era mesmo só... só no Chatroulette, a ver no... a ver o que é que... digamos, aparecia.

D – E o que é que vos apareceu, na altura?

Do – É assim... aparecia... tanto rapazes como raparigas, aquilo é assim um bocado aleatório, ah... mas felizmente ‘tava tudo vestido e... em condições, e eu lembro-me

também que era um portátil de um amigo meu, que ele tinha, tinha uma... uma tampa, uma espécie de tampa na *webcam*, e ele ou abria ou fechava conforme lhe agradava a situação... Mas pronto, não foi assim... nada de mais. Pelo menos sobre a minha perspectiva!, que na... na altura já sabia mais ou menos que gostava de rapazes, então aquela situação acabou por... entrei por, por entrar, mas...

D – E tu, em particular, quando é que começaste à procura de imagens, ou vídeos, etc, pornográficos?

Do – Hmm, talvez 15, 16 anos, quando começou realmente a surgir-me as dúvidas, e depois, ah... pronto, depois acabou por ir procurando ah... como é que eu posso explicar? A curiosidade ou... o aborrecimento, digamos assim. Não...

D – E tu sentes que foi importante para ti, teres conseguido encontrar e ver esse tipo de material?

Do – Digamos... foi uma pergunta com dois gumes! [risos] Ah... eu acho que foi importante, porque eu não sabia realmente como é que as coisas se passavam, digamos, há falta de informação na, na, na educação... na aula de Educação Sexual, ah... por outro lado, acho que... não... que devia ser considerado desnecessário. Porque... as aulas de Educação Sexual deviam informar-me, a mim, como... aos meus colgas, na altura, sobre isso. Portanto... eu acho que, sim foi importante, mas sim acho que foi... desnecessário. Porque... eu acho que uma pessoa nun... uma pessoa, ah... digamos, uma pessoa mais sensível, naquele tipo de situação, se sentiria um bocado... constrangida, humilhada, envergonhada, por ter de procurar aquilo para saber como é que as coisas acontecem realm... na, na prática, digamos assim.

D – E tu alguma vez sentiste alguma dessas coisas?

Do – Na... na... primeira vez, sim, porque eu... ah... abri o browser, abri o vídeo, ah, aquilo começou a largar aqueles sons... eróticos, n'ê?, e... eu lembro-me de fechar aquilo, não ver mesmo nada, porque este... entrei assim um bocado em pânico, eu estava em casa, a minha mãe, lembro-me, estava na cozinha, eu estava no computador do escritório, e 'tava assim um bocado, "okay...". Depois mais tarde, à noite, quando toda a gente 'tava a dormir, aí sim. Nunca, nunca tive alguém, "olha...", ou o meu pai, ou alguém, ah... pronto... "Vamos ver como é que isto se passa, podes explicar alguma

coisa”, não... Talvez também por nunca ter perguntado, ou talvez porque nunca teve, terem... a... os meus, à partida, os meus pais, perguntado.

D – Hmm hmm, ‘tou a ver. Ah, e já houve alguma coisa que tu tinhas visto, mesmo, que te tenha deixado incomodado, pelo conteúdo, não por... Nessa situação que estavas a contar era um bocado por não quereses ser apanhado...

Do – ...sim, sim, sim!...

D – ...e... mas pelo conteúdo em si, já houve alguma coisa que te tenha...

Do – ...já, já, já...

D – ...incomodado?

Do – Houve... houve um vídeo, que apareceu, que estavam a simular uma violação, e deixou-me mesmo... quando eu percebi o que é que estava realmente a acontecer, eu aí... “não, isto ‘tá-me a deixar mesmo doente”, e... pronto, fechei. Acabou.

D – E foi uma coisa que te marcou e deixou transtornado durante algum tempo, ou okay, passaste à frente?

Do – É assim, naquele momento, deixou-me assim um bocado... enojado, mesmo. Mas depois passou, passou à frente, nunca... nunca fui... regressou... a... situação.

D – E o que é que fizeste para evitar voltar a encontrar esse tipo de vídeos?

Do – [riso] Digamos... não cliquei nesse tipo de vídeos! ‘Tava um bocado mais atento... aos títulos, ah... e ao tipo de imagens, porque às vezes há alguns que se colocares o rato por cima, aparecem algumas imagens, já pré-definidas, e... não... não... não vo... tentei evitar que... acho que é uma situação na prática, quando acontece, quando não se está à espera, uma... uma situação humilhante, acho que é uma situação de abuso e então... mesmo que seja tudo combinado, acho que, no fu... continua a ser... continua a ser... como é que eu posso dizer? Abusivo, e evasi... invasivo, para a pessoa, então...

D – Tu há bocado estavas a dizer que é possível que algumas pessoas, ao verem imagens sexuais ou pornográficas, que se pudessem sentir elas próprias humilhadas ou constrangidas. Porque é que achas que isso acontece?

Do – ...Não sei bem... eu acho que... há pessoas... há pessoas e pessoas, que são sensíveis, não é? No meu caso, na, na altura, ‘tava assim um bocado... sensibilizado, não queria mesmo ver nada disso, e acabei por ver por curiosidade, mas... entrei em pânico, um bocado tanto por ser apanhado. Como... por essa situação... Agora... há pessoas que... falar de sexualidade ainda é um bocado tabu. Principalmente de... sexo *gay*. E ah... e pronto, nem sempre se fala muito abertamente sobre esse tipo de situações, ah... eu tenho este amigo em particular, que... ah, oh pá, começamo... ele começou-se a... começámos tipo a tentar integrá-lo no grupo e... estar à vontade, e nota-se que... porque... ...isto eu já não queria dizer...

D – ...então, se não queres dizer, não digas!...

Do – ...mas pronto... e ah... nota-se que ele não está muito bem... digamos, ainda não está, ainda não se aceitou muito bem a si próprio, e então falar de sexualidade, de relações sexuais, de actos sexuais, mesmo que seja na brincadeira, ele nunca está muito confortável. Portanto, eu acho que pode ser, ou porque uma pessoa se sente humilhada por não estar muito bem consigo mesma, a nível de sexualidade, pode ser por ter algum... algum episódio menos bom, ah... antes... digamos, ou na infância, ou... não sei!, ou ter assim um episódio menos bom, menos positivo, que... que fez com que essa pessoa não se sentisse completamente à vontade, completamente aberta, e que... realmente assumisse as necessidades sexuais como algo químico, algo físico... ah... sentir desejo, não é?, por outra pessoa, por si também... que acaba por não... não, não se sentir bem com outra pessoa, abrir-se tão facilmente com outra pessoa, a esse... a esse campo.

D – Tu tens algum site específico ao qual vais sempre? Ou uma colecção de sites favoritos?

Do – Não... quando vou, vou só a um.

D – Vais só a um... E quando é que o descobriste?

Do – Ah... havia a vertente heterossexual, e havia a vertente... *gay*. Então... ao invés de começar a escrever a parte só heterossexual, acabei por escrever a parte também homossexual.

D – E já alguma vez recomendaste esse site a outros amigos teus, ou assim?

Do – Eu acho que não...

D – É uma coisa que mantiveste só para ti?

Do – Somos capazes de falar sobre, sobre vídeos, nunca entrar em detalhes sobre o vídeo... mas... nunca recomendamos um site, ao certo.

D – Alguma vez viste um vídeo desses acompanhado de outra pessoa?

Do – Não.

D – Porque é que achas que as pessoas vêem pornografia?

Do – ...Ah... a questão de ver para aprender, digamos assim... ver para sentir prazer, ver porque... não sei, para dar outro, digamos, outro ânimo, não sei, que entra um bocado no ver p'ra... p'ra... p'ra ter prazer, mas no fundo há aquelas pessoas que gostam simplesmente de ver... ver apenas, nada mais que isso. Agora... não sei, ao certo, porquê... cada um tem as suas razões, digamos assim...

D – Ah... achas que aquilo que foste vendo, o material que vais à procura, tem mudado conforme foste crescendo?

Do – Eu acho que sim... Era muito comum aparecer apenas cenas *bareback*, agora há... talvez haja mais... há incentivos da indústria pornográfica para mostrar cenas com preservativo. O que no fundo é positivo, porque, ah... como diz o ditado inglês, “*monkey see, monkey do*”, então... a partir daí, incentiva um bocado ao... à relação sexual, ao acto sexual com preservativo, protegido e, ah... no fundo acaba por... pelo que mostram, acabam por, por transmitir a mensagem “é igual, é protegido, continuas a ter o mesmo prazer”, uma coisa assim...

D – O que é que tu achas das pessoas que fazem esses filmes? Porque é que fazem esses filmes, os actores?

Do – É assim... de um lado, acho que... digamos, fazem o que gostam, e depois acho que... limitaram-se... ‘tão, ‘tão limitados a nível de opções profissionais, que têm que se dedicar àquilo, e há outras pessoas que n... não só restringem a carreira profissional à pornografia, como mantêm a pornografia como, digamos, um segundo trabalho, e que durante o dia são... trabalham num banco, trabalham... trabalham normalmente como se fosse uma pessoa normal. Há aqueles que escondem, há aqueles que fazem, que

admitem publicamente... “eu sou uma estrela pornográfica”, e depois há aqueles que simplesmente não, não se divulgam tanto, mas que aparecem lá e que uma pessoa, querendo encontrar essa pessoa, encontra; pode encontrar ou nas redes sociais, ou na... nos *media*... pronto.

D – E aquelas pessoas que fazem os vídeos amadores, por exemplo, e que não ganham dinheiro nenhum com isso; porque é que achas que as pessoas fazem esses vídeos e depois os põem na internet?

Do – Acho que é pela... pela excita... excitação... pelo... porque é novo, é diferente, fazer algo diferente do que alg... alguma vez fizemos, ah... perspectiva enquanto casal... ah... acho que é basicamente isso, não estou a ver outra... ...e depois há também aqueles que são filmados digamos, por... sem saber... e que acabam por, digamos, aparecer na... na internet, ou por, por vingança, por chantagem, ou uma coisa assim, isto numa perspectiva mais negativa.

D – Achas que ver esse tipo de material pode criar falsas ideias sobre o que é que é fazer sexo, ou como é que se faz sexo?

Do – Sim. Ah... Nunca entre os rapazes, nunca é assim, digamos, tão limpo... ah... ah... houve um vídeo qualquer, que apareceu no YouTube, digamos, a... como é que eu posso dizer? A gozar com a situação, que nunca durava assim tanto tempo... ah... mais, é mentira, digamos, o tamanho... ah, tam... ist... já... toda... ah, buscar um bocado ideias ao vídeo, que, que eu vi... e ah... pronto, nem sempre... há aquele... os orgasmos nem sempre correspondem à realidade.

D – E tu sentiste essa diferença depois quando iniciaste a tua própria actividade sexual, sentiste essa diferença de perceber que afinal isto não corresponde à realidade, ou já...?

Do – ...nem tudo corresponde à realidade, sim...

D – ...ou já tinhas essa noção antes?

Do – Não, não, foi mesmo... quando iniciei a minha vida sexual que percebi isso.

D – E como é que foi para ti aperceberes-te disso?

Do – Ah, deixou-me nervoso quando... quando, digamos, se sujou [riso], não é?, ah... deixou-me nervoso porque n... não estava à espera, não ‘tava a contar com a situação,

ah... o tamanho, também [riso], mais... principalmente esses dois. O tamanho e... também a duração.

D – E depois, a partir daí, começaste a olhar para esses vídeos de outra maneira?

Do – Sim, sim! É que... aquilo, no fundo, é um bocado fantasiado. No fundo, para mostrar a fantasia às pessoas que vêm.

D – E, portanto, há bocado estavas a dizer que esses vídeos podiam ensinar, e que podiam ajudar de alguma forma...

Do – ...sim...

D – ...mas então também há esta vertente que tanto pode ensinar coisas mais realistas, como coisas menos realistas, é isso?

Do – Sim, sim.

D – E como é que nós...? Imagina, uma pessoa que ainda não tenha iniciado a sua, a sua actividade, como é que se ajuda essa pessoa a perceber que nem tudo é exactamente assim?

Do – ...Não tenho a certeza, porque é assim... Ah... eu nunca falei com... ah, com os meus amigos, mais próximos, sobre isso... Não fazia ideia... só quando... houve assim, ah... conforme fui tendo experiências, é que, que se foi falando, que... porque ah... também é um bocado, ah... dentro do... do tabu, digamos, que ainda é um bocado o sexo, ah... ainda é mais tabu como é que as coisas se passam... Uma pessoa não, não se põe aí a dizer “olha, tens de fazer isto, preparar para aquilo e tal”... e foi conforme as minhas experiências que fui tendo é que fui-me apercebendo de como é que as coisas se passam.

D – E achas que isso seria então uma daquelas coisas que fazia falta abordar em aulas de Educação Sexual, nas escolas, por exemplo?

Do – Talvez... Já, já é uma coisa tão íntima... que já, já se torna um bocado constran... constrangido falar sobre... já sobre a sexualidade em si, quanto mais falar sobre as coisas mais íntimas.

D – Imagina que, de repente, assim por magia, todo esse material desaparecia da internet. Achas que se perdia alguma coisa de útil, ou nem por isso?

Do – Neste momento da minha vida, acho que não... Ah, mas, p’a outras pessoas, penso que sim.

D – Que outras pessoas é que seriam essas?

Do – As pessoas que vêm. Agora... não sei, não sei ao certo... que tipo de pessoas, mas... as pessoas que, que vêm, sentiriam falta.

D – Se alguém te viesse pedir ajuda para encontrar esse tipo de material na internet, o que é que tu fazias? Recomendavas aquele site favorito?

Do – [riso] “Vou-te aliciar... eu vejo este site, se quiseres tentar...” Não, digamos, não recomendaria, “eu expressamente recomendo”... não; “olha, eu vejo este, se quiseres ver ‘tás, ‘tás à vontade”.

D – Neste momento, para ti, achas que é importante acederes a este tipo de material?

Do – Acho que não.

D – Passavas bem sem isso?

Do – Sim, sim.

D – Mas continuas a aceder ocasionalmente?

Do – Sim, sim. Talvez uma vez por mês, ou uma coisa assim. Nunca... não, não tenho, não sinto muito a necessidade de, de ver.

D – E aquela questão de, por exemplo, pela Lei Portuguesa, é suposto termos 18 anos ou mais para podermos entrar nesse tipo de sites...

Do – ...sim...

D – ...o que é que tu achas acerca disso?

Do – Eu acho que... é uma perspectiva de lei apenas, porque... alguns sites apresentam, ah... “compreende e pretende continuar”, no caso lembro, ‘tou-me a lembrar da Google nos seus blogs, nos blogs que são assim um bocado mais, têm conteúdo um bocadinho

mais, digamos, forte, mas... acho que uma pessoa que quer realmente ver carrega sim e acabou. Independentemente da idade.

D – E achas que devia haver alguma idade mínima?

Do – É assim eu acho que continuo... acho, digamos, não é que ache bem a situação, como está agora, mas acho que... que é okay. Porque se uma pessoa realmente quiser bloquear esse tipo de sites, há o controlo parental, não é?, uma pessoa pode ir ao controlo parental e restringir o tipo de sites que o browser, mesmo o browser... que vários conjuntos de browsers conseguem reconhecer que, que está a navegar nesse tipo de site.

D – Então não indicarias nenhuma idade como sendo a idade mínima?

Do – Acho que não, porque neste momento, quem quiser encontrar, encontra, e... há várias... para várias pessoas, há várias razões pelas quais ‘tão a aceder...

D – E achas que pode ser prejudicial, por exemplo, uma criança demasiado nova encontrar esse tipo de material, se ela não estiver à procura dele?

Do – Acho que sim.

D – Em que sentido?

Do – É assim, acaba um bocado com a inocência da criança, porque... da perspectiva, digamos, natural, uma criança é aquela pessoa que é inocente, que, que ainda gosta de brincar, que diz as coisas sem pensar, que... que realmente sente, e acho que ao ver isso acabava um bocado por tirar algumas dessas características à criança.

D – E quando é que achas que naturalmente essas características começam a desaparecer.

Do – Acho que é na puberdade. Na puberdade é quando... começa a haver aquele turbilhão de sentimentos, de... de emoções e que aí é que acontece... o que muitas vezes se... se sente a necessidade de procurar e... de se sentir, sentir-se bem e sentir-se integrado, e... hoje em dia, um... uma... um adolescente que não saiba o que é uma relação sexual é um bocado... “então não sabes? És um bocado estranho, és um bocado ignorante, és um bocado...” É posto de parte... não digo que, não, não... com isto, quer dizer, tem que ver, acho que se sentem necessidade de ver, que vejam... não por

questões de integração, n... nem isso, mas por... pela necessidade que sentem, não pela idade que têm. Porque eu podia ter procurado aos 14 ou aos 12, mas só senti realmente necessidade por volta dos 15, 16 anos, porque realmente queria saber como é que as coisas se passavam.

D – Okay. O último ponto, digamos assim, que eu queria abordar é a questão da partilha de mensagens mais íntimas, ou mais privadas, por exemplo, através de telemóvel, através de SMS, ou MMSs; assim mais privadas, às vezes até com fotografias ou vídeos da própria pessoa, que se manda ao namorado, ou à namorada, ou assim... Conheces alguma situação destas, que se tenha passado com amigos teus, ou com pessoas que conheces, ou na tua escola, por exemplo?

Do – É assim, na minha escola, lembro-me de ter acontecido assim uma coisa entre uma rapariga e um rapaz, que acabou por... na altura era o hi5; acabou por meter fotografias dela na... na... pronto, na internet. Agora sobre mim...

D – Mas essa situação, desculpa interromper, essa situação, consegues dar-me mais alguns detalhes sobre o que é que aconteceu?

Do – Ah... a relação acabou... acho que foi, pela... da parte da rapariga, e o rapaz para se vingar, colocou... fez-lhe isso, fez isso. Ah... sobre o que eu acho sobre isso, sobre a partilha, é que é privado, cada um partilha entre si, não é? Se eu não vou partilhar coisas do meu namorado na internet, acho que ele não tem o direito de fazer isso.

D – E nesse caso em particular, aconteceu alguma coisa? Alguém... sei lá, contactaram a polícia, os pais, ou assim?

Do – Não tenho... não tenho grandes detalhes sobre isso, porque... sei que aconteceu, mas nunca...

D – E nunca chegaste a ver as imagens?

Do – Não, não, porque... é assim... o rapaz, o rapaz contou a um amigo, o amigo contou aos amigos, depois ah... é quase como uma notícia, vai-se espalhando, não é?, e vai ficando nos ouvidos, de cada pessoa, mas... não soube, não soube mais sobre a situação, também porque não procurei saber... não vi as imagens porque também não procurei ver, e ah... porque eu era assim um bocado, na altura era um bocado desligado

do hi5, só quando começou a aparecer o Facebook é que eu realmente entrei... nessa rede social.

D – E nessa situação, quem é que achas que, que devia ser responsabilizado pelo que aconteceu?

Do – Eu acho que as duas partes. Tanto porque a rapariga partilhou... não é? Como o rapaz part... colocou na internet. Mas sobretudo o rapaz, porque... numa relação, há este tipo de intimidade... quando se proporciona. Até acho que faz bem, acaba por ah... digamos, apimentar um bocado a situação, dinamizar um bocadinho mais, e acaba por ter efeitos positivos. Agora, quando há assim uma quebra da... deste tipo de confiança, acho que... digamos, o mais culpado, não deixando cada um de ser culpado, acho que é, que foi, que é aquele que partilha, na... na internet.

D – E tu já alguma vez tiveste alguma situação destas de troca com alguém?

Do – Eu j... já partilhei, já.

D – Tuas? Imagens tuas?

Do – Imagens minhas.

D – E aconteceu algum problema, ou a pessoa... guardou?

Do – Não, não... O que acontece por vezes é... ao nível de aplicações de procura de outros rapazes, como o *Grindr*¹² ou... o... o *Hornet*¹³, ou... entre outras... ah, o que acontece é, mostras a tua fotografia de cara, e essa pessoa por vezes não mostra a dela. Ou por vezes tem uma fotografia de cara, e pede para ver, não é?, agora quando uma pessoa quer ver mais, por vezes pede... uma pessoa, parte, por exemplo... pediu-me a mim, parte de mim querer partilhar ou não.

D – E como é que tu decides se partilhas ou não?

Do – Quando é... é pelo nível de conversa, porque... eu já, já, já ando no *Grindr* desde que a aplicação, digamos, surgiu, e nos meus 16 anos, já começava... já comecei a usar a aplicação. E ah... aquele tipo de conversa, porque há aquele tipo de pessoa que é

¹² *Grindr* é uma rede geossocial que pretende facilitar encontros entre homens que querem fazer sexo com homens.

¹³ *Hornet* é uma rede social que no seu site indica ter como objectivo facilitar encontros entre homens gay, bissexuais e curiosos.

muito directa, extremamente directa... aquele tipo de pessoa que quer conhecer, a pessoa que quer conhecer... que é, ah, mantém um nível de conversa e não pede logo uma fotografia na primeira mensagem ou na segunda... vai falando, “olha... tenho esta idade, sou daqui, está tudo bem contigo?”, nunca é... “‘tá tudo bem?” ou assim uma coisa mais ambígua, ou “‘tá tudo?”, não... quando começam... aí... quando, quando... pelo nível das palavras, começa, começa-se devagar... pelo menos no meu caso, é assim que eu faço, também por não ser assumido... e vou, vou devagar. Quando vejo que a pessoa, quer apenas, ah... sexo; não, não... nem sempre, nem sempre mostro, é conforme digamos, o meu apetite, conforme aquilo que quero. Quando vejo que a pessoa vai, vai falando, mostro a fotografia de cara, e tento combinar um café, e conhecer a pessoa. E a partir daí vejo o que é que vem lá... E a partir daí é que talvez mostre uma fotografia, ou talvez não mostre uma fotografia, por já estar com a pessoa presencialmente... é conforme...

D – E tu sentes-te seguro a partilhar fotografias?

Do – Nem sempre... Nem sempre, quando, principalmente quando as pessoas, quando sei que as pessoas podem não mostrar a fotografia, eu... tenho sempre... tento pedir primeiro... quando me pedem, eu peço, “olha, manda-me primeiro, eu mando a seguir”.

D – E tu, as fotografias que te mandam a ti, e aqui não estou a falar de fotografias de cara, estou a falar de fotografias um bocado mais íntimas, e mais reveladoras, digamos assim...

Do – ...diz, diz...?

D – Eu... ‘tou a falar aqui não de fotografias de cara, mas de fotografias mais íntimas, mais reveladoras...

Do – ...sim, sim...

D – ...quando te mandam isso a ti, tu guardas, ou apagas a seguir, fazes o quê?

Do – Não, não tenho por hábito guardar... não sei, tipo... não sei porquê, não sinto... digamos, necessidade... Se eu quisesse, realmente, ver, imagens, ia à internet, não é?, não ‘tava a pedir a outra pessoa p’a me mandar. Agora, há aquele tipo de pessoas, por exemplo... que mandam, logo, à primeira, ah... mandam logo uma fotografia *dessas*,

não dizem nome, não dizem onde é que estão, nada, simplesmente mandam e... pronto, a partir daí uma pessoa já sabe do que é que essa pessoa está à procura.

D – Claro... E as imagens desse género, que tu mandas, sabes se depois as pessoas apagam, ou se guardam, ou nem sequer perguntas isso?

Do – Eu não pergunto porque também não tento saber. Não sei... Acho que se não souber, tipo... ‘tou descontraído.

D – E tomas alguma precaução, algum tipo de segurança? Por exemplo, nesse tipo de imagens não aparecer a tua cara?

Do – Sim, sim.

D – ...Para não se associar a ti, como é que fazes isso?

Do – Sim, sim... Ah... ou corto a imagem quando tiro... ou simplesmente tento não apanhar quando tiro a fotografia... tento não apanhar a cara.

D – E se alguma dessas pessoas pegasse nalguma dessas fotografias tuas e a fosse espalhar, como é que achas que te ias sentir?

Do – Desde que não conseguisse associar a mim, acho que estava mais ou menos... bem, digamos assim. Nunca estava completamente à-vontade com a situação, mas desde que não associasse a mim, desde que ninguém conseguisse saber que era eu, agora pode... o que podia acontecer era, “olha, tu tens um perfil falso, porque eu já vi esta fotografia noutro lado”, ou então “esta fotografia é minha”; e daí conseguiria... digamos, tirando um *print screen* ao ecrã, do... da, da galeria, e mos... e conseguia, “‘tá aqui a fotografia”.

D – Ah, se alguém te viesse pedir conselhos sobre como partilhar este tipo de fotografias de forma minimamente segura, que conselhos é que tu davas?

Do – Principalmente para não associar a cara, digamos, ao corpo.

D – E achas que... tu há bocado ‘tavas a dizer que pode apimentar uma relação, ou assim... achas que há mais alguma razão para além disso, para as pessoas enviarem e receberem esse tipo de fotografias?

Do – P’a provocar. Sobretudo p’a provocar. Ah... Mas por exemplo, uma precaução que podem tomar é... pôr digamos, um tempo limite... nem todas as aplicações permitem isso, mas colocar um tempo limite e... quando realmente se ver que a pessoa viu a mensagem, apagar. Dessa forma, não... não, nunca ficou com essa fotografia lá. Mas, pode também acontecer o contrário, pode também a pessoa antes de ver, guardar, não é? É... digamos, é um... é um risco que muitas pessoas tomam para... simplesmente para... provocar, para comentar.

D – Que aplicações é que tu conheces que permitem esse sistema de segurança?

Do – Ora, conheço a... O Blackberry Messenger, não tenho a certeza se o WhatsApp permite isso, mas acho que sim; o Facebook Messenger acho que permite também apagar, tem lá uma função para apagar... não pela interface web, mas pela interface móvel... ah... mais, ah... penso que... que as mensagens, ah... o... entre... entre Google, as mensagens entre... entre Apple, acho que também permite... não tenho, não tenho agora bem a certeza, mas sei... de certo, sei que tenho o Blackberry Messenger.

D – Okay. Pronto, olha... basicamente os temas eram estes, queria-te só perguntar mais se gostaste de participar...

Do – Gostei.

D – Ah, e se... e o que é que, para além daquelas coisas que tinhas dito no princípio, se houve mais alguma razão que te tenha feito participar na entrevista em particular, e não só no questionário...

Do – Acho que sim... Acho que sobretudo para ajudar e p’ra... realmente, sendo uma tese de doutoramento, acaba por aparecer, não é?, ah, estas coisas e acaba por... uma pessoa que pegue, possa ajudar, leia, ah... v... v... guarde... digamos, guarde a informação, retenha alguma informação que ache útil, acabe por passar e... pronto, acabamos por estar todos um bocadinho mais informados sobre este tipo de temas.

D – Achas que falar sobre este tipo de assuntos é importante?

Do – Eu acho que sim, embora não seja fácil, para muitas pessoas...

D – Porque é que é difícil?

Do – Porque, no fundo, é expor-se. É expor-se, é... É, ah, receber, digamos, a exposição da outra pessoa, ah... digamos, tam... ficamos num momento um bocadinho mais frágil, ao falar sobre isto.

D – Achas que os jovens, cá em Portugal, de hoje em dia, estão informados o suficiente sobre estas questões?

Do – Acho que não...

D – É preciso falar mais?

Do – Acho que sim. Não digo repetir sempre a mesma informação, mas... fa... ir falando.

D – E achas que é preciso os jovens falarem mais ou ouvirem mais?

Do – Um pouco dos dois, talvez... Um equilíbrio entre os dois talvez fosse mais... digamos, o mais desejável.

D – Há mais alguma coisa que queiras acrescentar?

Do – Não, acho que disse... disse tudo... o que tinha a dizer, assim.

D – Okay, obrigado então!